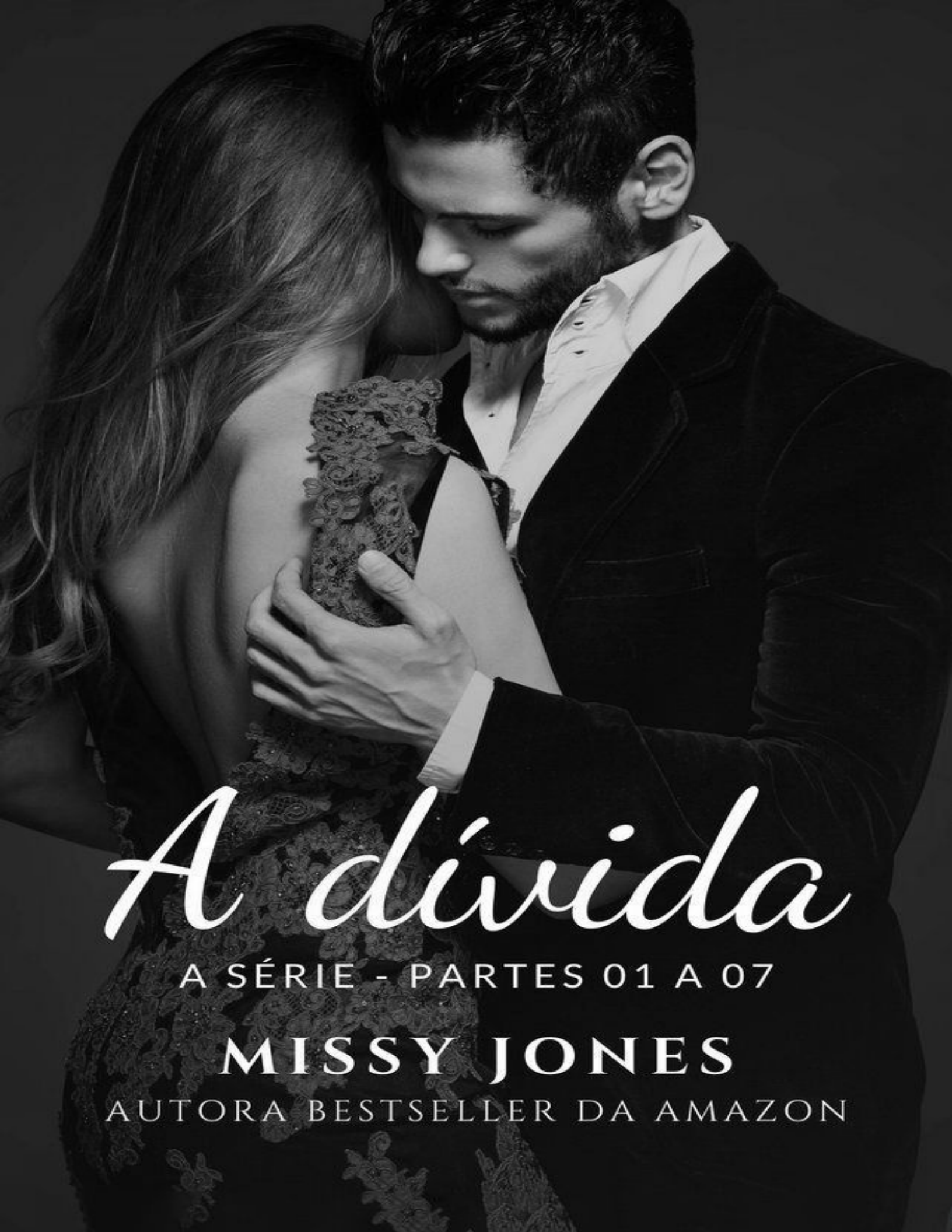


A dívida

A SÉRIE - PARTES 01 A 07

MISSY JONES

AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

A dívida

Livro 01

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Parte 01

ABBY MONTGOMERY tinha um mau pressentimento sobre isso.

Ela estava em pé com um grupo de cinco outras garotas na frente de uma mansão. Havia duas dúzias de carros estacionados ao longo da estrada: Porches, Lamborghinis, Jaguars, Mercedes.

— Acredita que isso está acontecendo? — A amiga de Abby, Melissa, sussurrou em seu ouvido.

— Não realmente — respondeu Abby, e estava falando sério.

Aquele não era um lugar que ela costumava frequentar. Não conhecia nenhuma dessas garotas, exceto Melissa. Na verdade, elas conheceram as garotas em um clube poucas horas antes e, depois de alguns drinques e dançarem juntas, as garotas convenceram Abby e Melissa a acompanhá-las até o próximo ponto quente.

Era muito tarde da noite, o ambiente era pouco familiar, e tudo no corpo de Abby dizia que era hora de ir para casa, enquanto ainda podia dizer que o passeio havia sido um sucesso.

Se lembra o que aconteceu da última vez que você foi a uma festa e não considerou as repercussões?

Mas Melissa estava muito feliz, agarrando o braço de Abby e rindo enquanto se aproximavam da porta, uma das garotas tocando a campainha e esperando para ver quem iria atender.

Abby não queria decepcionar a amiga. Além disso, se a festa fosse ruim ou assustadora, dizia a si mesma que sempre poderia ir embora.

Finalmente, a porta se abriu e um homem esguio de smoking ficou parado ali. Ele olhou para as meninas, seus olhos examinando cada uma delas como se avaliassem seu valor.

— Muito bem, vamos ficar com seus telefones celulares. Coloque-os na cesta e eu os devolvo quando vocês forem embora.

As meninas começaram a entrar, fazendo exatamente o que ele pediu, o que Abby achou estranho. Melissa foi à frente de Abby, colocando o telefone

numa cesta que estava transbordando com todas as marcas e modelos de telefone.

E então foi a vez de Abby. Ela hesitou no limiar.

— Você quer entrar ou não? — O homem de smoking questionou, como se tivesse um milhão de outros lugares melhores para estar e pessoas com quem conversar naquele momento.

— Não entendo por que eu deveria ter que dar o meu telefone — ela disse a ele. — Vou mantê-lo dentro da bolsa, palavra de honra. — Ela levantou a mão como se fosse jurar sobre a Bíblia, e deu ao homem um sorrisinho para mostrar que era boa pessoa.

Mas o homem de smoking não a achou engraçada.

— A razão pela qual não permitimos celulares é que a nossa clientela é muito exclusiva. Há aqueles que participam regularmente e são assediados por paparazzi. É para a proteção dos nossos convidados que estabelecemos essas regras.

Abby pensou a respeito. Ela não gostou da ideia de abrir mão de seu celular apenas para ir a uma festa em uma casa chique. A única razão pela qual estava lá era por causa de Melissa.

Seja honesta, Abby. Você saiu esta noite porque estava chateada e cansada de não ter vida social. Você não fez isso como um grande favor para Melissa.

Tudo bem, então talvez ela precisasse de uma noite divertida na cidade. Mas já havia tido isso. Ela não socializava tanto há muito tempo, talvez desde o ensino médio.

Sim, e se lembra como isso acabou? Se lembra o que aconteceu da última vez que você baixou a guarda?

Mas ela não queria insistir no passado. Fazia anos desde a época mais sombria de sua vida, e agora ela tinha quase vinte e dois anos e estava farta de se esconder do mundo.

Ela não iria deixar o passado impedi-la de se divertir.

Ainda sou jovem, sou livre. Preciso aproveitar minha vida para variar.

Isso a decidiu. Tentando não recriminar sua decisão, Abby largou o celular na cesta e entrou, e Melissa gritou em aprovação.

Agora elas estavam todas batendo palmas e rindo, caminhando pelo enorme foyer com suas ridículas fontes e estátuas — e era como andar por um museu — tudo parecia onírico, completamente irreal.

Mas isso é um sonho ou um pesadelo? Abby perguntou a si mesma

quando começaram a subir a larga escadaria de mármore até o segundo andar. Felizmente, as garotas com quem estavam pareciam saber o caminho, porque senão teria sido fácil se perder.

Melissa olhou para ela com os olhos arregalados enquanto subiam os degraus, seus saltos ecoando.

— Acho que estamos no paraíso — disse ela.

— Espero que você esteja certa — disse Abby. Ela tinha a sensação de que poderia ser o oposto.

*

No final, Abby decidiu que talvez a coisa toda não fosse tão grande quanto imaginara.

Claro, o ambiente era diferente de uma festa normal — elas estavam em uma mansão de milhões de dólares com mais quartos do que Abby poderia contar. Era possível se perder nos corredores, o que poderia facilmente ser considerado um labirinto, no que dizia respeito a ela.

Mas se tirasse o brilho e o glamour dos arredores, ficaria com pessoas paradas conversando e bebendo enquanto a música tocava ao fundo.

Tudo bem, a música nesta festa estava sendo tocada por uma banda bem conhecida que Abby tinha visto na TV uma ou duas vezes, mas ainda assim…

Era só uma festa.

O mais estranho, na verdade, era a proporção de mulheres para homens. Havia provavelmente cinco ou seis mulheres para cada homem, e as mulheres eram todas muito bonitas, jovens e elegantes, enquanto os homens tendiam a ser do lado mais velho.

Melissa parecia estar fixada no fato de que todos os homens eram provavelmente ricos milionários e bilionários.

— Você acha que aquele cara ali é o Robin Williams — Melissa perguntou, tomando uma bebida rosada de um copo alto e fino.

Abby olhou na direção que Melissa estava olhando e viu um homem alto e mais velho sem barba. Os olhos azuis era a única coisa que lembrava um pouco o ator.

— Hummm... acho que Robin Williams está morto, querida — confessou Abby.

— Sério? — Melissa perguntou, arregalando os olhos. — Talvez seja

como ... seu irmão ou algo assim.

— Duvido muito.

— Bem, onde estão todas as pessoas famosas de quem elas estavam falando? — Melissa exigiu. — Quero dizer, todo mundo está arrumado, mas não reconheço ninguém.

Abby notou uma das meninas que eles conheceram no clube passando o braço em volta do de um homem muito mais velho. Ela deu uma piscada quando passou.

— Tenho a impressão é que essas pessoas são mais ricas do que famosas — disse Abby.

Ela observou quando o homem conduziu a garota através de uma das muitas portas e desapareceu.

Melissa suspirou.

— E aquelas garotas do clube são umas vacas. Elas agem como se nem nos conhecessem.

— Sim, bem, todas parecem muito ocupadas se misturando com os populares — disse Abby.

E isso era verdade. As garotas com quem elas estavam no clube de dança agora estavam emparelhadas com caras, e não pareciam muito interessadas em conversar com Abby e Melissa. Fazia sentido, de certa forma. Abby começou a ter a sensação de que se tratava de uma operação, uma máquina afinada, destinada a fazer com que muitas garotas gostosas saíssem e festejassem com caras ricos.

O que parecia ser um grupo de garotas bonitas querendo fazer amizade com elas no clube talvez fosse realmente algumas garotas tentando reunir mais mulheres para trazer para esta mansão.

Mas por que elas fariam isso? Abby se perguntou. *Isso não significa apenas mais competição para elas?*

Seja qual fosse a razão para o comportamento estranho das *suas novas amigas*, Abby não se importava. Ela estava ficando cansada e prestes a dizer para Melissa que ela teve excitação suficiente para uma noite, quando algo estranho aconteceu.

Alguém novo entrou na sala e sussurros começaram e cabeças viraram.

No começo, Abby não sabia quem era, porque estava bloqueada por um par de grandes pilares ao ver a pessoa em questão. Tudo o que podia ver era a reação de todos a quem quer que fosse.

E com a música tão alta, era quase impossível ouvir o que todo mundo

estava balbuciando tão animadamente.

Melissa se moveu para ter uma visão melhor e seus olhos se arregalaram instantaneamente. Sua mão voou para sua boca e ela visivelmente ofegou, voltando-se para Abby.

— Ah, meu Deus — ela gritou.

— O que está acontecendo? — Abby riu.

— Não o que - quem. Não posso. Acreditar. Na porra dos meus olhos.

Agora Abby estava realmente curiosa, enquanto se movia para ter uma visão de quem todo mundo estava olhando. Talvez Brad Pitt tivesse aparecido ou algo assim.

Quando estava dando um passo para o lado para que ela pudesse sair do caminho do ridículo pilar, deu um passo à direita, a vista do homem que todos estavam olhando.

E então ele olhou diretamente para ela.

Bem. Para. Ela.

Matt Hunter estava olhando diretamente nos olhos dela.

Ela soube instantaneamente quem ele era, seria impossível não saber. Matt Hunter era provavelmente a maior celebridade do planeta no momento.

E estava olhando para ela. Ou melhor, a pegou olhando para ele.

Era impossível não ficar de boca aberta com o bíceps e o peito musculoso, a barriga lisa, os ombros largos. Seu rosto era como o protótipo de uma estrela de ação - mandíbula forte, cabelo castanho curto que nunca parecia muito bagunçado ou muito limpo, olhos inteligentes penetrantes com humor suficiente para equilibrar a sensualidade brutal.

Ele é muito melhor pessoalmente, foi a primeira coisa que Abby pensou. E isso foi rapidamente seguido por, *ah, merda. Ele acha que sou louca*.

O olhar de Matt parecia fixo em seu rosto por uma eternidade, e ele até deu a ela um pequeno lampejo de seu famoso sorriso, antes de finalmente se virar e apertar a mão de um rapazinho com um gorro na cabeça.

Então Matt começou a conversar com um pequeno círculo de convidados e, de alguma forma, foi a deixa para todos se acalmarem. Embora as pessoas ainda estivessem olhando, a festa parecia voltar ao normal - se é que havia alguma coisa normal neste lugar.

Melissa chegou mais perto de onde Abby estava de pé.

— Você acredita que Matt Hunter está aqui? Isso é a coisa mais louca que eu já vi. Toda garota aqui está olhando para ele. Todas o querem.

Abby olhou em volta e viu que era verdade. Não que isso fosse tão

óbvio quanto quando entrou na sala, mas enquanto observava, Abby podia ver claramente que todas as mulheres eram autoconscientes, na esperança de chamar sua atenção por um segundo sequer.

Todas as mulheres do lugar estavam rindo um pouco mais alto, flertando mais abertamente, passando a mão pelos cabelos, e olhando na direção de Matt Hunter, olhares de desejo eram jogados em sua direção, cabeças giravam, como se cada garota achasse que poderiam de alguma forma obter sua aprovação.

Abby odiava que ela sentisse o mesmo anseio e desejo dentro de si mesma.

E tive sua atenção por uma fração de segundo. Ele olhou para mim, sei que olhou.

Ela também odiava que, naquele momento fugaz, ela realmente acreditasse que um cara como Matt Hunter poderia estar interessado nela.

— Acho que ele é mais gostoso na vida real — Melissa disse, tomando sua bebida e olhando descaradamente para ele.

Duas modelos impressionantes - pelo menos, pareciam modelos para Abby - aproximaram-se dele e todos começaram a conversar, rindo.

Um lampejo de ciúmes percorreu-a. Ela se sentiu surpresa e desanimada com a estranha possessividade de um homem que ela nem conhecia.

— Eu nem gosto de sua música e seus filmes são inatingíveis — disse Abby, como se para se assegurar de que seus sentimentos repentinos de ciúmes não eram reais.

— Quem se importa? — perguntou Melissa. — Eu rastejaria de joelhos e imploraria para ele me comer.

— Melissa! — Abby engasgou. — Isso é nojento.

— Sério. Olhe para ele. Olhe para esse corpo. Essa cara. Ele transmite sexo. Você já viu aquele filme, esqueci o nome dele, onde ele dança?

— Eu te disse que eu odeio seus filmes.

— Bem, tanto faz. O jeito que ele dança, dá para saber que ele é incrível na cama.

Uma das modelos de pé ao lado dele colocou a mão em seu braço e jogou a cabeça para trás, rindo de algo que Matt havia dito, e então ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

Claramente, ele encontrou alguém em quem estava realmente interessado, alguém do seu nível. Era tudo meio deprimente. Isso não era muito diferente de assisti-lo na tela grande — ele parecia da mesma maneira

inacessível e irreal.

Abby teve um desejo súbito e forte de beber até que não pudesse ver direito. Enquanto Melissa se levantava e continuava babando, Abby foi até o bar e pediu um Long Island Iced Tea.

Era a bebida mais forte que ela conseguia pensar que não a faria engasgar.

Propositalmente não olhou para Matt Hunter enquanto esperava que o garçom fizesse a bebida para ela. O bar estava mais perto do canto da sala, mas isso tornava ainda mais imperativo que ela fingisse que ele não existia.

De alguma forma, ele era como um ímã, puxando-a para mais perto dele, puxando-a em sua órbita, e isso deixou Abby com raiva. Ela estava agindo como todas as outras *groupies* tolas que agiam como se Matt Hunter fosse algum tipo de Deus.

Isso era ridículo.

— Ridículo — ela murmurou em voz alta. Nem percebeu que ia falar até que as palavras saíssem de sua boca.

— O que é ridículo? — alguém perguntou logo atrás dela.

— Nada — disse ela, envergonhada por sua explosão ter sido ouvida. Ela se virou para ver quem estava falando com ela e congelou.

Matt Hunter estava parado ali, a menos de um metro de distância, observando-a com aqueles olhos de estrela de cinema e aquele sorriso de cansaço.

— Você acha que não vou entender? — ele perguntou. — Aposto que eu entenderia.

Abby engoliu em seco. De perto, seu carisma era tão intenso que ela entrou em pânico, com o coração acelerado, a garganta se fechando, sentindo que ia desmaiar.

Ele ficou ali olhando para ela com aqueles olhos castanhos e aquele rosto que ela viu espalhados em inúmeros outdoors, em telas de TV, até mesmo em cinemas. Seus olhos eram intensos, estudando-a, como se soubesse exatamente o efeito que estava tendo nela naquele momento.

— Um Long Island Iced Tea — gritou o barman, salvando-a.

Com gratidão, Abby girou e pegou a bebida, respirando fundo por alguns segundos, na esperança de acalmar seus nervos desgastados.

Matt se aproximou do bar e pediu uma cerveja, depois se virou para ela novamente.

— Você não respondeu à minha pergunta. O que é ridículo?

Agora ela podia sentir o cheiro de sua colônia, seu cheiro, e ela descobriu que era tão inebriante quanto todo o resto sobre ele. Ele era exatamente o que ele prometeu estar naqueles filmes bobos que ela alegava não assistir, mas secretamente gostava tarde da noite quando ninguém estava por perto para vê-la sorrir sonhadora para o garoto popular.

O álcool teve o resultado desejado, embora seus olhos estivessem umedecendo um pouco da queimação em sua garganta depois de beber tanto rapidamente.

— Não estou acostumada com esse tipo de festa — ela disse, finalmente.

— Não? — perguntou ele, pegando a cerveja e jogando uma nota de cinquenta dólares no balcão do barman, que exclamou seu agradecimento.

Bons pagadores chamavam a atenção de Abby, que vinha servindo mesas desde que saíra de casa aos dezessete anos - e ótimas gorjetas eram raros de onde ela vinha.

— Cinquenta dólares por uma garrafa de cerveja? — perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

— Muito pouco — disse ele. — Tudo bem, então. — Ele se virou e deixou cair uma nota de cem dólares no bar. — Com os cumprimentos da minha amiga — disse ele ao garçom, cujos olhos agora estavam arregalados.

Abby disse a si mesma para respirar.

Você está aqui conversando com Matt Hunter, mas tudo bem. Ele é apenas um ser humano. Ele não é diferente de ninguém. Ele é apenas um ser humano. Lembre-se disso.

Mas quando tentou encontrar o olhar de Matt, toda a sua falação saiu pela janela. Suas pernas estremeceram, sua boca ficou ainda mais seca, sua mão estava fraca demais para segurar a bebida. Porque a verdade é que Matt Hunter não era normal. Ele não era como todo mundo, e ficar tão perto dele trouxe esse ponto com clareza absoluta e devastadora.

Ela sabia, assim como todo mundo, que Matt tinha ido para os fuzileiros navais e cumprido dois turnos de plantão no Oriente Médio logo depois do ensino médio. Ele estava em combate quando outros caras de sua idade estavam bebendo e participando de fraternidades.

O que fez o mundo inteiro se apaixonar por Matt não foi apenas sua boa aparência e canções pop, mas sua história de vida. Todo mundo tinha ouvido falar da sua linda noiva que tinha esperado pacientemente por ele, enquanto lutava no exterior, mas que teve câncer, falecendo poucos meses depois de

Matt voltar para casa para sempre.

De pé, olhando-o nos olhos, todo o seu conhecimento sobre a vida dele veio em sua direção. Apesar do que disse a Melissa sobre odiar seus filmes e músicas, a verdade era que ela amava aquele filme de dança que ele tinha feito — chamava-se Ritmo Quente —e ela assistira mais vezes do que podia contar.

E ela também tinha três dos seus singles no seu iPod e tocava repetidas vezes sempre que ia para sua corrida de cinco quilômetros no parque.

O que tornou tudo muito pior foi que sua presença física a fez querer ficar de joelhos e pedir-lhe para fazer sexo, assim como Melissa brincou sobre fazer.

Abby não era esse tipo de garota e nunca tinha sido - apesar do que algumas pessoas poderiam ter alegado. Mas olhando em seus lindos olhos castanhos, vendo a plenitude de seus lábios, a força de sua mandíbula, seu cabelo castanho curto e estilo, e aquele corpo musculoso saindo do tecido de sua camisa folgada...

Me come, ela pensou, suas emoções desesperadas. Nos últimos quatro anos, ela não se permitiu querer que alguém se imaginasse com qualquer homem - e aqui estava se imaginando com o homem mais procurado do planeta Terra.

É claro que o fato de ela ser virgem pode ter complicado o assunto, mas naquele momento ela não se importava.

— Onde você está? — Matt perguntou a ela.

— Eu? Estou bem aqui, igual a você. — Ela ficou surpresa com o quão calma e quase arrogante sua voz soou em seus próprios ouvidos. Ela tomou um longo gole de sua bebida.

— Você parecia estar pensando profundamente agora — disse ele.

— Bem, algumas de nós fazemos isso — Abby disse a ele.

— Algumas de nós quem faz o quê?

— Algumas de nós, meninas, pensam — ela respondeu. De repente, parecia que o sarcasmo havia se tornado seu melhor método de defesa.

Matt se aproximou dela então, e ela teve a súbita vontade de passar as mãos pelo seu peito, para sentir o aperto de seu torso bem musculoso, aqueles abdominais de tábua que tinham sido apresentados em dezenas de capas de revistas.

De repente, imaginou-se levantando sua camisa e lambendo sua barriga, provando sua pele salgada e, em seguida, soltando o cinto...

— Eu entendo — disse Matt, interrompendo sua fantasia desconcertante.

— O que você entende? — ela disse, tentando não suar. Ela sentiu como se ele pudesse ler sua mente, como se ele soubesse exatamente o que ela estava imaginando.

Ele sorriu para ela.

— Você está frustrada.

— Nem um pouco. — Ela balançou a cabeça.

Como ele podia dizer?

— Você tem certeza disso? — ele perguntou, sorrindo, seus olhos parecendo imobilizá-la e segurá-la.

— Talvez eu esteja frustrada — ela permitiu. — Mas, novamente, eu aposto que você também está.

Ele se aproximou dela mais uma vez, e agora ela podia realmente sentir o calor de seu corpo e sentir sua força, como algum tipo de animal selvagem. Ele estendeu a mão e suavemente tocou seu pulso, e foi como se ela tivesse sido queimada por uma chama.

— Você está certa — ele disse a ela. — Eu fico frustrado com as mesmas festas, as mesmas conversas idiotas, os mesmos tipos de mulheres que querem as mesmas coisas de mim.

— Deve ser muito difícil para você — disse Abby, permitindo que o sarcasmo aparecesse.

Os olhos de Matt se estreitaram uma fração.

— É difícil — disse ele. — Muito difícil. — Ele olhou para ela, e ela se viu incapaz de falar.

Ela estava imaginando fazer mais do que desafivelar o cinto agora. Estava imaginando chupar seu pau perfeitamente duro, levando-o em sua boca, fazendo coisas que nunca tinha feito a qualquer homem antes.

Abby tentou fazer as imagens saírem de sua mente, mas ela não conseguiu. Era como se Matt Hunter tivesse assumido o controle de seu cérebro.

Ele sorriu, como se soubesse exatamente as imagens que suas palavras provocaram em seu cérebro.

— Acho que talvez você e eu tenhamos mais em comum do que você pensa — disse ele.

— Eu duvido muito disso.

— Isso é muito ruim — disse ele, soando genuinamente arrependido. — Eu aposto que nós poderíamos nos divertir juntos. — E então ele se virou e

foi embora.

Quando ele a deixou, foi como se o sol tivesse escurecido, como se todo o calor tivesse sido sugado da sala.

Abby se sentia tão fria, tão sozinha - e totalmente devastada.

O que esperava? Ela perguntou a si mesma. *Você realmente achou que ele se tornaria seu novo melhor amigo? O cara é a celebridade mais famosa e poderosa do mundo que poderia ter qualquer mulher que quisesse.*

Mas ela desejou que pudesse ter respondido a última frase, quando ela disse que eles não tinham nada em comum. A verdade era que ela sentia algo passar entre eles e era algo que ela nunca havia sentido antes.

Algo que ela estava esperando por toda a sua vida, talvez, só que estava muito apavorada para agir sobre isso. Em vez disso, ela se acovardou e empurrou-o para longe.

Ela caminhou lentamente de volta para onde Melissa estava esperando.

— Oh meu Deus, Abby! Ele falou com você!

— Sim, e eu respondi — disse ela, suspirando.

— Você nem se importa? — Melissa disse, horrorizada com a atitude indiferente de Abby.

Abby deu de ombros, não querendo admitir o quanto se importava. Ela se importava tanto que era como dor física. Por um breve momento, sentiu tal conexão, tal química entre eles ... o jeito que ele olhou para ela, falou com ela, o modo como a conversa fluía, como se já se conhecessem intimamente.

Claramente, entretanto, esse era o efeito que um homem como Matt Hunter tinha sobre as pessoas com quem ele entrava em contato - daí como ele se tornara maior que Christian Bale e Justin Bieber.

Um pouco mais tarde, enquanto Abby continuava a beber e fingir ignorar Matt Hunter, o homem de smoking que os deixara entrar na festa se aproximou dela.

— Você precisa vir comigo — disse ele.

Abby olhou para ele, com a testa franzida.

— Por quê? Fiz algo de errado?

— É um assunto privado — disse ele, olhando de um lado para o outro como se quisesse indicar que até mesmo isso era conversa demais para seus gostos.

— Onde estamos indo?

— Ali na frente, levará um minuto ou dois no máximo — disse o homem.

Por alguma razão, Abby decidiu olhar para Matt Hunter naquele momento, e ficou chocada ao descobrir que ele estava olhando diretamente para ela novamente. Foi como um choque elétrico.

Teria ele enviado este homem para falar com ela por algum motivo? Ela não entendeu, mas ao mesmo tempo queria saber mais.

— Ok — disse Abby.

Melissa estava olhando para ela com os olhos arregalados quando o homem de smoking a conduziu e entrou em uma pequena sala privada que ele abriu com uma chave.

A sala estava vazia, exceto por algumas estantes de livros, uma mesa e obras de arte nas paredes.

— Preciso que você assine um documento — disse o homem, virando as costas para ela e juntando o que parecia ser um fichário inteiro de material.

— Documento? Para quê?

— Um convidado manifestou interesse em conversar mais com você — explicou ele. — Para deixar o convidado mais confortável, organizamos para você assinar nosso contrato padrão de não divulgação.

A cabeça de Abby estava girando. Ela sabia que Matt Hunter devia ter enviado este homem para falar com ela, mas não podia acreditar que eles queriam que ela assinasse um documento só para ter uma conversa.

— Isso parece um pouco extremo — ela riu. — Eu preciso assinar algo só para falar com um cara nessa festa?

O homem de smoking colocou uma pilha de papéis sobre a mesa e entregou-lhe uma caneta-tinteiro cara e pesada.

— Sim, precisa assinar algo para conversar com um cara nessa festa. Especialmente *esse* cara.

— Levarei um ano para ler tudo isso — disse ela, tentando ler o documento. Na primeira linha da primeira página, em negrito, dizia:

CLUB VIP INTERNATIONAL CONTRATO DE NÃO DIVULGAÇÃO PADRÃO

— Você não tem um ano para ler isso — disse o homem. — E não precisa assinar nada. Mas se você recusar, vou ter que pedir para você sair da festa.

— Por quê? — questionou, recuando. — Qual é o grande negócio?

— É muito simples. Tornamos possível que nossos convidados famosos se envolvam em um ambiente descontraído sem medo de que cada palavra e ação seja explorada para obter ganhos financeiros e políticos. Para fazer isso,

devemos às vezes fazer uso de contratos juridicamente vinculantes.

Abby estava folheando o contrato surpreendentemente longo, tentando ler, mas não adiantava. Pode muito bem ter sido escrito em uma língua estrangeira.

— Não consigo entender nada disso.

— Como expliquei, é um contrato de não divulgação padrão. Você tem algum interesse em vender a história de qualquer conversa que você possa ter hoje à noite?

— Vender para quem?

— TMZ, People, US Weekly…

— Claro que não.

— Então você não deve ter um problema para assinar este contrato.

Abby pairou sobre o contrato, tentando descobrir o que fazer. Se Matt Hunter tivesse pedido isso, ela queria fazer. Se isso é o que demorou para ter mais tempo com ele, ela foi impotente para dizer não. Mas, ao mesmo tempo, se sentia louca por assinar um contrato que ela não conseguia entender.

Felizmente, estou bêbada o suficiente para não me importar.

— Ok, mostre-me onde assinar — ela disse a ele. — E se apresse antes que eu mude de ideia.

Pela primeira vez, o homem de smoking sorriu para ela.

— Apenas alguns lugares — disse ele, e então começou a folhear o contrato. — Aqui. E aqui ... e aqui ... iniciais e data aqui.

No final, ela poderia estar assinando pela sua vida.

*

A festa continuava, mas a conversa com seu pretendente misterioso não aconteceu

Abby estava vagamente bêbada, desanimada, rondando e tentando não ficar olhando para Matt Hunter, que parecia fazer questão de se deslocar de uma garota para outra enquanto fazia as rondas.

Por que ele não vem falar comigo? Eu assinei os formulários estúpidos que eles queriam que eu assinasse. Não é isso que ele estava esperando?

Nada disso fazia qualquer sentido para ela.

Talvez algum outro homem rico estivesse interessado nela - mas até agora, ninguém se aproximara, e o único que ela se importava era Matt Hunter.

Cada vez que ele falava com uma nova mulher, Abby sentia a mesma sensação de ciúme e fúria e depois vergonha por sentir essas coisas.

E a cada vez, ela via como a nova mulher reagia a ele da mesma forma que ela - Abby podia facilmente ver o quanto estavam atraídos por ele, como qualquer uma delas teria feito qualquer coisa para fazê-lo feliz, fazê-lo escolher elas.

Era realmente doentio, e principalmente Abby estava envergonhada por si mesma.

Eu não sou diferente, não melhor do que qualquer um deles, da mesma maneira que uma estrela, desejando que Matt tivesse querido conversar mais comigo, me beijar, me dar o número dele.

Mas não mais.

— Hey, eu vou embora — disse Abby a Melissa, tendo tomado a decisão de encerrar a noite. Talvez no final tenha sido decepcionante, mas ela ainda podia ser considerada um sucesso geral.

Melissa olhou para ela.

— É pouco depois da meia-noite. E você sabe quem ainda pode vir e falar com você novamente.

— Na verdade, é quase uma hora e acho que nada mais vai acontecer.

— Mas eu pensei ter ouvido alguém dizer que Matt Damon poderia aparecer mais tarde.

— Bem, diga a ele que eu disse oi, e que eu o amei em Gênio Indomável.

— Espere mais uma hora e eu vou com você — disse Melissa, ainda olhando ao redor, como se estivesse procurando o cara perfeito.

— Não — disse Abby. — Estou indo agora.

— OK. Bem, vou ficar aqui mais um pouco. — Melissa se inclinou e eles trocaram um rápido beijo na bochecha, e então Abby estava saindo do enorme corredor e tentando se lembrar de como diabos sair desse labirinto.

Ela tomou um corredor sinuoso atrás do outro - todos pareciam iguais.

Finalmente, ela se deparou com um conjunto de portas que podia jurar ter levado à escadaria gigante e, abrindo-a, ficou chocada ao descobrir que inadvertidamente havia entrado no quarto de alguém.

Havia três garotas, todas nuas, e duas delas estavam se beijando enquanto a terceira garota estava fazendo um boquete em um homem barrigudo usando o que parecia ser um manto de rei e uma coroa na cabeça.

Abby gemeu, enojada com o que ela inadvertidamente entrou.

E então ela percebeu que duas das garotas nuas eram do grupo que ela tinha conhecido no início da noite no clube de dança. Na verdade, a garota que estava chupando o pau do “rei” era a mesma garota que fez o convite para que Melissa e Abby viessem a essa festa.

Parando seu boquete por um segundo, ela se virou e olhou para Abby com um sorriso sedutor.

— Quer brincar? — Ela ronronou.

— Uh, não obrigado. Vocês, crianças, se divirtam, — ela disse, se afastando e fechando a porta.

Seu coração estava martelando em seu peito, batendo um ritmo firme e assustador enquanto ela caminhava na direção oposta.

Agora ela só queria chegar em casa, sair desta mansão esquisita e esquecer que ela existia.

O que quer que essa coisa toda fosse, ela estava feliz por ter experimentado isso para que ela pudesse riscar da sua lista. Isso não era para ela — essas pessoas, essas festas, essas mansões.

Ela lembrou mais uma vez porque ela ficou longe das festas desde o colegial. Nada havia mudado desde aquela época horrível em que ela tinha dezessete anos. Aqui estava ela, quatro anos depois, e as pessoas tinham ficado mais velhas, mas suas verdadeiras naturezas ainda eram as mesmas.

Abby balançou a cabeça, metade dela querendo rir de tudo enquanto a outra metade queria chorar.

Finalmente, conseguiu refazer seus passos e encontrar a grande escadaria que levava ao primeiro andar e o grandioso vestíbulo, surpreendentemente silencioso. O homem de smoking, sério, estava de pé com as mãos nas costas, aparentemente esperando, pelo que Abby não fazia ideia.

— Estou indo agora — disse ela. — Posso pegar meu celular de volta?

Ele se ajoelhou ao lado da cesta.

— Acredito que seja esse iPhone vermelho aqui — disse ele, pegando o aparelho que ela havia deixado. Ele entregou a ela com um breve sorriso.

— Obrigada — disse ela, segurando-o com cuidado, como se tivesse sido infectado por algum vírus estranho por ter ficado com os outros telefones celulares por tanto tempo.

O homem de smoking não sorria, mas seus olhos estavam mais suaves agora.

— Talvez você volte e se junte a nós de novo.

— Duvido um pouco. — Quando ela estava cruzando o foyer para sair pela porta da frente, alguém a chamou. No começo, ela pensou que era o homem de smoking novamente.

— Deixando-nos tão cedo? — Veio a voz familiar.

Mas quando se virou, Abby viu ninguém menos que Matt Hunter descendo as escadas atrás dela.

Ela prendeu a respiração e tentou o seu melhor para agir de forma natural, como se isso acontecesse com ela todos os dias. — Sim, bem, já passou da minha hora de dormir.

— Isso é muito ruim — disse Matt, ainda se aproximando. — Eu estava esperando que tivéssemos mais tempo juntos.

Abby deu de ombros.

— Uma garota não pode esperar a noite toda.

— Ninguém pediu que você esperasse a noite toda. Estou bem aqui — ele disse. — E você também está. — Ele deu outro passo mais perto, e agora ele estava tão perto que Abby podia ver a barba em sua mandíbula, as manchas verdes em seus olhos castanhos, a pequena cicatriz acima de sua sobrancelha.

— Eu deveria ir — disse ela, nem mesmo sabendo por que estava dizendo isso. Ela queria falar com ele, afinal de contas.

Mas agora que o momento chegara, ela estava indescritivelmente assustada.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou.

Ela hesitou.

— Por que você quer saber?

Ele riu. — Essa é uma resposta muito estranha a uma pergunta simples.

— Talvez eu seja estranha. Eu só... — ela não sabia mais o que dizer. Ela estava ficando cada vez mais assustada enquanto ele continuava a observá-la. Se ele a tivesse beijado, poderia ter sido mais fácil.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou novamente, insistente.

— Abby — ela disse a ele.

— Eu gosto desse nome — disse ele. — Combina com você.

— Bem, acho que sim. É meu nome, afinal de contas.

Ele estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Você não aceita elogios muito bem — ele disse a ela.

Abby ainda podia sentir o calor das pontas dos dedos dele enquanto roçavam sua bochecha.

Ela desviou o olhar.

— Acho que estou cansada e um pouco bêbada.

— Eu gostaria de me encontrar com você novamente.

Agora ela olhou para ele, porque não podia acreditar que ele disse aquelas palavras. Matt Hunter estava convidando-a para um encontro real? Ou ele estava apenas queria transar com ela?

Alguém estava filmando isso para o YouTube?

— Você quer se encontrar comigo — ela disse, como se, reafirmando, ele podia dizer a ela que tinha ouvido mal.

— Estou na cidade por alguns dias para dar início à nova turnê e gostaria de me encontrar com você enquanto estiver aqui.

Seu coração disparou. Isso era inacreditável, e ainda assim, ela tinha que admitir que era real. Matt Hunter estava interessado nela - ela fora de todos os outros.

— OK. Sim, claro, por que não? — Ela riu. — Eu vou te dar o meu número.

A expressão de Matt mudou com essa sugestão. Seus olhos ficaram frios e sérios.

— Normalmente, não é assim que funciona. Temos que informar a agência sobre isso primeiro - não posso simplesmente excluí-los da comissão deles.

— Agência? — Ela apertou os olhos para ele. Ele achava que ela trabalhava como modelo ou algo assim?

Ele riu, mas parecia um pouco irritado agora.

— A agência. A que trouxe você aqui. — Ele olhou para ela como se ela estivesse falando bobagens, como se ela fosse a louca.

— Pare de brincar comigo —, ela disse a ele, ficando nervosa agora. Muito nervoso.

— Você assinou ou não um contrato? — ele disse. Ele olhou fixamente para ela.

Ela engoliu em seco. Sua respiração se sentiu sufocada.

— Eu… acabei de assinar algum tipo de… como chama? Eu assinei um Acordo de Não Divulgação.

Matt não estava mais sorrindo, nem um pouco.

— Você assinou muito mais que isso, Abby.

— Eu não trabalho para nenhuma agência — ela disse, sua voz urgente agora. — Vim aqui acompanhando uma amiga. Tudo o que eu assinei foi

uma coisa de não divulgação. É isso.

Ele suspirou, como se ela estivesse sendo difícil.

— A única maneira de isso acontecer é se eu pagar por seus serviços.

Foi como um tapa na cara.

— Pague pelos meus… meus serviços? Afinal, o que isso quer dizer?

— Isso significa que essa coisa entre você e eu só acontece se fizermos do meu jeito.

— E qual é exatamente o seu jeito?

— Há uma maneira fácil de descobrir. Nós passamos pela agência e seguimos a partir daí.

O que quer que Matt Hunter acreditasse que ela era - Abby achou que estava bem claro que ele tinha a impressão errada sobre ela.

— Eu não acho que eu sou o tipo de garota que você está procurando.

Ele olhou para ela com os olhos castanhos, e ele estendeu a mão novamente e tocou o braço dela com o tempo, logo acima do cotovelo.

— Eu acho que você é exatamente o tipo de garota que estou procurando.

Seus mamilos enrijeceram automaticamente quando ele fez contato com ela.

— Mas eu não entendo — disse ela. Ela se sentiu fraca, fora de controle, assustada - mas o pior de tudo, ela sentiu que seu desejo por Matt Hunter era algo que poderia desfazer tudo de bom que ela fez por si mesma nos últimos quatro anos.

— Talvez em breve você comece a entender mais. E então eu vou encontrar você. — Ele se virou e subiu a escadaria larga, como se não tivesse um cuidado no mundo. Naquele breve momento, ela os odiou tanto quanto ela odiava alguém, e ela queria gritar para ele voltar e beijá-la.

Mas não fez nada do tipo.

Em vez disso, ela girou a maçaneta da porta, abriu a enorme porta de carvalho e saiu para o ar fresco da noite.

Deixando a mansão e entrando em um táxi para levá-la para casa, Abby quase conseguiu se convencer de que nada disso acontecera.

◆◆◆

NA MANHÃ SEGUINTE, o cérebro de Abby parecia ter sido colocado em um moedor de carne. Sua cabeça latejava e sua boca tinha gosto de

papelão. Ela se sentou em sua cama e abriu um olho, olhando para a hora em seu celular.

Já passava das dez da manhã. Isso significava que ela teria apenas alguns minutos para tomar banho e se vestir antes de ir ao restaurante para o almoço.

Por que saí de uma festa em uma noite em que tinha que trabalhar no turno do almoço no dia seguinte?

Ela olhou para o telefone novamente, desta vez com os dois olhos abertos. Foi quando ela percebeu que dizia que tinha uma chamada perdida e um correio de voz.

Bocejando, ela se levantou e foi para o banheiro, o telefone na mão, começando a ouvir a mensagem enquanto andava.

Ela esperava ouvir a voz de Melissa do outro lado, ou talvez a madrasta perguntando quando voltava para casa para uma visita.

Mas não - a voz era decididamente masculina e o tom decididamente hostil.

— Oi, Abby, aqui é Will Hart do Club VIP. Você precisa me ligar assim que receber esta mensagem.

Abby sentiu um arrepio na espinha ao ouvir novamente a breve mensagem. No começo, ela não fazia ideia do que queria dizer com Club VIP, até que recordou vagamente o título no topo da página do contrato que assinara na noite anterior.

Club VIP era o nome daquela agência sobre a qual Matt Hunter estava falando. Pensando na última conversa que teve com Matt a fez tremer por dentro. Ele disse muitas coisas muito confusas, coisas que ela não tinha certeza se queria pensar.

Mas então se lembrou do jeito que ele olhou para ela, o toque dos dedos dele roçando sua pele enquanto ele tirava uma mecha de cabelo do rosto dela.

O jeito que seus mamilos endureceram e a necessidade apertou sua barriga, uma sensação que ela nunca imaginou que pudesse sentir.

Suas palavras ainda ecoavam em sua mente.

A única maneira de isso acontecer é se eu pagar por seus serviços.

Abby tentou tirar o som da voz dele, sabendo que, à luz fria do dia, uma coisa sobre Matt Hunter era bastante clara. Ele não era bom. E não havia absolutamente nenhum motivo para pensar no que ele disse e fez na noite passada, porque ela nunca mais o veria.

Ignore-os o tempo suficiente e eles vão embora. Você aprendeu isso da

maneira mais difícil há muito tempo.

Ela colocou o telefone na pia do banheiro, tirou a roupa e entrou no chuveiro. Quando deixou a água quente correr sobre ela, ela fechou os olhos, e flashes da noite anterior correram como luzes estroboscópicas em sua mente.

Retratando o rosto de Matt Hunter novamente, o jeito que ele olhava para ela, o som daquela voz baixa com apenas a perfeita masculinidade, ela sentiu o mesmo tremor familiar em seu estômago.

Pare de pensar nele! Apenas pare!

Você teve uma chance com Matt Hunter e estragou tudo! Ela imaginou Melissa dizendo. Você explodiu sua chance na loteria - toda garota adoraria estar no seu lugar e você simplesmente jogou tudo fora.

Será que Melissa ainda diria isso, se soubesse que Matt Hunter queria pagar Abby por serviços prestados?

Provavelmente. Melissa era louca o suficiente para não se importar.

Isso fez Abby sorrir um pouco, sabendo que quando fosse ao restaurante, ela veria Melissa lá e as duas ririam da noite anterior.

Ela desligou o chuveiro, mas continuou a pingar porque seu senhorio absolutamente se recusou a fazer reparos. Isso é o que se ganha quando mora em Watertown e paga 500 dólares por mês para morar em um minúsculo apartamento de porão.

Abby enrolou uma toalha em volta do cabelo e caminhou até o espelho.

Foi quando ela notou seu telefone vibrando novamente. Ela olhou para baixo e viu NÚMERO DESCONHECIDO e sentiu um arrepio.

— Droga — ela sussurrou. Os batimentos cardíacos aceleraram quando ela olhou para o celular e pensou no que fazer a seguir.

Ela mandou para o correio de voz e começou a escovar os dentes, frustrada e nervosa.

E se ligaram para você porque Matt Hunter estava interessado em você? Talvez ele tenha enviado alguém para te rastrear e te pedir em um encontro em seu nome.

Isso não soava como seu estilo, mas ela ouviu falar de caras famosos contatando publicitários ou agentes para obter o número de uma garota.

Ainda assim, qualquer que seja a razão para as ligações, Abby não queria lidar com isso esta manhã, ainda estava de ressaca, um pouco arrependida e precisando começar a trabalhar para que ela não se atrasasse para seu turno.

E então o celular estava zumbindo de novo. NÚMERO DESCONHECIDO.

Agora ela estava chateada.

— Olá — ela disse com raiva, segurando o celular no ouvido enquanto cuspia pasta de dente na pia.

— É Abby Montgomery? — Perguntou a voz. Ela percebeu instantaneamente que era o mesmo cara que o correio de voz que ela havia escutado alguns minutos atrás.

— Por favor, pare de me ligar — ela disse a ele.

— Temos um grande problema — ele respondeu, — então é melhor você pensar com muito cuidado sobre o que fazer.

Abby engoliu o resto da pasta de dentes e afastou-se da pia. Seu coração estava acelerado de novo e ela estava se sentindo vulnerável e enjoada.

— Eu nem conheço você — ela disse, sua voz menos autoritária do que ela gostaria.

— Meu nome é Will Hart e sou afiliado ao Club VIP.

— Isso não significa nada para mim.

— Bem, talvez não, mas será em breve, porque você trabalha para nós agora.

Abby reprimiu uma risada de descrença.

— Você deve estar brincando.

— Estou falando sério — disse ele. Sua voz não tinha traços de humor.

— Bem, isso é muito engraçado — disse ela, — considerando que estou prestes a sair para o meu trabalho agora, e acho que não vou ver você lá.

— Você quer dizer o seu trabalho no Charlie's Café, na em Watertown Square? — Will perguntou a ela.

Ela estava atordoada e agora o medo era gelado, como uma mão de ferro ao redor de sua garganta. Esta fluência sabia onde ela trabalhava. Ele tinha o número do telefone dela.

— Isso é assédio — ela disse a ele. — Eu vou chamar a polícia se você não me deixar em paz.

— Eu dei a você a cortesia de um telefonema, senhorita Montgomery, porque tivemos um cliente reclamando de você. Um cliente muito importante. Isso é inaceitável para a nossa organização e pretendemos fazer as coisas certas.

— Era Matt Hunter? — Ela disse, sabendo que ele era a única pessoa que teria algum motivo para reclamar sobre ela. Ela nem tinha falado com

mais ninguém.

Ele continuou como se ela nunca tivesse falado o nome de Matt.

— Um cliente na festa na noite passada manifestou interesse em seus serviços, e você disse que não iria participar do acordo solicitado.

— Está certo. Eu não durmo com um cara por dinheiro porque não sou prostituta.

— Você não pode dizer o que vai fazer ou não, srta. Montgomery. Você trabalha para nós e faz o que o cliente lhe diz para fazer.

Sua confiança a enervou, mas ela reagiu.

— Eu não trabalho para você e a prostituição é ilegal.

— Eu tenho os contratos que você assinou na minha frente agora — afirmou Will, sua voz calma e terrível e fria. — Embora você possa achar que não trabalha para nós, esses mesmos contratos contam uma história diferente. Você trabalha para nós e esperamos que honre seu contrato.

— Ou o que? — Ela disse, rindo, quase querendo aborrecê-lo agora. — Estou sem dinheiro, amigo. Vá em frente e me processe se quiser, eu realmente não me importo. Mas é melhor você parar de me ligar, porque eu não tenho medo de deixar a polícia saber o que você está fazendo, e eu também tenho muitos amigos que não aceitam muito bem suas ameaças também.

Houve uma longa pausa e ela pensou que talvez o rastejador tivesse finalmente desligado, mas depois deu um suspiro baixo e suave na outra extremidade do telefone.

— Você honrará seu contrato, srta. Montgomery.

E então houve um clique e ele se foi.

◆◆◆

ABBY NÃO PAROU DE PENSAR sobre Will Hart e Club VIP depois que desligou o telefone.

Em seu caminho para o trabalho, ela pesquisou tanto Will quanto o Club VIP na Internet e não encontrou absolutamente nada. Não havia posts em fóruns, nem entradas na Wiki, nem sites registrados no Club VIP, absolutamente nada.

No começo, ela queria acreditar que isso significava que esse cara estava apenas tentando enganá-la ou algo assim. Mas no fundo, na boca do estômago, Abby sabia que havia algo sério acontecendo, e que não terminava de jeito nenhum.

Afinal, Matt tinha mencionado eles na noite passada - não pelo nome, mas ele definitivamente estava se referindo a eles quando ele disse que eles deveriam marcar uma reunião através de sua agência. E ela viu o nome Club VIP no contrato que assinou também.

Por que você assinou esses papéis sem sequer olhar para eles? O que você estava pensando?

Estava furiosa consigo mesma por deixar o momento se afastar dela e mais uma vez impulsivamente agindo sem pensar nas consequências. Ela tinha sido tão impulsiva e descuidada quando tinha dezessete anos e quase lhe custara tudo.

*

QUANDO ABBY entrou no restaurante, viu que Melissa já estava sentada à mesa e organizando talheres, preparando-se para abrir o almoço.

— Ei — disse Abby, sentando-se em frente a ela.

Melissa olhou para cima, olhos arregalados, sorrindo.

— Ei você! Noite louca, hein?

— Muito louca — disse Abby. Ela pegou um guardanapo, garfo, faca e colher. — Quando você foi embora?

— Não muito tempo depois de você — disse Melissa. — Um cara velho veio e começou a conversar comigo sobre restaurantes cinco estrelas e perguntou se eu gostava de Sushi, mas ele era baixinho e um pouco fedorento. Pedi desculpas e saí de lá.

— Que nojo — Abby concordou, franzindo o nariz.

— Você acredita que Matt Hunter falou com você? — Melissa perguntou. — Eu estava, tipo, totalmente arrebatada. Essa foi a coisa mais louca que já vi.

Abby não queria entrar nisso, nem queria admitir que ele a seguiu escada abaixo e perguntou a ela sobre um encontro. Isso levaria a muitas outras revelações que ela ainda não estava pronta para compartilhar.

Mas ela estava curiosa.

— Ei, alguém ligou para você ontem à noite ou hoje de manhã? Alguém da festa?

— Da festa? — Melissa perguntou, franzindo a testa. — Eu não dei a ninguém meu número.

— Então, um cara chamado Will não ligou para você nem deixou

mensagens de voz?

Melissa parou de rolar prataria e olhou para ela com desconfiança.

— Você ainda está bêbada, querida?

— Não, acabei de receber algumas chamadas estranhas. Tenho certeza de que não é nada.

— O que esse maluco disse para você? — Melissa perguntou.

— Nada realmente. Provavelmente um número errado.

— Ok, querida. — Melissa piscou e assentiu, como se tudo fizesse sentido.

Elas terminaram de preparar o almoço e os primeiros clientes começaram a se sentar.

Will Hart estava começando a parecer como um pesadelo distante, e os eventos da noite anterior eram apenas neblina que estava clareando enquanto o dia passava.

Mas então, pouco depois de abrir, Abby estava fazendo um pedido para o almoço de um casal de meia-idade, e por acaso notou um homem bastante grande em um terno azul muito bonito e de alfaiataria que entrava no restaurante. Ele se aproximou de seu chefe e começou a conversar com ele ao lado do pódio do anfitrião.

Algo sobre o comportamento do homem atingiu Abby, e ela continuou observando-o, mesmo quando o casal de meia-idade estava lhe dizendo a ordem.

O gerente de Abby, Charlie, ficou de pé e escutou por um momento, sua expressão de foco concentrado e preocupação séria. Charlie olhou ao redor do restaurante até que ele viu Abby, e sua boca se apertou. Ele olhou para o homem grande de terno azul e escutou novamente.

Abby teve uma terrível sensação de que o homem de terno era Will Hart. Ele tinha cabelos negros e finos e um bigode, como uma velha estrela pornô. Ele era oleoso e desagradável e parecia tão mesquinho quanto uma caixa de cascavéis.

— Com licença, senhorita? — Perguntou a mulher à sua mesa. — Você ouviu o que eu disse sobre o molho ao lado da minha salada?

— Ah, sim, claro — Abby disse a ela, e então começou a se afastar da mesa. Seu coração estava batendo forte mais uma vez.

Charlie assentiu algumas vezes em resposta ao homem de terno e depois olhou diretamente para Abby, antes de caminhar na direção dela. Ele a encontrou no meio do restaurante no bar.

— Quem era esse cara? — Ela perguntou.

— Ouça — disse Charlie, com os olhos mudando nervosamente, — você tem que ir.

— O que você quer dizer? Eu apenas comecei meu turno. Você já está me liberando?

— Tenho que demitir você, Abby. Eu sinto muito.

— Me demitir? Para quê? — Ela olhou para ele e viu que o homem de terno estava esperando do lado de fora do restaurante, fumando um cigarro.

— Escute, aquele cara que acabou de entrar no restaurante é alguém com quem não posso me dar ao luxo de mexer. Por alguma razão, ele tem um grande problema com você e não quero fazer parte dele, então você precisa ir.

— Charlie, não fiz nada de errado. Vamos chamar a polícia — ela implorou.

Charlie sempre foi muito legal com ela, mas agora ele parecia zangado e frenético.

— Ouça, Abby, você sempre foi uma boa garota e trabalhadora. Mas é melhor você sair agora ou eu vou chamar a polícia para você, entendeu? — Seus olhos estavam praticamente explodindo para fora de sua cabeça.

— Entendi — disse ela, depois tirou o crachá e jogou no chão, largando o caderno e a caneta ao lado. — Muito obrigada, Charlie — ela murmurou, e então saiu do restaurante, sabendo quem estava esperando por ela.

Mas não ia fugir dele. Ela estava com raiva e sua raiva estava lhe dando combustível - Abby se sentiu forte e destemido de repente.

Ela irrompeu pela saída e encontrou seu inimigo fumando um cigarro, um sorrisinho brincando em seus lábios.

— Tudo bem, você me demitiu, idiota — disse ela, ficando bem na cara dele. — Mas eu não dou a mínima. Você não me assusta, porra.

Ele se elevou sobre ela.

Mas ele apenas sorriu, soprando uma nuvem de fumaça para ela.

— Você pode não ter medo ainda — ele disse — mas continue brincando com fogo, Abby Montgomery, e veja o que acontece a seguir.

Sua voz era como a voz no telefone. Então isso era o que Will parecia pessoalmente.

Ela fez uma cara de desgosto.

— Eu não trabalho para vocês. Eu nunca trabalharei para você. Então, o que você quer de mim?

Ele fungou.

— Queremos o que já expliquei. Que você cumprir suas obrigações contratuais.

— E o que isso significa exatamente?

Will suspirou, colocou o cigarro no canto da boca e esfregou-o entre os dentes.

— O Club VIP é uma organização exclusiva de alto nível que atende aos homens mais ricos do mundo. E o que nós fornecemos é uma experiência adaptada ao gosto de cada pessoa, tipo… eu não sei… encontros com milionários ou algo assim.

Ela se sentiu um pouco aliviada.

— Ah, então é como um serviço de namoro.

Abby queria acreditar que estava errada. Foi tudo apenas uma grande falta de comunicação. Eles não queriam que ela dormisse com caras ricos por dinheiro.

— Algo assim, sim — Will concordou.

— E você recruta mulheres para sair com esses caras milionários — disse Abby. — Entendi.

— Agora você entende — ele sorriu. — Venha, ande comigo um pouco. — Ele começou a andar pela calçada e ela seguiu junto, correndo para acompanhar suas longas pernas.

— Você fez com que eu fosse demitida — disse ela. — Isso não me faz exatamente querer trabalhar para você.

— Eu entendo — respondeu ele, — mas você precisava ver que eu não deveria ser ignorado. — Uma nuvem de fumaça flutuou para fora de sua boca.

— Bem, o que eu devo fazer? — ela perguntou. — Você quer que eu vá para mais festas ou algo assim? Porque vou a algumas festas, mas não posso prometer nada.

Ele parou de andar e se virou para encará-la.

— Você assinou um contrato de um mês conosco. No mínimo, isso significa duas noites por semana trabalhando para o Clube VIP.

Ele pegou o cigarro da boca e jogou cinzas na calçada perto de seus pés.

— Pagamos mil dólares por uma noite de trabalho. Com oito noites, isso te renderá oito mil por um mês de trabalho.

— Mil dólares por uma noite?

— Sim. Não é ruim, né?

De repente, suas suspeitas estavam crescendo novamente. Ela pensou no

quarto que acidentalmente tropeçou na noite anterior, e o que aquelas mulheres nuas tinham feito dentro dele. Duas daquelas mulheres a convidaram para a festa, o que significava que provavelmente também trabalhavam para o Club VIP.

Elas eram prostitutas.

— Eu não sou prostituta — disse Abby, sua voz trêmula.

Will encolheu os ombros e sorriu.

— Eu não me importo com o que você chama, querida. Tudo o que sei é que você irritou algumas pessoas com sua atitude na noite passada.

Lágrimas ardiam nos cantos dos olhos dela.

— Que atitude?

— Você recusou um cliente de alto perfil, e isso nos faz parecer muito mal, e nunca ficamos mal. Nunca.

— Eu não sabia que estava fazendo alguém parecer mal. Como eu poderia saber? — Ela perguntou a ele. — Ninguém me deu tempo para ler os documentos que assinei. Me disseram que era apenas uma formalidade, fui enganada.

Will parecia divertido.

— Essa é uma história muito triste. Estou indignado em seu nome.

— Claramente, você não tem problemas com a maneira obscura como a sua empresa opera. Você parece gostar disso. — Suas mãos foram apertadas em punhos. — Eu gostaria que você me deixasse em paz, incomodasse alguma outra garota.

Will deixou cair o cigarro no chão e pisou nele, esmagando-o.

— Nenhuma de suas queixas é importante para mim, srta. Montgomery. Já ouvi tudo isso antes. O que eu posso dizer é que você vai ter que trabalhar isso de uma forma ou de outra.

— Eu não vou fazer sexo por dinheiro — ela disse a Will, levantando o queixo. — Você pode me demitir, pode fazer o que quiser. Eu não me importo.

Will olhou para ela diretamente, como se realmente a visse pela primeira vez.

— Você vai se importar, no entanto — disse ele. Então ele limpou o nariz, virou-se e afastou-se dela pela rua, desaparecendo na esquina

◆◆◆

ABBY ESTAVA IRRITADA.

Ela havia sido demitida de seu emprego, um trabalho que precisava muito para ganhar dinheiro suficiente para cobrir o aluguel de seu apartamento, colocar comida em sua geladeira, pagar seu cartão de crédito todos os meses.

E agora estava desempregada, com dinheiro suficiente apenas para durar um par de semanas no máximo. Um homem estava ameaçando tornar sua vida ainda pior se ela não se prostituísse por sua companhia - e tudo isso estava acontecendo por causa de Matt Hunter.

Matt obviamente reclamou dela com Will Hart e Club VIP, e agora estavam tentando destruí-la em retaliação por ferir os sentimentos do pobre rapaz ou algo assim.

Isso a deixou furiosa porque um homem tão bem-sucedido quanto Matt Hunter sentiu a necessidade de puni-la quando ele nem precisava pagar por sexo. Todas as mulheres naquela festa na noite passada e muito mais a uma curta distância teriam dormido alegremente com ele se ele tivesse olhado na direção delas.

Ao voltar do restaurante para casa, o telefone de Abby tocou de novo. Ela esperava ver o NÚMERO DESCONHECIDO, mas em vez disso era Melissa.

— Onde você foi? — Perguntou Melissa. — De repente eu estou cobrindo suas mesas, está ficando louco aqui.

— Eu fui demitida — Abby disse a ela, quando chegou à porta do seu apartamento.

— Você foi demitida? Por quê?

— É complicado — disse Abby.

— Só pode estar brincando comigo. Eu preciso de você aqui, este lugar vai ficar um saco sem você! — Melissa choramingou. — Quem vai me ver fumar cigarros e me ouvir reclamar sobre a anfitriã de merda?

— Eu vou sentir falta disso, Mel, e eu realmente precisava do dinheiro também — disse Abby. — De qualquer forma, não há nada que eu possa fazer sobre isso agora.

— Você vai conseguir um novo emprego— disse Melissa. — Mas o que houve? Você teve uma discussão com Charlie?

— Não. — Ela pensou em contar à amiga a verdade, mas decidiu contra. Melissa não podia ajudá-la, e tendia a ter uma boca grande, mesmo que seu coração estivesse no lugar certo. — Olha, Mel, estou em casa agora e preciso começar a procurar um novo emprego imediatamente. Te ligo mais tarde, ok?

— Ouça, você vai ficar bem, eu prometo. Não se estresse — disse Melissa. — Quem sabe, talvez Charlie venha e devolva seu emprego

— De alguma forma eu duvido disso — disse Abby.

Elas desligaram o telefone e Abby entrou, depois conectou seu velho laptop que foi espancado até o inferno e precisava de uma atualização séria. No começo, ela estava apenas vasculhando os quadros de empregos locais para restaurantes que procuravam contratar garçonetes, mas então ela começou a pensar em Matt Hunter e ficar com raiva de novo.

Isso era tudo culpa dele.

Ela fez uma busca no Google por curiosidade, e viu que ele estaria em Hill Square mais tarde naquele mesmo dia, fazendo uma apresentação gratuita ao ar livre para o público, para promover o início de sua turnê norte-americana, e disseram que ele estaria disponível para assinar autógrafos. Sua apresentação estava marcada para começar às três horas.

Abby sentou-se no sofá e pensou sobre isso. Se ela pudesse de alguma forma chegar perto o suficiente para falar com ele, ela iria deixá-lo saber como suas ações a afetaram. Talvez ele achasse adequado tentar acertar as coisas, cancelar seus capangas, reverter o que quer que tenha começado com o Club VIP.

É culpa dele, ele deveria resolver isso. Vão ouvi-lo se ele disser para me deixarem em paz.

E se ele se recusasse a ajudá-la, Abby pelo menos teria uma chance de dizer a ele em sua cara que idiota ele era.

Parecia uma boa ideia, e então ela foi ao banheiro, rapidamente refez a maquiagem e o cabelo, vestiu-se com uma roupa nova, mais adequada para a ocasião (nunca doeu o seu melhor), e então saiu pela porta.

Abby não sabia se ela estava sendo totalmente iludida ou se essa era a melhor ideia que ela já teve em sua vida.

◆◆◆

No momento em que ela desceu do trem em Hill Square e começou a

tentar ir para a área de performance, Abby já sabia que tinha subestimado o quão popular Matt Hunter era e quantos outros fãs apareceriam para ver ele pessoalmente.

Na verdade, milhares de pessoas apareceram, ruas foram fechadas e bloqueadas por carros de polícia, e havia uma grande presença de segurança para ajudar a controlar as multidões selvagens de mulheres jovens que gritavam.

Abby sentiu uma onda de desespero e amargo desapontamento enquanto abria caminho entre as garotas cantando músicas de Matt Hunter, carregando cartazes, rindo e falando de seu ídolo, enquanto Abby considerava se virar e voltar ao trem, indo para casa e chorando. em seu travesseiro.

Mas não, ela não ia deixar o Matt Hunter do mundo vencer.

Esses caras eram todos iguais, ela pensou, sua raiva aumentando a cada segundo. Eles mentiram e manipularam garotas como Abby que eram muito confiantes e gentis para seu próprio bem. Mas Abby ia acertar as coisas. Ela não fugiria dessa vez.

Não sou prostituta, não sou prostituta, e nunca vou deixar ninguém me fazer sentir assim novamente.

Nunca. Ouviu isso, Matt Hunter?

Enquanto Abby se movia lentamente com a multidão, a massa de pessoas entrou na Copley Square e mais perto do estágio temporário que havia sido montado. De repente, ela ouviu o início de uma das músicas mais famosas de Matt começar a tocar.

Ela estava explodindo tão alto dos alto-falantes gigantes instalados ao redor de Copley, que podiam ser ouvidos ecoando por toda a vizinhança.

Um grito irrompeu da plateia e todos ao seu redor começaram a gritar, empurrando.

— Ele está começando!

— Oh meu Deus, vamos perder!

Abby estava tendo dificuldade em se mover, já que todos pareciam tão determinados quanto ela a se aproximar dele. Finalmente, ela percebeu que era uma proposta perdedora.

Ela não ia chegar aos pés do palco e, de qualquer forma, ele estaria se apresentando, sem poder conversar com ninguém.

Mas o que ele faria quando saísse do palco?

Ela não tinha ideia, mas Abby sabia que poderia se acalmar, pensar no futuro e estar onde ele estaria antes mesmo de chegar lá. Trabalhe de maneira

mais inteligente, não mais difícil.

Abby abriu caminho até um segurança entediado que estava de pé com os braços cruzados e parecendo que preferia estar em qualquer outro lugar.

— Hey — disse Abby, aproximando-se dele.

O cara olhou para ela.

— Sim?

— Existe uma maneira de eu mandar uma mensagem para Matt?

O cara da segurança desatou a rir.

— Claro, eu entrego a ele pessoalmente.

— Estou falando sério.

— Sim, eu sei que você está falando sério. — Ele olhou em volta para o mar da humanidade. — Você percebe que toda garota aqui quer de alguma forma falar com ele?

— Eu sei, mas eu realmente o conheci e é importante.

— Ouça, isso não vai acontecer.

Abby suspirou. Ela olhou para o segurança nos olhos.

— Eu não sou uma fã maluca — disse ela. — Eu quase nem gosto de sua música. Mas preciso que ele receba uma mensagem, é uma emergência. O que você faria se fosse eu e tivesse absolutamente que entrar em contato com ele?

O cara revirou os olhos. Mas ele parecia acreditar nela, como se pudesse sentir a verdade por trás do pedido dela.

— Se eu fosse você, eu iria até a esquina de St. James e Clarendon, onde vão ter sua limusine esperando quando a coisa toda acabar. Está fora do caminho, e talvez - apenas talvez - você tenha uma segunda oportunidade para acenar e gritar o nome dele ou algo assim antes que eles o tirem de lá.

— Muito obrigada.

O cara a ignorou e voltou a examinar a multidão.

Abby demorou quase trinta minutos para abrir caminho entre a multidão e depois encontrar o caminho para a esquina da Clarendon com a St. James Street. No momento em que chegou, Matt tocou sua última música do set muito curto. Tinha sido estranho ouvi-lo cantar enquanto se movia por Hill, sua voz ecoando em seus ouvidos enquanto caminhava.

Não havia dúvida de que ele era talentoso - sua voz era incrível - e mesmo que ela não pudesse vê-lo, Abby teve que admitir que suas canções a deixaram emocionada.

Lembrando de estar tão perto dele, tendo sua atenção nela, ela queria vê-

lo novamente. Sim, ela estava brava com ele, mas Abby não podia negar que ela estava atraída por ele de uma forma que fez seu cérebro mexer e seus joelhos semana.

Não se esqueça, ele estava em você. Ele até tentou convencê-lo a encontrá-lo novamente.

Sim, é porque ele pensou que eu era uma prostituta.

Mas simplesmente tinha que haver um mal-entendido, porque por que Matt Hunter precisaria pagar por sexo?

Isso simplesmente não fazia sentido.

Havia, de fato, uma limusine esperando na esquina e o motorista estava parado do lado de fora, tagarelando com um policial.

Fora isso, não havia muitas pessoas por perto, todo mundo estava mais perto do show, e isso fez Abby pensar que talvez as informações daquele segurança tivessem sido precisas.

Então ela ficou em pé, fingindo estar em seu telefone, andando de um lado para o outro na rua, e geralmente tentando permanecer sob o radar.

Após cerca de uma hora, ela viu outro carro da polícia estacionar, e depois outro. Momentos depois, uma pequena equipe de segurança também apareceu.

Ele está a caminho, ela pensou, seu ritmo cardíaco acelerando. Todos os seus sentidos estavam em alerta agora enquanto ela tentava ver onde ele poderia estar e se ela poderia de alguma forma antecipar de onde ele viria. Ela precisava se posicionar para se aproximar dele quando ele passasse.

Abby pensou em ficar perto da limusine, mas eles certamente a afastariam daquela área.

Em vez disso, ela ficou onde estava, a distância, e observou e esperou.

Foi apenas por acaso que ela o viu vindo de uma direção totalmente diferente do concerto. Ele estava cercado de segurança, pelo menos seis homens gigantescos com fones de ouvido, e eles o levavam pela Clarendon Street. Chocantemente, eles estavam quase totalmente despercebidos pelas multidões cheias de garotas na área.

Abby começou a andar na direção da falange que se aproximava dos guarda-costas, sabendo que essa era sua única chance.

Ao se aproximarem, ela avistou Matt andando entre eles e fez contato visual com ela também. Seus olhos se arregalaram em reconhecimento e surpresa, mas algo mais também.

Ela não podia dizer se ele estava feliz em vê-la, ou absolutamente

horrorizado por ela ter aparecido do nada.

De repente, ele estava sussurrando para um dos guardas de segurança, que então começou a conduzir Matt ainda mais rapidamente.

— Espere um minuto! — Ela gritou. — Matt, eu preciso falar com você!

Alguns dos guardas de segurança viraram a cabeça e olharam curiosos para ela enquanto passavam.

— Matt! — Ela gritou ainda mais alto. Ele estava quase na limusine agora, ela ia perder sua chance. E ele a viu, o que significava que ele queria evitá-la.

Ela sabia que ele a reconheceu, e enfureceu-a que ele a estivesse ignorando assim.

— Matt Hunter, eu vou contar a todos sobre você! — Ela gritou, sua voz mais alta do que ela pensava ser possível. — Eu vou contar a todos os seus pequenos fãs sobre como você realmente trata as mulheres!

O segurança em torno de Matt finalmente chegou à segurança da limusine, e a porta foi aberta, e então ele entrou e foi embora.

Abby se sentiu terrivelmente derrotada e humilhada.

Que desperdício. O que ela estava pensando, imaginando um cara como ele se importaria com ela ou o que ela estava passando?

Ela era como uma formiga tentando chamar a atenção de um elefante. Pior, ela era como uma formiga tentando chamar a atenção do cara montado em cima do elefante. Pelo menos o elefante pode ter acidentalmente pisado nela.

Assim que estava prestes a se virar e fugir da cena de seu fracasso, um dos seguranças começou a caminhar na direção dela.

— Ei, você — disse ele. Ele era um grande homem afro-americano do tamanho de uma pequena montanha. — Seu nome é Abby? — perguntou.

— Uhh ...— ela não sabia o que dizer. Talvez Matt tenha dito ao cara para prendê-la por ser uma perseguidora.

— Venha comigo — disse o homem do tamanho da montanha, balançando o dedo para ela seguir, e então começou a voltar para a limusine, que ainda não tinha se movido de seu lugar.

Abby seguiu-o nervosamente, ciente de que todos os olhos estavam voltados para ela. Toda a equipe de guardas de segurança estava observando-a, cada um deles usando as mesmas expressões estranhamente evasivas.

Quando chegou à limusine, a porta foi aberta para ela.

— Sr. Hunter quer falar com você — o segurança disse a ela. — Entra.

Abby não podia acreditar. Ela olhou para ele uma última vez, como se para se certificar de que não era tudo uma grande brincadeira.

— Isso é o que você queria, certo? — o homem perguntou a ela, irritado agora.

— Sim, acho que sim.

— Então o que está esperando? É hora de todos os seus sonhos se tornarem realidade — ele disse, sua voz cheia de sarcasmo.

— Tudo bem. — Ela tentou parecer confiante, para se lembrar de sua missão. Ela não estava lá como fã, ela estava lá por justiça.

Abby entrou na limusine e a porta foi fechada, fechando-a.

E sentado em frente a ela havia apenas uma outra pessoa - Matt Hunter. Ele estava descansando no espaçoso assento de couro preto que parecia surpreendentemente bonito e relaxado.

Vestido em um terno todo branco com uma gravata preta, ele tinha a aura de uma estrela de cinema que acabara de sair do tapete vermelho, ou talvez saiu da tela do cinema. Seu cabelo castanho curto estava estiloso e nenhum cabelo parecia fora do lugar, sua barba por fazer era a quantidade certa para a sensualidade perfeita do quarto.

Abby pensou que se ela tivesse tirado uma foto dele neste momento, ela poderia ter colado na capa da revista Rolling Stone e teria sido apenas certo.

— Então — Matt disse, mudando muito ligeiramente em sua cadeira, — você queria a minha atenção, você conseguiu. — Ele deu-lhe um leve sorriso, mas seus olhos estavam cautelosos e frios.

Abby estava tremendo, seu corpo inteiro vibrando com ansiedade sendo tão perto dele. Por um momento, ela estava completamente perdida na atração visceral de seu corpo por ele, tão perdida que esqueceu porque estava ali.

Qual era a razão? Ela não queria dizer algo importante para ele?

Mas não, não havia nada que justificasse sua imposição a Matt Hunter, a maior estrela de música e cinema do mundo livre. Ela estava lhe custando mais dinheiro fazendo com que ele ficasse lá por dois minutos do que ela ganharia em toda a sua vida.

— Eu, uh ...— ela lambeu os lábios e cruzou as pernas. Ela estava vestindo jeans skinny e um suéter de cashmere. — Eu tenho algo para te dizer.

Matt a olhou de cima a baixo, então seu telefone tocou e ele verificou brevemente.

— Ok, diga isso então. Estou esperando.

Finalmente, felizmente, seu cérebro começou a funcionar novamente. Ela se lembrou porque ela trabalhou tão duro para conseguir este momento sozinha com ele, e ela se sentou um pouco mais ereta.

— Você disse a alguém da ... uh ... a agência, que eu não queria ir a um encontro com você e agora eles estão tentando arruinar a minha vida.

Apenas pegando as palavras, ela sentiu um peso nos ombros.

Mas a boca de Matt sorriu.

— Primeiro de tudo, você não disse que não iria sair comigo, Abby — disse ele, inclinando-se para a frente agora, com os cotovelos nos joelhos, como se estivesse fazendo um discurso para uma criança de quatro anos. — Pelo que me lembro, você estava muito interessada em mim.

Ela balançou a cabeça, surpresa com o quão diferente ele era do que a imagem que ele apresentava na TV e nos filmes. Claro que era um ator, mas mesmo em entrevistas, Matt Hunter era o cara gostoso que todo mundo amava. Ele era amigável, todo americano. Mas o Matt Hunter que ela estava vendo era outra coisa completamente diferente.

Ele era sombrio. Meio malvado. E de alguma forma, apesar disso, ele ainda era tão sexy que estava tornando quase impossível para ela pensar em qualquer outra coisa.

— Então por que disse a eles que eu recusei? — Abby disse, encontrando sua voz novamente.

Ele balançou a cabeça.

— Não é sobre você me recusar para um encontro. Porque você não, se você se lembra. Na verdade, você queria me encontrar novamente, mas tentei explicar a você que tinha que passar pela agência.

— Clube VIP — ela disse.

Seus olhos mudaram um pouco, como se ele não quisesse dizer o nome em voz alta.

— O ponto é que eu tenho um acordo com a agência ... e eu queria que eles soubessem que isso não estava de acordo com o nosso acordo. Então, deixo que eles saibam sobre o problema para garantir que isso não ocorra novamente.

Abby estava frustrada. Ele estava agindo como se isso fosse apenas um arranjo comercial, mas foi a vida dela que ele afetou com suas reclamações.

— Você me fez ser demitida do meu trabalho — disse ela.

— Eu não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Alguém do Club VIP - Will Hart - você o conhece.

Matt não respondeu, mas ela podia dizer pelos olhos dele que sim.

— De qualquer forma — ela continuou, — Aquele cara apareceu no restaurante onde eu trabalhava e me fez ser despedida. Então ele me disse que arruinaria minha vida se eu não honrasse meu contrato com o Club VIP. E ele disse que a razão pela qual ele estava arruinando a minha vida era porque eu chateei um cliente importante - você, obviamente.

— O que suas táticas de fazer cumprir um contrato têm a ver comigo? Você quer que eu te dê dinheiro porque você foi demitida?

— Eu quero que você diga a eles para me deixarem em paz.

Ele olhou para ela por um longo tempo, como se estivesse avaliando o pedido dela. Suas bochechas coraram sob o olhar dele, quando ele deu a ela o olhar que ela viu queimando na tela, só que ele sempre estava olhando para alguma linda atriz.

E então, depois de um longo tempo, ele deu uma leve sacudida de cabeça.

— Eu não vou dizer a eles para deixá-la em paz — disse ele, como se pronunciando um veredicto. Como se ele fosse juiz, júri e carrasco em um só.

— Por que não? — perguntou ela, chocada com a resposta fria dele.

— Porque — ele disse, — ainda quero o que lhe propus ontem à noite. Você estava naquela festa e trabalha para o Club VIP mesmo que não queira admitir isso. — Ele olhou para ela sem qualquer culpa ou sentimento de remorso.

E então a atingiu como uma tonelada de tijolos.

Ele quer fazer sexo comigo por dinheiro. Por alguma razão, é isso que ele quer de mim mais do que qualquer outra coisa.

A realização tanto a enojou, e de alguma maneira - frustrantemente - também a excitou. E ela pensou que Matt sabia exatamente como ele estava fazendo com que ela sentisse o que a enfurecia ainda mais.

Ela tentou falar com sentido para ele com crescente urgência.

— Eles me enganaram para assinar algo. Eu ainda não sei exatamente o que eu assinei.

Ele deu de ombros.

— Como isso é problema meu?

Ela olhou para ele e suas entranhas ficaram dormentes de raiva.

— Eu deveria saber que você agiria assim.

— É mesmo? — ele disse, não muito preocupado.

— Sim, eu deveria saber por que é tão óbvio. Você é tão óbvio. — E quando ela disse as palavras, ela olhou em seus olhos e sabia que era verdade. Ela sabia que ela via mais sobre ele do que ele queria admitir, assim como ele parecia ver mais sobre ela do que ela gostava de admitir.

— Eu sou tão óbvio? — Ele perguntou, uma borda rastejando em sua voz.

— Sim — ela disse, começando a rir agora. — Você faz esses filmes ridiculamente extravagantes e discos bobos para garotas adolescentes, e agora está claro para mim porque alguém tão talentoso como você faz tudo isso.

— Oh — ele disse suavemente, — e por que você não me esclarece por que isso acontece?

— Porque é fácil. Você pega o caminho mais fácil de tudo, não é? Mas ninguém percebe isso - ninguém mais vê que você é uma fraude. Sabe disso, não é Matt?

Ele olhou para ela, seus olhos queimando com algo que ela nem sabia nomear.

Ela estava respirando pesadamente, tão brava que queria lhe dar um tapa no rosto dele, mas também sentiu que queria agarrá-la, empurrá-la no assento e beijá-la, arrancar sua camisa, colocar as mãos por todo o seu corpo.

Ela olhou para longe dele então, porque ocorreu a ela que se não fosse cuidadosa, ele poderia realmente tocá-la, e se ele a tocasse, ele saberia com certeza o quanto ela o queria.

E isso a aterrorizava mais que tudo.

Ela se virou para a porta da limusine, entrou em pânico, tentou abri-la, mas não conseguiu. Então ela começou a bater na porta, batendo e gritando.

— Deixe-me sair! — Ela gritou.

Atrás dela, ela ouviu Matt começando a rir.

— Pobrezinha, Abby, fugindo tão cedo depois de fazê-la resistir à grande fraude.

Ela não diria mais nada, porém, nem ousaria olhar para ele. Se o fizesse, ela poderia cair de joelhos e concordar com qualquer coisa e tudo o que ele queria naquele momento.

De repente, a porta da limusine se abriu do lado de fora e o segurança do tamanho de uma montanha enfiou a cabeça para dentro.

— Tudo bem aqui?

— Preciso ir — disse ela, empurrando o caminho para fora, passando pelo segurança.

Abby saiu e então a porta foi fechada, selando Matt Hunter dela e do mundo exterior.

A limusine instantaneamente se afastou e saiu em disparada, deixando nada além de poeira em seu rastro.

— É melhor você ir para casa — o segurança disse a ela. — E fique longe de Matt a partir de agora.

— Entendi — ela respondeu, e começou a andar devagar de volta para o trem.

Se havia uma coisa que ela não precisava ouvir duas vezes, era para ficar longe de Matt Hunter.

*

O resto do dia foi estranho para Abby. Ela foi para seu apartamento e ficou no sofá, assistindo a reality shows e enchendo a barriga com comida ruim.

Ela sabia que realmente precisava procurar outro emprego, porque quando fosse contratada e começasse a ganhar algum dinheiro, seus fundos estariam assustadoramente baixos, mesmo que ela encontrasse algo rapidamente.

Mas sua mente estava desgastada pela excitação e ansiedade de tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

Enquanto se sentava ao redor da televisão, ela ficava pensando na conversa na limusine com Matt. Ela se lembrava daquele olhar ardente em seus olhos quando ela disse aquelas coisas horríveis para ele.

Toda vez que se lembrava de como foi chamá-lo de fraude, e do jeito que ele pareceu depois - ela teve uma sensação no estômago que era em parte pavor e parte antecipação.

Havia algo tão elétrico entre eles, como um campo de força, e isso a confundia. Matt Hunter agira como um idiota arrogante, indiferente, zombando dos problemas que criara em sua vida. E ainda, abaixo disso, ela sentiu que ele era algo completamente diferente, como se ele tivesse sido mal interpretado por todos no mundo que o conheciam ou sabiam sobre ele.

Não seja boba, Abby. Não pense que você tem algum relacionamento super especial ou compreensão de Matt Hunter. Isso é loucura, é insano e não vai levar você a lugar nenhum.

Mas ela não conseguia se livrar da sensação, não conseguia parar de

repetir os momentos finais com ele e o pânico que a havia dominado quando percebeu o quão facilmente ele poderia ter o seu caminho com ela, se tivesse tentado um pouco.

Talvez eu apenas durma no sofá e acorde amanhã com um torcicolo. Quem se importaria?

Você está deprimida. Isso é o que está acontecendo.

Não importava. Ela não parecia se despertar para sentir nada além de letargia. Na televisão, uma Kardashian estava gritando com outra. Todas as irmãs se embaçaram juntas.

E então ela ouviu o zumbido de seu celular de seu lugar na mesa de café ao lado da garrafa vazia de Diet Coke.

Abby pegou e segurou, vendo um número que não era familiar, mas não foi bloqueado. Sua mente trabalhava através de uma dúzia de possibilidades diferentes de quem poderia ser, e nenhuma delas era boa.

No entanto, por algum motivo inexplicável, ela decidiu responder. Talvez fosse porque ela não tinha feito nada desde que chegara a casa, mas ficava por ali e comia alimentos açucarados, talvez porque qualquer voz fosse melhor que a solidão da TV e os Kardashians gritando estupidez um com o outro.

Seja qual for o motivo, ela pegou e disse olá, preparada para qualquer um, exceto quem realmente era.

— Você sabe quem é esse? — Ele perguntou.

Instantaneamente, ela fez. Matt Hunter ligou para ela.

— Como você conseguiu meu número?

Ele riu um pouco.

— Não é tão difícil assim, Abby. Pense nisso.

Era verdade. Ela não estava listada, mas ele era Matt Hunter e, obviamente, Will Hart tinha o número dela, então a pergunta não era exatamente relevante.

— Ok, então — disse ela, sentando-se, de repente muito acordado. — Por que está me ligando?

Houve uma longa pausa.

— Eu estive pensando sobre o que você disse.

— Oh. — Ela engoliu em seco, seu coração batendo em sua garganta. — O que você estava pensando sobre isso?

— Eu estava pensando que tinha muito a dizer para você. E então fiquei curioso em saber o que você diria se eu dissesse alguma coisa a você.

Ela não pôde deixar de sorrir com o fato de que Matt Hunter - O MATT HUNTER - estava repetindo a conversa deles no início do dia, o mesmo que ela. Só que ele provavelmente não o faria de uma posição de bruços em um sofá de merda com caixas Oreo vazias e Pringles no chão próximo. Ele provavelmente estava sentado em sua limusine ou jantando em algum restaurante gourmet chique.

Ela respirou fundo.

— Talvez você devesse me dizer o que queria me contar.

— Talvez. — Houve outra longa pausa. — Está com vontade de tomar um pouco de ar fresco?

— Huh? — Ela se levantou agora, andando nervosamente.

— Eu disse - você quer tomar um pouco de ar fresco - como em sair comigo um pouco? — Ele riu.

— Eu-uh ... eu não sei ... eu estou ...— ela começou a correr em círculos, em pânico, tentando determinar a rapidez com que ela poderia ser apresentável.

— Não é um grande problema, Abby — disse ele com diversão. — Eu não estou falando sobre a compra de uma casa, eu estou apenas dizendo que quero levá-la para um passeio e conversar por alguns minutos.

— Quando você quer se encontrar?

— Bem, estou sentado do lado de fora do seu apartamento agora, então o futuro próximo seria ótimo.

Merda. Merda. Merda.

Abby correu para o quarto e pulou para o futon. Como ela estava no apartamento do porão, suas janelas eram muito altas e havia muito poucas delas. Esticando a cabeça para cima, ela foi capaz de ver a rua, mas não sabia quem estava lá fora.

— Você está fora do meu apartamento agora? — disse, em parte esperando que ele não estivesse, mas também desesperadamente querendo que ele estivesse dizendo a verdade.

— Estou aqui — disse ele. — Mas eu não quero esperar para sempre, Abby.

— Onde você quer ir? Como eu deveria estar vestida?

— De qualquer maneira você se sentir confortável. Me encontre lá fora em cinco minutos. — E então ele desligou.

Ela olhou para o celular como se tivesse acabado de mordê-la.

Matt Hunter está lá fora, esperando por você. Ele dirigiu todo o caminho

até Watertown para ver você e só você. De todas as mulheres do mundo - literalmente milhões delas - ele escolheu você para telefonar, conversar com você, convidar você para sair.

Mas por quê? E ela tinha chamado a atenção dele?

Nada disso parecia real e nada disso fazia sentido. Ela desejou que poder ser o tipo de garota que apenas agisse com calma, que ela fosse igual a ele, que se segurasse com confiança e não esperasse nada além do melhor.

Não havia tempo para duvidar agora, entretanto, e então ela parou de se preocupar e começou a se mover. Cinco minutos não foram muito longos. Ela correu para o banheiro, despiu-se, borrifou perfume, lavou o rosto em menos de trinta segundos, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo.

Piscando enquanto a água ainda escorria por suas bochechas, ela olhou e viu uma garota que era atraente o suficiente sem um monte de maquiagem ou um penteado maluco. Ela podia não ser o tipo de garota que virava todas as cabeças quando entrou em uma sala, mas não precisou de sinos e assobios para parecer fofa.

Enquanto eu tiver as migalhas de Oreo dos cantos da minha boca, estou bem.

Isso a lembrou de toda a porcaria que ela estava comendo o dia todo, e ela pegou a escova de dentes e escovou os dentes, enxaguou com bochechos e correu de volta para o quarto, vestindo jeans, um suéter leve e sapatilhas.

No espelho de corpo inteiro, ela achava que ela parecia bem o suficiente, embora não tivesse sido sua primeira escolha se realmente tivesse tempo de se recompor.

Talvez fosse melhor não pensar demais nisso. Este não foi um encontro, em qualquer caso. Matt tinha deixado claro para ela que ele tinha pouco interesse em um relacionamento, e só queria pagá-la por seus *serviços* o que quer que isso significasse.

Se não fosse um encontro, ela não precisa se preocupar em parecer sexy.

Quando estava saindo do apartamento, mais uma vez ficou impressionada com o ridículo da situação. Lá fora, naquele exato momento, a maior estrela do mundo estava esperando por ela, querendo falar com ela.

O que Melissa diria?

O que alguém que a conhecia pensaria?

Ela não sabia, tudo que ela sabia era que isso estava acontecendo. Foi tudo muito real.

E então ela estava correndo para fora de seu apartamento, subindo as

escadas, e saindo pela porta da rua, procurando por todos os lugares o carro - talvez a limusine - onde ele deveria estar.

Mas não viu nenhum carro.

E então ela ouviu um motor roncando em voz alta, virou a cabeça e viu um homem em uma motocicleta estacionando próximo ao meio-fio. Ele estava usando um capacete, então ele não era identificável - até que ele conseguiu.

Matt Hunter tinha parado uma motocicleta muito elegante e bonita em seu apartamento, como se fosse um personagem em um de seus filmes. Ele estava de jeans e uma camiseta branca simples com uma jaqueta de camuflagem aberta.

Ele desceu e abaixou o suporte, de modo que ela se inclinou um pouco. Então ele foi para a parte de trás da moto, onde uma pequena rede segurava outro capacete.

— Você está com vontade de tomar ar fresco ou não? — ele disse, olhando para ela e vendo a reserva no rosto dela.

— Nunca andei numa dessas — disse ela, descendo para a calçada e lentamente chegando mais perto.

— É uma motocicleta, não uma píton — disse ele. — Não vai machucar você se aproximar.

Não, mas você pode me machucar se eu chegar muito perto.

Matt tirou o capacete do banco de trás e entregou a ela. Ela segurou isto - era liso e mais pesado que ela esperava.

— Nós não iremos rápido demais, não é?

— O que seria muito rápido? — Ele perguntou, olhando diretamente nos olhos dela.

Abby de repente pensou no duplo sentido da pergunta, e seus pensamentos começaram a disparar, sua mente preenchendo todos os tipos de imagens que ela sabia serem inapropriadas.

Mas eu quero ir muito rápido com você, ela pensou. Eu quero ir até o fim e quero gritar a plenos pulmões.

Ela não disse nada disso, é claro. Em vez disso, encolheu os ombros, com medo de falar e se incriminar.

— Vamos lá, Abby — disse Matt, inclinando a cabeça para a moto. Então ele montou e colocou seu capacete.

Abby hesitou por um momento, mas finalmente decidiu que não iria desistir, então deveria parar de adiar o inevitável.

Ela rapidamente caminhou até a motocicleta e então seguiu atrás dele, deslizando o capacete para baixo sobre sua cabeça.

— Coloque seus braços em volta da minha cintura — Matt falou quando ele se preparou para ligar o motor.

Ela fez o que ele disse, ficando excitada quando seus braços envolveram seu torso firme, envolvendo-o e sentindo a dureza de seu estômago.

Mulheres de todo o mundo ficariam verdes de inveja se pudessem ver o que ela estava experimentando. Estar tão perto de Matt Hunter era como ganhar na loteria, só que maior. O dinheiro era uma coisa - isso era algo totalmente diferente.

Isso era sexo. Isso era pura adrenalina, pura sensualidade.

Seu corpo era do outro mundo, a sensação dele ... suas pernas se espalharam ... ela se empurrou para mais perto atrás dele quando ele chutou a motocicleta em ação, o motor zumbindo e vibrando abaixo deles.

A moto era como um animal vivo que rosnava e Matt tinha domado, controlando-a sem esforço, fazendo-a de alguma forma se sentir segura, apesar do poder e da velocidade da máquina.

E então eles estavam dirigindo - mais como voar - pelas ruas de Watertown, para algum destino desconhecido.

Abby sabia que era loucura, sabia que ela estava sendo irresponsável mais uma vez, mas de alguma forma ela se sentia segura com Matt. Não houve explicação racional.

Enquanto o vento açoitava seu corpo e ela observava o cenário a toda velocidade, ela nunca se sentira tão viva e livre e talvez até feliz.

Mas lembre-se do que aconteceu da última vez que você confiou em um garoto popular, alguém que você achava perfeito, bom demais para você.

Lembre-se do que ele fez com você. Ele quase te arruinou completamente.

Matt Hunter não era um menino, ele era um homem. E Abby não era mais uma garota do ensino médio sem experiência no mundo real. Ela era uma mulher adulta que poderia tomar decisões e escolhas e agora sua escolha era estar nessa viagem com ele.

E que mulher em sã consciência recusaria uma chance como essa?

Nenhuma.

Eles dirigiram por um longo tempo, mas Abby adorou cada segundo disso. Ela foi capaz de sorrir e rir com o capacete, e ninguém sabia ou via o que ela estava pensando. Na verdade, com os dois disfarçados pelos

capacetes, ninguém na rua era mais sábio que o astro da celebridade, Matt Hunter, estivesse dirigindo descontroladamente pelas ruas de Boston com uma garota louca a reboque.

◆◆◆

Quando finalmente chegaram e estacionaram, estavam no coração de Boston, mas uma rua com a qual Abby não estava muito familiarizada.

Matt desceu, tirou o capacete e trancou-o no lugar contra o guidão.

— Como foi? — perguntou a ela, olhando para cima brevemente.

— Foi divertido — ela admitiu, nem mesmo dando a ele metade da verdade sobre o quanto ela tinha gostado. Especialmente não mostrando o quanto ela gostava de segurá-lo, como ela gostaria de ter feito isso para sempre.

Ela se sentiu conectada a ele de uma maneira que não era razoável, e Matt teria pensado que ela estava louca se ela tivesse dito a ele até mesmo uma fração das emoções que ela estava sentindo durante o passeio.

— Que bom que não estava com medo de que estivéssemos indo muito rápido — disse ele, sorrindo enquanto ela entregou-lhe o capacete. Ele a colocou no banco de trás e depois se endireitou. — Vamos, eu quero te mostrar uma coisa.

Eles começaram a andar pelas ruas, e era noite, então não havia tantas pessoas lá fora, embora houvesse algumas.

Mas não era exatamente a área mais limpa e mais luxuosa. Na verdade, a rua estava um pouco degradada, os prédios pareciam mais velhos e as pessoas que estavam fora tinham expressões cansadas. E então havia pessoas mais jovens nos cantos gritando e gritando, deixando-a um pouco nervosa.

Nem todos os lugares em Boston estavam seguros para ir à noite, e ela se perguntou se Matt Hunter conhecia a cidade bem o suficiente para entender esse ponto.

Ele parecia saber para onde estava indo, e logo estavam se aproximando de um grande edifício que tinha uma dispersão do que pareciam homens sem-teto acampados em volta, saindo, fumando, conversando, alguns pareciam estar bebendo.

— Que lugar é esse?

— Vamos lá, você está prestes a descobrir.

Quando eles se aproximaram do prédio, algumas das pessoas que estavam do lado de fora começaram a reconhecer Matt. Só que não o estavam

tratando da mesma maneira que os fãs o tratavam.

Não, houve uma reação muito diferente desses homens. Eles agiam, ela pensou, como se o conhecessem em um nível pessoal - como se ele fosse seu amigo, talvez um parente distante.

— Ei, Matt! — alguém falou.

— O Matt está aqui — disse outro.

— E ai, cara! — Um cara mais velho disse, mancando e dando a Matt um grande abraço de urso. O homem mais velho era careca e suas roupas estavam manchadas e rasgadas. Abby notou que ele só tinha uma mão.

— Como você está, Tony B.? — Matt disse para ele, olhando para ele.

— Não é ruim. Nada mal. — O homem mais velho sorriu e acenou para outra pessoa, e agora havia um grupo deles se aglomerando, todos começando a falar com ele imediatamente.

Eles não estavam pedindo autógrafos, no entanto. Eles estavam querendo sua atenção e Matt estava dando a eles, perguntando-lhes sobre suas famílias, sobre se tinham ou não jantado, se precisavam consultar um médico, perguntado sobre os medicamentos que estavam tomando, problemas em suas vidas.

Cada pessoa em quem ele se concentrava, era como se eles fossem a única pessoa que existia para ele naquele momento, e cada pessoa parecia prosperar nessa atenção.

— Você é a namorada dele? — Tony B. perguntou a ela.

Ela se virou para ele. Matt não tinha ouvido a pergunta, ele estava ocupado conversando com outro homem sobre um corte infectado em seu braço.

— Não, eu sou apenas ... uma amiga — disse ela.

— Ele nunca trouxe nenhuma menina aqui antes — disse Tony.

— Ele vem aqui muito? — Perguntou Abby.

— Claro, quando ele está na cidade. Ele vem aqui há algum tempo, antes mesmo de ficar famoso. É claro que agora todo mundo fica mais animado em vê-lo, mas ele ainda é o mesmo cara de antes.

— Como você o conheceu? — Perguntou Abby.

— Bem, eu venho ao centro desde que foi inaugurado.

— Centro?

— Sim, este lugar aqui é o Centro de Boston para Veteranos Desabrigados — respondeu Tony. Ele deu a ela um olhar estranho. — Você não sabe ler ou algo assim? — Ele apontou para a placa acima da porta da

frente do prédio.

— Está escuro — ela riu.

Tony acendeu um cigarro.

— Você fuma?

— Não.

— Boa garota. Merda de hábito, mas o menor dos meus problemas. — Ele começou a fumar o cigarro. — Sim, as pessoas boas de Matt. Dá muito dinheiro para veterinários, o que eu sei de fato. Mas ele não divulga essas coisas, ele não faz para a imprensa, sabe?

— Sim — ela disse, balançando a cabeça, mesmo que ela não tivesse a menor ideia.

— Ele é apenas bom. Algumas noites ele vem até aqui depois de um show e distribui dinheiro, ou uma vez ele levou meu amigo a um bom médico especialista para ter seus olhos verificados. Então ele pagou pela cirurgia para consertar seu glaucoma.

— Uau — disse Abby, chocada com o que o homem mais velho estava dizendo a ela. Era como se Matt tivesse contratado um monte de atores para vir até aqui e fingir ser veteranos apenas para impressioná-la, mas ela sabia que não era o caso.

Isso era muito real, e esses homens tinham as desfigurações e cicatrizes das batalhas que haviam travado. Não era uma cena bonita e nem todos os homens estavam na melhor condição mental também.

Alguns estavam balbuciando, alguns estavam muito embriagados.

Quando Matt deu a volta e falou e ouviu, alguns dos homens acabaram percebendo.

Um deles se aproximou dela depois que Tony B. saiu mancando, falando sobre um telefonema que precisava fazer. O homem que se aproximou dela provavelmente tinha vinte e tantos anos, também não parecia mal. Ele tinha cabelo castanho desgrenhado e barba, jeans de baixo e uma camiseta. Seus braços estavam cobertos de tatuagens.

— Ei — disse o cara, sorrindo.

— Ei — ela respondeu.

— Então você está aqui com a grande estrela do rock, hein?

— Aham. — Ela não gostou de olhar para os olhos dele. Eles eram um pouco brilhantes demais, um pouco intensos demais. E não de um jeito bom.

— Eu poderia ser uma estrela do rock, — o cara disse. — Eu costumava estar em uma banda também, nós éramos muito bons. Eu toquei guitarra.

— Isso é bom — ela disse a ele.

— Putas costumavam ficar na fila depois de um show para chupar meu pau, sabe? Garotas seguem caras assim por aí. Sei por experiência pessoal. — Seus olhos estavam ficando mais intensos enquanto suas palavras começaram a acelerar, fluindo juntas rapidamente. — Minha maldita esposa transaria com ele. Ela provavelmente entraria na fila para chupar o pau dele.

Abby estava ficando assustada. Havia muitos homens ao redor, e todos estavam olhando para ela, e o homem com os olhos intensos estava começando a falar mais alto e mais alto e ele se aproximou dela enquanto ela tentava recuar.

— Ei — disse ele. — Qual é o seu maldito problema? Se você quer chupar o pau de alguém...

De repente, Matt estava ao lado dela, empurrando os veteranos e ficando entre ela e o cara louco.

— Calma, irmão — Matt disse a ele. — Se acalme.

— Estou calmo — disse ele.

— Tem certeza? — Matt perguntou a ele. — Porque você está assustando minha amiga.

— Sim, eu estou bem, mano. — O cara de repente parecia tão calmo como um cão sonolento em um dia chuvoso.

— Ok, bom. Estamos indo agora. — Ele colocou o braço em volta de Abby e olhou para ela para verificar se ela estava bem.

— Podemos, por favor, ir embora? Eu tenho um mau pressentimento sobre isso — ela sussurrou.

— Sim, é claro. — Ele começou a andar de volta para a moto e de repente houve um grito estridente e, em seguida, Matt estava girando quando o homem louco o atacou por trás.

Houve uma onda de atividade, tudo acontecendo tão rápido que Abby mal podia dizer o que estava acontecendo. Tudo o que sabia era que era violento, horripilante e repentino.

Mas antes que ela soubesse, Matt havia prendido o outro homem ao chão e tinha um joelho contra sua espinha, controlando o pulso do cara.

— Ei, ei, ei. Calma lá, campeão — disse Matt, sua voz quase reconfortante.

O homem estava chorando agora, gritando incoerentemente.

Alguns dos outros homens estavam ajudando Matt a segurar o cara, e depois de um minuto ou dois ele parou de lutar e então o ajudaram a se

afastar.

Alguns rapazes começaram a explicar que o garoto havia sido liberado muito cedo de um programa de saúde mental e que estava sem remédios.

Matt conversou com eles por mais algum tempo, mas depois disse que precisava ir.

— Obrigada — disse ela quando Matt a levou de volta para a moto.

— Pelo que?

— Pelo que você fez lá atrás.

Ele apenas sorriu e não disse mais nada sobre isso.

Eles entraram na motocicleta e ela colocou os braços ao redor de Matt, o mesmo que tinha feito no caminho. E então eles estavam se afastando do centro, longe das ruas escarpadas de Boston, e estavam voando mais uma vez.

Ela desejou que pudessem ter ficado assim para sempre, dirigindo com o vento correndo, tão natural como se eles estivessem juntos assim por anos.

De alguma forma, parecia que pertencia a ele.

E então, muito cedo, estavam voltando para o apartamento dela e Matt parou a motocicleta e ela saiu.

Quando ela devolveu seu capacete, Abby sentiu o começo de lágrimas em seus olhos.

— Por que você me levou para o centro? — perguntou a ele. — O que você quer me dizer?

Matt tirou o capacete e olhou para ela.

— Eu estava pensando muito sobre o que você disse para mim. Todas essas coisas sobre tomar o caminho mais fácil e ser uma fraude.

Ela olhou para baixo.

— Me desculpe. Eu estava com raiva.

— O ponto é, eu queria te mostrar que talvez você esteja errada sobre mim.

— Por que isso importa? Por que você se importa com o que eu acho?

Ele sorriu e, de repente, estendeu a mão e afastou o cabelo do rosto dela.

— Não sei porque, mas apenas sei que importa.

— Tudo o que eu queria que você fizesse era pedir ao Club VIP para parar de me assediar. Não posso perder meu emprego. Isso é tudo que eu estava tentando te dizer, Matt.

Seus olhos ficaram mais intensos.

— Eu sei o que você estava tentando me dizer.

— Então você vai fazer isso? Vai conseguir que Will e quem mais pare de tentar arruinar a minha vida?

Matt nem sequer pensou nisso.

— Não — disse ele.

— Por que não?

— Porque — disse ele, — seria o caminho mais fácil.

Abby sentiu seu interior tensionar e ficar quente de raiva novamente.

— Eu não posso acreditar em você — ela sussurrou. — Você realmente acha que pode brincar comigo desse jeito? Acha que só porque você é Matt Hunter, você pode me machucar por diversão?

— É melhor você ver o que diz para mim, Abby — ele respondeu, sua mandíbula apertando. — Você pode não querer queimar essa ponte ainda.

— Foda-se — ela disse a ele. Mesmo quando estava dizendo as palavras, ela se arrependeu.

Ele não vacilou.

— Como quiser — ele respondeu, colocou o capacete e saiu.

— Eu disse, foda-se Matt Hunter! — ela gritou, sabendo que ele estava muito longe e o barulho do motor dele muito alto para possivelmente ouvi-la.

— Porque você não vai se foder, senhora! — Alguém gritou de uma janela aberta próxima.

Ela teve que rir disso, uma risada de total derrota. Depois de tudo isso, Matt apenas brincou com suas emoções e a deixou exatamente como a encontrou.

E foi a melhor vingança que ele poderia ter tomado sobre ela.

◆◆◆

ABBY VIROU-SE a noite toda, pensando em Matt, lembrando-se do modo como se sentira quando estava na moto com ele, segurando-o com força, e o mundo estava rápido e embaçado e eram as únicas pessoas que importavam.

Mesmo quando ela adormeceu, finalmente, quando luz fraca começou a entrar pela pequena janela em seu quarto, Abby sonhava em estar na moto com Matt novamente.

Mas então ela foi acordada depois do que pareceram meros segundos de estar dormindo. Alguém estava batendo na porta do apartamento dela.

— Abby, abra! — O homem gritou.

Ela se sentou na cama, reconhecendo a voz rouca e irritada. Era o seu senhorio. Ele também morava no segundo andar, mas ela raramente o via, exceto quando ele estava cortando o pequeno gramado da frente.

Abby saiu da cama e vestiu uma calça de moletom.

— Só um segundo! — Ela gritou.

Seu estômago já estava em nós e o dia tinha acabado de começar.

Ela caminhou até a porta e a abriu. Seu senhorio, que ela conhecia apenas como o sr. Gibbs, era minúsculo, pouco mais de um metro e meio de altura, com uma barba amarelada e mechas de cabelo amarelo-acinzentado na cabeça careca. Ele tinha muito poucos dentes e seus olhos estavam aguados.

— Abby, precisamos conversar — disse ele, de pé do lado de fora da porta com um par de luvas de jardinagem em uma mão artrítica.

— Há algo de errado? — Perguntou ela.

Ele piscou e olhou para o chão.

— Sinto muito, Abby. Você tem sido uma ótima inquilina, mas tenho que te expulsar.

— O que? Por quê? — ela perguntou, sentindo a respiração deixar seu estômago como se tivesse acabado de ser chutada com força.

Ele suspirou.

— Tenho um comprador interessado neste lugar — ele disse a ela. Ele não conseguia nem olhar para ela enquanto falava. — Um cara veio ontem e me ofereceu dinheiro, bem acima do que paguei pelo lugar.

— O nome dele era Will Hart por acaso?

— Como você sabe?

Ela teve que rir. Isso estava ficando ridículo e horrível, o que mais ela poderia fazer senão rir? Abby supôs que, com os preços em Watertown, Will devia ter pago pelo menos quatro ou mesmo quinhentos mil dólares por toda a casa. Isso era muito dinheiro para gastar apenas para levá-la expulso.

E Will tinha feito isso.

— Eu só sei — disse ela. — Ele é um conhecido.

O Sr. Gibbs olhou para ela incerto.

— Eu odeio fazer isso com você, mas...

— Deixe-me adivinhar. Você precisa que eu saia daqui hoje, certo?

— Eu realmente odeio fazer isso, mas o homem absolutamente insistiu para eu sair daqui imediatamente. Como moro na casa e não há contrato, tenho o direito de mandar alguém embora imediatamente por qualquer motivo.

— Tudo bem, eu não iria tentar me agachar no seu apartamento no porão, Sr. Gibbs. — Ela queria odiá-lo, mas de alguma forma ele era muito patético para realmente odiar.

— Sinto muito. Mas eu preciso do dinheiro e é assim que o cara disse que eu tinha que fazer as coisas. Eu não sei por quê.

— Vou pegar algumas caixas e alugar um quarto de motel hoje à noite. Qualquer coisa que eu não consiga colocar no carro, pego depois.

— Uma empresa de lixo virá hoje — disse Gibbs a ela. — Se você não levar com você até o final da noite, vai para o lixo.

— Tudo bem. — Ela não tinha mais forças. — É melhor eu pegar as malas.

— Realmente sinto muito, Abby.

— Aham. — Ela fechou a porta para ele e olhou em volta para o minúsculo apartamento do porão que havia chamado de lar nos últimos dois anos. Havia muitas coisas lá que teria que deixar. Não havia para onde levar - não podia se dar ao luxo de guardá-lo. O melhor que ela podia fazer era carregar o carro com a maior parte e deixar o resto.

Passou as próximas três ou quatro horas arrumando suas coisas e levando para o Ford Fiesta. Gibbs estava ansioso para ajudar a acelerar o processo, fornecendo-lhe muitas caixas e até mesmo ajudando-a a levar as coisas para o carro, o que era impressionante, dada a falta de condicionamento físico.

Ela ainda não sabia quantos anos ele tinha - entre cinquenta anos e noventa era o melhor palpite.

Finalmente, quando a tarde chegou tarde, aproximando-se da noite, Abby arrumou o carro o mais cheio possível.

O Sr. Gibbs apertou a mão dela e pegou as chaves da casa dela. Ele parecia muito triste, mas não ofereceu nada além de “cuide-se”, quando mancou de volta para dentro e fechou a porta.

Abby entrou em seu carro com um suspiro profundo. Havia um Motel nas proximidades que sempre parecia ter vagas e é para onde ela estava indo.

Enquanto dirigia os poucos quilômetros até o motel, teve tempo de pensar no fato de que, em apenas alguns dias, sua vida estava de pernas para o ar, e a única coisa que a mantinha fora da rua era que ela tinha um cartão de crédito.

Fora isso, suas reservas estavam diminuindo, e ela não duraria nem uma semana com o que tinha.

Ir para casa para Vermont não era uma opção. Ela absolutamente se recusou a voltar para a casa de seus pais, que deixou aos dezessete anos, sem olhar para trás. Isso é presumindo que eles a aceitassem de volta, o que não era uma aposta certa.

Talvez eu possa dormir no sofá da Melissa, ela pensou. Porque ela realmente só poderia pagar algumas noites em um motel, caso contrário, estaria gastando demais e contraindo dívidas muito rápido.

Essas pessoas poderosas queriam destruí-la, queriam forçá-la a jogar o jogo deles. E Abby odiava admitir isso, mas estavam ganhando e não era nem uma disputa acirrada.

Quando chegou ao estacionamento do Motel, já estava exausta e pronta para voltar a dormir.

Entrou no saguão e deu um sorriso superficial para o atendente.

Ele era um cara jovem, seu terno parecia um pouco grande nele. — Boa noite — disse ele. — Como posso ajudá-la?

— Eu gostaria de reservar um quarto para hoje à noite — disse ela.

— Ótimo.

Ela explicou que seria apenas para ela, uma cama de casal seria bom, não fumante.

Ele digitou tudo no celular e cobrou 68 dólares.

— Tudo bem — disse ela, sentindo-se cansada, só querendo chegar ao seu quarto já. Ela já estava imaginando um bom banho quente, ligar a TV e cair no sono. Acordaria amanhã com uma nova atitude.

Ela entregou o cartão de crédito e esperou a chave do quarto.

O atendente ficou com uma expressão estranha no rosto depois de passar o cartão.

— Sinto muito — disse ele, depois de um longo momento. — Este cartão foi recusado, senhora.

Abby não podia acreditar no que estava ouvindo e, no entanto, ela sabia que era verdade.

— Você poderia tentar de novo? — Ela perguntou.

— Você tem outro cartão que poderíamos usar?

— Apenas tente de novo — ela disse.

No final, ele tentou mais duas vezes. De cada vez, o cartão foi recusado.

Abby saiu do motel e caminhou devagar até o carro. Ela ligou para a linha de atendimento ao cliente do cartão de crédito. O representante foi conciso com a entrega das notícias.

— Desculpe, essa conta foi encerrada, senhorita Montgomery.

— Eu não a fechei — disse ela.

— Receio não poder fornecer mais informações no momento.

— Eu devo dinheiro? Não entendo como podem fechar minha conta sem motivo. Fiz todos os meus pagamentos, nunca atrasei, nem uma vez.

— Srta. Montgomery, tudo o que posso dizer é que a conta está encerrada e não vamos poder reabri-la neste momento.

Eventualmente, ela desligou o telefone. EAnda estava sentada no estacionamento, sem ter mais para onde ir.

Ela agora não tinha cartão de crédito, cerca de trinta dólares na bolsa, e não muito mais em sua conta corrente. Quanto tempo demoraria até chegarem a essa conta?

Eles podiam até já ter feito isso, mas Abby não tinha certeza se ela se importava mais.

Acabou, ela pensou.

A verdade afundou quando ela se sentou no estacionamento quase vazio, e ela chorou, desmoronando em lágrimas e soluçando pela primeira vez em muito tempo. De certo modo, o choro era bom, e a liberação de tudo parecia clarear sua mente.

Chegara a hora de dar um telefonema que ela temia. Mas agora que ela tomara a decisão, não parecia tão difícil quanto imaginara.

A outra linha tocou apenas duas vezes antes que Will Hart respondesse.

— Abby Montgomery — disse ele, como se genuinamente feliz em ouvir dela. — Como você está?

— Acho que você sabe a resposta — disse ela. — Obrigada por me expulsar da minha casa, me demitir do meu trabalho, e me deixar na rua.

— Nada pessoal, Abby. Apenas negócios.

Havia muitas respostas desagradáveis ao seu comentário, mas Abby sabia que não devia dizer nada. Ela mordeu a língua.

— Se você diz — foi tudo o que ela conseguiu.

— Então, posso supor que, pelo fato de estar ouvindo sua voz agora, você finalmente chegou ao nosso modo de ver as coisas? — Perguntou Will.

— Acho que você poderia dizer isso.

— Então você está pronta para honrar seu contrato conosco.

— Sim. — Doeu dizer a palavra, mas também foi libertador de uma maneira estranha.

— Isso é muito bom. Podemos começar imediatamente. O cliente ficará

muito satisfeito.

— Não vou fazer sexo — disse ela. — Isso não é negociável.

— O que você faz com o seu tempo é entre você e o cliente, então você terá que negociar isso separadamente. O Club VIP não se preocupa com o que você faz no seu tempo, desde que as necessidades do cliente sejam atendidas.

— E se ele quiser sexo de mim?

— Como eu disse, o que acontece especificamente não é nossa preocupação. É entre você e o cliente.

— Você quer dizer eu e Matt Hunter.

— Srta. Montgomery, não sei de quem ou de que você está falando. Mas o que farei é contatar nosso cliente e entrar em contato com você com os próximos passos.

— Estou ansioso para ouvir de você sobre Matt Hunter — disse ela, agulhando-o novamente.

— Esse nome não tem absolutamente nenhum significado para mim, srta. Montgomery. Entrarei em contato em breve.

Ele desligou.

Abby deixou cair o telefone no colo e começou a rir, e continuou rindo por um longo tempo.

◆◆◆

FOUR SEASONS. Suíte na cobertura. Esteja lá em 1 hora.

Esse foi o SMS que ela recebeu de Will Hart, e agora Abby estava pegando o elevador até a suíte da cobertura.

Conseguiu trocar de roupa no carro sem que ninguém a visse, apesar de não ter sido a troca de roupa mais confortável.

Abby estava agora usando um vestido de festa curto preto e salto alto preto, um sutiã preto de renda e tanga por baixo.

Foi bastante estranho a rapidez com que ela se adaptou ao papel, uma vez que tomou a decisão de parar de lutar contra o Club VIP e apenas atender às suas exigências. Agora estava vestida como uma garota de programa.

Sua antiga vida estava se tornando cada vez mais estagnada, e muitas vezes nos últimos anos ela começou a se sentir muito mais velha do que sua idade cronológica indicava que deveria sentir.

Mas de repente sentiu sua idade, seus vinte e um anos serem selvagens e perigosos. Momentos depois, ela estava batendo na porta de um dos homens mais poderosos e não tinha ideia do que aconteceria a seguir.

Ele decidiria que não a queria depois de tudo?

Ele tentaria convencê-la a fazer sexo... e se ela não quisesse dizer não?

A porta se abriu e Matt Hunter estava diante dela vestindo uma camisa Armani preta com os primeiros botões desabotoados, revelando seu peito musculoso. As mangas estavam parcialmente enroladas, exibindo seus antebraços musculosos.

Abby ficou mais uma vez chocado com o poder de sua presença física, como se ele tivesse um campo de força ao redor dele que irradiava sexo e magnetismo animal.

— Então você decidiu aparecer depois de tudo — disse ele, olhando-a, mas não dando nenhum sinal de aprovação ou desaprovação em sua escolha de roupa. Ele se afastou e deixou que ela entrasse na enorme suíte.

Era de longe o quarto mais luxuoso em que ela já estivera. O cômodo principal era enorme, com vista para o horizonte da cidade pela janela. Na frente da enorme janela havia um piano de cauda e, perto disso, uma mesinha de vidro e algumas cadeiras que poderiam servir de recanto para o café da manhã. Ao redor de tudo isso havia lindas estantes de madeira cheias de livros ornamentados, um bar cheio e na parede perto do sofá e das cadeiras, uma gigantesca televisão de tela plana.

— Uau, isso é incrível — disse ela, olhando ao redor.

Matt fechou a porta do quarto do hotel e gesticulou para ela se sentar. Ela cruzou as pernas com cuidado, um pouco autoconsciente com a forma como o vestido subia por suas coxas.

— Bebida? — ele perguntou.

— Talvez mais tarde — disse ela.

— Eu acho que você deveria — respondeu ele, e atravessou para o bar onde ele serviu aos dois vodca tônica. Ele voltou e entregou-lhe a bebida e depois sentou-se na cadeira de couro preto em frente a ela.

Estou sentada na suíte da cobertura de Matt Hunter.

Sou a acompanhante de Matt Hunter.

Seu coração começou a bater mais e mais rápido, e agora ela estava feliz pela bebida em sua mão, tomando-o e notando a queimação no fundo de sua garganta quando desceu.

— O que acontece agora? — perguntou a ele. — Eu nunca fiz isso antes,

obviamente.

Matt a observava atentamente com os olhos castanhos e tomou um longo gole antes de responder.

— O que acontece agora depende de mim — ele disse a ela. — Você trabalha para mim.

— Eu trabalho para o Clube VIP.

Ele sorriu com força.

— Eu sou o cliente, Abby. E lembre-se, depois da maneira como você falou comigo ontem, estou te fazendo um favor. Uma ligação para Will, e poderíamos fazer do resto de sua vida um inferno.

— Você está me ameaçando agora?

— Eu estou apenas dizendo como são as coisas. Você precisa entender que o jogo mudou. Eu digo como as coisas são, não você. Esta não é uma parceria igual. Este é um acordo comercial.

— Eu não vou fazer sexo com você — ela desafiou, encontrando seu olhar e não vacilando.

Ele sorriu.

— Eu nunca disse nada sobre sexo. Não seja tão presunçosa.

— Uma acompanhante paga geralmente faz sexo, não é?

— Eu não sei, você terá que perguntar a uma delas. Tudo o que sei é que não é isso que estou pagando por você.

Estranhamente, Abby ficou desapontada com essa revelação. Ela disse a si mesma que não teria feito sexo com ele de qualquer maneira, que era uma coisa boa. Mas em algum lugar lá dentro, ela queria que ele tentasse fazê-la, precisava saber que ele a queria assim.

Isso a assustou. Isso a assustou muito, e agora ela estava confusa novamente. Seus sentimentos eram tumultuados, fora de controle. Como de costume, a presença de Matt a deixou completamente desconcertada.

— Então, pelo que você está me pagando? — disse, finalmente.

Matt se levantou e passou a mão pelos cabelos, incapaz de encontrar o olhar dela.

— A verdade é que não posso ter certeza de que você possa fazer o trabalho — disse ele.

— Não posso te dizer se posso fazer isso a menos que eu saiba o que é. — Ela segurou seu copo com força, esperando.

Ele finalmente olhou para ela.

— Peça desculpas — disse ele abruptamente.

— O quê?

— Coloque sua bebida aí e levante-se.

— Não tenho certeza de...

— Apenas faça isso, Abby.

Ela fez. Colocou a bebida sobre a mesa e se levantou, sentindo a testa transpirar enquanto engolia em seco.

— Por que estou me desculpando?

Ele olhou friamente para ela.

— Por desperdiçar meu tempo na festa.

— Me desculpe por desperdiçar seu tempo.

Ele se aproximou dela.

— Por aparecer no meu concerto sem aviso prévio.

— Sinto muito por isso — disse ela, seu peito apertando.

Ele se aproximou mais uma vez, e agora ele estava muito perto dela de fato.

— Por me chamar de fraude que toma o caminho mais fácil. — Sua mandíbula se contraiu quando ele disse isso.

— Sinto muito, não tinha o direito de dizer isso para você.

Ele olhou para ela, procurando seus olhos por mais.

— Não acho que você sinta.

— Serei o que você precisa de mim — ela sussurrou. E de repente seus mamilos endureceram e ela estava ficando molhada.

— Vamos ver sobre isso — Matt disse a ela, então se virou e tomou um gole de sua bebida, como se estivesse precisando de mais distância.

— Quando?

Ele se virou e a encarou novamente.

— Quando o quê?

— Quando vamos ver isso? — ela disse, propositalmente agindo de forma paqueradora, talvez até mesmo provocando-o.

Seus olhos se estreitaram.

— Quando eu disser que é hora.

— Eu não estou mais com medo — ela disse a ele. — Estou pronta.

— Oh, você está pronta? — Ele disse.

— Sim — Ela olhou diretamente para ele. Ela estava cansada do jogo, cansada de esperar para descobrir o que ele queria dela. Ela não aguentava mais.

Ele caminhou lentamente até o bar e baixou a bebida.

— Vá ao piano — disse ele.

— Ok, tudo bem. — Ela caminhou até o piano, e a cada passo, ela estava ciente de que Matt Hunter estava assistindo seu progresso. Ela se virou para olhar para ele.

— Não olhe para mim — ele ordenou.

Com o canto do olho, ela viu que ele estava arregaçando as mangas ainda mais.

Quando ela chegou ao piano, ele começou a andar em direção a ela. Ela podia ouvir seus passos e até senti-lo chegando mais perto.

— Eu quero que você coloque seus cotovelos no piano, incline-se sobre ele — ele disse a ela, sua voz mudou. Era baixo, rouco, rouco de raiva ou frustração ou ... talvez fosse simplesmente desejo.

— Você quer que eu...

— Incline-se sobre o piano, Abby. Faça isso agora.

Sua respiração ficou presa no peito. Até agora, ela não tinha realmente cruzado essa linha, ela não tinha feito nada sexual em troca de dinheiro. Mas se fizesse isso, ela estaria mudando tudo.

Eu serei uma prostituta.

Prostitutas fazem sexo por dinheiro.

Então o que eu vou ser?

Ela não sabia. Mas sabia que ela queria fazer isso. Ela estava animada, esse era o fato. E de alguma forma estranha que ela não conseguia colocar palavras, ela confiava em Matt Hunter.

Além disso, a decisão já havia sido tomada quando ela chegou a essa suíte em seu vestidinho sexy.

Abby respirou fundo devagar e depois se inclinou sobre o piano, apoiando os cotovelos na superfície negra e brilhante.

— Agora, empine a bunda — disse ele, e estava ainda mais perto. Ela instintivamente virou a cabeça para olhar para ele, querendo saber onde ele estava e o que pretendia fazer com ela.

— Eu disse não olhe para mim. Desobedeça-me mais uma vez e vou te expulsar daqui e você nunca mais voltará.

— Sinto muito — disse ela com urgência. — Foi um acidente.

— Eu não me importo. Mantenha seus olhos para a frente. Fique em posição, pernas esticadas, cotovelos no piano.

Ela fez como lhe foi dito. A posição colocou um pouco de estresse em suas pernas e braços. Ela estava tremendo um pouco, seja por esforço, medo

ou excitação. Foi tudo de uma vez, ela percebeu.

— Da próxima vez, você fará o que eu digo quando digo, sem perguntas. Entendeu?

— Sim.

De repente, ela sentiu a mão dele conectando-se com as nádegas, uma bofetada no tecido fino do vestido.

Ela inalou bruscamente.

Matt Hunter tinha acabado de espancar seu traseiro. Ela resistiu ao impulso de virar a cabeça e olhar para ele novamente. Ele estava de pé diretamente atrás dela agora, e ela podia sentir o calor do seu corpo, embora ele não estivesse tocando-a ainda.

— Você tem algum problema com o que eu acabei de fazer? — Ele disse, sua voz áspera e formal.

— Não — ela sussurrou.

— Diga de novo, mais alto.

— Não — disse ela, sua voz rouca de emoção.

Ele bateu sua bunda novamente, mais forte desta vez. Doeu, mas também parecia... ela não podia colocar um nome para isso. Sua mente estava correndo. Nada disso havia sido esperado. Isso era tão estranho, tão completamente de lado de qualquer coisa que ela inventou em suas fantasias mais loucas.

Mas então ele espancou sua bunda novamente e ela percebeu que a palavra era realmente simples.

Estava bom.

Era incrível.

A dor era curta e aguda, e logo se desvaneceu para uma queimação que irradiava calor por todo o traseiro. Mas o jeito que ela se sentia quando a mão dele fazia contato com o corpo dela era nada menos do que inacreditável.

Ela estava ficando excitada, e não sabia se era isso que ele queria ou não. Mas isso estava acontecendo, no entanto.

Deu um tapa na nádega direita e depois a esquerda.

Ela podia ouvir sua respiração agora, enquanto sua mão esquerda segurava seu ombro nu, e então com a mão direita ele a remava para trás com a mesma força consistente.

Seus tapas eram rítmicos, pulsando em sua bunda, e quando a mão dele segurava sua bunda às vezes, ela podia sentir seus dedos se aproximando da sua boceta.

Ele sabe como eu estou molhada?

Ela não sabia. Tudo o que ela sabia era que ele estava a espancando. Matt Hunter, com seus braços fortes e seu aperto de aço, estava lhe dando uma surra.

Ela havia sido malcriada.

Abby sentiu-se mais desinibida a cada segundo. Ela gemeu, um gemido incontrolável que veio do fundo de sua garganta.

Ele espancou sua bunda novamente, apertando-a com força, e ela gozou inesperadamente, flexionando os quadris. Quando gozou, seus gemidos ficaram mais altos, ondulando através do silêncio da suíte da cobertura.

— Ah, caramba — ela sussurrou, quando ele a soltou e se afastou.

— Eu acho que é o suficiente para esta noite — disse ele, sua voz soando desanimada. Ele caminhou de volta para o bar e pegou sua bebida quando Abby se levantou, puxou a saia, tentou encontrar sua postura.

Ela estava com medo de olhar para ele por muitas razões diferentes agora.

— Você está com fome? — ele perguntou.

— Com fome?

— Vou pedir serviço de quarto. — Matt sorriu para ela, seus olhos um pouco mais gentis. E então ele estava no telefone do hotel, pedindo o que parecia uma festa.

Quando ele desligou o telefone, ele olhou para ela novamente.

— Porque você não toma banho e eu avisarei quando estiver pronto.

Ela apenas olhou para ele.

— Vá em frente — disse ele. — Aproveite a banheira, vale a pena o preço da diária.

Abby suspirou, disse a si mesma para não pensar muito, não para questionar. Por enquanto, ela deveria apenas fazer o que ele disse. E então ela entrou no enorme quarto e, em seguida, fez o caminho para o banheiro principal, que literalmente era surpreendente.

Ela achava que parecia algo que o rei e a rainha da Inglaterra teriam usado em casa.

Quando fechou a porta do banheiro e, em seguida, começou a correr a água na banheira profunda que realmente se parecia com uma pequena piscina, Abby teve que admitir que ela poderia se acostumar com esse tipo de vida.

◆◆◆

ESTAVA DEITADA na banheira por quase vinte minutos, permitindo que a água quente aliviasse suas nádegas vermelhas. Olhando para si mesma depois, no espelho, ela pôde ver a vermelhidão e, ao tocá-la, achou-a sensível.

Mas também a excitou. Isso a fez lembrar do jeito que ele a levou, do jeito que a mão dele tinha batido contra sua carne, e então quando ele segurou suas nádegas, como isso desencadeou um poderoso orgasmo.

Nenhum homem jamais a tocou daquele jeito.

Abby se vestiu novamente com a mesma roupa, desejando ter uma muda de roupa. Quando estava pronta e apresentável, ela saiu do banheiro e encontrou Matt descobrindo várias bandejas grandes de comida que o serviço de quarto deve ter trazido enquanto ela estava de molho.

— Pronta para comer? — perguntou, olhando para ela.

— Claro — ela deu de ombros.

Ela não sabia o que estava acontecendo, era completamente novo e surreal.

— Temos filé mignon, confit de pato, atum, verduras mistas, risoto de batata-doce e purê de batatas com alho. Acho que uma dessas coisas será do seu agrado.

— Tudo parece incrível — ela disse.

— Venha, sente-se — disse ele, e fez sinal para ela se sentar no que servia como a mesa da sala de jantar. Ainda podia olhar pela grande janela panorâmica e ver a cidade lá fora, toda iluminada.

Matt Hunter estava servindo-a. Ele perguntou-lhe o que ela queria tentar primeiro, e ela escolheu o filé mignon e os legumes mistos. Ele colocou tudo em um prato para ela, serviu-lhe um copo de água de um jarro alto, e então se sentou em frente a ela e comeu com gosto.

Ele parecia relaxado, como uma pessoa diferente. A intensidade não estava mais na linha de frente, embora ela sentisse que estava à espreita no fundo. Ainda assim, a impressão que teve foi que ele não queria ter nenhuma conversa pesada durante a refeição.

Eles discutiram seus próximos shows no TD Garden, e ele falou um pouco sobre a logística desafiadora de fazer uma turnê tão grande com tanto dinheiro na linha. Havia muita pressão sobre ele, claramente, e quando ela perguntou como ele poderia parecer tão calmo e por que não havia

telefonemas constantes entrando, ele admitiu que tinha desligado o celular pouco antes de ela chegar.

Ela se sentiu especial estando lá com ele, só os dois nessa bolha privada.

Matt Hunter era charmoso, fácil de falar, e ele parecia ser extraordinariamente gentil e pensativo quando queria estar.

Foi só quando a refeição acabou que as coisas de repente se tornaram estranhas novamente.

— E agora? — Ela perguntou, limpando os lábios com um guardanapo.

Matt inclinou a cabeça.

— Agora, temos sobremesa, se você quiser.

Ela riu, corando um pouco.

— Quero dizer, quando terminarmos aqui. Quando eu sair, você ligará para Will e lhe dirá que chegamos a um acordo?

— Will sabe, foi ele quem organizou isso. — Matt empurrou o prato para longe e mudou de posição em seu assento. — Não tenho motivos para entrar em contato com ele.

— Ah, tudo bem. Eu só quero ter certeza de que ele vai entrar em contato com o meu antigo patrão e senhorio e dizer-lhes para me deixar voltar — disse Abby.

Matt limpou a garganta e levantou-se então, tirando uma chave do quarto de hotel do bolso e colocando-a na mesa diretamente na frente dela.

— Isso não será necessário — disse ele.

— Eu não entendo. O que é isso?

— É a chave da minha suíte — disse Matt simplesmente.

— Mas por quê?

— É onde você vai ficar agora — Matt disse a ela. — Comigo.

Ela sentiu uma sensação estranha, como água fria sendo despejada em sua cabeça, como se fosse desmaiar.

— Ficar aqui com você? — Ela balançou a cabeça. — Matt, meu contrato com o Club VIP é de duas noites por semana e dura apenas um mês. Isso é um total de oito noites.

Agora ele estava olhando para ela, como um predador que finalmente tem a presa exatamente onde ele quer.

— Sua concordância com o Club VIP é entre você e eles. Mas você e eu temos nosso próprio acordo, Abby.

— Eu nunca concordei em morar com você.

Seus olhos não vacilaram.

— Não acho que você entenda completamente, Abby. Eu tomei minha decisão. Esta noite você fez uma entrevista para uma posição comigo e eu decidi contratá-la. Você não faz as regras aqui. Eu faço as regras e digo que você está comigo agora.

Ele se virou e se afastou dela como se a conversa estivesse simplesmente terminada porque ele disse que tinha acabado.

— Eu não sou uma prisioneira — ela gritou para ele.

— Eu vou ser o juiz disso — disse ele, que estava indo embora de novo, e Abby ficou imaginando o que ele queria dizer e o que aconteceria com ela.

Fim da parte 01

A dívida

Livro 02

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Parte 02

ABBY esperava que Matt Hunter viesse até ela durante a noite.

Na escuridão do luxuoso quarto de hotel, Abby se deitou na cama macia e esperou. Esperou por ele, mesmo quando disse a si mesma que estava com medo do que Matt Hunter iria querer fazer com ela.

Ela ainda podia ouvir e até mesmo sentir o tapa contra suas nádegas, dado por Matt com a força mínima necessária para desencadear aquela estranha combinação de dor e prazer que Abby nem sabia que existia.

Mas ela sabia agora. Sabia e não conseguia se esquecer de nada disso.

Pensou no que diria se ele entrasse em seu quarto usando apenas jeans, sem camisa, músculos e pele nus brilhando na luz que entrava pela porta.

Ela fingiria não o querer. Seria capaz de agir com sarcasmo suficiente para mantê-lo à distância?

Ou suas defesas iam desmoronar, sem páreo para a necessidade de sentir a pele nua dele contra a sua própria — nada mais a não ser permitir que ele fizesse com ela o que quisesse, para se tornar sua completamente e sem reservas.

Não conseguia parar de repetir como se sentiu quando ele a espancou sobre o piano, a mão acariciando sua bunda, a sensação do orgasmo súbito que a atingiu, deixando-a gemendo e sem fôlego.

Ela queria esse sentimento de volta.

Ela o queria de novo e odiava que ele provavelmente soubesse disso.

Matt Hunter tinha todo o poder e ela não tinha nada.

Mas então Abby se lembrou de que estava deitada nesta cama king-size na suíte da cobertura do Four Seasons por uma razão.

Estou aqui porque ele me quer.

Esses pensamentos continuaram surgindo em sua cabeça enquanto ela esperava Matt reaparecer e ir até ela.

Mas a noite avançou e ele não veio. Finalmente, ela caiu no sono.

*

ABBY ACORDOU com a batida na porta do quarto.

Ela se sentou na cama, confusa, tentando se lembrar de onde estava. Instantaneamente, tudo a atingiu.

Estou na suíte da cobertura de Matt Hunter, ela lembrou. *Sou dele agora*.

Não, Abby. Matt Hunter não possui você. CLUB VIP não possui você. Se quiser, pode se levantar, ir embora e nunca olhar para trás.

Isso era realmente verdade?

Até onde iriam para tornar sua vida um inferno se os desafiasse de novo? Em questão de dias, eles a demitiram, a expulsaram do seu apartamento no porão e, de alguma forma, conseguiram até cancelar seu cartão de crédito.

Nada disso foi difícil para eles.

A batida estava mais alta agora.

— Abby, você está acordada? — Matt chamou através da porta.

— Sim — disse ela, limpando a garganta e puxando o edredom macio acima dos seios. Ela não tinha outras roupas, então dormiu de calcinha e sutiã. De alguma forma, saber que Matt veria tanto da sua pele a deixou simultaneamente nervosa, envergonhada e excitada.

Quando ele entrou, estava empurrando um carrinho que parecia ter sido levado até a suíte pelo serviço de quarto. O vapor estava saindo da tampa.

— Com fome? — perguntou a ela.

— Hummm... não sei. Acabei de acordar. — Ela passou a mão pelo rosto, piscando, esperando que sua aparência não estivesse horrível.

Matt se endireitou e olhou para ela. Ele não parecia mal. Pelo contrário, ele estava tão gostoso agora como sempre foi, talvez até mais. Estava usando short e simples camiseta branca; talvez até tivesse dormido com aquela roupa. Qualquer que fosse o caso, as peças mostravam bastante do seu corpo duro como pedra, seus braços musculosos e coxas que pareciam tão fortes quanto britadeiras.

Ela percebeu que estava olhando para ele e se forçou a desviar o olhar.

— Que horas são?

— Tarde o suficiente — respondeu ele. — Você deve se levantar e comer alguma coisa.

— Não tenho nada para vestir — disse ela, puxando o edredom para

cima novamente, já que tinha começado a escorregar.

Matt olhou para ela, que não pôde deixar de encontrar seu olhar penetrante. Seus olhos pareciam fixados na linha onde o cobertor encontrava sua pele nua. Ele talvez achasse que ela estava completamente nua sob o cobertor?

Ela sentiu o calor rastejar em seu estômago com o pensamento.

— Não se preocupe com roupas — disse Matt, finalmente. Ele se virou e puxou a tampa da bandeja de comida.

— Não me preocupar com roupas? Preciso de algo para vestir. Preciso ir ao meu carro, pelo menos, e encontrar algo adequado para usar.

— Pedi que entregassem um guarda-roupas novo para você — Matt declarou.

— Não entendo.

— Eu não tinha certeza sobre os tamanhos, então eles enviaram uma variedade de roupas para você escolher. — Ele começou a sair do quarto. — Por que não coloca o roupão que está no armário por enquanto?

— Humm ... oh ... tudo bem.

Ele já tinha ido embora, fechando a porta atrás dele.

Abby saiu da cama e foi até o armário, onde encontrou um roupão macio e colocou-o, apertando-o, antes de puxar o carrinho de café da manhã para perto da cama e sentar-se diante do substancial café da manhã que lhe fora entregue.

Havia delicados crepes com várias frutas e coberturas sobre eles e havia panquecas, rabanadas recheadas, ovos mexidos e bacon. Tudo estava delicioso, e Abby decidiu provar um pouco de tudo, já que aparentemente Matt havia trazido essa bandeja inteira para ela.

Ela não sabia o que fazer com nada disso. Sua mente ainda estava lutando para se acostumar com a ideia de que talvez ela realmente pudesse fazer isso.

Por que não? Por que não ficar com o lindo Matt por um mês, ser sua acompanhante e depois voltar para a vida normal, tendo vivido a fantasia de uma vida inteira e sendo paga para isso?

Enquanto comia, saboreando os deliciosos sabores, fechando os olhos e saboreando o café da manhã na cama, quase decidiu que talvez não tivesse que lutar tanto contra esse resultado.

Matt a intrigava de muitas maneiras. Ele era sexy, misterioso e, de certo modo, estava tratando-a melhor do que ela havia sido tratada há muito tempo.

Ah, é? Ele estava te tratando bem ontem à noite quando ele espancou sua bunda até ficar vermelha?

Abby quase engasgou com os ovos enquanto pensava sobre isso. Ela abaixou o garfo, tentou acalmar seus nervos. Era verdade que o que Matt tinha feito a ela na noite passada tinha sido absolutamente estranho, e ela não estava necessariamente orgulhosa que ele tinha feito isso com ela, mas Abby também não podia negar o fato real de que ela tinha gostado a cada segundo. disso.

Isso não foi direito, ela pensou, sua própria voz crítica não querendo deixar o assunto morrer.

Abby suspirou, sabendo que estaria em conflito por causa dessa decisão, não importando o que ela escolhesse fazer. Parte dela queria isso, queria ele e tudo o que vinha com ele, enquanto outra parte estava aterrorizada, com raiva e queria fugir o mais rápido possível.

Ela pegou o garfo novamente e começou a comer, cedendo à inércia. Por agora, era mais fácil ficar no curso que havia sido definido para ela.

Quando estava começando a ficar cheia, soou outra batida na porta.

— Sim — ela gritou.

— Sou eu — disse Matt. Ele entrou carregando o que devia ser uma dúzia ou mais de itens diferentes de roupas femininas. — Deixe-me saber do que você gosta e se usaria. Ah, também preciso do tamanho do seu sapato — ele disse.

— Tamanho do sapato?

Ele olhou para ela, aqueles olhos castanhos brilhando de malícia.

— Tenho uma equipe que cuida de guarda-roupa que pode me dar qualquer coisa que eu precise imediatamente, assumindo que seu gosto não seja de algo da mais nova linha de moda saindo das passarelas de Milão ou Paris. Na verdade, mesmo que seja isso que você goste, posso conseguir.

Matt gentilmente colocou as roupas na cama atrás dela.

— Você não precisa fazer tudo isso para mim — disse a ele.

— Este é apenas o começo do que vou fazer por você — disse ele, sua voz firme.

Ela olhou para ele, notando aquela cicatriz bonitinha acima da sobrancelha, e de repente se imaginou beijando-a suavemente, depois a bochecha, e depois aqueles lábios...

— Acho que vou experimentar algumas dessas coisas — Abby falou baixinho, tendo dificuldade em colocar as palavras para fora.

— Como está o café da manhã? — ele perguntou, examinando seus pratos de comida parcialmente comido com um sorriso sábio.

— Tudo está incrível — disse ela. — Embora não ache que eu tenha o tipo de apetite que você parece supor que tenho. Não tenho certeza se devo ficar lisonjeada ou ofendida com a quantidade de comida que você pediu para mim.

Entre as roupas que Matt havia colocado em sua cama, ela notou uma pequena pilha de papéis. Matt pegou os papéis casualmente e segurou-os em uma mão. Ele notou que ela olhava para os papéis e respondeu sua pergunta antes que ela a fizesse.

— Ah, isso — disse ele, segurando os papéis. — Imaginei que você gostaria de ler enquanto toma o café da manhã. — Matt jogou os papéis na bandeja ao lado dos pratos de comida, fazendo seus talheres tilintarem.

— O que é isso?

— Apenas alguns detalhes sobre o nosso acordo — disse ele. — Dê uma olhada enquanto você termina de comer e então podemos discutir se você tiver alguma dúvida. Mas tudo é bastante autoexplicativo — ele terminou, as mãos nos quadris. — Entendido?

— Ah, acho que sim. — Ela pegou os papéis, que tinham sido grampeados no canto superior direito e pareciam bem desgastados. Alguma da tinta nas páginas digitadas estava manchada.

A linha superior disse:

Deveres e Obrigações da Nova Contratada.

Seu estômago deu um giro lento e ela de repente perdeu o apetite.

— Quando terminar de ler e comer, pode escolher uma roupa que eu trouxe, e sair e se juntar a nós na suíte — Matt disse a ela.

— Quem somos nós? — perguntou ela, dominada pela velocidade com que as coisas estavam se movendo.

— O gerente da turnê e o gerente de estrada estará aqui discutindo detalhes para o show hoje à noite.— Ele deu-lhe um longo olhar. — Não se estresse — disse ele, como se pudesse dizer o quão ansiosa ela estava ficando com todas as notícias que ele estava despejando sobre ela. — Vai ser divertido.

E então ele saiu do quarto e fechou a porta novamente.

Abby pegou o maço de papéis grampeados e começou a ler. Era basicamente uma descrição do trabalho.

Seu trabalho começará hoje e vai durar quatro semanas

consecutivas. Ao longo dessas quatro semanas, você acompanhará Matt a cada cidade em sua turnê norte-americana, hospedando-se no mesmo hotel em que ele ficar. Matt pagará por toda a comida, necessidades, acomodações de hotel, transporte, etc. além de $ 5.000 dólares por semana para compensar o tempo que você estará passando fora de suas atividades normais durante a turnê. Além disso, receberá um pagamento de $ 1.000,00 para as duas noites da semana em que precisa fazer um trabalho especializado por meio do contrato VIP do CLUBE.

Já que Matt só fará uso de seus serviços especializados duas noites por semana, em todos os outros dias e noites, você o acompanhará como membro de sua comitiva. Durante esse período de inatividade, não precisará fazer nenhum trabalho especializado para o qual foi trazido aqui. No entanto, o seu profissionalismo e decoro será muito apreciado.

Para simplificar, se alguém lhe perguntar quem você é e o que faz na turnê, basta dizer que é a responsável pelas mídias sociais de Matt. Isso significa que você está encarregada de lidar com o Facebook, Twitter, Instagram e outras plataformas de mídia associadas do Matt.

Como Matt geralmente lida com sua própria mídia social, não precisa se preocupar com esses deveres. É só uma maneira fácil de responder a perguntas sobre sua razão de estar com Matt tanto tempo durante a turnê.

Abaixo está uma lista das cidades que você vai viajar para referência:

Depois disso, havia apenas uma lista de datas e cidades, e continuava por várias páginas.

Abby colocou os papéis de lado e saiu da cama.

Estava levemente revoltada com a eficiência comercial que Matt Hunter demonstrava ao trazê-la como sua escrava sexual pessoal. Parecia que ele tinha feito esse tipo de coisa tantas vezes antes que tinha tudo ajustado.

Ao mesmo tempo, não pôde deixar de calcular o dinheiro envolvido. Ela ganharia perto de trinta mil dólares para não fazer nada além de viajar por um mês com a maior celebridade do mundo, assistir a shows incríveis, passear pelo país, ficar nos melhores hotéis e comer a melhor comida.

Isso era mais dinheiro do que ela normalmente ganharia em um ano inteiro como garçonete — um ano de trabalho duro e estressante. Trabalho que ela nem tinha no momento.

E sob os termos deste acordo, duas noites por semana, ela passava

tempo cara-a-cara com Matt Hunter, um homem que era tão atraente que as mulheres se jogavam a seus pés, rezando por uma chance de ter sua atenção.

Como poderia realmente dizer não a este acordo?

Por que consideraria dizer não a esse acordo?

Porque é feio e desrespeitoso com você como mulher.

Mas a voz dissidente não soava mais como a dela - parecia o que ela imaginava que as pessoas diriam se soubessem o que ela estava fazendo. E a questão era que Abby não pretendia que ninguém mais descobrisse sobre isso.

Ela ia fazer isso. Seria a acompanhante de Matt Hunter por um mês e nunca olharia para trás quando tudo terminasse.

Você não pode dormir com ele, Abby.

Obviamente, o sexo estava fora de questão. Além disso, Matt já deixara bem claro que não estava interessado em transar com ela.

Seus interesses estavam em outro lugar.

Os pensamentos de Abby eram um borrão quando ela começou a vasculhar as roupas que Matt trouxera para seu quarto. De alguma forma, ele descobriu exatamente os tipos de coisas que teria escolhido se tivesse todo o dinheiro do mundo e não tivesse restrições sobre o que poderia comprar.

Olhando para os tecidos, sabia que cada peça era de alto nível, caras, de estilistas famosos.

Experimentou uma calça preta justa Dolce e Gabbana que se encaixavam perfeitamente e um top Isabel Marant. Observando-se no espelho, Abby pensou que de fato se parecia com a namorada de uma estrela do rock.

Você não quer dizer acompanhante?

Seu coração batia mais rápido, quando ela se virou e olhou para si mesma de alguns ângulos diferentes. Parecia diferente. Nunca conseguiu comprar roupas bonitas, acessórios da moda, nada disso.

O que há de tão errado em tirar o melhor proveito de uma situação ruim? Ela não pediu nada disso, de fato tentou o seu melhor para fugir. Mas as pessoas poderosas tinham se assegurado de que ela não conseguiria escapar, prendendo-a tão facilmente quanto um gato brincando com um rato.

E agora ela estava começando a fazer as pazes com a situação.

Talvez você esteja começando a gostar um pouco demais.

Abby deu um sorriso fofo para si mesma no espelho, um tchauzinho, fingiu se virar e se afastar de alguns paparazzi. Ela estava gostando, e não iria

se desculpar por isso.

Ela fez o suficiente se desculpando por coisas que não eram culpa dela.

*

AO SAIR do quarto e entrar na suíte, Abby ouviu vozes; pessoas conversando alto, algumas risadas e depois mais conversas.

Foi estressante sair e encarar pessoas que nunca havia visto antes, pessoas conectadas ao mundo de Matt Hunter. O que pensariam quando a vissem? Como a tratariam, que tipo de perguntas fariam a ela?

Mas quando saiu do quarto, a coisa mais notável que ocorreu foi que ninguém lhe prestou atenção alguma.

Era como se ela nem existisse, fosse de fato totalmente invisível.

Matt estava descansando na grande cadeira de couro, enquanto um homem grande com um corte militar se levantava e falava em voz alta. O outro homem estava sentado no sofá, digitando em um iPad enquanto Matt e o cara com corte militar falavam um com o outro.

— Olha — o cara estava dizendo —, se a Courtney Taylor vai vir conosco na turnê, não podemos simplesmente atender a todos os seus pedidos. A garota é uma diva.

Matt olhou para Abby e depois para o homem em pé no meio da suíte.

— Já confirmamos que Courtney vai abrir para nós no Nordeste — Matt disse a ele. — Seu single está começando a bater as paradas e acho que devemos fechar com ela as demais datas, antes que ela estoure.

— Ela quer demais.

Matt deu de ombros.

— A produção vai pagar.

— Não, não vai. Já perguntei.

— Então vou pagar do meu bolso — disse Matt, sua mandíbula apertando.

— Matt...

— Eu disse, vou pagar se for preciso. Quero que esta seja a maior e melhor turnê. Vamos atingir todas as paradas com essa turnê, Kurt. Então apenas faça.

Kurt e Matt se encararam por um longo e tenso momento. Finalmente, Kurt se afastou, suspirando.

— O que quer que o homem queira, o homem consegue.

— É isso aí — disse Matt.

— Vamos Bruce — disse Kurt, apontando para o homem digitando no iPad. — Temos muito a fazer antes do show de hoje à noite.

Bruce piscou como se acordasse de um sonho. Ele se levantou e então viu Abby.

— Oh, ei, eu sou Bruce Donner — disse ele, estendendo a mão e caminhando em direção a ela. — Sou o gerente da turnê de Matt.

— Oi, sou Abby Montgomery — disse Abby, apertando sua mão e sorrindo.

— Você vem para o grande show hoje à noite, Abby?

— Eu-eu acho que sim... — ela olhou para Matt, que apenas assentiu.

— Que bom — disse Bruce.

Kurt já havia saído, sem se incomodar em sequer reconhecer sua presença.

Um momento depois, os dois homens se foram e a porta bateu atrás deles.

Matt estava fora da cadeira agora e em seu telefone.

— Hey, Courtney, é Matt. — Ele fez uma pausa, dando alguns passos, virando as costas para Abby. Ele ouviu e riu, um som alto, quase forçado em sua voz. — Totalmente, totalmente. Ouça, está tudo bem. Acabei de falar com o meu gerente e ele vai lidar com o que você pediu. Queria que você soubesse que vamos cuidar de você pessoalmente, ok? Se alguém lhe der problemas, apenas me ligue... sim, sim. — Ele riu novamente. — Te vejo hoje à noite. Tchau.

Abby estava de pé se sentindo desajeitada, de braços cruzados, imaginando o que deveria estar fazendo. Matt nem parecia querê-la por perto. Há pouco tempo, ele estava trazendo seu café da manhã na cama e roupas de grife, e agora estava agindo como se ela não existisse.

Matt desligou o telefone e Abby esperou que ele falasse com ela.

Mas ele estava olhando para o telefone novamente, mandando uma mensagem.

— O que devo fazer agora? — perguntou a ele.

— Hã? — ele perguntou, nem mesmo olhando para cima de seu telefone.

— Eu disse, o que acontece agora? O que você quer que eu faça?

Matt finalmente olhou para ela, sua expressão vaga.

— Faça o que quiser, Abby. Não sou sua babá.

Ela sentiu uma pontada de constrangimento por sua repreensão, mas depois se transformou em aborrecimento.

— Você percebe que não tenho ideia do que você espera de mim? Estou aqui em seu quarto de hotel, usando roupas que você escolheu para mim, de pé e sendo ignorada como uma peça de mobília enquanto você e seus amigos discutem coisas sérias e importantes.

Matt sorriu, mas era um sorriso congelado sem muito calor.

— Não seja tão dramática — disse ele. — Está agitado agora, é a primeira parada da turnê e estamos resolvendo os problemas. Todo mundo está extremamente tenso e talvez você tenha percebido isso agora. Mas não ache que tudo gira ao seu redor, porque não gira, Abby.

— Não estou achando nada. Eu me sinto como uma idiota. Aquele cara totalmente me ignorou, agiu como se eu não estivesse nem no quarto.

— Aquele é só o Kurt. Ele está sob muita pressão.

— Ok, é só Kurt — disse ela, revirando os olhos.

Matt chegou mais perto dela, olhando diretamente para ela da maneira que parecia capaz de congelá-la no lugar. De repente, foi como se tivesse ligado um interruptor, e ele estava ali com ela de uma forma que ela nunca sentiu antes com mais ninguém.

Como se ela fosse a única outra pessoa no mundo que importava.

— Escute, eu não teria pedido para você ficar comigo se eu não te quisesse por perto — Matt disse suavemente. — Não se preocupe tanto com o que os outros pensam sobre isso, porque isso não é da conta deles. O que acontece entre você e eu só diz respeito a nós.

Ela assentiu.

— Ok. — Ela assentiu com a cabeça novamente, realmente tentando entender o que ele estava dizendo a ela.

Os olhos castanhos de Matt estavam mais suaves, mas ainda vigilantes.

— Você leu as diretrizes?

— As coisas sobre eu mentir e dizer às pessoas que eu sou responsável pela sua mídia social? — ela respondeu.

— Sim, essas coisas.

— Li — ela disse, deixando por isso mesmo.

— Bom — Matt disse a ela. — Só quero ter certeza de que você entende como tudo isso vai funcionar, Abby. Se você me ouvir, será o mês mais fácil, suave e divertido da sua vida.

Ela olhou para ele, não vacilando quando encontrou seu intenso olhar.

— Sim, é tudo muito simples — ela concordou, mas o sarcasmo em sua voz era aparente.

A mandíbula de Matt se contorceu um pouco e seus olhos castanhos ficaram mais intensos.

Eles se encararam por um longo tempo que Abby começou a se perguntar se algo mais iria acontecer. Matt estava perto o suficiente para fazer um movimento, e ela sentiu o desejo dele de fazer isso. Seus olhos estavam com fome, e o jeito que estava olhando para ela a fazia querer também.

Matt continuava dizendo que queria ter um relacionamento comercial com ela. Ele queria mantê-la por perto para poder usá-la quando precisasse. Isso é tudo, e Abby precisava se lembrar disso com mais frequência.

Ela se afastou dele, virando a cabeça e procurando outro lugar.

— Acho que está tudo certo, então — disse ela.

— Vamos para a arena em algumas horas para começar a montar tudo — Matt disse a ela. — Até então, você está livre para fazer o que quiser.

— Estou livre? Isso é novo vindo de você. — Ela não esperou pela resposta dele, mas, em vez disso, voltou para o próprio quarto. Enquanto ia, Abby estava desanimada. Se perguntando por que se sentia assim, ocorreu-lhe que apesar de tudo, ela ainda queria Matt Hunter, e não gostou disso nem um pouco.

*

SABENDO que Matt tinha um show naquela noite no Garden, em Boston, Abby passou as próximas horas se preparando.

Afinal, não havia muito mais para fazer enquanto esperava.

Tomou um longo banho, se depilou e usou todas as loções e perfumes que haviam sido deixadas para ela no banheiro.

Ela se mimava, sentindo-se culpada e fortalecida, nervosa e extasiada de uma só vez.

Quando terminou no banheiro, saiu e encontrou um guarda-roupa novo inteiro esperando por ela no quarto. Ele obviamente entrou no quarto quando soube que Abby estava ocupada por um tempo no banheiro.

Havia praticamente toda uma loja de departamentos criada para ela e só para ela.

Uma emoção passou por Abby quando ela começou a entender que Matt

Hunter estava fazendo tudo isso por ela. Ele queria que ela ficasse confortável, usando roupas bonitas, com sapatos lindos, se fosse disso que ela gostava.

Ou ele simplesmente não quer se sentir constrangido comigo em público?

Ok, isso era uma possibilidade, mas Abby não permitiu que isso a atrasasse. Ela passou quase uma hora apenas experimentando várias combinações de roupas, finalmente escolhendo vestido curto Fendi preto com mangas esvoaçantes de organza.

Matt também havia deixado uma grande caixa de joias na cômoda e, ao olhar para dentro, Abby encontrou colares e brincos absolutamente estonteantes de diferentes estilos e variedades.

Decidiu usar um colar de ouro branco e diamantes incrustados como complemento ao vestido. Abby não tinha ideia de quanto custava o colar, mas estava imaginando que algo em torno de cinquenta mil dólares.

Nos pés, usava um par de sapatos Christian Louboutin e escolheu uma bolsa Saint Laurent de uma variedade de bolsas que haviam sido deixadas em um grande estojo de couro no canto do quarto.

Quando Abby finalmente se vestiu, se olhou no espelho e ficou chocada com a mudança em sua própria aparência.

Pareço com um deles.

Praticamente a deixou sem fôlego. Decidiu que talvez a maior diferença entre uma “garota normal” e uma daquelas mulheres intimidadoras que Matt Hunter estaria interessado em namorar fosse simplesmente quanto dinheiro essas mulheres tinham. Se você tivesse dinheiro suficiente, você poderia obter o estilo e a beleza junto com ele.

Abby não tinha certeza se isso era bom ou não, mas tinha que admitir que gostava de se ver dessa maneira nova.

Alisando o cabelo, respirou fundo e então saiu do quarto e entrou na suíte.

Matt já estava lá, falando ao celular e olhando pela janela no horizonte de Boston.

— Sim, saindo em um minuto — disse Matt em seu telefone celular. — Encontro você no saguão, prepare o carro.

Ele vestia uma jaqueta de couro chamativa com uma camiseta por baixo e um par de calças jeans afiadas. Ele parecia absolutamente fantástico, como se ela o tivesse flagrado inadvertidamente no meio de uma sessão de fotos da

Vogue.

Mas não havia mais ninguém na sala - nenhum estilista, nenhum guarda-roupa, ninguém para fazê-lo parecer tão bom. Matt simplesmente era tão bonito, e ele estava tão deslumbrante dentro ou fora das roupas que ele vestia.

Matt se virou quando ela entrou no quarto, seus olhos se abriram momentaneamente quando ele a viu no novo traje que ela usava.

— Kurt, tenho que ir agora. Vejo você em um minuto. Ele desligou o telefone, ainda olhando para ela.

— Oi — disse ela, sorrindo timidamente. O jeito que ele estava olhando para ela a fazia se perguntar se havia escolhido a roupa errada.

— Oi — ele respondeu caminhando em direção a ela. — Você parece... — ele balançou a cabeça.

— Escolhi errado?

Ele balançou a cabeça novamente.

— Acho que estou sem palavras.

— Isso parece raro — Abby disse, sentindo suas bochechas corarem.

— É raro — respondeu ele.

Houve um momento silencioso de ambos apenas olhando um para o outro, e embora devesse parecer estranho, de alguma forma, não era.

Mas depois, depois de algum tempo, Abby não pôde mais olhar para ele. Ele era realmente muito bonito, e seus olhos eram muito penetrantes, fazendo-a se sentir nua e vulnerável.

Queria agradá-lo e isso não fazia sentido, porque isso era puramente um acordo comercial. E nem mesmo uma que ela pediu para estar.

— Vamos sair agora? — ela perguntou, limpando a garganta e tentando parecer profissional. Ela estava no comando de sua falsa mídia social, afinal.

— Você parece ansiosa para ir — Matt respondeu, observando-a de perto. — É tão ruim estar aqui sozinha comigo por um minuto ou dois?

— Não, não é isso — ela disse, sua respiração ofegando quando ele se aproximava.

— Então o que é? Diga-me, Abby.

— Algo na maneira como você diz meu nome, não sei se eu gosto disso.

— Você não gosta de como eu digo seu nome?

— É como ... como se você pensasse que me conhece. — Ela virou a cabeça, e agora Matt se aproximou ainda, sua respiração quente em seu pescoço enquanto olhava para ela, e ela podia sentir a necessidade vindo dele.

— Talvez eu conheça — disse ele. — Talvez seja por isso que eu te

deixo tão nervosa.

Apenas me beije, ela pensou. *Seria muito mais fácil se você fizesse isso, e então eu poderia parar de pensar se você realmente gosta de mim mesmo.*

— Não acho que você me conhece tão bem quanto você pensa — ela disse a ele.

— Há algo em você que eu não consigo entender — ele admitiu, seus olhos castanhos procurando por respostas.

— Eu não sou tão complicada — disse ela.

— Não minta para mim, Abby.

— Tudo bem. — Ela encontrou seu olhar, baixando a guarda por um momento. — Talvez eu seja complicada. — Agora ela estava procurando seus olhos também, e ele a deixou. — Mas você também é, Matt. E não do jeito que todo mundo pensa. Não é só o que eles falam na TV e nas revistas. Você já passou por coisas que ninguém consegue entender e que você se certifica de que ninguém mais saiba.

Ele não respondeu no início. Permitiu que sua declaração não fosse contestada.

Estavam se conectando de alguma maneira estranha. Ela podia sentir isso tão fortemente e sabia que Matt também podia. Viu dor em seus olhos, uma dor tão forte, tão fresca que quase a fez querer beijá-lo para curar o que ele estava sentindo.

E então Matt finalmente se afastou, passando a mão pelo cabelo.

— Hummm… sim. Devemos ir ou Kurt vai ficar irritado.

— Não queremos isso — disse ela sarcasticamente, sentindo que uma oportunidade tinha sido perdida.

— A limusine está esperando, Abby. Vamos lá, não queremos nos atrasar para o grande show. — Ele se virou e foi até a porta, abrindo-a para o corredor.

Na saída do hotel, havia uma parede de paparazzi tirando fotos e gritando perguntas e comentários que pareciam projetados para chamar a atenção de Matt.

— Matt! Matt!

— Aqui, Matt!

— Matt, como você se sente em relação a Boston? Você gosta das pessoas daqui?

— Alguma nova mulher em sua vida, Matt?

— Sorriso! Sorriso, aqui!

As chamadas e gritos eram tão frequentes que Abby foi pega de surpresa pela intensidade e fúria de tudo isso. Havia fãs implorando por autógrafos, garotas gritando e chorando, e havia a falange de guarda-costas fazendo uma pequena caixa de proteção em torno de Matt, enquanto Abby, Bruce e Kurt se arrastavam atrás dele.

Os quatro conseguiram entrar na limusine, que prontamente decolou, sendo escoltados por carros da polícia enquanto se dirigiam para o Garden.

Dentro da limusine, Matt estava quieto, aparentemente perdido em pensamentos. Kurt no telefone gritando com alguém sobre a iluminação, e Bruce estava em seu iPad, digitando.

Ninguém falou um com o outro no caminho para o local.

Bem-vinda ao passeio, pensou Abby.

*

AINDA QUE A VIAGEN tenha sido estranha, nada poderia ter preparado Abby para o quão esmagador seria quando chegassem ao local.

Estacionados ao lado do Garden, havia mais de uma dúzia de caminhões semi reboques com o nome e o rosto de Matt estampado neles. E havia os ônibus de turnê, gigantescos veículos que transportavam a banda de cidade em cidade, com os trailers presumivelmente seguindo adiante, como uma bizarra caravana itinerante.

A quantidade de pessoas e equipamentos envolvidos era espantosa, e rapidamente ficou evidente para Abby quanta pressão havia nos ombros de Matt.

Tudo isso era sobre ele. Ele não tinha outros membros da banda para arcar com o fardo, para tirar um pouco do peso. Os milhões e milhões de dólares que estavam sendo gerados por essa turnê estavam acontecendo por causa dele, e se ele de alguma forma falhasse, não havia mais ninguém para culpar.

Não só estavam ganhando milhões e milhões de dólares no decorrer da turnê - agora estava claro para Abby que também estavam gastando milhões de dólares.

Todas essas pessoas estavam sendo pagas por Matt. Todo esse equipamento, os veículos, o trabalho, a comida, o seguro, o marketing e a publicidade, além de pôsteres e anúncios de televisão - tudo isso vinha dele.

Claro, Matt ia ganhar muito dinheiro cantando algumas horas por noite.

Mas muito mais estava acontecendo, além de apenas o desempenho noturno. E agora que Abby estava dentro da bolha com Matt, estava rapidamente percebendo que não era o que ela imaginava que fosse.

Dentro da arena, ela fez o seu melhor para ficar fora do caminho, mantendo-se perto de Matt sem realmente tornar sua presença totalmente conhecida. Porque ele a queria com ele, não sabia, já que ele praticamente a ignorou enquanto se movia de um local para outro, nunca parando por muito tempo.

Kurt estava sempre por perto, falando ao telefone e dando ordens a várias pessoas que trabalhavam na turnê. Ele parecia sempre frustrado, constantemente no limite, dizendo a alguém que o que estavam fazendo não era bom o suficiente.

Mas, por mais confusa e chocante que parecesse ser repentinamente colocada nesse estranho mundo novo, sem saber seu papel ou o que deveria estar fazendo além de seguir Matt Hunter de um lugar para outro — nada era tão estranho quanto Courtney Taylor.

Aconteceu algumas horas depois de chegar ao local.

Ainda estavam nos bastidores antes do show, e todo mundo estava andando por aí. Havia músicos, cantores de apoio, dançarinos, técnicos, roadies, publicitários, camareiras e segurança em um só lugar.

Abby ainda seguia Matt por aí como um cachorrinho perdido, atrás dele, invisível para todos, enquanto ele respondia perguntas, falava ao telefone, dava minientrevistas e gravava peças promocionais para várias estações de rádio.

Quando tiveram uma pausa, Matt perguntou se ela estava com fome.

— Faminta — admitiu Abby.

— Você pode comer quando quiser — disse Matt. — Não precisa esperar que eu te ofereça.

— Ah, tudo bem. Eu só não tinha certeza do que deveria estar fazendo.

— Vamos, vamos pegar um prato para você — disse ele, trazendo-a para as mesas repletas de todos os tipos de alimentos preparados. Ele a surpreendeu fazendo o prato para ela, perguntando o que ela gostava e depois distribuindo partes dele, fazendo Abby se sentir bem.

E então Abby se perguntou por que ele estava sempre agindo quente e frio. Um momento, ele agia como se fosse seu namorado apaixonado, no dia seguinte era como se ele não soubesse o nome dela.

Entregando-lhe o prato, Matt sorriu para ela.

— Coma, relaxe. Sei que tudo isso parece totalmente estranho agora. Mas em uma semana você sentirá como se tivesse feito isso a vida toda.

— Isso é uma coisa boa? — Abby perguntou, pegando um mini cachorro-quente embrulhado em bacon e colocando-o em sua boca.

— Depende — disse Matt.

— Depende de quê? — Abby perguntou, depois que engoliu sua comida.

Mas Matt não teve chance de responder, porque de repente Courtney Taylor chegou ao local.

Todos notaram.

Não era porque todos sabiam quem ela era. Courtney Taylor não era uma grande estrela, certamente não no nível de Matt. Mas no momento em que ela entrou na sala, Abby sentiu como se tivesse sido eclipsada, enquanto a atenção de Matt se voltava para Courtney, como se ele tivesse esquecido que Abby estava lá.

Abby entendeu o porquê.

Courtney começou a rir, girando em seu vestido dourado brilhante com lantejoulas, o vestido grudando-se firmemente a sua figura atlética. Ela falava com todo mundo — todo mundo mesmo — e no momento em que ela estava ao alcance, seus olhos se fixavam nos deles e então os atingia com seu sorriso brilhante e deslumbrante. Aqueles grandes olhos verdes dela se iluminariam como se ela achasse que quem estava na sua frente quem estava na sua frente era a pessoa mais fascinante do planeta.

Os cabelos loiros de Courtney caíam em cachos por seus ombros, e sua pele era bronzeada e perfeita, como se tivesse sido fotografada para a perfeição na vida real. Seus lábios eram macios e em forma de coração, seus olhos bonitos, cercados por sombra escura que compensava seu cabelo loiro brilhante e lábios rosados.

Courtney era feminina, sedutora, fofa e simpática. Mas um momento depois ela podia ser sexy, tocando alguém com aquelas mãos delicadas e eles instantaneamente corariam, mulheres e homens.

No momento em que a estrela emergente se aproximara de Matt, ele já estava paralisado por ela.

— Escrevi uma música sobre você — foi a primeira coisa que Courtney disse ao se aproximar dele.

Matt riu.

— Você escreveu uma música sobre mim?

Ela assentiu, piscando os olhos para ele, franzindo os lábios. Ela colocou as mãos nos ombros dele com o tipo de familiaridade que sugeria tê-lo conhecido intimamente.

— Escrevi antes mesmo de saber que faríamos essa turnê juntos.

Abby quase engasgou com um mini cachorro-quente.

Courtney olhou para ela, uma sobrancelha erguendo-se curiosamente.

— Quem é você? — ela perguntou. — Não é a nova namorada de Matt, espero.

Abby teve vontade de dizer que isso era exatamente o que ela era, só para ver as reações de Courtney e Matt. Em vez disso, apenas sorriu.

— Sou sua social mídia... hum... a pessoa que cuida disso.

— Oh — Courtney riu. — Sei. — Algo em seu tom era irônico sem ser óbvio sobre isso.

— Sim, sou — disse Abby, captando o olhar de Matt.

Ele parecia aborrecido.

— Fico feliz por você não ter dito que vocês dois eram um casal — Courtney disse, girando para longe de Matt, balançando a bunda provocativamente. Todos estavam olhando para o espetáculo agora. — Eu tive a maior paixão por ele desde o seu primeiro single. Estava tipo, aquele cara pode escrever uma canção de amor como ninguém.

— Eu co-escrevi essa música com Evan Daniels — Matt lembrou Courtney.

— Você escreveu as palavras, não é?

— Sim. — Matt deu a Courtney um olhar orgulhoso que encheu Abby de ciúme.

— Foi o que pensei — disse Courtney. — Essas palavras, eu não conseguia parar de ouvi-las — disse Courtney. — A frase que dizia: 'Eu nunca vi o seu rosto até que você a visse' foi como - totalmente devastador, da melhor maneira.

— Uau — disse Matt. — Sou um grande fã seu também. Por isso me esforcei para te trazer até aqui.

Abby ficou parada ao lado de Matt Hunter, segurando seu prato de comida que esfriara, observando duas super estrelas formando o que parecia ser uma conexão amorosa para acabar com todas as conexões de amor, e ela sentiu um buraco no estômago que era do tamanho do Grand Canyon.

Ela estava bem ao lado dele, então era quase como se Courtney estivesse olhando para ela também, praticamente podia sentir o que Matt deveria estar

sentindo enquanto essa megera sensual girava sua teia de flerte e sedução, atraindo-o para suas garras.

— Jura? — Courtney perguntou, parando por um momento, olhando para ele como se ele fosse Sir Galahad, seu cavaleiro de armadura brilhante. — Eu amo um homem que faz de tudo quando quer algo ou alguém.

— Eu acho que eu sou o homem para você — Matt riu.

— Oh, eu nunca duvidei disso — Courtney respondeu, sorrindo, e então ela se aproximou dele novamente. — Eu deveria tocar minha música — ela disse a ele.

— Claro, talvez na passagem de som.

Abby poderia dizer que o pensamento de Courtney tocando uma música para ele deixou Matt desconfortável. E naquele momento, sua própria frustração em ser ignorada em favor deste encontro sexual e musical fez Abby agir impulsivamente.

— Você deveria tocar agora — disse Abby a Courtney.

— Você acha? — Courtney perguntou a ela.

— Sim, definitivamente agora.

Matt deu a Abby outro olhar que poderia ter matado, mas ela o ignorou.

— Aki, ouviu isso? — Courtney disse, estalando os dedos e virando a cabeça para olhar para um pequeno homem japonês que estava de pé a poucos metros atrás dela.

— Devo pegar o seu violão? — ele perguntou a Courtney, sua voz denunciando um leve sotaque.

— Por favor — ela disse suavemente, mas com firmeza. Aki saiu correndo e Courtney se virou para Matt, seus olhos brilhando novamente.

— Eu me sinto como uma criança em seu primeiro recital.

— Você sabe, eu deveria fazer um vídeo disso e postar no Facebook — anunciou Abby, surpreendendo até a si mesma.

Matt se virou e olhou para ela, seus olhos escuros.

— Não, acho que isso deve ser mantido em sigilo.

— Oh, é uma ótima ideia! — Courtney ofegou.

— Sim, bem, sou sua coordenadora de mídia social, afinal — lembrou Abby. Ela se sentiu orgulhosa de ter adicionado “coordenadora” no final do seu cargo. Soou muito mais oficial.

Matt olhou para Abby, sua mandíbula enrijecendo.

— O que você está fazendo?— Ele disse suavemente.

— Meu trabalho — ela respondeu facilmente. Então Abby pegou o

telefone e colocou no vídeo, quando Aki voltou correndo com o violão. Ele se ajoelhou e abriu o estojo, revelando um violão que brilhava como se tivesse sido incrustado com milhões de minúsculos diamantes. Aki levantou a guitarra do estojo como se estivesse manuseando uma relíquia sagrada, entregando-a a Courtney, que a pendurou por cima do ombro e deu-lhe uma rápida batida.

Agora Courtney estava olhando para Matt como se ele fosse um anjo descido do céu, seus olhos suaves e amorosos.

Abby começou o vídeo em seu telefone e começou a gravar a cena, passando de Matt para Courtney e de volta para Matt novamente.

— Escrevi essa música para você — Courtney disse para Matt, — porque suas palavras me inspiraram, porque sua alma é pura e posso sentir seu coração quando toco.

Era difícil ver essa mulher tentando seduzir Matt tão abertamente, e ainda mais doloroso pensar que poderia estar realmente funcionando. O único consolo que Abby tinha era que Matt estava realmente furioso com ela por tê-los filmado, mesmo que ele estivesse se escondendo bem.

E Abby pensou que se ela não o impressionasse como Courtney, ainda poderia impressioná-lo de outras maneiras. Houve um estranho prazer em saber que Matt havia perdido um pouco do seu precioso controle sobre a situação, mesmo que apenas por um momento.

Courtney começou a tocar sua música para Matt, e até mesmo Abby, em sua frustração, teve que admitir que era uma música cativante. Instantaneamente, Courtney Taylor transformou-se de colegial ferida em uma linda sereia, seu corpo se movendo no tempo com seu gracioso dedilhado. A voz que saiu dela era perfeita, sensual, ecoando pela sala sem esforço, e ninguém mais se mexia ou falava enquanto ela cantava.

Ela estava cativando a todos.

A música era algo sobre ver alguém de longe, sabendo que você nunca poderia tê-lo, que aquela pessoa nunca seria sua. Courtney cantou direto para Matt, nunca afastando o olhar. Ela sorriu conscientemente enquanto cantava o refrão.

“Nenhum outro lugar pode me trazer aqui, ninguém mais pode me trazer aqui, o jeito que você me mata com seus olhos, o jeito que você me deixa satisfeita. Eu sempre vou lembrar disso. Eu sempre lembrarei disso” a voz de Courtney cresceu.

Matt, por sua vez, levantou-se e observou-a, conseguindo emitir apenas

a aura certa de sensualidade natural enquanto ouvia.

Courtney cantou para ele e foi perfeito, - e quando terminou, a sala explodiu em aplausos.

As pessoas na sala não eram novas neste negócio — muitas delas trabalhavam com isso há anos e estavam cansadas de tudo. Mas quando Abby deu uma olhada no celular para ver o vídeo da reação, ela teve que admitir que tudo parecia genuíno.

Eles testemunharam um momento mágico e todos sabiam disso.

Os aplausos duraram muito tempo e as bochechas de Courtney ficaram vermelhas enquanto continuavam. Ela fez uma pequena reverência para Matt e depois devolveu o violão para Aki.

Aki se ajoelhou e colocou a guitarra de volta no estojo.

Matt bateu palmas para ela também.

— Acho que você se superou, Courtney — ele disse a ela.

— Você provoca isso em mim, Matt. O que posso dizer? — Ela ergueu uma sobrancelha com conhecimento de causa. Então ela girou e saiu andando, seus quadris balançando conforme ela ia, seu vestido mostrando todas as suas curvas perfeitamente.

Matt se virou para Abby, seu sorriso desaparecendo.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou, baixo o suficiente para que apenas ela o ouvisse.

— Estou fazendo o meu trabalho — ela disse inocentemente.

— Esse não é o seu trabalho. — Seus olhos queimaram para ela.

— Estou no comando de suas mídias sociais, eu não poderia perder um momento como esse e ser considerada competente.

Ele estava prestes a dizer algo mais, mas Bruce apareceu com um enorme sorriso no rosto.

— Courtney Taylor é uma verdadeira estrela, não é?

— Eu te disse que ela era boa.

Bruce olhou para Abby.

— Notei que você gravou uma parte disso.

— Gravei tudo — disse Abby, levantando o queixo, apesar do olhar frio que ela sentia vindo da direção de Matt.

— Ótimo — disse Bruce. — Precisamos colocar isso online imediatamente. Isso vai se tornar viral.

— Envie esse vídeo para mim — disse Matt para Abby com a mandíbula cerrada. — Eu cuidarei disso.

— Não — Abby disse a ele.

— Não? — Seus lábios formaram um sorriso irado.

— Eu sou sua social mídia.

— Pare com isso, Abby — ele rosnou. — Tenho um show e um milhão de coisas para fazer, e não vou perder meu tempo discutindo com você sobre o seu emprego falso.

— Não vai ser falso — disse ela, olhando de volta para ele. — Porque eu realmente vou fazer isso.

— Não seja ridícula — disse Matt, balançando a cabeça. — Você não vai realmente ser responsável pela minha rede social.

Bruce pigarreou.

— Matt, ela tem razão.

Abby não podia acreditar que alguém estava realmente concordando com ela.

— Obrigada — ela sussurrou.

Matt passou a mão pelos cabelos.

— Ela tem razão, Bruce? Por favor me esclareça.

— Nós realmente deveríamos ter alguém além de você fazendo essas coisas. Já passou da hora em que alguém assumir esses deveres.

— Sabe de uma coisa? Tudo bem — Matt disse, acenando com a mão no ar. — Pegue as malditas senhas. Apenas me deixe fora disso. — E então ele se afastou e foi embora, abrindo caminho através das pessoas e desaparecendo pelo corredor.

Quando ele saiu, Abby olhou para Bruce, que sorriu suavemente para ela.

— Ele está apenas estressado — disse Bruce. — Não deixe isso te atingir.

— Tudo bem — disse ela. — Mesmo que eu ache que ele possa me odiar agora.

— Acho que ele gosta de você muito mais do que qualquer um de vocês percebe — disse Bruce. — Mas, de qualquer maneira, não se preocupe com isso agora. Deixe-me pegar as senhas das contas dele e você pode postar o vídeo. Apenas lembre-se de não dizer muito, Abby. Ele tem milhões de fãs e uma palavra errada pode desencadear uma tempestade de controvérsia.

— Não tenho que fazer isso — disse ela, se sentindo de repente nervosa com a pressão. — Vou enviar o vídeo para você, Bruce. Eu estava apenas sendo boba.

— Não — Bruce disse a ela, sua expressão séria. — Você vai fazer isso, Abby. Tenho um bom pressentimento sobre você.

E então ela finalmente sorriu, porque mesmo que as coisas com Matt estivessem uma bagunça e houvesse uma linda estrela pop pela qual ele pudesse estar se apaixonando, alguém realmente acreditava em Abby. E era bom.

*

DURANTE A PASSAGEM DO SOM, Abby tirou fotos e postou algumas das melhores na conta do Instagram de Matt, depois de checar com o Bruce. Bruce concordou com todas as que ela escolheu, e até disse a ela que ela tinha talento.

Se Matt ainda estava furioso com o que ela havia feito, não demonstrou. Estava muito ocupado cuidando dos detalhes para o show. Houve alguns problemas de iluminação e Matt e Kurt estavam claramente chateados com isso, tendo que se reunir com a equipe de iluminação depois de tocarem quase todas as músicas.

Matt era como o performer e o diretor, tudo em um, e Abby teve que admitir que era sexy a maneira como controlava tudo com facilidade.

Mesmo que ele estivesse tenso e talvez as coisas não estivessem organizadas perfeitamente, Matt sempre parecia que poderia fazer o trabalho enquanto dormia. Mesmo quando os outros estavam desarrumados, Matt estava impecável, nunca perdendo uma deixa, o ritmo, nem desafinando.

Abby ficou no palco, tirou fotos e agiu como se ele não soubesse que ela existia.

Ela sentou-se em um dos milhares de lugares vazios e logou no YouTube, Facebook, Twitter e Instagram para postar suas diferentes fotos e vídeos.

Ela já havia colocado o vídeo de Courtney fazendo serenata para Matt, e no curto espaço de tempo desde que foi publicado, já havia centenas de milhares de acessos. As pessoas estavam ficando loucas, assim como Bruce achava que ficariam.

Todo mundo adorou a música e as pessoas já estavam dizendo que os dois deviam estar se apaixonando.

Em pouco tempo, notícias já circulavam nos vários sites de tabloides de celebridades sobre como Courtney se apaixonara por Matt, que ainda estava

de luto por sua noiva, mas agora ela havia quebrado sua concha e ele talvez estivesse pronto para amar novamente.

Abby sofreu ao pensar que talvez o que os tabloides estivessem reportando pudesse realmente se tornar verdade. Talvez Matt realmente estivesse se apaixonando por Courtney, e quem poderia culpá-lo? A garota era talentosa, sexy e extremamente carismática.

Ao mesmo tempo, Abby sentia um estranho tipo de orgulho por ter tido os meios para capturar o vídeo da performance de improvisação, e que ela agora criou um vídeo viral que provavelmente teria milhões e milhões de visualizações.

Nada que Abby já fizera na vida poderia tê-la preparado para esse sentimento.

Matt Hunter tentou dar a ela algum título falso, de modo que ele não precisasse ser incomodado por pessoas questionando o papel de Abby em sua comitiva. Mas ela encontrou um jeito de fazer disso a verdade, e também estava orgulhosa disso. Ela realmente estava trabalhando como sua social mídia, e fazendo isso bem.

Quando as coisas se acalmaram, ela pegou um refrigerante e, quando voltou, ouviu Kurt ao telefone. Ele andava pelo corredor e falava com raiva em voz baixa, mas também podia estar gritando por quão claramente enfurecido estava.

— Você não entende — disse Kurt. — Estou lhe dizendo que precisamos de mais dinheiro. Temos Courtney Taylor em turnê conosco agora e estamos abrindo mais dez datas na programação. Não vamos conseguir fazer tudo isso com o mesmo orçamento. — Ele estava de costas para Abby quando ela virou a esquina, e sua cabeça estava curvada enquanto ele falava ao telefone.

— Eu já expliquei isso — continuou Kurt. — Ouça, idiota. Estamos em dívida com esta maldita turnê agora. Sabe quanto temos que desembolsar antecipadamente? Então estou pedindo mais apoio de… não, não, não. Você vai conseguir o que pedimos, a menos que você queira ver sua maior estrela entrar em falência.

Kurt desligou o telefone, depois se virou e viu Abby ali parada.

Ele ainda não havia dado um segundo olhar a ela até então, mas de repente, Kurt pareceu perceber que ela era uma pessoa real. Ele limpou a garganta.

— Merda de gravadoras — disse ele, balançando a cabeça com

desânimo. Suor brilhou no seu cabelo.

Abby sorriu, segurando seu refrigerante desajeitadamente enquanto eles estavam sozinhos no corredor, de frente um para o outro. Kurt a observava atentamente, e ela sentiu uma repentina e penetrante ansiedade.

— Deve ser frustrante — ela disse suavemente.

— Sim — Kurt sorriu. — Não mencione o que você ouviu para o Matt, ok? Ele já está estressado como está.

— Eu ... eu realmente não entendi nada do que você estava dizendo — ela mentiu.

— Era só negociações — Kurt disse a ela. — Ei, ouvi que você fez um ótimo trabalho com o vídeo. Eu continuo ouvindo coisas sobre isso. Trabalho impressionante.

— Obrigada!— Mas ainda assim, mesmo com seus elogios, a ansiedade penetrante não parou de pulsar em seu peito até que ela se afastou dele e saiu do corredor, de volta para a área do palco principal.

Quando ela se afastou do gerente da turnê, se perguntou como uma turnê tão bem sucedida poderia ter tanta dificuldade financeira. Talvez o cara estivesse apenas exagerando.

Mas de alguma forma ela não achava tão simples assim.

*

O concerto terminou antes que Abby percebesse. A coisa toda acabou, e ela conseguiu ver tudo depois do palco.

Os fãs gritavam tão alto que seus ouvidos ainda soavam de tudo - milhares e milhares de pessoas absolutamente enlouquecendo no momento em que Matt subiu ao palco.

Tudo correu perfeitamente, ninguém nunca teria sabido que havia todos os tipos de pequenos problemas com luzes e som no ensaio apenas algumas horas atrás.

E então Matt estava saindo do palco, banhado em suor após seu último bis.

As pessoas o cercavam, dando tapinhas nas costas dele, perguntando o que ele precisava, enquanto Abby estava por perto e tirava fotos.

Ele se libertou e foi direto para Abby, surpreendendo-a.

Ele olhou para Abby, sua expressão tensa com uma emoção mal disfarçada.

— Em cinco minutos, me encontre no meu camarim. Eu preciso falar com você em particular.

Seu coração se agitou em seu peito.

— Eu fiz alguma coisa...

— Você sabe muito bem o que fez — disse ele. E então se afastou dela e mais uma vez foi cercado.

Ela checou a hora no celular e foi tomar uma bebida perto da área de bufê, onde todos estavam em plena festa. Courtney Taylor estava lá, bebendo champanhe e parecendo corada de sucesso.

Courtney viu Abby e seus olhos se estreitaram.

— Ei, você é isso... você faz isso... como é mesmo a sua função?

— Coordenadora de mídia social— , disse Abby.

— Sim, isso — Courtney disse, estalando os dedos, suas palavras um pouco arrastadas. — Eu posso dizer que você gosta dele — ela continuou, como se não fosse uma coisa estranha para sugerir.

— Você pode dizer que eu gosto de quem? — Abby perguntou inocentemente.

— Você gosta de Matt — Courtney disse, sorrindo. — Eu não posso culpá-la. Todo mundo gosta do Matt. Mas ele tem uma reputação ruim. Ele é um mulherengo total. Tipo, trepa qualquer coisa que anda. Contrata garotas apenas para transar com elas e depois as manda embora no dia seguinte.

A cantora loira e bonitinha perdera todo o seu charme de repente, e Abby ficou surpresa.

— Eu não estou dormindo com ele — disse Abby, sua voz culpada e defensiva.

— Ainda não de qualquer maneira.

— Obviamente você estava apenas fingindo gostar de Matt — disse Abby.

— Eu gosto dele — Courtney disse, totalmente a sério. — Mas é diferente para mim. Eu estou no mesmo nível que Matt, então ele não me trataria como ele *te* trataria. — Ela tomou um gole de champanhe. — Só estou te dando um conselho.

— Sim, obrigada pela dica — disse Abby, então se afastou de Courtney Taylor tão rápido quanto conseguiu.

Abby pensou no que Courtney dissera sobre Matt. Alguma coisa disso era verdade? Ele talvez fosse demiti-la já?

Talvez ele tivesse decidido que já bastava. Talvez agora que ele

estivesse interessado em Courtney, ele expulsaria Abby da turnê para que ela não o envergonhasse na frente da garota que estava interessado.

Ou talvez ele a demitisse por ir contra sua vontade e filmar a improvisada serenata de Courtney Taylor nos bastidores.

Havia muitas razões para ele se livrar dela, e ela sabia que provavelmente era o melhor. Ela não pertencia a turnê com Matt Hunter. Ela realmente não pertencia a nenhum lugar perto dele.

Courtney Taylor deixara isso muito claro.

Abby bateu na porta do camarim de Matt, ainda abalada pelo que a jovem estrela pop havia dito a ela.

— Entre — Matt gritou.

Ela abriu a porta lentamente, vendo Matt tirando a camisa suada e jogando-a em um cesto no canto do quarto. Seus músculos das costas ondularam quando ele se virou e gesticulou para ela entrar.

— Feche a porta — ele murmurou.

Abby fez o que ele disse, fechando a porta e depois ficando de pé dentro da sala, hesitando em entrar mais. Quando ele a demitisse, seria muito mais fácil simplesmente abri-la e sair de novo.

Matt se endireitou, virando-se para ela agora. Seus músculos do peito se flexionaram e seus abdominais se apertaram enquanto ele caminhava em sua direção.

— O que você acha que está fazendo, me desafiando em público? — perguntou, sua voz um desafio.

— Eu, eu só... — ela gaguejou. Agora que estava sozinha com ele, sua confiança a abandonara.

— O que você estava só? — Ele disse, chegando ainda mais perto.

Abby ouviu seu telefone começar a vibrar na bolsa, mas ela ignorou. Ela engoliu em seco quando encontrou o olhar intenso de Matt.

— Eu queria ser útil. Não quero ser algum tipo de adereço.

— Você deveria ser exatamente o que eu te pago para ser.

— Eu sei — ela murmurou, pensando no que Courtney havia lhe dito. Na verdade, Abby quase repetiu para Matt naquele momento, mas algo a impediu.

— E se agora eu disser para você se inclinar e colocar as mãos na parede, você vai fazer isso — Matt disse sombriamente. — Vai me obedecer.

— E se eu disser não? — disse impulsivamente.

— Se você disser não, você está quebrando o nosso acordo. — Matt

levou dois dedos até seu rosto. — Duas vezes por semana, você é minha. Sempre que eu disser. E aí, você faz o trabalho real que foi trazido para cá.

Abby respirou fundo. O peito de Matt estava quase pressionando contra o dela, e seu rosto estava muito perto do dela. Ela recuou, suas nádegas batendo na porta quando ela fez isso. Matt se aproximou ainda mais agora, embora ele ainda não a tocasse.

— Estou bem ciente do nosso acordo — ela disse a ele. — Não entendo por que você está me lembrando disso.

— Porque você não está agindo como se estivesse ciente disso — ele disse e colocou um braço para fora e apertou a mão contra a porta, bem ao lado de sua cabeça, e então ele se inclinou para ela.

— Oh? Como estou agindo? — Ela disse, provocando-o.

— Como se você fosse minha maldita... — sua voz sumiu.

O telefone dela estava vibrando de novo.

— Eu deveria atender isso — ela sussurrou. — Pode ser importante.

— Acho que não — ele respondeu, e pegou a alça de sua bolsa, puxando-a do ombro e jogando a bolsa para o lado.

— Ei — ela gritou. — O que você está fazendo?

— O que eu deveria ter feito a partir do segundo que eu conheci você. — Ele pegou uma das camisas de um cabide nas proximidades. — Vire-se e fique de frente para a porta — ele rosnou.

— Eu não...

— Eu disse, vire-se. — O olhar em seus olhos era tão feroz e comandante que Abby imediatamente fez como ele disse, como se não tivesse escolha. Ao ficar de frente para a parede, percebeu que, em vez de sentir medo ou raiva por ele pelo que estava fazendo, estava realmente excitada.

Você quer isso! Ela pensou, chocada com seu próprio desejo. *Você realmente quer que ele a controle como um fantoche, lhe diga o que fazer. O que há de errado com você, Abby?*

Eu não sei.

E ela não sabia, não exatamente. Ela só sentiu um alívio estranho que Matt ainda a queria - ele estava aqui agora com ela, em vez de estar lá fora com Courtney Taylor ou qualquer uma das centenas de groupies à sua disposição.

Ele não a dispensou do jeito que Courtney disse que faria.

O pensamento de que ele a escolheu lhe deu um arrepio na espinha.

Matt agarrou seus pulsos e os juntou atrás das costas, e então o sentiu amarrar a camisa ao redor deles. Seus cotovelos estavam curvados de modo que suas mãos descansaram na parte baixa de suas costas, e seus pulsos estavam agora presos firmemente pela camisa de Matt.

Seu estômago e seios estavam pressionando contra a porta, a cabeça para o lado, a bochecha contra a porta fria também.

— Você acha que pode entrar na minha vida e brincar comigo? — Matt perguntou a ela.

— Não, eu...

Sua resposta foi interrompida por uma palmada na nádega direita. Ela inalou bruscamente quando a dor reverberou por toda a parte inferior do corpo. Parecia desencadear uma cascata de calor através da intimidade de Abby, e ela fechou os olhos e engoliu em seco.

— Responda — disse Matt.

— Eu não acho que posso brincar com sua vida.

— Mas você está — disse ele. — Eu lhe disse que você é apenas minha acompanhante, eu lhe disse que você seria bem paga para não fazer nada além de ficar comigo e esperar até eu precisar de você. Mas você conseguiu um pequeno emprego, tirou um pequeno pedaço da minha vida para si mesma, não é?

— Porque ee...

Outro tapa na bunda dela — desta vez o lado esquerdo. Ela lambeu os lábios e conteve um gemido. Sua vagina estava começando a ficar molhada, e ela tinha vergonha disso. De alguma forma, ele estava excitando-a, e ela não entendia como. Por que ela gostava disso? Por que se sentiu como se realmente quisesse?

— Diga que você gosta de foder com a minha vida — ele ordenou.

— Mas não é verdade.

Outra palmada, um pouco mais forte desta vez.

— Diga, Abby.

Ela queria sorrir, mas não o fez.

— Não, eu não vou dizer isso.

Ele bateu nas nádegas dela novamente, e ela sentiu uma pontada de prazer imediatamente em suas regiões inferiores, como se agora houvesse uma linha direta entre a mão dele entrando em contato com a bunda dela, e a maneira como sua boceta respondia.

— Me diga que você gosta de foder com a minha vida. Diz.

— Não.

Ele bateu de novo. E de novo. E de novo. Ele foi de um lado para o outro, os tapas ficando mais altos.

Ela estava suando agora, transpirando em sua testa. Cada vez que sua mão se encontrava com suas nádegas, ela grunhia um pouco e gemia ao mesmo tempo. Logo ficou rítmico, como se ele estivesse transando com ela.

— Ah, merda — ela murmurou, quando sentiu seus quadris de repente empurrados contra seu traseiro, sentiu sua dureza através do material fino de seu vestido. Seu pênis contra ela, tão duro, forçando seu caminho entre as nádegas dela momentaneamente. Seus lábios pressionaram contra sua orelha, seu peito empurrando em suas costas, as mãos em seus quadris.

— Você gosta de me deixar louco, não é?

Ela estava respirando pesadamente, e agora o orgasmo estava muito perto enquanto seu pênis estimulava sua vagina por trás. Ambos estavam vestidos e, no entanto, ele tinha esse efeito sobre ela - como se já estivesse dentro dela.

— Eu não... eu não sei do que você está falando — ela respirou pesadamente, mentindo.

— Mentira.— Ele se afastou dela e, em seguida, sua mão bateu em suas nádegas, primeiro batendo em uma e depois a outra. — Você. Sabe. Exatamente. O que. Você está. Fazendo. Tapa. Tapa. Tapa.

E então ela estava gozando, e era tão bom, tão bom que ela não podia controlar o quão alto estava gemendo, e ela gritou, gritou quando o tremor percorreu seu corpo e Matt pressionou contra ela novamente por trás, seu dureza protuberante empurrando entre suas nádegas pungentes mais uma vez.

Ele agarrou-a pelos quadris dela e bateu contra ela.

— Você me deixa louco — ele sussurrou. E então ele estava apenas perto dela, completamente colado a ela, seus lábios em sua orelha, sua respiração quente contra sua bochecha. — Você sabe que você faz isso comigo— , disse ele.

— Matt — disse ela, com os olhos fechados. — Matt

— Foda-se — ele sussurrou cansado. E então ele se afastou, desatando os pulsos dela. A camisa que os prendia caiu no chão a seus pés. Quando foi libertada, ela se virou para olhá-lo.

Ele estava corado. Seu peito nu estava coberto de um brilho de suor. Ele olhou para ela, seus olhos enigmáticos, sem revelar nada.

Nenhum deles disse nada, mas Abby sentiu que algo precisava ser dito.

Ela esperou que ele lhe dissesse o motivo, porque ele continuava dizendo que ela estava deixando-o louco.

O que exatamente ele quis dizer?

Mas então o telefone dela estava vibrando de novo, alto em sua bolsa. O zumbido estava tornando o silêncio entre eles ainda mais óbvio enquanto seu telefone vibrava repetidas vezes.

— Acho que você deve atender isso — disse Matt, passando a mão pelo cabelo úmido.

Ela apertou os lábios com força, abriu a bolsa e olhou para dentro. Dizia que Melissa estava ligando. Depois que ele parou de vibrar uma mensagem apareceu.

Era da Melissa.

Está por aí? Preciso falar com você. IMPORTANTE.

— Eu deveria ligar de volta para a minha amiga — disse Abby.

Matt se afastou dela, ela não podia dizer se ele realmente se importava ou não.

— Certo. Ligue, Abby.

— Eu sinto muito, é apenas...

— Vá fazer o que precisa fazer, Abby.— Ele foi para uma fileira de roupas que estavam penduradas nas proximidades e pegou uma camiseta de um cabide. Ele olhou para ela e ela podia ver a necessidade crua em seus olhos.

Quando saiu da sala para conversar com Melissa, ocorreu a Abby que havia muito mais em Matt Hunter do que ela já havia considerado. Seus olhos lhe disseram isso muito, mesmo se ele se recusasse a explicar o que isso significava.

Ela deixou o camarim, desejando que pudesse ter ficado e descoberto o que teria acontecido depois.

Mas isso teria que esperar. Se Melissa precisasse dela, Abby tinha que estar lá. Ela pegou o celular da bolsa e ligou para a amiga de volta.

Quando Melissa atendeu, ela estava chorando. Abby podia ouvi-la fungar.

— Ei, Mel. O que está acontecendo? Você está bem?

— Acho que não...

— Diga-me o que aconteceu — disse Abby, seu coração batendo mais

rápido.

— Estou sangrando— , disse Melissa.

— O que? O que você quer dizer? Onde você está sangrando?

— Minha vagina.

Abby fechou os olhos.

— Ficou mestruada ou algo assim?

— Não. Já fiquei esse mês, Abby. — Melissa começou a fungar de novo. — Algo está errado. Eu sei isso.

— Bem, não tire conclusões precipitadas — Abby disse a ela. — Pode ser qualquer coisa.

— Eu acho que é algo ruim, Abby. — A voz de Melissa era quase histérica.

— Vou sair e te encontro já. Vou até a emergência com você.

— Não, tudo bem, eu já estou indo — Melissa disse a ela. — Eu posso ir sozinha.

— Você tem certeza?

Melissa respirou fundo e soltou o ar.

— Eu me sinto melhor ouvindo sua voz, Abby. Eu acho que ... eu acho que vou ficar bem.

Abby não tinha certeza. Ela mordeu o lábio inferior.

— Me avise o que o médico diz. Ligue para mim ou envie uma mensagem de texto assim que você sair da consulta.

— Tudo bem.

E então elas desligaram o telefone.

Abby ficou ali parada, chocada com o que acabara de acontecer. Melissa estava em apuros, parecia assustada. Não parecia que era apenas uma pequena coisa que se tornaria um falso alarme.

Na verdade, quando Abby estava do lado de fora do camarim de Matt, uma sensação horrível surgiu dentro dela.

Melissa vai precisar de você e isso é muito mais importante do que qualquer coisa que você esteja fazendo com Matt Hunter.

Ela não podia ficar no show quando sua melhor amiga estava passando por algo assim. Não estava certo, e Abby não se importava se Matt se zangasse e a mandasse ou a ameaçasse com um milhão de punições diferentes.

Batendo na porta do camarim, Abby sentiu uma determinação que não sentia há algum tempo.

— Quem é? — Matt gritou.

— É a Abby.

— O que você quer?

— Eu só queria que você soubesse que preciso sair.

De repente, a porta foi escancarada e Matt estava parado ali, os olhos brilhando.

— Você não vai embora — ele disse.

— Matt, eu tenho que ir.

— Você não precisa fazer nada a menos que eu diga.

— Bem, talvez seja o que você pensa, mas a vida não é assim. — Ela decidiu que nem valeria a pena dizer a ele o que havia acontecido. Matt Hunter nunca entenderia a importância de qualquer coisa que não o envolvesse.

Abby se virou e começou a se afastar.

Então ela ouviu Matt vindo atrás dela, e ela se virou para olhar para ele, e naquele momento, ela não tinha medo dele. Melissa era o que importava agora, não qualquer outra coisa.

— É melhor você me dizer o que está acontecendo — disse Matt. Sua mandíbula se contraiu.

Ela suspirou.

— Minha amiga precisa de mim.

— Que amiga?

Abby revirou os olhos.

— Não importa. Eu preciso ir.

— Diga-me, Abby. — Sua voz baixou, e desta vez, quando ela olhou para ele, viu algo que a surpreendeu. Matt parecia um pouco ... quase ... preocupado.

— Minha amiga pode estar doente — disse Abby. — Ela está indo para o hospital e eu preciso estar com ela.

— Doente como? — Matt perguntou. Não havia raiva em sua voz ou em sua expressão.

Abby suspirou.

— Ela está sangrando. Está tendo algum tipo de hemorragia interna e pode não ser nada, mas eu tenho um sentimento... tenho um mau pressentimento sobre isso. — E agora ela tinha que lutar para controlar sua própria voz e não chorar.

— Claro que você deve ir — disse ele, assentindo.

— Obrigada por dizer isso.

— E eu também vou — Matt disse a ela.

— Mas...

— Vamos, se é tão importante, precisamos chegar lá imediatamente. Eu posso ajudar você a fazer isso. — Ele a agarrou pela mão e começou a andar mais.

Abby ficou chocada com a mudança no comportamento de Matt. Em vez de tentar ameaçá-la por deixá-lo, ele estava realmente ajudando-a.

Matt Hunter estava ajudando-a e não tinha nada a ver com ele. Ela não conseguia compreender, mas estava lentamente se tornando grata por ele estar fazendo isso.

A loucura em torno da arena normalmente criaria todos os tipos de problemas, devido ao tráfego e ao congestionamento das pessoas que inundam as ruas e o transporte público.

Mas Matt Hunter se certificou de que isso não fosse um problema, pois informou a Kurt que havia uma emergência e que eles precisavam ser levados ao hospital o mais rápido possível.

Logo eles foram empurrados em um sedan e escoltados por dois carros da polícia com luzes piscando, abrindo um caminho na frente deles enquanto eles dirigiam em alta velocidade.

Abby mandou uma mensagem para Melissa e avisou que estava a caminho, e Melissa respondeu que não era necessário, mas como Abby insistiu, logo Melissa admitiu que a queria lá.

Quando chegaram à estrada, o tráfego acabou e eles estavam simplesmente dirigindo rápido, e houve um silêncio quando eles finalmente se acomodaram e Abby colocou o telefone longe.

Ela olhou para Matt, que estava olhando pela janela, sua expressão pensativa.

— Obrigada — disse ela, quebrando o silêncio.

Matt se virou e olhou para ela.

— Como está seu amiga?

— Ela está esperando. Disse que a sala de emergência está cheia.

Ele balançou sua cabeça.

— Nós vamos cuidar disso.

— Matt, você não tem que fazer isso — disse Abby.

— Fazer o quê?

— Você não tem que vir comigo e ter escolta da polícia... — , mas então

Abby percebeu que não queria desencorajar Matt a ajudar.

A verdade era que sua presença estava ajudando a mantê-la calma.

— Escute, se você está preocupado com ela, então eu também estou — disse Matt, olhando-a uniformemente. — E se eu estou preocupado com alguém, faço o possível para ajudar.

— Você está certo — disse Abby. — Estou feliz por você estar aqui.

Ele sorriu para ela, mas ela podia ver que havia tensão em seus olhos, e então ele voltou a olhar pela janela.

*

EVENTUALMENTE CHEGARAM ao hospital e foram deixados em frente à entrada do Pronto-Socorro. Matt liderou o caminho para dentro, onde as pessoas que o notaram ficaram de olhos arregalados, como se estivessem vendo um fantasma.

Abby encontrou Melissa sentada sozinha no canto da sala de espera, lendo uma revista, o rosto pálido e atormentado.

— Oi, Mel — disse Abby, e Melissa olhou para cima e a viu.

O rosto de Melissa se transformou quando uma expressão de alívio passou por suas feições.

— Graças a Deus você veio — disse ela, e então sua expressão se encolheu. Rapidamente seguido por lágrimas.

Abby foi abraçá-la e segurou-a com força.

— Shhh… está tudo bem. Tudo bem, Mel. Eu prometo. — Ela balançou Melissa gentilmente e sussurrou encorajamento no ouvido de sua amiga.

Melissa fungou e colocou a bochecha no ombro de Abby, e Abby acariciou seus cabelos, acalmando-a.

— Hummm ... Abby?— Melissa disse.

— Sim?

— Tem um cara parado aqui olhando para mim, e eu posso jurar que ele é o Matt Hunter.

— Oh. É porque é o Matt Hunter — Abby disse, recuando.

Matt estava em pé na frente delas com os braços cruzados.

— Oi — disse ele, abrindo aquele sorriso de milhões de dólares por um momento.

— Oi — disse Melissa, e agora sua voz tremia por um motivo diferente.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Eu sou Melissa — ela disse a ele. — Melissa Ward.

— Matt Hunter — disse ele, estendendo a mão.

— Eu sei quem você é. — Ela estendeu a mão e apertou sua mão. — Eu geralmente pareço muito mais bonita do que isso — explicou ela.

— Você está ótima — respondeu Matt. Então ele se virou para Abby. — Vou ver se alguém pode atendê-la.

— Ok — disse Abby.

— A espera é de duas horas — Melissa disse a eles. — Eles me disseram que não há como ajudar.

Abby olhou em volta e teve que admitir que a sala de espera estava lotada, com a maioria dos lugares ocupados. E algumas das pessoas que esperavam pareciam muito piores do que Melissa.

Matt encolheu os ombros.

— Nunca é demais tentar — disse ele, e então se virou e caminhou até o balcão de recepção.

Assim que ele se foi, Melissa se virou para Abby.

— O que diabos está acontecendo? — ela sussurrou.

Abby suspirou.

— Não sei por onde começar.

— Talvez você devesse começar explicando como trouxe Matt Hunter para me visitar na sala de emergência.

— Bem, é meio estranho.

— Sim, deve ser muito estranho.

Abby riu e então Melissa se juntou a ela. Era bom ver Melissa relaxada o suficiente para rir um pouco.

— Eu meio que tenho ... como ... um trabalho temporário com ele — disse Abby, decidindo que esta era uma aproximação aproximada da verdade.

— Matt Hunter contrata temporários agora? Para fazer o que exatamente?

— Hummm... social mídia?

Melissa olhou fixamente para ela. E então a boca dela fez a forma de um círculo perfeitamente redondo.

— Ah, meu Deus. Você está namorando com ele? Você está namorando Matt Hunter?

— Shhh... calma, Mel! — Abby disse, agarrando a mão dela. — Não. Não estou.

— Vamos, nada mais faz sentido.

— Não estamos namorando. — Ela olhou para Melissa bem nos olhos, mostrando que ela estava sendo sincera. — Eu trabalho para ele, ele me contratou para fazer algumas tarefas de social mídia.

— O que diabos você sabe sobre mídia social? Não existem profissionais para isso? Você é uma garçonete — Melissa lembrou a ela. — Uma garçonete que foi demitida.

— Sim, eu sei. Mas acho que tive sorte.

— Tá sortuda demais nos últimos tempos.

Melissa estava olhando para Matt, e quando Abby seguiu seu olhar, ela viu que ele estava conversando com um médico. O médico estava assentindo com uma expressão muito séria no rosto e depois olhando para elas. De repente, o médico estava indo em direção a elas.

Ele era um homem alto e magro, com muito pouco cabelo na cabeça e um par de grandes pintas na bochecha e no queixo. Matt foi até ele.

— Olá, sou o doutor Stieglitz — disse ele, estendendo a mão e Melissa sacudiu-a.

— Eu sou Melissa.

— Porque você não vem comigo, Melissa. Vamos te examinar, ok?

— Mesmo?

O médico assentiu.

— Absolutamente.— Ele se virou para Matt. — Parece bom?

— Parece bom, Dr. Steiglitz. — Matt sorriu.

— E talvez você possa dar um autógrafo para minha filha — disse Steiglitz. — Ela vai ficar muito animada quando eu lhe disser que te conheci.

Matt riu.

— Eu vou fazer algo melhor. O que acha de ingressos da primeira fila para o show da noite de amanhã?

O queixo do médico caiu.

— Isso é muito gentil.

— O prazer é meu — disse Matt. — Eu vou te dar o número do meu empresário e ele vai organizar, ok?

O médico ficou claramente satisfeito, enquanto gentilmente levava Melissa à sala de exames.

Eles desapareceram através de um conjunto de portas duplas.

Abby ficou lá, surpresa com a mudança que aconteceu com Matt. Ele se sentou ao lado dela, reclinado, olhando para a televisão na parede do outro lado da sala de espera.

Ele parecia alheio aos olhares descarados e sussurros da equipe e pacientes que estavam percebendo que ele estava sentado no meio deles.

— Matt... — ela disse, sua voz pegando em sua garganta.

Matt olhou para ela.

— Tudo bem. Abby. Não precisa dizer nada.

— Eu tenho que te agradecer.

E então ele fez a próxima coisa mais surpreendente que poderia ter feito, estendendo a mão e tocando sua bochecha suavemente. Quando seus dedos roçaram sua bochecha, ela quase chorou. Foi muito bom, muito real, como se talvez o Matt Hunter, mesquinho, egoísta e desconfiado que ela estava vendo até aquele momento, não fosse o verdadeiro Matt.

O jeito que ele estava olhando para ela, a suavidade de seu toque, tudo lhe dizia que por baixo daquela versão superficial dele estava outra pessoa completamente diferente.

— Vai ficar tudo bem, Abby. — Ele sussurrou suavemente para ela. — Eu não vou deixar nada acontecer com ela.

Eles se sentaram e esperaram juntos, e embora algumas garotas se aproximassem e pedissem seu autógrafo em vários pedaços de papel (uma delas usou uma revista da mesa do pronto-socorro).

Matt estava mandando mensagens de texto e assistia TV.

Sua presença estava se acalmando, como um bálsamo calmante. Ele parecia tão completamente capaz de lidar com o que quer que fosse jogado em seu caminho, e Abby se lembrou do fato de que ele tinha feito tempo lutando no exterior, e depois de ver o combate, provavelmente não havia muito que o jogasse para um loop mais.

Mas quando o médico saiu sozinho das salas de exames e acenou para eles, Abby de repente não se sentia mais tão calma.

— Eu me sinto mal — disse ela em voz baixa, enquanto se levantava, com as pernas fracas.

Matt segurou a mão dela.

— Lembre-se do que eu disse. Tudo ficará bem, Abby.

— Ok — ela disse, respirando fundo. Ela não podia acreditar que Matt Hunter estava segurando a mão dela, confortando-a.

Que universo paralelo era esse?

O que estava acontecendo aqui?

Eles encontraram o médico perto das portas.

— Devemos conversar — disse ele. — Venha comigo para a sala de

exames.

— Está tudo bem? — perguntou Abby.

— Apenas venha comigo. — O Dr. Stieglitz não estava mais sorrindo ou falando sobre ingressos para o show de Matt.

Ele os levou para a sala de exames, onde Melissa estava esperando. Ela estava vestida, parecendo pálida e ansiosa, seus olhos se movendo de um lado para outro enquanto ela mordeu a unha do polegar.

O médico fechou a porta e fez sinal para que se sentassem. Abby sentou-se ao lado de Melissa e colocou a mão no ombro dela.

— Fiz um exame pélvico em Melissa — ele disse, — e infelizmente encontrei algo – uma massa no colo do útero dela. É uma massa razoavelmente grande, e devo dizer que estou preocupado com o tamanho. — O médico acariciou seu queixo e franziu os lábios.

— Bem, precisamos levá-la a um especialista — disse Matt.

— Eu já liguei para um oncologista ginecológico e ela tem um horário livre depois de amanhã...

— Isso não é rápido o suficiente — interrompeu Matt. — Ela precisa ser atendida imediatamente.

O Dr. Stieglitz pareceu incomodado pela primeira vez. Voltando sua atenção diretamente para Matt, ele disse:

— Eu entendo que você esteja muito preocupado, Sr. Hunter. Mas apesar de sua importância na indústria do entretenimento, eu não posso simplesmente forçar especialistas muito ocupados a atender um paciente em um prazo tão curto. Na verdade, foi muita sorte poder vê-la no tempo de um dia.

Abby teria murchado sob o olhar fulminante do médico, mas Matt nem moveu um músculo.

— Estou supondo que ela vai precisar de uma biópsia — disse Matt.

— Sim, eles precisarão fazer a biópsia da massa para verificar se há malignidade.

— Então ela precisa fazer agora para que possamos ter os resultados para levar na consulta — disse Matt. Ele estava no seu celular e saiu pela porta, deixando o médico e Abby e Melissa sozinhas na sala de exame.

O Dr. Stieglitz suspirou.

— Às vezes as pessoas têm uma noção distorcida de como as coisas funcionam quando estão tão acostumadas a não ter que esperar. Mas isso é realmente o melhor que podemos fazer.

Abby assentiu.

— Ok, obrigado, doutor Stieglitz.

— Eu dei a Melissa as informações sobre seu ginecologista. Tudo o que ela precisa fazer é aparecer depois de amanhã e se cuidar.

Ele os conduziu para fora da sala de exame e desejou sorte a Melissa, mas ele não disse a ela para não se preocupar, ele não disse que a massa provavelmente não era maligna.

Na verdade, Abby achava que ele era muito pessimista sobre isso - como se já soubesse que Melissa tinha câncer.

Quando saíram para o saguão da sala de espera, Matt não estava em lugar nenhum.

— Você acha que ele ficou bravo e foi embora? — Melissa perguntou.

— Não se preocupe com Matt — respondeu Abby, mas ela estava procurando por ele também.

— Eu não vou morrer, vou?— Melissa perguntou.

Abby olhou para o rosto pálido e assustado de sua amiga.

— Claro que não.

— Eu tenho esse sentimento terrível ...

— Você está com medo, isso é totalmente normal, Mel. Mas isso não significa que algo ruim esteja acontecendo.

— Eu não tenho plano — Melissa disse a ela. — Se algo estiver errado, como vou pagar?

— Não se preocupe com isso agora. Você precisa cuidar de si mesma, e isso significa não se estressar com as coisas antes mesmo que elas aconteçam. Abby pôs um braço ao redor da amiga e a abraçou com força. — Deixe-me preocupar com tudo isso.

— Você nem tem um emprego de verdade, você é temporária!

É verdade, Abby pensou, mas aqueles trinta mil pode ser útil se Melissa estivesse realmente doente e precisasse de dinheiro para contas médicas.

Ela não podia dizer nada a Melissa, no entanto.

Finalmente, elas localizaram Matt no telefone do lado de fora da porta da frente. Ele se virou para a janela e acenou para elas.

O coração de Abby pulou quando ela viu que ele não tinha ido a lugar nenhum. Ele estava bem ali, ele não tinha saído em um ataque de raiva.

Quando eles saíram, Matt parecia de bom humor.

— Escute, consegui entrar em contato com um amigo meu no Sloan Kettering, em Nova York. Temos uma consulta antes, assim você não precisa

esperar até depois de amanhã.

— Oh meu Deus — , disse Melissa, com os olhos cheios de lágrimas. — Você marcou para amanhã?

— Vou fazer melhor — disse Matt. — Consegui para hoje à noite.

— Esta noite?— Abby disse, balançando a cabeça. — Eu não entendo. Nova York está a horas de distância e está de noite. Os ginecologistas não trabalham no meio da noite.

— Tem certeza disso? — Matt disse, olhando para Abby com um traço de sorriso.

— Oh, Matt. — Ela sentiu a emoção crescendo novamente e teve que tomar um momento para não desmoronar em lágrimas.

Mas Melissa jogou os braços ao redor dele.

— Obrigada.

Ele a abraçou de volta, olhando para Abby o tempo todo.

— Vamos — disse ele. — Temos um helicóptero para pegar.

*

ABBY ESTAVA VOANDO em um helicóptero no alto de Manhattan. Ela não podia acreditar.

Estava presa com o cinto de segurança em seu assento, usando um capacete com um fone de ouvido para se comunicar, porque o volume do ruído do motor, do vento e da hélice era tão alto que ela não teria sido capaz de ouvir alguém.

Ao seu lado, Melissa estava sentada olhando pela janela.

Na frente, Matt estava sentado ao lado do piloto, que ocasionalmente lhes contava sobre alguns dos marcos pelos quais passavam enquanto voavam pelo céu noturno.

Era absolutamente lindo e o horizonte estava iluminado como um milhão de pequenas estrelas espalhadas pela terra. Eles estavam chegando cada vez mais perto do local de pouso e o helicóptero começou a descer lentamente.

Ela estava com medo, pois sempre teve medo de altura. Mas, ao mesmo tempo, vendo Matt na frente e ouvindo sua voz através do fone de ouvido parecia acalmar seus nervos novamente.

Ele e o piloto faziam piadas a maior parte do caminho.

— Ok, vamos descer, pessoal — o piloto falou, e de repente eles estavam caindo rápido o suficiente para o estômago de Abby sentir como se

tivesse entrado em sua garganta.

Ela fechou os olhos e recostou a cabeça no banco, tentando não entrar em pânico.

— Ei, parece que você aborreceu Abby — Matt riu através do microfone. — Olhei para trás e ela caiu no sono.

— Ah, bem, nesse caso — disse o piloto, — vamos acordá-la! — E então ele começou a descer ainda mais rápido, tão rápido que Abby e Melissa soltaram gritos.

Matt estava rindo como se isso fosse a coisa mais engraçada que ele já tinha visto.

O piloto estava rindo também.

— Ok, ok, isso foi brincadeira do piloto — disse ele. — Eu não pude resistir.

— Sim, não vou recomendar você para meus amigos — Melissa disse a ele. Mas sorria também.

— Estamos pousando no Pier 6, bem na água — afirmou o piloto. — Eu espero que vocês tenham tido um bom voo.

— Foi ótimo até a última parte — disse Abby.

E então o piloto baixou mais o helicóptero e aterrissou sem mais incidentes. Eles se soltaram e saíram, e Matt falou por um minuto ou dois com o piloto antes de deixar o heliporto.

Havia um carro esperando para levá-los ao hospital de Sloan Kettering nas proximidades.

Quando entraram no carro e foram levados do Pier 6 para o próximo destino, Abby não conseguiu superar o quão sortuda ela se sentia. Talvez todas essas coisas horríveis que aconteceram – todas as coisas que tinham acontecido desde que foi contratada pelo CLUB VIP – talvez tudo tivesse sido por um bom motivo.

Agora que parecia que Melissa estava realmente doente, ter encontrado Matt Hunter parecia ser a melhor coisa que poderia ter acontecido.

E Melissa já parecia estar melhor. Em um ponto durante o passeio de carro, ela se virou e sussurrou no ouvido de Abby.

— Matt Hunter é o homem mais incrível que já conheci na minha vida. Eu sinto que ele vai de alguma forma fazer tudo ficar bem, não vai?

— Sim — Abby respondeu honestamente, sentindo um formigamento em sua barriga enquanto olhava para Matt, sentado no banco do passageiro da frente, conversando com o motorista do carro. Até o som da voz de Matt

tinha a capacidade de acalmar seus nervos tensos.

Ele estava relaxado, à vontade em sua própria pele, sabia que poderia fazer as coisas. Ele se recusou a ser apoiado pela autoridade de outra pessoa, como como ele havia dito ao médico em Boston que eles precisavam fazer com que Melissa aparecesse mais cedo. E então ele foi e fez acontecer.

Matt nem conhecia Melissa e ele mal conhecia Abby, mas estava lá tirando um tempo de sua agenda para ajudá-los. Ele tinha passado por uma apresentação de concertos e estava provavelmente exausto, mas nunca se saberia disso com base em suas ações.

Como ela o julgara mal? Por que ela não foi capaz de ver que havia muito mais para ele do que a fatia que ela tinha visto na festa e no quarto de hotel dele?

Bem, a verdade é que ele manteve essa parte para si mesmo. Matt não parecia querer que ela soubesse que havia mais para ele. Foi só essa emergência que a trouxe à frente.

Eles pararam em Sloan Kettering e foram deixados na frente, onde uma mulher mais baixa em um sobretudo os cumprimentou do lado de fora da entrada. Ela tinha cabelo castanho encaracolado, nariz comprido e estreito e seu sorriso era genuíno.

— Matt — ela disse.

— Sim — ele respondeu, — e você deve ser a Dra. Lara.

— Isso mesmo.

— Eu realmente aprecio você vindo aqui a esta hora da noite para nos ajudar.

— Tudo bem, eu nem tinha tirado a maquiagem ainda — ela riu com vontade. — Não se preocupe.

Abby queria dizer, não se preocupar? Você não está aborrecida por ter sido arrastada da sua casa no meio da noite só porque alguma celebridade estalou os dedos?

Mas não era hora reclamar, então Abby não disse nada.

A médica virou-se para Melissa e Abby e, ao ver a expressão de Melissa, pareceu imediatamente perceber que ela era a paciente.

— Melissa?

Melissa assentiu ansiosamente.

— Sim.

— Olá, sou a Dra. Lara. Vamos levá-lo para dentro, ok? — Ela sorriu e depois os levou para o hospital, onde agia como sua acompanhante pessoal.

Abby nunca tinha visto nada assim. Normalmente, quando ia para um novo hospital, preenchia todos os tipos de formulários e respondia perguntas, dava provas de seguro, todo tipo de coisa. Tipicamente, também incluía muita espera.

Mas a Dra. Lara simplesmente os levou até o elevador, levou-os até a enfermaria e a um quarto particular.

— Tudo bem — disse ela, voltando-se para Matt e Abby. — Nós vamos fazer um exame de Melissa agora, então vou precisar pedir para você esperar na sala de espera.

Melissa deu um olhar ansioso para Abby, e Abby acenou para ela, tentando parecer confiante e destemida, mas na verdade ela estava longe disso. Quando a Dra. Lara trouxe Melissa para ser examinada, eles voltaram pelo corredor até a pequena, mas vazia sala de espera.

Abby não conseguia ficar quieta, então ela se levantou e olhou pela janela para a escuridão da cidade lá fora. Matt chegou ao lado dela.

— Você está bem? — ele perguntou, olhando para ela.

— Eu estou assustada.

— Eu sei — disse ele.

Ela se virou e olhou para ele.

— E não consigo entender por que você está de repente sendo tão legal comigo.

Ele riu.

— Eu sou realmente tão idiota?

Ela assentiu.

— Sim, praticamente.

— Bem, talvez você não tenha me conhecido ainda.

— Eu acho que não. Mas ainda não entendo. — Um arrepio percorreu ela e Abby cruzou os braços e tentou se aquecer.

— Eu tenho certas limitações — disse Matt, olhando para baixo. — Tem uma coisa que aconteceu na minha vida ... eu realmente não quero entrar em detalhes. Mas as coisas que aconteceram, fazem com que eu precise viver do jeito que vivo.

— Agora está tudo tão claro — respondeu Abby sarcasticamente.

— Não implique comigo — ele disse a ela. — Eu estou dizendo a você que é assim que é por uma razão. Sou assim por um motivo.

— Não posso encontrar defeitos com você hoje à noite, não depois do que você já fez para Melissa. — Abby olhou para ele, viu a dor gravada em

seu rosto. — E o que você fez por mim, Matt.

Ele olhou de volta para ela.

— É por você — disse ele. E então ele caminhou até uma das cadeiras e sentou-se pesadamente, como se admitisse como estava cansado pela primeira vez naquela noite.

Eles esperaram pelo que pareceu uma eternidade, mas na verdade não foi tanto tempo, considerando todas as coisas. Na verdade, foi uma espécie de milagre que Melissa estivesse sendo consultada a essa hora da noite, quanto mais por uma médica de primeira linha em uma das melhores - senão as melhores - instalações de tratamento de câncer do país.

A Dra. Lara saiu para conversar com eles na sala de espera. Seu rosto contou a história antes mesmo de explicar o que ela encontrou durante o exame.

— Estou muito preocupada com a massa em seu colo do útero — disse ela.

Matt cruzou os braços.

— Você fez uma biópsia?

— Sim e vou ter os resultados o mais breve possível. Um dia, talvez dois no máximo.

— Você não consegue resultados mais rápido do que isso? — Matt perguntou.

A Dra. Lara sorriu tristemente para a sua pergunta. — Matt, nem mesmo você pode conseguir que os resultados saiam mais rápido do que isso — ela disse a ele.

Abby se viu perdendo o foco nos detalhes da conversa. Matt estava sendo muito clínico, fazendo perguntas que pressupunham que os resultados da biópsia seriam positivos. Ele estava falando sobre regimentos de tratamento e cirurgia, histerectomias radicais e radiação.

Era quase como ouvir dois médicos conversando, usando um jargão que Abby não entendia totalmente.

Mas ela sabia que era ruim, significava que, com toda a probabilidade, Melissa estava verdadeiramente doente.

Abby olhou para longe, tentando acalmar seus pensamentos acelerados. Quando olhou para o outro lado da sala, algo na tela da TV passou a chamar sua atenção. Não havia volume, apenas a foto estava ligada.

Estranhamente, e ela levou um momento para entender, Abby viu que Matt Hunter estava sendo mostrado na televisão. Era estranho, e ligeiramente

desconcertante, ver uma imagem dele cantando na TV quando ele estava a dois metros de distância dela na vida real.

Agora a imagem mudou para Matt Hunter falando para a câmera. Ele parecia estar em traje militar, mas ela não sabia dizer.

Estava escrito PLANTÃO JORNALISTICO! No canto superior esquerdo da tela. Ela assumiu que era algum tipo de notícia sobre a turnê de Matt.

Havia uma manchete abaixo do vídeo de Matt e a princípio Abby não conseguiu ler, então ela se afastou alguns passos de Matt e da médica, e mais perto da tela.

Agora ela podia ler o título:

ESCANDALO DE CELEBRIDADE EXPLODE SOBRE OS COMENTÁRIOS DO SUICÍDIO

Não fazia sentido. Sua mente se recusou a processar o que estava vendo.

A cena na tela mudou novamente e agora eles mostravam Matt Hunter cantando, depois um clipe dele no tapete vermelho, e depois mais aquele mesmo vídeo que parecia uma filmagem de um filme caseiro. Matt estava em seu uniforme militar, e ele era obviamente mais jovem. Ele estava falando e sorrindo para a câmera e até parecia arrogante.

O título foi atualizado. Agora dizia:

REAÇÃO PÚBLICA ÀS PALAVRAS CHOCANTES DE MATT HUNTER

E então houve uma série de fotos de pessoas conversando, talvez discutindo - Abby não sabia dizer.

Ela também não podia acreditar em seus olhos. O que era isso? Ela estava interpretando mal alguma coisa, ou havia algum tipo de escândalo envolvendo Matt que estava acontecendo neste exato momento?

Ela voltou para onde Matt e a Dra. Lara discutiam as opções de tratamento.

— Como está Melissa agora? — perguntou Abby.

— Ela está bem. Ela deveria sair do banheiro em breve. Houve algum sangramento e desconforto após o exame, o que é de se esperar.

Abby se virou para Matt.

— Acho que há algo mais acontecendo — ela disse a ele.

— Há muita coisa acontecendo — respondeu Matt.

— Quero dizer, algo envolvendo você. Vi na TV. Você recebeu alguma ligação sobre isso? — Ela perguntou.

— Bem, vou deixar vocês dois para conversar — disse Lara. — E entrarei em contato com os resultados assim que recebê-los.

Depois que eles se despediram, Matt tirou o celular do bolso.

— Comecei a receber algumas ligações, mas eu as ignorei — ele disse. Sua expressão estava intrigada, a testa franzida quando ele começou a ler mensagens de texto. Instantaneamente, algo surgiu em seus olhos, algum tipo de reconhecimento.

— Merda — disse ele.

— O que aconteceu? — ela perguntou a ele.

Ele balançou sua cabeça.

— Nada — respondeu ele. Ele colocou o telefone no bolso e olhou para ela. — O que é importante agora é Melissa.

— Mas pelo que vi na TV agora...

— Eu disse algumas coisas idiotas há alguns anos atrás. Aparentemente, agora eles resolveram me crucificar por isso. — Ele sorriu ironicamente. — Isso é a vida.

Ela queria realmente falar com ele sobre isso, porque sentiu que havia muito mais sobre isso, então como ele estava retratando isso. Matt estava agindo como se não fosse grande coisa, mas seus olhos contavam uma história diferente, e quando Melissa saiu do banheiro, Abby podia sentir que Matt estava distraído.

Ele tentou não demonstrar isso, enquanto ajudava a consolar Melissa junto com Abby.

— Minhas mãos estão tremendo — disse Melissa, erguendo-as como prova.

— É claro que suas mãos estão tremendo — disse Abby. — Você já passou por muita coisa, mas acabou por agora. Você fez tudo o que precisa fazer e agora pode relaxar um pouco e esperar para descobrir o que vem a seguir.

— A espera não é a parte divertida — disse Melissa.

— Eu reservei três quartos no Ritz Carlton — disse Matt, colocando a mão no ombro de Melissa. — Dessa forma, podemos ficar mais esta noite e não ter que nos preocupar em viajar novamente, e você pode descansar um pouco.

Melissa olhou para ele com gratidão, seus olhos se enchendo de lágrimas. Então ela olhou para Abby.

— Vocês foram incríveis para mim. Eu nunca poderei agradecer o

suficiente. — Ela começou a chorar e Matt a envolveu em um grande abraço.

Por um momento, Abby teve medo de sentir ciúme. Mas ficou aliviada ao descobrir que não estava com ciúmes de como Matt estava tratando Melissa. Ela sentiu como se ele estivesse fazendo isso pela bondade de seu coração e não por qualquer outro motivo.

Melissa precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir.

O olhar de Abby se desviou para a televisão e descobriu que estava passando um comercial. O que quer que estivesse acontecendo com Matt e esse escândalo, ela teria que esperar para descobrir.

*

Ela estava se restringindo de tentar procurar informações sobre o escândalo em seu telefone, mas não queria arriscar que Matt a visse fazendo isso. Ele não tinha ligado nem telefonado para ninguém, parecendo preferir se concentrar em levá-los de volta ao hotel e confortar Melissa.

E Mel estava um pouco melhor, embora claramente estivesse exausta.

Eles estavam todos cansados. Era tão tarde da noite e eles teriam que acordar relativamente cedo no dia seguinte para Matt voltar para seu show em Boston.

Sem mencionar o que mais ele estaria lidando agora que ele tinha algum tipo de crise de relações públicas acontecendo. Abby achou bastante estranho que ele simplesmente agisse como se nada fora do comum estivesse acontecendo.

Ela podia até ver nos rostos das pessoas no hotel quando ele entrou - não havia o mesmo calor na maneira como eles o cumprimentavam. O que quer que Matt tenha feito, estava mudando a maneira como ele estava sendo tratado.

Matt conseguiu colocar os três quartos no mesmo andar. Abby ficou um pouco desapontada por ele não a ter colocado no mesmo quarto que ele? Ela teve que admitir que sim. Não fazia sentido se sentir assim, mas foi o que aconteceu.

A verdade era que ela queria estar perto, conversar com ele, ouvir sua voz, pensamentos e opiniões.

Mas era melhor assim, Abby disse a si mesma, quando os três saíram do elevador e foram para os quartos separados.

Eles foram primeiro para o quarto de Melissa, e Abby deu um longo

abraço em Mel.

— Quer que eu fique com você? — Abby perguntou a ela.

Melissa sacudiu a cabeça negativamente.

— Vou apagar no segundo em que minha cabeça bater no travesseiro.

— Eu te amo, Mel. Durma bem e me chame ou mande uma mensagem para mim se precisar de alguma coisa - qualquer coisa, ok? — disse Abby.

Melissa assentiu, disse boa noite para Matt, e então abriu a porta do quarto e entrou.

Assim que a porta foi fechada, Matt olhou para Abby.

— Você parece cansada também — disse ele.

— Eu sou. E eu teria pensado que você seria o mais cansado. Você realizou um show bem intenso esta noite. Como você ainda pode estar de pé?

Matt riu.

— Isso não é nada comparado a ficar acordado dois ou três dias seguidos como eu fiz no Afeganistão.

Eles andaram um pouco pelo corredor até chegar ao quarto de Abby. Ela pegou a chave do quarto enquanto Matt estava ao lado dela. Parecia o fim de um encontro e de repente ela não queria que ele fosse embora. Abby se virou e olhou para ele.

— Sabe que o que você fez para Melissa hoje ... eu nunca vou poder te pagar.

Matt revirou os olhos.

— Não fique toda melosa comigo agora.

— Estou falando sério, Matt. Eu ainda não entendo por que você fez tudo isso.

— Vamos apenas dizer que eu entendo — ele disse a ela. — Eu entendo como é estar em sua posição.

E então ela se lembrou da noiva de Matt. Claro, ela faleceu de câncer. Como poderia Abby não ter visto, não conectado as duas coisas?

Ela se sentiu estúpida e um pouco envergonhada. Matt era alguém que entendia como era ser completamente emboscado por um ente querido sendo diagnosticado com câncer.

Abby tinha cometido o erro de assumir que o que Matt estava fazendo por Melissa tinha algo a ver com ela.

Bem, ele não disse que estava fazendo isso por mim? Ele não disse isso?

Ele havia dito algo assim, mas, enquanto pensava sobre isso, a coisa toda fazia mais sentido quando ela levava o noivo em consideração. Isso é o

que realmente foi tudo isso. Ele não podia salvar seu noivo morto, então agora ele estava tentando salvar Melissa.

Abby colocou a chave do hotel na porta e ela se abriu. Matt ainda estava de pé ali, ele não tinha saído para ir ao seu próprio quarto ainda. Ela olhou para ele.

— Bem, boa noite.

Ele sorriu, um pouco triste, ela pensou.

— Sim, boa noite, Abby. — Ele se virou e foi embora.

Ela se sentiu estranha vendo-o ir embora. Por que ela se sentia como se ele deveria ficar, por que ela teve essa sensação desconfortável de que ele não queria ir embora?

Você está envolvida demais. Você está começando a ver coisas que não tem nada a ver, trazendo sua própria bagagem para tudo. Matt Hunter é uma celebridade rica, poderosa e bonita e está lisonjeada por suas atenções.

Mas ele não está interessado em você dessa maneira, Abby. Ele deixou isso bem claro com todas as coisas que ele disse e fez. Você está aqui apenas para atender suas necessidades.

Exceto, quando ela entrou em seu quarto de hotel e fechou a porta atrás, ela pensou que nenhuma daquelas coisas eram completamente verdadeiras mais. Matt não estava apenas usando ela para suas próprias necessidades.

Ele saiu do seu caminho por ela e por sua amiga. Ele estava em um quarto de hotel em Nova York, provavelmente caindo cansado, e ele poderia ter ficado aconchegado em Boston, a dez minutos da arena. Ele poderia ter acordado de olhos brilhantes, pronto para encarar o dia tendo dormido muito e não tendo passado seu tempo lidando com médicos, hospitais e alguns problemas de saúde de estranhos.

Abby não tinha certeza do que ela pensava mais. Ela tentou se livrar de todos os pensamentos confusos, entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Enquanto esperava que aquecesse, ela começou a pesquisar o escândalo sobre Matt.

Imediatamente, ela sabia que era ruim. Nas últimas horas, havia centenas de histórias e postagens em blogs, comentários no Twitter e no Facebook.

Essa história havia destruído completamente a empolgação que a pequena canção de Courtney Taylor havia causado. Essa nova história fez com que parecesse nada além de uma gota no balde.

Na verdade, esse novo escândalo foi como uma super tempestade que

estava destruindo tudo em seu caminho.

Ao entrar nas redes sociais de Matt, ela viu centenas de novas mensagens, e a maioria delas não era as mensagens positivas que ela estava acostumada a ver de seus fãs.

De alguma forma, um vídeo tinha surgido recentemente que tinha sido filmado anos antes, quando Matt ainda estava no exército. Deve ter sido postado por um de seus amigos militares. Matt estava de uniforme completo e parecia muito jovem, arrogante e endurecido.

Ela encontrou um clipe no YouTube que já tinha mais de 40 mil visualizações. O título do clipe dizia: *Matt Hunter fala besteira sobre vítimas de suicídio*

Quando começou, Matt já estava no meio da frase. Ele estava de pé ao lado de uma grande metralhadora que estava montada em uma parede desmoronando. Matt parecia estar mascando tabaco, segurando uma xícara abaixo da boca e ocasionalmente cuspindo nela. Havia uma protuberância sob o lábio inferior.

— ...você deve estar brincando comigo — disse Matt. — Estou aqui arriscando a minha vida por essas pessoas — ele olhou diretamente para a câmera, balançando a cabeça. — Se alguém decide se matar, eu deveria me sentir mal por esse idiota? Eles jogaram fora sua vida porque são sacaneados na escola, enquanto estou fazendo tudo que posso para continuar vivo. Porra, se quiser se sentir atormentado e intimidado, tente ir para um país estrangeiro e mandar pessoas se suicidarem e atirarem em você dos telhados quando você andar pela rua.

Ela parou o vídeo por um momento.

Abby sentiu-se mal. Havia uma vergonha ardente e raiva dentro dela ao ouvir seus juízos frios. O que ele sabia sobre ter sido intimidado? Como ele poderia dizer o que isso poderia fazer com outra pessoa?

Talvez ele gostaria de trocar de lugar com ela no ensino médio.

Eu gostaria de ver como você teria lidado com isso, Matt. Eu gostaria de ver o que você faria sem sua força e boa aparência, seu charme e sua confiança. Você não sabe o que é sofrer bullying. Mas talvez você esteja prestes a descobrir.

Abby respirou fundo e apertou o play novamente no vídeo.

Agora alguém estava rindo da câmera.

— Vá lá, Matt! — Outra pessoa gritou.

Matt continuou, aparentemente encorajado pelo encorajamento que

recebera da câmera.

— Meus amigos foram mortos — ele disse — e um dos meus melhores amigos foi morto por uma maldita bomba na estrada.

O cara por trás da câmera fez uma pergunta inaudível.

Matt desviou o olhar por um momento e voltou para a câmera, os olhos brilhando.

— Isso é exatamente o que estou dizendo. Se você comete suicídio, você é um perdedor. Você é um perdedor, ok? É tão simples, cara. Eu não tenho nenhuma simpatia por alguém que joga sua vida fora. Se quer morrer, venha para cá. Venha para o Afeganistão, venha para o Iraque, pelo menos faça isso com um propósito. Temos pessoas aqui que fariam qualquer coisa para se manter vivo e você terminaria tudo porque ... quem sabe por que as pessoas fazem essa porcaria? Eles estão cheios de desculpas. Talvez você esteja sendo maltratado porque é fraco. Talvez você precise obter uma espinha dorsal. Eu não acho que essas pessoas devam ser lamentadas ou perdidas. Eles que se fodam. Dane-se, se você tentar se matar, eu não tenho simpatia.

E então o clipe terminou.

Abby gemeu e pensou em repeti-lo, mas depois decidiu não fazer isso. Ela não queria ouvi-lo dizer nada disso novamente. Virou o estômago para vê-lo falando assim, embora soubesse que ele provavelmente era apenas jovem e bravo e talvez triste por ver coisas horríveis durante suas batalhas no Afeganistão.

As pessoas que assistiram este vídeo agora não o cortariam, no entanto. Eles iriam absolutamente rasgá-lo em pedaços por esses comentários. Muitas pessoas foram afetadas por um ente querido que cometeram suicídio ou enfrentaram depressão por si mesmas.

E Abby entendeu melhor do que a maioria, o que suas palavras fariam com alguém que realmente viveu as coisas que ele descartou casualmente naquele vídeo.

Lendo as notícias, Abby viu que ele já estava sendo atacado pela imprensa, e houve rumores de que Matt perderia muitos de seus contratos de patrocínio. Afinal, toda a sua presença na mídia se baseava nessa imagem não polêmica e favorável à família. Agora ele se transformou em uma figura desagradável, um cara que desprezava as pessoas que tinham atingido o ponto mais baixo de suas vidas e não sentia outra saída do que acabar com isso.

Ele parecia um valentão. E esse tipo de pessoa era odiado atualmente.

Abby entrou no chuveiro e tentou deixar toda a tensão ir embora.

O que estava acontecendo com Matt não era da sua conta. Ele poderia cuidar de si mesmo muito bem, ela disse a si mesma. Ela, por outro lado, ainda estava com muitos problemas.

E então havia Melissa. O que aconteceria com ela se a biópsia da massa em seu colo do útero fosse positiva para câncer?

Estes eram problemas reais. O colapso das relações públicas de Matt Hunter não foi um problema real. E a maneira como ele zombou de pessoas que tentaram tirar a própria vida por causa do bullying - isso a deixou com raiva quanto mais ela considerava.

Ela queria chamá-lo para falar das suas observações. Isso a lembrava de todas as pessoas do passado dela e do jeito que elas falavam sobre ela. A natureza cruel e insensível de pessoas que nunca tinham estado no lado receptor, apenas do lado da doação.

Lembrar aquelas pessoas de seu passado era perturbador. Ela tentou deixar tudo para trás quando saiu de casa aos dezessete anos e agora lá estava ela, obrigada a revivê-lo novamente graças ao discurso irresponsável de Matt Hunter.

Quanto mais tempo pensava sobre isso e repassava os comentários de Matt em sua mente, mais irritada ficava. Saindo do chuveiro, Abby colocou um dos roupões do hotel, já que ela não tinha nenhuma roupa nova para vestir (mais uma vez!).

Mas ela não se importava. Deixando seu quarto de hotel, ainda encharcada, apertou bem o roupão e caminhou pelo corredor até chegar ao seu quarto, batendo na porta ruidosamente.

Eventualmente, ela o ouviu resmungando por dentro, e então seus passos se aproximando. Quando ele abriu a porta, ele estava vestindo apenas a cueca e nada mais.

Seu corpo era tão duro, os músculos gravados e cortados como se ele fosse feito de pedra, pele firme com apenas o menor brilho de suor em torno de seu peito e abdômen.

A quase nudez dele a surpreendeu, mas ela se concentrou em sua raiva.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, piscando, como se já estivesse dormindo.

— Eu assisti o vídeo — ela disse a ele.

— Que vídeo?

— Você sabe que vídeo. Aquele que todo mundo está pirando.

Matt ficou na frente da porta, um braço estendido, bloqueando a entrada. Seus olhos estavam vermelhos.

— Abby, vamos falar sobre isso amanhã.

— Não — ela disse, não se importando que ele estivesse mais cansado, não se importando que ele tivesse ajudado sua amiga muito mais do que ele precisava, nem mesmo se importando que este escândalo estivesse provavelmente atrapalhando sua mente já sobrecarregada. — Eu não quero esperar até amanhã — disse ela.

Seus lábios apertaram e então ele deixou cair o braço e deu um passo para o lado, abrindo caminho para ela entrar em seu quarto.

Matt cruzou os braços, fazendo seu bíceps flexionar e parecer ainda maior, enquanto ele ficou lá e esperou que ela falasse.

— Bem — ele disse. — Diga o que você tem a dizer. Estou cansado.

— Você está cansada? — ela disse, zombando. — Você está cansado

— Sim, estou. Foi um dia muito longo.

— Bem, eu estou cansada de suas besteiras.

Matt sacudiu a cabeça e se afastou dela. Enquanto caminhava, ele riu um pouco.

— Ok — ele riu.

— Não se afaste de mim — disse ela.

— Estou tomando uma bebida, Abby. Você quer algo? Água? - ele perguntou, indo até a geladeira.

— Não — ela retrucou. Ele estava tentando embalá-la com sua gentileza, tentando tirar o vapor dela, mas ela recusou. Ela estava brava e Matt não ia encantá-la.

Ele pegou uma garrafa de Evian da geladeira, abriu e tomou alguns goles altos.

— Eu ainda estou esperando — ele informou a ela.

— Esse vídeo é nojento — disse ela.

— Ótimo. Algo mais?

— Como você se atreve a julgar as pessoas que tentaram o suicídio ou tiveram sucesso? Quem você pensa que é?

— Eu era um garoto — respondeu ele. — Esse vídeo foi feito anos atrás, quando eu estava no auge da minha segunda turnê no Afeganistão. Eu me ressentia de que outras pessoas da minha idade estavam indo para a faculdade, se divertindo - eu até me ressentia de sua depressão. Eu fui um idiota. E daí?

— E daí? — Ela disse, levantando os braços. — E daí? Essa é sua brilhante campanha de relações públicas? Porque se assim for, você precisa de um novo ângulo.

Matt bateu a garrafa de água no bar e cruzou de volta na frente dela. Uma veia pulsou em sua testa.

— Não pedi uma palestra sobre relações públicas a uma ex-garçonete de 21 anos.

— Não esqueça o coordenadora de redes sociais — ela provocou.

— Por que você está fazendo isso? — Ele perguntou a ela. Seus olhos procuraram os dela. — Você não acha que eu percebo o quão ruim isso é? Não atendo o celular há horas. Tenho muitas mensagens de texto e correios de voz, tantos que não tenho memória no celular para armazená-los.

— Ah — disse ela. — Eu deveria me sentir mal pelo megastar com muitas mensagens de voz?

— Não, eu não disse isso. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Parece que você está tentando me chutar quando estou pra baixo, Abby.

— Você não sabe o que significa estar triste, Matt. — Ela olhou para ele.

— O que eu fiz para você? — Ele perguntou. — Eu enviei esse vídeo para você? Eu pedi para você assistir? Eu não entendo.

Abby sentiu a raiva em ebulição transbordar enquanto pensava sobre o que realmente a deixava tão irritada com o que ela tinha visto dizer naquele clipe do YouTube. Ela se afastou dele e apertou o roupão mais apertado.

— Sabe, eu era uma dessas pessoas.

— Uma de que pessoas?

— Eu fui uma daquelas pessoas que você insultou tão casualmente. Fui intimidada no ensino médio. — Ela se virou e o encarou. — Eu não acho que você poderia ter encarado o que aconteceu comigo.

— Abby, eu não tenho a menor ideia do que aconteceu com você — disse ele, sua voz cansada, seus olhos cansados, sua expressão repentinamente abatida.

— Sei que não. — Ela apontou para ele. — Olhe para você. Você é lindo, com um corpo sexy - atlético, forte - sem medo de lutar se for preciso. Você acha que todos deveriam ser como você, Matt. Bem, eu tenho uma novidade. A maioria das pessoas não nasceu com esses tipos de presentes. E as mulheres não podem simplesmente chutar a bunda de alguém que zomba delas.

— Eu não vejo o que isso tem a ver comigo — ele disse a ela.

— Você zombou de pessoas como eu. Você disse que somos perdedores porque alguns de nós não conseguíamos lidar com a constante humilhação e assédio. Como se você tivesse uma ideia de como era para qualquer um.

Matt sacudiu a cabeça e caminhou de volta para o bar.

— Abby, você está cansada. Foi um longo dia.

Ela o seguiu.

— Não, eu não vou deixar você me afastar dessa vez.

Ele se virou.

— Pare de me seguir. Eu já tive o suficiente — ele disse, a veia pulsando novamente. Seus olhos estavam assombrados, olhando para ela com intensidade que ela nem sequer entendia.

— Oh, você já teve o suficiente? Você está se sentindo intimidado, pobrezinho, Matt? — Ela disse, seu sarcasmo ainda mais cortante agora.

— Não é minha culpa que essas coisas tenham acontecido com você — disse Matt. — É terrível que você tenha sofrido bullying, mas isso não tem nada a ver comigo.

— Sim, Matt. Você não acha que me intimidou para ser sua acompanhante? Eu fiz tudo que podia para sair disso, mas você e seus amigos poderosos me forçaram a isso. Você ainda não é nada além de um valentão, e eu estou feliz, estou feliz que você esteja se machucando agora. — Quanto mais ela dizia essas coisas para ele, mais irritada ela parecia ficar. Abby tentou dar a cada palavra o impacto máximo, vendo como isso o machucava enquanto ela lançava suas acusações.

A mandíbula de Matt se contraiu e seus olhos pareciam ficar subitamente brilhantes, como se um filme tivesse vindo sobre eles.

— Bem, se isso faz você se sentir bem, então isso me faz feliz — disse ele.

— Mentiroso.

— É verdade. — Ele sorriu, como se tivesse acabado de lhe ocorrer. — Quero dizer, tudo que você acabou de dizer é verdade, e eu sei disso. — Ele balançou a cabeça, rindo mais. — Eu sou todas essas coisas. Eu sou um valentão, magoo as pessoas, me aproveito delas. E eu mereço o que está acontecendo comigo agora. Eu mereço a verdade, tudo isso. Eu sempre soube que algum dia isso aconteceria e perderia tudo isso.

Abby ficou surpresa. Ela não esperava essa reação. Sua raiva ela poderia suportar. Sua defensiva, sua tentativa de encantá-la. Mas essa demonstração

de emoção não fazia parte do plano e ela não sabia o que fazer.

— Por que você está assim? — Ela disse. — Por que todas essas coisas que você acabou de dizer sobre você?

Matt se afastou dela, colocou as mãos na barra. Ela podia ver os músculos em suas costas fechando, e então seu olhar moveu-se inadvertidamente para sua bunda, do jeito que parecia, e de repente ela se imaginou se aproximando e segurando-o por trás, sentindo as costas dele, movendo as mãos para o tórax dele. e estômago.

O pensamento surgiu do nada, e estava fora de lugar, deixando-a ainda mais desequilibrada.

— Ninguém sabe nada sobre mim — disse Matt, ainda sem olhar para ela. — Ninguém percebe que eu odeio a música que faço, que eu nem gosto dos filmes em que estou. Essa coisa toda é uma grande mentira, Abby. Quem eu sou não é o cara que as pessoas veem na TV, não o homem dando entrevistas engraçadas no Good Morning America. Sou completamente outra pessoa e a pessoa que sou não é nada boa.

Havia muita dor em sua voz, mais do que ela sabia o que fazer com. Ela sentiu um pouco da raiva começar a drenar. Ela percebeu que sua raiva era principalmente sobre seu próprio passado. Sim, os comentários dele naquele videoclipe a machucaram, eles doíam. Mas depois da maneira como ele cuidou dela e de Melissa hoje, as coisas que ela disse a ele não eram justas.

— Você não é uma pessoa horrível — ela disse finalmente.

Ele se virou novamente e olhou para ela.

— Você não sabe nada sobre quem eu sou. O que você disse sobre mim antes era verdade.

— Acho que vi um pouco de quem você é hoje à noite — disse ela, aproximando-se dele. Suas costas estavam pressionadas contra o bar agora, e ele cruzou os braços. — Hoje foi apenas mais show — disse ele. — Mais de mim sendo Matt Hunter, o grande protetor e defensor da vida. — Ele fez uma careta. — Isso não era realmente quem sou.

— Eu acho que talvez fosse você, e talvez isso te assusta mais do que se você é apenas esse cara horrível que você gosta de pensar em si mesmo como sendo.

— Abby — disse ele, desviando o olhar. — Não faça isso.

Ela chegou mais perto dele, querendo desesperadamente tocá-lo agora. Ela andou até ele.

— Matt— ela sussurrou. — Olhe para mim. Por favor.

Ele finalmente encontrou seu olhar e havia lágrimas em seus olhos, ainda não derramadas.

— Abby, eu não posso. Eu não posso te dar nada.

— Mas você já fez. Você me deu muito hoje. E eu te paguei atacando você. Não foi justo.

— Você sabe — disse ele, sua voz embargada, mas um pouco de riso chegando. — Você sabe, quando eu te conheci, eu lembro de pensar para mim mesma que talvez eu pudesse te convidar para sair, apenas te tratar bem - não fazer toda essa merda que acabei fazendo com você.

— Por que você não me convidou para sair então?

— Porque eu sabia que só te machucaria pior, Abby. A escuridão dentro de mim nunca vai desaparecer. Você deveria ficar longe de mim.

Ela estendeu a mão para tocar seu rosto, e ele agarrou a mão dela antes que ela pudesse.

— Matt, e se você apenas tentasse por um segundo? — Ela perguntou a ele.

Sua mão agarrou seu pulso.

— Abby, isso não vai funcionar. Eu tenho muito ódio dentro de mim.

— Por quê?

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não posso. Eu apenas - eu não posso.

— Tudo bem — ela disse, pensando em como não lhe contara tudo também. Havia coisas na vida que eram muito escuras e assustadoras para olhar diretamente. Às vezes era melhor não acender a luz com muita intensidade. Ela aprendeu isso da maneira mais difícil.

— Mas você ainda pode me deixar tocar em você — disse ela, estendendo a mão com a outra, a que ele não estava agarrando.

Ele agarrou aquele também. Agora ele tinha os dois pulsos dela. Seus olhos olharam para ela, e ela viu toda a dor na superfície, mas ela não desviou o olhar. Ela o encontrou e, ao fazê-lo, viu algo se transformar em seus olhos.

A dor parecia desvanecer-se ao fundo, e agora havia uma fome ali, um desejo ardente, e seu peito nu estava ofegante.

— Abby — ele sussurrou. — Você deveria ir antes ... antes que algo aconteça. Eu não consiga parar.

— Eu não quero que você pare.

Seu roupão estava escorregando, enquanto o cinto afrouxava em torno de sua cintura. Matt se empurrou contra ela, e ela estava nua sob o roupão,

sua pele nua estava sendo tocada por sua pele nua.

Suas pernas entrelaçadas com as dela, seu corpo contra o dela, quente e sólido e forte. Ele empurrou a cabeça contra a dela, de modo que seus lábios estavam a apenas uma polegada de seus lábios. Suas mãos pararam agarrando seus pulsos e, em vez disso, agarraram o roupão de cada lado, separando-o.

— Matt — ela sussurrou, uma respiração trêmula.

Seus mamilos estavam rígidos, entre suas pernas estavam úmidas e pronta. Ela estava tão excitada por ele e nem entendeu como as coisas mudaram tão rapidamente. Um momento ela estava furiosa e atacando, cortando-o com suas palavras - e no momento seguinte ela estava morrendo por seu beijo, morrendo de vontade de sentir as mãos dele por toda sua pele nua.

— Abby, por favor — disse ele. — Nós não devemos fazer isso.

— Por que não? — ela perguntou. — Eu não tenho medo de você.

— Isso é um erro — ele disse a ela.

Ela colocou as mãos no peito dele e deslizou-as até o estômago dele. Então ela deslizou uma mão para baixo ainda mais, apertando sua dureza, querendo acariciá-lo, tirá-lo e colocá-lo em sua boca, mesmo que ela nunca tivesse feito isso antes.

— Não — disse Matt.

— Você está tão duro — disse ela, sua própria voz, com a necessidade dele.

E então ele a girou para que ela ficasse de costas para ele, e suas mãos agarraram a borda do bar. Matt se pressionou contra o traseiro dela. A mão dele deslizou para dentro do robe e agarrou seus seios, beliscando seus mamilos com força suficiente para fazê-la gritar com prazer.

Sua outra mão deslizou dentro de seu roupão mais abaixo, entre suas pernas. Ela estava querendo isso, esperando por isso. Ela nem percebeu o quanto.

No momento em que seus dedos tocaram a borda de sua fenda, ela gritou e então ela estava vindo, vindo, vindo.

Seu corpo inteiro estremeceu. Ele mal fez nada para ela, mas suas mãos eram como mágica. Tudo o que Matt fez foi como perfeição. E então ele estava rasgando seu manto de seus ombros completamente, deixando-a completamente nua.

Ela o ouviu ajustar seus boxers e não sabia exatamente o que ele estava fazendo até que ela sentiu seu pau duro pressionando entre suas nádegas, e

seus quadris estavam empurrando os dela. Ele tirou seu pênis de seu short e agora estava apenas deitado contra sua bunda, duro e duro.

Abby não sabia o que ele faria em seguida.

Ela o queria dentro dela mais que tudo. Uma voz nela disse que isso estava errado, ela jurou não dormir com ele.

Você não disse por dinheiro. Isto não é por dinheiro. Isso não conta.

Ou fez isso? Ela não tinha mais certeza do que contava e o que não contava.

Matt deslizou seu pênis para cima e para baixo, e estava quente e quente e duro. Sua vagina vibrou com prazer.

— Eu quero você dentro de mim — ela disse a ele.

E então seus dedos estavam esfregando fora de sua fenda, esfregando suas dobras, batendo em seu clitóris, estimulando-a enquanto ele esfregava seu eixo contra seu traseiro. Sua outra mão agarrou seus seios e sua boca estava em seu pescoço.

— Porra, Abby — ele rosnou.

— Eu vou gozar de novo — ela gritou para ele. — Ah, Matt, estou gozando.

Ele xingou de novo, e então ela estava se debatendo, batendo com força nas pontas dos dedos dele e ela sentiu-o esguichar por todas as costas.

Eles ficaram nessa posição, ambos respirando pesadamente, colados como cola um contra o outro. Matt estava rindo e ela também. Ela virou a cabeça para o lado e olhou para ele.

— O que há de errado com a gente? — Ele perguntou a ela.

— Nada — ela disse a ele.

*

ABBY NÃO SABIA como havia ido parar aqui.

Deitada na cama com Matt Hunter, em um incrível quarto de hotel no Ritz, nus juntos nesta linda cama, com o corpo de Matt segurando o dela, braços em volta dela, ouvindo-o respirar suavemente e profundamente na noite.

Como eu cheguei aqui?

Ela não sabia a resposta para isso, ela só sabia que não queria estar em outro lugar.

As coisas definitivamente mudaram entre eles. Para Matt convidá-la a ir

para a cama dele, para ele abraçá-la assim - ela sabia que era um grande negócio para ele.

Foi um grande negócio para ela também.

Ele ainda não a beijara nos lábios, embora parecesse que ele tinha estado tão perto tantas vezes, e ela o queria tanto quanto ela queria qualquer outra coisa que ele fizesse. Ela ainda não podia acreditar que ele estava tão perto dela, se apertou nela assim, e mesmo pensando nisso, ela sentiu o familiar movimento entre suas pernas.

Ela estava excitada novamente apenas deitada nessa cama com os braços em volta dela. Ela empurrou-se contra ele, tentando senti-lo novamente, sentir seu pênis contra ela.

A noite envolveu-a e ficou em silêncio, quente e linda.

Abby não sabia o que viria a seguir, mas ela não se importava. Aqui e agora foi o suficiente para sempre.

A manhã chegou em breve, e quando chegou, as coisas mudaram novamente.

Matt se sentou na cama e seu telefone estava tocando e tocando.

Abby abriu os olhos turvos, avistou as costas de Matt quando ele se sentou na beira da cama com o telefone contra a orelha.

— Sim... — ele suspirou profundamente, tossiu algumas vezes. — Eu sei, Kurt. Kurt, eu sei. Eu vou lidar com isso. Sim, voltarei em algumas horas.

Houve uma longa e longa pausa.

Matt virou a cabeça e olhou para Abby, e por algum motivo ela estava com medo de mostrar que estava acordada, então fechou os olhos e fingiu que ainda estava dormindo.

— Se perdermos patrocinadores, nós os perderemos — disse Matt. — Se eu for à falência, vou à falência, Kurt. O que você quer que eu diga?

Outra longa pausa.

— Eu farei todas as entrevistas que você quiser quando eu voltar. Reserve a maior deles. Não me importo com quem. Diane Sawyer. Ela quer fazer isso?

Mais silêncio.

— Kurt, Kurt. Acalme-se, amigo — disse Matt. — Apenas acalme-se. Acabei de acordar e tenho que sair daqui e ir para o helicóptero. Eu voltarei em algumas horas e você poderá me deixar com os dois barris. Apenas relaxe até eu chegar lá.

O estômago de Abby se apertou e seu peito parecia estar cheio de

chumbo.

Depois que ele desligou o telefone, Matt se sentou na beira da cama e sua cabeça estava pendurada.

— Cristo — ela o ouviu sussurrar. — Cristo — ele disse novamente, e seus ombros estavam curvados.

— Matt — ela sussurrou, sentando-se. — Está tudo bem?

Ele se endireitou, depois se virou para olhá-la.

— Hã?

— Está tudo bem?

— Não realmente — ele disse a ela, e então ele se levantou. — Olha, eu tenho que pular no chuveiro muito rapidamente. Eu vou voltar para Boston.

— Ok — ela disse, sentindo-se subitamente nervosa.

Sua voz estava alterada, fria e dura.

— Você deveria ficar aqui com Melissa — disse ele. — Vou manter a reserva de vocês por mais alguns dias até que ela obtenha resultados. Pode cobrar tudo o que precisa no quarto e eu vou cobri-lo.

— Matt — disse Abby, querendo falar sobre o que estava acontecendo com o escândalo. Ela ouviu e leu o suficiente para saber que era ruim e provavelmente só piorava.

— Escute, eu realmente tenho que me ir — disse Matt. — Fique na cama, durma um pouco.

E então ele foi para o banheiro e a porta estava se fechando.

Durma um pouco? Ela pensou. Isso era tão ridículo quanto dizer a ela para comer uma grande refeição naquele momento. Ela não tinha apetite e não estava cansada.

Estava assustada.

Enquanto Matt estava no chuveiro, ela vestiu o roupão e foi para o seu próprio quarto de hotel. E também entrou no chuveiro, certificando-se de ser rápida, apenas uma lavagem rápida e enxaguar, toalha seca e, em seguida, subiu de volta em suas roupas que ela tinha usado no dia anterior.

Não era o ideal, mas mais uma vez ela não trocou de roupa.

Ela estava preocupada com Matt e o que estava acontecendo com esse escândalo. A conversa sobre falência e perda de patrocinadores - era assustador ouvir. Ele parecia à beira de algo e ela queria estar lá para ele do jeito que ele tinha sido por ela.

Ela voltou ao seu vestido e então, quando estava colocando os calcanhares, houve uma batida em sua porta.

Ela foi e abriu, e sorriu quando viu Matt lá, tomando banho de chuveiro, mas seus olhos estavam tão cansados e vermelhos ainda.

— Ei — ela disse. — Está bem?

Matt ficou sem jeito no corredor.

— Escute — ele disse, incapaz de encará-la, seus olhos olhando para todos os lados, menos diretamente para ela. — Eu estava pensando sobre isso no chuveiro e quero liberar você do contrato.

— Huh — ela disse, atordoada. — Espere. O que você quer dizer, Matt?

— Não está certo, Abby. Eu não posso mais fazer isso. Eu não posso ter esse tipo de situação na minha vida e não é justo para você também. Eu nunca deveria ter manipulado você para fazer nada disso. Eu sinto muito.

— Espere um minuto — disse ela. — Apenas - espere um segundo...

— Eu vou fazer as pazes com você — Matt disse, ainda sem olhar para ela. — Eu pagarei a você os trinta mil e, como eu disse, reservarei esses quartos para você e Melissa.

Abby deveria ter sentido alívio e felicidade, mas ela não. Em vez disso, ela se sentiu péssima.

— Eu não entendo por que... — foi tudo o que ela disse.

— Eu lhe disse, percebi que não está certo — respondeu Matt. — Eu tenho que levar a sério a mudança da minha vida, e isso não é sobre publicidade ruim ou as coisas que saíram ontem à noite do meu passado. Isso é sobre eu fazer a coisa certa. Vou garantir que Will Hart e CLUB VIP deixem você em paz. Ninguém vai incomodá-la nunca mais, Abby.

— Matt, espere um segundo.

Ele parou e olhou para ela por um momento.

— Abby, eu tenho que ir. Eu sou ... eu estou... — ele parecia prestes a dizer mais, mas depois passou a mão pelo cabelo, virou-se e afastou-se dela.

Ela ficou ali com a porta aberta, atordoada e querendo chorar.

Por que você está chateada, sua menina boba? Ele te deu trinta mil dólares e sua liberdade!

Mas não parecia uma vitória. Parecia uma perda enorme.

Eles estavam apenas começando a atravessar, Matt estava derrubando suas paredes e então ele foi e cavou um fosso entre eles.

Agora ele estava indo embora e ela nunca mais o veria. Abby não tinha certeza se deveria estar com raiva, magoada ou o que. Ela ficou lá, seus pensamentos pegando fogo, tentando entender tudo.

Eu sei que poderia tê-lo ajudado, ela pensou.

Talvez fosse isso que fosse tão triste, ela percebeu. Matt era como seu oposto polar, e juntos eles de alguma forma se encaixam, eles de alguma forma tinham peças faltantes um do outro.

Só assim, uma luz se apagou dentro de sua mente - um lampejo de inspiração. Ela sabia então que havia algo que ela tinha para contar a Matt.

E então ela estava correndo pelo corredor, e ela alcançou Matt enquanto ele estava nos elevadores. Quando ele a viu, sua expressão ficou fria novamente.

— Abby — ele disse — não posso falar agora.

— Eu não quero que você fale — ela disse — quero que você me escute.

Ele olhou para ela sem entender.

— Tudo bem, diga o que você quer dizer.

— É bom que você esteja me demitindo, porque eu não quero trabalhar para você — ela disse a ele.

— Ok, ótimo — ele disse, sua voz impaciente.

— E você não pode me ter como sua funcionária, porque eu vou ser sua namorada.

— O quê?

— Você está com problemas, Matt — ela disse. — Não se incomode em me dizer que tudo está bem porque não é. Você corre o risco de perder tudo o que você criou por causa desse vídeo, mas eu posso ser a única pessoa que pode ajudar a reparar o dano.

Os olhos de Matt se estreitaram.

— Como você planeja fazer isso?

Ela sorriu.

— Acontece que sou uma daquelas pessoas de quem você tirou sarro em seu vídeo. Quando eu estava no colégio, sofri tanto bullying que tentei me suicidar.

Seu rosto ficou pálido.

— Abby, você está falando sério?

— É verdade. Foi o que aconteceu comigo.

— Abby, eu não tenho certeza do que você está tentando, mas se você está dizendo que eu deveria usar o que aconteceu com você para, de alguma forma, se beneficiar - eu não posso fazer isso.

— Você não está me usando. Estou me oferecendo para ajudá-lo. Se agirmos como se estivéssemos juntos, seria quase impossível que esse escândalo arruinasse você. Eu sou alguém que passou por tudo isso. Eu sou a

pessoa exata que você precisa ao seu lado para mostrar que você mudou desde o vídeo que eles mostram de você.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não posso ser seu namorado, Abby. Eu não posso fazer isso.

— Eu sei. Não estou dizendo que será completamente real. Mas será real o suficiente para todos os outros.

— Por quê? — ele perguntou. — Por que você faria isso por mim depois de tudo que eu fiz para você?

E então Abby não sabia o que dizer. As portas do elevador se abriram e ele ainda estava de pé ali, esperando por sua resposta.

Ela não sabia o que dizer porque não sabia por que estava fazendo nada disso.

Tudo o que ela sabia era que às vezes você tinha que arriscar na vida e apostar tudo de uma vez.

— Confie em mim — disse ela, finalmente.

Os olhos de Matt se arregalaram, e Abby percebeu que tinha acabado de pedir a Matt Hunter para fazer a única coisa na vida que o assustava mais do que tudo.

CONFIAR.

Fim da parte 02

A dívida

Livro 03

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Parte 03

Abby tinha acabado de pedir ao super astro e celebridade Matt Hunter para confiar nela, e a julgar pelo olhar em seu rosto, Matt não ia cair nessa.

Não mesmo.

Ela nem poderia culpá-lo por ficar cético com a ideia de que poderiam reparar o problema da sua imagem, fingindo estar em um relacionamento.

— Confiar em você? — ele perguntou, como se ela tivesse acabado de pedir-lhe para se jogar em uma granada.

Por alguma razão, ela continuou insistindo.

— Sim, confiar em mim. Me dê uma chance, Matt, e se não gostar do jeito que as coisas vão, você sempre pode acabar com tudo.

Ele balançou a cabeça, mas ela poderia dizer que ele estava pensando.

— A história não vai se sustentar — disse ele, depois de uma longa pausa. — Vai parecer com um truque de relações públicas, que é exatamente o que seria.

Abby sorriu para ele.

— Como você pode ter tanta certeza de que não vai funcionar?

— Nós só nos conhecemos há alguns dias — disse ele. — Se essa ideia louca tivesse alguma chance, precisaríamos estar namorando há muito mais tempo do que isso.

— Como alguém saberia há quanto tempo nos conhecemos? — ela perguntou.

As portas do elevador tinham se fechado e agora os dois estavam simplesmente se encarando no corredor do hotel, Matt ainda olhando para ela com ceticismo.

— Você não consegue, Abby. Isso não é como ir para a escola e dizer ao seu professor que o cachorro comeu sua lição de casa.

— Sei disso.

Seus olhos castanhos ficaram mais escuros enquanto ele continuou.

— Esses repórteres vão investigar cada canto da sua vida. — Ele se

aproximou dela. — Você está realmente pronta para ter seu mundo virado de cabeça para baixo?

Ela foi surpreendida pelo seu escrutínio.

— Eu... eu não sei — disse ela.

— Exatamente — disse ele, sua expressão triunfante. — Você se perdeu no momento que eu pressionei um pouquinho. Toda a sua confiança foi embora e você ficou pensando se você poderia fazer isso. Bem, isso não vai funcionar quando a vaca da Barbara Walters começar a te interrogar em rede nacional.

— A Barbara Walters não se aposentou?

Matt suspirou impacientemente.

— Não sei. Talvez. E esse não é o ponto.

— Qual é o ponto?

— Você não pode fingir — Matt disse a ela. — E mesmo se você pudesse, a imprensa vai levantar todas as histórias que contarmos, examinar cada pequeno detalhe, e vão descobrir que estamos mentindo. Quando isso acontecer, será pior do que agora. Para mim e para você também.

Abby se encolheu.

— Talvez, talvez não. Acho que podemos fazer dar certo.

— Isso é porque você é ingênua — disse ele.

— Não, não sou. Como ousa me dizer quem e o que eu sou? Você não sabe nada sobre o que passei na minha vida. — Ela estava irritada. — Sabe, é exatamente por isso que você tem um problema de imagem — disse ela, apontando diretamente para ele, finalmente o atingindo com força em seu peito. Ele realmente machucou o dedo porque seus músculos eram duros como ferro.

— O que isso significa?

— Que você está sendo um babaca agora, assim como estava sendo no vídeo estúpido. Talvez a razão disso estar acontecendo é porque você não mudou desde então. Já considerou isso? — Ela se virou e começou a andar de volta para seu quarto.

Matt era impossível, decidiu. Ele era tão cheio de si mesmo, tão imerso nas coisas que saíam sobre ele, que estava começando a acreditar em todas as besteiras.

Vá se ferrar, ela pensou, a fúria fervendo em seu estômago mais uma vez. O olhar de arrogância em seu rosto! Chamá-la de ingênua, dizendo que ela não poderia lidar com isso.

— Abby — ele chamou de trás dela. — Espere um segundo.

— Vá se danar — gritou ela, não olhando para ele.

Começou a correr, chegou ao quarto do hotel e rapidamente abriu a porta. Queria bater na cara dele, com força.

Mas ele estava na porta antes que ela pudesse fechá-la. Encostou o braço contra a porta e a impediu de fechá-la.

— Eu sou um babaca — disse ele. — Eu sei disso.

— Sim, assim como o mundo inteiro, Matt. Agora afaste-se de mim. — Ela tentou fechar a porta, mas ele segurou-a tão facilmente como se ela fosse uma menina de dois anos tentando fechar a porta contra ele.

— Estou tentando falar com você — disse ele calmamente. Quase sorrindo.

— Não olhe para mim assim — disse ela, respirando forte.

— Assim como?— Agora ele estava começando a sorrir.

— Isso não é engraçado — disse ela. — O que há de errado com você? Como você pode rir em um momento como este? Sua vida inteira está caindo aos pedaços, Matt.

— Eu sei — disse ele, ainda sorrindo torto para ela. — Mas você é...

— O quê?

— Você fica tão bonitinha quando fica brava, Abby.

Ela virou-se e afastou-se da porta, desistindo de fechar Matt do lado de fora.

— Você é exaustivo — disse Abby, afastando os fios de cabelo que caíam em seu rosto. Ela olhou pela janela. — Você é inconstante.

Ela ouviu seus passos se aproximando.

— É por isso que eu te disse que não sirvo para ser namorado...

Abby viu seu reflexo no vidro — viu que ele estava bem atrás dela agora. Isso fez com que um lampejo da noite anterior voltasse, quando ele foi atrás dela, tirou o roupão e tocou-lhe tão perfeitamente.

Ela tentou afastar a memória porque só a confundiu.

— Sei disso — disse ela, ainda fingindo olhar para fora da janela quando, na realidade, ela estava vendo o reflexo de Matt no vidro. — Não tem a ver com estarmos juntos — disse ela, sabendo que era parcialmente uma mentira.

Talvez tenha sido mentira.

— Se fôssemos fazer isso — disse Matt baixinho —, teria que ser perfeito. Não há espaço para erros, nem para dúvidas. Tudo o que fizermos

será examinado sob um microscópio, as pessoas observando atentamente cada movimento que faço.

A respiração de Abby ofegou, Ele estava realmente falando como se fossem seguir sua sugestão, como se ele pudesse realmente dizer ao mundo inteiro que era seu namorado.

— Sei que estariam nos observando — disse ela, tremendo um pouco com o pensamento.

Ou talvez ela estivesse tremendo porque o hálito dele estava batendo na sua pele na parte de trás do pescoço.

— Você acha que sabe — disse ele —, mas não tem ideia do quanto eles podem ser cretinos.

— Eu tenho ideia — ela respondeu, lembrando da sua própria experiencia quando as mentiras e rumores a seu respeito haviam se espalhado quando tinha 17 anos. — Talvez eu nunca tenha vivido como você, mas posso imaginar.

— Não, não pode — disse ele. — Olhe para mim, Abby.

Ela virou-se e enfrentou-o, e seus olhos castanhos estavam olhando para o dela.

— Se não quer fazer isso, basta dizer não — ela disse a ele. — Não vou implorar.

— Tem certeza? — ele sorriu, seus lábios se torcendo em um ligeiro sorriso.

— Matt, isso é sério. Pare de confundir as coisas.

— Quero fazer isso — Matt disse a ela — e isso é o que me incomoda.

— Por quê?

— Porque não faz sentido. É muito arriscado. Não te conheço suficientemente bem para confiar a minha vida, minha carreira. Você poderia me arruinar. — Seus olhos procuraram o dela, como se estivesse procurando a verdade lá.

Ela encontrou seu olhar e tentou não ter medo.

— Você poderia me arruinar, também. E minha vida é tão importante para mim quanto a sua é para você.

Isso pareceu surpreendê-lo. Ele levantou as sobrancelhas em resposta e deu um assovio baixo.

— Isso foi um comentário bem genioso, Abby — disse ele, arranhando o queixo. Ele se afastou dela e sentou-se na borda de um sofá, observando-a de longe.

— Certo e agora?— perguntou a ele.

— Estou seriamente pensando em te colocar em teste — disse ele, rindo um pouco. — Pode ser loucura, mas, pode funcionar. Tenho viajado muito para Boston, passando tempo no centro do veterano. Eu poderia dizer que eu te conheci em uma das minhas viagens, há seis ou sete meses.

Ela engoliu em seco.

— Sou discreta. Ninguém saberia se eu tivesse um namorado secreto. Quero dizer, as pessoas não esperariam isso, mas não acho que poderiam refutar. Como alguém saberia? — Ela pensou mais sobre isso. — Claro, Will Hart sabe.

— Não se preocupe com ele. Will é discreto. — Matt passou o polegar em seu lábio inferior. — E tem a Melissa — disse Matt. — Ela sabe que não estávamos juntos... ela estava com você na noite da festa, certo?

— Sim — disse Abby, de repente se sentindo culpada. Ela não estava pensando em Melissa, só em Matt e a noção de ser sua namorada falsa. — A Mel não vai dizer nada se eu pedir a ela para não comentar.

Isso nem sempre foi verdade, Abby pensou, mas agora Melissa tinha coisas mais importantes do que espalhar fofocas. Ela não ia andar por aí tagarelando sobre Matt Hunter. Ela provavelmente iria para o hospital e cuidaria da saúde.

Matt respirou profundamente e soltou o ar.

— Vamos ter que agir como se estivéssemos em um relacionamento sério — disse ele, finalmente. Ele olhou para ela. — Você está pronta para isso?

Ela riu.

— Acho que você precisa se perguntar, Matt.

— Ouça — disse ele, se levantando e indo em direção a ela novamente. — Eu sei o que isso significa. Eu consigo. É por isso que estou te falando. Preciso saber que você entende, Abby.

— Eu entendo — disse ela, seu estômago em chamas. — Eu não sou estúpida.

— Eu não disse que você era estúpida.

Ele se aproximou novamente, fazendo seu corpo ansiar pelo dele. Ele a abraçaria à noite quando fingissem ser namorados?

— Você não disse, mas continua me martelando sobre o quão sério tudo vai ser — disse ela, forçando-se a permanecer presente e não em fantasiar sobre ele. Esta coisa toda não poderia ser baseada nela tentando começar um

relacionamento com Matt. Se tentasse fazer isso, quebraria seu coração e ela sabia disso.

— Só preciso ter certeza de que posso confiar em você...

— Você nunca vai saber disso até concordar — ela interrompeu.

Ele se aproximou dela mais, seu queixo tensionando, enquanto a mão esfregava a pele.

— Quero fazer isso — disse ele e pela forma como disse, poderia ter uma centena de significados possíveis.

— Então pare de inventar desculpas e vamos colocar isso em andamento.

Ele sorriu lentamente.

— E você acha que pode lidar com tudo em mim? Tudo que Matt Hunter representa?

— Não fale de si mesmo em terceira pessoa, isso te faz soar arrogante. Essa é a lição número um para a sua reforma de personalidade — disse ela, sorrindo um pouco apesar de como se sentia.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Sim — ela disse —, sei que eu posso lidar com tudo a seu respeito.

Ele estendeu a mão, apertou sua bunda e a puxou contra si. Ela foi pressionada contra seu corpo duro e ele a aqueceu como fogo.

— Vai ser divertido — Matt sussurrou — observar você tentar.

— Mas isso não pode acontecer — disse ela, afastando-se de seu aperto. Ela o queria muito e ele sabia disso. Ele estava brincando com ela, e ela sentiu a necessidade de virar a mesa mais uma vez.

Os olhos de Matt semicerraram.

— O que não pode acontecer?

— Isso — disse ela, tentando controlar a respiração. — Você e eu em particular... ficarmos assim.

Ele dobrou os braços.

— Assim como?

— Íntimos.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto.

— Isso não foi íntimo. Não foi nada.

— O que quer que fosse é demais — ela respondeu, empurrando o cabelo para fora de seu rosto, tentando esfriar a pele quente e bochechas. Ela sentiu-se corada. — Sem mais brincadeiras. Nada de surras, nada mais de toques.

Matt sorriu.

— Temos um acordo. Duas noites por semana...

— Isso foi antes.

Agora seus olhos estavam brilhando e sua expressão era cada vez mais séria.

— Você não pode simplesmente recuar do nosso contrato.

— Você disse que estava me deixando sair dele há cinco minutos.

— Isso foi antes — respondeu ele, jogando suas próprias palavras de volta em seu rosto.

— Não vou fazer mais nada disso — disse ela, afastando-se dele. — Não sou mais sua acompanhante de forma alguma. Isso está terminado.

— Você está agindo como se você não tivesse gostado do que aconteceu entre nós na noite passada — disse ele. — E nós dois sabemos muito bem que você adorou. Eu ainda posso me lembrar dos sons que você fez.

O batimento cardíaco da Abby começou a aumentar. A maneira como ele estava olhando para ela estava fazendo suas defesas desmoronarem.

— Ontem à noite aconteceu, eu sei que... — disse ela calmamente. — Mas não vai continuar a acontecer. Não será assim entre nós nunca mais.

Parte dela estava gritando para parar de afastar Matt assim. Parte dela o queria tanto, queria estar perto novamente, ser espancada novamente, ser tocada e acariciada novamente por ele.

Mas outra parte dizia que esta era a maneira de deixar as coisas certas.

Levante-se e pare de se curvar diante dele. Isso significa não mais se submeter a cada demanda, nem ficar com um cara que sequer te beija quando te toca.

Matt olhou para ela por muito tempo, e Abby não sabia o que ele faria a seguir. Se ele viesse em sua direção e tomasse posse de seu corpo, ela estaria muito fraca para lutar. Não seria capaz de superar o desejo intenso que estava sentindo, o desejo de voltar ao que tinha acontecido na noite passada.

Mas Matt não forçou. Depois de um longo tempo apenas olhando para ela com aqueles olhos castanhos escuros, ele finalmente olhou para longe.

— Preciso fazer algumas ligações — disse ele suavemente, e depois seguiu para a porta.

— O que isso significa? — disse ela, enquanto ele se afastava.

— Significa o que eu disse — ele respondeu, abriu a porta e a fechou quando saiu do quarto.

***

Abby não sabia o que estava acontecendo.

Matt tinha saído de seu quarto e agora ela estava confusa, se perguntando se ele tinha decidido que ela não valia a pena agora que lhe disse que seus — serviços— não estariam mais em oferta.

Foi ainda mais estranho quando ela pensou em como Matt se ofereceu para liberá-la do contrato e depois pareceu enfurecido quando ela aceitou a oferta. Sim, ela estava disposta a ajudá-lo a sair desta situação com a imprensa, mas isso não significava que poderiam continuar a jogar.

Os jogos tinham que acabar. Fazia total sentido.

Mas nada com Matt Hunter realmente fazia qualquer sentido. E agora ela estava presa, esperando em seu quarto de Hotel, se perguntando se ou quando veria Matt novamente.

Ela estava sentada no sofá, tentando encontrar notícias sobre Matt na TV, quando seu telefone tocou. Instantaneamente, ela sentou-se ereta, animada com o pensamento de que talvez fosse Matt ligando.

A única coisa melhor do que isso teria sido uma batida na porta e ouvir sua voz quando ela perguntasse quem estava lá.

Mas quando pegou seu celular e viu que era um número estranho que nunca tinha visto antes. E isso a deixou nervosa.

Ainda assim, ela atendeu, pensando se era alguém importante tentando contatá-la. Quando ela disse alô, a voz do homem do outro lado era vagamente familiar.

— Oi, Abby — disse ele. — Matt me deu seu número, espero que não se importe.

— Quem é?

— É o Kurt, o gerente de Matt. — Uma vez que ele disse seu nome, tudo fez sentido. Sua voz soou de alguma forma mais profunda no telefone do que pessoalmente.

— Ah — disse Abby, um pouco chocada. — Eu não esperava a sua ligação.

— Eu disse a Matt que ia te ligar. Matt acabou de me dizer que você vai desempenhar um grande papel em nos ajudar a lidar com essa tempestade de merda da imprensa. — Kurt riu disso, parecendo não estar muito animado.

— O que exatamente Matt lhe disse?— Abby perguntou a ele.

— Só que ele estava cancelando os shows de Boston, ia devolver os

valores dos ingressos de todos e pagar toda a equipe e artistas, essencialmente nos fazendo perder milhões de dólares.— Kurt disse que não era grande coisa, como se estivesse falando sobre os pequenos detalhes de uma viagem de pesca de fim de semana.

— Eu não tinha ideia de que Matt estava cancelando os shows de Boston — disse ela.

Kurt riu um pouco mais.

— Sim, ele certamente está. Ele também disse que sua melhor amiga está seriamente doente e Matt quer estar ao seu lado durante este momento difícil.

— Ele te contou tudo isso?— Abby perguntou, assombrada.

— É claro que sim. Matt e eu contamos coisas importantes como essa um ao outro. Outra coisa, ele quer que eu agende uma entrevista com uma das principais agências de notícias para que vocês possam levar a público seu relacionamento. Ele me disse isso também.

Abby não acreditava no que estava ouvindo. Matt havia realmente aceitado sua sugestão de fingir estarem em um relacionamento sério. Ele havia ligado para seu gerente e colocado o plano em movimento, sem sequer discutir nada com ela primeiro.

— Uau — era tudo o que ela podia dizer.

— Uau? É tudo o que você tem a dizer sobre isso? — Kurt riu.

— Não sabia que as coisas estavam indo tão rápido.

— Matt é rápido — Kurt disse a ela. — Enfim, estou ciente de que vocês dois não são realmente um casal, que você não conhece Matt há mais do que alguns dias, e ele sabe ainda menos sobre você do que você sabe sobre ele. — Ele disse casualmente, mas ela sentiu uma séria intenção mortal por trás das palavras do gerente.

Abby estava sentindo uma sensação de formigamento ao longo de seu couro cabeludo, agora seu estômago estava apertando, e estava ficando mais difícil de respirar.

— Conheço Matt o suficiente para acreditar que ele não merece perder sua carreira por causa de comentários mal pensados que ele fez anos atrás — disse ela.

— Que doce da sua parte — disse Kurt, e agora toda a simpatia tinha deixado a sua voz. — Mas não acredito em nada disso e acho que Matt está cometendo um tremendo erro ao confiar em você.

— Isso não é justo — respondeu ela. — Eu não fiz nada de errado.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Conheço o Matt desde o Afeganistão. Eu estava em combate com ele, e passamos por coisas juntas que nos deram um vínculo vitalício. Vou proteger Matt agora, como sempre fiz.

— Matt não precisa ser protegido de mim — disse ela, sua mão suando enquanto agarrava o telefone celular com firmeza. — Você não sabe nada a meu respeito.

— Sei que você foi paga por serviços prestados — disse Kurt friamente. — Acho que nós dois sabemos que você não é nenhum anjo. Você está fazendo isso para conseguir algo do Matt. Vou tornar isso muito mais simples para você. Vou te dar cem mil dólares para ir embora e nunca mais voltar. Deixe o Matt em paz.

Abby sentiu como se um monte de tijolos tinha acabado de ser despejado em sua cabeça.

— Cem mil dólares para deixá-lo? Você está brincando?

— Eu não estou brincando, não brinco sobre esse tipo de dinheiro.

— Por que você me daria tanto dinheiro apenas para ir embora? — perguntou, sabendo que ele estava simplesmente tentando testá-la, tentando obter uma reação dela.

— Eu faria isso em um piscar de olhos, porque o seu pequeno esquema vai custar a Matt muito mais do que cem mil dólares. Se ele seguir com este plano ridículo, vai perder milhões em milhões, todos os seus endossos, muitos de seus fãs, e sua carreira pode ser arruinada.

Abby estava tremendo.

— Eu não quero o seu dinheiro.

— Cem mil dólares pagariam por vários tratamentos médicos se o que Matt me disse sobre sua amiga é verdade — disse Kurt. — A menos que você e sua amiguinha sejam duas vigaristas tentando tirar dinheiro dele.

— Você acha que minha amiga e eu colocamos um tumor no seu colo do útero, diagnosticado ontem por um médico respeitável através de uma biópsia? Você é um idiota? — Abby disse, a raiva subindo em seu peito como um pedaço de estilhaços queimando. — Minha amiga pode estar com câncer e você está fazendo essas acusações nojentas.

A voz de Kurt se acalmou novamente.

— Não sei se sua amiga está doente ou não. E eu realmente não me importo. Eu não dou a mínima para nenhuma de vocês — disse ele, sua voz abaixando a quase um sussurro. — Mas vou te dizer uma coisa. Se você tentar arruinar Matt de qualquer jeito, vai desejar ter aceitado a minha

proposta.

— Não menti sobre nada, e não me ameace.

— Isso não é uma ameaça — disse ele lentamente. — Estou dizendo que você tem exatamente trinta minutos para ir embora com os cem mil dólares. Basta me mandar uma mensagem para esse número dizendo que aceita. Tenho seus dados, vou depositar o valor na sua conta e, em seguida, você simplesmente vai sair do hotel, juntamente com a sua amiga, e nunca mais dizer outra palavra para Matt.

Abby engoliu em seco seu coração acelerado, suando e tremendo.

— Eu te disse...

— Eu sei o que você me disse — Kurt disse baixinho. — Mas pense sobre este dinheiro. É real, e você será capaz de usá-lo para qualquer coisa que você queira. Mais do que o suficiente para te ajudar e a sua amiga. Você tem meia hora para decidir se quer pegar o dinheiro ou não. Depois disso, o negócio está fora da mesa.

— E se eu não aceitar?

Ele riu, um barulho áspero em seu ouvido.

— Se você for burra o suficiente para recusar, vou me certificar de transformar sua vida em um inferno. Ninguém, nem mesmo o próprio Matt será capaz de protegê-la. E se você contar uma palavra desta conversa para ele, esperando que eu te libere do inferno, vou fazer o câncer da sua amiga parecer como a porra de um piquenique quando eu terminar com você.

E depois desligou.

***

Dez minutos se passaram enquanto Abby pensava sobre o que fazer a seguir. Kurt pode estar blefando, Abby não tinha certeza.

Ele era o gerente de turnê de Matt e se o que ele havia dito fosse verdade, ela não teria qualquer chance se ele decidisse envenenar Matt contra ela. Kurt era rico e poderoso, e era amigo de confiança de Matt, enquanto ela era apenas uma garota que tinha tido uma ideia ridícula.

Quando deixou seu quarto e caminhou pelo corredor até o de Melissa, Abby considerou tentar falar com Matt sobre o que Kurt tinha dito a ela. Mas estava muito assustada. A última ameaça de Kurt deixou claro que se ela fizesse tal coisa, seria uma declaração de guerra aberta.

Kurt estava obviamente ameaçado por seu relacionamento com Matt e o

plano que Matt queria usar para recuperar sua posição pública.

Seus pensamentos estavam correndo quando foi para o quarto de Melissa. Por um lado, Matt estava ajudando Melissa com seus problemas de saúde, e Abby queria permitir que isso continuasse, se possível.

Por outro lado, Kurt pode provocar problemas nessa frente também.

Talvez se Abby partisse da cena, talvez Matt continuasse a ajudar Melissa, mas pelo menos Kurt se afastaria, sabendo que Abby estava fora do quadro e não interferindo na carreira de Matt.

Ela não sabia qual era a resposta certa e estava em pânico. Parecia que qualquer coisa que ela fizesse acabaria mal.

Dane-se o Kurt. Ele está tentando te intimidar como fizeram no ensino médio. E você vai fugir de novo? Não está cansada de fugir toda vez que alguém te ameaça?

Em pé na frente da porta de Melissa, ela segurou a mão para bater.

Ela estava cansada de ter medo e de fugir sempre que alguém a atacava, no colegial, ela quase pagou o preço final por causa de seu próprio medo e vergonha e da humilhação de tudo isso.

Mas agora estava recebendo uma nova chance de tomar decisões diferentes.

Ela ia recusar o acordo do Kurt.

Ela não queria cem mil dólares do dinheiro do Matt. E como Kurt poderia dar o dinheiro do Matt? Não pertencia a ele.

A pergunta não era sobre se pegaria o dinheiro ou não. A questão era se iria embora com sua dignidade relativamente intacta, ou se ficaria e arriscaria ser mais ferida do que já havia sido antes.

Ela ainda estava pensando sobre isso quando uma voz chamou seu nome. Ela se virou para ver Matt vindo em sua direção.

— Ei, estava indo te encontrar — Matt falou.

— Oi — murmurou, sentindo-se contente por vê-lo e aterrorizada também.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Vou verificar a Melissa — disse ela.

Por um lado, ela ficou feliz em vê-lo — algo em sua presença a fez se sentir protegida e segura, mesmo que não estivesse. Por outro lado, ela sabia que não podia contar a ele o que Kurt tinha dito ao telefone.

— Eu preciso dizer-lhe algo — disse Matt, seus olhos castanhos focados nela.

— O que foi?

— Não posso concordar com a sua decisão de parar de me ver duas noites por semana — disse Matt.

— Você está brincando.

Ele balançou a cabeça uma vez.

— Preciso desse tempo com você. Tem que fazer parte deste acordo.

— De jeito nenhum — disse ela. — Não vamos fazer isso e eu ter que fingir ser a sua namorada também.

— Qual é o problema? — Matt perguntou a ela. — Há algo mais acontecendo?

A Abby sentiu-se pega. Mas ela sabia que não era a hora certa de contar a ele sobre as ameaças que seu empresário tinha feito pelo telefone.

Se ela dissesse ao Matt agora, o forçaria a escolher entre os dois e ela não conseguiria vencer essa briga. Kurt iria voltar atirando nela com tudo em seu arsenal e ela perderia. Era muito cedo para Matt confiar nela e não em seu parceiro de Afeganistão.

Ela suspeitava que Kurt sabia disso tão bem quanto ela. Kurt tinha propositadamente a colocado nesta posição, talvez esperando que ela fosse estúpida o suficiente para dizer a Matt sobre esse telefonema, esperando que ela fosse ficar com raiva e exigir que Matt acabasse com Kurt ou algo assim.

Se ela fizesse isso, Matt perderia a fé nela completamente.

Então Abby não disse nada, deu de ombros e sorriu esperançosamente livre de culpa.

— Nada.

— Certo, então — disse ele — Vamos deixar essa questão de lado no momento. — Matt passou uma mão através de seu cabelo. — Eu disse ao meu empresário, Kurt sobre nós. Estou certo da minha decisão.

Abby queria dizer que ela já sabia, mas ficou quieta.

— O que ele disse sobre isso?

— Na verdade, Kurt mencionou que iria te ligar em breve. Eu dei-lhe o seu número, espero que tudo bem.

— Claro — disse Abby, piscando algumas vezes, tentando esconder a contração do desconforto que surgia através de seus músculos faciais. Só de ouvir o nome do Kurt fez com que ela se sentisse fraca.

Suas ameaças ainda estavam tocando em seus ouvidos.

Mas depois disso, Abby sabia que não ia fazer isso. Ela não ia deixar o Kurt ir embora sem uma briga.

Ele estava blefando, percebeu.

Se Kurt tivesse realmente confiança em sua habilidade de influenciar Matt, ele teria simplesmente dito a Matt para mandá-la embora e teria sido isso. Simples.

Em vez disso, ele tentou entrar pelas portas dos fundos e assustá-la, o que quase funcionou. Mas agora ela estava calma o suficiente para raciocinar as coisas.

— Eu acho que Kurt está um pouco cético do nosso plano, na verdade — Matt riu. — Não posso dizer que o culpo. Se eu fosse ele, eu pensaria que era uma ideia terrível também.

— Mas você não concorda com ele?

— Não — Matt respondeu, observando-a de perto. — E você? Qualquer segundo pensamento?

Ela engoliu em seco. Agora era a hora de recuar se ainda tivesse dúvidas. Mas a realidade era que ela não queria ir para casa agora. Ela não queria que alguém como Kurt a assustasse.

Mas e o Matt tentando fazer você ficar com ele duas noites por semana ainda? Você está bem com isso?

Ela não sabia o que sentia. A verdade era que, parte dela gostava do fato de que ele ainda queria fazer essas coisas com ela, e ela não tinha certeza do que isso significava.

— Não estou reconsiderando — ela falou, finalmente.

— Muito bom.

— Mas me pergunto se vai ser um problema o fato de que Kurt não esteja confiante nisso.

Matt deu de ombros.

— No fim das contas, sou eu quem decide, Abby. Não me interprete mal, Kurt é meu amigo. Ele me deu apoio no Afeganistão quando a merda ficou pesada e nunca vou me esquecer disso. É por isso que confio nele com a minha vida. Ele tem acesso a tudo e poderia me machucar muito se ele decidisse me ferrar.

A boca da Abby ficou seca.

— É-é bom que você confie nele, então.

— Eu tenho — disse Matt, sua expressão ficando sutilmente tensa. — Não é uma escolha. Um homem como eu precisa ter alguém em quem possa confiar completamente. E Kurt é essa pessoa para mim. Depois do que passei... — Ele olhou para longe, como se tivesse se emocionado.

— Eu entendo, Matt.. acho que entendo...

Matt pareceu recuperar a compostura.

— Enfim, a questão é que confio nele, mas eu ainda sou o único a tomar as decisões sobre a minha vida e carreira. Kurt tem que aceitar que é assim que quero lidar com as coisas, mesmo que ele não goste. Nós afundaremos ou nadaremos juntos.

— Eu acho que isso significa que eu também — disse Abby.

Matt riu um pouco.

— Acho que sim. — Ele limpou a garganta, parecendo esquecer as emoções de um momento atrás. — Além disso, uma vez que Kurt falar com você e ouvir sua voz doce, tenho certeza que ele vai estar completamente a bordo com tudo.

Abby quase riu disso, mas ela conseguiu se conter.

Só quando a porta se abriu e Melissa olhou para eles que Abby percebeu há quanto tempo estavam lá fora, no corredor em frente ao seu quarto.

— Ouvi vocês conversando aqui há um tempão — disse ela. — No começo pensei que era o pessoal do quarto do outro lado do corredor, mas então percebi que eram vocês dois. Que houve?

— Desculpe, nos distraímos falando sobre besteira — disse Matt acenando como se fosse bobagem. — Mas o importante é como você está?

Melissa suspirou.

— Estou bem — disse ela, se afastando e os deixando entrar em seu quarto. — Quero dizer, estou com medo. Estou muito, muito assustada.

Eles a seguiram para dentro e Matt sentou-se ao lado de Abby no sofá. Foi estranho, Abby pensou, quando sua perna empurrou um pouco contra o dela. Ele se sentiu como se fossem namorados e tinha que admitir que ela gostava muito do sentimento.

Mas não é verdade. Você está apenas fantasiando de novo. Ele está sentado ao seu lado, Abby. É só isso.

Enquanto se sentava ao lado dele, sentia sua força reconfortante e o ouviu conversar de forma casual com Melissa, Abby não conseguia parar de pensar que tudo isso parecia tão natural e real.

É como se estivéssemos destinados a ficar juntos.

— Querem ir comer alguma coisa?— Matt perguntou.

— Claro, estou com fome — disse Abby. E então ela se perguntou se iriam a público onde eles teriam que fingir estar juntos.

— Na verdade, eu não posso ir — disse Melissa.

— Por que não? — Abby perguntou a ela.

— Meus pais estão a caminho daqui. Eu liguei e avisei o que está acontecendo.

Abby olhou para a amiga e percebeu que os problemas de Melissa eram muito mais sérios do que qualquer coisa acontecendo com Matt, Kurt ou suas preocupações. Melissa podia estar com câncer e ia precisar de apoio.

— Quer que eu espere aqui com você, Mel? — perguntou ela. — Eu não me importo.

— Não — Melissa disse a ela. — Vão comer e se divertir. Eu estou bem.

— Mel...

— Vão e se divirtam por mim — Melissa sorriu tristemente.

Matt e Abby tentaram convencer Melissa a deixá-los ficar por perto e fazer companhia, mas ela insistiu que eles fossem almoçar sem ela.

Momentos depois, os dois estavam saindo do quarto da Melissa e depois entrando no elevador. Abby olhou para Matt, que estava cantarolando suavemente para si mesmo. Ela se perguntou se ele estava cantarolando uma de suas próprias canções, ou de outra pessoa.

O elevador chegou ao saguão e eles começaram. Antes de chegar à porta giratória, Abby agarrou o braço de Matt.

— Espere um segundo — disse ela, e ele virou-se e enfrentou-a.

— Algo errado?

— Eu só... eu não sei o que estamos fazendo mesmo agora — Abby sussurrou. — Vamos... você sabe... — Ela baixou a voz ainda mais. — Estamos fingindo?

Matt agarrou a mão e puxou-a para perto e, em seguida, inclinou-se, seus lábios tocando a orelha, fazendo com que ela estremecesse. — Basta seguir a minha liderança.

— Certo — disse ela, não muito sabendo o que isso significava.

Eles saíram do hotel e instantaneamente foram circulados por fotógrafos, paparazzi. Os paparazzi tinham vindo do nada, aparentemente, havia pelo menos dez, e ela podia ver mais correndo nessa direção, como um enxame de abelhas perseguindo mel.

As perguntas já estavam sendo feitas.

— Ei, Matt, o que você quer dizer sobre a controvérsia?

— Você realmente odeia as pessoas que cometem suicídio?

— Oprah disse que você deveria ter vergonha. Algum comentário?

— Matt, você acha que as pessoas que sofrem de depressão são apenas fracas?

— A palavra é que você foi derrubado pela Target.

Matt agarrou a mão de Abby.

— Venha, caminhe comigo — disse ele, e continuaram andando, apesar da comoção. Quando eles se moveram, os fotógrafos os seguiram, até que finalmente eles foram capazes de entrar em um táxi.

Abby olhou para o Matt quando entrou no carro. Seus olhos estavam muito longe, quando ele disse ao motorista para levá-los para Times Square.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Abby perguntou a ele.

Ele olhou para ela.

— Por que não iria?

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei o que você está fazendo, Matt.

Matt suspiram.

— Ilumine-me, Abby.

— Você sabia que ia ter paparazzi fora do hotel. Normalmente você teria um carro esperando, mas nos levou lá fora de propósito, querendo que eles tirassem muitas fotos.

Ele sorriu para o seu comentário.

— Essa é a ideia. Eu não vejo o problema.

— Precisamos ser espertos sobre isso — disse ela. — As pessoas estão realmente com raiva de você agora. Se formos para a Times Square, as coisas podem ficar fora de controle. É isso que você quer?

Talvez. Vamos apenas sair — disse ele. — Não vamos ter medo disso.

— Eu não tenho medo disso — disse ela, sabendo que não estava dizendo a verdade.

— Bem, você está agindo com medo — ele disse a ela. — Isto é o que vai ser, Abby. Eu disse que vai ser intenso, assustador e esmagador. Aqueles fotógrafos lá atrás? Esses caras não são nada. Eles são apenas a ponta do iceberg.

Abby respirou profundamente.

— Tudo o que estou dizendo é que talvez devêssemos ser um pouco menos impulsivos sobre a forma como divulgamos isso ao mundo, Matt. Você está tentando arrancar o Band-Aid fora e eu estou dizendo que talvez devêssemos levá-lo lentamente.

— Não é assim que eu faço as coisas. Deixe-os tirar suas fotos, deixe

todos enlouquecendo. E então, vamos passar por isso.

Mas Abby não tinha certeza. O taxista estava observando-os com os olhos que mostraram que ele sabia exatamente quem ele tinha em seu carro.

Os paparazzi tinham algumas fotos, e logo eles estariam entre as multidões em Time Square, e ela tinha certeza de que seria uma loucura. Matt não estava com a equipe de segurança, ninguém poderia protegê-los agora se as coisas saíram do controle.

Quando o táxi parou, Abby olhou pela janela.

— Não estou certa quanto a isso.

— Vamos, vamos pegar algo para comer — disse Matt levemente, abrindo a porta do táxi.

— Eu realmente, realmente não acho que devemos fazer isso — ela disse a ele.

— Abby, vamos. Já falamos o suficiente. Agora é hora de agir. Você está começando a me lembrar de um daqueles caras com quem eu costumava servir no Afeganistão. Eles adoraram elaborar planos de batalha, mas quando chegava a hora de executar em condições do mundo real, de repente eles perdiam todo o gosto para o combate.

— Matt, eu odeio ter que dizer isso para você, mas não estamos lutando uma guerra.

— É aí que você está errada. Agora saia do táxi. — Ele pagou o motorista, que exclamou seus agradecimentos com a gorjeta generosa.

O coração da Abby estava batendo rápido no peito. Ela não acreditava que isso era real. Ela ia atravessar a Times Square com Matt Hunter. Quando o empresário dele descobrisse, ele ia enlouquecer.

É disso que você tem medo? Perguntou a si mesma.

Talvez Matt esteja certo a seu respeito. Você fala demais e não age. Agora é a hora de ir em frente e fazer o que você disse que ia fazer. Ou você vai correr de volta para o hotel com o rabo entre as pernas e, em seguida, subir no primeiro ônibus de volta para Boston?

Talvez você não tenha sido feita para esta vida.

Matt estendeu a mão para dentro do táxi. Ele olhou para ela com seus olhos castanhos, e eles eram gentis e protetores.

— Não se preocupe — disse ele. — Estou com tudo sob controle.

E ela a deixou levá-la pela mão e começaram a andar pela multidão em Times Square. Abby olhou para cima e viu um enorme outdoor pendurado acima da Praça, e ele estava mudando de uma imagem para outra.

De repente, ela viu uma foto de Matt tocando violão com uma camisa rasgada, mostrando seu corpo esculpido.

A NOVA TURNÊ COMEÇA AGORA. MATT HUNTER AO VIVO EM CONCERTO.

Ela apontou para ele e Matt riu, como as pessoas passaram por eles.

Demorou alguns minutos para ele ser notado. No início, era apenas uma ou duas bocas se abrindo quando eles passavam. Mas logo, estavam reunindo um grupo de pessoas, e houve um zumbido começando.

Logo as pessoas estavam gritando seu nome, e depois havia câmeras filmando de todos os lados.

Abby olhou para Matt e ele estava rindo, seus olhos eram brilhantes.

Ele adora isso. Ele ama a ação, ele ama o desafio.

Mas ninguém parecia zangado, as pessoas não estavam gritando obscenidades como ela pensou que poderia acontecer .

Finalmente, quando as coisas ficaram tão ruins que estava ficando difícil de manter em movimento, Matt agarrou Abby pela mão e entrou em um restaurante. O lugar estava quase vazio, o que foi surpreendente, dada a sua localização.

Mas, felizmente, era um pouco escuro e sombrio por dentro. Havia um bar enorme e muitas mesas em torno dele, com muitas telas de TV mostrando diferentes eventos esportivos em cada televisão.

Uma garçonete avistou Matt e estava prestes a dizer algo, mas quando ela percebeu quem ele era, sua boca apenas se abriu.

Abby virou-se e viu uma queda de pessoas fora das portas, muitos deles olhando para o restaurante. Estranhamente, ninguém tentou entrar, quase como se eles achavam que seria mandado sair.

— Mesa para dois — Matt disse à garçonete atordoada, que parecia que ela tinha acabado de engolir a língua.

— Oh... Oh.... claro. — Ela agarrou os menus e levou-os para uma cabine no canto. — Está tudo bem? — perguntou ela, olhando apenas para Matt.

— Isso é ótimo... — Ele olhou para o seu nome tag. — ... Melanie.

Um enorme sorriso se deparou com o rosto dela.

— Eu realmente amo seus filmes — disse ela, enquanto eles se sentavam.

Abby sentou-se e Matt deslizou ao lado dela, seu quadril batendo no dela.

— Obrigado, Melanie. Isso significa muito para mim — disse ele para a garçonete. Ele sorriu e a garçonete corou.

— Drinks? — perguntou ela, ainda olhando apenas para Matt.

— Quero um Ginger ale — disse Abby.

— E uma água para mim — Matt disse a ela. — Sem limão, Melanie.

O rosto de Melanie estava vermelho brilhante.

— Certo, Matt.— Ela virou-se e afastou-se da mesa, um pequeno grito saindo quando ela foi pegar as bebidas.

Abby viu sua aproximação com o resto da equipe, obviamente, contando a grande novidade sobre quem estava em seu restaurante.

Matt não estava preocupado. Ele bateu os dedos na mesa.

A garçonete veio e serviu as bebidas. Eles nem sequer haviam olhado o cardápio.

— Alguma ideia do que você quer comer? — perguntou a garçonete.

— Qual é o seu melhor prato? — Matt perguntou a ela.

— Oh, provavelmente o Burger Times — disse ela. — É a nossa assinatura... as pessoas adoram.

— Vamos querer dois desses — disse Matt, piscando.

Abby gemeu.

— Você nem sabe se eu gosto de hambúrgueres.

— Todo mundo gosta de hambúrgueres — ele respondeu simplesmente.

— Sim, todo mundo gosta de hambúrgueres — a garçonete concordou. Ela piscou para ele.

Claramente mudamos de timidez e agora estamos abertamente nos atirando para o superstar.

— Obrigado, querida — Matt disse a Melanie, piscando.

Ela riu.

— Vou trazer-lhe alguns nachos da casa — disse ela. — Prometo que você vai adorar.

— É assim que as garotas agem com você o tempo todo? — Abby perguntou a ele.

— Isso mesmo — disse Matt. — É uma vida difícil.

— Argh, é meio nojento. — Abby balançou a cabeça. Ela não conseguia dizer se Matt estava se exibindo ou se isso realmente era normal para ele.

Tudo o que ela sabia era que nada disto era normal para ela. Ter Matt sentado ao lado dela, seu corpo tão perto, agindo como se estivessem juntos, era demais.

Fora, uma multidão de pessoas tinha formado e estaria esperando por eles quando eles saíram.

Que tipo de vida seria realmente? Ela se perguntou. Ela ia fazer isso?

Na tela da televisão logo acima deles, Abby teve um vislumbre de uma notícia sobre Matt. Havia o mesmo tipo de manchete que ela estava acostumada a ver. Não conseguia ouvir o que diziam porque o volume estava baixo, mas não conseguia imaginar.

Ele notou a notícia sobre ele? Ele tinha aprendido a sintonizar tudo?

Poucos minutos depois, a garçonete trouxe um prato de nachos com queijo e frango em cubos por cima. Parecia delicioso, e quando Abby começou a comer, era quase capaz de sentir como se isso fosse ficar bem.

Talvez tudo realmente explodiria depois de alguns dias, como Matt disse que poderia acontecer se arrancassem o Band-Aid fora.

E então alguém entrou no restaurante. Abby notou o homem andando por dentro e olhando em volta como procurasse um amigo. Mas quando os olhos do homem os avistaram, ele virou-se em sua direção.

— Oh — disse Abby, agarrando o antebraço de Matt.

Matt viu o cara chegando.

— Apenas relaxe — disse ele suavemente. — Eu trato dele.

O homem estava andando, não particularmente rápido, mas estava determinado a alcançar Matt, que estava claro. Usava botas de trabalho, jeans, jaqueta e boné. Ele parecia que trabalhar em construção ou algo assim. Ele tinha barba e cabelos longos, e seu rosto estava alinhado e desgastado.

Matt virou-se para o homem, mas ficou sentado.

— Posso ajudá-lo? — Matt perguntou, quando o cara se aproximou da mesa.

Abby tem uma sensação nervosa, como o homem pode puxar uma arma ou algo assim. E se ele tentasse matar o Matt com uma arma? O que ela faria?

— Sim, pode me ajudar — disse o homem, seus lábios curvados com nojo. — Você pode me dizer o que lhe dá o direito.

— O direito de fazer o quê? — Matt perguntou, parecendo casual, interessado.

Os olhos do homem estavam lacrimejantes, seu maxilar tremia. Suas mãos cerradas em punhos.

— Eu gostaria de mostrar o que um homem de verdade faz quando alguém destrói sua família.

— Senhor, eu nem te conheço — disse Matt. — Não fiz nada com sua

família.

— Ah, mas você fez, seu filho da puta. Você destruiu minha família.

Ele se aproximou.

A garçonete e a equipe se reuniram perto, obviamente preocupados com o que estava se desenvolvendo.

— Eu não queria insultar sua família — disse Matt. Ele ainda estava completamente calmo.

Mas Abby estava assustada. Este homem estava tão enfurecido, seu rosto estava praticamente roxo, e mesmo que ele fosse mais velho, ele ainda parecia forte, como se pudesse machucar alguém se ele quisesse.

— O que diabos lhe dá o direito? — gritou o homem. — Meu filho deveria estar vivo agora, não você. Não você.

— Senhor, você vai ter que sair — disse a garçonete, quando dois funcionários se aproximaram do homem.

— Não, espere — disse Matt, de pé. — Deixe-o.

O homem estava assistindo Matt quando ele se aproximou. O maxilar do homem tremia mais furiosamente agora.

— Você deveria morrer, seu filho da puta.

— Você perdeu seu filho — Matt disse baixinho. — É isso mesmo?

— Não fale do meu filho, seu bastardo. Ele era dez vezes o homem que você é. Dez vezes.

— Acredito em você — respondeu Matt.

Os punhos do homem estavam tremendo agora, e Abby podia ver que ele estava tão perto de atacar Matt, a poucos segundos de distância.

— Todos os dias eu sinto falta dele — o homem grunhiu — e ele não era covarde. Ele não era um perdedor. Você é.

— Eu estava errado em dizer isso — disse Matt, olhando diretamente para o homem. — Lamento ter dito e sinto muito pela sua perda.

— Mentira.

— Como ele se foi? — Matt perguntou.

— Ele voltou para casa depois de defender este país — disse o homem mais velho. — Ele era um veterano condecorado. Ele realmente tinha cicatrizes de batalha, ao contrário de você — o homem continuou. — Você não perdeu nada. Meu filho desistiu das pernas para o seu país e ficou deprimido porque voltou a nada. Ele disse que ninguém se importava com ele. Pessoas como você diziam a ele que sua depressão era fraqueza e ele acreditava.

Matt colocou as mãos sobre os ombros do homem, e embora o homem hesitasse, ele não tentou parar Matt.

Matt olhou nos olhos dele.

— Não carregue sua morte em seus ombros — disse ele.

— Quem é você para me falar sobre o meu filho?

— Eu sou um veterano também — disse Matt.

O rosto do homem parecia papel amarrotado, suas características se esforçando.

— Você não é nada comparado a ele — ele se engasgou. — Nada.

Matt sorriu.

— Eu nunca diria o contrário, senhor. Ele é seu garoto e ninguém pode tirar isso de você. E estou contente que você veio aqui e me disse isso.

O homem ainda estava tremendo.

— Eu deveria dar um soco na sua cara.

Mas Matt segurou os ombros do homem, e era como se a raiva não pudesse resistir a Matt realmente estar lá e estar disposto a ouvir o homem desabafar.

E então o pai irritado estava de alguma forma chorando, soluçando, seus ombros tremendo, e Matt estava acalmando-o.

— Vai ficar tudo bem — disse Matt. — Eu prometo a você.

Finalmente, o homem parou de chorar.

— Estou tão zangado.

— Isso não é para a televisão — Matt disse a uma mulher no bar que estava tentando gravar todo o incidente em seu telefone celular.

Aquela mulher baixou o celular e Abby não acreditou. Matt sabia que se o vídeo saísse, ele pareceria um milhão de vezes melhor. Ele mostrou compaixão por aquele pai ferido. Essa foi a compaixão que ninguém viu no vídeo de quando Matt era mais jovem.

— Sinto muito por ter perturbado o seu almoço — disse o homem mais velho, aceitando um guardanapo que Matt entregou-lhe. Ele soou o nariz.

— Não precisa se desculpar. Eu não aceito — Matt riu. — Você defendeu seu filho hoje, e acredito que ele teve sorte de ter um pai orgulhoso como você.

O velho olhou de forma agradecida para Matt por um longo momento.

— Está falando sério?

— Estou — disse ele. — Estou, sim.

E então a coisa mais incrível aconteceu. O homem anteriormente

enfurecido segurou a mão para Matt apertar.

— Acho que julguei mal — disse ele, ainda chorando.

— Talvez, talvez não. Cuide-se e lembre-se de que seu filho é um herói, e ninguém — nem eu, nem ninguém — pode tirar isso dele ou de você.

— Matt, você deveria ter deixado aquela mulher no bar filmar você — disse Abby suavemente, depois que o homem mais velho partiu e Matt sentou-se de volta à mesa.

— Não — Matt disse a ela. — Não desta vez. Ele merece mais do que ser um golpe publicitário.

Ela viu mais uma vez que, quando se tratava de veteranos, Matt tinha um comportamento totalmente diferente do que com qualquer outra coisa. Ele se importava com o filho do homem e ele tinha mostrado.

A garçonete trouxe os hambúrgueres logo depois disso.

— Isso é totalmente bizarro — Abby disse a ele, enquanto pegava seu hambúrguer. — O que estamos fazendo aqui?

Matt lambeu as pontas dos dedos.

— Estamos comendo um delicioso hambúrguer na Times Square.

— Sim, mas isso é besteira. Você realmente não acha que isso vai funcionar, não é?

— Vai — disse Matt, passando o braço sobre seus ombros. — E eu pensei que você acreditava nisso também. Você parecia bastante segura de si mesmo quando me deu a ideia.

Ela estremeceu um pouco em seu toque. Seu corpo estava pressionado perto dela agora, e ela poderia cheirar sua colônia. Abaixo disso estava o cheiro de seu corpo, o aroma de sua pele que ela lembrou da noite anterior.

— Eu tenho medo — ela admitiu.

— Do que você tem tanto medo?

Abby sabia que não era hora de contar a verdade sobre Kurt.

— Tenho medo de tudo. Estou nervosa com a Melissa e com o que a imprensa vai dizer quando as fotos saírem por toda parte. Estou preocupada por você ter cancelado os shows em Boston.

Matt franziu a testa.

— Eu nunca lhe disse sobre o cancelamento de Boston — disse ele. Ele olhou atentamente para ela. — Como você sabe sobre isso?

— Eu li sobre isso — disse ela apressada, esperando que ele não duvidasse.

— Uau, as notícias viajam rápido — respondeu Matt. — Eu não sabia

que Kurt tinha tornado público.

— O ponto é — Abby disse, tentando sair do assunto —, estou com medo sobre o que vai acontecer. Eu estou preocupada que eu não seja capaz de lidar com isso.

— Você vai ser capaz — disse Matt. Sua mão suavemente deslizou para o ombro, até o braço e para cima novamente.

— Não faça isso — Abby sussurrou.

— Não faça o quê?

— Do jeito que você está me tocando.

— Estamos em público, isso é parte do negócio.

— Ninguém está mesmo nos observando agora — disse ela, gesticulando para o restaurante quase vazio.

— Estamos em público — disse ele, — Então, tecnicamente, estamos em um encontro.

Ela acenou, aceitando que ele estava certo. Mas era difícil se sentar e permitir que ele tocasse seu ombro, acariciá-la tão suavemente, quando ela sabia que era tudo mentira. Abby não tinha antecipado como se sentiria na realidade.

A mesma mulher no bar que Matt tinha dito para não filmar vídeo tirou sua câmera novamente e começou a filmar. Desta vez, Matt não lhe disse para parar.

Em vez disso, ele se aproximou de Abby, encostando a cabeça contra a dela.

— Essa garota está nos filmando — ele sussurrou. — Então faça com que pareça bom.

Abby estava brava com ele de repente. Por que tudo isso foi tão fácil para ele? Como ele poderia fazer esses tipos de coisas com ela e nunca desenvolver qualquer sentimento, nunca quer um relacionamento real?

— Eu posso fazer com que pareça mais do que bom — disse ela, transformando seu rosto de modo que seus lábios estavam praticamente tocando.

— Você faz grandes promessas — disse Matt, lambendo os lábios.

— Talvez você seja o único que não pode lidar com isso — Abby sussurrou, sorrindo. Seus lábios se aproximaram cada vez mais.

— Abby — disse ele. Uma mão tocou sua bochecha quando ele puxou seu corpo ainda mais perto na cabine.

Ela olhou para ele. Ela podia sentir sua pele contra a dela, podia sentir

sua barba por fazer em sua bochecha. Seus rostos estavam tocando, tudo estava certo para um beijo de verdade, mas de alguma forma nenhum deles prosseguiu.

E então ele se separou, sorrindo de forma sedutora.

— Devemos voltar para o Hotel — disse ele, verificando seu telefone. — O negócio nos espera.

— Que tipo de negócio? — Abby perguntou, tentando alisar o cabelo.

— O tipo que não te diz respeito — disse Matt.

— Ótimo — disse ela, sentindo-se irritada novamente. De alguma forma, tudo que Matt fazia a enlouquecia.

Eles voltaram para fora para a loucura de Times Square, e imediatamente foram envolvidos pela multidão novamente. As pessoas estavam surgindo em direção a eles, gritando coisas, jurando, implorando Matt para autógrafos.

Estava ficando assustador.

— Há muitas pessoas — ela gritou com Matt sobre o barulho.

Matt agarrou a mão dela e a puxou para um sedan de espera nas proximidades. As pessoas batiam nas portas e janelas, mas o motorista era experiente e sabia como sair de um atolamento apertado.

Logo, eles estavam dirigindo e deixando as multidões à distância.

— Você planejou ter este carro esperando por nós fora do restaurante? — Abby perguntou a ele.

Matt abriu um mini bar, tirou uma pequena garrafa de água e teve um gole.

— É claro que sim, não sou novo nisso.

— Talvez de agora em diante você possa me incluir em seus planos... deixe-me saber o que estamos fazendo e o que eu deveria esperar.

— Não — disse Matt, alisando o vinco em suas calças.

— Não?

— É mais real quando você está apenas reagindo — ele disse a ela. — Você não é atriz — disse ele. — Não posso planejar tudo com você com antecedência ou vai soar falso.

— E imagino que tudo seja atuação para você. Nada é real.

— Não é esse o ponto? — disse ele, rindo.

— Eu acho que é — respondeu Abby. Ela virou-se e olhou para fora as janelas e esperou para voltar para o hotel.

***

Quando voltaram ao hotel, Abby e Matt foram recebidos por uma equipe de segurança quando pararam do lado de fora.

Havia uma grande multidão lá fora quando eles chegaram.

Abby olhou para Matt.

— Acho que todo mundo sabe que você está aqui.

Ele assentiu e depois olhou para ela.

— Eles sabem *que estamos* aqui.

— Ninguém se importa comigo, Matt.

Os olhos castanhos dele estudaram o rosto dela.

— Você pode se surpreender — disse ele. E então ele se virou em direção à porta, segurando a maçaneta quando um homem de sua equipe de segurança se aproximou do carro. — Quando eu abrir, saia rápido e venha comigo — disse Matt.

Sua voz tinha uma nota de tensão, o que a fez perceber que essa situação era talvez mais importante do que parecia à primeira vista. Ela olhou para fora e notou que a multidão estava estridente, e havia paparazzi lutando por posição para conseguir uma foto.

As pessoas estavam começando a realmente se empurrar, e alguém caiu e bateu no capô do carro com um baque alto enquanto desciam.

Seu coração começou a bater mais rápido.

— Não me deixe — disse ela.

— Fique de olho em Kurt - ele deveria estar esperando por nós.

— Kurt? O seu gerente?

— Sim, ele voou imediatamente depois que conversamos esta manhã. Ele precisa estar aqui para coordenar toda essa publicidade que estamos fazendo.

Ela tentou não pensar no gerente dele, porque até o pensamento de Kurt a fazia querer fugir o mais longe possível.

Abby agarrou o braço dele.

— Prometa-me que você não vai me abandonar.

Agora havia pessoas batendo no sedan com tanta força que ele balançava sobre as rodas.

Ele olhou para ela.

— Vamos lá — disse Matt, — é hora de irmos. — E então ele estava abrindo a porta e a multidão gritando, os fotógrafos estavam tirando fotos.

E pela primeira vez, quando ela saiu do carro o mais próximo possível de Matt - pela primeira vez, ouviu o próprio nome ser chamado.

— Abby !

— Abby, aqui!

— Apenas um sorriso rápido, Abby !

— Vocês dois são um casal?

— Matt, você está com a Abby?

— É sério isso, Matt? E Courtney Taylor?

— Abby, o que você acha dos comentários de Matt? Você concorda com ele que pessoas deprimidas são perdedoras?

— A turnê está cancelada, Matt?

— Você cancelou Boston por causa de Abby , Matt?

Abby segurou o braço de Matt enquanto a equipe de segurança os cercava, tentando afastar os paparazzi ansiosos, muitos dos quais simplesmente empurraram câmeras acima dos ombros dos seguranças, apontaram na direção de Abby e Matt e começaram a se afastar.

As câmeras os estavam empurrando de todas as direções, mas Abby apenas olhou para Matt, seguindo-o da melhor maneira possível, ficando logo atrás dele enquanto se moviam o mais rápido possível para a entrada do hotel.

Como eles já sabem meu nome? Ela imaginou.

No momento em que entraram no saguão, Kurt estava lá, fazendo sinal para que eles o seguissem. A equipe de segurança se espalhou, certificando-se de que ninguém impedisse seu progresso nos elevadores. Uma vez nos elevadores, um segurança ficou do lado de fora da porta enquanto Abby, Matt e Kurt entraram. O guarda continuou parado na frente do elevador até as portas se fecharem com segurança.

Abby estava tremendo com a experiência estridente que ela acabara de ter. Matt virou-se para ela, com os olhos preocupados. — Você está bem?— Ele disse suavemente.

Kurt não disse nada, mas Abby não pôde deixar de olhar para ele. Poucas horas antes, ele ameaçara sua própria existência por telefone. Ela não podia falar na frente dele, e ainda assim não podia permitir que Matt visse o quão desconfortável seu gerente (e amigo mais próximo) a deixava.

— Estou bem — ela mentiu.

— Sei que é muito — disse ele. — Quero dizer, tive anos para me acostumar e ainda pode ser um pouco demais às vezes.

— Só um pouco? — Ela riu.

Kurt lançou lhe um olhar que Matt não podia ver.

— Sim, só um pouco — disse Matt, juntando-se a ela rindo da loucura de tudo isso.

Abby estava tão perturbada com a presença de Kurt que não queria nada além de voltar para o seu próprio quarto. No momento em que as portas se abriram novamente no chão, ela saiu e abruptamente seguiu nessa direção.

— Abby — Matt gritou, movendo-se para segui-la. Em alguns passos rápidos, ele a alcançou. — Ei — ele disse, — onde você está indo?

— Para o meu quarto, Matt. — Ela continuou andando, tentando colocar distância entre ela e Kurt.

— Eu pensei que você e Kurt e eu poderíamos ficar um pouco no meu quarto, conversar. Discutir estratégia.

— Sim — disse Abby —, o problema é que estou me sentindo meio mal. Preciso voltar para o meu quarto e me deitar um pouco. Na porta dela, ela puxou a chave do quarto, atrapalhando-a um pouco.

— Abby , há algo errado? Tipo, realmente errado? - ele perguntou, colocando a mão quente no pulso dela.

— Eu te disse...

— Só quero ter certeza de que está tudo bem.

— Estou muito cansada. — Ela tirou a franja da testa e olhou para ele brevemente, mas não conseguiu encontrar o olhar dele. Ele parecia muito preocupado, muito preocupado – quase como se ele realmente se importasse com ela.

Ele realmente não se importa com nada, exceto se seu grande plano será arruinado. O grande plano que eu estupidamente inventei em primeiro lugar.

Sua porta se abriu e ela entrou, enquanto Matt estava lá no corredor.

— Venho te ver em breve — disse a ela.

— Tudo bem — disse ela, de repente precisando ficar sozinha mais do que qualquer coisa no mundo. Quando ela fechou a porta, tudo bateu nela de uma vez. Ela correu para o banheiro, sentindo que poderia estar doente.

Debruçou-se sobre o vaso sanitário e esperou que tudo o que ela comeu antes aparecesse, e por um breve momento, teve certeza de que sim. Mas então seu estômago nervoso pareceu se acalmar, e ela simplesmente caiu na posição sentada ao lado do vaso sanitário, a cabeça pendendo frouxa.

Todos aqueles fotógrafos e repórteres — eles sabiam o nome dela.

Eles já sabiam quem ela era. Como isso era possível?

Foi realmente chocante sentir a ferocidade de tudo isso, como ser atingido por uma onda de dez metros que você nunca viu. O escopo era muito maior do que ela jamais poderia ter se preparado para enfrentar.

Em breve, milhões de pessoas poderão saber quem ela era. Eles a dissecariam e conversariam sobre como ela era feia demais, ou baixa, ou gorda, ou o que as pessoas diriam. Ela tinha certeza de que nada disso seria bom.

Abby se perguntou por que ela se colocaria nessa posição. Para ajudar Matt Hunter? Ele não precisava da ajuda dela e, além disso, ela não era capaz de ajudá-lo. Ela estava se transformando em geleia e nada havia acontecido ainda, na verdade.

Talvez fosse hora de conversar com Matt, para sair do acordo. Explique que ela não foi escolhida para ser o centro das atenções. Seria melhor tentar fazer isso com Courtney Taylor ou alguém do seu nível.

Lentamente, porém, sua respiração estava ficando um pouco menos superficial, e ela sentiu sua tontura ceder lugar apenas ao cansaço.

Você está bem, Abby. Nada de ruim aconteceu.

Bem, ainda não.

Abby levantou-se devagar e saiu do banheiro, foi até a janela do quarto de hotel e olhou para baixo, onde podia ver a multidão ainda se reunindo. Era tão estranho saber que eles estavam lá, pelo menos em parte, para vê-la, assim como Matt.

Ela pegou o telefone e abriu o Google.

Antes, em algum momento ela procurava no Google para se certificar de que todo o lixo antigo de seu passado havia sido lavado da Internet e ainda não estava aparecendo. Já fazia anos, mas ela ainda verificava ocasionalmente por precaução.

Apenas algumas semanas atrás, ela colocou seu nome no Google e obteve menos de cinco hits diretos. Um resultado de corrida, algum artigo sobre seu antigo restaurante que usou uma citação dela e alguns resultados de páginas em branco. Foi isso.

Mãos trêmulas, ela decidiu procurar novamente.

Quando ela digitou seu nome e apertou a tecla de busca desta vez, ela não podia acreditar em seus olhos.

24.897 resultados voltaram.

Ela começou a percorrer o que estava por vir, e eram basicamente coisas

de mídia social e blogueiros falando sobre como ela tinha sido vista com Matt Hunter. Como eles conseguiram o nome dela, Abby não fazia ideia. Era assustador pensar que tudo tinha acontecido tão rápido.

Nos blogs, eles diziam que ela conheceu Matt em turnê. Abby entrou no Twitter e procurou o nome dela, encontrando muitos tweets das fotos tiradas delas saindo do hotel no início do dia.

E a maioria dos comentários se referia a ela como uma *groupie*.

As pessoas pareciam genuinamente chocadas que Matt estava saindo com uma groupie quando ele poderia ter Courtney Taylor.

Muita opinião parecia pensar que Matt estava tentando ser visto com uma "garota comum" para ajudar sua imagem, fazê-lo parecer menos superior e arrogante.

Isso doeu um pouco, em parte porque parecia que os espectadores já estavam entendendo o plano. Eles nem podiam acreditar que Matt realmente iria querer passar um tempo com Abby - ele tinha que ter um motivo oculto.

Não era particularmente bom para sua autoestima. Houve comentários como: Argh, ela não é nem digna de uma noite, e coisa pior.

Abby fechou todas as janelas da internet em seu telefone e colocou o celular de volta na bolsa. Ela continuou desejando que tivesse pensado a coisa toda sobre mais, considerando todas as ramificações.

Mas as coisas tinham acontecido tão rápido, e Matt simplesmente seguiu a ideia, e agora estava acontecendo. Ela nunca deveria ter sugerido nada disso.

Isso era loucura e já estava saindo pela culatra.

Talvez Kurt tivesse razão em tentar assustá-la. Se ao menos ela o tivesse ouvido.

Naquele momento, houve uma batida na porta do quarto de hotel.

— Sim? — Abby chamou.

— Sou eu — respondeu a voz.

— Quem? — Ela disse, não reconhecendo.

— Kurt.

Seu interior congelou e suas mãos se fecharam em punhos.

— Por favor vá embora.

— Matt me enviou — disse ele. — Abra, eu não tenho o dia todo.

— Eu não ligo para quem te enviou — disse ela.

— Tudo bem — disse ele. — Eu tenho uma mala cheia de roupas para você. Vou deixá-la aqui e você pode abrir a porta quando eu partir, visto que

eu a assusto tanto.

— Ótimo. Por favor, vá — pediu em voz alta.

E então ficou em silêncio do lado de fora da porta. Ela respirou fundo algumas vezes, com a mão na barriga.

Ela odiava aquele homem, odiava sua voz. Por que ele tinha que estar lá em Nova York? Por que, com todas as outras coisas acontecendo, ele tinha que voltar para tornar tudo muito pior?

Mas não havia nada a ser feito. Ela foi e abriu a porta, esperando ver apenas uma mala no corredor. Mas Kurt não se mexeu. Ele estava de pé ao lado da mala, os braços cruzados, sorrindo para ela.

— Oi, Abby.

— Você disse que estava indo embora.

— Eu disse isso para você abrir a porta — disse ele, com os olhos brilhando de malícia. — Eu sabia que você também se apaixonaria. Você é tão previsível.

Ela tentou bater a porta, mas ele deu um passo à frente e a bloqueou.

— Não faça isso — disse ele, seu sorriso desaparecendo rapidamente. — Eu quero explicar uma coisa para você.

— Eu não quero falar com você, e gritarei no alto dos meus pulmões se você não me deixar em paz.

— Não, você não vai — disse ele, desafiando-a com os olhos.

— Como você sabe o que eu vou ou não vou fazer?

— Eu sei que você era muito idiota para contar a Matt o que eu te disse. Você não quer que essa coisa acabe tão cedo — disse ele, sua voz cheia de desprezo.

— Afaste-se de mim — disse ela, tentando parecer dura, mas falhando. Sua voz tremeu com a tensão. Finalmente, ela soltou a porta e se afastou, desistindo de pará-lo.

Ele riu quando a porta se abriu mais uma vez, mas ele não entrou mais.

— Escute — ele disse —, você conseguiu o que queria. Matt já permitiu que vocês dois fossem fotografados juntos, então o estrago está feito e eu aceitei isso. Tentei falar com ele, tentei que você fosse embora, mas isso não aconteceu.

Abby lambeu os lábios.

— Eu realmente não me importo com nada disso.

— Cale a boca e me escute — ele respondeu, sua voz tão fria e condescendente como um homem falando com um idiota ou uma criança que

ele está dando palestras.

— Não fale assim comigo.

Ele riu.

— Oh, então agora devemos jogar bem, hein? Bem, por mim tudo bem — disse Kurt. Estou pronto para jogar bem. Estou tentando lhe explicar que não vou mais combater esse golpe absurdo. Se você e Matt querem brincar de casinha como duas crianças, vá em frente.

— Eu não acredito que você quis dizer isso — respondeu ela.

— É verdade. Meu trabalho agora é tentar o meu melhor para fazer isso voar com a mídia.

— É tão simples assim?

— Você e eu podemos fazer uma trégua, se você quiser — ele disse a ela. Ele estendeu a mão. — Trégua?

— Deixe-me em paz e eu vou deixar você em paz — disse ela. — Mas eu não vou tocar em você.

Ele se virou e começou a se afastar dela.

— Essa é a Abby que conheço. Continue sendo você mesma, queria.

— Não me chame de querida, idiota — disse ela e bateu a porta. E então ela lembrou que a mala ainda estava lá fora, então ela abriu a porta novamente e a arrastou para o quarto.

Ela poderia jurar que ouviu o riso de Kurt ainda flutuando pelo corredor.

Uma vez que a mala estava em seu quarto de hotel e a porta estava fechada, Abby abriu o zíper, revelando roupas, depois de roupas bonitas dobradas cuidadosamente dentro e escondidas no fundo, cerca de seis pares de sapatos de salto alto. Não havia apenas vestidos, saias e blusas, mas também calcinhas e sutiãs.

Abby ficaria agradecida por Kurt ter trazido essa mala para ela, porque ela precisava desesperadamente de trocar de roupa. Mas as coisas que Kurt havia dito e feito a deixavam enojada, e parte dela se perguntava se aquilo era algum tipo de configuração. Mais tarde, ele tentaria acusá-la de roubar essas coisas?

Ela não tinha motivos para confiar em nada que saísse da boca daquele homem, e simplesmente desejava que ele fosse embora.

Ela escolheu algumas roupas para vestir e depois se vestiu, sua mente girando com pensamentos sobre essa nova vida que lhe fora lançada. Tudo estava se movendo tão rápido, e Abby não sabia mais se ela poderia fazer as escolhas certas.

Seria melhor apenas tentar ir para casa, fugir de tudo?

Ela poderia ir embora ou Matt encontraria uma maneira de trazê-la de volta?

Enquanto Abby se olhava no espelho do banheiro, arrumava os cabelos, pensou em Matt. O que estava acontecendo entre eles?

Às vezes, ela tinha a sensação distinta de que havia mais do que apenas um relacionamento comercial. A maneira como ele olhou para ela, a tocou, a suavidade e ternura em seus olhos quando ele estava preocupado com alguma coisa - tudo dizia a ela que Matt tinha sentimentos além de um mero acordo transacional.

Mas então ele agiria completamente desinteressado, frio, zangado e desdenhoso dela no momento seguinte. Ele não queria beijá-la.

Nada disso fazia sentido. Por que ele não podia ser apenas um cara normal? Essa categoria de homem existia mesmo de verdade? Talvez um cara normal fosse como Pé Grande ou o Monstro do Lago Ness - uma daquelas coisas que as pessoas procuravam, mas nunca encontravam.

Abby vestiu uma saia curta preta, salto preto e uma blusa branca. Ela tinha que admitir, era uma roupa fofa, talvez até sexy. Assustou-a um pouco que repórteres e fotógrafos pudessem tirar fotos dela com essa roupa e então as pessoas a jogariam fora na Internet.

Mas ela não deixaria essa possibilidade mudar o que ela escolheu usar.

Matt vai gostar? Isso fará com que ele queira fazer coisas sacanas comigo?

Abby saiu do banheiro, balançando a cabeça. Ela estava frustrada com o quanto ela se perguntava continuamente sobre Matt, e o quanto os pensamentos dele a tocando pareciam dominar seu pensamento.

De vez em quando, não importa onde ela estivesse ou o que estivesse fazendo, ela se lembraria dele tirando o roupão, colocando a mão ali embaixo, entre as pernas dela ...

E então ela ficaria molhada de novo, desejando que ele fizesse da mesma maneira naquela noite. Mesmo quando outra parte dela disse que o que Matt estava fazendo com ela estava errado, e ela estava errada por deixá-lo seguir seu caminho.

Não é à toa que ele não vai te beijar. Não é assim que uma boa mulher se comporta.

Abby ignorou aquela voz crítica. Ela estava acostumada com o autojulgamento e muitas vezes preferia não o ouvir.

Houve um tempo em que ela o ouviu, e isso quase custou tudo a ela.

O telefone estava tocando.

Era o telefone do quarto dela. Ela hesitou, depois finalmente se aproximou e respondeu, esperando ouvir alguém da recepção, ou talvez Matt ligando para falar com ela.

Mas não era nenhum deles.

— Olá, senhorita Montgomery — disse a voz familiar, e Abby de repente percebeu que Will Hart estava ligando para o quarto de hotel.

— Como você conseguiu o número do meu quarto?— Ela disse, sua voz tremendo um pouco.

— Não se preocupe com isso — disse Will , seu tom leve, amigável até. - Você sabe que estamos sempre de olho, Abby . Sempre.

— O que você quer?

— Isso não é muito legal. Eu pensei que éramos amigos.

— Não, não pensou — disse ela, e esperou o verdadeiro motivo pelo qual ele estava ligando.

— Você precisa vir ao nosso escritório imediatamente — disse Will .

— Não posso simplesmente ir ao seu escritório, nem sei onde é. E estou em Nova York com Matt.

Também estamos em Nova York. Nosso escritório fica a quinze minutos de táxi do seu hotel. Sugiro que você saia agora.

O peito de Abby se apertou com o tom de sua voz. Will parecia diferente, como se ele estivesse sendo mais amigável porque estava realmente zangado dessa vez.

— Por que você quer que eu vá ao escritório? O que houve? — Ela perguntou.

— Não se preocupe com o que se trata — disse Will. — Você descobrirá.

— Eu não vou a menos que você me diga.

— Só vou dizer isso mais uma vez — disse ele, sua voz ficando mais suave e ainda mais ameaçadora de alguma forma. — Você precisa vir ao escritório. Imediatamente. Sabemos onde você está hospedada, Abby, então se você não vier agora, encontraremos uma maneira mais desagradável de encontrar com você.

De repente, ela soube. Ela sabia sem sombra de dúvida que Will estava dizendo a verdade. Ela estava com algum tipo de problema com Will e com quem mais ele trabalhava, e não havia como evitar lidar com isso.

— Tudo bem — disse ela, finalmente. — Diga-me para onde ir.

***

Abby saiu imediatamente, conforme solicitado, sem dizer a ninguém para onde estava indo. Ela conseguiu escapar do hotel sem ser notada por ninguém, talvez porque sem Matt ao seu lado, ninguém sabia quem ela era ainda.

Também ajudou que ela se misturasse com um grupo de turistas que estavam saindo ao mesmo tempo.

E então ela conseguiu encontrar um táxi para levá-la ao local prescrito, uma parte chique da cidade que era ainda mais chique do que aquela em que ela estava hospedada, se isso fosse possível.

O táxi a deixou e ela entrou no edifício mais intimidador em que já esteve - que ela poderia imaginar estar dentro.

Era um dos muitos prédios localizados no super chique Central Park West, e ela foi imediatamente recebida dentro do saguão por um guarda de segurança carrancudo. Ela esperava que ele perguntasse o nome dela ou quem ela estava lá para visitar.

Em vez disso, ele disse:

— Abby Montgomery? — Como se a estivesse esperando naquele exato momento, como se ela estivesse sendo seguida.

— Sim — ela respondeu, incerta do que fazer ou dizer a cada passo. Ela estava suando levemente.

— Por favor, siga-me. — Ele a levou em direção aos elevadores. O interior do prédio era enorme, todo mármore escuro, espelhos extravagantes e arte adornavam as paredes. Havia outro guarda parado ao lado dos elevadores, observando-a com suspeita.

— Oi — disse ela, sorrindo para o guarda, cuja carranca apenas se aprofundou. Ele não respondeu.

Eles entraram no elevador e subiram para o quinto andar. Quando eles saíram, Abby foi recebida por seu velho amigo Will Hart . Ele parecia um pouco abatido, pálido. Ele estava usando o mesmo terno azul em que ela o vira antes.

— Vou levá-la daqui — disse ele ao guarda, que assentiu e ficou dentro do elevador quando ela saiu.

— Uau — disse ela, saindo para o corredor enorme.

Havia enormes pilares de pedra a cada poucos metros e, junto às paredes, algumas cadeiras e sofás bonitos. Havia até uma enorme lareira com uma fogueira acesa por dentro.

— Legal, não é? — Will perguntou.

— Impressionante — disse ela. — Esta é a sede VIP do CLUB ou algo assim?

— Ou algo assim — disse ele, respirando profundamente pelas narinas enquanto caminhava, levando-a pelo corredor. Ele abriu as portas do outro lado e a levou para uma sala menor que parecia uma biblioteca ou algum tipo de estudo. Havia estantes de livros ornamentadas ao longo das paredes, pinturas mais sofisticadas, outra enorme lareira e várias poltronas, mesas e mesas destinadas ao estudo.

Não havia ninguém na sala, no entanto, e o coração de Abby começou a acelerar. Ela engoliu em seco, sentindo que queria correr.

— Eu poderia usar o banheiro? — ela perguntou.

— Eu não posso deixar você fazer isso agora — disse Will , seus olhos se voltando para ela como os de um predador, frio e sem piedade.

— Eu não posso nem ir ao banheiro?

— Não — ele disse, apontando para uma cadeira próxima. — Por que você não se senta?

— Tudo bem — ela respondeu, sem saber mais o que responder à sua recusa. Então ela se sentou e cruzou as pernas. Ela se sentiu um pouco tonta, achou que ia desmaiar e tentou ignorar a intensa pressão na bexiga.

— Sabe, eu gostaria que não tivesse que ser assim — disse Will , andando um pouco na frente dela.

— Assim como?

Ele se virou e olhou para ela.

— Você conseguiu o que todas desejam, sabia? Qualquer garota que trabalha para nós daria um maldito braço e perna para estar com Matt Hunter em turnê. Mas o que você faz, vai estragar uma situação. Eu sabia que você seria um problema a partir do minuto em que pus os olhos em você.

— Eu não fiz nada — disse ela, tentando encontrar seu olhar implacável.

Ele zombou dela.

— Não, claro que não. A pequena e inocente Abby Montgomery nunca faz nada de errado.

— Eu não estou gostando de como você está falando comigo agora.

— E daí?— Ele riu, com desprezo escrito em todo o rosto. — Que se

dane se você não gosta. Sabe em que tipo de problemas estou por sua causa? Hein?

Ela engoliu em seco novamente.

— Eu ... eu realmente preciso ir ao banheiro.

Ele se abaixou e apontou um dedo grosso no rosto dela.

— Você vai se sentar aí até que lhe digam que pode ir. Eu não me importo muito se você mijar por todo o lado. Sente-se e espere pelo chefe.

O chefe?

Do jeito que ele disse isso a deixou com medo. Quem era o chefe? Ele poderia ser pior do que Will Hart ? Ela não queria nem pensar nessa possibilidade.

— Sinto muito por ter lhe causado problemas, Will — disse ela, finalmente, quando Will ficou perto de sua cadeira, as mãos cruzadas na frente dele, esperando.

— Sim, sim.— Ele suspirou. — Esse é o jogo, baby.

— Estou fazendo o melhor que posso.

Ele olhou para ela brevemente, depois voltou a olhar para a frente.

— Bem, espero por nós dois que você comece a se sair muito melhor. Porque, se não, nós dois estaremos em um mundo de problemas em breve.

O estômago de Abby deu um nó, apertou e sua bexiga doía. Ela cruzou as pernas e esperou, tentando se manter calma.

Sentiu um zumbido na bolsa e ela pegou o celular. Uma mensagem veio de Matt.

Onde você está? Acabei de bater na sua porta.

Ela suspirou. O que dizer a ele? Certamente não a verdade. E então a atingiu, uma mentira fácil.

Estou com Mel. Vou deixar você saber quando estiver livre.

Ela digitou rapidamente e guardou o telefone.

Will olhou para ela pelo canto do olho.

— É melhor você deixar o telefone na sua bolsa quando o chefe entrar, ou eu vou pegar a coisa toda e jogá-la na porra da lareira.

Ela o ignorou, mas seu corpo tremia de medo e ansiedade.

Um minuto depois, as portas se abriram novamente e, em seguida, um

homem esbelto entrou na sala com um sorriso amigável no rosto. Ele devia ter uns quarenta e poucos anos, bonito de um jeito normal, vestido com colete e gravata, calça escura, sapatos reluzentes. Ele foi muito organizado em um sentido discreto.

— Você deve ser a famosa - ou devo dizer infame - Abby Montgomery — exclamou ele, ainda sorrindo, oferecendo a mão para ela.

Ela a apertou, notando que seu aperto era suave e sua mão estava úmida. Ela afastou a mão o mais rápido possível.

— Oi — disse ela. — E você é?

Ele sorriu.

— Estou tão feliz em conhecê-lo, finalmente — disse ele, evitando sua pergunta. Ele lançou um olhar frio para Will . — Obrigado — disse ele, seu tom mudando, tornando-se severo.

A cabeça de Will parecia abaixar, como um cachorro açoitado. Ele começou a caminhar em direção às portas, saindo sem olhar para trás. Ele fechou as portas atrás dele ao sair, deixando Abby sozinha com o chefe.

— Me chame de Scott — disse o chefe, sorrindo mais uma vez, puxando outra cadeira e sentando-se a poucos metros dela. Ele cruzou as pernas e ajeitou a gravata. — Espero que você entenda que a trouxemos aqui hoje por um motivo importante. Não apenas para te assustar — disse Scott.

— Não entendo — disse Abby suavemente. — Estou confusa.

Scott se inclinou para frente, alisando a gravata novamente.

— Veja bem, o que você está fazendo agora com Matt Hunter - é muito ruim para os negócios. Nós não podemos ter isso.

— Não pode ter o quê?

O sorriso de Scott desapareceu.

— Não posso ter você no noticiário, agindo como a namorada dele. Isso não está no contrato, não faz parte do programa. Você está nos colocando em uma situação muito embaraçosa.

— Mas Matt foi quem me pediu para fazê-lo, e me disseram para sempre manter o cliente feliz — respondeu ela.

Scott não parecia gostar dela usando suas palavras contra eles.

— Mantenha o cliente feliz, sim, mas isso só chega a um ponto. Discrição é o objetivo final aqui, Abby . Gostaria de uma bebida?

— Não, obrigada — disse ela, mas Scott já estava fora de seu assento e caminhava até uma mesa próxima, pegando uma jarra de água limpa e derramando-a em dois copos.

— O problema é que — disse Scott, enquanto despejava a água — assim que a mídia começar a investigar o seu passado, eles descobrirão muitas coisas. Coisas que são ruins para você, ruins para nós e ruins para Matt. Nós não podemos ter isso.

— Eu não sei o que dizer — disse Abby. — Você quer que eu diga a Matt que eu não posso mais ser sua namorada de mentira?

Scott voltou e colocou o copo na mesa ao lado dela, enquanto tomava um gole dele.

— Quero que você faça melhor que isso. Quero que vá embora hoje, agora, e nunca mais fale com Matt Hunter.

Abby pensou sobre isso. E então ela lembrou de Melissa e a ajuda que Matt estava fornecendo a ela. Se Abby simplesmente decolasse sem explicações, Matt poderia parar de ajudar Melissa.

— Eu não poderia pelo menos dizer a Matt por que tenho que ir?

— Não — disse Scott. Seus olhos eram de aço duro, mais duro e mais cruel do que qualquer um, até Will . Ela pensou que Scott iria estalar o pescoço assim que o incomodasse o suficiente.

— A questão é — começou Abby , querendo contar a Scott sobre Melissa e porque ela não podia se dar ao luxo de queimar pontes com Matt.

— Eu realmente não me importo com o que você vai falar — interrompeu Scott. Ele sorriu novamente, mas não era real. — Veja, eu dirijo um negócio de bilhões de dólares, Miss Montgomery. O CLUB VIP é maior do que você pode imaginar, e temos clientes mais ricos e muito mais poderosos do que Matt Hunter. Temos pessoas para as quais respondemos e elas nunca querem ouvir nossa empresa mencionada na mídia nacional. Nunca.

— Eu nunca falei sobre você com ninguém — disse ela.

— Mas eles descobrirão se você continuar dando razões — Scott disse a ela, sentando-se e deliciosamente bebendo sua água novamente. — A mídia é estúpida, mas eles têm essa incrível capacidade de farejar a verdade. Eles acabarão percebendo como você conheceu Matt, não importa o quanto tente e encobrir isso. Eles já sabem o seu nome e estão cavando e cavando. Em breve eles descobrirão tudo sobre sua pequena bagunça em que você entrou na escola.

O sangue de Abby gelou. Seu corpo inteiro ficou dormente.

— Pequena bagunça?

— Sim, aquele que levou você àquele hospital por seis meses. A

pequena bagunça que fez você fugir de casa, para nunca voltar atrás. Você acha que pode transformar o que aconteceu com você em um conto de fadas que faça Matt parecer um herói? — Ele deu uma risada zombeteira para ela. — Os repórteres, blogueiros e cães de caça vão ver exatamente o que era.

Ela não podia acreditar que o CLUB VIP conhecia seu passado. Tinha sido enterrado, tudo isso, apagado da internet, e os registros de seu hospital eram confidenciais. Mas, novamente, nada disso impediria uma empresa poderosa como o CLUB VIP . Eles podiam comprá-la e vendê-la, e ela sabia disso.

— Eu fui vítima — disse Abby , finalmente, tentando recuperar a compostura. — Tudo o que eles disseram sobre mim foram mentiras. Eu fui intimidada. Essa é a questão.

— É aí que você está errada — respondeu Scott.

— Como estou errada? Eu vivi isso.

— O que você viveu não importa— , disse ele. — Você deve ser uma tola maior do que eu pensava.

— Eu não sou tola — disse ela, levantando-se. — E eu vou embora.

— Sente-se antes que eu coloque sua cabeça naquela janela atrás de você.— A voz dele era como gelo, e ela sabia que ele estava falando sério. Ela se sentou imediatamente.

— Então você vai bater em uma mulher?— Ela perguntou, encontrando seu olhar. — Que corajoso da sua parte.

Ele se levantou e olhou para ela, desabotoando o colete.

— Meu trabalho não é ser corajoso. Meu trabalho é manter meus clientes e investidores felizes e ganhar muito dinheiro para todos nós. E não vou deixar uma garotinha ingênua e boba arruinar um império. Só para nos entendermos — ele disse.

— Entendido — ela respondeu, sua respiração assobiando no peito.

— Você deve deixar este escritório e do lado de fora de um carro estará esperando para levá-la de volta a Boston — ele disse a ela. — Tudo foi arranjado. Tudo o que você precisa fazer é entrar e sair.

— E o fato de eu não ter onde morar, estar sem dinheiro, sem emprego? — Ela disse. — Isso é por sua causa. Não tenho nada para ir para casa.

— Não se preocupe — ele disse. - Vamos devolver o seu pequeno emprego, encontrar um apartamento, dar alguns dólares para ajudá-la. Vamos garantir que você não morra de fome. E tudo o que você precisa fazer é parar

de falar com Matt Hunter, esquecer que você já ouviu o nome dele. Sem entrevistas, sem contar a ninguém - quero dizer a ninguém - sobre o que aconteceu entre você e ele. Esqueça que você já ouviu falar do CLUB VIP e faremos o possível para desfazer o dano que você causou a nós.

— O dano que eu fiz a você? Você me ameaçou, me despediu...

— Cale a boca — ele disse a ela. Ele arregaçou as mangas da camisa. — Mais uma palavra e vou lhe mostrar o que é o verdadeiro dano.

— Você vai me bater?

— Só se você me der uma boa razão — ele sorriu. — Por favor, boneca, me dê um motivo.

Abby sentiu-se fraca e viu manchas por um momento, mas depois as piscou.

— Tudo bem — disse ela. — Eu irei. Só não me machuque.

— Que bom — disse Scott. — É tão bom termos conversado, querida. Muito bom conhecê-la. Quero dizer, Will me falou muito sobre você, mas conhecê-la em primeira mão é precioso. Apenas precioso.

— Ótimo — ela respondeu, simplesmente tentando terminar tudo isso. Era um pesadelo e ela só queria acordar agora.

— Vou dizer a Will que você concordou — disse Scott. Ele começou a sair, mas se virou no último momento. — Srta. Montgomery.

Abby se forçou a olhá-lo, embora isso a deixasse enjoada.

— Sim?

— Se eu descobrir que você conversou com Matt - mesmo um tweet, apenas um olá amigável - eu não me importo. Se eu descobrir que você respirou na direção de Matt, mandarei alguns capangas para buscá-la. Onde quer que você esteja, o que estiver fazendo, não importa. Meus caras vão te encontrar e dentro de 24 horas você estará do outro lado do mundo, em alguma favela da África ou da Ásia, onde ninguém poderá encontrá-lo. E você não quer ouvir o resto — ele disse a ela, tão calmamente como se estivesse oferecendo outro copo de água.

— Tenho certeza que não — respondeu ela, não querendo dar a ele a satisfação de mostrar a ele como estava realmente aterrorizada.

— Bom, entendemos um ao outro, então — disse ele, e abriu as grandes portas de madeira, saindo tão calmamente quanto havia entrado.

Abby ainda estava sentada e esperando. Ela estava assustada, realmente assustada, de uma maneira que não fazia muito tempo.

Talvez ela nunca tivesse tido tanto medo.

Will Hart entrou na sala momentos depois, e ele estava visivelmente tenso.

— Vamos — ele disse, — precisamos levá-lo para fora do carro. Está esperando para levá-la.

— De volta a Boston? — ela perguntou.

Ele desviou os olhos, olhando para longe.

— Sim. Sim. Boston. Vamos lá, precisamos nos apressar. — Ele bateu palmas como um instrutor.

Abby levantou-se e saiu, seguindo atrás dele, enquanto voltava para os elevadores.

Dentro dos elevadores juntos, houve um silêncio longo e desconfortável entre eles. Will ficou com as mãos entrelaçadas e apenas olhou para a frente, ainda sem olhar para ela, enquanto o chão apertava durante a descida.

Dessa vez, eles não pararam no saguão e Abby percebeu que ele havia pressionado o botão do porão.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou, com o coração martelando dentro do peito.

Ela tinha uma sensação de claustrofobia, como se o elevador estivesse se aproximando dela.

— Só pelo caminho de volta — disse ele sorrindo. — O carro está estacionado lá fora.

— Oh. — Ela engoliu em seco. Sua bexiga estava latejando e ela queria um banheiro mais do que qualquer coisa agora.

Quando as portas se abriram. Eles estavam em um corredor estreito, escuro e sujo, e era o oposto polar da beleza e riqueza do resto do edifício. Will a levou pelo corredor, que estava cheio de caixas e barris e cheirava a podridão e mofo.

No final, ele abriu uma pequena porta de aço e Abby ficou grata por ver um beco ali atrás, com um sedan preto estacionado perto. Perto dela havia uma lixeira e uma pequena brecha entre os prédios aos quais ela podia vislumbrar o Central Park West, como se fosse uma porta para um belo mundo de fantasia.

Através do estreito espaço entre os prédios, ela podia ver corredores passando, pessoas ricas passeando com um cachorro minúsculo, e então uma família passeando, vestida como algo de um catálogo.

— Aí está — disse Will , apontando para o sedan preto, que de alguma forma era ameaçador em sua quietude silenciosa. — Vá em frente, agora.

Ela saiu do porão e entrou no beco, andando devagar, seu batimento cardíaco ficando cada vez mais rápido.

Ela voltou a olhar para Will.

— Esse carro?— Ela disse, subitamente mais assustada do que nunca. — Você tem certeza?

Will sorriu, um pouco amigável demais agora.

— Sim, claro que tenho certeza. Continue. Entre. — Ele estava parado na porta do porão, observando-a atentamente.

Ela estava no carro agora e estendeu a mão para abrir a porta. Quando se abriu, um cheiro saiu, um cheiro como... ela não sabia ao certo. Mais tarde, ela diria a si mesma que era apenas sua imaginação. Mas ela podia jurar que cheirava a hospital, e imediatamente se imaginou entrando e sendo incapaz de sair novamente, as portas trancando-a.

O motorista tinha uma forma enorme no banco da frente, e ela o imaginou voltando para ela com um grande pano na mão, empurrando o clorofórmio no nariz e na boca, segurando-a até desmaiar.

E então a voz de Scott ecoou em sua mente, repetidamente, como se estivesse em um loop.

… Dentro de vinte e quatro horas, você estará no meio do mundo, em alguma favela da África ou da Ásia, onde ninguém poderá encontrá-lo…

Ela ficou lá como se por uma eternidade.

Distante, ela ouviu Will dizendo para ela entrar no carro, mas então tudo dentro disse para ela correr.

Correr para onde?

Voltar para Matt.

O único lugar que era remotamente seguro para ela.

E então ela fez isso. Ela se virou e correu para o espaço entre os prédios.

— Onde você está indo, sua puta louca? — Will Hart gritou, e ela poderia jurar que ele estava vindo atrás dela, mas por maior que fosse, ele não era tão rápido.

E ela estava literalmente correndo por sua vida, praticamente caindo nos calcanhares, mas ainda era capaz de atravessar a brecha e sair para a rua movimentada, onde havia muitas pessoas para alguém simplesmente vir e agarrá-la.

Abby andou o mais rápido que pôde, misturando-se com a multidão, sem olhar para trás. No início, ela encontrou um pequeno grupo de homens e mulheres asiáticos que estavam conversando animadamente. Eles poderiam

ter sido colegas de trabalho, ela não fazia ideia. Eles não pareciam notá-la andando no meio deles, então ela ficou com eles por alguns quarteirões e então viu um táxi sentado na esquina e correu para ele, entrando e fechando a porta.

— Leve-me para ... o hotel — ela ofegou.

— Qual? — perguntou o motorista, as sobrancelhas levantadas enquanto ela afundava no assento.

— Depressa, dirija! Dirija! — ela gritou no topo de seus pulmões.

— Merda, relaxe — disse ele, mas dirigiu de qualquer maneira.

***

Desta vez, ela não teve tanta sorte com a imprensa. Quando ela saiu do táxi em frente ao hotel, os paparazzi a dominaram, e ela não tinha equipe de segurança para evitá-los. Eles estavam em seu rosto, tirando fotos e gritando perguntas. As perguntas eram ridículas, absurdas, ofensivas, e ela se esforçou ao máximo para ignorar todas elas.

Ela abaixou a cabeça e tentou o seu melhor para encobrir, pelo menos esconder um pouco o rosto enquanto entrava.

Uma vez dentro do saguão, todos os estranhos estavam olhando para ela como se ela fosse uma alienígena.

Ela também se sentia como um.

Lágrimas estavam muito perto da superfície, e Abby estava começando a sentir que ela poderia simplesmente quebrar. Quanto mais ela poderia aguentar?

A viagem de elevador foi silenciosa, com um casal mais velho que falava francês e ria baixinho, de mãos dadas.

Abby chegou ao chão e caminhou lentamente para o quarto. Curiosamente, ela não precisava mais ir ao banheiro - devia ter sido um nervosismo antes. Ela ainda estava assustada, mas não tão assustada quanto no prédio CLUB VIP.

Ela também tinha certeza de que tinha feito a coisa certa ao não entrar naquele sedan preto quando Will tentou convencê-la. Havia algo de muito errado com todo esse cenário, e ela ainda tinha a sensação de que acabara de escapar a tempo.

Se eles estavam realmente dispostos a sequestrá-la e levá-la para algum país estrangeiro, isso significava que o CLUB VIP era capaz de praticamente qualquer coisa. Agora que os desafiara abertamente, o que eles fariam com

ela a seguir?

Ela não sabia. Abby abriu a porta do quarto de hotel e, quando se abriu, ela ficou chocada ao ver Matt sentado em uma das cadeiras, bebendo uma garrafa de cerveja.

Ela entrou e fechou a porta atrás de si.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou, percebendo que estava menos surpresa do que provavelmente deveria ter sido pela invasão dele ao seu espaço pessoal.

— Eu deveria perguntar a mesma coisa — ele sorriu, tomando outro gole da garrafa de cerveja.

Ela queria contar a verdade, o que havia acontecido com o CLUB VIP , mas também tinha medo da reação dele. E se ele não se importasse? E se ele não a ajudasse, não a defendesse?

E o que a fez pensar que ele poderia defendê-la por qualquer motivo?

Matt não a havia defendido ou demonstrado interesse em ajudá-la no passado.

— Eu não estou pronta para falar sobre mim ainda — disse ela lentamente. — Estou tendo um dia muito ruim.

— Você saiu com Melissa e os pais dela?

— Hummm... sim — disse ela sem entusiasmo. O estranho era que, por mais que duvidasse dele às vezes, não podia negar a segurança que sentia estar no mesmo quarto que ele.

Matt a fez sentir como se ninguém pudesse machucá-la enquanto ele estivesse por perto.

Mesmo que não fosse verdade, era como ela se sentia. E isso a derreteu, a fez querer que ele a segurasse com força novamente, a fez querer estar perto dele como eles não faziam muito tempo atrás.

Matt saiu da cadeira e bebeu sua cerveja.

— O que vocês fizeram?— Ele perguntou, limpando os lábios com as costas da mão enquanto se aproximava dela.

— Eu não quero falar sobre isso agora.

— Tenho certeza que não — disse ele, aproximando-se ainda mais. Ele estava vestido com um suéter cinza casual e calça preta que abraçava suas pernas musculosas. Ele cheirava limpo e fresco, e todos os cabelos em sua cabeça eram perfeitos. Mas seus olhos castanhos estavam fixos nos dela, e ele não estava lhe dando espaço.

— Matt, como você entrou no meu quarto?

— Ei, eu sou praticamente Houdini — disse ele, abrindo os braços. — Não há cofre que eu não possa arrombar, nenhum cadeado que eu não possa arrombar — disse ele, chegando tão perto dela que ela recuou nervosamente.

— Você deve tentar respeitar minha privacidade.

— Eu não posso fazer isso, Abby.

— Por que não?

— Você não vai me deixar. Você continua mentindo para mim — ele disse. — E então eu não posso confiar em você.— Ele colocou sua garrafa de cerveja na mesa de café nas proximidades.

Ela mordeu o lábio, todo o corpo tremendo agora. Este dia tinha sido demais para ela de muitas maneiras. A última coisa que ela pôde fazer foi resistir a Matt Hunter, especialmente quando o conforto dele era sua única salvação possível.

— Eu não quero mentir — ela disse, encontrando seus olhos castanhos. A pequena cicatriz acima da sobrancelha não era apenas sexy - também transformou seu rosto de menino no rosto de um homem que tinha visto demais.

E ele parecia ter visto através dela.

— Se você não quer mentir, por que me mandou uma mensagem dizendo que estava com Melissa? — Ele perguntou. — Eu a vi com os pais no restaurante do hotel e ela disse que não tinha visto você.

Abby se virou e se afastou dele.

— Eu não aguento isso — disse ela. — Eu não posso ser pressionada agora. Tudo está ficando impossível.

De repente, a mão de Matt estava em seu pulso.

— Não se afaste de mim.

Ela se virou.

— Não me toque. Lembra do que dissemos?

— O que você disse. Eu nunca concordei em parar de tocar em você. — Seus olhos castanhos estavam ardendo quando ele olhou para ela. A mão dele ainda estava segurando seu pulso apenas o suficiente enquanto ela tentava se afastar dele.

Ao mesmo tempo, ela queria que ele se recusasse a deixá-la ir. Ela desejou que ele lutasse por ela tanto quanto ele parecia disposto a lutar contra ela. Se ele fizesse isso, ela poderia lhe contar tudo.

Mas agora, o risco de ele a afastar, o pensamento de que ele simplesmente lavaria as mãos dela, em vez de lidar com a bagunça em que

ela estava - doía muito.

— Deixe-me ir — disse ela, sem saber o que mais ela poderia dizer. Era mentira de qualquer maneira, já que ela não queria que ele a deixasse.

— Não — disse Matt.

— Eu vou gritar.

— Eu quero que você grite — ele sorriu. — Assim como você fez ontem à noite.

Abby sentiu seu corpo inteiro corar com o calor.

— Não está certo — disse ela. — Nós não estamos realmente juntos.

— Não estamos? — Ele sorriu. — Acho que estamos juntos agora. Certamente não estamos separados.

— Você sabe o que eu quero dizer — disse ela.

— Onde você estava, Abby ? — Ele disse, agarrando o outro pulso dela e puxando-a para dentro de seu corpo, de modo que ele a pressionou contra ela, seus lábios quase tocando seus lábios, sua testa contra a dela agora.

— Eu ... eu não posso falar sobre isso — ela sussurrou.

— Por que não?

— Porque, eu estou com medo.

— Você está com medo de mim? — Ele perguntou.

— Sim — ela respondeu, finalmente. Seu peito estava subindo e descendo rapidamente.

— Que pena, Abby — ele disse, soltando os pulsos. — Porque eu realmente pensei que tínhamos potencial.— Ele suspirou. — Mas você parece determinado a estragar tudo.

— Isso não é verdade — ela respondeu.

— Eu não posso fazer isso — disse ele, balançando a cabeça e começando a porta. — Não quando eu não posso confiar em você.

Ela riu dele quando ele passou por ela.

— Por que não estou surpreso?

Ele se virou e olhou para ela.

— Nem tente colocar isso em mim. Você sabe que mentiu.

— As segundas coisas ficam complicadas, você corre mais rápido que um coelhinho assustado — ela disse a ele. — Como eu poderia me arriscar a dizer qualquer coisa que seja importante para mim?

Matt veio em sua direção novamente.

— Não estou correndo para lugar nenhum — disse ele. — Você é quem tornou isso impossível. Você me pediu para confiar em você, assim como ... -

ele pareceu se segurar e suas bochechas ficaram um tom profundo de vermelho.

— Assim como o quê? — Abby exigiu.

— Não importa — ele murmurou. — Isso é uma perda de tempo.

— Você é a pessoa mais frustrante que eu já conheci — respondeu ela. — Você me decepcionou toda vez e de alguma forma me culpa por isso.

— Eu te decepcionei?— Ele riu. — Como eu te decepcionei?

Ela queria gritar, estava tão frustrada. Nenhuma das maneiras que ele a decepcionou poderia ser falada em voz alta. Como ela poderia dizer a ele que ele a decepcionou por não querer realmente ser seu namorado, recusando-se a beijá-la, por não se importar em defendê-la no CLUB VIP quando a levaram demitida?

E ela sabia que ele só a decepcionaria se ela contasse a verdade sobre seu gerente, Kurt, para não mencionar os mais recentes desenvolvimentos no clube.

Matt estava agindo com ciúmes, agindo como um namorado, mas não era real.

— Você é falso — disse ela, finalmente, a melhor resposta que ela poderia dar, considerando todas as coisas.

Ele se encolheu um pouco.

— Eu sou falso — disse ele, balançando a cabeça. — Eu sou falso?

— Sim.

— Vamos ver como eu sou falso, Abby — disse ele, e então ele a agarrou pela cintura, suas mãos fortes tocando seus quadris, puxando-a para perto. E de repente seus lábios estavam nos dela, e ele a estava beijando, e ela gemeu e estremeceu nos braços dele.

Isso foi mais do que ela poderia ter pedido. Os lábios de Matt eram macios e quando se moldaram à boca dela, foi como se a excitação tivesse sido atingida por todo o corpo - como se uma droga tivesse sido injetada em suas veias.

Sua língua estava deslizando em sua boca, e sua mão agarrou sua bunda, enquanto a outra deslizou para cima e agarrou seu peito através da blusa.

Ele parou de beijá-la momentaneamente.

— Isso é real o suficiente para você?

Ela piscou para ele, seu peito arfando.

— Isso não prova nada, Matt.

— Você quer que eu prove? — Ele disse, segurando a blusa de ambos os

lados com as mãos e rasgando-a, revelando seu sutiã branco rendado. Ele agarrou o sutiã e soltou-o pela frente, e ele caiu dos seios.

— Matt — disse ela, — não podemos.

— Ah, sim, podemos e queremos — disse ele, — porque não vou mais fingir. Acabei de ser falso, Abby , o que você acha disso?

— Eu acho que você precisa... parar e realmente desacelerar e considerar ...

— Considerar o que, exatamente?— Ele disse, enquanto avançava.

Ela deu um passo atrás.

— Considerar as consequências. Talvez não devêssemos ... — Mas a verdade era que ela queria, queria pior do que jamais ousaria admitir.

— Eu acho que talvez você seja a falsa — disse ele, agarrando seus quadris, deslizando a saia para baixo e caindo no chão a seus pés. — Eu acho que talvez você seja quem tem medo de tornar isso real entre nós. — Ele agarrou seus quadris e a puxou contra ele novamente, pressionando sua dureza protuberante contra ela, através de sua calcinha.

Ela podia senti-lo entre as pernas e ficou surpresa com a rapidez com que tudo isso aconteceu.

Ela estava seminua, mais que seminua, e ele a estava beijando.

Os lábios dele pressionaram os dela, abriram os lábios e depois a língua dele entrou, e ela a encontrou, expirando, um pequeno gemido agudo que dizia que ela estava prestes a ceder completamente a ele.

Ele a conheceu, gemendo profundamente, e então ele estava agarrando suas nádegas com as duas mãos e puxando-a contra ele, se esfregando contra ela, e ela podia senti-lo em sua boceta, que estava ficando tão molhada.

— Me come — ela sussurrou, enquanto ele beijava sua mandíbula.

— Abby — disse ele, segurando o lado do rosto dela com uma mão e fazendo-a olhar em seus olhos castanhos. — Eu quero você. Eu quis você desde o começo.

— Matt, eu estou com medo.

— Não fique — ele disse, e então ele a estava empurrando contra a parede, e ele estava deslizando sua calcinha para baixo, fodendo com os dedos sua umidade com dois dedos enquanto ele beijava seu pescoço e prendia seu braço direito contra a parede com a esquerda dele.

Ele estava lentamente transando com ela com os dedos, quase como se estivesse no lugar de seu pau. E ela queria a coisa real, mesmo que nunca tivesse tido isso antes.

— Oh — disse ela, como as pernas se abrindo quase involuntariamente. Seus dedos estavam penetrando profundamente nela, e ela estava jorrando, sua umidade estava escorrendo e ela podia sentir o cheiro de sexo no ar agora.

— Você é tão apertada — ele murmurou, continuando a enfiar os dedos dentro e fora e dentro e fora.

Ela gritou, e então estava gozando. apesar de seus melhores esforços para aguentar, e o orgasmo foi como uma explosão, e estremeceu através de seu corpo, deixando-a fraca e sem fôlego.

— Pegue-me — ele disse a ela, sua respiração sendo ofegante. — Me leve.

Ela abriu o zíper da calça rapidamente, seus dedos se atrapalhando.

— Eu quero tanto você na minha boca — ela disse a ele, mesmo que nunca tivesse feito isso antes. E se ela fosse terrível nisso?

Mas Abby não se importava - ela fora completamente dominada pela luxúria. Tudo nela o queria, queria chupá-lo, sentir seu pau perfeitamente enorme em sua boca e depois em sua vagina. Ela queria ser preenchida por ele, estar o mais perto possível deles.

Seus olhos castanhos encararam os dela quando ela encontrou seu pênis com uma mão agarrando, e ela começou a acariciar seu membro, e era liso com sua própria excitação. Ela começou a se abaixar para colocá-lo na boca.

— Não — ele disse. — Apenas sua mão.

— Por quê?

— Eu não quero apressar você — ele disse a ela.

— Mas eu quero.

Ele olhou nos olhos dela.

— Sua mão é suficiente — disse ele. — Mais que o suficiente.

E então ela começou a acariciá-lo novamente, cada vez mais rápido, e ele começou a foder com o dedo sua boceta molhada novamente.

A palma da mão dele estava batendo em sua fenda quando sentiu ondas de prazer vibrando através de suas pernas em seu espaço central.

Enquanto isso, ela estava segurando seu eixo e deslizando a mão para cima e para baixo, sentindo a cabeça inchada, desejando que ela entrasse em seu boceta molhada e a abrisse agora. Ela estava tão pronta, tão disposta, precisando de tudo dele.

— Eu irei em breve — ele disse a ela, e seus olhos se fecharam quando ela o puxou cada vez mais rápido.

— Eu quero que você goze — , disse ela, indo mais rápido.

Ele começou a empurrar os dedos nela mais rapidamente também. E agora ela estava tão perto de novo.

Finalmente, ele a soltou, chocando-a com o jato de sêmen branco e espesso que a espirrava com seu calor e umidade, atingindo suas pernas e estômago e pingando sua mão.

Ele estremeceu quando ela continuou a drená-lo, pensando o quanto ela gostaria de sentir tudo isso derramando em sua boca. Ela poderia ter engolido? Ela queria tentar, queria senti-lo dentro de sua boca, queria fazê-lo tremer assim usando seus lábios em vez de apenas sua mão.

E então, como ela imaginou, ela gozou também, e ele bateu os dedos contra ela tão rápido que ela gritou.

Quando acabou, eles se entreolharam.

Nenhum deles disse nada, nem parecia precisar.

Abby sentiu como Matt já tinha dito isso.

Isso é real.

Isso é real.

***

Pelo segundo dia consecutivo, Abby estava deitada nos braços de Matt, desta vez em seu quarto de hotel, e foi ainda mais incrível do que a última vez.

Por um lado, depois de rastejar sob as cobertas, Matt começou a beijá-la novamente, um beijo profundo e apaixonado que roubou seu fôlego. Seus corpos pareciam moldados juntos, clicando no lugar como uma fechadura e chave que finalmente se encaixavam perfeitamente.

A língua dele entrou em sua boca enquanto seus dedos acariciavam seus cabelos.

— Abby — ele sussurrou, olhando nos olhos dela quando ela olhou para ele.

E então, de alguma forma, eles acabaram adormecendo por um tempo. Talvez tivesse passado apenas meia hora ou algo assim, mas quando os dois acordaram, ele a estava segurando com os braços em volta dela.

— Eu realmente espero que não acabemos nos arrependendo disso — disse Abby , ouvindo-o se mexer.

— Por que nós?— Ele perguntou.

— Eu não sei. Você ficava me dizendo como não poderia me dar outra

coisa senão o acordo comercial que tínhamos antes.

Matt suspirou.

— Tudo o que posso dizer é que não me arrependo nem um pouco agora.

— Oh, isso é realmente reconfortante — ela riu.

— Talvez não seja reconfortante — disse ele, — mas também não é o fato de você ter mentido para mim sobre onde estava antes.

Ela virou a cabeça para ver a expressão dele.

— Você está bravo?

— Eu só quero saber, Abby . Eu quero poder confiar em você.

Ela pensou sobre isso, mas seu interior parecia apertar e torcer quando ela abriu a boca.

— Não tenho certeza se posso dizer— , disse ela.

— Porque, por que você tem medo que eu fique bravo?

— Não tenho certeza. Talvez.

Ele respirou fundo e a apertou mais perto dele, suas mãos esfregando seu braço e perna, dando-lhe formigamentos por todo o corpo.

— Que tal eu contar uma pequena história primeiro? — Matt disse. — Talvez isso te deixe com vontade de conversar.

— Ok, mas eu não prometo nada.

— Tudo bem então. Mas quero lhe contar um pouco da minha vida. Você sabe, depois que minha noiva morreu, eu decidi que era hora de jogar a precaução ao vento e tentar perseguir o meu sonho de ser um cantor / compositor.

Abby assentiu, olhando por cima do ombro para ele novamente.

— Isso parece ter funcionado muito bem para você.

Ele assentiu.

— Mas a coisa que a maioria das pessoas não percebe é que eu comecei como um cara de rock indie. Eu estava escrevendo e tocando músicas como as bandas e as pessoas que eu ouvia. Pessoas como Bob Dylan, Beck, bandas como Radiohead e Coldplay. Talvez eu não tenha escrito músicas ou cantado exatamente como qualquer uma delas, mas essas foram minhas inspirações. E a minha primeira demo continha todas essas coisas. - A mão dele acariciou suas costas enquanto ele continuava falando. — Então eu consegui meu contrato com a gravadora, a gravadora realmente amou duas das minhas músicas. Essas foram as duas músicas mais comerciais, com som pop, e também provavelmente as minhas duas músicas menos favoritas que eu

escrevi até aquele momento.

— Eles tentaram fazer você escrever mais músicas como essas? — Ela perguntou.

— Você é muito inteligente, talvez devesse ser produtora musical — disse ele, sua voz leve, aparentemente gostando de estar lá com ela e contando a história.

— Tenho certeza de que seria ótima nisso — disse Abby , aconchegando-se mais perto dele. Ela adorava como isso era. Matt estava se abrindo e parecia real.

Parecia certo.

— De qualquer forma, eles me sentaram e basicamente me deram um ultimato — Matt disse a ela. — Escreva mais músicas como as duas que eles já escolheram, ou achariam compositores para escrever coisas para mim e eu gravaria essas outras músicas para o meu álbum.

— Eles nem usariam nenhuma das outras músicas que você escreveu?

— Não — ele disse. — Eles queriam todos os novos que estavam mais alinhados com o som pop que eles queriam de mim.— Sua voz mudou agora, ficou mais irritada, quase amarga.

— O que você fez?

— Eu acho que você é inteligente o suficiente para saber, senhorita produtora de discos.

— Você escreveu mais músicas pop — disse ela.

— Sim, eu fiz isso. Eu chegava a centímetros de dizer para eles se ferrarem, indo sozinhos e esperando outra pausa. Mas eu não tinha certeza de que outro intervalo viria, e a gravadora queria colocar grandes músculos atrás de mim. Eu sabia que eles estavam falando sério sobre me tornar uma grande estrela, e acho que queria isso mais do que minha própria integridade artística.

Abby virou-se para encará-lo, as mãos pressionando seu peito duro e macio.

— Qualquer um teria feito essa escolha — disse ela. — Você sabe disso, certo?

Ele fez uma careta, quase uma careta.

— Eu disse a mim mesmo que faria do jeito deles para um álbum, apenas um - o suficiente para criar um nome para mim. E então eu me lançaria sozinho e fazia do meu jeito, escrevia músicas com as quais realmente me importava.

— Mas isso também não aconteceu — disse ela. Ela se sentiu mal por ele, mesmo que ele obviamente tivesse uma carreira maravilhosa. Parecia que ele não queria esse tipo de carreira, e ainda assim continuou por algum motivo.

— Depois que meu álbum foi lançado, ficou enorme, maior do que se pensava. Ninguém, nem mesmo os meus maiores apoiadores no rótulo, pensaram que venderia milhões assim. E então as ofertas do filme apareceram, e uma delas claramente seria um sucesso. Eu nunca tinha atuado antes, e aqui estava de repente trabalhando com grandes atores e um diretor incrível.

— Esse foi o filme Dark Rising? — Ela perguntou.

Ele assentiu, fechando os olhos.

— Sim, era um filme de ação idiota e eu sabia, mas estava feliz por participar do filme na época. — Ele abriu os olhos. — Depois que o filme chegou ao número um no fim de semana de abertura, tudo mudou. Era como se eu estivesse nessa pista, e de alguma forma nunca houve um bom momento para sair e fazer qualquer outra coisa.

— Como o quê? O que mais você queria?

Ele encolheu os ombros.

— Depois de fazer alguns movimentos estúpidos de ação, eu queria fazer algo indie, algo sombrio. Mas cada vez que eu pensava sobre isso, meu agente me procurava com uma oferta incrível de toneladas de dinheiro. E toda vez que eu pensava em gravar um álbum com o tipo de música que eu amo, a gravadora começava a falar sobre a próxima grande turnê e me oferecia ainda mais dinheiro pelas minhas coisas pop.

Abby deu um sorriso para ele.

— Você ainda pode fazer essas outras coisas, Matt. Você é jovem, é popular ... pode fazer o que quiser.

— A menos que talvez eu *sou* o falso você disse que eu era — ele suspirou. — Acho que nós dois sabemos que, se eu realmente quisesse, já teria feito isso agora.

— Eu não sei disso — disse Abby , esfregando o peito e depois beijando-o. Ela beijou o peito dele e começou a lamber os mamilos, sentindo o gosto dele. O que ela realmente queria era deslizar para baixo, beijando seu estômago e depois descer ...

— Ei — disse ele, colocando um dedo sob o queixo.

— Sim? — Ela perguntou, olhos arregalados, culpada como se ele a

pegasse pensando em pensamentos sujos.

— Agora é sua vez de compartilhar. Eu te contei algumas merdas que ninguém sabe sobre mim.

Ela mordeu o lábio inferior. De repente, seu coração estava acelerado.

— Matt, acho que não posso...

Os olhos dele escureceram.

— Eu preciso saber onde você estava, Abby . Eu terminei de brincar. Eu me coloquei lá fora para você.

Ela pensou sobre isso e percebeu que era verdade e que era hora de ficar limpo. Ela estava em perigo e o clube estava ameaçando sua vida e liberdade, continuando a ver Matt. Ele precisava saber a verdade.

— Eu tive que ir ao escritório CLUB VIP aqui em Nova York — disse ela de repente.

Os olhos dele se estreitaram.

— Por que diabos você iria lá

— Eles me ligaram e disseram em termos inequívocos que eu precisava.

Matt deslizou na cama para que ele estivesse sentado agora. As cobertas deslizaram pela cintura, mostrando seu corpo lindo e esculpido.

— Quem te disse isso?

— Will Hart me ligou — disse ela. — E eu fui, e eles basicamente me ameaçaram— disse ela. — Eles me disseram que eu tinha que parar de vê-lo imediatamente.

Os olhos de Matt ficaram frios e lisos.

— Espere um minuto, Abby. Voltei e conte tudo. Quero dizer, tudo, todos os pequenos detalhes.

Ela estava com medo dele agora. Ele parecia zangado, como se ela o tivesse deixado louco, contando a verdade sobre tudo. Esse era seu maior medo e, pelo olhar no rosto de Matt, seu medo estava se tornando realidade.

Ainda assim, ela não teve escolha a não ser continuar. Então, Abby lenta e calmamente descreveu tudo para ele, com o máximo de detalhes possível. Ela contou a ele sobre as ameaças de Will e Scott, as coisas horríveis que Scott disse que ele faria com ela se ela desobedecesse, ela disse a Matt como eles tentaram fazê-la sair naquele sedan e nunca mais falar com ele.

Ela até disse a ele como tinha tido uma sensação tão ruim antes de entrar no carro que cortou e fugiu, fugindo da cena.

Quando Abby terminou de falar, ela esperou pela reação de Matt.

Ele estava sentado lá, seu rosto uma máscara escura, sem evidências claras de como ele se sentia sobre o que acabara de ouvir.

Aí vem , pensou Abby. *O grande beijo* .

Matt não tinha como lidar com o CLUB VIP e certamente não apenas para defendê-la. Ela não era importante o suficiente para ele e nunca seria.

Ele se levantou, ainda vestindo apenas sua cueca boxer, e caminhou até onde estavam as calças, pegando-as e colocando-as.

— Você está indo embora? — Ela perguntou.

Ele olhou para ela e não disse uma palavra, apenas puxou o celular do bolso e discou.

Abby não tinha ideia do que estava acontecendo.

— Oi — disse Matt no celular. — É Matt. Ligue para Scott imediatamente. — Houve uma breve pausa e, em seguida, os dentes de Matt arreganharam. — Will , seu babaca, você me ouviu? Eu disse para você chamar o seu chefe, ligue para ele agora. Não vou perder meu tempo com você.

Abby mal podia se mover ou até pensar.

Será que Will , como em Will Hart , com quem Matt acabara de falar assim? Ela não podia imaginar - deve ter sido uma coincidência. E então Matt simplesmente esperou, seu rosto imutável, seus olhos distantes e frios.

Um minuto depois, ele falou novamente.

— Scott, é Matt Hunter. Lembra de mim? Ele parecia amigável, mas sua expressão era qualquer coisa menos. — Haha, sim. Sim. Tudo bem, cara. De qualquer forma, ouça, eu só queria lhe dar um aviso, Scott. Abby Montgomery está *comigo* agora, entende? Seu queixo se contraiu e o músculo tremeu sob a pele. — Não, seu merda, me ouça você. Vou enterrá-lo se você tentar ameaçá-la ou prejudicá-la de alguma forma. — Sua voz estava aumentando um pouco enquanto ele falava. — Abby está comigo e isso significa que você e sua organização de lixo não têm nada - quero dizer nada a ver com ela ou comigo. E se algo acontecer com ela – não me importo se ela cortar o dedo com a merda de um papel, vou atrás de você. Entendeu, Scott?

— Por favor — disse Abby , aterrorizada agora, embora seu coração estivesse disparado por Matt estar realmente defendendo ela. Ela sentiu amor por ele que quase explodiu seu coração, mas também tinha medo dele.

O CLUB VIP não era uma pequena empresa que fugiria de uma briga. Ela sabia disso. Ela sabia disso lá no fundo. Eles nunca se afastariam

dessa situação se achassem que isso poderia prejudicar sua organização.

Mas Matt não estava respondendo-a, nem parecendo vê-la.

Matt ouviu o telefone por um breve segundo antes de falar novamente, e todas as suas palavras pareciam ser uma promessa e uma ameaça direta ao CLUB VIP.

— Vou atrás de você e de todos que você conhece, filho da puta — Matt rosnou. — Então prepare-se, porque você não tem ideia do que eu sou capaz.

Fim da parte 03

A dívida

Livro 04

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Clique aqui e inscreva em meu site e para receber contos gratuitos, participar de sorteios e ficar por dentro das novidades

Parte 04

MATT JOGOU o celular na cama e voltou a atenção para Abby.

Seus olhos se fixaram nos dela enquanto ele estava nu da cintura para cima, com as calças penduradas nos quadris, exibindo seu abdômen. Ele era uma pedra finamente cinzelada, completamente perfeita em todos os aspectos fisicamente.

— É isso — disse ele, sua voz calma e baixa, a cicatriz acima da sobrancelha indicando que ele sabia lutar e não tinha medo.

Matt era mais do que apenas um lindo ídolo pop sem substância - ele enfrentou os homens assustadores e poderosos que queriam machucar Abby. O CLUB VIP era perigoso e, no entanto, ele não havia desistido deles.

Muito pelo contrário.

Matt finalmente ficou do lado dela, e o fez quando sua reputação e carreira já estavam no gelo fino. De fato, Matt tinha acabado de dizer ao CEO do CLUB VIP que iria atrás dele.

Suas últimas palavras para Scott ainda estavam ecoando nos ouvidos de Abby.

Você não tem ideia do que eu sou capaz.

Talvez eles não soubessem do que Matt era capaz. E talvez ela também não, mas Abby estava começando a suspeitar que Matt Hunter era capaz de praticamente qualquer coisa.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Abby perguntou, enquanto tentava processar o que acabara de acontecer. Ela ainda estava sentada na cama, vestida apenas de calcinha, banhada em suor pelo calor de Matt desde quando ele a abraçou.

A boca de Matt virou na esquina, um pequeno sorriso. — Tenho certeza de que sim — disse ele. — Mas e você?

— Eu não sei — admitiu Abby. Ela puxou as cobertas até o peito, cobrindo os seios, mesmo que ele certamente os tivesse visto e tocado bastante até agora.

— O que você não sabe?— Matt perguntou, aproximando-se e se sentando na beira da cama.

— Sinto que estou complicando sua vida — disse Abby. — Essa não era a ideia.

O pequeno sorriso de Matt se transformou em um sorriso de pleno direito.

— Não, não era. Mas eu gosto de surpresas.

— Eu devo ajudá-lo a reformar sua imagem, e não causar problemas em uma empresa obscura administrada por bilionários.

Ele riu disso.

— Eu não tenho medo de bilionários — disse ele, inclinando-se sobre a cama e acariciando seus cabelos.

— Bem, eu tenho. Eles parecem pessoas desagradáveis. Acho que eles falavam sério quando disseram que iam me sequestrar e me fazer desaparecer. — Ela estremeceu quando Matt acariciou seus cabelos, amando a maneira como ele a tocava, completamente oprimido por estar subitamente disposto a lutar por ela.

— Ninguém vai fazer você desaparecer — disse Matt. — Olhe para mim, Abby.

Ela olhou para ele, e seus olhos castanhos não eram como nada que ela já tinha visto. Este era *o* Matt Hunter, o homem que milhões de mulheres e adolescentes desejavam, e ele era muito mais sexy com ela do que já o vira atuar em qualquer filme.

— Como você pode ter certeza, Matt? Você não pode cuidar de mim 24 horas por dia, sete dias por semana e, em algum momento, o CLUB VIP garantirá que eu volte pague por estragar tudo.

— Lembra o que você me disse? — Ele perguntou, movendo a mão para acariciar sua bochecha e depois seu ombro.

Ela estremeceu novamente.

— O que exatamente eu disse?

— Você me disse para confiar em você — respondeu ele.

Ela suspirou.

— Estou tentando, realmente estou.

— Ninguém vai te machucar, Abby, e quem tentar vai desejar nunca ter nascido.

— O CLUB VIP não está brincando, Matt. Se você tivesse visto o olhar na cara do Scott, quando ele me mandou sentar ou ele colocou minha cabeça

pela janela...

— Espere um minuto — disse Matt, levantando-se novamente. — Você não me disse isso, Abby.

Ela mordeu o lábio, desejando não ter dito nada.

— Ele estava apenas tentando me assustar.

Mas todo o comportamento de Matt havia mudado agora. Ele vestiu a camisa.

— Vamos lá— ele disse a ela. — Eu vou lhe mostrar uma coisa importante.

Abby estava nervosa.

— O quê? O que é?

Matt deu um sorriso para ela.

— Você vai gostar disso, eu prometo.

***

Eles estavam sentados no banco de trás de um sedan com o motorista de Matt na frente, seguindo calmamente pelas movimentadas ruas da cidade de Manhattan. Matt estava relaxado, as pernas estendidas no banco traseiro espaçoso, a janela ligeiramente aberta.

Os paparazzi lhes perseguiram entre a saída do hotel e o carro, mas estavam a poucos passos e Abby estava quase – quase – se acostumando com a gritaria e as fotos incessantes sendo tiradas.

O carro parecia estranhamente calmo e silencioso depois de tudo isso, e agora eles estavam aparentemente dirigindo para um restaurante chique chamado Koan – Matt garantiu a ela que Koan era uma das melhores comidas japonesas que ele já provara.

— Eu realmente não estou com tanta fome — disse Abby. Ela usava calça preta, salto alto e uma blusa preta com um blazer branco por cima.

Era verdade, ela não estava com muita fome e, especialmente, não queria jantar em algum ponto badalado de Nova York depois de tudo o que passara naquele dia.

Mas estar com Matt era suficiente para fazer Abby querer o seu melhor, sair para a cidade se era isso que ele queria. Afinal, ele a defendia como um cavaleiro branco ousado, e ele a fazia se sentir uma princesa por causa disso.

Que tipo de princesa não aceita o convite de seu valente cavaleiro para jantar com ele?

Mesmo que Abby estivesse com medo de que o seu tapete pudesse ser

puxado a qualquer momento, mesmo que ela não estivesse certa de que Matt continuaria a defendê-la, ela não queria assumir o pior.

Talvez essa mudança seja real. Talvez ele esteja realmente se apaixonando por mim. Milagres acontecem.

Mas quando Abby olhou para Matt, ele parecia estranhamente quieto e distraído. Ela pensou que talvez ele estivesse com raiva de tudo o que ela havia revelado antes.

— Você ficou assustado com todas essas coisas que eu contei sobre o CLUB VIP? — Abby perguntou a ele. Matt estava se comportando como se estivesse tudo bem, mas ela sentiu uma tensão enrolada sob a superfície, como uma cobra esperando para atacar.

— Eu não me assusto — disse Matt, olhando pela janela. — Eu apenas faço movimentos.

— Que tipo de movimentos?

Ele olhou para ela.

— Eu acho que você conhece meus movimentos muito bem.

Ela corou e desviou o olhar dele.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Não vejo diferença. Fazer movimentos é fazer movimentos. Quando eu decido que quero algo, faço isso acontecer. E se alguém for contra mim, viverá para se arrepender. Ponto final.

— Só não quero que você se meta em problemas por mim — disse ela. — Você parecia realmente zangado quando gritou com os caras do CLUB VIP hoje e tenho medo de que você faça algo sem pensar primeiro.

Matt olhou para ela, sua expressão incrédula.

— Você acha que eu deveria deixar esses caras se safarem do que fizeram com você hoje? Ameaçando você? Dizendo que eles iam sequestrá-lo se você não os obedecesse?

— É claro que não acho que eles devam se safar — disse Abby. — Mas estou preocupada que você faça algo para se meter em problemas.

— Não se preocupe comigo — respondeu Matt. — Eu me saí bem, passei pelo Afeganistão – acho que posso lidar com algumas idiotas ricas do setor empresarial tentando intimidar minha... — ele interrompeu.

Abby se perguntou o que ele estava prestes a dizer. Ele quase a chamou de namorada e depois reconsiderou?

— Eu me preocupo com você — ela disse a ele. Então ela olhou para ele, recusando-se a desistir do desafio.

Matt fez contato visual também. Seus olhos castanhos eram inabaláveis.

— Deixe-me cuidar de tudo, Abby. Deixe-me cuidar de você. É assim que tudo funciona.

Que coisa toda? Começamos esse relacionamento completamente falso para sua campanha de relações públicas, para que todos percebam que você é realmente um cara legal?

Ou isso está finalmente se tornando outra coisa?

Abby queria fazer essa pergunta, mas hesitou no momento da verdade. Os olhos de Matt permaneceram nela por um momento, e então ele voltou a olhar pela janela do carro novamente.

Ela continuou a observá-lo, imaginando como ele poderia ao mesmo tempo parecer pronto para dar a vida por ela e, no instante seguinte, ele poderia agir como se Abby fosse uma estranha que se intrometera em sua vida simplesmente para causar problemas

Matt estava vestindo um terno de cor creme, e ele o preencheu perfeitamente, e ele cheirava perfeitamente, e ele era tudo o que uma mulher poderia querer. Sentar-se ao lado dele era excitante, e quando Abby pensou na maneira como ele a tocara e na maneira como ela o tocava, acariciando-o, fazendo-o gozar ... Matt Hunter era realmente mais sexy do que ele parecia.

Acrescente a tudo isso, o fato de que ele também possuía um lado ardente de *bad boy*, o perigo que ele exalava quando gritava com os atormentadores dela por telefone - e Abby o queria mais agora do que nunca.

E isso foi assustador, porque ela já estava perdendo o controle, perdendo sua capacidade de manter qualquer tipo de distância entre ela e Matt Hunter.

Matt repetidamente disse a ela que ele não era capaz de ser um namorado normal, deixou repetidamente claro que ele estava danificado (por algum motivo misterioso que ele não queria explicar).

Por que ela insistia em querer mais dele, esperar mais dele?

Pode ser que eu seja apenas um glutão por punição.

Todos esses pensamentos passaram pela mente ansiosa de Abby enquanto ela observava Matt olhando pela janela do carro a caminho do restaurante.

Finalmente, o carro parou em Koan e um dos atendentes estacionados na frente abriu a porta dos fundos para eles.

Matt saiu e depois estendeu a mão para Abby para ajudá-la a sair do carro, seu aperto suave, mas firme.

Ela quase perdeu o fôlego quando se levantou e viu o rosto bonito dele

como se fosse a primeira vez.

Matt Hunter sorriu para mim, tocou minha mão. E agora Matt Hunter está me levando para comer em um restaurante chique.

Matt Hunter tocou minha boceta, me fez gritar.

Ela balançou a cabeça, seu olhar caindo na calçada.

— Senhor Hunter, temos uma mesa pronta — disse o atendente suavemente.

— Obrigado — disse Matt, dando uma gorjeta ao jovem.

— Uau, obrigado senhor! — O jovem atendente respondeu empolgado, e então ele abriu a porta do restaurante para eles, onde foram recebidos por uma bela anfitriã com longos cabelos vermelhos e olhos azuis impressionantes.

Ela os levou ao restaurante estranho e pós-moderno que parecia ser parte de um estilo minimalista chique e antigo templo budista. Se ela não tivesse visto o lugar com seus próprios olhos, Abby não teria acreditado que existia.

O restaurante estava lotado e quase todas as mesas já estavam ocupadas, mas a anfitriã levou Matt e Abby para os fundos, onde os sentou em uma cabine que lhes dava maior privacidade que os outros clientes.

— Isso é perfeito — disse Matt à anfitriã, enquanto ela entregava os menus.

Mesmo com a privacidade deste estande, os outros clientes estavam começando a zumbir e sussurrar, e olhares estavam sendo furtivamente lançados na direção de Matt. Ele parecia completamente inconsciente ou desinteressado na atenção, fixando os olhos em Abby sozinha.

— Você gosta de sushi? — Ele perguntou.

— Sim — disse ela. — Não tenho tanta fome, para ser sincera.

— Você estará quando comer essas coisas — disse Matt. — Melhor sushi do país. E todas as pessoas mais ricas e poderosas vêm aqui para comer. Você pode ver muita coisa aqui se mantiver os olhos abertos. — Enquanto ele dizia isso, ele varreu a sala com o olhar.

Algo na maneira como ele disse esta última parte deu a Abby um calafrio, como se ele a tivesse tocado fisicamente, mesmo que não tivesse.

— O que posso ver se eu mantiver meus olhos abertos? — Ela perguntou.

Ele olhou para ela novamente e seus lábios se contraíram, e então ele abriu seu sorriso mundialmente famoso apenas por ela.

— Oh, você verá muito, Abby. E é muito educativo também.

— Eu sinto que você está prestes a fazer uma brincadeira comigo — disse ela, erguendo as sobrancelhas.

— Nem um pouco — respondeu Matt.

— Então o quê? Onde você quer chegar?

— É simples, Abby. Este é o lugar onde todos os que vêm para comer, conversar e parecer importantes. Muitas dessas pessoas têm reservas permanentes, você pode praticamente acertar o relógio se tiver algum interesse em encontrar a pessoa certa na hora certa. — Esse sorriso famoso ficou frio, mas Abby ainda não tinha certeza do que ele estava dirigindo com seus comentários enigmáticos.

O garçom se aproximou e Matt pediu para os dois, o que foi um alívio, pois ela não teve tempo de examinar o menu e não se importava particularmente com o que comia.

Matt estava realmente sendo estranho ou era imaginação dela? Ela se perguntou, enquanto ele interagia casualmente com o garçom, então deu a Abby uma piscadela rápida e deu outro sorriso.

Sob sua atitude simplista, ela estava sentindo algo mais sombrio e mais perigoso. Ele continuou a examinar o restaurante, enquanto o garçom voltava rapidamente com bebidas e saladas verdes frescas com um molho picante de laranja.

Abby pegou sua salada, apreciando que era realmente muito boa, enquanto ao mesmo tempo ela não conseguia superar a sensação de que Matt estava tramando algo.

Ele colocou uma garfada de alface na boca e mastigou, mais uma vez olhando ao redor, verificando a sala.

As pessoas estavam olhando para ele. Alguns começaram a usar os telefones com câmera, mesmo tentando parecer fofos e escondê-los. Abby supôs que os ricos estavam tão admirados com Matt quanto qualquer outra pessoa, já que esses comensais eram todos os mais ricos dos ricos.

E então ela notou Matt endurecendo, como se, como uma pantera, ele de repente tivesse visto sua presa.

Um momento ele estava sorrindo, parecendo estar relaxado e à vontade, no outro ele ainda estava como uma estátua, e seus olhos estavam presos no que ele estava vendo.

Abby seguiu seu olhar para onde a anfitriã estava levando um homem e uma mulher até uma das últimas mesas desocupadas do restaurante.

No começo, ela ficou surpresa demais para perceber quem era o homem

e por que Matt parecia se importar tanto, mas então ela viu melhor o rosto dele e tudo mudou.

Era Scott, o CEO do CLUB VIP — o mesmo homem que há pouco tempo ameaçara espancá-la, sequestrá-la e fazê-la desaparecer em algum país estrangeiro.

Ele estava com uma loira alta e pernuda, usando um vestido rosa curto que apresentava seu decote abundante a ponto de absurdo. Sua risada podia ser ouvida do outro lado da sala enquanto eles se sentavam e olhavam um para o outro.

Só de ver Scott no restaurante, Abby queria vomitar. Seu sangue se transformou em gelo e sua pele estava fria, a boca seca como uma lixa.

— Matt, ele está aqui — ela sussurrou. — Você sabia que ele estaria aqui?

— Eu tive uma ideia — Matt murmurou, seus olhos ainda focados na presa.

Claro que ele sabia que Scott estaria aqui.

Isso explicava tudo o que eles estavam fazendo desde que Matt havia desligado o telefone. Matt aparentemente não estava brincando sobre ir atrás do homem que a ameaçara, visto que ele havia encontrado uma maneira de encontrá-lo poucas horas após a última conversa.

— Matt, você não pode fazer isso — ela sussurrou. — Matt, olhe para mim.

Ele finalmente foi capaz de se afastar de encarar seu inimigo e olhá-la nos olhos.

— Eu posso fazer isso, Abby, e farei. — Ele pegou um guardanapo e esfregou os cantos da boca.

— Há dezenas de pessoas aqui, e algumas delas já estão nos filmando neste exato segundo — explicou Abby, tentando manter a voz calma. — Se você fizer algo com ele e eles o capturarem em vídeo, você pode imaginar como será?

Matt sorriu para ela.

— Eu posso imaginar — disse ele, e seus olhos castanhos eram diabólicos e intensos, e ela sentiu uma onda de emoção por ele.

— Eu sei que você quer machucá-lo pelo que ele fez comigo, mas você não pode se dar ao luxo de entrar em uma briga agora. O público já está se voltando contra você. É por isso que estou fazendo isso, lembra? — Ela disse, inclinando-se para a frente, tentando conversar com ele.

— É por isso que você está fazendo isso? — Matt perguntou, inclinando-se para a frente também.

— Claro que é. Estou tentando ajudá-lo.

Ele assentiu.

— Sim, você só quer ajudar— disse ele rindo.

— Não sei o que você está tentando dizer, Matt, mas vá em frente e diga. Diga-me o verdadeiro motivo pelo qual você pensa que estou aqui.

— Acho que nós dois sabemos que isso já passou de um golpe publicitário — disse Matt. — Para nós dois, Abby.

Ela não conseguiu nem responder - estava tão impressionada com a admissão dele. É claro que ela *esperava* que ele sentisse mais por ela – que ele queria mais, mas em um milhão de anos nunca esperava que ele dissesse ou sentisse.

Era demais acreditar que Matt Hunter realmente se importava com ela.

Abby engoliu em seco, sem saber como responder. Antes que pudesse, viu que Scott estava se levantando e caminhando em direção a um corredor que levava aos banheiros.

Sua namorada troféu (ou talvez esposa) estava ocupada vasculhando sua bolsa.

— Se você me der licença, eu tenho que me afastar por um momento e ir o banheiro — anunciou Matt com indiferença, levantando-se e desabotoando o paletó.

— Matt, não — ela disse, tão alto quanto ousou, sem chamar mais atenção para a mesa deles.

— Vamos, siga-me — disse ele, e então ele estava em movimento, como um gato gracioso, e ela viu seu poder e confiança e ficou impressionada, sabendo que estava errado o que ele estava fazendo - mas o fato de que ele estava fazendo isso por ela tornava isso sexy e emocionante.

Ela o seguiu ansiosamente quando ele passou pelas filas de mesas e entrou no corredor estreito. O corredor chegava a um beco sem saída e, à direita, o banheiro feminino; à esquerda, o banheiro masculino.

— Matt, por favor, tenha cuidado — ela sussurrou, agarrando o braço dele.

E então ele de repente a puxou, a mão na parte inferior das costas dela, e ele a estava beijando profundamente, seus lábios como fogo ardente. Ele se afastou e sorriu.

— Quando se trata de você, não posso me dar ao luxo de ter cuidado.

Ele se virou e entrou no banheiro masculino e Abby apertou o blazer, com o coração batendo forte no peito. Ela ficou horrorizada com o que Matt poderia fazer lá, mas ela tinha que admitir - também era provavelmente a coisa mais cavalheiresca que um homem já havia feito em seu nome.

Matt estava indo confrontar o homem que tentou machucá-la.

Ela ficou do lado de fora do banheiro, ouvindo, tentando não entrar em pânico. Mais do que tudo, ela só queria que tudo terminasse rapidamente e que eles escapassem em segurança.

Havia algum barulho no banheiro, ela podia ouvir vozes abafadas e então os sons de algum tipo de luta.

E se Scott machucar Matt?

Ela ficou horrorizada com a perspectiva. A própria ideia parecia um pouco ridícula. Afinal, Matt era ex-militar, forte e poderoso, enquanto Scott era esbelto, não muito atlético e provavelmente não era páreo para a força física de Matt.

Mas Abby estava nervosa da mesma forma. E ela não queria que Matt tivesse problemas.

De repente, a porta foi aberta e Matt estava lá, segurando a gravata de Scott e arrastando o homem em direção à porta por aquele longo pedaço de pano. O rosto de Scott estava vermelho e o lábio ensanguentado.

Matt apontou para Abby.

— Você se lembra dessa dama, Scott?

Scott rosnou para ela.

— Sua puta estúpida.

Matt deu um soco na barriga e Scott se dobrou.

— Não foi uma saudação muito agradável — Matt o repreendeu, parecendo um pai decepcionado. — Isso foi rude, Scott. Você pode falar direito com ela, amigo? Caso contrário, eu poderia apenas quebrar todos os dentes em sua cabeça ignorante.

Scott lentamente recuperou o fôlego. Ele olhou para Abby.

— Agradável surpresa em vê-la aqui, senhorita Montgomery — ele ofegou.

— Isso é um começo — disse Matt, sacudindo-o pela gravata.

Abby olhou para o corredor, certificando-se de que ninguém estava vindo. Até agora estava tudo bem. Ela olhou de volta para Scott. Seu cabelo estava bagunçado, sua franja caída sobre o rosto que parecia jovem e de meia-idade ao mesmo tempo.

Seus olhos a encaravam com nada além de puro ódio, e seus olhos ainda a ameaçavam silenciosamente, como se prometessem pagá-la de volta por esse momento de humilhação que ele estava experimentando.

— Eu não gosto do jeito que ele está olhando para mim, Matt — disse ela, sua raiva melhorando quando ela se lembrou de como Scott a tinha assustado até a morte poucas horas antes.

Matt virou-se para Scott novamente.

— Você está dando a minha garota olhares desagradáveis?

— Eu não sonharia com isso — Scott murmurou sarcasticamente.

— Porra — disse Matt, e desta vez ele pegou a gravata do CEO com as duas mãos e a puxou, cortando a circulação em volta do pescoço de Scott. — Eu deveria acabar com você pelo que você fez com ela — disse Matt. —E talvez eu acabe com você. Ultimamente tenho estado muito estressado.

— Por favor ... por favor — Scott ofegou, e então caiu de joelhos, seu rosto ficando quase escarlate. Matt observou o homem friamente, seus bíceps inchados enquanto ele se apertava ainda mais.

— Não o mate — disse Abby, quando a porta do banheiro se abriu e uma mulher mais velha ficou lá, a boca escancarada no que poderia ter sido um horror fingido pelo que ela estava vendo na frente dela.

— Eu não vou matá-lo, a menos que ele realmente me irrite — disse Matt, ajoelhando-se ao lado de Scott, quando o CEO agarrou seu pescoço.

— Socorro! Polícia! — a velha gritou.

Abby deu um forte empurrão para trás e fechou a porta do banheiro, mantendo-a bem fechada para garantir que a velha não pudesse sair novamente.

Matt colocou o rosto quase no rosto de Scott, finalmente soltando a gravata do homem quando Scott caiu para trás, ofegando, tossindo e se engasgando.

— Scott, você é um valentão mimado e covarde que envia cães de ataque para fazer o seu trabalho sujo — disse Matt, e agora estava calmo novamente. — Sem o seu dinheiro, você não seria nada e ninguém ouviria uma palavra que você diz. Mas não dou a mínima para o seu dinheiro e não tenho medo de você.

Scott olhou para Matt com olhos arregalados e assustados.

— Eu sei que você não tem medo de mim — ele murmurou.

— Você acha que, porque eu visto roupas chiques e canto músicas bobas, esqueci como fazer meu antigo trabalho, aquele em que matei

bandidos como meio de vida?

— Não — Scott sussurrou, tossindo, com saliva escorrendo da boca. — Não, eu não acho isso — disse ele.

— Bom — Matt sorriu. — Porque só vou avisar você dessa última vez, Scott. Fique longe das pessoas que me interessam.

A velha ainda estava gritando e batendo do lado de dentro da porta enquanto Abby continuava segurando-a fechada por fora.

Matt se levantou e abotoou o paletó, e Abby notou que ele não estava marcado e não se incomodava com o incidente, nem mesmo um fio de cabelo estava fora do lugar. Ele sacudiu os braços e depois limpou a garganta, como se estivesse colocando um fim em uma situação um pouco irritante.

Abby olhou para Scott, que já recuperara o fôlego, mas parecia completamente exausto, como um cachorro espancado. O CEO do CLUB VIP não encontrou seu olhar dessa vez. Em vez disso, ele parecia evitar fazer contato visual.

— Ele está bem? — Abby perguntou, mas Matt agarrou sua mão livre e a arrastou para longe da porta.

— Vamos lá — disse ele. — Não estou mais com vontade de comer sushi.

Rapidamente ele a conduziu para fora do corredor, parando apenas para colocar algumas notas de cem dólares na mesa antiga, antes de continuar saindo do restaurante.

Quando saíram, ele começou a andar pela rua. Quatro ou cinco quarteirões abaixo, ele apontou para uma pizzaria local.

— Quer pegar uma fatia? — perguntou.

Você está falando sério? Ela pensou. *Você praticamente matou um homem e agora quer pizza?*

Mas então ela percebeu que talvez fosse assim que Matt era. Depois de passar pela guerra, o que ele havia feito em Koan não era grande coisa para ele.

— Claro, eu vou pegar uma fatia — ela deu de ombros, ainda zumbindo do que ela acabara de testemunhar. Seus pensamentos ainda estavam dispersos e acelerados, perguntas borbulhando e depois surgindo, deixando-a mais confusa do que estivera antes de tudo isso.

Uma vez dentro da pizzaria, havia apenas alguns clientes - dois italianos idosos sentados em uma cabine e um rapaz de terno que não conseguia parar de olhar para Matt e Abby. Parecia que ele tinha acabado de ver um fantasma,

enquanto os dois andavam até o balcão.

— Posso pegar algumas fatias de queijo? — Matt perguntou.

Se o homem atrás do balcão sabia quem era Matt, ele não demonstrou. Matt pagou a pizza e alguns refrigerantes, deixou cair algumas notas no pote de gorjeta.

O homem atrás do balcão colocou duas fatias gigantes de pizza em dois grandes pratos de papel, a gordura já estava encharcada, e então Matt e Abby pegaram os pratos e sentaram-se longe da janela e começaram a comer.

— Não acredito que você fez isso — disse ela, depois de comer um pouco do pedaço anormalmente grande de pizza. Era realmente muito bom, embora muito gorduroso para o seu gosto.

Matt mastigou satisfeito em sua fatia, tendo dobrado ao meio para melhor gerenciá-la.

— Você precisa tentar essa técnica — disse ele, mostrando-lhe. — Caso contrário, você nunca conseguirá comer nem metade da fatia.

— Eu realmente não estou tentando ter uma competição de comida com você — disse ela, mas depois aceitou o conselho dele e dobrou a pizza da mesma forma. Enquanto mordia, teve que admitir que era realmente mais fácil de comer e que tinha um sabor melhor.

Matt pegou alguns guardanapos do dispensador e limpou os lábios. Ele mastigou alegremente, observando-a.

—Eu amo esse lugar.

— Você come muito aqui?

Ele assentiu, sorrindo.

— Só estive naquele lugar de Koan uma vez, um tempo atrás. Por acaso sei que Scott come lá como um relógio no mesmo dia da semana, mais ou menos na mesma hora.

— Acho que hoje foi o dia de sorte dele — disse Abby.

— Sim, acho que sim. Acontece que eu sabia onde ele estaria. Mas eu o teria rastreado de uma maneira ou de outra.

Do lado de fora, alguns carros da polícia passaram correndo e Abby não pôde deixar de se perguntar se estavam aproximando a cena do ataque, e se Scott estaria ou não fazendo uma queixa e a velha do banheiro que Abby trancara também poderia estar servindo de testemunha.

Enquanto isso, Abby e Matt estavam sentados a apenas alguns quarteirões de distância, mastigando pizza gordurosa como se nada tivesse acontecido.

— Você realmente não acha que ele vai me deixar em paz agora, não é? — Abby perguntou a ele. — Porque eu acho que ele não vai parar. Eu acho que ele pode até querer me machucar mais depois do que você fez com ele. Ele vai me culpar por isso.

Matt colocou a pizza no prato de papel e tirou o pó das mãos. — Ele nunca vai te machucar — Matt disse a ela. — Falei sério lá, não estava blefando.

— Eu sei que você não estava — disse Abby suavemente. Borboletas estavam agitando-se lentamente em seu estômago. A ferocidade e a proteção de Matt eram algo novo e muito bem-vindo, mesmo que ela tivesse dificuldade em confiar que tudo era real.

— Eu lidei com caras muito mais assustadores do que Scott ou Will ou qualquer um dos idiotas do CLUB VIP — disse Matt, balançando a cabeça. Ele pegou sua fatia de pizza novamente, erguendo-a. — Eles não me preocupam. Na verdade, eu quase adoraria quebrar alguns crânios apenas para mostrar que eles não são tão duros quanto fingem ser.

Abby riu, em parte incrédula.

— Você sabe, existem problemas maiores para lidar do que o CLUB VIP. Ainda não lidamos com seu desastre de relações públicas.

— Claro que sim — disse ele. — A imprensa sabe sobre você agora. Eles nos viram juntos, estão começando a escrever histórias sobre sermos um casal. Em breve, eles vão querer saber mais sobre você, seu passado, quem você é e por que estamos juntos. Ele estalou os dedos enquanto engolia outra mordida. — E será aí que contaremos sobre como você foi intimidado naquele dia e tudo mais

Algo na maneira como ele disse tudo a deixou desconfortável. Ele voltou a soar como se tudo fosse pré-planejado, totalmente superficial, que nada disso fosse real para ele.

Qual é, Matt? Você se importa comigo ou não?

Talvez eu seja apenas a propriedade e você esteja marcando esse território, me protegendo do jeito que você pode cuidar de um carro novo brilhante ou de um violão sofisticado.

Talvez eu seja apenas mais uma coisa que você possui.

— Parece que você já acertou tudo — disse Abby, sentando-se e olhando para longe dele.

— Ei — ele disse, — o que há de errado com você?

— Nada — ela mentiu.

— Abby, sua cara de pôquer é tão fraca quanto seu apetite — ele disse a ela.

Ela finalmente arrastou o olhar para ele, e encontrou seus olhos castanhos focados nela, e doeu porque ela o queria tanto, e queria que ele realmente se importasse mais do que ela tinha direito.

— Se minha cara de pôquer fosse realmente tão ruim, você não precisaria me incomodar com o que estou pensando — ela respondeu com um tom ácido.

Os olhos de Matt se enrugaram como se ela tivesse cuspido nele.

— Vou fingir que você não agiu como minha ex — disse ele amargamente.

— Sua ex?

Ele arrancou outro guardanapo do dispensador e limpou uma bola de molho do polegar.

— Não vamos falar disso.

— Qual ex? — Algo sobre esse comentário dele a aterrorizou e também a excitou. Ele a comparava a um relacionamento real do passado, mas, ao mesmo tempo, não era uma comparação muito positiva.

— Não é sobre nada que eu queira falar — disse ele. Ele limpou a mão uma e outra vez. — Nós devemos ir. Acho que seu péssimo apetite é contagioso.

— Matt — disse ela, tentando deter o colapso que estava acontecendo entre eles. — Eu não quis te atacar — ela disse a ele.

— Está tudo bem, Abby — disse ele, seu rosto uma máscara fria. — Você não queria falar sobre isso, então esqueça que eu perguntei.

— Eu quero conversar — disse ela, desejando poder recuperar sua repentina explosão de raiva e frustração. Se ela não fosse tão sensível, querendo que ele provasse sempre o quanto ele se importava com ela. O pensamento de que talvez isso ainda fosse um grande ato estava começando a comê-la por dentro.

Matt balançou a cabeça.

— Vamos lá, devemos voltar para o hotel. Kurt provavelmente terá um ataque se não nos encontrarmos com ele em breve e repassarmos o cronograma.

Ótimo, Abby pensou. Não apenas ela alienou Matt quando ele finalmente estava começando a confiar nela, mas agora ela teria que lidar com o gerente dele novamente.

Matt jogou o lixo fora e depois mandou uma mensagem para o motorista. Momentos depois, o sedan preto havia parado em frente à pizzaria e eles estavam entrando.

Momentos depois, os dois saíram correndo do carro e entraram no hotel juntos.

Abby percebeu que já estava se acostumando com o universo alternativo bizarro que Matt habitava, quando ela saiu do carro e ignorou os paparazzi e seus gritos e flashes de câmera como se eles nem importassem.

***

Finalmente, Abby teve algum tempo livre.

Matt estava decididamente frio quando se separaram depois de descer do elevador. Ele checou o telefone e disse a ela para relaxar por uma hora ou duas e depois avisaria quando Kurt estava pronto para se encontrar.

Ela quase tentou inventar uma desculpa para não se encontrar com eles, mas estava com muito medo de piorar uma situação já ruim.

Em vez disso, ela simplesmente concordou com o plano e depois se retirou para seu quarto de hotel, deitando-se na cama e procurando nos meios de comunicação e plataformas de mídia social por evidências sobre onde a opinião pública estava em relação a Matt.

O nome de Abby estava começando a aparecer cada vez mais, mas no instante em que ela olhou, a maioria do público ainda estava em alvoroço com o vídeo vazado de Matt reclamando sobre o suicídio de perdedores.

Pelo que ela entendeu, grande parte da imprensa era negativa, e até mesmo aqueles que defendiam Matt estavam fazendo isso de maneira bastante contrária.

Havia muitos pedidos de desculpas, uma explicação e muitas pessoas dizendo que ele era apenas mais um exemplo dos idiotas de Hollywood, como Justin Bieber, Kanye West e Shia Labeouf, bem como outros modelos ruins da indústria de esportes e entretenimento.

Alguns diziam que Matt era jovem e que agora ele estava mais maduro, mas quase todos concordaram que um pedido de desculpas público e sincero, era necessário para conter os crescentes gritos pela cabeça de Matt Hunter.

Se ele não se adiantasse, se não fizesse algum controle sério de danos, teorizava-se que ele perderia alguns de todos os seus grandes acordos de

patrocínio e até mesmo sua turnê poderia acabar atrapalhando.

O próprio nome de Abby apareceu algumas vezes no noticiário, mas na maioria das vezes, ela foi mencionada de passagem. Havia algumas fotos mostrando-os caminhando juntos pela cidade de Nova York.

Abby não pôde deixar de estudar as inúmeras fotos dela e Matt juntos, maravilhada por ela estar subitamente do outro lado da equação. Quantas vezes ela casualmente olhou para uma capa do US Weekly, leu um artigo, assistiu a algum artigo sobre o TMZ e fez julgamentos - sem sequer considerar que as pessoas discutidas, filmadas e fotografadas eram pessoas reais com vidas reais?

Mesmo agora, olhando fotos deles em Nova York desde o último dia ou dois, quase parecia fazer a coisa toda - incluindo ela - parecer muito menos real.

Era como se ela tivesse se tornado um objeto, até para si mesma.

Ela podia sentar lá e avaliar suas próprias expressões, a inclinação de sua cabeça, a verdade do sorriso em seu rosto, a maneira como Matt a olhava enquanto caminhavam juntos em uma rua da cidade.

Parece que pertenço a ele , ela pensou.

Isso era apenas insanidade?

Afinal, não havia como acreditar que ela estava perto da liga dele em termos de aparência e apelo sexual. Claramente, Matt estava bêbado quando se tratava dela.

Mas Abby não parava de examinar as fotos deles juntos, e a maneira como se olhavam, e ela pensou que eles realmente pareciam um casal de verdade.

Ainda era um ato para Matt?

Ela sabia que não era mais um ato para ela, e talvez nunca tivesse sido realmente um ato. Ela foi excitada por Matt Hunter de muitas maneiras, e agora que ele a defendia, a defendia - os sentimentos só tinham crescido em intensidade.

Mas Matt era um diferente. Ela não conseguiu descobrir. Em um minuto, ele estava sugerindo que o que estava acontecendo era real, mas no próximo ele parecia uma estrela cínica planejando manter seu nome na primeira página da melhor maneira possível.

Não é esse o ponto?

Não é exatamente isso que ele deveria estar fazendo? O pobre rapaz não pode ganhar com você, Abby. Você quer que ele aja como seu

namorado, que ele tente consertar seus problemas de relações públicas e, em seguida, se mantem contra ele quando ele faz isso.

Abby sabia que não era justo ela fingir que estava bem com o acordo comercial entre eles quando, na realidade, ela queria mais dele.

Matt tinha sido honesto e franco com ela desde o início, então ela não tinha ninguém para culpar, a não ser ela mesma, por esse conflito entre o que ela queria e o que ele estava disposto a dar a ela.

Claro, então ela pensou sobre a maneira como Matt continuara a tocá-la, beijá-la e fazer coisas que não tinham lugar em um relacionamento comercial.

E isso a deixou louca, e então ela ficou mais confusa, o que a levou a ir apenas ao telefone e verificar mais as notícias e as mídias sociais, como se de alguma forma a verdade lhe fosse revelada no mundo exterior.

No meio de seu frenesi de navegação na internet, ela recebeu uma mensagem de Melissa.

Presa com o pessoal. Nenhuma notícia ainda sobre a biópsia. Como você está?

Abby se sentiu repentinamente horrível por nem mesmo mandar mensagens ou ligar para Melissa - sinceramente, nem pensou em sua amiga por horas e horas. Enquanto isso, Melissa provavelmente estava preocupada e aterrorizada, apenas querendo receber boas notícias para poder esquecer que todo esse pesadelo horrível havia acontecido.

Abby mandou uma mensagem de volta: *Estou bem. Quer que eu encontre com vocês?*

E então rapidamente veio a resposta de Melissa.

Não. Divirta-se com seu príncipe encantado.

Abby enxugou as lágrimas que escorriam por suas bochechas agora. Ela não merecia uma amiga tão gentil e atenciosa quanto Melissa. Abby prometeu a si mesma ser uma melhor amiga, se importar mais, pensar menos em seus próprios problemas.

Me mande uma mensagem se precisar de alguma coisa, respondeu Abby. *Eu não me importo se for 3 da manhã. Me chame que estarei aí num piscar de olhos.*

Awwww obrigada! Você é a melhor, Abby. Eu te amo.

Também te amo, Abby mandou a mensagem. Ela estava sorrindo agora, através de suas próprias lágrimas.

Assim que ela finalmente estava começando a se sentir um pouco melhor, houve uma batida em sua porta.

Assustada, Abby levantou-se e foi até a porta, verificando-se rapidamente no espelho primeiro apenas para se certificar de que ela não parecia muito bagunçada primeiro.

— Quem é? — perguntou.

— Matt e Kurt — Matt respondeu, sua voz abafada pela porta.

Abby respirou fundo, lembrando a si mesma que Matt não tinha ideia do que Kurt havia dito a ela no telefone, nenhuma ideia de que seu gerente a havia ameaçado e tentado suborná-la, então ela precisava ser amigável.

Não seja esquisita, Abby. Você sabe que Kurt provavelmente tentará agir da maneira errada, apenas para fazer você agir como um idiota e fazer Matt te odiar. Não caia no plano dele. Aja como se tudo estivesse bem.

Isso era ainda mais importante agora que ela estava tão irritada com Matt na pizzaria.

Ela abriu a porta e colocou um sorriso caloroso e amigável no rosto.

Os dois homens entraram, Matt parecendo distraído e talvez até irritado, Kurt aparentemente alegre.

— Ei, Abby, como vai? — Kurt perguntou a ela.

Enquanto ele passava, ela sentiu o cheiro de loção pós-barba e fumaça de cigarro, e o nariz enrugou. Algo em Kurt apenas a fez querer estragar o rosto, mas ela teve que tentar jogar o jogo. Sorrindo, ela deu de ombros.

— Oh, você sabe, estou indo tão bem quanto se pode esperar.—

— Sim, está um grande circo por aí — disse Kurt, assentindo, examinando o quarto de hotel como se esperasse que estivesse infestado de ratos e baratas.

— Posso pegar uma bebida para você ou algo assim? — ela ofereceu.

— Estou bem — disse Matt, sem olhar para ela.

Ela odiava que ele parecesse tão distante. Ela tentou chamar a atenção dele e sorrir para ele, mas ele não olhou para ela.

— Eu poderia tomar uma cerveja — disse Kurt.

O sorriso falso de Abby ficou maior.

— Deixe-me verificar o minibar — disse ela. Ela foi pegar uma cerveja importada e entregou a Kurt, que agradeceu e depois abriu a tampa, tirando imediatamente a garrafa.

Matt sentou-se na beira de uma cadeira e mexeu no controle remoto.

— Então, precisamos descobrir o próximo passo — disse ele.

Kurt concordou.

— Eu mesmo tenho pensado muito nisso. Com os shows de Boston

oficialmente cancelados e as fofocas sobre seu estado mental, precisamos ter uma vitória decisiva nos próximos dias.

— Meu estado mental? — Matt disse, seus olhos ficando confusos e adiando as rugas que ele tinha tido na pizzaria mais cedo.

— Sim — disse Kurt, andando enquanto bebia da cerveja importada que Abby havia lhe dado. — As pessoas estão dizendo que você está mal. Acha que a pressão te desestabilizou.

Matt apenas balançou a cabeça.

— As pessoas dizem muitas coisas. Por que eu deveria me importar?

— Porque — Kurt lhe disse: — você de repente adquiriu um problema de imagem. — Ele atirou Abby um olhar de cumplicidade, como se dissesse, *nós dois sabemos que isso é tudo culpa sua*.

Matt não estava prestando atenção, então Kurt obviamente sabia que poderia se safar de seus pequenos jogos mentais.

Abby revirou os olhos para Kurt antes de falar.

— O maior problema agora é o vídeo de você insultando pessoas deprimidas e suicidas. Precisamos encontrar uma maneira de mostrar a todos que você mudou.

— Certo, é aí que você entra — disse Matt, finalmente olhando para ela. — Precisamos divulgar sua história. Mas não pode parecer planejado, não pode parecer falso e encenado.

Mesmo que seja.

Mesmo que eu desejasse que não fosse, e talvez parte de mim realmente acreditasse que você realmente mudou e se importa comigo, em vez de apenas pensar no que posso fazer por você.

De repente, o celular de Abby estava tocando e ela olhou para o identificador de chamadas.

O número, a princípio, era vagamente familiar, mas por um momento ela não conseguiu, por toda a vida, lembrar o porquê - mas apenas por um momento. Era pouco familiar porque ela não via isso há anos ... mesmo que fosse tão familiar quanto o seu próprio número.

Porque era o seu próprio número.

Era o antigo número de telefone residencial, o telefone fixo da casa dos pais em Southbridge, Massachusetts. Ela olhou para ela como se tivesse visto um fantasma.

— O que há de errado? — Matt perguntou, de repente se interessando por ela novamente. — É algo com Melissa?

— Não — disse Abby, sentindo o estômago como se alguém o tivesse derrubado no poço de um elevador. — São meus pais. Alguém está me ligando.

— Isso é ruim? — Kurt perguntou, seu tom condescendente.

— Não é ruim...— ela disse, sem saber se isso era verdade ou não. — Só não mantive contato próximo com minha família desde que me mudei quando tinha dezessete anos.

Os olhos de Kurt se arregalaram e um sorriso estranho apareceu em seu rosto.

— É isso aí — ele sussurrou.

O celular parou de tocar e agora dizia apenas chamada perdida. Ela guardou na bolsa e tentou não pensar nisso.

— Eu ligo de volta — disse ela, sem saber se ligaria.

Kurt riu loucamente. Ele tomou um longo gole de cerveja.

— É por isso que sou um gênio — disse ele, batendo na cabeça com um dedo. — Porque eu penso fora da caixa.

— Vamos lá, fale — disse Matt, uma ponta penetrando em sua voz.

— Vocês dois precisam ir para casa — disse Kurt, apontando o dedo primeiro para Abby e depois para Matt.

— Eu não entendi — disse Matt. — Por que eu deveria ir para casa?

— Não — Kurt o corrigiu. — Você está indo para *a* cidade natal *dela* - juntos. De volta para onde ela cresceu, para conhecer sua família.

Abby sentiu o cabelo arrepiar na nuca.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ela sem rodeios.

— Não é uma boa ideia — disse Matt.

Ela deu um suspiro de alívio. Graças a Deus Matt não concordava com o plano horrível de Kurt.

— Não é? — Kurt disse, seu sorriso se tornando uma careta.

— É uma *ótima* ideia — Matt sorriu, pulando da beira da cadeira e estendendo o punho para uma resposta de seu velho amigo Kurt.

Eles riram e Kurt tomou outro gole de cerveja e arrotou.

Abby pensou no quanto ela odiava o gerente de Matt. Mas ela não disse nada imediatamente, porque isso não era algo que ela poderia simplesmente se recusar a fazer. Se Matt gostou da ideia, ela precisava ajudá-lo a ver por que era ruim, sem lhe contar a verdade total. Especialmente com Kurt ouvindo cada palavra que ela disse, esperando sentir o cheiro de alguma fraqueza antes de atacá-lo.

— Você não acha que as pessoas vão vê-lo como se Matt estivesse fugindo de tudo se ele deixar Nova York, a turnê, tudo - e escapar para uma pequena cidade em Massachusetts?

— Você está brincando comigo?— Kurt gargalhou. — A imprensa ama essa merda. Super astro leva sua namorada comum de volta para sua pequena cidade natal e os agrada com sua presença magnífica. A imprensa vai devorar. Nós vamos fazer belas fotos de vocês em passeios românticos longos pelas ruas. Matt sairá cheirando como uma rosa.

Matt assentiu.

— Ele tem razão. É bom. Este é o caminho a seguir.

Abby sentiu sua pressão arterial subir dramaticamente.

— Não acho que minha família deva ser submetida aos holofotes. Eles nunca assinaram nada disso.

— Não deve ser um problema — disse Kurt — a menos que um deles tenha algo a esconder.

Matt olhou para Abby pela primeira vez.

— Eu posso dizer que você está desconfortável com essa ideia — disse ele, seus olhos castanhos procurando respostas nos dela. - Você pode nos dizer do que se trata, Abby. Você pode confiar em nós.

Ela queria bufar, sacudir as mãos, rir como uma hiena.

Confia em Kurt? Confia nessa cobra? Matt não percebeu que seu melhor amigo e confidente mais confiável era um idiota totalmente sem classe?

Mas não, ele não percebeu isso e ela não quis contar. Em vez disso, ela apenas sorriu.

— Só estou preocupada em convidar os holofotes para a vida deles, sem nem perguntar se eles estão bem com isso. Uma coisa é tomar uma decisão por mim mesma e outra é tomar uma decisão por eles.

Parecia um bom motivo, mas a verdade era muito mais complicada e sombria do que isso. Se ao menos ela pudesse confiar em Kurt, ou se ela e Matt estivessem sozinhos - talvez ela pudesse ter tentado explicar isso a ele.

Mas ela não podia confiar em Kurt e eles não estavam sozinhos. Ela tinha que inventar coisas, fazer suas reservas sobre a ideia parecerem legítimas.

— Olha — Matt disse quando se aproximou, agarrando a mão de Abby e olhando em seus olhos. — Eu sei que isso parece assustador e avassalador para você. Mas foi exatamente isso que você se inscreveu quando me disse que queria ajudar. Bem, eu aceitei sua ajuda e agora você precisa me ajudar.

Lá estava novamente - Matt não tem uma dica muito sutil de que todo esse relacionamento não passa de uma falsificação, uma cópia da coisa real. A raiva imediatamente brotou dentro do peito de Abby, como se ela estivesse sendo presa com uma faca em brasa.

— Então, colocar minha família no centro das atenções é a única maneira de ajudá-lo agora? — perguntou, sua voz assumindo uma qualidade estridente. Pelo canto do olho, ela notou que Kurt estava sorrindo.

Ele estava amando cada minuto disso, colocando-a no local e fazendo-a parecer ruim.

— Não é o único — disse Matt, sua voz ainda calma. — Mas é o melhor caminho.

— Você não pode me pedir para arrastar minha família para isso.

— Não vou forçar você a fazer nada — disse ele, afastando a mão, apertando a boca em uma linha reta. — Se você não quiser, não faremos.

O sorriso de Kurt aumentou.

— Ei — ele disse, dando de ombros. — Nem todo mundo está preparado para esse tipo de coisa.

Abby olhou para o gerente arrogante.

— Talvez nem todos nós fiquemos à vontade para procurar amigos e familiares apenas para fazer com que uma publicidade seja boa.

— Eu não fiz as regras — disse Kurt. — Eu apenas jogo com elas.

— Ela não quer fazer isso — disse Matt. — Próxima ideia, por favor. — Mas seu rosto era uma máscara de decepção.

Abby também estava frustrada. Ela estava com medo de porque seus pais estavam ligando. Fazia anos desde que eles tentaram fazer contato. Foi porque a viram no noticiário ou em outra coisa? Qualquer coisa que ela tentasse invocar para explicar o telefonema a deixava mais ansiosa.

Quando ela pensava em voltar para casa, isso a deixou quase fisicamente doente.

Kurt e Matt estavam lançando novas ideias agora, ideias sobre entrevistas em plataformas multimídia, fóruns da prefeitura, Matt se desculpando e depois iniciando uma fundação nacional anti-bullying, onde ele doaria milhões para instituições de caridade.

Cada nova ideia parecia mais ridícula e pior que a anterior.

Enquanto isso, Abby ficou lá, pensando sobre o que havia sido apresentado a ela. Uma chance de ir para casa, com Matt, e contar sua história à sua maneira. Uma chance de enfrentar seus demônios de frente,

enfrentar os valentões, as pessoas cruéis que mentiram e machucaram e a atormentaram.

Por mais que ela desconfiasse dos motivos de Kurt, ele possivelmente apresentaria o único cenário que poderia dar a ela o que ela sempre estava procurando: encerramento, defesa.

É claro que era ali que tudo o levara o tempo todo, Abby percebeu, enquanto seu batimento cardíaco acelerava. Um choque de energia percorreu seu corpo.

Ela precisava voltar para casa. Ela precisava fazer o mesmo - não, mais ainda - então Matt precisava disso por razões de publicidade.

— Tudo bem — ela disse suavemente, — eu vou fazer isso.

— Hein?— Matt disse, olhando para ela. — Você vai fazer o quê?

Kurt largou a cerveja vazia e cruzou os braços, um pequeno sorriso brincando nos lábios.

— Por favor, nos esclareça — disse ele. — O que você está disposta a fazer, exatamente?

— Eu vou para casa, com Matt, como você disse.

— E todas essas coisas que você estava dizendo sobre não querer colocar sua família no centro das atenções? — Matt perguntou a ela, seus olhos desconfiados.

— É claro que preciso verificar com eles primeiro — disse Abby. — Mas se eles estiverem bem com isso, eu também estarei.

— Você tem certeza? — Matt perguntou, sua expressão mortalmente séria. — Porque você não pode parar no meio do caminho. Precisamos saber que você continuará com isso, não importa o quê.

— Vou tentar — disse ela. — Farei o melhor que puder, mas ... há problemas entre mim e minha família.

— Problemas? — Kurt perguntou inocentemente. — Como o quê?

Ela lançou um olhar para ele.

— Não se preocupe com isso. Eu cuidarei do meu próprio negócio quando se trata deles.

Kurt levantou as mãos. — Eu não quis fazer mal nenhum. Só uma pergunta.

— Você precisa relaxar — Matt disse calmamente, mas sua voz era firme.

— Estou relaxada — ela sussurrou. — Apenas diga ao seu amigo curioso para me deixar por um minuto.

Matt balançou a cabeça.

— Por que não encerramos a noite? — Ele disse. — Você obviamente precisa de mais tempo de inatividade, e pode ligar para seus pais e avisá-los de que os visitaremos.— Ele esticou os braços musculosos no ar. — Vamos lá, Kurt. Vamos deixar a moça em paz um pouco.

Kurt riu quando ele saiu, passando por ela, dando-lhe um sorriso malicioso.

— Conversamos em breve — ele disse baixinho.

Abby assistiu-o ir, praticamente atirando punhais nas costas quando ele saiu. Matt virou-se uma vez para olhá-la a caminho da porta.

— Você precisa se controlar — disse ele, seus olhos escuros completamente sem empatia. — Isso não vai ficar mais fácil, e você me prometeu que eu poderia confiar em você.

E então eles se foram e ela estava sozinha novamente.

***

Algum tempo se passou antes que Abby tivesse coragem de ligar para seus pais de volta. Ela começou a suar frio, e seu coração estava acelerado. Ela sentiu que algo terrível iria acontecer, como se estivesse prestes a morrer.

Acalme-se, Abby. Eles são seus pais, não carrascos.

Ou talvez fosse Danny ligando da casa deles

Ela não podia imaginar por que seu irmão mais velho Danny a ligaria da casa de seus pais. Tinha que ter sido um dos pais dela.

Eles não deixaram uma mensagem, mas ainda assim ...

Quando ela apertou a tecla rediscar no celular, sentada no sofá, encolhida na posição quase fetal, Abby se perguntou se talvez eles a tivessem chamado acidentalmente.

Não, isso era realmente impossível. Um telefonema acidental depois de quase quatro anos sem contato?

Ela estremeceu, um tremor percorreu seu corpo inteiro enquanto esperava o momento da verdade.

— Olá? — respondeu a mãe, a voz parecia hesitante e de alguma forma frágil.

Abby apertou o telefone com tanta força que seus dedos quase ficaram

dormentes.

— Oi, mãe, sou eu.

Houve uma longa pausa.

— Abby? É você?

— Sim, sou eu. — Ela queria vomitar. Isso foi muito difícil.

— Eu tentei ligar para você — disse a mãe.

— Eu vi — Abby disse a ela. — Eu me perguntei se você tinha visto as notícias...

— Joe e Mary Barrett vieram hoje à tarde e estavam conversando sobre como viram você na TV com alguma estrela de cinema. Estávamos completamente confusos, para ser sincera.

Abby sentiu as bochechas corarem.

— É estranho, eu sei. E uma história longa e confusa de como tudo aconteceu.

— Eu posso imaginar.— Houve outra pausa embaraçosa. — Eu não tinha certeza se você gostaria de falar comigo, Abby, mas eu tinha que ter certeza de que você está bem — disse a mãe.

Abby suspirou.

— Eu estou bem, mãe.

— E você está feliz agora?

Algo sobre como ela tinha formulado isso fez Abby se sentir julgada, como se sua mãe não acreditasse que Abby poderia realmente ser feliz. Mas, novamente, talvez isso fosse coisa velha. Talvez sua mãe tivesse mudado nos últimos anos, assim como Abby.

— Estou muito feliz — respondeu ela, imaginando o que realmente era a verdade.

— Isso é bom. Porque você sabe que é tudo que seu pai e eu sempre quisemos para você, foi só que você seja feliz.

— E você e papai? Como vocês estão?

Houve outro silêncio longo demais.

— Tudo bem. Você sabe, as coisas acontecem, mas estamos indo bem.

— O que aconteceu? — disse Abby, o suor frio ficando mais quente ao sentir seu pulso aumentar muito mais.

— Nada para você se preocupar, Abby. A questão é que todo mundo está bem.

— Mãe, se algo estiver errado...

— Se você realmente quisesse saber, deveria ter ligado e perguntado

sobre como estamos indo — disse a mãe, com a voz ficando frágil. — Além disso, não falamos com você há tanto tempo. Nós nunca quisemos incomodá-la.

A culpa estava se instalando como um peso de chumbo nos ombros de Abby.

— Eu não quero entrar em detalhes sobre o motivo pelo qual perdemos contato — disse Abby. — Eu tenho a minha versão e vocês têm a sua e nunca vamos concordar.

— Bem, nós concordamos com isso— disse a mãe, com a voz estridente agora.

Abby balançou a cabeça. Por que tinha que ser assim entre eles? Não havia uma boa razão para que tudo desse tão ruim, mas ela não iria assumir toda a culpa por isso.

— De qualquer forma— disse ela, — eu esperava que talvez pudesse ir e ver vocês em breve.

Outra longa pausa.

Ela vai dizer não, Abby pensou. *Isso não apenas agradará todas as coisas que aconteceram, se agora, depois de tudo, mamãe diz que nem quer me ver novamente* . De certa forma, seria um alívio se ela dissesse isso.

Então Abby poderia dizer a Matt que eles não poderiam ir visitar, e isso seria livre de culpa.

— Adoraríamos ver você, Abby. — A voz de sua mãe se tornou emocional, rouca, como se estivesse quase chorando.

— Matt e eu estávamos planejando ir aí muito em breve, nos próximos dias. Você e papai estarão por perto?

A mãe dela estava confusa.

— Matt quem?

— Matt Hunter. Ele é o cara que estou... estamos passando um tempo juntos e é por isso que tenho estado nas notícias ultimamente. — Mesmo dizendo que parecia bobo, estúpido e inacreditável.

— Matt Hunter... acho que já ouvi esse nome antes.— Sua mãe se contorceu e faleceu. — Ele estava naquele filme da Disney sobre o jovem que jogava futebol?

— Sim, mãe, esse é o cara— disse Abby, rindo um pouco. — Ele esteve em alguns filmes e também é músico.

— Vocês estão se vendo — sua mãe disse suavemente. — Bem, isso parece muito emocionante.

— Ele quer conhecer você e papai — disse Abby, apertando os olhos, segurando o telefone com muito mais força.

— Bem, adoraríamos conhecê-lo. Qualquer amigo seu ... absolutamente.

Abby suspirou.

— Eu te ligo amanhã e aviso quando estaremos na cidade.

Sua mãe estava ficando mais feliz, aparentemente, enquanto processava o que estava acontecendo.

— Você realmente está voltando para casa para visitar? Você tem certeza, Abby?

— Tenho certeza, mãe.

O tempo necessário para fazer as filmagens e fotos é necessário para torná-lo real.

Era triste, na verdade, porque se esse fosse um relacionamento genuíno, ela realmente ficaria animada em apresentar Matt à mãe e ao pai.

Sim, mas que garota não ficaria animada em apresentar Matt Hunter a seus amigos e familiares? Apenas fique feliz que você pode até fingir que está com ele. Isso é muito melhor do que a maioria das garotas jamais conseguirá.

Era verdade, mas doía mesmo assim.

Ela sempre fantasiou em voltar para sua cidade natal como alguém bem-sucedido, feliz, mostrando que conseguiu, apesar das tentativas de todos para derrubá-la e acreditar no pior dela.

Só agora que Abby estava tendo a chance, tudo em que ela conseguia se concentrar era no fato de que tudo era baseado em uma mentira.

Elas desligaram o telefone, a mãe de Abby finalmente demonstrou alguma empolgação em se reunir, e Abby ficou com pelo menos um leve raio de esperança de que talvez toda a viagem desse certo.

Depois, desligou e sentou-se no sofá, pensando em tudo o que a levara a fugir de Southbridge no primeiro ritmo, quatro anos atrás.

Instantaneamente, ela lembrou o rosto de Caleb, seus cabelos encaracolados claros e olhos azuis, do jeito que ele olhou para ela e disse a ela coisas que ela queria desesperadamente acreditar na época. Lembrou-se do amor que sentira por ele, e então a traição que a fez questionar se alguma coisa que ele já havia dito a ela era verdade.

Flashes da festa que começou toda a bagunça começaram a cintilar em sua visão interior, como se o telefonema com a mãe tivesse desencadeado uma cascata de lembranças - memórias que apenas esperavam todos esses

anos para serem chamadas para a superfície da mente de Abby.

Ela estava tomando doses e rindo com os amigos. A sala estava quente, cheia e cheirava a cerveja velha, suor e perfume.

O sorriso de Caleb, sua risada enquanto a música soava ao fundo.

A sensação de perigo, excitação, misturada com corpos adolescentes e álcool e o desejo de ser sexy e desejada.

Andre apareceu, adequadamente, ao lado de Caleb. Os dois, como manteiga de amendoim e geleia, sempre juntos, sempre um par.

Caleb e Andre, e a noite da festa, quando tudo deu tão horrivelmente, desesperadamente errada para Abby.

Ela se sentiu mal só de pensar em tudo isso e teve que se retirar voluntariamente da corrente daquelas memórias antigas. Era como tentar sair da areia movediça e, quando se viu de volta ao presente, Abby ficou aterrorizada ao perceber que nenhuma das velhas emoções havia desaparecido.

Eu pensei que tinha passado de tudo isso. Eu pensei que era melhor, que eu era adulta, e eu criei minha nova vida. Mas a triste verdade é que eu não fiz nada além de fugir e agora estou voltando para lá e não sei se posso fazê-lo.

***

Deitada na cama, Abby tentou soltar-se, mas não conseguiu dormir.

Abby vestia nada além de uma camiseta comprida das roupas que estavam na mala que Kurt trouxera para o quarto dela.

Ela estava deitada sem cobertas, sentindo muito calor, mas também muito letárgica para se levantar e ligar o ar mais alto. O suor era escorregadio nos braços e nas pernas e colava a franja na testa, e ela estava se mexendo e girando.

Não posso voltar lá.

Essas palavras foram repetindo uma e outra vez em sua mente, um ciclo que simplesmente não parava.

Não posso.

Eu não posso voltar.

Não posso voltar lá.

Ela fechou os olhos, tentou respirar fundo algumas vezes. Ela sentou-se,

com o coração disparado mais uma vez, e ligou a televisão, aumentando ligeiramente o volume. Jimmy Fallon estava fazendo algum tipo de rotina de música e dança, vestindo smoking, chapéu e bengala. Abaixo dele, as palavras de uma música estavam rolando na parte inferior da tela.

Abby mal prestou atenção, até ver o nome de Matt rolando, como se realmente fizesse parte da música.

E então ela percebeu que era algum tipo de música paródia, usando o discurso retórico de Matt como letra para acompanhar *Somewhere Over The Rainbow*. Jimmy Fallon estava cantando e dançando enquanto cantava aquelas palavras horríveis, e a multidão estava rindo histericamente.

Oh Deus, Abby pensou, sentindo-se um pouco doente. Estava ficando cada vez pior quanto mais Matt ficava em silêncio e não respondia ao vídeo. Ele estava se tornando uma piada, e isso era pior do que ser odiado por coisas desagradáveis que você disse uma vez.

Uma batida na porta do quarto do hotel interrompeu sua espiral de pensamento.

Abby ficou instantaneamente nervosa e em alerta, por causa de quão tarde era. Ela saiu da cama quando a batida veio novamente. Ela andou na ponta dos pés em direção à porta.

— Eu posso ouvir você andando por aí, Abby — a voz de Matt entrou pela porta.

— Eu não sabia que era você — ela disse a ele.

— Abra — disse ele.

Ela queria vê-lo, mas estava com medo. Tinha sido um dia longo, difícil e difícil. O amanhã provavelmente seria pior, e Matt já estava com pouca paciência com ela.

— Talvez devêssemos conversar de manhã, Matt. Nós dois estamos cansados...

— Fale por si mesma. Malhei e tomei café há apenas uma hora, sinto que poderia escalar uma montanha maldita. Abra, Abby. Vamos.

Ela suspirou.

— Eu nem estou vestida.

— Como se isso fosse algo novo.

Ela sorriu um pouco, apesar de suas apreensões, e então abriu a porta, sentindo-se um pouco excitada na verdade. Ela queria que ele a visse apenas com essa camiseta, olhasse para as pernas nuas, talvez se perguntasse o que havia por baixo.

Nada ... Era o que estava embaixo da blusa dela.

Ela se afastou da porta quando Matt entrou e a fechou atrás dele. Ele estava vestindo jeans e uma camiseta simples, mas, como sempre, parecia ter acabado de sair de um videoclipe.

Os olhos dele a observaram avidamente, e ela percebeu que ele estava carregado.

— O que você estava fazendo antes de eu bater?— Ele perguntou, pegando o controle remoto e ligando a TV na sala de estar.

— Tentando dormir — disse ela. — E falhando miseravelmente.

— Sim, o sono é superestimado. — Ele se virou para Fallon, mas o segmento estava terminado e agora Jimmy estava conversando com a Questlove.

Ela olhou para o rosto de Matt para ver se ele estava chateado.

— Você viu?— Ela perguntou.

Ele a olhou.

— Eu vi o que?

— Jimmy Fallon sobre você.

— Sim, vi parte disso. — Ele não disse mais nada. Seus olhos a olharam de cima a baixo, sem se preocupar em esconder suas intenções.

Abby sentiu que Matt estava fervendo de agressões reprimidas, e ela tinha alguma ideia do que ele queria dela. Ela estava ao mesmo tempo incomodada e excitada por esse conhecimento. Ela não queria apenas ser sua saída, ela queria mais do que isso.

Mas ela também estava empolgada com a ideia de ele levar toda sua frustração para ela, tocando-a, espancando, agarrando e talvez ... talvez ... fazendo mais do que isso no final.

Ela ficou um pouco nervosa com o olhar sem desculpas dele e afastou-se dele, caminhando para o frigobar e abrindo-o.

— Quer alguma coisa?

— O que eu quero agora não está na geladeira— disse ele.

Ela sabia o que ele queria dizer, e isso fez seus mamilos enrijecerem sob a blusa. Ela ignorou o comentário, pegou uma Coca Diet e depois abriu, bebendo o líquido frio e borbulhante.

— Escute, Matt, eu queria me desculpar pela minha atitude mais cedo— disse ela, limpando os lábios com as costas da mão.

— Eu entendi— disse Matt, observando-a. — Sob esse tipo de circunstância, todos teremos momentos instáveis.

Ela sorriu.

— Obrigada por dizer isso. Por ser compreensivo.

— Isso não significa que você deva se safar— disse ele, começando a se mover em direção a ela. Seus olhos eram escuros e intensos e precisavam de algo - algo que Abby sabia muito bem.

— Matt, você sabe que não podemos continuar fazendo isso— disse ela, estendendo a mão.

— Não pode continuar fazendo o que, Abby?— Ele sorriu, fingindo não saber do que ela estava falando.

— Você sabe o que eu quero dizer— ela respondeu.

— Nós podemos fazer o que quisermos. Ninguém está aqui além de você e eu.

— É coisas confusas.

— Não estou confuso— respondeu ele, ainda avançando. — E eu também não acho que você esteja.

— Eu só queria saber às vezes o que realmente estava acontecendo entre nós— disse Abby.

A expressão de Matt mudou para algo parecido com suspeita. A sobrancelha com a cicatriz arqueou um pouco.

— Fiquei com a impressão de que ambos sabíamos exatamente o que é isso.

— Você está dizendo que é puramente comercial?

— Obviamente não.

— Então o que?

Ele balançou a cabeça devagar.

— Você sabe o que é.— Ele rangeu os dentes. — Não me faça dizer isso, Abby.

— Dizer o que, Matt?

Ele passou a mão pelo cabelo perfeitamente penteado. Seu bíceps inchava quando seu braço flexionava.

— Não me faça defini-lo. Eu te disse, não posso ser seu namorado. Não posso lhe dar um prazo para colocar isso em ordem e deixar tudo limpo e arrumado.

Ouvi-lo dizer que doeu novamente. Lembrou-se da maneira como ele olhava nos olhos dela na cama, da maneira como tocara seu rosto, seus cabelos. A maneira como ele a protegeu do CLUB VIP, até lutando contra o CEO para acabar com suas táticas.

E, no entanto, aqui estava ele negando tudo bem na frente dela, como se nada disso significasse algo para ele agora.

— Se tudo que você quer fazer é me usar para encobrir sua raiva de Jimmy Fallon, você deve sair.— Ela agarrou a Coca-Cola Diet quase com tanta força quanto segurou o telefone mais cedo enquanto estava no telefone com a mãe.

Matt riu, segurando o estômago.

— Você está falando sério? Você acha que eu estou aqui por causa da porra do Jimmy Fallon? — Ele riu novamente, seu rosto ficando vermelho.

— Não é engraçado — disse ela. Mas até ela teve que admitir que parecia ridículo quando dito em voz alta.

Ele continuou rindo.

— Eu odeio dizer isso para você, Abby, mas não foi por isso que vim aqui.

— Estou feliz que isso seja divertido para você— disse ela, o humor se esvaindo da situação enquanto pensava no que ele havia dito apenas um momento antes. Ele disse a ela - mais uma vez, e em termos inequívocos - que não podia dar a ela o que ela precisava. E aqui estava ela, como uma tola, encontrando novas maneiras de se convencer de que ele havia mudado, de que estava se apaixonando por ela. — Por que você continua vindo para o meu quarto? Por que não podemos simplesmente manter esse profissional e apenas ser romântico quando estamos em público?

— Eu não gosto de ser interrogado — disse ele. — Estou aqui, é tudo o que importa.

— Eu preciso saber o porquê— disse ela.

— Você precisa que eu explique tudo para você— disse ele, apertando a mandíbula.

— Talvez eu precise, Matt.

Ele balançou sua cabeça.

— Você me empurra até o limite. Você realmente faz isso. — Os olhos dele estavam completamente fixos nela, e ele parecia estar ao mesmo tempo zangado e desejando-a ao mesmo tempo. Estranhamente, era assim que ela também se sentia.

— Apenas diga— ela disse a ele. — Diga-me a verdade e, aconteça o que acontecer.

— Tudo bem.— Ele respirou fundo e olhou para baixo antes de finalmente encontrar seu olhar novamente. — Estou aqui porque não

conseguia parar de pensar em você— disse ele, seus olhos castanhos tão lindos e cativantes quanto qualquer coisa que ela já tinha visto em sua vida.

E do jeito que ele disse que não conseguia parar de pensar nela, a emoção que percorreu seu corpo era irreal.

Ela olhou para longe dele, tentando não ser hipnotizada por seu magnetismo.

— Isso tudo é realmente muito confuso para mim.

— O que é tão confuso?— Ele disse suavemente.

— Ir para casa está trazendo muitas lembranças ruins para mim. Por isso não consegui dormir. Tenho muita bagagem na minha cidade natal. Eu fugi porque era muito ruim.

— O que foi tão ruim?— Ele disse, chegando perto o suficiente para que ela pudesse sentir o cheiro viril e a colônia dele. Ele era fresco e masculino, forte e sexy.

Abby queria derramar suas entranhas, contar tudo a ele. Ela queria contar a ele sobre a festa, sobre Caleb e Andre e as pessoas que a haviam criticado - seus pais, irmão, amigos - pessoas da escola.

Ela queria contar a ele como tinha se perdido no final - tão perdida que em uma noite escura e horrível, que ela praticamente engoliu remédios com meia garrafa de vodca antes de sua mãe a encontrar e ligar para o 911.

Mas olhando em seus olhos castanhos, sabendo que ele ainda não *realmente* quer estar com ela, não queria estar comprometido com ela, que ele estava apenas usando-a para as coisas que ele queria e precisava dela, ela não poderia confie nele o suficiente para lhe contar tudo.

— Em algum momento talvez eu te conte— disse ela finalmente. — Mas não esta noite.

— Tudo bem— disse ele, e ele não parecia zangado com isso.

— Foi apenas difícil.

— Você ligou para casa — disse ele, como se já soubesse.

Ele sabia apenas de olhar para o rosto dela, provavelmente. Matt Hunter podia lê-la como um livro com letras ampliadas.

Ela assentiu. E então houve um nó na garganta, e ela estava chorando, berrando na verdade.

— Ei— ele disse, e então seus braços fortes a envolveram, envolvendo-a em seus braços, balançando-a suavemente enquanto ele beijava sua testa. — Ei, vai ficar tudo bem— disse ele. — Você sabe disso, certo?

Ela não conseguiu responder. Ela estava chorando por tudo - pela dor de

Matt sobre a noiva morta, pelo horror do que ele passara na guerra, por Melissa estar assustada e talvez doente, e então finalmente estava chorando por sua própria dor. Todas as coisas pelas quais ela passara quando tinha dezessete anos e nada disso acabou bem naquela época.

Mas agora Matt Hunter estava segurando-a e, embora ele continuasse dizendo a ela que não podia lhe dar o que ela precisava, a estranha verdade era que ele continuava dando a ela exatamente o que ela precisava.

***

Eles dormiram juntos naquela noite em seu quarto de hotel.

Era tudo muito onírico, o jeito que Matt a confortou, então a levou lentamente para o quarto e a deitou no colchão antes de tirar a camisa e o jeans e subir ao lado dela.

Seus braços a envolveram mais uma vez, ele não precisou dizer muito de nada.

Em segundos, ela adormeceu - algo que parecia uma impossibilidade apenas alguns minutos antes disso.

Quando ela acordou de novo, já era tarde da noite, mais como manhã cedo, embora o sol ainda não tivesse começado a nascer.

Matt ainda a estava segurando, sua pele quente contra a pele dela, sua estrutura muscular tão suave e excitante que ela se virou de costas e passou os dedos pelo antebraço dele, subindo até o bíceps e o ombro dele.

Ele se mexeu um pouco, mas seus olhos nunca se abriram, e ele a agarrou instintivamente e puxou o corpo dela para muito mais perto.

Abby ouviu-o respirar na tranquila e pacífica escuridão, e sentiu o corpo dele contra o dela, e ela olhou para o rosto dele e seus belos traços, tentando entender quem ele era e que papel estava desempenhando na vida dela.

Ela se permitiu sentir a maravilha absoluta de estar tão perto de um homem que milhões de mulheres queriam e fantasiavam. Matt Hunter era a maior coisa acontecendo (ou até o recente vazamento de vídeo) e, de alguma forma, contra todas as probabilidades, ele aterrissou bem no meio de sua pequena vida e explodiu tudo como uma bomba de megatons.

Abby estudou seu rosto e tentou entender por que ele estava com ela. O que o fez escolhê-la naquela noite na festa? O que o fez se sentir tão atraído por ela?

Ela não entendeu nada. Havia tantas mulheres que cairiam de joelhos em um piscar de olhos para permitir que Matt Hunter as espancasse, tocasse, beijasse, fizesse tudo isso e muito mais.

No entanto, ele escolheu Abby.

Observando-o dormir, ela achou que ele parecia tão calmo, tão bonito, quase um anjo. E a verdade era que, embora a presença dele em sua vida tivesse explodido sua realidade normal, a troca até agora valera a pena.

Estar com Matt era assustador, desafiador, frustrante, intenso e emocionante como nada mais que ela já havia experimentado. E, no entanto, apesar de todos os sinais confusos, Abby percebeu que estava começando a confiar nele cada vez mais.

Quando ela realmente pensou sobre o que ele havia feito por ela - ajudando Melissa quando ela estava com medo e necessitada, de frente para o CLUB VIP, trazendo Abby para a mídia e tratando-a como sua namorada, abraçando-a quando ela estava triste e triste. choro…

Olhando objetivamente, Matt realmente arriscou muito e fez muito por ela em um tempo muito curto. Eles estavam passando quase todos os momentos de vigília juntos, e agora ele até passara a noite com ela.

Talvez, ela pensou, quando mais uma vez passou a palma da mão pelo braço e ombro de Matt e depois por seu peito lindamente macio e duro *... Talvez ele realmente esteja se apaixonando por mim.*

Todos os sinais apontam para o fato de que ele está, mesmo que ele queira admitir ou não.

Abby ficou com calafrios pensando nisso.

Talvez Matt não queira admitir o que está acontecendo, mas tudo que você precisa fazer é olhar para os fatos e é claro que ele se importa.

Lembra do que ele disse quando você o pressionou a dizer por que ele continuava vindo para o seu quarto?

Eu não conseguia parar de pensar em você, foi o que ele disse.

Abby sorriu para si mesma e depois se aconchegou ainda mais perto dele, adormecendo em outro sono tranquilo.

Quando ela acordou novamente, era muito mais tarde e ela se sentiu estranhamente fria e vazia. Voltando para ver Matt, ela percebeu que o vazio era literal - ele não estava mais na cama com ela.

A porta do banheiro estava aberta e não havia ninguém lá dentro. Ela ouviu e ouviu ninguém se movimentando do lado de fora do quarto.

Matt saiu, exatamente quando, ela não podia ter certeza.

Abby percebeu que ela queria acordar com Matt ao lado dela, que ela já estava ficando viciada na sensação dele segurando-a, de estar perto dela, seu corpo era como uma droga.

Ela queria vê-lo acordar, sorrir e fazer uma piada.

Mas ele se foi, por qualquer motivo.

Sentada na cama, pegou o celular na mesa de cabeceira e descobriu que havia uma mensagem de Matt.

Tive que ir ao meu quarto tomar um banho etc. Verifique Melissa para ver como ela está. Eu farei todos os arranjos para a nossa viagem a Mass. Vamos lá por um dia, talvez 2 no máximo. Encontro você no saguão ao meio-dia para sairmos.

Bem, isso explicava para onde Matt havia ido - de volta ao seu quarto para tomar um banho e se preparar para a próxima viagem.

Abby ainda não conseguia aceitar que eles voltariam juntos para Southbridge. Toda a noção era surreal, absurda e cheia de riscos para o seu bem-estar emocional.

Mas não havia mais como lutar, pois ela já havia dito à mãe sobre a visita e Matt esperava ir também.

Matt parecia bastante convencido de que isso faria uma boa operação fotográfica e levaria ao tipo de imprensa que eles precisavam desesperadamente, se ele deixasse de ser o ponto de partida nos programas de televisão e televisão a cabo noturnos.

Mas e Kurt? Abby se perguntou enquanto tirava a camiseta e ligava o chuveiro, esperando a água esquentar o suficiente antes de pisar no riacho do chuveiro.

Qual era o ângulo de Kurt? Foi ele quem sugeriu enviar os dois para sua cidade natal, e isso realmente não fazia sentido. Ele queria Abby fora de cena, mas lá estava ele, argumentando que ela e Matt passassem ainda mais tempo juntos.

Talvez ele realmente tivesse aceitado que Matt estava cumprindo o plano, e então Kurt estava agora abraçando Abby como um mal necessário. Talvez ele estivesse realmente tentando ajudar o plano a ter sucesso.

De alguma forma, ela realmente não pensava assim. O que quer que Kurt estivesse fazendo, ela não confiava mais nele do que podia jogá-lo.

Abby tomou banho, se enxaguou e se secou, passando a toalha pelos cabelos. Olhando-se no espelho do banheiro, ela viu uma pessoa diferente

olhando para ela.

Algo na expressão dela mudou nos últimos dias. O que era?

Ela não conseguiu identificar o dedo a princípio, e até sentiu que talvez fosse apenas uma ilusão.

Você não mudou, você ainda é a mesma garota que sempre foi .

Mas então ela realmente se olhou, tentando não julgar com base em impressões antigas. *Imagine que você está se vendo pela primeira vez.*

O que você vê?

E foi aí que a atingiu. Abby sempre achou que ela não era boa o suficiente, não era digna, estava de alguma forma faltando.

Essa falta de confiança se foi agora e, de alguma forma, seu desaparecimento pode ser visto em seu rosto. Sua expressão era de alguma forma mais confiante e segura de si.

Abby sorriu, olhando-se como se fosse a primeira vez.

É possível que ser acompanhante de Matt Hunter tenha sido bom para mim? É possível que toda essa situação ridícula seja a melhor coisa que já aconteceu em toda a minha vida?

E então ela percebeu que, sim, era possível e, além disso, era exatamente o que Matt Hunter era - a melhor coisa que já havia acontecido com ela.

***

Melissa e seus pais estavam terminando o café da manhã quando Abby ligou para ela.

— Desça — disse Melissa. — Meus pais estão voltando para o quarto, mas eu vou ficar aqui por um minuto.

— Você tem certeza? — Abby disse, enquanto entrava em suas sandálias. Ela usava um vestido de verão azul claro e carregava uma embreagem rosa. — Eu posso encontrá-lo no seu quarto, se você quiser.

— Não, é bom estar aqui, eu posso assistir todos no hotel indo e vindo. Eu posso até ver os paparazzi clamando em frente à saída. Melissa riu. — Você e Matt Hunter com certeza os deixaram excitados.

— Acho que sim — disse Abby. — Ok, eu vou descer em dois segundos.— Ela desligou e pegou sua mala que continha todas as coisas que Kurt havia trazido para ela usar enquanto estava no hotel. Já que iria viajar, decidiu levar tudo.

Quando ela terminasse de conversar com Mel, já seria meio-dia, e isso significava encontrar Matt no saguão.

Seu estômago dançava com borboletas ansiosas quando ela imaginou Matt andando com ela, fora do hotel, os fotógrafos tirando suas fotos.

E então, a longa viagem de volta a Massachusetts - mas seria muito pouco para o gosto de Abby. Ela desejou que levasse um mês em vez de quatro ou cinco horas.

Ela saiu do elevador e caminhou, rebocando a mala, até ver Melissa sentada em uma pequena mesa perto da entrada do restaurante do hotel. A parede inteira era de vidro, para que os clientes pudessem olhar para o saguão do hotel e os hóspedes do hotel pudessem olhar e ver tudo dentro do restaurante enquanto atravessavam.

Abby sentiu uma onda de amor por sua amiga e também preocupação, enquanto Melissa acenava de volta para ela. Ela estava sentada com uma xícara de café e um bolinho e parecia quase feliz.

Não vá chorar agora , Abby repreendeu a si mesma. *Só a fará se sentir mal se você fizer isso. Lembre-se, ela está bem e talvez o teste volte limpo.*

Abby entrou no restaurante e estacionou a mala ao lado da mesa deles, se inclinou e deu um beijo na bochecha da amiga antes de finalmente se sentar.

— Você parece linda — Melissa disse, os olhos arregalados, tomando um grande gole de café.

— Obrigada— Abby riu. — E suas roupas?— Ela disse. — Você não trouxe uma muda de roupa também.

— Meus pais me trouxeram coisas de casa quando chegaram.

— Isso foi atencioso da parte deles. Onde eles estão, afinal?

— Aqui — disse Melissa. Ela largou a caneca de café. — Matt não te contou?

— O quê?

Melissa pegou um pedaço do bolinho e comeu.

— Ele reservou uma suíte para meus pais aqui e é aberta como a minha. Tudo o que precisamos fazer é informar a recepção se queremos adicionar uma noite e eles fazem isso. Ele está pagando por tudo.

Agora Abby realmente queria chorar.

— Uau, eu não tinha ideia de que Matt organizou isso. Isso foi muito legal da parte dele.

— Sim, e ele está mantendo contato com o hospital em meu

nome. Nenhuma palavra ainda, mas eles acham que terão resultados nos próximos dias ou dois, com certeza. Melissa deu um sorriso, mas desta vez foi tensa, e Abby poderia dizer.

— Você está bem, Mel?

Melissa assentiu, mas não foi muito convincente.

— A parte mais difícil é apenas esperar. Eu só quero saber de qualquer maneira. É muito difícil tentar ter esperança, porque se é ... se as notícias são ruins, preciso me concentrar em superar isso. Mas eu não quero assumir que as notícias são ruins, então estou tentando nem pensar nisso. O que é impossível, ao que parece.

— Sinto que tenho sido uma péssima amiga — disse Abby. — Você está passando por tudo isso e eu estou andando com Matt. — Ela brincou ociosamente com uma colher enquanto olhava para a mesa. — Sinto muito, Mel.

— Você não fez nada de errado — disse Melissa. — Você tem sido o meu maior apoio, me ajudou mais do que ninguém - você e Matt. Acho que não conseguiria passar por isso sem vocês.

Abby olhou para ela.

— Nós devíamos viajar por alguns dias, mas eu cancelarei.— Ela agarrou a mão de Melissa. — Eu não vou deixar você.

— Matt já me disse— disse Melissa. — E eu já disse a ele que está tudo bem. Meus pais estão aqui comigo, estou bem por enquanto.

— Você e Matt com certeza estão conversando muito — brincou Abby.

— Abby, não seja boba. Ele tem me verificado aqui e ali, como você. Você é realmente tão insegura?

— Sim. — Ela sorriu um pouco. Era verdade, ela estava insegura e tinha motivos para estar. Mas ela não estava sinceramente preocupada com Matt verificando Melissa. Ela realmente achou que era incrível da parte dele.

— O cara está louco por você — disse Melissa, interrompendo os pensamentos de Abby. — Eu já vi homens apaixonados antes, e ele definitivamente está — Melissa continuou.

Abby sentiu as bochechas corarem.

— Não tenho certeza de que seja tão claro quanto você pensa.

— Ou talvez você apenas goste de se torturar.

— Talvez.— Abby suspirou. — Então você tem certeza que está bem se sairmos da cidade por alguns dias?

Melissa assentiu.

— Olha, mesmo que eu receba o resultado hoje ou amanhã, e mesmo que ... mesmo que não seja bom ... não haverá nada acontecendo imediatamente. Vou me encontrar com médicos e especialistas e agendar tratamentos, mas nada vai acontecer enquanto você estiver fora.

Abby pensou sobre isso, mas mesmo que Melissa continuasse dizendo que estava bem, sair apenas parecia errado de alguma forma.

Ou talvez você só queira encontrar uma desculpa para não ir para casa.

Ela não sabia o que era - talvez um pouco dos dois.

Nesse momento, Abby viu Kurt passando e ele estava no celular, conversando. Inadvertidamente, ela fez uma careta, só de vê-lo a deixou um pouco doente por dentro.

— O que há de errado?— Melissa perguntou.

— Só estou com um gosto ruim na boca — murmurou Abby. E então ela olhou para a amiga e sorriu, e o sorriso era genuíno. — Vou sentir sua falta enquanto estiver fora.

— Eu também sentirei sua falta— disse Mel. Ela tomou outro gole de café. — Pelo lado positivo, essas são as férias mais longas que já tive em anos.

As duas riram disso, e o momento foi bom, porque um momento depois Matt entrou no saguão com uma bolsa por cima do ombro, bonito e arrumado, vestindo calças escuras, um colete bege e uma camisa de botão com a camisa. mangas arregaçadas até os cotovelos.

— Aí está seu pedaço de amor ardente — Melissa disse, cutucando Abby debaixo da mesa com o pé.

— Sim, eu o vi — disse Abby.

— Não aja tão relaxada. Você está prestes a sair daqui com o braço em volta do cara mais gostoso do planeta. Melissa apertou os lábios. — Você não pode realmente ficar tão calma com isso.

— Estou realmente enlouquecendo, apenas finjo bem.

— Talvez você não precise fingir para que ele goste de você.

— Pare de dizer coisas tão inteligentes, eu odeio quando você me dá um bom conselho — disse Abby, sabendo que havia muita verdade no comentário de sua amiga - muita verdade para realmente pensar sobre isso sem se assustar. Abby levantou-se e, em seguida, abraçou Melissa e deu-lhe um longo abraço. Ela beijou a bochecha de Melissa. — Eu amo você, garota.

— Amo você também. Agora vá mostrar a todos em casa como você se saiu.

Abby riu, pegando a mala e saindo do restaurante.

Matt estava lá e mandava mensagens de texto quando ela se aproximou. Ele olhou para cima e a viu, depois viu Melissa e acenou para Mel.

— Como ela está? — Ele perguntou a Abby quando ela se aproximou.

— Ela bem. Muito bem, considerando todas as coisas. — Abby olhou para ele. — O que você fez pelos pais dela foi maravilhoso, Matt.

— Não foi nada — disse ele de imediato, guardando o telefone. — De qualquer forma, o carro está esperando.

Só que, quando saíram, Abby viu que não era um carro - era uma limusine. Ela se virou para ele.

— Matt, não vamos nisso para Southbridge.

— Uh, sim, nós somos. Está tudo pronto e pago.

Ela revirou os olhos, que provavelmente foram capturados perfeitamente no filme, já que cerca de vinte ou trinta paparazzi estavam tirando fotos dela no momento em que ela fez a careta.

— Você realmente precisa começar a me consultar antes de fazer essas coisas— disse ela. — Esta limusine envia totalmente a mensagem errada.

— Então você está me dizendo que não será incrível quando chegarmos à casa de seus pais em uma limusine? — Matt disse, quando um de seus seguranças abriu a porta do carro para eles.

— Talvez seja um pouco incrível — ela admitiu. Eles entraram na limusine juntos, enquanto um segurança colocava suas malas no porta-malas e depois eram magicamente selados, e Abby de repente percebeu que estava se acostumando ao frenesi da mídia que era uma presença quase constante agora.

Era um pouco estranho saber que ela se adaptou a tudo tão rapidamente.

A limusine se afastou do hotel e, depois de consultar rapidamente Matt, o motorista colocou o vidro da privacidade e agora eram apenas Matt e Abby na traseira do carro.

Matt estava completamente à vontade, com os braços abertos no banco de trás, as pernas chutadas para frente a todo o comprimento. Ele sorriu para Abby.

— Você parece um cervo nos faróis— disse ele.

— Eu não me sinto assim— respondeu Abby. Ela estava sentada em frente a ele, com as pernas cruzadas, tentando entender por que Matt ainda a deixava mais nervosa do que todos os paparazzi e a imprensa do mundo

colocando-a sob o microscópio.

— Talvez seja porque você sabe que está indo para casa — ele ofereceu.

— Pode ser — disse ela, dando de ombros.

— Sabe, um dia desses você terá que me dizer o que diabos aconteceu com você que fez você fugir.

Ela sentiu uma garra gelada agarrar seu coração como seu comentário.

— O que você quer dizer?

— Bem, é importante que eu conheça sua história, Abby. Sua história é uma grande parte de como você vai me ajudar a mudar essa bagunça.

— Minha história é simples — disse ela. — Quando eu tinha dezessete anos, alguns garotos começaram a rumores sobre mim - rumores horríveis sobre eu ser uma vagabunda e prostituta, e foram cruéis com isso. Eles forram implacáveis.

Ele a observou de perto.

— Quem era... um grupo de garotas?

Ela sentiu ácido no estômago só de pensar nisso e passou a mão pelo cabelo, sacudindo-o como se isso pudesse ajudar a sacudir os nervos.

— Começou com alguns garotos que começaram os rumores e algumas garotas continuaram. Antes que eu percebesse, todas as coisas que eles disseram se espalharam como fogo e as mentiras estavam sendo repetidas por toda parte.

Matt assentiu como se entendesse.

— E então você ficou deprimida?

Ela suspirou.

— Sim, Matt, então fiquei deprimido.

— Eu sei que é desagradável falar sobre isso, mas você terá que fazê-lo em breve.

— Eu entendo isso— disse ela — mas farei isso quando estiver pronta.

— Kurt já reservou uma entrevista para você em benefício de uma fundação para combater o bullying no final da semana que vem — disse Matt, — então é melhor você se preparar.

Abby ficou atordoada em silêncio. Ela piscou, engoliu em seco, tentou se orientar.

— Você me agendou uma entrevista? — perguntou horrorizada.

— Foi assim que Kurt e eu achamos melhor iniciar a conversa sobre você ser vítima de bullying. Nós nem o anunciaremos à imprensa, deixaremos filtrar naturalmente para que não pareça uma manobra.

Abby colocou a mão na testa. Ela estava sentindo uma dor latejante atrás dos olhos.

— Matt, você nem me perguntou.

— Escute — ele disse — você foi quem me disse que queria fazer isso por mim. Você disse que usaria sua história para me ajudar a combater a imprensa negativa que tenho recebido.

— Eu sei que disse isso e falei sério. Mas preciso ser incluída nesse tipo de decisão.

— Esta é a minha carreira — disse Matt.

— E é a minha vida — respondeu ela, apontando para o próprio peito. — Sou eu quem tem que abrir minhas velhas feridas, e a menor coisa que devo receber é a cortesia de uma discussão sobre qual cenário é melhor para mim.

— Kurt teria colocado você no palco amanhã para fazer isso— disse Matt. — Eu tive que lutar muito para afastá-lo. Quanto mais esperarmos para colocá-lo lá, mais pessoas me condenarão e piores serão minhas chances de lutar contra isso.

— Eu não disse que não faria — disse Abby. — O que é tão difícil para você entender sobre eu querer ser incluída no processo de tomada de decisão?

Ele sentou-se e cruzou os braços.

— Você não quer fazer o seu trabalho — disse ele.

— Isso não é verdade.

— É, Abby. Encare isso — Matt disse a ela. — Eu tive que pressionar você para me levar a Southbridge para conhecer sua família e fazer a foto juntos. Você não queria fazer isso e agora não quer fazer esse discurso na próxima semana.

— Eu continuo lhe dizendo, eu só quero me envolver...

— Você está envolvida — Matt interrompeu, sua mandíbula tensa, olhos estreitos. — Mas você não entra na minha vida e assume a operação. Isso é negócio, e eu decido o que funciona e o que não funciona. Você segue minhas ordens.

Abby recostou-se e fechou os olhos.

— Tudo bem— disse ela. — Nós faremos o que você quiser, então. Você me diz como vai ser.

— Bom — ele disse. — Agora você está entendendo, finalmente.

Ela riu severamente.

— Talvez você deva inventar uma boa história sobre o que aconteceu

comigo no ensino médio também. Por que deixar a verdade atrapalhar o que mais irá te ajudar?

— Isso não é justo e você sabe disso, Abby. Não te disse para mentir sobre nada.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

— Não, mas você também não parece se importar. Por que parar de mentir sobre o nosso relacionamento? Por que não inventar tudo? — Ela disse. — Devemos dizer e fazer o que for necessário, desde que seja uma boa imprensa para você.

— Exatamente — respondeu Matt, as narinas dilatadas. Ele se sentou à frente. — E da próxima vez que você decidir ter uma birra, guarde-a para alguém que se importa.

Ela olhou para longe dele, ele olhou para longe dela, e eles não falaram o resto do caminho de volta para Massachusetts.

***

Abby já estava exausta e eles nem tinham saído do carro ainda.

Mas quando saíram da estrada e ela viu o antigo Ramada Inn, que se lembrava de ter passado tantas vezes dirigindo com os pais, realmente ficou impressionada em estava em casa novamente.

Era como ser transportada de volta no tempo, porque grande parte de Southbridge era a mesma de quando ela saiu, aos dezessete anos. Todos os pequenos detalhes ainda estavam intactos - os restaurantes, a loja de conveniência na esquina da Main Street, onde todas as crianças estavam juntas, o minúsculo cinema independente que exibia filmes de segunda execução, onde Abby e Caleb se beijaram pela primeira vez .

Era como um filme em sua mente - o filme de sua infância, e embora a última parte tenha sido bastante horrível - havia muitas boas lembranças misturadas também.

Ela olhou pela janela, admirada pelo poder deste lugar, dessas ruas, desta cidade. O poder que ela tinha sobre ela era quase como magia negra.

— Você está bem?— Matt disse, parecendo genuinamente preocupado.

Ela ficou surpresa, virando um pouco para olhá-lo.

— Eu não acho que você se importa.

— Claro que eu me importo. Eu não sou um monstro.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Sei que estou sendo difícil, Matt, mas você realmente não entende o quão difícil é para mim estar aqui.

Matt riu.

— Você acha que eu não entendo o tipo de demônio que o passado pode retroceder na sua cara? Baby, você realmente não me conhece.

— Não me chame de baby — disse ela, notando que eles haviam acabado de passar no campo de golfe público, e isso significava que eles estavam prestes a passar pela segunda casa em que ela morava antes que seus pais se mudassem para a casa mais recente. casa.

— Você parece determinada a me irritar— Matt disse a ela. — Mas eu não vou te dar satisfação. Se você está pirando, não vai me culpar por isso.

— Eu não estou culpando você, mas você não está ajudando, isso é certo.

Abby suspirou, mas não disse nada. Talvez Matt estivesse certo, ela não sabia mais quem estava certo e errado entre eles. Tudo o que sabia era que, em um momento, ele era como um príncipe encantado, veio para resgatá-la e, em seguida, ele estava agindo como qualquer outro homem que a machucou.

À medida que a limusine progredia, as mãos de Abby começaram a formigar e ela começou a sentir falta de ar. Agora ela podia reconhecer certas casas e lembrava das pessoas que moravam nelas.

Lembrou-se de andar de bicicleta descendo uma colina e praticamente pisar no guidão quando pisou no freio muito rapidamente no fundo.

E então eles estavam em sua antiga rua, e ela estava contando as casas, sabendo que em dez, nove, oito ... logo eles chegariam.

Finalmente, eles fizeram uma curva na estrada e sua antiga casa apareceu, parecendo menor do que ela se lembrava, de alguma forma. Era uma pequena casa branca de dois andares com persianas vermelhas e uma porta vermelha.

Havia alguns carros estacionados na pequena entrada.

Algumas crianças no gramado de um vizinho olhavam de boca aberta quando a limusine parou na frente da casa e parou.

Abby tentou respirar fundo.

Eu não posso fazer isso. Eu saí por uma razão. E ver todo mundo de novo, sabendo o que eles pensam de mim ... Eu não aguento mais. Nem por um minuto.

Mas justamente quando ela pensou que não seria capaz de sair do carro,

uma mão quente e forte a pegou e a segurou com força.

— Nós podemos fazer isso— disse Matt suavemente.

Ela se virou e olhou para ele com os olhos molhados.

— Por que você sempre acaba me provando errado quando começo a duvidar de você?

Ele sorriu um pouco, seus olhos castanhos brilhando de malícia.

— Acho que sempre gostei de um desafio— ele disse, e naquele breve momento, ela jurou que o amava total e completamente.

E do jeito que ele a olhava, ela pensou que ele devia estar pensando a mesma coisa.

— Ok, vamos acabar logo com isso— ela disse a ele.

Matt fez sinal para o motorista, que saiu e deu a volta para abrir a porta para eles. Eles saíram e Abby viu que a porta da frente de sua casa estava se abrindo e seu coração estava batendo tão rápido e com tanta força que ela ia quebrar uma costela.

— Oh meu Deus— Abby murmurou, enquanto ela estava congelada, enraizada no chão, assistindo a porta se abrir.

— Você vai ficar bem— disse Matt, apertando a mão dela. — Eu prometo.

— Obrigada por estar aqui— ela sussurrou, agradecida por sua presença.

A mãe de Abby estava saindo, e ela parecia exatamente como sempre. Ela era baixa, com um sorriso largo e cabelos prateados que caíam sobre o comprimento dos ombros. Abby sempre soube que ela se parecia com o pai, enquanto o irmão Danny sempre se parecia mais com a mãe.

E quando a mãe desceu a escada, Danny a seguiu e viu que isso era ainda mais verdade agora. Ele era apenas alguns centímetros mais alto que a mãe deles, com o mesmo sorriso torto, embora o cabelo dele ainda estivesse escuro.

O sorriso de Danny morreu em seus lábios no momento em que ele viu a limusine, e seus olhos pareciam endurecer.

Mas então sua mãe e Danny estavam se aproximando, e ela foi encontrá-los, abraçando a mãe primeiro e depois Danny.

Sua mãe cheirava a canela e ela estava chorando um pouco.

— Oh, eu não posso acreditar que você está realmente aqui— ela disse a Abby enquanto se abraçavam.

— Mãe, este é Matt Hunter — disse Abby, e eles se abraçaram também.

Matt apertou a mão de Danny, e Danny olhou-o com ceticismo.

— Você sempre viaja de limusine, Matt?

— Às vezes — Matt riu. — Eu pensei que era apropriado para o baile de Abby.

— Eu não acho que baile ou qualquer coisa relacionada ao ensino médio seja uma lembrança muito bem-vinda para minha irmã. Acho que você não a conhece tão bem.

Matt não reagiu à farpa de Danny.

— Linda casa— disse ele, admirando a casa deles.

— Oh, obrigada, Matt— sua mãe sorriu.

— Onde está o pai?— Abby perguntou.

— Oh, ele está lá dentro— sua mãe respondeu.

Abby olhou para Matt e ele desviou o olhar. Ela teve uma sensação estranha no estômago e então os quatro começaram a caminhar juntos em direção à casa, e logo eles entraram.

Cheirava familiar, como se os mesmos alimentos, roupas, plantas e móveis estivessem aqui desde que ela partira. Nada mudou muito, exceto por uma grande diferença.

O pai dela.

Ele estava em uma cadeira de rodas com um tubo no nariz. Abby parou, totalmente chocada com o quão frágil e magro seu pai parecia. A mangueira estava conectada a um grande tanque de oxigênio acoplado às costas da cadeira.

— Oh, pai!— Ela chorou. — O que aconteceu?

O pai dela sorriu. Ele parecia pelo menos quinze quilos mais leve do que quando ela o vira pela última vez, e seus cabelos eram mais brancos, e ele parecia doentio, sua pele quase ictérica.

— Eu tive uns problemas de saúde — disse ele, dando de ombros, como se estivesse falando em ficar com uma lasca e duas quebradas. — Mas eu estou bem, não pareça tão assustada. Venha me abraçar.

Abby não podia acreditar no que estava vendo, e seu coração estava partido quando ela o abraçou. Quando ele a abraçou, ela sentiu a fraqueza dele, muito diferente do homem forte que ainda estava exercitando e levantando pesos há quatro anos.

Mas ele também estava fumando naquela época - fumar em cadeia, na verdade.

— O que há de errado?— Ela perguntou. — Você não pode andar?

Ele riu, mas havia um som de chiado no peito enquanto ele ria.

— Eu posso andar muito bem. Todas as minhas extremidades estão intactas e em bom estado de funcionamento. São meus pulmões que parecem ter entrado em greve.

Ela se virou para sua mãe e Danny.

— Gostaria que alguém tivesse me dito o que estava acontecendo com o papai.

Danny fez uma careta.

— Acho que você deixou bem claro que não queria ouvir nossa opinião.

— Mas se algo estivesse errado....

— Você não se importava com o que era certo ou errado com ninguém além de si mesma — ele interrompeu.

— Esta visita está indo bem até agora— Matt murmurou, apenas alto o suficiente para Abby ouvir. Ele estendeu a mão para o pai dela. — Matt Hunter, prazer em conhecer, senhor.

O pai dela sorriu, apertando a mão com entusiasmo.

— Matt, eu amo seus filmes. Eu assisti a maioria deles e não posso lhe dizer que honra é conhecê-lo pessoalmente.

— A honra é toda minha— disse Matt.

— Vocês dois estão com fome? Você quer ir para o seu quarto e se recompor um pouco? — Perguntou a mãe de Abby.

— Nosso quarto? — Disse Abby. — Pensei que ficaríamos no Ramada.

— Não seja boba — disse o pai. — Vocês dois podem ficar no quarto de hóspedes.

— E o meu antigo quarto?

— Suas coisas foram para o sótão — disse Danny. — Agora é o meu quarto.

— Você ainda está morando em casa?

Ele balançou a cabeça e bufou.

— Você não mudou nada.

— O que isso significa?

— Isso significa que você acabou de chegar em casa e já está fazendo julgamentos rápidos e menosprezando todos.

— Danny, isso não é justo.

Ele acenou para ela sair.

— Seja como for, tenho que fazer algum trabalho. Diga-me quando o jantar estiver pronto - disse ele à mãe e depois saiu.

Um silêncio constrangedor desceu sobre a sala.

Matt sorriu e olhou para a mãe de Abby.

— Então, onde fica o quarto de hóspedes?

— Eu vou te mostrar— disse a mãe de Abby. — Venha vocês dois. Teremos bastante tempo para conversar mais tarde.

***

Depois que a mãe de Abby os mostrou para o quarto e saiu, Abby sentou-se na cama e colocou a cabeça nas mãos.

Matt estava abrindo sua bolsa e remexendo por dentro.

— Ei— disse ele, parando por um segundo para olhá-la. — Você está chateada por terem guardado suas coisas e nos relegarem para o quarto de hóspedes?

— Este é apenas o antigo quarto do meu irmão, e não, eu não ligo para isso— disse Abby, passando os dedos pelos cabelos. — Eu odeio que seja assim. Era exatamente disso que eu tinha medo.

— Claro que vai ser tenso no começo — disse Matt. — Você não mostra seu rosto há alguns anos e ninguém sabe como agir ao seu redor.

— Há uma razão para eu não mostrar meu rosto há anos.

Ele voltou a olhar em sua bolsa.

— As famílias são difíceis. Quero dizer, eu vejo minha família algumas vezes por ano e eles me deixam louco também. Às vezes, eu e meu pai fazemos isso como dois leões tentando se matar.

— Seu irmão te odeia? — Ela perguntou, finalmente virando a cabeça para olhá-lo.

— Não, meus irmãos mais novos me admiram — disse ele. — Mas isso é outra coisa. Enfim, meu argumento é que a família é sempre complicada, Abby.

— Bem, a minha é mais complicado que a maioria.— Ela balançou a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que meu pai está em uma cadeira de rodas com oxigênio. Ele parece tão fraco, cansado e velho.

— Ele não era assim antes?

Ela piscou, tentando manter as lágrimas à distância.

— Não. Ele fumava como uma chaminé, então nós sempre nos preocupamos, mas agora parece que ele ficou doente e ninguém me contou sobre isso.

Houve uma batida na porta e Matt se endireitou, levantando-se.

— Quem é?— Ele perguntou.

— É Danny. — Sua voz não era particularmente amigável.

Matt olhou para Abby, silenciosamente perguntando o que ela queria. Ela assentiu com a cabeça e ele foi e abriu a porta, enquanto ela continuava sentada na cama.

Danny entrou na sala devagar, como se pensasse que poderia ser atacado. Ele parecia cauteloso, especialmente com Matt.

Ao vê-los lado a lado, Abby ficou surpresa com o tamanho do irmão em comparação. Danny sempre teve uma grande personalidade, então, de alguma forma, ela sempre pensou nele como um grande homem. Mas na verdade ele era baixo, meio flácido e parecia intimidado pela estatura de Matt.

— Quando mamãe me disse que você estava indo visitar— Danny disse, — ela não mencionou que você iria aparecer como Brad Pitt e Angelina Jolie. Eu não sabia que isso seria algum tipo de visita real.

— Danny, por favor, não comece — disse Abby. — Não nos vemos há anos, e a primeira coisa que você faz é agir de forma rude e com raiva, como se quisesse que eu vá embora.

— Porque eu quero que você vá — Danny disse a ela.

— Uau, isso é muito legal. — Ela olhou para o teto e rezou por força.

— Você não pode simplesmente sair por anos e esperar aparecer do nada e querer um tapete vermelho, Abby. — Danny olhou para ela. Então ele olhou para Matt e sua expressão ficou ainda menos amigável. — E só porque você está saindo com uma grande celebridade, não espere que eu caia de joelhos e beije seus pés. Eu não poderia me importar menos com quem minha irmã sai.

Matt sorriu para ele.

— Entendo que você e sua irmã têm problemas, mas nunca fiz nada para você, parceiro.

— Você não é meu parceiro, cara. Você é apenas um idiota que canta e dança, e eu realmente não aprecio vocês dois aqui, fazendo mamãe e papai se animarem. Papai está doente, você sabe, e ele não precisa do estresse.

— Por que ninguém sequer tentou me dizer que ficou doente? E o que exatamente ele tem? — disse Abby.

— Ele tem DPOC — Danny disse a ela, — causada pelo fumo.

— Afinal, o que isso quer dizer?

Matt olhou para Abby.

— Isso significa que ele tem doença pulmonar obstrutiva crônica. É uma doença progressiva, não curável, e os tratamentos têm eficácia limitada, embora as mudanças no estilo de vida possam ajudar.

— O que é esse cara, um médico ambulante da Web ou algo assim? — Danny disse, apontando para Matt com uma completa falta de respeito.

— Não, eu só tenho amigos das forças armadas que têm DPOC, então li um pouco e tive algumas discussões com médicos sobre isso — disse Matt, mantendo a calma.

Danny não olhava para Matt, em vez disso, concentrando sua atenção em Abby.

— Vocês dois deveriam ir— disse ele. — Por que você quer vir aqui e mexer com todo mundo? Estávamos indo bem sem você.

— Se você quer que eu vá tanto, eu vou— disse ela, levantando-se e encontrando seu olhar. — Mas acho que você está sendo um idiota de verdade, Danny.

Eles se encararam por um longo tempo e então Danny começou a sorrir um pouco. Abby estava abrindo um sorriso também, e ela nem sabia ao certo o porquê.

— Isso é bobagem — Matt disse a eles. — Vocês dois se importam, isso é óbvio. Ficaremos apenas na cidade por um dia ou dois, no máximo. Você não pode simplesmente se dar bem, ignorar um ao outro se precisar, até que a visita termine?

Danny suspirou, colocando as mãos nos quadris.

— Tudo bem— disse ele, com os ombros caídos como se tivesse cedido depois de tudo. — Me desculpe, fui rude com você e seu namorado— Danny disse a ela.

— Obrigada— Abby disse a ele. — E me desculpe, eu não liguei e verifiquei o papai. Isso foi errado da minha parte.

— Tanto faz. Vamos tentar ser legais — Danny concordou. — Mamãe e papai estão felizes por você estar aqui, então eu também ficarei feliz.— Ele estendeu a mão. — Trégua?

— Trégua— ela concordou, e então eles tremeram.

Matt sorriu para os dois.

— Deveríamos ir comemorar essa pequena vitória com uma bebida. Não há um bar por aqui para onde possamos ir?

— E o jantar? - disse Abby.

— Vamos sair para tomar um drinque antes— disse Matt.

— Não eu — disse Danny. — Eu nunca vou aos bares locais. As pessoas nesta cidade são péssimas.

Abby meio que se sentia da mesma maneira, mas ela também achava que, a essa hora do dia, as chances de alguém que ela conhecia estar bebendo fora eram reduzidas a zero. E ela queria passar algum tempo com Matt. Tomar um drinque ou dois, relaxar, parecia certo naquele momento.

— Vou tomar uma bebida com você — disse ela a Matt. — Há um pub a menos de 1,6 km daqui, poderíamos caminhar até lá e tomar uma bebida e depois voltar a tempo para o jantar.

— Agora você está falando— disse Matt, colocando o braço em volta da cintura dela.

Todo o seu corpo parecia ter sido eletrocutado.

Danny apenas balançou a cabeça.

— Ok, mas não diga que eu não avisei vocês dois.

***

Alguém havia contado a pelo menos alguns membros dos paparazzi sobre o paradeiro deles, porque, depois de cinco minutos de caminhada, havia dois homens os seguindo alguns metros atrás, com câmeras. Ainda não haviam começado a gritar insultos ou perguntas - na verdade, pareciam satisfeitos em apenas tirar fotos.

Abby virou-se para Matt.

— Como diabos os paparazzi nos encontraram?

Ele encolheu os ombros.

— Poderia ser qualquer um. Alguém nos vê e avisa um amigo de um amigo, ou talvez alguém tenha vazado. Inferno, Kurt pode ter vazado de propósito.

— Por quê?— Ela disse horrorizada.

Matt agarrou a mão dela e a segurou com força enquanto ele respondia.

— Por quê?— Ele riu. — Queremos *que* essas fotos saiam, querida. Queremos a história por aí. É por isso que estamos aqui.

— Eu odeio isso— ela murmurou. A verdade era que ela odiava, porque também gostava demais. Andando com Matt na luz do sol de um lindo dia em sua cidade natal, vendo as sombras brincarem na calçada, ouvindo as árvores enquanto o vento soprava através das folhas.

Matt ao lado dela, sentindo-se tão sólido, tão real, sua mão quente e forte, seu corpo parecia feito para protegê-la.

Como poderia ser tão natural andar assim juntos?

Até a maneira como ele lidou com o irmão dela. Danny podia ser tão difícil, tão rude e condescendente, e, no entanto, Matt mantinha a calma e nunca pestanejava.

Era sexy.

Matt Hunter estava além de sexy e esse era o problema.

— Você deveria tentar aproveitar mais isso — disse Matt, sorrindo. Seus olhos castanhos olhavam para ela com carinho.

— O problema pode ser que eu goste bastante — disse ela.

Ele riu.

— Isso não é um problema, a menos que você o transforme em um.— E foi aí que ele parou no meio da rua e deu um beijo lindo, perfeito e romântico nos lábios.

Fracamente, Abby podia ouvir as câmeras clicando enquanto os paparazzi sortudos tiravam algumas fotos que provavelmente seriam vendidas por muito dinheiro.

Ela levantou a mão e sentiu a nuca na bochecha de Matt, e isso a fez sorrir. Seus olhos estavam semicerrados, mas agora ela fazia questão de olhá-lo.

Quando eles fizeram contato visual, ela sentiu todo o corpo corar de calor, enquanto os olhos líquidos de Matt pareciam derreter quando ela olhava para eles por muito tempo.

Ele sente isso também.

Sei que sente. Não tem como tudo isso ser apenas para mostrar, eu não ligo para o que ele diz. Seus olhos contam uma história diferente.

Mas então o beijo terminou, e Matt limpou a garganta, pegando-a pela mão e começando a andar novamente.

— Isso foi interessante— ele disse a ela.

— Como assim?

— Vamos deixar assim — ele respondeu misteriosamente.

Naquele momento, eles haviam chegado ao The Drunken Monkey, um bar de bairro que Abby já vira a multidão mais velha ir depois de voltar para casa da faculdade.

Mas suas memórias de sua clientela eram de anos passados, ela não tinha ideia de como era o lugar agora.

Quando eles entraram, o bar estava relativamente vazio, com alguns homens mais velhos jogando dardos, uma mulher bebendo uma cerveja enquanto olhava através da jukebox e duas moscas sentadas no bar, irritando o garçom bêbado.

O barman era uma mulher que parecia vagamente familiar, mas a princípio Abby achou que era apenas sua imaginação. Exceto que, quando o barman viu Abby, seus olhos imediatamente se arregalaram em reconhecimento.

— Abby Montgomery? — Ela disse, ostentando um forte sotaque de Boston.

— Sim — disse Abby. — Ei.— E então ela se lembrou do barman. O nome dela era Lola Price e ela estava na multidão popular uma série abaixo de Abby no ensino médio.

— Você não se lembra de mim, lembra?

— Lola, claro que sim. Como você está?

Os olhos de Lola piscaram para Matt e suas bochechas ficaram vermelhas.

— Por favor, me diga que não é quem eu penso que é.

— Matt— ele disse facilmente. — Prazer em conhecê-la, Lola.— Ele se aproximou do bar e Abby seguiu o exemplo desconfortavelmente, pois todos no local pareciam se virar e encará-los.

Pelo menos Lola não tinha sido uma das garotas realmente más. Ela havia saído com aquele grupo, mas nunca insultara pessoalmente Abby durante os maus momentos na escola.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Ela ainda parecia muito bem, embora tivesse ganho algum peso e seus olhos parecessem cansados de alguma forma.

— Voltei para casa para ver a família — disse Matt, piscando para Abby.

— Oh, entendi.— Lola riu, rindo na verdade. — Posso pegar algo para vocês beberem?

Abby pediu uma cerveja e Matt pediu um Jack and Coke. Ele parecia estranhamente em casa, nem um pouco preocupado com as pessoas que o olhavam, ou com a sujeira geral do bar. Ele passou um braço musculoso por cima do ombro de Abby, esfregando o braço dela levemente com as pontas dos dedos, observando Lola fazer as bebidas.

Foi um gesto muito íntimo, e tornou difícil para ela pensar.

Lola trouxe as bebidas e Matt deixou cair uma nota de cinquenta dólares no bar, agradecendo a ela.

Ela pegou e examinou como se fosse um artefato alienígena.

— Você quer trocar?

— Não, fique com ele— disse ele, erguendo a cerveja. — Na verdade, que tal uma rodada para a casa, por minha conta.

As poucas pessoas no bar aplaudiram, gritando e gritando, e então Lola ficou ocupada pegando as bebidas para eles.

— Vamos lá — disse Matt, puxando Abby do banquinho e trazendo-a pelo chão e para um estande mais privado.

Ela deslizou e Matt deslizou ao lado dela, mas ambos estavam de frente para a porta.

Abby tomou um gole de cerveja e olhou-o avaliando enquanto tomava um gole profundo do copo, fazendo uma careta.

— Eu tenho que admitir algo agora— disse ela.

Ele olhou para ela.

— Oh sim?

Ela assentiu.

— Eu gosto de ter você aqui, Matt. Eu gosto de estarmos juntos.

— Eu também— disse ele, e naquele momento, seus olhos se suavizaram. — O problema é ...— ele começou a falar, mas então a porta se abriu e algumas pessoas entraram.

Matt deve ter visto instantaneamente o olhar no rosto de Abby, porque ele parou de falar.

Ela não podia acreditar em seus olhos, não podia acreditar no que estava testemunhando. Era como algo fora de seus pesadelos.

Quatro caras entraram em grupo e ela conhecia todos. Pior ainda, um deles era Caleb, seu ex-namorado, e o outro era o melhor amigo de Caleb, André. Eles pareciam um pouco diferentes de quatro anos atrás, mas, além de estarem um pouco mais fortes e mais musculosos, não havia mudado muito.

Abby colocou a mão sobre os olhos e inclinou a cabeça para baixo.

— Merda — ela sussurrou. — Eu acho que eles me viram.

— Quem te viu?— Matt perguntou a ela.

Ela não conseguiu responder. Tudo o que ela podia ouvir eram suas vozes altas e estridentes, e isso a estava trazendo de volta para a festa - de volta aos dezessete anos e apaixonada por Caleb e muito estúpida para palavras.

Os quatro amigos riram no bar e foi como se ela os ouvisse rindo naquela época, como uma distorção estranhamente distorcida.

Abby de repente viu Caleb em seus olhos, segurando sua mão e trazendo-a para um quarto mal iluminado, beijando-a profundamente, tocando seus seios, emocionando-a.

— Eu amo você, Abby— disse ele, puxando-a para a cama ao lado dele.

— Eu também te amo— ela disse, e parecia real. Ela pensou que ele era a coisa mais incrível que já tinha acontecido com ela.

Ela estava bêbada, tonta, saindo impulsivamente da cama e fazendo uma pequena dança boba para ele, tentando ser sexy.

— Oh, eu tenho que capturar isso— Caleb riu, pegando seu telefone celular e segurando-o em sua direção.

— Não me grave! Caleb!

— Vamos lá, só por um segundo. Eu prometo apagá-lo depois. Eu só quero gravar você um pouco. Você é tão sexy, Abby.

E ele disse que a amava - ela queria tanto agradá-lo, e isso parecia perigoso o suficiente, ruim o suficiente para ser quente. Ela já estava preocupada porque, como virgem, não fazia sexo com Caleb, como muitas meninas estavam com os namorados naquele momento.

Dançar um pouco e mostrar um pouco de pele era inofensivo, certo?

— Ei, Abby. ABBY. — A voz de Matt estava preocupada quando ele balançou seu ombro gentilmente.

— Desculpe — disse ela, voltando à realidade, ainda tentando esconder o rosto do grupo de caras que agora estavam no bar conversando com Lola.

— Eu conheço esses caras— Abby sussurrou, afastando-se do bar, tanto quanto humanamente possível.

Matt olhou para o grupo e depois de volta para ela.

— OK. Eles foram babacas com você ou algo assim?

— Sim, podes dizer isso. Eu preciso ir. Agora.

E foi quando ela ouviu Lola exclamando em voz alta para o grupo.

— Oh meu Deus, vocês - vocês nunca vão adivinhar quem acabou de entrar. Abby Montgomery e Matt Hunter!

— Sério — disse um deles, com uma voz quase entediada demais para se importar. Aquele era Andre. Abby teria conhecido sua voz, mesmo que ela não o visse em um milhão de anos.

— Abby está aqui? Sério?

E esse foi Caleb.

— Oh meu Deus— Abby gemeu.

— Vá com calma — disse Matt. — Você não está sozinha, está comigo agora. Lembra?

— Eu sei — ela disse — mas eu realmente não quero ficar aqui com eles. Eu odeio eles. Essas pessoas tentaram arruinar a minha vida.

Os olhos de Matt ficaram duros.

— Quem?

— Não, Matt. Não diga nada, não faça nada. Vamos embora.

— Ei, Abby, que surpresa - você está em Southbridge— disse Andre, caminhando em direção ao estande agora. — E vejo que você trouxe o homem mais legal do planeta para lhe fazer companhia.

Matt olhou para ele.

— Quem é você?

— Eu sou Andre — ele respondeu, e estendeu a mão.

Matt a apertou por um pouco mais do que parecia normal.

— Legal— disse Matt.

Andre afastou a mão.

— O que é isso, a aderência ao kung fu? A mão do cara é de ferro.

Ele se virou para os amigos e todos riram inquietos.

Caleb estava quieto, mas ele parecia estar tentando chamar a atenção de Abby. Ela não queria falar com ele, Andre ou qualquer uma dessas pessoas, e apenas se manteve focada em Matt. Ele era como um colete salva-vidas e ela se apegou a ele por sua vida.

— Prazer em conhecê-lo — disse Matt — mas Abby e eu estávamos esperando apenas nos sentar à sós e conversar, se você não se importa.

— O que é isso - código de celebridade para se afastar de você?— Andre riu.

Os outros riram com ele.

— Praticamente — disse Matt. Sua voz estava mudando, e Abby não gostou. Ele já havia decidido não gostar deles por causa do que Abby havia lhe dito, e ela sabia que sua paciência era escassa.

— Bem, aqui é uma cidade livre, e você não está na porra de Hollywood agora — disse um dos amigos de Andre.

Ótimo, Abby pensou. Os *amigos de* Andre *são tão estúpidos e ruins como ele.*

— Calma — Caleb disse a eles.

— Relaxe cara, estamos apenas brincando— disse Andre.

Abby ainda estava assistindo Matt. Sua linguagem corporal mudou completamente. Ele não estava mais solto e relaxado.

— Onde quer que estejamos— disse ele, — a maioria das pessoas decentes desaparece quando alguém pede.

— Ninguém nunca acusou Andre de ser decente — alguém gritou.

— Sim — disse Andre, — eu não sou decente. E talvez você deva relaxar antes de eu e meus amigos te chutarmos e arruinar sua imagem.

Matt assentiu, parecendo sorrir um pouco com a ameaça.

— Só vou dizer isso mais uma vez. Abby e eu só queremos sentar e ter uma boa noite tranquila juntos. Sozinhos.

— Sozinhos?— Andre riu, zombando. — Essa garota não faz nada a menos que seja em grupo, mano. Ou ela ainda não lhe contou isso? — Ele se virou e bateu na mão de um de seus amigos, enquanto Caleb parecia estar tentando afastá-los.

Abby congelou. Ela não podia acreditar que ele tinha dito aquilo - disse a mesma mentira horrível que ele havia dito há quatro anos. Ela queria vomitar.

— Eu preciso ir... — ela começou a dizer a Matt.

Mas Matt deu um pulo e agora estava olhando para o grupo que estava pairando sobre a mesa deles.

— Escute, eu não dou a mínima para o que você pensa que sabe sobre ela— disse Matt. — Mas eu prometo a você que se mais uma pessoa fizer uma piada ou mesmo rir, vou arrancar seus dentes.

O bar ficou subitamente quieto.

— Somos quatro, imbecil— disse um dos caras — e você é apenas um.

Abby olhou e viu que eles eram todos grandes também. Caleb, no entanto, não parecia interessado na luta.

— Vamos Andre, vamos embora, cara. Isso é estúpido.

— Foda-se — disse Andre, olhando para Matt. - Eu digo para você se sentar, cara durão. Sente-se e eu não vou fazer você parecer uma vadia. Porque então você não passará de um babaca que trepou com uma puta.

E foi quando Matt deu um soco nele. Ele deu um soco forte no estômago e Andre caiu como se tivesse levado um tiro. Matt olhou para ele.

— Isso é tudo que você tem?— Ele bufou. — Patético.

Do nada, um dos amigos de Andre deu um soco e bateu no rosto de Matt, e então um dos outros tentou agarrá-lo também.

— Não! — Abby gritou, tentando se levantar para ajudar Matt. Mas a cena rapidamente se transformou em pandemônio, quando Matt jogou um dos caras do outro lado da sala, onde ele levantou uma mesa e alguns copos quebraram.

E então houve mais socos e Andre estava se levantando do chão, lentamente.

— Pare com isso! — Abby gritou.

— Volte — disse Caleb, puxando-a para fora do caminho bem a tempo, enquanto uma cadeira voava para trás e quase a atingia no rosto.

— Me solte — disse Abby, libertando-se das garras de Caleb.

— Eu não queria começar isso — disse ele. — Você tem que saber disso.

— Eu não preciso saber nada, Caleb, agora me deixe em paz!

Matt parecia estar indo bem, apesar de seus medos. Ele deu um soco no rosto de outro amigo de Andre com tanta força que passou lentamente por Abby e Caleb e saiu do bar, segurando sua bochecha e murmurando.

— Foda-se isso. Eu não preciso dessa merda, cara - ele podia ser ouvido dizendo, enquanto passava pela porta e entrava na noite.

— Você e seus amigos estúpidos — disse Abby a Caleb. — Eu deveria saber que você estragaria tudo instantaneamente quando voltasse para casa.

— Sinto muito— disse Caleb. — Eu tentei detê-los.

— De alguma forma, você sempre tenta e sempre falha — ela zombou, afastando-se dele novamente. O sangue dela estava fervendo.

Agora Andre e seu último amigo estavam enfrentando Matt e Matt estava com os punhos para cima, pronto para lutar contra os dois. Ele parecia mais do que disposto, seus olhos eram quase alegres.

O amigo de Andre virou-se para ele.

— Acho que não podemos pegá-lo, mano. Ele é um maníaco.

Foi quando Andre pegou uma garrafa e a quebrou propositalmente contra a mesa, mantendo a ponta quebrada como uma arma. — Que tal eu enfiar isso na sua porra de garganta?— Andre disse a Matt, avançando.

— Você deveria reconsiderar— disse Matt, parecendo ainda mais preparado para a batalha — porque se você tentar usar isso em mim, vou quebrar seu pescoço.

O amigo de Andre se afastou.

— Cara, isso está indo longe demais.— Ele começou a sair também. Quando ele passou, ele olhou para Caleb. — É melhor você pará-lo

antes que ele faça algo louco.

Abby estava com frio. Ela não podia acreditar no que estava acontecendo. Matt podia ser morto por causa dela, porque ela foi burra o suficiente para trazê-lo para casa. Ela deveria ter ficado longe. O que ela estava pensando?

— Pare com isso, Andre!— Ela gritou, preparando-se para pular nas costas dele, qualquer coisa para impedir que ele machucasse Matt com a garrafa quebrada.

E foi quando a porta se abriu novamente e a polícia entrou.

Antes que Abby percebesse, Andre já havia derrubado a garrafa quebrada e a chutado sob uma das cabines. A polícia nem o viu segurando.

Quatro policiais entraram e imediatamente pegaram todos os envolvidos na briga e os escoltaram para fora do bar.

Quando todos saíram, foram recebidos com flashes enquanto os paparazzi tiravam fotos.

Abby olhou para Matt, que de alguma forma ainda estava sorrindo. Ele olhou para ela e deu de ombros, e depois voltou a conversar com um dos policiais.

Abby nem podia acreditar.

Nada poderia ter piorado, ela pensou.

Isso é tão ruim quanto parece.

Só que ela estava errada. Porque justamente quando ela pensou que não poderia piorar, seu irmão Danny apareceu.

***

Abby e Matt estavam lá, assistindo Danny falar com a polícia. Bem, havia um policial em particular com quem ele estava conversando, e estava demorando muito tempo.

Matt estava com as mãos nos bolsos. Ele olhou para Abby.

— Acho que essa provavelmente não foi a melhor maneira de começar a viagem.

— Não, provavelmente não— disse ela.

Os outros culpados já haviam sido autorizados a deixar a cena. Andre foi liberado, é claro. Os policiais em torno dessas partes não eram nada senão tendenciosos. A questão agora era se eles iriam prender Matt por agressão e

destruição de propriedade, e até agora parecia provável que o fariam.

Eles estavam segundos depois de o algemarem, mas quando Danny apareceu e começou a conversar, eles recuaram um pouco.

Agora era um jogo de espera.

Abby virou-se para Matt novamente.

— Eu gostaria que você não tivesse feito isso, mas também sou grata, se você entende o que quero dizer.

Matt assentiu.

— Sim.

Ela olhou para ele, imaginando o que havia feito ele a defender mais uma vez. Por que ele continuava colocando seu pescoço em risco por ela, se não a via como algo além de um peão em seu jogo?

Se somos realmente apenas um acordo comercial, então ele deve ser um péssimo homem de negócios, porque até agora não tenho mais que uma dor de cabeça.

O pensamento a fez sorrir, e Matt notou.

— Do que você pode estar sorrindo? — ele perguntou.

— Não foi nada — disse ela, desconsiderando a profundidade de seus sentimentos, em vez de dizer o quanto queria acreditar que ele estava começando a cuidar dela, apesar de si mesmo.

— Oh, há algo acontecendo— Matt sorriu. — Eu posso ver essas engrenagens girando em sua cabeça.

— Talvez sim, Matt. Talvez sim.

Ele balançou a cabeça e suspirou como se desistisse de tentar entendê-la.

Finalmente, Danny se afastou do policial, apertando as mãos e dizendo algumas últimas palavras, antes de vir para onde Matt e Abby estavam.

Ele olhou para eles e mordeu o lábio antes de falar.

— Vocês dois idiotas realmente causaram uma cena.

— Eles estão pressionando?

— Sorte para o Sr. Hunter aqui, eu estava no time de luta livre com o oficial Giancola. Eles estão dispostos a renunciar à prisão.

Matt estendeu a mão.

— Você é incrível, Danny. Muito obrigado.

— Eles disseram que era condicional que você pegasse a guia dos reparos em todos os danos que causou hoje à noite. O relatório será arquivado, então, se você não melhorar, eles virão e prenderão você.

Matt riu.

— Ei, eu não sou avesso a pagar pelos meus erros.

— Sim, e eles provavelmente também farão algumas melhorias às suas custas— disse Danny.

— O que for preciso, custe o que custar.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Danny. — Vamos lá, eu vou levar vocês dois para casa.

Todos foram até o carro e entraram. As pessoas ainda estavam tirando fotos e gritando perguntas, mas ignoraram tudo.

Abby ficou na frente e Matt se sentou no banco de trás, enquanto Danny dirigia silenciosamente, com o rosto iluminado pela luz do painel.

Depois que eles dirigiram um pouco, Abby olhou para ele.

— Danny, me desculpe por tudo.

Ele encolheu os ombros.

— Por que pedir desculpas? Você sempre acaba fazendo algo louco e se metendo em problemas novamente em algum momento.

— Eu entendo que você está com raiva de mim— ela disse a ele. — Eu sei por que você está realmente bravo, e não tem nada a ver com o que aconteceu hoje à noite.

Ele olhou para ela.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que sei que você ficou preso aqui, cuidando de mamãe e papai quando eu parti. Eu não sabia que isso iria acontecer com você. Isso nunca passou pela minha cabeça. Eu só estava tentando me libertar, escapar.

Danny não falou por um longo tempo.

— Alguém teve que ficar— ele disse suavemente.

Quando eles entraram na garagem, Danny finalmente falou novamente.

— Não vamos mencionar isso para mamãe ou papai— disse ele. — Eles não precisam mais de estresse em suas vidas agora. Mamãe está cozinhando uma grande refeição e está feliz como um molusco.

— Meus lábios estão selados— disse Matt, enquanto todos saíam do carro e se dirigiam para a casa.

Abby olhou para Matt pelos degraus da frente, tocando seu rosto e examinando-o.

— Nem um arranhão em você— disse ela. — Eles não notarão nada.

***

O jantar foi o mais descontraído e aparentemente normal possível. Abby não teria acreditado se não tivesse testemunhado com seus próprios olhos.

Provavelmente era uma combinação de muitas coisas, incluindo o fato de que Matt mais uma vez a defendia contra alguém que estava tentando derrubá-la.

Apesar das preocupações dela de que ele não queria um relacionamento — real— Abby estava cada vez mais se convencendo de que ele simplesmente não conseguia falar as palavras.

Suas ações contavam uma história diferente.

Depois do jantar, Abby ajudou a mãe a se limpar, enquanto Matt e o pai estavam sentados na sala, tomavam uma cerveja e conversavam sobre esportes.

Danny pediu licença, dizendo que tinha trabalho a fazer. Mas pelo menos ele não tinha sido abertamente rude.

Ao ouvir os homens juntos na outra sala rindo e conversando com tanta facilidade, Abby conseguiu se divertir em um ambiente familiar mais uma vez - mesmo que nem todas as lembranças fossem agradáveis.

Algo em apenas estar com a família era seu próprio tipo de conforto.

A mãe de Abby nunca foi de discutir sentimentos, ela não resolvia problemas. Ela apenas deixou as coisas acontecerem.

No passado, isso fez Abby querer renegá-la, especialmente quando sua mãe a decepcionou tanto durante aqueles tempos difíceis no ensino médio.

Mas agora, trabalhando juntos na cozinha, Abby pôde ver sua mãe de maneira diferente.

Ela é apenas uma pessoa , Abby pensou. *Boa ou ruim, certa ou errada, ela fez o seu melhor, mesmo quando não era bom o suficiente para me atender.*

Então ela me decepcionou. Talvez as pessoas se decepcionem e você ainda possa superar isso.

Abby terminou de ajudar a mãe e foi sentar-se ao lado de Matt no sofá, o braço no ombro dele. Ele se aproximou, passando o braço em volta da cintura dela enquanto fazia piadas com o pai dela, que ria, sua respiração sibilando no peito, as bochechas ficando roxas.

Era alarmante, mas ele não parecia preocupado com isso, nem a mãe dela.

Abby não conseguia parar de assistir Matt interagir e

pensar *consigo* mesma - *e se ele fosse realmente tão bom quanto parece?*

E se ele não vai decepcioná-lo?

Então eles se sentaram juntos na sala, contando histórias antigas e inofensivas, ficando longe dos maus momentos. Matt falou sobre sua educação simples e seus irmãos mais novos, e foi um momento maravilhoso e Abby desejou que isso pudesse ter durado para sempre.

***

No quarto de hóspedes, no final da noite, Abby se despiu enquanto Matt estava no banheiro.

Ela tirou todas as roupas e depois vestiu apenas uma camiseta comprida novamente. Ela pairava sobre a parte superior das coxas e ela se sentia muito vulnerável, mas sexy usando-a para ele. Ela gostou do sentimento.

Abby apagou a luz e subiu na cama, deslizando sob as cobertas e esperando por Matt.

Ela estava cansada, mas também estava adrenalina de imaginar Matt na cama com ela, seu corpo tão perto, cheirando-o, sentindo-o.

Ela também queria prová-lo.

Por um pouco de tempo, enquanto esperava, seus pensamentos deram uma reviravolta infeliz ao pensar em Andre e Caleb entrando no bar. Lembrar-se da maneira como Andre havia falado sobre ela - as mentiras que ele contara novamente depois de todo esse tempo - a fizeram querer gritar.

Por que ele parecia querer arruinar a vida dela?

O que ela havia feito com ele?

E então Caleb - ainda o mesmo velho Caleb - não quer impedir seu melhor amigo de agir terrivelmente, incapaz de defender a si mesmo ou a Abby. Ele era exatamente o mesmo que ele estava no ensino médio, parecendo terrivelmente desconfortável com o desempenho das coisas, mas ainda se recusando a defender qualquer coisa ou alguém.

Como você pensou que o amava?

Mas ela pensou e, como resultado, confiou nele, permitiu que ele a gravasse naquela noite da festa.

E então nada havia sido o mesmo.

A porta se abriu. A silhueta de Matt foi iluminada pela luz do corredor e

Abby o viu tirar a camiseta e depois fechar a porta. Ela o ouviu abrir a fivela do cinto, ouviu o que parecia ser seu jeans caindo no chão.

E então ele estava subindo na cama ao lado dela, o colchão pousando sob seu peso.

Abby sentiu seus mamilos enrijecerem e entre as pernas estava úmido e quente.

— Oi — ela disse suavemente.

Seus olhos estavam começando a se ajustar à escuridão, e ela podia vê-lo se virando para ela, mas ela não conseguia ler a expressão no rosto dele.

— Então, terminamos o primeiro dia— disse ele.

— Por pouco.

— Às vezes é o melhor que você pode fazer— disse Matt. — Mas eu aceito.

— Eu também.— Ela sorriu. Ela mal podia falar. Apenas sentindo seu calor era inebriante. — Você realmente me defendeu hoje. Você foi muito corajoso.

Ele riu.

— O que, enfrentando alguns caipiras idiotas? Isso não foi nada.

— Sim, foi. Foi algo para mim.

Ele ficou quieto e então sua mão tocou sua bochecha, e um calafrio percorreu seu corpo inteiro. *Nunca tire isso, nunca* , ela pensou. Mas então sua mão se retirou.

— O que aconteceu com você e esses caras?— Matt perguntou a ela. — Como eles te conheceram?

Abby respirou fundo, trêmula.

— Um deles era meu ex-namorado da escola.

— Qual? O idiota que me ameaçou com a garrafa quebrada?

— Não, ele era o melhor amigo do meu ex.

— Então, qual era seu ex?

Abby nem queria falar sobre Caleb.

— Ele meio que ficou de fora.—

— Oh, aquele cara— disse Matt em uma voz plana. Ela podia senti-lo enrijecer, sentir sua energia mudar.

O que ele viu sobre Caleb que o incomodou instantaneamente? Abby se perguntou.

— Eu os odeio tanto, você não tem ideia— ela disse a ele.

— Então, o que exatamente eles fizeram com você no ensino médio?—

Matt perguntou. Ele parecia um pouco desconfiado. — Você nunca realmente me contou a história. Não em detalhes.

Ela queria contar a história para ele, mas não agora. Se ela falasse sobre isso, ela iria reviver, e era horrível e ela iria desmoronar, provavelmente. Então ela seria inútil e ela não queria ser inútil, não hoje à noite.

Abby estendeu a mão e tocou o peito nu de Matt, acariciando-o com as pontas dos dedos.

— Eu poderia falar com você sobre o que aconteceu comigo no ensino médio, mas prefiro me concentrar em você.— A mão dela deslizou até o estômago dele, e então ele estava agarrando seu pulso.

— E se eu quiser focar em você?— Ele disse.

— Há muitas maneiras diferentes de fazer isso — disse ela, sorrindo um pouco na escuridão.

— Eu quero saber o que aconteceu entre você e esses caras.

— Por que você acredita no que Andre disse sobre mim?

— Eu não disse isso— respondeu Matt. — A questão é que ele não me disse nada de concreto. Mas ele insinuou algumas coisas. Só estou curioso sobre o que realmente aconteceu.

— Talvez você precise adivinhar — disse Abby, sabendo que ela estava começando a enfurecê-lo.

De repente, Matt a puxou para perto de seu corpo, e ela pôde sentir a respiração dele em sua bochecha.

— Eu não faço adivinhação — disse ele, sua voz grave.

Ela arqueou o corpo contra ele, sentindo a camiseta subir nas pernas enquanto pressionava contra ele e percebeu que ele estava completamente nu, sem usar boxer. E ele estava duro como uma rocha. Seu pênis deslizou contra sua coxa.

— Você não precisa jogar nenhum jogo comigo, Matt— ela sussurrou.

— Não tenho tanta certeza disso— disse ele. — Porque você não vai me dizer o que eu quero saber.

— Isso foi há muito tempo — disse ela.

— Qual o nome dele, seu ex? - ele exigiu.

— Caleb — disse ela, começando a se sentir irritada. — Mas eu não quero falar sobre ele.

— Caleb— disse Matt, com tom desdenhoso. — Você o amava?

— Eu pensei que sim.— Ela tentou se libertar do aperto de Matt, mas

ele não a deixou.

— Você ainda tem sentimentos por esse cara? — Ele disse, ficando insistente.

Ela riu.

— Não seja ridículo.

— Não me chame de ridículo, Abby— disse ele, e ela pôde ouvir pela voz dele que ele estava sendo acusado.

— Você está com ciúmes ou algo assim?— Ela riu novamente.

E então ele estava usando o pulso dela, torcendo-o até ela se virar, e então ele agarrou o outro pulso e a empurrou de bruços na cama. Ele estava com os braços presos no colchão e estava montando nas pernas dela.

Sua camiseta havia puxado até os quadris, expondo completamente a metade inferior.

Matt achatou seu corpo em cima dela e seus lábios estavam contra a orelha dela.

— Eu não gosto desse cara, Caleb— disse ele. — Não gosto que voce tenha estado na mesa sala que ele.

— Durante a luta?— Ela disse. — Tudo o que ele fez foi me afastar quando eu estava tentando me envolver.

— Que gentil da parte dele — Matt disse sarcasticamente. — Ele deve ter ficado realmente preocupado com você, depois que seu companheiro falou toda essa merda.

— Eu não me importo com Caleb— disse ela. — Eu não me importo com ele.

Matt soltou seus pulsos e sentou-se. E então ele estava agarrando suas nádegas com as duas mãos.

— Você não vai me dizer o que eu quero saber, Abby. Você não vai me dizer o que eu quero ouvir.

E então ele bateu na bunda dela.

O som foi alto, como um tiro na pequena sala.

— Matt — ela sussurrou. — Alguém vai ouvir.

— Eu não me importo. — Sua respiração estava pesada.

Tapa.

Tapa.

Tapa.

Ele bateu em sua bunda nua com força. Ela gemeu, quando a bela dor sexy a fez tremer com a intensidade dela. Ela rangeu os dentes.

— Matt — ela gemeu.

— Você não deve esconder as coisas de mim— disse Matt. Tapa. A mão dele bateu em sua nádega nua e então ele segurou sua bunda, apertando-a com força. — Isso me deixa louco.

Ela não podia acreditar no que ele era capaz de fazer com ela.

— Eu não quero pensar no meu passado— ela gemeu baixinho para ele.

E então ele estava agarrando o cabelo dela com uma mão enquanto a outra mão batia em suas nádegas e ele puxou o cabelo dela. — Então vamos nos concentrar em você— disse ele. — Vamos nos concentrar apenas ... em ... você.

Sua boceta estava molhada, encharcada, quando ele puxou e bateu em seu traseiro nu.

De repente, ele a empurrou ainda mais, e seu pênis estava deslizando para cima, quase tocando sua boceta. Seu estômago pressionou contra a parte inferior das costas dela, e então ele estava deitado contra ela, e seus lábios estavam nos dela, gananciosos, sua língua entrando em sua boca.

Seu pênis estava quente e duro, como uma barra de ferro quente, e sua mão deslizou sob seus quadris, circulando até seus dedos agarrarem sua boceta nua.

O peito dele estava achatado contra as costas dela, a língua na boca e a outra mão estava puxando os cabelos dela.

Matt começou cuidadosamente a foder sua boceta com os dedos, penetrando dois dedos, um esfregando seu clitóris enquanto o outro mergulhava mais fundo na xoxota molhadinha.

Era isso que ela queria, exatamente o que ela queria.

Matt estava segurando-a com força, enrolando-a como um cobertor, seu corpo forte e musculoso grudado nela, colado tão perto que era como se ele tivesse se tornado parte dela.

Ele deslizou seu pênis cada vez mais perto de sua umidade, e ela podia até sentir a mancha de sua excitação.

A língua dele mergulhou em sua boca, explorando-a, provando-a, e ela também podia prová-lo. Ele estava menta e fresco de escovar os dentes, mas ainda era completamente ele. Ela podia provar Matt, a masculinidade dele, a força dele.

Ela queria provar o pau dele também. Ela queria provar cada parte dele, lamber todo o corpo, provar o sal do suor.

Enquanto isso, ele fodeu sua boceta com os dois dedos, e ela tentou não

fazer tanto barulho, mas estava ficando quase impossível.

Ele parou de beijá-la por tempo suficiente para sussurrar em seu ouvido enquanto ele fodeu sua boceta com os dedos.

— Você é tão apertada — disse ele. — E úmida.

— Eu quero gozar — ela disse a ele.

— Ainda não. Não ouse gozar ainda.

— Por favor — ela implorou.

Ele puxou o cabelo dela até que a cabeça dela saiu da cama e então ele estava chupando o pescoço dela quando seu pau deslizou sobre o monte por trás. Ele parou logo antes de entrar, no entanto.

Ela teria deixado ele fazer isso. Ela teria deixado ele fazer qualquer coisa.

A mão dele massageava sua boceta, agora. Ele estava esfregando suas dobras tão rápido, tão rápido, tão rápido, e ela estava agitando, todos os nervos estavam prontos para disparar, e ele puxou seus cabelos.

Então sua boca estava na dela novamente e seus dedos entraram, três dedos desta vez, profundamente nela.

E ela gozou, sua umidade jorrou, fazendo-a gozar com força e seu corpo endurecer.

Foi incrível. Era suor, calor e perfeição. Foi o clímax.

— Oh — ela ofegou, quando acabou.

— Vire-se de costas— ele ordenou.

Ela fez o que ele disse, e então ele deslizou entre as pernas dela, seu pau acariciando sua boceta nua, mas não entrando.

— Dentro de mim— ela ofegou.

— Não — ele disse a ela. Ele agarrou os pulsos dela novamente e pressionou as mãos dela contra a cama.

As pernas de Abby estavam abertas e ela se abriu o mais possível para ele.

Ela queria que ele mergulhasse lá dentro, mas ele ficou de fora, acariciando seu enorme eixo ao longo das dobras do lado de fora dela.

Ela estava molhada e seus sucos ainda estavam fluindo.

Ele empurrou seu pau duro contra ela.

— Porra, você é gostosa demais — disse ele, jogando a cabeça para trás.

E então o topo de seu pênis estava começando a empurrar suas dobras para o lado.

— Me come, Matt. Por favor. Por favor.

Mas ele não entrou. No último segundo possível, ele deslizou por cima do monte dela e, em seguida, ele disparou seu gozo por todo o estômago dela. Parte disso borrifou seus seios, quente e pingando.

Ele gozou muito.

Ela também, apenas pela excitação, de estar tão perto, de sentir o pênis de Matt Hunter contra ela, empurrando sua fenda.

Matt soltou um suspiro trêmulo e rolou para fora dela, deitado de costas.

Os dois ficaram deitados lado a lado, recuperando o fôlego.

— Você acha que ficamos quietos o suficiente?— Ele perguntou.

— Nem de perto— ela sussurrou, e então os dois começaram a rir.

— Sim, eu também não acho— ele concordou.

***

Eles dormiram nus juntos o resto da noite.

Abby correu para o banheiro e se limpou, e depois voltou para a cama e Matt estava esperando por ela, abrindo os braços e convidando-a para entrar.

Ele a abraçou a noite toda e, apesar de estar em casa, apesar de ver que seu pai estava doente, seu irmão a odiava, e os valentões mentiram novamente sobre ela e tentaram arruinar sua vida - apesar de tudo isso, ela dormiu como um bebê.

Ela estava em segurança.

Na manhã seguinte, ela abriu os olhos e encontrou Matt olhando para ela.

— Ei— ela disse, sorrindo, um pouco constrangida.

— Ei— ele disse. — Eu estava assistindo você dormir. Você é linda, sabe.

— Obrigado— disse ela, incapaz de acreditar que ele tinha dito isso. Especialmente pela manhã, quando ela claramente não parecia tão boa assim.

— Eu costumava acordar algumas vezes e olhar para Peyton, minha noiva— disse ele, pensativo. — E eu nunca senti o que sinto quando olho para você.

Abby ficou chocada ao ouvi-lo dizer isso, em muitos níveis.

— Você a amava, no entanto.

Ele ficou quieto por um longo tempo. Ele rolou de costas e olhou para o

teto.

— Eu pensei que sim na época. Mas éramos jovens, e as coisas não eram tão boas quanto pintam na mídia. Nada é do jeito que a mídia tenta fazer parecer, mas acho que não preciso mais explicar isso para você.

Abby não conseguia entender o que estava ouvindo naquele momento. Matt de repente, do nada, se abriu sobre ela sobre sua vida. E ela não sabia o que dizer.

— O que aconteceu?— Ela disse. — Quero dizer, o que deu errado entre vocês dois? Vocês discutiram?

— Sim, às vezes. Mas foi muito mais profundo do que isso. — Ele não disse nada por tanto tempo que Abby pensou que tinha terminado de falar sobre isso. Mas então, finalmente, ele disse: — A confiança foi quebrada.

— Oh.— Ela queria perguntar quem quebrou a confiança e como, mas ela sentiu que era muito delicado. Ele estava olhando para o teto e seu corpo estava rígido, como se tivesse sido esculpido em pedra.

Ela estendeu a mão para tocar seu ombro e ele se encolheu como se o tivesse queimado, e então ele estava sentado na cama.

— Eu deveria me levantar— disse ele, de repente. E então, assim, ele estava vestindo jeans e camisa. — Eu vou tomar um café. Parece que seus pais já estão acordados lá embaixo.

— Você está bem?— Ela perguntou, sentindo-se insegura agora sobre como ele estava agindo.

— Sim, estou — disse ele, mas não olhou para ela. E então ele estava saindo do quarto e fechando a porta.

Abby ficou sentada ali, sem saber o que tinha acontecido. Ele nunca mencionou realmente a noiva antes. Por que ele a mencionou nesse momento?

Talvez porque ele esteja se apaixonando por você e agora ele saiba disso.

Pensamento positivo, como sempre, Abby.

Mas nada mais poderia entender como ele se tornara emocional naquele momento.

Abby saiu da cama e vestiu suas roupas também. Ela imaginou que poderia muito bem se juntar a ele lá embaixo, ela certamente não estava mais cansada. Não depois dessa bomba.

A confiança foi quebrada.

O que isso significava?

Quando ela estava prestes a sair da sala, Abby pensou e parou antes de abrir a porta. Embora Abby tivesse ouvido falar sobre Peyton e como ela faleceu, Abby nunca tinha visto como era a noiva falecida de Matt.

Agora, depois de ouvi-lo falar sobre ela, Abby ficou subitamente curiosa.

Ela pegou o celular e ficou online e procurou por imagens.

Mas ela não pôde evitar. Ela queria ver como era Peyton, queria ter uma noção de quem era essa mulher.

Isso importa? Ela se foi e Matt diz que sente mais por você do que por ela.

E então as imagens apareceram. No início, Abby pensou que ela deveria ter cometido um erro, não poderia ser. Mas então ela encontrou artigos que falavam sobre o relacionamento condenado de Matt e Peyton, e sua foto estava lá em cores inconfundíveis, e em algumas fotos Matt e Peyton estavam juntos.

Não poderia haver erro, mas tinha que haver um erro. Ela se recusou a acreditar no que estava vendo - era muito perturbador para ser verdade.

Abby olhou para as fotos da mulher morta em choque total e crescente confusão e medo.

Peyton poderia ter se passado pela irmã gêmea de Abby. Tudo, desde a cor do cabelo, até a forma do corpo dela, até o sorriso.

Oh meu Deus , Abby pensou, quando as peças começaram a se encaixar.

Todas as razões pelas quais Matt agiu da maneira que ele agiu, todas as coisas confusas sobre seu comportamento estavam começando a fazer sentido - e não de um jeito bom também.

Abby sentiu as pernas quase dobrarem quando olhou para a mulher morta nas fotos em seu telefone.

Oh meu Deus, eu sei por que ele me escolheu.

Fim da parte 04

A dívida

Livro 05

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Clique aqui e inscreva em meu site e para receber contos gratuitos, participar de sorteios e ficar por dentro das novidades

Parte 05

ABBY DISSE A SI MESMA para parar de olhar as fotos em seu telefone celular, mas não resistiu.

Havia fotos de uma mulher - uma mulher morta, para ser mais precisa - que parecia quase exatamente como Abby. Os cabelos escuros, as mesma curvas e proporções quase exatas, os olhos da mesma forma.

Se tivéssemos saído em público juntos, as pessoas teriam dito que éramos irmãs.

A noiva falecido de Matt, Peyton, era exatamente igual a Abby. E o conhecimento disso estava a abalando profundamente.

De todas aquelas lindas modelos da festa naquela noite, você ficou se perguntando por que ele se interessou por você. E agora finalmente sabe por que ele escolheu você e mais ninguém. Não é porque você é incrível, ou porque ele gosta da sua personalidade ou pensa que você é especial. É só porque você se parece com ela.

Abby guardou o telefone, fechou os olhos, tentou respirar devagar e se acalmar, mas não estava funcionando, porque parecia a maior traição de todas.

Ela se sentiu tonta de medo, ansiosa, como se o mundo tivesse acabado de inclinar seu eixo. Esta foi a virada do pesadelo que ela temia, o colapso de seu pequeno conto de fadas, onde Matt Hunter a erguia e a levava para longe de tudo.

Agora ela estava vendo claramente que Matt a havia escolhido por causa de sua impressionante semelhança com sua noiva, e então ele começou a punir Abby para se vingar de uma mulher morta.

Ele estava bravo com Peyton, tão bravo que nem a morte dela havia curado as feridas.

A confiança foi quebrada.

Foi uma revelação horrível e completamente derrotadora.

Enquanto Abby se preparava para descer, seus pensamentos ainda

estavam acelerados, mas uma coisa estava clara.

Eu vou confrontá-lo. Quero respostas. Quero que ele explique, me conte a verdade sobre tudo isso.

Lágrimas de frustração e decepção estavam próximas da superfície agora. Ela abriu a porta e lentamente começou a caminhar até o final do corredor e descer as escadas, para o que parecia um encontro com a cadeira elétrica.

Tudo era mentira.

Brilhou diante de seus olhos, como um filme exibido ao contrário. Todas as vezes que Matt disse a ela que ele não podia ser seu namorado, não poderia lhe dar mais do que aquilo que ele estava dando.

E o que ele havia dado a Abby? Nada além de alguns encontros aleatórios em que ele expressou sua raiva por uma mulher que não existia mais, fingindo que Abby era ela para que ele pudesse viver mais plenamente sua fantasia.

Bem, Matt Hunter não era o único que podia ficar com raiva. Sua raiva estava aumentando agora, como um fogo lento e fervendo que crescia exponencialmente à medida que ela passava a cada passo.

Abby podia ouvir Matt conversando com a mãe e o pai lá embaixo. Até Danny apareceu.

Ironicamente, todos pareciam gostar da companhia um do outro. Apenas alguns minutos atrás, essa cena teria dado a Abby uma felicidade infinita. Ouvir Matt contar uma piada e ouvir o irmão Danny rir em resposta - isso era um pequeno milagre.

Abby odiava o fato de ouvir Matt e sua família passar algum tempo juntos não lhe dava prazer. Para Matt, este era apenas mais um grupo de estranhos para conquistar, como ele havia feito tantas vezes em sua vida.

Bem, encantar as pessoas é o que ele faz de melhor, ela pensou. Mas então sua mente fez uma correção.

Não, usar pessoas é o que ele faz de melhor.

Ela tinha sido usada por Matt Hunter. Completamente e totalmente usada e, olhando para trás agora, era quase ridículo como ela tenha sido tão cega às manipulações dele.

Finalmente, Abby entrou na cozinha e Matt estava atravessando a sala com sua caneca de café. Ele olhou para ela e sorriu, parecendo não perceber que algo estava errado.

— Ei — ele disse. — Quer café?

Ela balançou a cabeça negativamente, incapaz de falar.

— Vou fazer uma caneca para você — disse ele.

— Eu estou bem. — Isso era mentira.

Ele olhou para ela com curiosidade.

— Matt!— O pai dela chamou da sala onde ele estava sentado no sofá com o controle remoto na mão. — Estão falando de você na TV.

— Oh, ótimo — Matt suspirou.

— Tenho certeza que Matt não quer assistir aquelas histórias tolas sobre ele — disse a mãe de Abby de seu lugar perto do forno, onde ela estava preparando ovos e bacon para a panela.

Matt deu de ombros.

— Estou acostumado — ele respondeu, entrando na sala de estar. — Vamos ver que nova porcaria estão falando hoje.

Danny estava sentado à mesa lendo o jornal. Ele olhou para Abby e de repente sua testa se enrugou.

— Ei, você está bem?

Ela olhou para ele e depois desviou o olhar.

— Sim. Só estou cansada, acho.

Da televisão na sala, ela podia ouvir trechos da história.

— Matt Hunter está no noticiário pelas razões erradas ultimamente — dizia a voz de uma repórter — mas pela primeira vez em muito tempo, as notícias não são sobre ele, mas uma misteriosa companheira que ele tem sido romanticamente ligado na última semana.

Abby sentiu seu corpo enrijecer como se alguém tivesse acabado de colocar uma arma nas costas dela.

Essa notícia não era sobre Matt, era sobre ela.

— Abby — o pai dela chamou — estão falando de você também!

Ela fez contato visual com Danny, e ele apenas balançou a cabeça lentamente, como se dissesse que eu disse que tudo daria errado.

A mãe de Abby limpou as mãos enquanto passava por ela para ver o que estava acontecendo.

— Você não vai assistir? — Danny perguntou a ela. — Não é isso que você queria?

— Não — ela disse. Ela nem sabia do que se tratava a história. Tudo o que sabia era que qualquer coisa a ver com ela e Matt era mentira. O que quer que fosse essa história, não importava.

Mas o pai dela estava aumentando o volume da TV agora e a voz do

repórter estava mais alta do que nunca.

— Abby Montgomery vem ganhando notoriedade como membro da comitiva de Matt Hunter, que tem sido vista cada vez mais em público ultimamente, e parece que os dois estão namorando agora. Isso acontece em um momento difícil na carreira do pop star em apuros, como uma tremenda reação que ocorreu quando vazou um vídeo antigo que o mostrava fazendo comentários controversos sobre pessoas deprimidas, vítimas de bullying e até mesmo aqueles que cometeram suicídio.

Danny deslizou o jornal lentamente para longe dele.

— Sabe o que eles vão dizer? — ele perguntou a Abby.

— Não — ela respondeu, balançando a cabeça. Ela se perguntou onde isso iria dar. Talvez fossem mostrar fotos de ontem, quando alguns dos paparazzi tiraram fotos deles caminhando para o bar e depois da briga de quando estavam conversando com a polícia.

A voz do repórter assumiu um novo tom de seriedade e emoção.

— Mas em uma reviravolta bizarra — ela disse — um novo vídeo apareceu. Mas este vídeo não tem nada a ver com Matt Hunter. Este é um vídeo de Abby Montgomery, e mostra que ela se envolve em uma dança muito travessa em uma festa.

Matt sentou-se no sofá.

A mãe de Abby ofegou e colocou a mão na boca.

Abby sentiu que ia desmaiar.

— Eles encontraram o vídeo — disse Danny, com a voz irritada. — Claro que encontraram. — Ele balançou a cabeça. — Você teve que voltar e arrastar todos nós de volta à sua sujeira, não Abby?

— Cale a boca, Danny — disse Abby, e depois caminhou rapidamente para a sala para vê-lo com seus próprios olhos.

Lá estava, em cores vivas, bem ali na tela da televisão.

Abby estava dançando, começando a provocar Caleb enquanto ela levantava a blusa pela barriga. A voz de Caleb, de fora da câmera, podia ser ouvida distintamente, enquanto ele ria.

— Uau, isso é tão sexy, Abby. Você está louca.

— Você não tem ideia do quanto eu posso ficar louca — disse Abby, sorrindo sedutoramente para a câmera.

De repente, a tela da TV voltou para a mesa da âncora, onde duas mulheres e um homem estavam sentados, balançando a cabeça.

— E não é tudo — disse o repórter. — É exatamente o que podemos

mostrar na TV em rede. O restante está disponível e certamente estará em toda a Internet - fica bastante atrevido.

— Então, qual é o problema? — A outra mulher perguntou. — Uma garota dançando e tirando a blusa não é uma grande novidade hoje em dia.

— Não, não é — respondeu o repórter. — Mas nossas fontes nos dizem que, alguns anos atrás, este vídeo causou um grande escândalo em Southbridge, onde Abby Montgomery nasceu. Havia acusações de que ela havia se envolvido em atividade sexual com um grupo de meninos em uma festa naquela noite. Isso levou a uma série de ações legais, e Abby Montgomery entrou em um processo contra alguns dos participantes, que incluíam o namorado dela na época. Eventualmente, ela foi hospitalizada por uma tentativa de suicídio e depois retirou todas as acusações antes de deixar Southbridge.

O âncora na mesa parecia perturbado.

— Parece uma história muito estranha — disse ele.

— É muito estranho — disse o repórter. — Acho que o que é lamentável aqui é que, ao se envolver com alguém tão popular e famoso como Matt Hunter, o passado de Abby Montgomery vai realmente sair e ser revelado em todos os seus detalhes. E com base em sua história de problemas de saúde mental, isso poderia ser uma receita para o desastre.

— Tenho certeza de que os amigos e a família de Matt Hunter provavelmente estão coçando a cabeça e se perguntando sobre algumas de suas escolhas recentes também — acrescentou a outra mulher.

— Coisas estranhas, de fato. Vamos nos certificar de verificar esta história à medida que ela se desenvolver — disse o apresentador, com o rosto tão sério como se tivesse acabado de anunciar uma guerra com a Rússia.

Eles passaram para outra história, e o pai de Abby desligou a televisão.

A mãe de Abby estava com o rosto enterrado nas mãos e os ombros tremendo.

A sala estava completamente silenciosa.

Matt ainda estava olhando para a TV, como se de alguma forma continuasse assistindo o programa mesmo com a energia desligada. Sua expressão estava em branco.

— Eu não deveria ter ligado — disse o pai suavemente. — Eu nem deveria ter ligado a porra da coisa! — Ele de repente jogou o controle remoto através da sala e bateu na parede, quebrando instantaneamente.

Abby assustou-se.

— Pai! — Ela gritou.

Ele balançou a cabeça, suas bochechas ficando roxas.

— Eu não posso... acreditar que isso... está acontecendo novamente.— Sua respiração estava ficando difícil.

Danny estava passando por Abby agora, ombros encurvados.

— Pai, vamos lá, precisamos colocá-lo em sua cadeira de rodas e voltar com oxigênio.

— Foda-se meu oxigênio — seu pai gritou.

— Vamos, papai. Danny agarrou os pulsos do pai e começou a puxá-lo de pé para que ele pudesse colocá-lo na cadeira.

O pai dela estava chiando muito.

Abby correu e começou a ajudar, manobrando a cadeira de rodas para mais perto.

Até Matt estava envolvido, quando sentaram o pai e colocaram o tubo de oxigênio no nariz. Seu pai estava respirando fundo pela boca, e suas bochechas estavam ficando mais roxas enquanto o resto do rosto estava ficando mais pálido.

— Pai, relaxe e respire lentamente — disse Danny.

— Ele está bem? — Abby perguntou.

Danny lançou-lhe um olhar.

— Não sei. Eu não sou médico.

A mãe de Abby estava torcendo as mãos.

— Ele está tendo problemas para respirar! — ela gritou. — Olhe para ele. Ajude-o, por favor.

— Eu não entendo o que está acontecendo — respondeu Danny. — Pai, respire fundo devagar, ok?

O pai dela assentiu e ele realmente parecia estar tentando, mas seu peito estava subindo e descendo rapidamente, e sua pele era cerosa e úmida. Algo estava errado.

— Você tem um oxímetro de pulso?— Matt perguntou, pegando o pulso do pai e aplicando pressão com dois dedos.

— Sim, sim — disse Danny, girando e depois se abaixando e pegando uma pequena bolsa pendurada ao lado da cadeira de rodas. Ele o vasculhou rapidamente, pegou um pequeno pedaço de plástico branco e o afixou no dedo do pai de Abby.

Matt olhou nos olhos de seu pai.

— Ele está lutando para respirar, como um ataque de asma. Ele tem um

inalador?

— Sim, mas...

— Pegue. Algo está errado. Sra. Montgomery, ligue para a emergência — disse Matt.

— Tudo bem — a mãe de Abby respondeu e correu para a outra sala para pegar o telefone sem fio.

— O que está acontecendo? — Abby perguntou a Matt.

Matt olhou para ela.

— Ele não consegue respirar e não sei exatamente o que o impede de receber oxigênio suficiente. Pode ser que suas vias aéreas estejam estreitas ou algo a ver com o fluxo de ar do tanque de oxigênio.

As mãos de seu pai estavam pulando da cadeira, como se ele estivesse tendo algum tipo de ajuste.

— Vamos pai — disse Danny. — Você tem que respirar.

— A saturação de oxigênio está em setenta e nove por cento e está caindo — anunciou Matt.

— Em quanto deveria estar? — disse Abby, com o coração batendo forte.

— Mais de noventa por cento, pelo menos — respondeu Matt. Ele tentou empurrar o tubo de oxigênio mais fundo no nariz do pai dela. — Pegue o inalador, Danny, rapidamente!

Danny também havia escavado o inalador, mas ele se atrapalhou com o nervosismo e o jogou no chão, onde ricocheteou, a tampa deslizando para longe. Abby se abaixou, pegou o inalador e colocou nos lábios do pai.

— Pai, você tem que tentar respirar com a contagem de três, ok?— Abby perguntou a ele.

Ele assentiu, mas mal. Seus olhos estavam rolando em sua cabeça.

— Matt, por favor, ajude-o — disse Abby. Ela não podia acreditar nisso. O pai dela estava morrendo diante dos olhos dela.

— Claro — disse Matt, verificando se havia vazamentos na mangueira de ar até o tanque de oxigênio afixado na parte traseira da cadeira. — Tudo parece normal — disse ele. — Mas deve haver algo errado. Ele não está recebendo a entrega do oxigênio.

Abby contou até três em voz alta e depois bombeou o inalador na boca de seu pai, mas ele não parecia capaz de realmente absorvê-lo, estava lutando demais para tentar respirar.

— Merda — disse Danny, verificando o oxímetro. — O oxigênio dele

está em setenta e dois por cento, Matt!

Matt estava ajoelhado atrás da cadeira de rodas, com os olhos fixos em onde o tubo encontrava o tanque. Ele começou a girar alguma coisa - algum tipo de válvula - Abby não sabia nada sobre o tanque ou como ele funcionava.

O rosto de Matt estava completamente paralisado, completamente focado enquanto ele tentava trabalhar no tanque de oxigênio.

O pai revirou os olhos.

— Liguei para a ambulância, eles estão a caminho! — disse a mãe de Abby, correndo de volta para a sala, os olhos arregalados de terror. — Ele vai ficar bem?

— A saturação de oxigênio dele caiu novamente — disse Danny. Abby nunca tinha visto o irmão parecer tão assustado.

Ela viu que a pele do pai estava ficando quase azul. Ela tocou a mão dele e estava frio.

Ele vai morrer.

Papai está morrendo, bem aqui na minha frente.

Ela olhou para cima e encontrou os olhos de Danny e viu que ele também sabia. Ele parecia uma criança novamente.

— Consegui — disse Matt, e então houve um novo som, um ruído sibilante. Abby percebeu que esse som estava faltando, porque o tanque estava com defeito.

Ela se levantou e empurrou a mangueira para mais perto das narinas do pai, esperando que não fosse tarde demais.

— Vamos pai. Respire. Por favor, respire - ela disse.

Houve um longo momento em que parecia que nada havia mudado, mas, de repente, o peito do pai subiu e as narinas dele se abriram. E então sua boca se abriu, ele exalou e tomou outro grande gole de ar.

E depois outro, e outro. A cor começou a voltar ao seu rosto.

— O oxigênio está em oitenta por cento e está subindo — disse Danny, sorrindo, com lágrimas nos olhos.

O pai dela estava respirando novamente. Ele olhou para Abby e acenou com a cabeça fracamente.

— Eu estou bem — disse ele. Então ele olhou para a mãe dela. — Eu te amo — ele disse a ela.

A mãe de Abby começou a soluçar, e então ela correu e começou a abraçá-lo e beijá-lo, dizendo como ele a preocupava.

Danny estendeu a mão para Matt.

— Você acabou de salvar a vida do meu pai — disse ele.

Matt tremeu.

— Apenas devolvendo seu favor da noite passada — disse ele, abrindo um sorriso.

Abby olhou para ele com lágrimas nos olhos.

— Como você consertou isso?

— O regulador — disse Matt. — Não estava encaixado corretamente e, portanto, muito do oxigênio não estava atingindo-o como deveria. Não tenho certeza de como aconteceu, mas acho que poderia estar assim por um tempo, apenas seu pai teve uma crise e precisava de todo o oxigênio que pudesse obter.

— Está tudo bem agora?— Abby perguntou a Matt. — Ele não terá esse problema de novo?

— O tanque está consertado agora, então ele deve ficar bem.— Os olhos castanhos de Matt encontraram os dela e então ele desviou o olhar. Ela não sabia dizer se ele estava zangado, triste, aliviado.

Naquele momento, ela estava agradecida por Matt estar presente para salvar seu pai do que provavelmente havia sido uma situação com risco de vida.

A mãe de Abby terminou de beijar e abraçar o pai de Abby. Mas ela não estava completamente terminada, pois então ela abraçou Matt e o apertou com força.

— Muito obrigada por estar aqui, Matt.

— Está tudo bem, senhora Montgomery. Sério, está tudo bem.

Pouco tempo depois, a ambulância apareceu. Os paramédicos entraram e verificaram os sinais vitais do pai de Abby e o declararam suficientemente bem para permanecer em casa. Eles também checaram a configuração de seu tanque de oxigênio para garantir que não funcionaria novamente.

Quando um dos paramédicos perguntou como Matt sabia o que fazer para consertar o tanque, ele tinha uma expressão estranha no rosto.

— Minha noiva precisou de oxigênio no último mês ou dois antes de morrer — disse ele. — Acostumei-me a lidar com o tanque e conheci alguns truques.

— Você provavelmente salvou a vida dele — disse o paramédico. — Ele teve sorte que você estava visitando.

— Talvez, talvez não — Matt murmurou, seu olhar piscando para Abby

e depois se afastando novamente.

Ninguém falou sobre a notícia. Era como se nunca tivesse acontecido.

Mas uma vez que seu pai estava melhor e os paramédicos se foram, Matt anunciou que era hora de partir.

— Você vai tão cedo?— O pai de Abby disse com uma voz fraca e cansada.

Matt estava terminando outra xícara de café.

— Receio que sim, senhor. Além disso, você não teve emoção suficiente por aqui desde que eu apareci?

Ninguém sabia o que dizer sobre isso.

Abby também não tinha certeza do que Matt queria dizer. Quando ele saiu da cozinha para subir, ela o seguiu.

— E eu?— Ela disse.

Ele ligou a escada.

— E você?

— Você quer que eu volte com você?

— A decisão é sua, Abby. Ele mal podia olhar para ela.

— Você não me disse que planejava ir tão cedo. Estou tentando descobrir o quão bravo você está agora.

— Eu não estou bravo — disse ele. — Venha se você quiser. Ou não. Adapte-se a si mesmo. — E então ele subiu o resto do caminho e ela ouviu a porta se abrir e fechar quando ele entrou no quarto.

Um momento depois, o telefone de Abby tocou com uma mensagem de texto.

Ela pegou o celular e verificou. O texto era de um número desconhecido e era apenas uma frase curta.

O retorno é uma merda.

***

A limusine estava esperando por eles, estacionada ao lado do meio-fio. Matt levou a bagagem até onde o motorista estava.

Enquanto isso, Abby deu um longo abraço na mãe.

— Desculpe, por termos que ir cedo — disse ela.

— Talvez você volte novamente? — Sua mãe perguntou.

Abby olhou para ela.

— Odeio que você tenha que perguntar.

— Mas eu sim. Preciso perguntar. — As mãos de sua mãe estavam juntas, seus dedos parecendo se agarrar um ao outro como se fossem apoio, enquanto ela falava. — Não quero mais quatro anos antes de te ver ou ouvir sua voz novamente.

— Não será, eu prometo — disse Abby.

— Nós não nos importamos com o que aconteceu no passado, ou o que eles dizem sobre você — continuou a mãe. — Nós te amamos.

— Obrigada, mãe. Eu também te amo. — E ela falou sério. Talvez sua mãe tivesse mudado, afinal. Talvez as pessoas não tenham decepcionado você uma e outra vez para sempre.

Abby lembrou o que tinha descoberto sobre o noivo de Matt e seu estômago apertou.

Por outro lado , talvez algumas pessoas continuem decepcionando você .

O pai de Abby já havia se despedido. Ele estava exausto após a crise médica e agora estava dormindo.

Danny saiu por último.

— Venha aqui — disse ele, afastando-se da casa e da limusine, tomando-a pela cerca de arame que separava o quintal do quintal do vizinho.

— O que houve?— Abby perguntou. Ela olhou para Matt, que estava entrando na limusine agora, nem mesmo esperando por ela.

Ela balançou a cabeça levemente.

— Você precisa parar de vê-lo — disse Danny.

— Quem? Matt?

— Sim — disse Danny, rindo como se não pudesse acreditar na estupidez dela.

— Danny, ele acabou de salvar a vida do papai e você ainda o odeia.

— Não, acho que ele é um cara muito legal. Sou grato por ele ter salvado a vida de papai, mas isso não significa que ele é bom para você. — Danny enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela.

— Eu não sei o que vai acontecer. Há muita coisa acontecendo agora.

— Entendo — disse Danny. — E também vi como eles arrastaram seus esqueletos para fora do armário na TV nacional. Isso é apenas o começo — ele disse a ela. — Eles não vão parar até que destruam toda a sua vida.

— Eles farão isso de qualquer maneira, não posso impedi-los.

— Isso não é verdade — disse ele. — Eles vão parar no minuto em que vocês dois terminarem. Eles estão atrás de você por causa de Matt.

— Sinto muito por ter envergonhado você, Danny.

— Pare de dizer isso — disse Danny, levantando a voz. — Você disse a última vez em que tudo isso aconteceu e todos estávamos morrendo por dentro, tentando descobrir como ajudar. Você ficou se desculpando por tudo, mas depois começou a se ressentir de nós. Você continuou dizendo que não estávamos dispostos a lutar para protegê-lo. Mas todos os processos no mundo não mudarão a opinião pública, Abby. As pessoas acreditam no que querem acreditar. Você precisa ser forte o suficiente para não se importar.

— Bem, talvez eu seja forte o suficiente desta vez.

Danny balançou a cabeça.

— Acho que nós dois sabemos que isso não vai acontecer. Apenas pare com isso, já. Você finalmente voltou para casa e talvez agora haja uma chance de melhorar as coisas, curar nossa família. Afaste-se de Matt Hunter antes que tudo volte a ficar ruim. Por favor, Abby.

— Eu preciso ir — disse ela, virando-se.

— Estarei aqui se você decidir voltar, Abby. Não vou a lugar nenhum, mas, novamente, você já sabia disso.

Abby começou a correr, para a limusine. Ela precisava se afastar das memórias, se afastar de sua família e dos segredos e recriminações. Ela precisava se distanciar de sua mãe triste, irmão ressentido e pai moribundo.

Ela chegou à limusine e o motorista a deixou entrar.

Ela agradeceu e depois deslizou na escuridão fria do carro grande quando ele fechou a porta.

O motorista entrou na frente e começou a se afastar da casa. Abby se forçou a não olhar para trás, não assistir e ver sua mãe ou irmão assistindo-a sair.

Ela conteve as lágrimas como se sua própria vida dependesse disso.

Matt estava sentado em frente a ela, pernas estendidas, bebendo de um copo. Parecia que ele estava bebendo uísque ou uísque. Ela podia sentir o cheiro dele.

— Isso foi interessante — disse ele, engolindo em seco e fazendo uma careta.

Abby olhou pela janela quando eles deixaram a rua.

— Foi?

— Sim, foi.

Ela olhou para ele, sabendo que ele estava com raiva, mesmo que ele estivesse escondendo isso muito bem.

— Não posso agradecer o suficiente por ajudar meu pai, Matt. Eu nunca posso te pagar por salvar a vida dele.

— Não se preocupe com isso — disse Matt, acenando para ela. — A maneira como você me deixou no escuro sobre o seu pequeno vídeo é pagamento suficiente.

Ela sabia que isso seria levantado, mas estava magoada da mesma forma.

— Eu não te deixei propositalmente no escuro. Eu não tinha ideia de que o vídeo iria sair. Tiramos essas coisas da Internet há quatro anos e tínhamos uma liminar judicial contra qualquer pessoa que as colocasse em qualquer lugar.

Matt olhou para ela como se ela fosse louca.

— Não lhe ocorreu que isso poderia acontecer, e o efeito que isso teria em mim se acontecesse?

O efeito nele. Isso era o que importava.

Abby lambeu os lábios.

— Não tenho vergonha de dançar em uma festa, aos dezessete anos. Foi estúpido, mas não fiz nada errado, Matt.

— Não importa o que você pensa — disse Matt, arregalando os olhos com raiva. — Importa o que todo mundo pensa e diz. Eles já estão contando suas histórias sobre você, Abby.

Ela levantou as mãos.

— Não é esse o ponto? Fui intimidada por causa do meu comportamento. Essas pessoas inventaram mentiras sobre mim. *Esse é* o ponto. Fui intimidada e me tornei um daqueles perdedores dos quais você zombou com seus comentários. Esta pode ser sua chance de mostrar que realmente mudou, de sair e defender-me.

— Não — disse Matt, balançando a cabeça. — O ponto é que você me deixou girando ao vento. Pedi-lhe para me contar o que aconteceu no seu passado. Poderíamos ter planejado isso, saído na frente da história e contado a nossa vantagem. Mas você mentiu para mim...

— Eu nunca menti para você, Matt.— Sua voz estava trêmula.

— Mentiu por omissão. Você mentiu mantendo detalhes importantes para si mesmo, detalhes que teriam mudado a maneira como eu lidei com tudo.

Abby olhou para ele com frustração sem entender.

— Você é um hipócrita — disse ela.

— Cuidado.— Matt tomou um longo gole de seu copo. — Não diga nada do que se arrependa mais tarde — ele murmurou.

— É verdade. Você é um hipócrita.

Seu olhar mudou do copo que ele estava segurando, para o rosto dela. Ele a estudou.

— Essa é uma declaração ousada de alguém em sua posição, Abby.

— Eu não dou a mínima para a minha posição — ela disse a ele.

Ele riu.

— Isso é óbvio.

Sua risada a enfureceu.

— O que é óbvio para mim é que você precisava de um corpo em dobro para satisfazer sua pequena torção sexual. Então você me encontrou.

Matt estava prestes a tomar outro gole do copo, mas sua mão parou em movimento. Ele olhou para ela novamente.

— O que você acabou de dizer?

— Você me ouviu — ela continuou. — Estive online hoje de manhã e encontrei fotos de Peyton. Eu nunca a tinha visto antes.

A expressão de Matt escureceu, as sobrancelhas abaixadas.

— Não fale sobre ela. Agora não. Nunca.

— Vou falar sobre quem eu quiser.

Matt colocou o copo atrás dele e cruzou os braços.

— Tudo bem, Abby. Vamos colocar tudo sobre a mesa. Vamos colocar tudo lá fora.

Por alguma estranha razão, Abby descobriu que ele ainda a estava excitando - a maneira como ele parecia sentado ali, a expressão em seu rosto, o próprio desafio dele. Ela odiava que Matt Hunter pudesse fazê-la sentir-se tão brava e tão completamente necessitada dele, tudo ao mesmo tempo.

— Admita que você me usou — disse Abby.

— De que maneira particular?— Ele perguntou.

— Você me usou porque eu pareço exatamente com Peyton.

O queixo de Matt se contraiu e seus olhos endureceram.

— Há uma semelhança.

— Foi por isso que você me escolheu naquela noite na festa. Diga-me agora, admita a verdade, Matt.

Ele assentiu uma vez.

— Todo mundo tem um tipo — disse ele. — Isso não é exatamente uma notícia de última hora.

— Exceto que você escolhe um certo tipo de garota para poder puni-la, controlá-la e fazê-la pagar pelos pecados do seu noivo morto.— Depois que ela disse isso, Abby ficou impressionada com o quão duro parecia.

Um músculo na mandíbula de Matt se retraiu, mas fora isso ele estava completamente imóvel, com os olhos fixos nos dela.

— Isso é uma teoria.

— É verdade. Nós dois sabemos que é verdade.

Os lábios dele se apertaram.

— E você gostou de cada minuto — ele finalmente pronunciou.

— Isso não vem ao caso.

— Não — ele disse, seus lábios se curvando em um sorriso estranho. — Esse é o ponto inteiro.

— Você não se importou se eu gostei ou não. O fato de eu gostar de você era basicamente irrelevante.

— Isso é uma frase interessante — disse Matt, mudando de posição. Ele olhou por um momento. — Isso é uma frase muito interessante.

— O que foi que eu disse?

— Você disse que 'gostava' de mim, como no passado.

Abby suspirou.

— Não torça minhas palavras.

— Eu não estou torcendo nada — disse Matt. — Estou apenas apontando o que você está realmente dizendo.

— Você nunca sentiu nada real por mim — disse Abby — então como você pode ter a coragem de dizer que eu disse 'gostei' em vez de 'gosto'? Pelo menos eu realmente senti algo por você.

Matt apenas a encarou. Sua expressão era ilegível.

— Você não tem ideia do que eu sinto — ele disse suavemente.

Eles se entreolharam por um longo tempo, sem falar. O tempo parecia prolongar-se, tornar-se elástico.

— Não, não sei — disse ela finalmente. — E a culpa é sua, Matt. Não é minha.

— Você está tentando me distrair do foco do seu comportamento e nas suas mentiras — disse Matt. — Você está tentando me colocar na defensiva para que eu convenientemente esqueça o fato de que todo o seu esquema simplesmente explodiu na minha cara.

— Não é minha culpa...

— A culpa é sua! — Ele gritou. Sua voz era tão alta que Abby se

encolheu com ele.

Ele parecia perceber que havia perdido a compostura. Matt ficou em silêncio, olhando para longe dela, virando o corpo também.

— Eu não planejei nada disso — disse Abby, sentindo-se desesperada e vazia. — Eu não queria piorar as coisas para você. Eu pensei que poderia ajudar, mas acho que não pensei nisso. Tudo aconteceu muito rápido.

— Com certeza — disse Matt, ainda não olhando para ela.

— Talvez seja melhor eu voltar para Boston hoje — disse ela, esperando contra a esperança que ele dissesse a ela para não ir embora. Ela estava rezando para que talvez Matt tivesse uma maneira de salvar a situação. Mesmo que isso significasse mais punição — ela teria aceitado com prazer o que ele quisesse lhe dar, se eles pudessem ficar juntos.

— Sim, acho que você provavelmente está certa — respondeu Matt. — Isso não parece estar dando certo, não é?

Abby queria recuperar tudo, rebobinar a fita, explicar melhor as coisas. Ela queria contar tudo a ele, mas agora era tarde demais. Ela tinha medo de lidar com seu passado, ela continuava adiando as coisas, e assim seu passado voltou a mordê-la mais uma vez.

***

De volta ao hotel algumas horas depois, as coisas só pioraram.

Abby estava no quarto de Melissa. Os pais de Mel estavam em sua própria suíte, então era apenas Abby com ela agora.

— Eu me encontrei com o médico esta manhã — Melissa disse quase imediatamente depois que Abby entrou. — É câncer.

Abby engoliu em seco, seus olhos brilhando.

— O que mais o médico disse?

Melissa deu de ombros. — Ela disse que, com base no tamanho da massa, eles não se sentem confortáveis em fazer uma cirurgia. Eles querem agendar a quimioterapia e radioterapia o mais rápido possível.

— Oh, Mel, sinto muito — disse Abby e a abraçou. No momento, todos os pensamentos sobre Matt e a desintegração de seu relacionamento foram empurrados para segundo plano.

— Estou bem. Eu sabia que isso ia acontecer. — Melissa se afastou de Abby e sentou-se no sofá, curvando os pés ao lado dela. Ela segurava um travesseiro no peito.

— Vai fazer o tratamento em qual hospital?

— Eu não sei — Melissa disse a ela. Ela pareceu perturbada pela primeira vez, com a testa franzida. — Claro que prefiro estar em Boston, perto do meu apartamento. Sinto falta do meu gatinho. Eu quero estar em casa.

— Então devemos levá-la para casa — disse Abby com firmeza.

— Não é tão simples assim. O tratamento vai custar muito dinheiro, e não tenho certeza do que será coberto.

— Nós vamos dar um jeito. — Abby atravessou a sala e sentou-se na frente do sofá, no chão, agarrando a mão da amiga. — Estamos nisso juntas, Mel. Eu estarei com você a cada passo do caminho.

— Não posso pedir para você fazer isso — Melissa disse, com a mandíbula tremendo um pouco.

— Você não precisa me pedir.

As duas ficaram em silêncio, sorrindo um para o outro um pouco, reconhecendo o fato de que se amavam sem ter que dizer isso.

E então soou uma batida na porta.

— Provavelmente meus pais — Melissa suspirou. — Eu disse a eles que precisava tirar uma soneca, mas eles estão preocupados.

— Vou atender — disse Abby, levantando-se e andando rapidamente até a porta e abrindo-a.

Ela ficou chocada ao ver Matt parado no corredor.

Matt ergueu a sobrancelha para ela.

— Posso entrar?

— Oi, Matt — Melissa disse do sofá, dando um sorriso fraco.

Ele passou por Abby e entrou na sala, depois foi e sentou-se em uma das cadeiras.

— Diga-me o que houve — disse Matt. — Soube que o médico te chamou.

Melissa assentiu, piscando.

— Sim. As notícias não foram boas.

Abby cruzou os braços, sem saber o que fazer. Ela ainda estava feliz em ver Matt, sentir sua presença - ainda era reconfortante. Ela sentiu instantaneamente como se tudo estivesse bem novamente, apenas por ele estar na sala. Mas, novamente, ela sabia que tudo havia mudado e Matt não queria mais deixar tudo bem para ela.

Mas pelo menos ele ainda se importava com Melissa, Abby pensou. Isso

era mais importante do que qualquer outra coisa agora.

— Você vai ficar bem — Matt disse a Melissa. Quando ele disse isso, parecia um fato indiscutível. Ele se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos. — Ouviu? Nós vamos garantir que você receba o melhor tratamento.

— Eu não espero mais nada de você — Melissa disse a ele.

— Eu não estou pedindo sua permissão para ajudar — disse Matt — então não se preocupe em tentar me convencer disso.— Ele olhou para Abby.

— Ele está certo — disse Abby. — Você tem que deixar Matt ajudá-la.

Matt assentiu, olhando para Melissa.

— Antes de tudo, precisamos encontrar o melhor hospital. Provavelmente é Sloan Kettering

— Ela quer ficar em casa — disse Abby.

— Boston?— Matt disse.

Melissa suspirou.

— Boston também tem bons hospitais, não é?

— Claro que sim — disse Matt. — Sim, é claro. — Ele se endireitou um pouco. — Deixe-me fazer algumas ligações e descobrir o que está disponível. Quem escolhermos em Boston pode coordenar-se com seu médico no Sloan Kettering para formular um plano de tratamento.

Melissa se abraçou.

— Não sei por que você está fazendo tudo isso. Você é ocupado, nem me conhece direito.

Matt olhou para Abby novamente, mas olhou rapidamente de volta para Melissa.

— Estou fazendo isso porque quero, é tudo o que você precisa saber. Isso não é grande coisa para mim. Uma das poucas vantagens de ser famoso é que é fácil puxar as cordas e pagar as coisas.

Ele sorriu.

Melissa sorriu de volta para ele.

— Eu nem sei como agradecer.

— Já agradeceu. — Matt estendeu a mão e deu um aperto suave no braço dela, e então ele se levantou e veio em direção a Abby.

Seus olhos castanhos eram atentos e ilegíveis.

— Obrigada — ela murmurou baixinho.

— Preciso falar com você — disse ele. — Em particular.

— Claro. — Seu batimento cardíaco acelerou instantaneamente. — Devemos ir a algum lugar agora?

— Vou nadar. Encontre-me no meu quarto às cinco e eu estarei pronto.

Matt saiu e Abby conversou mais alguns minutos com Melissa e depois foi encontrar Matt em seu quarto.

Ela estava nervosa, imaginando sobre o que exatamente ele poderia querer conversar com ela.

Eles já haviam concordado que ela voltaria para Boston. O que restava para discutir?

Quando ela bateu na porta dele, ela exibiu uma imagem mental de Matt abrindo a porta, agarrando-a pelo pulso e arrastando-a para o quarto dele.

Uma vez lá dentro, ela fantasiou sobre Matt dizendo-lhe seus planos elaborados para puni-la por desafiá-lo e guardar segredos. Cada transgressão exigiria que ele a espancasse repetidamente, arrancasse suas roupas, amarrasse os pulsos e tornozelos.

A porta se abriu e Abby se assustou.

Matt estava vestindo shorts, camiseta e chinelos. Ele tinha uma toalha pendurada no ombro.

— Sabe nadar? — ele perguntou.

— Eu não tenho roupa de banho — respondeu ela.

— Posso conseguir uma para você.

— Não, está tudo bem. — Ela teve que desviar os olhos dele, porque apenas imaginá-lo sem camisa estava dificultando o raciocínio, e ela precisava ficar alerta para o que ele queria lhe dizer.

— Ok, tanto faz — Matt suspirou, fechando a porta. Ele começou a andar pelo corredor até os elevadores, apertando o botão e virando-se para ela enquanto esperavam. — Melissa está lidando bem com as notícias? — Ele perguntou.

Abby pensou nisso, deu de ombros.

— Você falou com ela. O que acha?

— Eu não a conheço como você — disse Matt.

Abby lambeu os lábios e olhou para o tapete.

— Você disse a ela para não se preocupar com o fato de estar ajudando tanto.

— Isso mesmo, não adianta se preocupar com nada além de combater esse câncer.

Abby olhou para cima e encontrou seu olhar de olhos castanhos.

— Bem, agora estou perguntando. Por que você está ajudando-a? Muitas pessoas têm câncer, Matt, e você não está ajudando todas.

O elevador chegou e as portas se abriram. A boca de Matt se curvou em um sorriso, ainda que ligeiramente.

— Salvo pelo gongo — disse ele, entrando.

Abby seguiu. Havia algumas outras pessoas no elevador - especificamente um casal e sua filha adolescente. Ela começou a surtar por estar tão perto de MATT HUNTER, e Matt riu e graciosamente tirou uma foto com ela.

Eles desceram e foram para a piscina. Felizmente, não havia mais ninguém nadando, a não ser um homem muito velho que parecia perdido em seu próprio mundo e estava nadando tão devagar que Abby se perguntou como ele conseguia se manter à tona.

Matt foi até uma das espreguiçadeiras e largou a toalha sobre ela, depois começou a tirar a camiseta. Ele jogou isso na cadeira também. Sua parte superior do corpo parecia impecável, como uma obra de arte, lisa, dura e perfeitamente proporcionada.

Matt, ele chutou seus chinelos quando Abby se sentou na beira da cadeira ao lado dele.

— Então sobre o que você quer conversar? — ela perguntou.

Matt flexionou os braços, e seus bíceps se expandiram, e então seu peito e abdômen se apertaram e ela teve que desviar o olhar dele novamente.

Era embaraçoso o que ele fez com ela, e ela não queria que ele visse isso tão claramente. Ela se sentia exposta sempre que ele olhava para ela.

— Eu queria falar sobre pagamento — disse Matt. Ele passou a mão pelos cabelos.

— Pagamento?

— Desde que você está voltando para Boston hoje, eu estava pensando no acordo que discutimos e decidi que vou pagar cinquenta e encerrar o acordo.

— Cinquenta... cinquenta dólares?— Ela perguntou, de repente a boca seca.

Matt riu.

— Cinquenta mil.— E então ele se virou e deu um mergulho perfeito na piscina.

Abby ficou sentada ali, com a boca aberta.

Matt nadou por toda a extensão da piscina sem respirar. Ele emergiu no fundo, respirou fundo e depois voltou a afundar. Quando ele apareceu novamente, ele estava bem na frente dela.

Ele levantou a parte superior do torso acima da linha de flutuação e pendurou os braços na beira da piscina. A água escorria por seu rosto e ele usou a mão para limpá-la dos olhos.

— Toalha?— Ele pediu, estendendo a mão para ela.

Ela pegou sua toalha e entregou a ele. Ele pressionou-o contra o rosto e depois devolveu a ela.

— Matt, não posso aceitar isso — ela disse a ele.

— É apenas uma toalha úmida — ele brincou.

— Estou falando sério. Não posso aceitar esse dinheiro, é demais. — Ela segurou a toalha dele, segurando-a no colo.

Matt olhou para ela, seus olhos castanhos de alguma forma quentes e frios ao mesmo tempo.

— Abby, isso não está em discussão. Estou lhe dizendo o que vai acontecer para que você saiba o que esperar.

— Mas por quê? Você está com raiva de mim, eu não te ajudei, só piorei as coisas.

— Porque eu quero fazer isso. E de qualquer maneira, o dinheiro já foi transferido para sua conta corrente.

Abby mais uma vez teve que resistir às lágrimas que brotavam atrás de seus olhos. Ela piscou rapidamente e desviou o olhar, e então Matt mergulhou para trás na água e estava nadando sob a superfície em direção ao outro lado da piscina.

Ela observou quando ele subiu suavemente mais uma vez para respirar no outro extremo, respirou fundo, depois mergulhou de volta e começou a próxima volta.

Abby começou a sentir que tinha sido dispensada.

Acabou, não era?

Ele a estava pagando para sair de sua vida e não ter ressentimentos. Ela se levantou, enquanto Matt estava do outro lado da piscina.

Ela o observou por um momento, seu corpo perfeito quase todo obscurecido sob a água azul, deslizando quase sem esforço, brilhando lá embaixo da superfície, tão perto e tão distante ao mesmo tempo.

Era como se ela estivesse vivendo em um mundo de sonhos, e agora ela estava acordando. O brilho cintilante deste novo mundo desapareceu e tudo voltou ao normal novamente - seu velho mundo havia retornado com vingança. Ela era apenas uma garota normal, voltando a Boston, procurando trabalho, tentando encontrar um lugar para morar.

A alma selvagem e inquieta que a tirara de sua concha e mostrara seus lugares por dentro e por fora que ela nunca imaginara - aquela alma inquieta estava se movendo. Ele nunca seria domado, nunca se contentaria com alguém comum como Abby.

Ela estava sozinha novamente e voltaria à sua antiga vida.

Talvez isso fosse um alívio de certa forma.

Abby se virou e se afastou da piscina, imaginando se Matt notaria que ela tinha ido embora.

◆◆◆

Ela levou quase nada consigo, no final — apenas suas próprias roupas, escolhendo deixar para trás a mala cheia de alta costura que Kurt trouxera para o quarto dela, junto com o desdém e as manipulações dele.

Além disso, Abby não queria nenhuma roupa que a lembrasse desse tempo passado com Matt - seria muito triste.

Antes de sair, ela parou no quarto de Melissa e se despediu. Melissa estava planejando voltar a Boston no dia seguinte com seus pais. Ela tinha outra consulta médica, mas parecia muito animada.

Parecia que Matt continuava em contato com Melissa e a equipe de Sloan Kettering, o que deixou Abby ao mesmo tempo aliviada e desesperadamente triste.

Melissa parecia sentir que havia algo acontecendo entre Matt e Abby, mas não fez perguntas. Isso foi um alívio, porque se Abby tivesse que falar sobre isso, ela teria chorado. E isso não teria sido justo com sua amiga que acabara de receber um diagnóstico de câncer.

Melissa prometeu que faria Abby ciente de quaisquer atualizações importantes, e então eles se abraçaram e disseram que se veriam em Boston.

Poucos minutos depois, Abby estava andando pelo saguão do hotel, prestes a pegar um táxi para levá-la a Port Authority e, de lá, um ônibus de volta para Boston.

Ela estava tão distraída pensando na maneira como as coisas terminaram tão repentina e prematuramente entre ela e Matt que ela nem percebeu quando um homem começou a andar ao lado dela.

— Nos deixando tão cedo? — Ele perguntou.

A voz era muito familiar e temida. Abby se virou e olhou para o rosto

presunçoso de Kurt.

Ela tentou parecer educada.

— Acho que você deve estar feliz com o resultado.

O sorriso de Kurt se ampliou.

— Se tivesse aceitado minha oferta inicial, teria ganhado cem mil em vez de apenas cinquenta, e sua fita de sexo não estaria flutuando por toda a web no momento.

— Cinquenta é muito mais do que eu preciso ou até quero.

— É definitivamente mais do que você merece — disse Kurt.

— Me deixe em paz – acabou. — Abby tentou continuar andando para se afastar dele, mas ele agarrou o braço dela com um aperto de vice.

— Olha, você saiu fácil desta vez — Kurt sussurrou, sua respiração atingindo seu rosto. Cheirava a café e café da manhã rançosos. Seu sorriso se foi agora. — Se você tentar voltar à vida de Matt, a mamãe ver sua fita de sexo parecerá boas lembranças em comparação com o que acontecerá com você.

— Tire sua mão de mim antes que eu grite — disse ela entre dentes.

O sorriso de Kurt apareceu novamente e ele tirou a mão do braço dela.

— Desapareça da vida de Matt para sempre desta vez, Abby. Pare de brincar, você ficou louca e teve muita sorte de sair com sua recompensa de cinquenta mil dólares.

— Kurt — ela disse — você é bonitão, mas sua respiração fede como um animal morto. É nojento. Assim como tudo em você. — Ela fez uma careta. — Por favor, afaste-se de mim antes que eu vomite em seus sapatos caros.

O sorriso de Kurt vacilou e se transformou em uma careta quando ele recuou.

— Vadia estúpida.

De alguma forma, seus comentários o irritaram, e isso a fez sorrir.

— Tchau, Kurt — ela acenou, começando a sair novamente. — Boa sorte em controlar sua halitose.

Abby continuou em direção à saída, mas o porteiro a deteve.

— Srta. Montgomery? — perguntou o homem, rígido.

— Sim, sou eu.— Ela olhou para ele, incerta.

— O senhor Hunter pediu que eu garanta que você chegue ao seu carro quando estiver pronta para partir. Você está nos deixando agora?

— Bem... sim, mas eu não tenho carro.— Ela colocou a bolsa no ombro.

— Talvez eu não tenha sido claro. — O concierge se referiu à sua prancheta. — Um carro foi arranjado para levá-la a Boston. O senhor Hunter cobriu todas as despesas e você terá o carro e o motorista pelo tempo que for necessário.

— Oh.— As emoções de Abby estavam girando dentro dela agora - uma mistura de intenso sofrimento, saudade, frustração e até alguma raiva. Por que parecia que ele ainda se importava com ela, e mesmo assim ele a estava mandando embora?

Ela ainda não conseguia entender a conexão deles.

Por um lado, ele alegou estar com raiva e nojo pela maneira como ela ocultou partes de seu passado, e, por outro, ele queria pagar a ela mais do que lhe devia pelo tempo que passaram juntos.

Ele alegou que ela falhou em fazer seu trabalho, mas insistiu em pagá-la acima e além do contrato e até a mandou de volta para casa em um carro caro com um motorista.

O que significava tudo?

Ela não conseguia entender mais nada.

Independentemente disso, Abby se permitiu ser conduzida para fora pelo concierge e alguns membros da equipe de segurança de Matt. Eles a protegeram um pouco dos paparazzi, mas não tão bem quanto Matt costumava fazer.

Os fotógrafos pareciam mais agressivos, enquanto ela caminhava para fora e eles começaram a estalar e clicar e a bombardear com perguntas.

— Você realmente fez sexo com todos aqueles caras da festa?

— O que você achou do vídeo que foi lançado? Você nega que é você?

— Você e Matt Hunter terminaram?

— Onde está Matt?

— Abby, Abby! Por aqui, Abby! As pessoas de Southbridge dizem que você era mentirosa e uma ninfomaníaca, Abby. Isso é verdade?

Um dos seguranças deu um empurrão forte naquele paparazzo e o fotógrafo caiu de costas, xingando e ameaçando ações judiciais.

Abby teve que sorrir um pouco com isso. Ela entrou no sedan preto e o motorista se virou para olhá-la.

— Para Boston, Srta. Montgomery?

— Sim — ela disse suavemente. Quando voltasse, ela o deixaria em seu carro, que estava sentado estacionado e provavelmente já tinha mais do que alguns ingressos agora.

Eles começaram a se afastar do hotel e uma grande sensação de desolação ameaçou dominá-la.

Ela provavelmente nunca mais veria Matt Hunter, exceto na televisão e no cinema. Ela ouviria a voz dele no rádio, mas nunca mais a ouviria pessoalmente.

A voz dele, dizendo coisas sombrias e sensuais em seu ouvido, dizendo tudo o que ele queria fazer com ela para seu próprio bem.

— Srta. Montgomery? — perguntou o motorista novamente.

Ela saiu do seu devaneio.

— Desculpe. Sim?

— Fui instruído a dar isso a você.— O motorista estendeu a mão para ela, e havia um envelope branco entre os dedos.

Sua sobrancelha franziu, mas ela se inclinou para a frente da mesma forma e pegou dele.

— Quem te instruiu a me dar isso?

— Matt Hunter, senhora. — O motorista voltou a se concentrar em dirigir o carro.

Abby respirou fundo e soltou o ar. Ela examinou o envelope branco liso, como se, de alguma forma, fosse lhe contar o segredo do que havia dentro. Ela tinha medo do que poderia encontrar lá dentro, do que poderia ou não dizer.

Eventualmente, porém, ela rasgou-a e pegou o pedaço de papel do hotel. Havia uma carta manuscrita, aparentemente escrita por Matt, e sua letra era precisa e organizada.

Abby,

Eu disse que transferi cinquenta mil dólares para a sua conta. Sei que você não entende por que fiz isso, mas tenho um bom motivo.

Embora seu plano de reabilitar minha imagem não tenha funcionado, eu aprecio muito o risco pessoal que você assumiu ao tentar fazer parte da minha vida neste momento difícil, e reconheço que isso teve um alto custo para você e sua família.

Pensando na maneira como minha presença afetou negativamente sua privacidade e a estabilidade que você construiu para si mesma desde que saiu de casa anos atrás, acho que o dinheiro é o mínimo que eu poderia fazer para compensar isso.

Além disso, sei que minha afiliação ao CLUB VIP também prejudicou

sua segurança e bem-estar. Eles te ameaçaram, te demitiram do seu emprego e expulsaram-na do seu apartamento.

Por causa desses inconvenientes e mais, tomei a liberdade de alugar um apartamento para você, em Boston, por um ano. O aluguel está pago integralmente, todos os serviços públicos são cobertos.

O motorista entregará as chaves quando você chegar ao seu destino.

Espero que tanto o apartamento quanto o dinheiro permitirão que você tenha a liberdade de acompanhar Melissa durante os momentos difíceis que ela enfrentará durante o tratamento nos próximos meses. Ter você ao seu lado enquanto ela passa por essa experiência será muito reconfortante para ela.

Saiba que ela nunca precisará se preocupar com dinheiro para nenhuma de suas despesas médicas. Ela receberá apenas o melhor tratamento - vou me certificar disso.

Agora que você não está mais sobrecarregada pela minha presença em sua vida, tenho muita esperança de que a imprensa desvie seu foco feio de você e a deixe em paz.

Acho que você estará muito melhor assim.

Fique bem, Abby. E por favor, cuide-se bem.

-Matt

***

Parecia uma longa viagem de volta a Boston depois de ler a carta de Matt. Abby se esforçou para tirá-lo da cabeça, pensar em vez de Melissa e no que ela devia estar passando.

Abby passou algum tempo no carro lendo sobre o tipo específico de câncer de sua amiga e que tipo de tratamento e prognóstico poderia ser esperado. A boa notícia é que ele costumava ser um câncer de crescimento muito lento e, portanto, a probabilidade de propagação era baixa.

No entanto, pelo que ela estava lendo, a combinação de quimioterapia e radiação que eles provavelmente seguiriam seria um processo bastante cansativo e até infernal para Melissa.

No final, o prognóstico era bom: ela estaria livre de câncer no final de tudo, e foi isso que Abby tentou manter em mente. Qualquer que fosse o desconforto que Melissa estivesse passando, seria melhor no final de tudo.

Eventualmente, todo esse período da vida de Melissa pareceria apenas um pesadelo.

É assim que isso vai parecer para mim ? Melissa pensou, enquanto atravessavam Boston pela rodovia em massa. *Nada além de um pesadelo com lembranças desbotadas para recordar?*

O motorista manobrou habilmente o sedã pelas ruas sinuosas da cidade de Boston até finalmente parar em frente a dois prédios muito altos, estacionar duas vezes porque nunca havia vagas livres em Boston.

Ele virou a cabeça e olhou para Abby.

— Esta é a sua parada, senhora.

Ela levantou a cabeça.

— Onde estamos?

— No The Ritz Carlton Towers, Srta. Montgomery.— Ele pegou um conjunto de chaves e as entregou a ela. — Você está no apartamento 907.

Abby pegou as chaves, agradecendo, e também colocou o envelope que continha a carta de Matt na bolsa dela.

Levou um momento para encontrar a entrada certa, pois os moradores aparentemente usavam um saguão diferente dos hóspedes do hotel.

No entanto, uma vez que ela encontrou seu saguão, ela começou a fazer o seu caminho para o elevador. Mas a atendente da recepção a deteve e pediu seu motivo para entrar, então ela lhe disse que havia alugado um apartamento recentemente e lhe mostrou sua chave.

Ele a recebeu com um sorriso largo e disse que, se ela precisasse de alguma coisa, apenas para pedir ajuda.

Abby não podia acreditar que Matt realmente havia lhe alugado um apartamento neste edifício. Deve ter custado uma pequena fortuna. Afinal, era uma localização privilegiada no coração de Boston.

Ela sabia que Matt Hunter era extremamente rico, mas ele não lhe devia nada disso. Por que ele fez isso?

Por que parece que ele ainda se importa e ainda pensa nas minhas necessidades?

Ela teve pouco tempo para refletir sobre a pergunta no breve passeio de elevador até o nono andar. Então as portas se abriram e ela foi para o 907, abrindo-a, com borboletas dançando no estômago enquanto se perguntava o que a esperava do outro lado.

Ela ofegou quando a porta se abriu em uma sala absolutamente deslumbrante. Isso era puro luxo, e o pensamento de ficar aqui por um

período de tempo parecia absolutamente ridículo.

Havia enormes janelas em toda a extensão de duas paredes, e cada uma exibia uma vista incrivelmente diferente da cidade. Abby atravessou e imediatamente olhou para Boston Harbor, onde podia ver barcos passando de um lado para o outro e pessoas e carros serpenteando pelas várias estradas que se entrelaçavam abaixo.

Então ela foi para a outra janela, onde havia uma vista do rio Charles.

— Oh, Matt — disse ela suavemente. Lágrimas estavam em seus olhos, e sem ninguém para escondê-las, ela as deixou cair em cascata pelas bochechas.

Todo o apartamento estava decorado com coisas modernas e de bom gosto - ela o teria decorado da mesma maneira se tivesse tempo e dinheiro.

Como ele a garantiu este lugar em tão pouco tempo, ela não podia nem imaginar.

Talvez ele já tivesse este apartamento pronto por algum motivo. Talvez este seja o lugar onde ele mantinha amantes anteriores. Talvez ele tenha um apartamento como esse em todas as grandes cidades dos Estados Unidos. Pode haver outras mulheres em apartamentos em Tóquio ou Paris.

Abby enxugou as lágrimas das bochechas e se recompôs, fungando, rindo um pouco dos próprios altos e baixos emocionais.

A verdade é que ela não tinha ideia do que esse apartamento realmente significava para Matt. Poderia ter sido por várias razões, e ela nunca seria capaz de descobrir a verdade de qualquer maneira.

Andando pelo apartamento, ela ficou deslumbrada com novos detalhes. O quarto era bonito, uma cama king-size, televisão de tela plana montada na parede em frente à cama e outra vista deslumbrante sobre o horizonte de Boston.

A cozinha era pequena, mas as bancadas eram de granito e a geladeira era grande e moderna.

Havia uma folha de papel pendurada em um ímã na geladeira. Abby se aproximou e viu que era uma lista de comodidades incluídas em seu apartamento. Aparentemente, ela tinha acesso a serviços de limpeza e serviço de quarto no hotel. Ela também poderia usar o serviço de concierge.

E o papel dizia que ela podia usar a academia no térreo, aberta 24 horas por dia, sete dias por semana.

Abby estava absolutamente tonta com tudo o que estava sendo jogado nela. Ela continuou andando pelo seu novo apartamento.

A sala era espaçosa, com uma mesa que servia de copa, dois sofás de couro, duas cadeiras, piso de madeira de cerejeira.

E havia uma biblioteca / escritório com estantes que continham uma grande variedade de livros - variavam entre enciclopédias, literatura clássica e os mais novos thrillers. E então havia uma grande mesa de mogno e cadeira ergonômica.

Abby sentou-se na cadeira do escritório e virou-se para olhar para outra janela panorâmica que mostrava o porto em toda a sua glória.

Acho que estou em casa , ela pensou.

◆◆◆

Passou o resto do dia se acostumando. Ela foi ao caixa eletrônico mais próximo, olhou para o saldo da conta e descobriu que havia de fato cinquenta mil dólares.

Ela balançou a cabeça, admirada com os números que a encaravam na tela. Imediatamente, Abby pegou algumas centenas de dólares em dinheiro e depois gastou quarenta e oito mil dólares em poupança, deixando apenas dois mil dólares em cheques.

Nos últimos quatro anos desde que saiu de casa, Abby não conseguia se lembrar de uma época em que ela tinha dois mil dólares em sua conta bancária ao mesmo tempo.

Ela viveu de salário em salário por tanto tempo que nunca lhe ocorreu que as coisas poderiam ou jamais seriam diferentes.

Por mais que doesse ter sido mandada embora de Matt, Abby tinha que admitir que seu coração estava mais leve agora. Ela se sentiu de alguma forma cuidada por ele, mesmo que agora ele estivesse fazendo isso de uma maneira muito diferente e a uma grande distância.

Matt havia lhe dado liberdade que ela nunca havia experimentado antes. Cinqüenta mil dólares poderiam durar facilmente seus dois anos, principalmente se ela não precisasse se preocupar com aluguel ou serviços públicos no primeiro ano.

Abby pegou o carro que ela deixara perto do antigo hotel de Matt.

Ela levou de volta para o apartamento e estacionou em sua vada na garagem subterrânea.

Demorou algumas viagens, mas ela conseguiu desempacotar a maioria

das roupas e caixas que havia tirado de seu antigo apartamento no porão.

Depois disso, estava morrendo de fome, foi ao supermercado próximo e pegou um pouco de comida, incluindo um sorvete. De volta a seu apartamento de luxo naquela noite, com a televisão ligada e as belas luzes piscando do horizonte de Boston brilhando do lado de fora das janelas panorâmicas, Abby fez uma refeição confortável com macarrão com queijo, depois se sentou no sofá e assistiu TV.

Depois do jantar, tomou sorvete, tomou um bom banho, vestiu moletom e camiseta e deitou-se na cama.

Ela descobriu que estava exausta.

Enquanto adormecia, Abby não queria nada além de ter Matt ao seu lado para poder contar tudo o que ele havia feito por ela e o quanto isso significava.

Mas Matt não estava lá, e embora ela estivesse quente, confortável e feliz de muitas maneiras, uma última lágrima escorreu por sua bochecha antes de finalmente adormecer em paz.

****

Na manhã seguinte, Abby acordou e preparou uma xícara de café na cafeteira Keurig, que estava no balcão da cozinha. Ela foi ao recanto do café da manhã e sentou-se e tomou seu café, sentindo-se aconchegante e feliz por estar em sua nova casa enquanto olhava pelas janelas e por cima do porto.

Tudo parecia brilhante, novo e cheio de possibilidades.

Abby pegou o celular e abriu o Twitter.

Não faça isso, Abby. Não se torture.

Mas ela queria saber. Matt havia alterado as senhas em suas mídias sociais? Ela tentou entrar na conta do Twitter de Matt e o login falhou. Então, ela tentou as contas do Facebook e do Instagram.

O resultado foi o mesmo para todos eles.

Abby sabia que ela não deveria se surpreender ou se magoar, mas de alguma forma esperava que Matt tivesse dado um sinal de que ele realmente confiava nela e não a estava impedindo completamente de sua vida. É claro que, mesmo que ela pudesse acessar as contas dele, ela não teria feito nada.

Talvez dado uma olhada nas mensagens dele - ver se estava conversando com alguma nova amiga?

Ela achava que não, e de qualquer maneira, era irrelevante. Matt Hunter a trancou fora de sua vida, pagou-a para desaparecer e parar de incomodá-lo

com sua presença.

Ele me comprou.

Abby odiava como isso a corrompeu. Momentos antes, ela estava feliz e contente, sentada à mesa e tomando café. Agora ela estava desesperadamente triste, sozinha e rejeitada, desejando poder conversar com Matt e ter alguma certeza de que ele não queria se livrar dela para sempre.

Ele quer se livrar de você para sempre, Abby. Caso contrário, ele teria dito para você ficar com ele em Nova York, não lhe alugado um apartamento a centenas de quilômetros dele.

Ela começou a pesquisar on-line por notícias de Matt e imediatamente dezenas de artigos apareceram. Abby examinou as manchetes, arregalando os olhos enquanto as lia.

Matt Hunter retoma turnê em meio ao escândalo de bullying

Lobbies de grupos anti-bullying para boicote à turnê Matt Hunter

Ídolo pop Matt Hunter, será entrevistado por Oprah, para pedir perdão aos fãs

Matt tenta voltar às boas graças dos fãs

Parecia (pelo que Abby sabia de todas as notícias) que Matt havia decidido retomar sua turnê. Ele reembolsou os fãs de Boston pelas datas perdidas e estava participando da turnê por uma noite em Boston, antes de seguir para o resto da turnê dentro do cronograma.

Sua pele formigou com o pensamento de Matt estar de volta a Boston, mesmo que apenas por uma noite. Ela queria ir à arena e vê-lo, mas sabia que era impossível.

Ele se foi. Tente fingir que ele nunca existiu. Eventualmente, talvez você até comece a acreditar.

Abby respirou fundo, fechou os olhos e rezou por força. E ela sabia que precisaria disso, porque no segundo em que seus olhos estavam fechados, ela o viu. Ela viu Matt tão vividamente como se ele estivesse bem na frente dela. Ele estava sem camisa, o peito brilhando, o estômago contraído, os músculos abdominais flexionados. Ele estava olhando para ela com aqueles olhos castanhos hipnóticos e um sorriso malicioso apareceu.

Esse sorriso dizia você nunca vai me esquecer. Você nunca encontrará outro homem que possa fazer você se sentir do jeito que eu faço, nunca encontrará outro homem com meu carisma, charme, inteligência, inteligência. Você sempre se lembrará do tempo que passamos juntos e se perguntará como poderia ter sido.

Abby abriu os olhos. Ela precisava sair do apartamento e fazer algo produtivo.

A academia. Ela tinha uma associação gratuita à academia.

Abby foi imediatamente vestir suas roupas de ginástica e depois saiu do apartamento com um propósito. O plano era simples. Exercitar-se até que ela estivesse tão exausta e torta que ela seria incapaz de pensar direito.

Era estranho poder pegar o elevador dela lá embaixo e estar na academia em menos de três ou quatro minutos depois de sair do apartamento. Ela nunca foi capaz de pagar uma academia no passado.

E agora, aqui estava ela, com todos os membros ricos e extravagantes deste clube em particular. Todas as mulheres tinham bundas apertadas e seios empinados, e os homens tinham cortes de cabelo caros.

As máquinas eram todas de ponta, mas Abby não precisava de uma engenhoca maluca. Ela pulou em uma esteira e começou a correr rapidamente. Assim que se aqueceu um pouco, ela aumentou a velocidade e teve que correr em um ritmo razoavelmente rápido.

O objetivo aqui era direto. Corra até que ela não pudesse mover um músculo, até que tudo o que ela poderia fazer era implorar para sair da máquina.

Esperançosamente, no momento em que isso acontecesse, ela estivesse suficientemente destruída e seu cérebro pararia de torturá-la com pensamentos sobre Matt, imagens de Matt, a conversa incessante que dizia que ela não poderia viver a vida sem ele.

Depois de dez minutos, Abby já estava suando. Ela olhou para a frente, sem se preocupar em assistir as TVs - ela não queria perder o foco ou arriscar ver algo a ver com Matt Hunter.

Suas pernas bombearam com mais força e sua respiração ficou mais profunda e mais trabalhosa. Esse ritmo era muito mais rápido do que qualquer coisa com que ela estava acostumada, mas Abby não se importava. Quanto mais difícil, melhor.

Ela aumentou a velocidade da esteira e suas pernas se ajustaram automaticamente, mas agora era como se ela estivesse correndo.

O suor começou a escorrer por sua testa, braços, costas.

Tudo estava doendo, queimando, esticando. Seus pulmões ofegavam por ar, mas Abby não dava a mínima. Não haveria misericórdia até que todos os pensamentos sobre Matt fossem completamente eliminados, esmagados pelo esforço que ela estava fazendo.

No final, respirar seria um alívio tão grande que ela ficaria agradecida por não sentir que iria desmaiar.

Vinte minutos se passaram. Ela estava correndo na velocidade máxima, os braços balançando ferozmente, olhos fixos na parte de trás da cabeça da garota que estava em uma bicicleta ergométrica na frente dela.

Corre. Corre. Corre.

Pare de pensar.

Ainda assim, Matt Hunter estava em sua mente, observando-a. Ele balançava a cabeça diante da tolice de Abby na esteira, correndo até a morte.

Do que você está com medo? Ele perguntou a ela. *Do que você está fugindo?*

Estou com medo de ter realmente perdido você. Acho que não aguento.

Você não pode perder algo que nunca teve.

Ela aumentou a velocidade na esteira mais uma vez. Agora ela era incapaz de realmente acompanhar a velocidade do cinto, e seus pés deslizavam de vez em quando. Sua respiração veio em suspiros gigantescos.

O suor escorria pelo rosto, salpicando a tela da esteira, e ela viu o relógio, que dizia que ela estava correndo por 28:17.

Corra até trinta minutos, ela disse a si mesma.

A essa velocidade, Abby não achava que poderia passar mais vinte segundos. Ela estava completamente exausta e parecia não conseguir oxigênio suficiente para abastecer seu corpo.

Ela estava quente e tonta e seu coração estava acelerado.

Mas ela continuou, imaginando Matt dizendo a Kurt quão grande ele cometera em confiar em Abby, e quão feliz Matt estava por se livrar dela.

Kurt ria e batia no ombro de Matt. Ele diria a ele que havia muitos peixes no mar e Matt acenou com a cabeça em concordância.

As lágrimas agora estavam se misturando com o suor escorrendo pelo rosto, mas o relógio bateu trinta minutos e ela diminuiu a velocidade para um ritmo de caminhada.

Pelos próximos minutos, ela teve que segurar a barra na máquina, pois suas pernas mal conseguiam mais apoiá-la.

Ela conseguiu cansar completamente seu corpo, mas o plano não tinha realmente funcionado. Mesmo em seu estado quase catatônico, ela não conseguia parar de pensar em Matt Hunter e se perguntar onde ele estava e o que estava fazendo.

***

Mais tarde naquele dia, Melissa ligou e disse a Abby que ela estava programada para sua primeira consulta de quimioterapia no Boston Memorial Hospital, em Boston.

— Eu estarei lá — Abby disse a ela. — Que horas?

— Eu devo ir ao Câncer Center amanhã às dez da manhã. Você realmente não precisa vir, Abby.

— Melissa — Abby disse a ela, — eu estarei lá com você a cada passo do caminho. E não quero ouvir outra palavra sobre isso.

Houve uma longa pausa.

— Vejo você lá de manhã.

Abby sorriu e se despediu.

Depois que ela desligou o telefone com Melissa, Abby pegou um iogurte na geladeira e começou a comê-lo. O telefone tocou novamente e ela assumiu que Melissa estava ligando de volta para contar a Abby algo que tinha esquecido de mencionar.

Mas quando ela pegou o aparelho, Abby notou que o número não era um que ela reconheceu. Uma forte sensação de medo percorreu sua barriga enquanto ela debatia o que fazer.

Finalmente, ela respondeu, com o coração acelerado.

— Olá?— Ela perguntou, sua voz hesitante. Esperando contra a esperança, ela se perguntou se, de alguma forma, Matt poderia estar ligando para ela de um novo número de telefone.

— Oi, é Abby?— A voz familiar disse, e instantaneamente ela soube que não era Matt.

Mas a voz era tão familiar porque ela a ouvira em dezenas e dezenas de telefonemas no passado.

Aquela mesma voz a fez sorrir com alegria, mas agora só lhe revirava o estômago.

Caleb de alguma forma tinha conseguido seu número de telefone. Ela se sentiu fisicamente doente ao ouvir a voz dele.

— Eu não tenho nada para lhe dizer, Caleb — ela disse a ele.

— Por favor, não desligue — disse ele, sua voz ansiosa. — Por favor, Abby.

Ela agarrou o telefone com força.

— Por que eu não deveria desligar?

— Eu sei que mereço. Você tem todo o direito de me odiar.

— Eu não te odeio, Caleb. Eu só quero que você me deixe em paz.

— Escute Abby. Acho que você e eu precisamos conversar sobre tudo o que aconteceu.

— Por quê? O que há para dizer?

— Muito — respondeu Caleb. — Por favor. Nós nunca nos falamos depois que tudo saiu na escola. Você nunca me deu uma chance.

Abby riu.

— Quando levei Matt Hunter ao bar, você e Andre disseram as mesmas mentiras e, de alguma forma, esse vídeo antigo vazou novamente. Nada muda com você, Caleb. Não há razão para lhe dar outra chance.

— Eu não sou mais amigo de Andre.

— Eu realmente não me importo.

— Abby, eu sinto muito. Eu era tão covarde e não passa um dia que não me arrependa do que aconteceu naquela época.

— Bem, eu não penso mais sobre isso, e definitivamente não perco meu tempo pensando em você — disse ela.

Houve um longo silêncio.

— Eu entendo — ele disse suavemente.

Abby odiava o fato de que agora ela estava se sentindo culpada por machucar Caleb, depois da maneira como ele a tratou. Mas ela também estava começando a se perguntar se talvez pudesse encontrar em seu coração perdoá-lo. Afinal, só a machucava estar tão brava com as coisas que aconteceram anos atrás.

— Eu não quero guardar rancor — disse Abby, relaxando um pouco. — Mas não tenho certeza do que mais há a dizer. O que aconteceu, aconteceu. Acabou e acabou, e estou seguindo em frente na minha vida.

— Talvez se tivéssemos a chance de falar pessoalmente — disse Caleb, — eu poderia dizer algumas coisas e depois deixar tudo ir.

— Pessoalmente?

— Na verdade, não estou longe de você — disse Caleb. — Você está em Boston, certo?

— Como você soube disso?

— Sua mãe me deu seu número de celular e disse que você morava em Boston agora.

Abby suspirou e fechou os olhos. Ela não viu como algo bom poderia vir ao ver Caleb pessoalmente, mas, novamente, ela não tinha muito a perder também.

— Tudo bem — disse ela, cedendo à sua persistência. — Talvez possamos nos encontrar para tomar um café em algum momento.

— Que tal hoje à noite? Em vinte minutos?

Ela estava sentada ali, confusa.

— Caleb, você está dirigindo para Boston agora?—

— Enquanto falamos — ele riu. Não estou longe. Diga-me seu endereço e eu passarei por aqui.

— Eu não vou lhe dar meu endereço — disse ela. — Mas eu te encontro na Starbucks.

— Perfeito.

Havia uma na esquina, a menos de cinco minutos das torres, então ela disse a ele para encontrá-la lá em vinte minutos e depois desligou o telefone.

Depois, ela se sentou e olhou, como se estivesse atordoada. Depois de todo esse tempo, e de toda a dor que ele lhe causara, Caleb queria perdão, queria conversar e se fechar.

Ela ainda queria perdoá-lo por seus erros passados?

Talvez não, talvez fosse mais fácil continuar odiando-o. Ele parecia tão legal, tão parecido com Caleb no celular, com a voz leve e amigável. Isso a fez lembrar que uma vez ele parecia ser gentil, generoso e amoroso.

Ela acreditava nos sentimentos dele por ela, na verdade achava que ele a amava.

E então ele mostrou esse vídeo para Andre e permitiu que Andre dissesse todas aquelas mentiras terríveis sobre ela. Caleb nunca se levantou e a defendeu, ele ficou em silêncio enquanto Andre destruiu sua reputação.

Finalmente, Abby saiu do transe e foi ao banheiro para se refrescar antes de encontrá-lo na Starbucks.

Ela não tinha nada a provar, mas uma pequena parte dela ainda queria mostrar a Caleb que tinha feito muito bem, apesar de ele a abandonar quando mais precisava dele. Ela o superou e prosperou, apesar de tudo.

Quando estava indo para a Starbucks, Abby estava se sentindo quase alegre. Talvez este pudesse ser o começo de um novo começo para ela. Ela tinha um apartamento maravilhoso em Boston (graças a Matt) e muito dinheiro (obrigado novamente a Matt).

Pela primeira vez em muito tempo, ela podia se sentar e respirar sem se preocupar com como iria sobreviver.

Não havia nada de ruim acontecendo, realmente.

Bem, além do fato de que você não pode parar de pensar em Matt

Hunter e desejar estar ainda com ele.

Mas isso também precisava ser esquecido. Abby entrou no café com a cabeça erguida, determinada a estar orgulhosa e confiante. Todos aqueles homens tentaram derrubá-la e todos falharam.

Ela ainda estava forte e ainda estava de pé.

Abby pediu um café gelado com calda de baunilha sem açúcar e leite integral. Poucos minutos depois, estava sentada com sua bebida gelada e tomando um gole do canudo, observando as pessoas entrando e saindo da Starbucks e tentando decidir como seriam suas vidas.

Algumas pessoas pareciam estoicas, outras estressadas, outras ainda estavam rindo e brincando ou completamente envolvidas em mensagens de texto em seus telefones. Era agradável apenas se sentar e observar, sentir-se segura, quente e relaxado o suficiente para inventar histórias sobre eles.

Abby percebeu que desde o escândalo quatro anos atrás, ela estava completamente consumida em tentar provar seu valor, tentando mostrar a todos que ela não era uma perdedora, uma vagabunda, mentirosa ou prostituta.

Ela também estava tentando se sustentar em uma área cara de Massachusetts, sem ensino médio ou superior, e isso a afetara.

Agora ela finalmente tinha espaço e liberdade suficientes para fazer um balanço das coisas.

Você deve toda essa liberdade recém-descoberta a Matt.

Mas Abby não queria pensar em Matt - ainda era muito cru e doloroso. Em vez disso, ela tomou um gole de bebida e se concentrou nas pessoas ao seu redor, sorrindo um pouco enquanto observava as vidas se desenrolando em tempo real, sentindo-se de alguma forma afastada e distante, mas também confortavelmente incluída na raça humana.

Quando Caleb entrou, Abby ficou surpresa ao descobrir que estava feliz em vê-lo.

Ele usava um suéter azul claro, jeans e tênis. Ele usava aqueles óculos grossos de armação preta que costumavam ser considerados nerds, mas agora estavam no auge da moda hipster. Seu cabelo estava despenteado, mas ele parecia bonito, não havia como negar.

Caleb é apenas um garoto comparado a Matt.

Era verdade, ainda havia algo jovem e imaturo na maneira como ele se comportava, na maneira como sorria timidamente quando eles finalmente fizeram contato visual.

— Ei — disse Caleb. Ele tinha uma mochila pendurada no ombro.

— Ei — ela respondeu. — Você conseguiu.

— Eu fiz — disse ele, tirando sua bolsa e pendurando-a sobre a cadeira em frente a ela. Vou tomar um café. Você quer alguma coisa?

— Não.— Ela balançou a cabeça.

— Tem certeza que? Você não está com fome?

— Não — ela disse novamente, tentando ser assertiva em sua decisão, mesmo quando percebeu que seu estômago estava meio vazio. Mas ela não estava disposta a deixar Caleb comprar algo para ela - ela não queria sentir como se ele tivesse feito algum favor a ela.

Caleb encolheu os ombros e caminhou até a fila da caixa registradora, assobiando uma melodia fraca enquanto avançava.

Abby não queria assistir Caleb enquanto ele pedia no caixa. Olhá-lo por muito tempo deu-lhe uma estranha sensação de déjà vu, recordando os momentos em que eles foram ao shopping juntos ou tomaram uma fatia de pizza no colégio.

Era muito estranho, como se ela tivesse pulado em uma máquina do tempo e acidentalmente viajado de volta aos dezessete anos.

Ele voltou para a mesa pouco tempo depois e deixou cair um pacote de biscoitos de chocolate sobre a mesa na frente dela. Ela olhou para ele quando ele se sentou à sua frente, sorrindo, segurando um café gelado como se lhe mostrasse como eles ainda eram.

— Eu disse que não estava com fome — disse ela, mas não pôde evitar o fato de estar feliz por ele ter comprado para ela. Ela abriu o invólucro de plástico e tirou um biscoito, mordendo-o e provando doce chocolate escuro.

— Sim, mas eu lembrei o quanto você ama chocolate.

Abby mastigou sua bolacha e tomou um gole de café.

— Ok Caleb. O que você queria me dizer?

— Uau, você vai direto ao ponto.

— Sim — ela disse. — Eu não vim aqui para conversar e fingir que somos velhos amigos. Você me disse que queria algum tipo de fechamento. — Ela se sentou e esperou a resposta dele.

Caleb afastou a franja do rosto. Ela notou que ele tinha as menores linhas começando pelos cantos dos olhos e da boca, e era desconcertante. Era como se ela de repente pudesse vê-lo como ele estava agora, em vez de sobrepor o Caleb que ela lembrava em cima dele.

A realidade era que Caleb parecia diferente. Seu rosto estava mais cheio

e, de certa forma, um pouco cansado, como se a vida tivesse tirado o melhor dele nos últimos quatro anos.

— Primeiro de tudo, eu não sabia que Andre iria puxar essa porcaria na outra noite no bar — disse Caleb.

— Andre está fazendo esse tipo de coisa desde que éramos crianças — disse ela. — Eu não acho que você possa continuar alegando ignorância.

— Você está certa — disse Caleb, assentindo. — A verdade é que sempre tive medo de deixar Andre para trás. Sempre fomos melhores amigos desde a segunda série. E quando ficamos mais velhos, ele ficou mais e mais estranho, mas eu não queria ver. Eu senti que precisava dele.

— Eu não me importo se você permanecer amigo dele — disse Abby. — Mas você sabe quem ele é e sabe há muito tempo.

— Eu não posso argumentar isso — disse Caleb. — Eu deveria ter chutado Andre até o meio-fio há muito tempo pelas coisas que ele fez, especialmente com você. Você não merece nada disso, Abby. — Ele olhou atentamente nos olhos dela e ela percebeu que ele estava falando sério.

— Obrigada por dizer isso — Abby sussurrou, surpresa que suas palavras realmente a ajudaram um pouco.

— Eu nunca quis que esse vídeo fosse divulgado — disse Caleb. Ele se inclinou para a frente e uma das mãos se arrastou para a frente na mesa.

Abby recostou-se.

— Você deve ter mostrado para Andre.

Ele balançou sua cabeça.

— Não, nunca mostrei. Ele mexeu no meu telefone e o encontrou, enviou para si mesmo e começou a repassá-lo. Quando percebi o que ele havia feito, Andre já havia contado metade da escola e inventado a história toda.

— Você poderia ter me defendido, dito a todos que era mentira. Tudo que você tinha a fazer era dizer que eu nunca fiz nada disso — ela disse, sua voz começando a tremer de emoção.

Caleb olhou para longe dela, piscando. Ele limpou o lábio superior.

— Eu estava com medo — disse ele. — Andre e os outros caras me disseram que, se eu os metesse em problemas, eles me foderiam.

— Bons amigos que você tem — ela murmurou.

— Eu nunca disse que eles eram legais — disse Caleb, e sua voz traiu a raiva pela primeira vez.

Abby olhou para ele. Em todo o tempo que ela o conhecia, ele nunca

ficou bravo. Ele sempre foi suave, passivo, e mesmo quando tudo desmoronou em meio às mentiras, processos e escândalos, ele nunca perdeu a paciência.

As poucas vezes que ela tentou discutir as coisas com ele quando todas as mentiras começaram a circular, a atitude blasé de Caleb a enfureceu. Era como se ele tivesse se recusado a ver o que seu silêncio estava fazendo com ela, como ele parecia estar apoiando as mentiras que seus amigos estavam dizendo sobre ela.

— Eu simplesmente não entendo o porquê — disse ela. — Por que Andre inventou todas essas mentiras sobre mim e por que ele ainda está fazendo isso?

Caleb respirou fundo.

— No ensino médio, eu realmente não sabia por que ele fez isso. Mas acho que descobri, especialmente depois do que aconteceu no bar.

Abby viu que ele estava ficando desconfortável, talvez até nervoso.

— Está tudo bem, Caleb. Você pode me dizer.

Ele passou a mão no rosto.

— É estranho — disse ele — e muito embaraçoso também.

— Parece que você acabou de descrever todos os dias da minha vida — ela brincou, tentando aliviar o clima. Claro, ela estava curiosa, querendo desesperadamente respostas sobre o que havia causado toda a loucura quatro anos atrás.

Caleb encontrou seu olhar novamente, e ele parecia determinado agora a dizer a verdade.

— Andre e eu tivemos uma grande discussão depois do que aconteceu no bar com você e Matt Hunter. Pela primeira vez na minha vida, eu não dei nenhum soco. Eu disse a ele que ele era um psicopata e que não ia mais ser seu amigo.

— Uau — disse Abby, — isso deve ter sido difícil.

Caleb sorriu amargamente.

— Andre apareceu na minha porta mais tarde naquela noite, bêbado como o inferno. Ele estava chorando, me dizendo que tínhamos que conversar e resolver as coisas, que ele não suportava me deixar com raiva dele.

A boca de Abby estava aberta enquanto ela ouvia.

— O que você disse?

Caleb riu.

— Eu disse para ele se afastar de mim. Que ia chamar a polícia se ele não fosse embora. E foi quando ele disse a coisa mais estranha de todas.

Abby já tinha uma ideia do que Caleb iria lhe dizer, mas ela não queria interrompê-lo, não quando ele finalmente iria falar a verdade.

Caleb balançou a cabeça, como se apenas lembrando que estava deixando um gosto terrível em sua boca.

— Andre me disse que estava apaixonado por mim.— Caleb olhou para ela com os olhos arregalados. — Você pode acreditar nisso?

— Na verdade — ela disse, — eu meio que posso acreditar.— Ela pensou um pouco mais. — Isso explica muito por que ele agiu dessa maneira.

— Talvez você possa — Caleb disse — mas eu não pude. Eu disse a ele para ir para casa e ficar sóbrio, mas Andre continuou dizendo que me amava, que sempre me amou desde que éramos crianças. E então ele tentou se aproximar de mim, como... eu não sei ... acho que ele tentaria me beijar.

Abby meio que queria rir, meio que queria chorar. Era patético e triste e também trágico de certa forma. Ela odiava Andre há anos, e ainda o odiava, de várias maneiras. No entanto, ela não pôde deixar de se sentir mal por ele ao mesmo tempo.

— Acho que ele queria nos separar porque estava apaixonado por você — disse Abby. — E ele não sabia mais o que expressar. Ele estava com ciúmes de mim e de meu relacionamento com você, então ele tentou me destruir e me tirar de cena.

— Sim, e a coisa mais fodida é que funcionou. — Caleb sentou-se na cadeira, suas mãos estavam fechadas em punhos. — Quando penso no que deixei ele escapar - isso me deixa louco, Abby.

— Nós éramos crianças, Caleb. Nós tínhamos dezessete anos.

— Sim, não é desculpa. — Seu rosto estava desenhado, seus olhos cansados, como se a conversa tivesse tirado algo dele. — Eu não sei por que eu tinha tanto medo de Andre, medo de enfrentar esses caras naquela época. E realmente não entendo por que nunca saí, e fiquei na cidade e continuei andando com a mesma velha turma.

— Talvez você não tenha achado que poderia fazer isso sozinho — disse Abby. — Eu sei que foi difícil para mim. Quase impossível.

— Mas agora olhe para você — disse Caleb, sorrindo, seus olhos iluminando quando ele olhou para ela. — Você realmente fez algo consigo mesmo. Você se livrou de todas as besteiras e vive na cidade, vive sua própria vida e está mais bonita e incrível do que nunca.

Ela sentiu as bochechas corarem.

— Não é tão simples assim.

— Você e Matt Hunter ainda estão se vendo? — ele perguntou.

Ela desviou o olhar dele, então, sem saber o que estava motivando sua pergunta.

— Acho que não devemos falar sobre isso — disse ela.

— Ok, eu não vou pressionar. Eu só estava curioso.

— O engraçado é que — disse Abby — acho que você gostaria de Matt. Se vocês dois se conheceram em circunstâncias diferentes.

Caleb assentiu, pensativo.

— Sim, bem, eu gosto dele, pelo pouco que eu vi dele.

— Tudo o que você viu, foi ele foi lutar com seus amigos.

— Exatamente — disse Caleb, e sua mandíbula apertou. Seus olhos estavam úmidos e ele desviou o olhar, tomando um longo gole de café, o pomo de adão balançando na garganta.

— Escute, devo ir — Abby suspirou. — Estou feliz que você veio e tivemos a chance de conversar.

Caleb olhou para ela novamente.

— Na verdade, vou ficar na cidade por alguns dias.

— Realmente? Por quê?

Ele encolheu os ombros.

— Eu tenho algumas entrevistas de emprego — disse ele.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Você vai se mudar para Boston?

— Talvez.— Ele limpou a boca com as costas da mão. — Pelo menos eu vou tentar e ver o que acontece. Como você fez.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Caleb, não é tão simples.

— Talvez se você tiver um minuto livre, possamos nos encontrar novamente antes de eu sair da cidade?

— Eu não sei — disse ela, incerta. Parecia rápido demais já estar planejando vê-lo novamente.

Caleb parecia entender suas reservas.

— Bem, você tem meu número agora. Me mande uma mensagem se quiser.

— OK. Talvez. Ela se levantou e começou a sair.

— Ei, Abby — ele chamou, virando-se para olhar para ela.

Ela se virou e esperou.

— Sim?

— Obrigado por ser tão incrível — disse ele, alto o suficiente para que os outros clientes se virassem e olhassem por um momento.

— Oh, bem, isso me parece tão natural — ela brincou de volta e depois deixou o Starbucks, ainda sorrindo.

***

Abby acordou cedo na manhã seguinte, esfregando os olhos, imaginando onde ela estava.

Oh, certo. Estou no apartamento que um famoso astro do rock alugou para mim depois que fui contratado para ser sua escolta por alguns dias.

Ela se sentou no sofá, onde aparentemente adormeceu, e tentou se lembrar de quanto tempo ela ficou acordada. A televisão ainda estava ligada, e ela se lembrava vagamente de assistir a um especial da PBS tarde da noite em que Wayne Dyer estava andando pelo palco e conversando sobre como viver de um lugar de gratidão.

Ela não tinha conseguido adormecer porque estava pensando *nele* novamente. Matt. Pensando no que ele estava fazendo. Lendo todos os artigos sobre ele, tentando ver se ele havia sido descoberto em algum lugar, atualizando o Twitter, o Facebook e o Instagram para atualizações. Verificando o telefone para ver se ele tentou mandar uma mensagem para ela, mesmo que ela soubesse que ele não iria.

Ele tem um show hoje à noite em Boston. Talvez você deva ir até lá e ver se consegue um ingresso de um dos cambistas.

Mas Abby sabia que não faria isso. Ela não iria se humilhar, perseguindo Matt em um de seus próprios shows.

Matt pagou muito bem para se livrar dela - o mínimo que ela podia fazer era respeitar o desejo dele de esquecer que ela já existira.

De qualquer forma, hoje não era sobre Matt Hunter, nem sobre a confusão de Abby por ter um coração partido.

Hoje era sobre Melissa.

Melissa faria a quimioterapia pela primeira vez, e Abby queria estar lá para ela completa e totalmente - ela queria estar presente para Melissa, não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

Você precisa se controlar. Chega de saudades de Matt, é hora de

realmente dar o troco na Mel. Ela está assustada e precisa de você.

Pensar em Melissa era como um respingo de água fria no rosto, e Abby imediatamente se sentiu mais alerta e acordada. Ela saiu do sofá e foi ao banheiro, pulou no chuveiro, lavou-se o mais rápido que pôde e depois se vestiu com uma roupa confortável.

Ela sabia de suas pesquisas que essas sessões de quimioterapia podiam durar horas, então ela queria estar o mais relaxada possível. Depois de se vestir, afastar os cabelos, ela aplicou um pouco de maquiagem e escovou os dentes.

Era cedo o suficiente para que Abby tivesse tempo antes de encontrar Melissa no hospital. Ela saiu do apartamento e foi às compras. Havia muitas lojas ao redor das torres, e Abby aproveitou o tempo para montar uma mochila cheia de coisas que Melissa poderia querer durante o tratamento.

Abby comprou balas, chicletes e biscoitos de vários sortimentos. Brownies, biscoitos, batatas fritas. Depois, ela pegou coisas engraçadas, como livros para colorir, revistas (Abby se recusou a levar as três revistas que apresentavam Matt na capa), alguns romances, um tabuleiro de xadrez e um jogo de scrabble, palavras cruzadas.

No final, a mochila estava cheia e Abby mal conseguia carregá-la, mas ela puxou a alça por cima do ombro e saiu para pegar um táxi para levá-la até o hospital.

Depois que o táxi a deixou no Boston Memorial, Abby teve que pedir orientações para o Câncer Center e depois para o Treatment Center. Quando ela chegou, sentou-se e esperou com sua enorme mochila na sala de espera, ao lado de um aquário.

Um homem mais velho estava sentado cochilando em uma cadeira de rodas próxima, enquanto uma pessoa que poderia ser sua filha sentava e lia um livro.

Do outro lado do aquário, havia três pessoas discutindo todos os diferentes hospitais em que estiveram e todas as cirurgias que cada um deles teve. Cada pessoa ficava dizendo:

— Ah, eu tinha essa — como se estivessem comparando notas sobre diferentes pratos de aperitivos em seus restaurantes favoritos.

Abby mandou uma mensagem para Melissa e disse que ela estava lá. Melissa mandou uma mensagem de volta e disse que também estava no prédio.

Alguns minutos depois, Melissa apareceu com a mãe. Ambos pareciam

estressados e ansiosos.

Abby acenou e sorriu, sem saber se deveria agir com seriedade, mas decidindo que ser otimista era melhor.

— Ei, eu trouxe coisas divertidas — disse Abby, segurando a mochila.

— Oh, legal — Melissa disse, mas seus olhos estavam correndo nervosamente ao redor da sala.

— Devemos te registrar, querida — disse a mãe, colocando a mão no ombro da filha.

Elas foram fazer o check-in e Abby esperou em seu assento, inquieta. Depois de um tempo, eles vieram e se sentaram ao lado dela.

— Então — a mãe de Melissa disse a Abby, — eu ouvi dizer que você tem andado muito ocupada ultimamente.

— Eu?

— Você e Matt Hunter?— A mãe de Melissa deu a Abby um olhar conhecedor. — Esse é um homem sério que você desembarcou.

Melissa colocou a mão na testa.

— Mamãe! Que diabos - não me envergonhe!

— Não é todo dia que alguém que conhecemos está namorando um homem famoso. Eu não posso nem perguntar sobre isso?

Abby riu.

— Não é grande coisa.

— E ele é uma pessoa maravilhosa — a mãe de Melissa continuou, estalando a língua em apreciação. — Ele nos tratou como família, você sabe. Um cavalheiro absoluto.

— Ele tem sido um salva-vidas — Melissa concordou, mas revirou os olhos para o benefício de Abby.

Sua mãe parecia contente em continuar falando.

— É horrível como a mídia o trata. Escrevi uma carta para a NBC e outra para o New York Times.

Abby assentiu de forma apreciativa, tentando manter uma cara séria enquanto Melissa fazia caretas enquanto sua mãe continuava falando sobre o santo Matt Hunter.

Claro, era verdade que Matt tinha ido muito além de Melissa. O que ele fez foi incrível, mas havia algo sobre ouvir a mãe de Mel falar sobre Matt que era engraçado.

Parte disso foi a situação. Você teve que rir para não chorar.

Toda vez que o nome de Matt aparecia, Abby estava ciente do fato de

que eles não estavam mais envolvidos romântica ou comercialmente.

Ela ainda não sabia o que Matt realmente pensara sobre a coisa toda. Foi romântico para ela, mas se Matt nunca realmente sentiu algo por ela, então ela supôs que isso sempre fora puramente um negócio para ele.

Uma enfermeira apareceu e chamou o nome de Melissa.

— Elas podem vir comigo?— Melissa perguntou, gesticulando para Abby e sua mãe.

— É claro — a enfermeira sorriu. — Quanto mais melhor.

Os três seguiram a enfermeira de volta ao centro de tratamento. Ela parou e Melissa subiu na balança e a levou a esperar.

— Talvez eu perca alguns quilos, pelo menos — brincou Melissa.

— Querida, não brinque com isso — disse a mãe.

— Você tem que olhar pelo lado positivo — respondeu a enfermeira, tomando notas.

Então a enfermeira a levou a um assento perto de uma janela. Era basicamente uma sala grande e todas as cadeiras estavam em fileiras e separadas por cortinas, mas ainda era possível ver todos sentados em seus assentos. A privacidade era mínima. Enfermeiras corriam de um lado para o outro e ouviam barulhos altos vindos dos diferentes estandes de soro.

Abby tentou não encarar os outros pacientes, mas era difícil. A maioria deles estava sozinha, ou tinha apenas uma outra pessoa sentada ao lado deles para lhes fazer companhia. Todos pareciam entediados e se demitiram. Alguns deles usavam chapéus, a maioria usava camadas de roupas e alguns eram carecas.

Uma mulher estava tão incrivelmente magra que doía olhar para ela.

Melissa parecia de bom humor, no entanto. Ela se sentou e a enfermeira examinou seus órgãos vitais, pressão arterial, conversou com ela sobre o que estava por vir.

Na verdade, era a mãe de Melissa que era o problema. Ela estava muito ansiosa, faladora, interrompendo a enfermeira para fazer perguntas vagas e inúteis.

Abby percebeu que estava deixando Melissa mais nervosa, mas não havia muito o que fazer. Ela era sua mãe, e isso superava Abby.

Eventualmente, a enfermeira começou a procurar sua veia para a infusão. No começo, tudo parecia bem, mas depois Abby percebeu que a enfermeira ficou muito quieta e parou de falar e brincar.

Melissa estava com os olhos semicerrados e olhando para o teto,

enquanto a mãe estava preocupada.

— Ela... conseguiu?

— Estou tendo problemas — respondeu a enfermeira. — Suas veias não parecem querer cooperar hoje.

Abby sentiu seu estômago apertar como um punho. Ela sabia que quanto mais isso acontecia, mais dor sua amiga sentia.

— Isso é normal, ter tantos problemas para inserir o cateter? — Perguntou a mãe de Melissa.

— Às vezes.

O tempo se arrastou e a enfermeira passou de um braço para o outro. Eventualmente, quando isso falhou, ela foi buscar outra enfermeira, que também tentou sem sucesso.

Enquanto isso, Melissa estava ficando cada vez mais chateada. Ela não estava mais tentando fingir que estava bem. Em vez disso, havia lágrimas nos olhos de cada vez que a cutucavam, ela cerrou os dentes e desviou o olhar.

— Eu não aguento mais isso — disse a mãe de Melissa. — Sinto muito, isso é demais.— E ela saiu da sala.

Abby foi e sentou-se mais perto de Melissa, agarrou sua mão.

— Ei, está quase pronto — disse ela. — Eles vão conseguir logo, eu posso dizer.

— Você tem certeza?— Melissa perguntou, apertando a mão de Abby com força.

— Tenho 100% de certeza.

— Como você sabe?

— Porque eu sou vidente, é claro.

A mais nova enfermeira que tentara enfiar a agulha acabara de desistir também. Ela se levantou e olhou para eles.

— Vou procurar nosso especialista — disse a enfermeira. — Ela lida com casos difíceis - ela é a melhor do ramo. Mas ela está trabalhando em um andar diferente hoje. Volto em um momento. — E então a enfermeira saiu e Abby e Melissa estavam sozinhas.

Melissa virou-se para ela.

— Abby, estou com medo. Eu não estava assustada antes, mas agora estou. Já está ruim e ainda nem começou. Este é um mau presságio, não é?

Abby olhou para a amiga calmamente e apertou a mão de maneira tranquilizadora.

— Não seja boba. Não há mau presságio aqui. Elas foram chamar a

especialista e ela vai cuidar de você em pouco tempo.

— Você realmente acha?

— Eu sei. — Mas no fundo, Abby estava aterrorizada. Ela estava começando a se perguntar a mesma coisa. Será que isso foi o começo de tudo dar errado, o começo de dor e sofrimento sem fim para Melissa?

Não, você não pode pensar assim. Você tem que permanecer forte e positivo para a Mel.

— Ei, deixe-me mostrar todas as coisas legais que comprei hoje — disse Abby, mantendo a voz leve. Ela pegou a mochila, abriu e começou a listar tudo.

Embora Melissa estivesse nervosa demais para se importar, Abby foi capaz de distraí-la apenas o suficiente para envolvê-la e acalmá-la um pouco.

Finalmente, a enfermeira apareceu quem havia sido trazido especificamente para lidar com as "veias difíceis" de Melissa.

— Eu sou Nelly — disse a mulher. Ela foi amigável com um sorriso caloroso. No entanto, Abby percebeu instantaneamente que a mulher sabia como fazer seu trabalho. Ela começou a acariciar os braços de Melissa, seus olhos inteligentes examinando cada centímetro, estudando as veias de Melissa da mesma maneira que o capitão de um navio estudava o mar.

Finalmente, ela anunciou que estava pronta.

— Abby — Melissa chamou, estendendo a mão, e Abby se aproximou e segurou a mão de Mel enquanto Nelly se preparava para inserir a agulha.

Segundos depois, estava feito, e Nelly havia feito os ajustes para que o cateter estivesse firme e funcionando corretamente. Ela sorriu.

— Como você fez isso tão rápido?— Melissa perguntou, admirada.

— Ninguém mais pode fazer isso — disse Abby, balançando a cabeça. — E você fez isso em cinco segundos.

— Eles me chamam de sussurro na veia — disse Nelly calmamente, e piscou. — Tenho que ir. Se você precisar de mim novamente na próxima semana, dê um grito e eu virei correndo.

Então ela rapidamente correu para onde quer que fosse.

— Eu acho que ela é um anjo — Melissa disse, fechando os olhos e expirando.

***

Mais tarde, Abby fez uma pausa para ir comer no refeitório do

hospital. Melissa parecia estar indo bem com a quimioterapia, uma vez que haviam passado pelo problema inicial . Sua mãe havia voltado e parecia se acalmar, então Abby deixou as duas e saiu.

Ela já estava exausta de lidar com a ansiedade de ver sua amiga sofrer, preocupada com o bem-estar de Melissa e tentando criar uma frente positiva ao mesmo tempo. Saber que haveria quase dois meses disso para Melissa era aterrorizante. E não havia como dizer como seu corpo reagiria a todas as drogas que estavam injetando em seu sistema - estava essencialmente envenenando-a, na esperança de matar o câncer antes de causar muito dano ao resto dela.

Quando Abby finalmente chegou à lanchonete, já havia muitas pessoas circulando, recebendo comida de várias estações diferentes ou sentadas às mesas. Havia médicos, enfermeiros, pacientes e familiares, e também estudantes, já que o Boston Memorial também era um hospital de ensino.

Ela decidiu comprar um cheeseburger pré-pronto, porque não havia filas e era mais simples do que ficar parado esperando o lombo de porco ou o peru assado. O cheeseburger veio em um pacote de papel alumínio brilhante que era oleoso ao toque. Então, Abby pegou uma Diet Coke e batatas fritas antes de pagar.

Quando saiu do registro, Abby examinou a sala bem iluminada em busca de uma mesa vazia e não viu nenhuma.

— Lotado, hein?— Uma mulher disse, chegando ao lado dela.

Abby olhou para a mulher.

— Sim é. Parece o ensino médio mais uma vez.

— Conte-me sobre isso.— A mulher sorriu. Ela era baixa, com cabelos ruivos crespos e sardas. Abby instantaneamente gostou dela por algum motivo.

— Acho que vou ter que morder a bala e me sentar com estranhos — disse Abby.

— Espere, acho que vejo algumas pessoas se levantando. Vou pegar uma mesa para nós! - a senhora disse, e então saiu como um foguete, correndo para chegar à nova mesa aberta antes que alguém tentasse reivindicá-la como sua.

Abby riu ao ver a mulher menor enquanto ela mal se esquivava de um grupo de estudantes, que a olhavam como se ela fosse uma tola.

Finalmente, a ruiva conseguiu se sentar e ela acenou para Abby. Quando Abby chegou lá, sua nova amiga ainda estava respirando pesadamente.

— Eu sabia que parei de fumar por um motivo — disse ela, quando Abby se sentou.

— Você não precisava fazer isso — Abby disse, sorrindo.

— Mas você está feliz que eu fiz, não é?

— Sim, claro. Agora sinto que devo comprar um biscoito ou algo assim.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Não pense mais.— Ela tinha um sanduíche de atum embrulhado em celofane e uma garrafa de água. Ela lenta e meticulosamente começou a desembrulhar seu sanduíche. — Meu nome é Bri, a propósito.

— Eu sou Abby. Prazer em conhecê-lo.

Bri assentiu, desembrulhou metade do sanduíche e começou a comê-lo com gosto.

— A comida não é tão ruim aqui.

Abby não podia dizer o mesmo sobre seu cheeseburger. Tinha o gosto de ter sido feito principalmente de soja e no micro-ondas, até se transformar em um disco de hóquei. Mas ela estava com fome o suficiente para comê-lo, especialmente depois de despejar ketchup e mostarda suficientes no hambúrguer para torná-lo menos ofensivo.

— Você trabalha aqui?— Abby perguntou, depois de engolir uma mordida particularmente insatisfatória.

Bri deu de ombros.

— Sou freelancer.

— Oh.— Abby não tinha certeza do que isso significava, mas decidiu deixar para lá.

— E você?— Bri perguntou, seus olhos verdes repentinamente penetrantes. — O que te traz aqui, se você não se importa de eu perguntar?

— Minha amiga está em tratamento e estou aqui para dar apoio.

— Ah — disse Bri. — Entendi. Que bom que sua amiga está com você.

— Eu tenho sorte de tê-la.

Bri riu, tomou um gole de água. De repente, seus olhos se enrugaram.

— Você parece muito familiar — disse ela. — Nós nos conhecemos de algum lugar?

Abby olhou para ela.

— Eu acho que não.— E então isso a atingiu. A mulher provavelmente a reconheceu de ver uma história sobre ela na TV ou talvez online.

Pareceu amanhecer em Bri também, porque ela estalou os dedos.

— Sim, eu me lembrei. Eu li sobre você! Você é aquela garota que está

namorando Matt Hunter, não é?

O estômago de Abby ficou frio. Ela olhou em volta, mas ninguém tinha ouvido a pergunta, felizmente.

— Desculpe, eu realmente não me sinto confortável falando sobre isso.

Bri parecia horrorizada.

— Oh, Deus. Espero não ter ofendido você.

— Não, de jeito nenhum. — Abby tentou sorrir, mas parecia congelado e falso. — Eu realmente não falo sobre essas coisas.

— Ah, claro. Sinto muito. — Bri voltou a comer seu sanduíche. — É só que eu sou fã de Matt Hunter — disse ela, como se estivesse transmitindo segredos de estado.

Abby tentou novamente sorrir, mas agora estava olhando em volta, tentando pensar em como poderia escapar da situação sem parecer muito rude.

— Ah, sim — disse ela, fracamente.

Bri pareceu sentir a mudança no comportamento de Abby.

— Escute, eu não quis te aborrecer. É só... vocês estão juntos? Estou tão curiosa.

Abby olhou para ela. Os alarmes tocaram, por algum motivo. Por que esse total estranho continuava perguntando sobre o relacionamento dela e de Matt?

Quando Abby olhou para Bri, ela notou que a ruiva estava carregando uma maleta para laptop. Não era incomum, mas combinado com seu comentário sobre “freelancer” e a maneira como ela abordara Abby por acaso do nada - tudo se encaixava.

— Você é jornalista — disse Abby, e ela não a formulou como uma pergunta, porque ela já sabia a resposta.

A expressão de Bri não mudou. Seus olhos redondos e penetrantes continuaram treinados no rosto de Abby.

— Eu não quis enganar você — disse Bri, — mas esse é o meu trabalho.

— Na verdade, você quis me enganar, mas não funcionou.— Abby tentou controlar sua raiva crescente. — E você acha que é seu trabalho me seguir até um hospital e me emboscar quando estou de folga para visitar minha amiga doente?

— Não, é meu trabalho ter a história que meu chefe me mandou conseguir.

— Isso não é problema meu — disse Abby, levantando-se da cadeira. —

Talvez seja hora de encontrar um novo emprego.

E então ela começou a se afastar rapidamente da mesa, notou que havia esfarelado o papel alumínio com os restos de seu hambúrguer de baixa qualidade ainda dentro dele e desviou-se para jogá-lo fora em uma das latas de lixo.

Quando saiu da lanchonete, Bri correu ao seu lado.

— Sei que você está com raiva, mas ainda não terminamos aqui.

— Ah, sim nós terminamos. Nós nem começamos — respondeu Abby, andando rápido e olhando para a frente.

— As pessoas vão escrever histórias sobre você e Matt. Você não preferiria pelo menos acertá-los? Você não quer responder às coisas horríveis que eles dizem sobre sua fita de sexo? Nós dois sabemos que você não teve sexo em grupo com aqueles garotos da festa.

— Eu não ligo para o que eles dizem. Eles vão mentir porque pessoas como você comem tudo - disse Abby, e depois calou a boca. Ela estava com raiva de si mesma por morder a isca.

— Eu sei que você e Matt não estão mais juntos — continuou Bri. — Eu só queria receber seu comentário sobre o fato de ele já estar vendo Courtney Taylor.

Apesar de seus melhores instintos, Abby parou de andar. Ela olhou para a mulher menor.

— Por favor, deixe-me só. Por favor.

— Eu sei que você acha isso desagradável — disse Bri. — Mas o que Matt fez com você não é ainda mais desagradável? Ele usou você e jogou você fora assim que seu passado se tornou um inconveniente. E agora ele está galanteando com uma jovem estrela pop, esquecendo a garota comum que lhe deu seu coração.

Abby queria dar um tapa em Bri, mas ela manteve a voz calma.

— Você deveria ter vergonha de si mesma. Estou aqui para ajudar minha amiga e você está se aproveitando disso.

Pela primeira vez, Bri parecia defensivo.

— Sinto muito, mas este é o meu trabalho.

— Você continua dizendo isso — respondeu Abby, balançando a cabeça lentamente. — Mas isso não desculpa seu comportamento.

— Pelo menos eu tentei entender o seu lado da história.

— Você publicará de qualquer maneira. Você não se importa se é verdade ou não, você só quer algo suculento.

As bochechas de Bri estavam quase tão vermelhas quanto seus cabelos agora. — Você sabe, antes de te conhecer, eu realmente senti pena de você. Eu pensei que Matt estava errado em te dar um fora por Courtney Taylor. Mas agora eu entendo totalmente. Você não o merece, Abby.

— Talvez não — Abby disse a ela. — Mas eu também não mereço você. — Abby começou a andar mais rápido pelo corredor, e desta vez a jornalista desagradável a soltou e não tentou segui-la.

***

Algumas horas depois, o primeiro tratamento de quimioterapia tinha sido principalmente um sucesso. Melissa e a mãe estavam voltando para casa e Abby estava voltando para o apartamento.

Seus pensamentos estavam acelerados, desde que ela teve aquele encontro horrível com a jornalista.

Abby se assustou ao saber que havia pessoas que sabiam como ela era, sabiam o nome dela, e estavam tentando segui-la e antecipar seu paradeiro para contar uma história.

A pior parte disso foi que ela deixou a mulher aborrecê-la, especialmente os comentários sobre Matt começando a ver Courtney Taylor. Seria possível que a jornalista estivesse apenas tentando obter uma reação, divulgando um boato ou mentindo completamente?

Sim, era muito possível. Também era possível que Matt e Courtney estivessem realmente envolvidos. Courtney era jovem, bonita e claramente fora apaixonada por Matt, com base no comportamento dela quando o conheceu nos bastidores.

E Matt claramente não se importava de tirar proveito de seu status com as damas para conseguir o que queria.

Mas Courtney era o que ele queria?

Ela não parece o tipo dele , pensou Abby, e depois abriu um sorriso.

Ela estava realmente se confortando com o fato de Courtney Taylor não se parecer tanto com a noiva morta de Matt quanto Abby.

Isso foi bizarro e distorcido, e, no entanto, serviu para acalmá-la um pouco.

Os tabloides sempre querem fazer algo do nada. Você deve saber melhor do que acreditar no que eles dizem.

Enquanto caminhava em direção a casa, Abby ficou à fantasia sobre ir

ao show de Matt naquela noite. O que ele faria se ela decidisse confrontá-lo sobre tudo? E se ela admitisse seus verdadeiros sentimentos para ele - ele realmente a mataria e diria que não sentiu nada em troca?

Provavelmente, ela decidiu.

Abby estava saindo do meio-fio para atravessar a rua em um sinal vermelho quando um carro veio derrapando na esquina em alta velocidade. Estava indo direto para ela, e sua vida passou diante de seus olhos.

Mas no último momento, um par de braços fortes a agarrou, puxando-a para fora do caminho, quando o carro derrapou a uma parada a poucos metros de distância.

— Oh meu Deus — disse ela, com o coração acelerado, as pernas trêmulas devido ao estrago.

— Senhora, é melhor você prestar atenção ou vai ser morta — disse o homenzarrão.

Ela conhecia aquela voz. Virando-se para olhá-lo, viu Will Hart zombando dela.

— Deixe-me em paz!— Ela gritou, mas sua voz não era muito alta. O quase acidente tirou toda a luta dela.

A porta do carro que quase a bateu se abriu e Will a empurrou para o banco de trás e depois entrou rapidamente atrás dela, fechando a porta.

— Dirija — disse ele, e o motorista pisou no acelerador, enquanto eles gritavam para longe do cruzamento.

Abby estava entre Will e outro homem. O outro homem tinha tão baixa estatura quanto Will era alto. Ele não podia ter mais de um metro e meio de altura, mas era atarracado, com cabelos encaracolados escuros que recuavam na frente. Seus olhos eram de pálpebras pesadas, répteis, e seus lábios estavam grossos e molhados. — Abby, que prazer finalmente conhecê-lo. Eu ouvi muito sobre você - ele disse.

— Deixe-me sair deste carro — respondeu ela.

Will lançou um olhar para ela.

— Estou ficando farto de você.

— Acalme a garota — o homem baixo disse a Will. — Ela já passou por muita coisa.

— Quem é você?— Abby perguntou a ele.

— Meu nome é Zeke — disse ele, sorrindo com os lábios gordurosos. Seus olhos estavam escuros e vigilantes quando ele virou a

cabeça para olhá-la. Ele estendeu a mão pequena e ela a apertou, sem saber o que mais fazer.

A mão dele era pegajosa, mas macia, e ele não segurou a mão dela por muito tempo.

— Zeke, eu realmente não sei por que todos vocês não me deixam em paz. Não estou mais vendo Matt. Fiz exatamente o que o CLUB VIP me pediu para fazer, que era ir embora e nunca mais falar com ele.

Zeke usava um terno escuro e bem feito, com sapatos polidos. Ele examinou as unhas enquanto falava.

— Isso foi antes ou depois de você contar a Matt sobre sua pequena reunião com Scott, e Matt foi e o agrediu no restaurante?

— Eu não sabia que Matt faria isso — disse ela. Todo o seu corpo tremia incontrolavelmente agora. — Por favor, eu só quero ficar sozinha.

— Receio que o tempo já tenha passado — disse Zeke. — Tentamos mantê-lo fora da briga, mas você se recusou a ouvir. E agora as coisas mudaram mais uma vez.

— Eu não entendo — disse Abby.

Will olhou para ela.

— Cale a boca por um minuto e ele vai explicar.

Ela fechou a boca e tentou diminuir a respiração irregular. Ela estava com uma sensação horrível de que esses homens pretendiam fazer algo horrível com ela, talvez como recompensa pelo que Matt havia feito ao CEO do CLUB VIP.

— Todo mundo sabe que Matt Hunter esteve no exército — disse Zeke, enquanto procurava no bolso e puxava um cortador de unhas. — É do conhecimento geral, não é?

— Sim — disse Abby.

Zeke começou a cortar as unhas, que já eram bem limpas e arrumadas. Mas ele parecia encontrar novos ângulos, novos pedacinhos de barbear para torná-los ainda mais perfeitos. Ele cortou e cortou enquanto falava.

— O que a maioria das pessoas não percebe é que o serviço de Matt no exterior é apenas uma pequena parte da história. Matt Hunter não era apenas um soldado comum até ser enviado para casa novamente - ele era o membro de uma força de elite ultrassecreta que foi enviada em missões muito especiais. Missões muito perigosas para realizar um trabalho que ninguém mais poderia ou faria.

Abby engoliu em seco. Zeke estava apenas brincando com a cabeça dela? Ela não sabia dizer.

Ele continuou hipnoticamente cortando as unhas enquanto falava.

— Você pode se perguntar por que está sentada neste carro comigo agora, contando uma história tão estranha. Zeke olhou nos olhos dela. — Estou certo? Você está se perguntando?

— Sim. Sim, estou me perguntando por que você está me dizendo isso.

Ele sorriu para ela. A gentileza do sorriso dele causou mais medo nela do que ameaças severas de Will Hart. Ela suspeitava que por trás da raiva de Will havia um homem que não queria ter que machucá-la.

No entanto, por trás do sorriso gentil de Zeke, ela sentiu os instintos assassinos de um psicopata implacável e calculista.

— Infelizmente, essa situação se tornou muito complicada, Abby.— Ele voltou a cortar delicadamente as unhas. As pequenas lascas brancas caíam em sua calça preta e se agarravam ali, como caspa. — As coisas evoluíram para onde você não pode mais ser protegida da verdade.

Protegida? Desde quando o CLUB VIP a protegia de alguma coisa?

Ela pensou nessas coisas, mas permaneceu calada, supondo que fazer essas perguntas pudesse prejudicar sua saúde a essa altura. O objetivo agora era dizer qualquer coisa que ela precisasse dizer para dar o fora do carro vivo.

— Senhor — ela começou.

— Me chame de Zeke, por favor — ele sorriu.

— Zeke, eu estou bem em ficar ignorante. Realmente.

— Sim, eles dizem que a ignorância é uma benção, então eu posso entender por que você diz isso. Mas você deve saber que, se chegamos a esse ponto, todas as possibilidades foram exploradas e chegamos aqui por necessidade. Como eu disse, o tempo para você ir embora sem saber agora terminou. Então você deve seguir com muito cuidado agora, Abby. — Zeke mais uma vez olhou em seus olhos. — Muito, muito cuidado mesmo.

— Eu nunca vou falar uma palavra sobre o CLUB VIP — disse ela, apertando a garganta. — Só por favor não me machuque. Matt está fora da minha vida. Eu prometo, juro.

Zeke trocou um olhar confuso com Will Hart.

— Matt não ficará fora da sua vida por muito tempo — Zeke respondeu, rindo um pouco. — Veja, isso se tornou um cenário muito fluido. Em um momento, algo lhe é pedido, no próximo, algo diferente.

— Eu pensei que você me queria fora dos holofotes — disse ela. —

Disseram-me que minha presença na vida de Matt poderia comprometer o sigilo do CLUB VIP.

— Isso é verdade — disse Zeke. Ele assentiu pensativo. — No entanto, os riscos e recompensas estão sendo constantemente pesados e, às vezes, um novo consenso é alcançado.

— Por favor — ela implorou. — Você pode me deixar sair do carro?

— Pare de perguntar isso — Will avisou, sua voz grave e irritada. De repente, Abby percebeu que Will Hart também estava aterrorizado, e isso a deixou tão assustada que quase vomitou.

Se eu disser a coisa errada, Zeke vai me matar , ela pensou. *Ele vai me matar com a mesma calma que está sentado, cortando as unhas.*

É realmente verdade, e é por isso que Will está agindo como louco. Will pode ser mau, mas ele não quer meu sangue em suas mãos.

— Parece que o CLUB VIP não passa de um serviço de acompanhante — disse Zeke. — E, de fato, no que diz respeito a quase todos os envolvidos, é exatamente isso que somos. Nossa função é atender a nossos clientes ricos e poderosos com o tipo de mulher que atende a todas as suas necessidades e fornecer discrição e sigilo que garantam que os mesmos homens poderosos não precisem se preocupar com escândalos confusos.

— Mas isso não é realmente o que é o CLUB VIP — disse Abby, com a boca seca como a areia do deserto.

O sorriso de Zeke morreu em seus lábios.

— Ah não. Não, nunca fomos tão simplistas quanto um bordel. De fato, nunca desperdiçamos nosso acesso à vida pessoal dos homens mais poderosos e influentes do mundo inteiro. Na realidade, o CLUB VIP é e sempre foi principalmente um serviço de coleta de informações.

A enormidade do que Zeke estava dizendo a ela ocorreu em Abby, e seu estômago caiu, como se ela tivesse acabado de ser empurrada de uma borda para um abismo.

— O clube está cheio de espiões — disse ela.

Zeke sorriu.

— Não vamos nos empolgar — disse ele, mas seus olhos diziam que ela estava certa em sua conclusão.

— Então agora você quer que eu seja uma espiã?

Seus olhos de pálpebras pesadas se fixaram nela, suas pupilas parecendo aumentar ao falar.

— Matt Hunter se envolveu em uma missão específica em sua última

semana no Afeganistão. Nossa inteligência nos diz que é da maior importância descobrirmos exatamente qual era a missão com o máximo de detalhes possível.

— Matt nunca me contou sobre nenhuma missão ultrassecreta no Afeganistão — disse ela, sua voz aumentando apesar de suas melhores tentativas de mantê-la sob controle. — Matt nem me disse o que ele tinha no café da manhã.

— Seja como for, é melhor você encontrar uma maneira de aprender sobre o café da manhã e o que mais lhe dissermos para aprender sobre Matt Hunter.

— Matt não está falando comigo — disse ela. — Ele me mandou embora, ele interrompeu nosso relacionamento.

Os olhos mortos de Zeke apenas a encararam.

— Nossas fontes nos dizem que não é esse o caso.

— O que isso significa?

— Isso significa que sabemos que Matt Hunter ainda é suscetível ao seu poder de persuasão feminina. Isso significa que ele tem uma fraqueza por você e somente por você, até onde podemos determinar. Portanto, você encontrará uma maneira de reacender seu relacionamento com ele e começará a nos contar tudo o que ele lhe disser. — Clip. Grampo. Grampo. — Isso significa que você procurará a verdade sobre o que Matt fez no Afeganistão e não descansará até descobrir. E não vou descansar até que a verdade me seja contada - disse Zeke, cuspindo pelos lábios.

Ele é louco, ela pensou. *Quem quer que seja esse homem, ele está completamente louco* .

— Eu vou... vou pensar sobre isso — disse ela suavemente.

— Não, você fará isso — Will disse a ela.

Zeke olhou para ele e balançou um pouco a cabeça antes de se virar para Abby com um sorriso renovado.

— Coloquei todas as nossas cartas na mesa — disse ele. — Eu não precisava fazer isso, mas é o meu jeito. Apresentei a você a oportunidade e expliquei nosso ponto de vista. Agora depende de você, Abby.

— Parece que não tenho muita escolha — disse ela.

— Ah, mas você tem. Todo mundo tem escolha. — Ele voltou a cortar as unhas. Grampo. Grampo. A miniatura, em particular, parecia estar ficando bastante curta. — Todo mundo tem uma escolha — ele repetiu.

— Você vai me matar se eu não ajudar?— Ela perguntou.

Ele nem parou.

— Não no começo.

— Mas vai acontecer.

— Não, acredito que eventualmente a convenceremos a fazer o que for necessário.

O interior de Abby parecia torcido, vazio e estéril.

— E se Matt me recusar?— Ela perguntou.

— Isso seria muito lamentável para você — disse Zeke. — Seria lamentável para você, sua amiga Melissa e sua mãe, seu pai e até seu irmão Daniel.

Abby estava congelada pela frieza dos olhos de Zeke e pelas palavras arrepiantes que cruzaram seus lábios. Ele acabara de ameaçar todos no mundo que estavam perto dela sem hesitar.

— Deixe minha família fora disso — ela sussurrou.

Zeke sentou-se na cadeira e esticou a cabeça.

— Oh, veja o que temos aqui. Algum tipo de concerto? Veja todos os adolescentes fugindo - que coisa boba parece à distância. E, no entanto, este pequeno evento tolo vale milhões de dólares.

Abby viu que eles estavam dirigindo a uma certa distância, e ela estava tão absorta na conversa com Zeke que nem percebeu para onde eles estavam indo.

Mas agora ela percebeu que eles haviam chegado ao show de Matt. De fato, o show deveria começar em breve. Os estacionamentos já estavam cheios de carros e havia pessoas por toda parte, andando, comendo, bebendo, tocando músicas de Matt Hunter, até carregando cartazes.

Mais do que alguns policiais estavam patrulhando e andando por aí, vigiando as coisas, caso elas saíssem do controle.

— O que estamos fazendo aqui?— Ela perguntou.

Zeke finalmente guardou as tesouras de unha e escovou as guarnições da calça. Seus movimentos eram curtos, bruscos e econômicos.

— Estamos aqui para recolocá-la no caminho certo, Abby. Eu gosto de ajudar meus funcionários sempre que possível.

Will deu um sinal ao motorista e o carro parou.

Zeke apontou para a frente do carro.

— Se você passasse algumas centenas de metros além deste carro, direto para a arena, acabaria encontrando um membro da equipe de segurança de Matt. Você entende o que estou lhe dizendo?

— Sim — disse ela, embora não estivesse certa do motivo pelo qual ele estava dando essa informação.

— Bom — Zeke disse aprovando. — Em um momento, você vai sair do carro e caminhar diretamente até um membro da equipe de segurança dele e dizer que acabou de ser assaltada e que precisa ver Matt imediatamente.

Abby virou a cabeça e olhou para ele.

— Assaltada?

— Sim. E você foi. Zeke fez um leve aceno de cabeça com Will, e de repente Will pegou a bolsa e a arrancou do ombro.

Abby gritou, enquanto o conteúdo caía sobre o fundo do carro.

Um segundo depois, ele abriu a porta dos fundos, saiu, agarrou Abby pelo braço e a jogou para fora, onde ela caiu na calçada com força, esmagando o cotovelo e o joelho e rolando de costas.

Um momento depois, sua bolsa vazia pousou ao lado dela, a alça quebrada, completamente inútil.

— Lembre-se, foi um assaltante. Ele estava usando um capuz e você não olhou para o rosto dele — Will rosnou quando voltou ao carro. Um segundo depois, acelerou, deixando-a lá.

Algumas pessoas próximas que viram o que aconteceu se aproximaram e a ajudaram.

— Você está bem?— Eles perguntaram.

— Estou bem. Eu apenas caí.

— Esse cara te empurrou.

— Não — ela insistiu. — Eu caí. Por favor, deixe-me só.

— Ei, você não é Abby Montgomery?— Alguém disse, e ela começou a correr.

Eventualmente, ela foi direto para uma das equipes de segurança de Matt, exatamente como Zeke havia dito. O homem pareceu surpreso ao vê-la lá.

— Eu preciso ver Matt imediatamente — ela disse, olhando por cima do ombro.

— Sr. Hunter tem um show.

— Apenas diga a ele que estou aqui, ok?— Ela chorou. Lágrimas escorriam pelo rosto dela agora.

O segurança se afastou dela e falou no microfone do fone de ouvido que ele estava usando. Ela não conseguiu ouvir o que ele disse, mas alguns segundos depois e ele a estava acompanhando rapidamente através de uma

entrada dos fundos, longe da multidão.

Onde quer que ela fosse, as pessoas pareciam estar olhando para ela. O guarda a manobrou através do labirinto até que ela finalmente chegou ao provador de Matt.

Havia outros dois membros da equipe estacionados em frente à porta.

— Estamos bem na frente — disse o segurança em seu microfone e depois bateu.

Quando a porta se abriu e Matt estava lá, Abby não sabia o que fazer. Ela estava apavorada que ele fosse gritar com ela, perguntar o que diabos ela estava fazendo, até ameaçar chamar a polícia.

Em vez disso, ele apenas parecia preocupado.

— Você está bem? O que aconteceu?

Ela caiu em lágrimas, incapaz de responder. Tudo que ela sabia era que Matt não a odiava, ele realmente se importava, e o alívio era tão forte que ela não podia nem falar.

— Está tudo bem — disse Matt à equipe de segurança. — Eu vou cuidar daqui. Vamos, Abby - ele disse suavemente, pegando-a pelo braço e levando-a de volta para seu quarto. Ele fechou a porta e a levou para o sofá. — Sente-se. Sente-se. Deixe-me pegar um pouco de água.

Ele pegou uma garrafa de água fria e entregou a ela.

— Obrigada — disse ela, ainda chorando. Ela abriu a garrafa e bebeu um gole.

Matt a estava observando muito de perto. Ele estava vestindo uma jaqueta de couro preta, calça jeans preta e botas pretas. Seus olhos castanhos estavam preocupados, mas ele estava controlando suas emoções.

— Diga-me o que aconteceu.

— Fui assaltada — disse ela, odiando a mentira, mas sabendo que não ousava dizer a verdade agora. Não depois do que aqueles homens disseram e fizeram com ela.

Os olhos de Matt brilharam.

— Quem fez isso? Alguém do CLUB VIP? Seu ex? Quem?

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho certeza. Ele veio por trás e estava usando um capuz. Fui derrubada e ele arrancou minha bolsa do ombro.

Matt olhou para as calças dela.

— Você está sangrando no joelho — disse ele. — Droga.— Ele se ajoelhou e gentilmente puxou as calças dela sobre a panturrilha e além do

joelho. — É muito ruim.

— Sinto muito por incomodá-lo. Eu só ... eu não tinha certeza do que mais fazer.

— Não peça desculpas — disse ele. - Estou feliz que você veio, Abby. E quando eu encontrar o cara que fez isso com você, eu vou matá-lo.

— Não, você não precisa fazer nada — ela choramingou.

As emoções de Abby eram uma bagunça completa e absoluta. Queria desesperadamente desabafar, contar a Matt exatamente o que havia ocorrido. Afinal, ela não tinha feito nada de errado.

O problema era que ela estava com medo do que Matt poderia fazer se ela contasse a verdade. A última vez que confessara as ameaças do CLUB VIP, Matt havia pulado o CEO no banheiro de um restaurante chique e quase o estrangulado.

Obviamente, aquela pequena façanha não dissuadira os bandidos do CLUB VIP nem um pouco. Não, eles voltaram com vingança, e Abby teve a sensação de que não estavam mais jogando.

Isso era vida e morte.

Isso era incrivelmente perigoso, tanto para Abby quanto Matt.

Se o que Zeke havia dito a ela era verdade, o CLUB VIP era muito mais do que apenas um serviço de escolta clandestina. O CLUB VIP estava usando suas garotas de programa para coletar informações das pessoas mais poderosas e influentes do mundo.

O CLUBE VIP teve acesso a banqueiros de investimento, chefes de estado, estrelas de cinema e ricos empresários. Ela não tinha dúvida de que eles poderiam muito bem colocar suas garotas com homens que trabalhavam no FBI, NSA, CIA e mais.

A operação deles também não estava restrita à América. Sem dúvida, eles tinham meninas trabalhando na China, Rússia, Japão, América Latina.

Onde isso terminava?

A quem eles davam as informações?

Ela não tinha ideia, mas sabia que Zeke era um psicopata de sangue frio e ele foi trazido para garantir que Abby obtivesse as informações que eles queriam de Matt.

Matt havia se envolvido em algo muito sério no Afeganistão. Ou isso, ou os bandidos estavam mentindo para assustá-la.

Mas ela não acreditava que fosse esse o caso. Ela pensou que eles estavam dizendo a verdade.

— Abby — disse Matt, estudando o rosto dela, — você não parece tão bem.

— Eu estou bem — ela mentiu. Seu coração estava subitamente acelerado. — Estou realmente bem. Eu devo ir.

— O quê?— Matt disse.

Ela saiu do sofá e estava prestes a ir para a porta, mas então o mundo nadou diante de seus olhos e houve um zumbido alto em seus ouvidos.

E então ela caiu nas profundezas da escuridão.

◆◆◆

Tudo estava embaçado no começo, e então as bolhas de formas se fundiram no que pareciam rostos humanos olhando para ela.

Suas bocas negras se abriram e fecharam, mas tudo o que ouviu foi zumbido no início.

Foi bom de certa forma. Havia uma sensação pacífica envolvida em não saber quem ou o que era alguma coisa.

Mas então os rostos humanos ficaram ainda mais claros, e Abby percebeu que ela estava deitada no chão, de costas.

Matt, seu gerente Kurt e outro homem estavam olhando para ela.

— Abby?— O homem disse. — Abby?— Ele estalou os dedos primeiro no canto superior esquerdo do campo de visão dela e depois no canto inferior direito.

— Ela está seguindo, ela está rastreando — disse Matt, dando um suspiro de alívio.

Kurt se levantou, balançando a cabeça.

— Isso é besteira da rainha do drama, Matt, e é a última coisa que precisamos agora.

Matt estava ajoelhado sobre ela, mas olhou para Kurt.

— Diga mais uma palavra assim e veja o que acontece.— Seu músculo da mandíbula se contraiu.

— Vá com calma — disse Kurt. — Eu não a assustei muito.

— Você tem certeza disso?— Matt disse, sua voz nervosa.

— Ei, foda-se — respondeu Kurt.

— Abby, sou o doutor Phelps — disse o estranho. — Sou da equipe médica aqui no show. Você pode me ouvir?

Abby assentiu.

— Eu estou me sentindo melhor. Eu devo ter desmaiado.

O médico a ajudou a se sentar e então ele tomou seus sinais vitais. Ele verificou os olhos e a cabeça dela em busca de sinais de trauma e, em seguida, fez algumas perguntas básicas relacionadas à memória. Quando ele terminou, ele se virou para Matt.

— Ela está bem. Se quiser podemos leva-la ao hospital para exames.

Matt olhou para Abby com profunda preocupação.

— Acho que devemos levá-la apenas para ter certeza.

— Eu não bati minha cabeça — ela disse a ele. — A menos que eu tenha batido a cabeça quando desmaiei.

— Não, eu peguei você — disse ele. — Você é leve como uma pena.— Sua boca se contorceu em algo que quase parecia um sorriso.

— Sinto muito — disse ela. — Eu deveria ir para casa agora e deixar todos vocês voltarem ao trabalho.

— Podemos pedir a alguns membros da equipe que a tragam para casa — disse Kurt. — Vamos colocar alguém na frente do prédio dela, se você quiser. Só pra ter certeza.

— Não — Matt disse a ele. — Eu não vou deixá-la fora da minha vista novamente.

O médico parecia desconfortável.

— Vou sair e deixar vocês conversarem.

Ele saiu da sala enquanto Matt ajudava Abby até o sofá. Ela estava bem, firme em seus pés. Mas Matt estava tratando-a como se ela fosse feita de porcelana.

Enquanto isso, Kurt a observava com um desdém mal reprimido marcando suas feições.

— Irmão, temos um show para apresentar. Há uma multidão esperando você aparecer. Precisamos que tudo corra bem esta noite.

— Sim, eu estou ciente disso — Matt disse a ele. — Mas, neste momento, eu realmente não poderia me importar menos com o show.

O rosto de Kurt ficou tão vermelho que estava quase roxo.

— Você não se importa? Você está brincando comigo agora? Você tem ideia do quanto suas travessuras nos custaram nas últimas duas semanas?

Matt se afastou de Abby para encarar Kurt.

— Se você tem algo que quer tirar do peito — Matt disse a ele, — então vá em frente e faça-o. Você parece ter muitas opiniões sobre mim.

O peito de Kurt inchou.

— Eu sou seu melhor amigo. Eu já passei por uma merda com você que ninguém passou. E você acha que pode me tratar como se eu fosse sua empregada ou sua assistente pessoal.

— Você trabalha para mim — disse Matt, aproximando-se. — Não esqueça seu lugar, Kurt.

— A única vez que você questiona minha lealdade é quando ela está por perto — ele respondeu, apontando para Abby.

— Eu sei que você não gosta dela — disse Matt. — E eu entendo que você não aprova. Mas sabe o que? Eu não dou a mínima para o que você pensa.

— Tudo bem, arruine sua carreira, então. Jogue tudo fora em alguma aventura com uma prostituta...

Matt deu um soco nele.

Foi tão rápido que Abby quase nem viu.

Um momento, Kurt estava falando, e no seguinte ele caiu para trás, na parede, e caiu no chão. Ele estava atordoado, esfregando a mandíbula e tentando se levantar, mas perdendo o equilíbrio.

— Você me bateu — disse ele, sua voz traindo seu choque.

— Chame ela assim e eu farei de novo - Matt respondeu friamente, de pé sobre ele.

— Você me bateu — Kurt repetiu.

— Matt, por favor — disse Abby. Ela saiu do sofá. — Não lute com ele por mim.

Matt se virou e olhou para ela, seus olhos castanhos ardendo.

— Eu vou protegê-la a partir de agora — disse ele. — Eu deveria saber que não deveria deixar você fora da minha vista.

Kurt estava de pé novamente, ainda esfregando a mandíbula, mas seus olhos estavam claros.

— Se você não confia em mim, basta me demitir. Não me deixe por obrigação.

Matt abriu e fechou a mão, flexionando-a como se estivesse dolorida.

— Eu não o mantenho por obrigação, mas você precisa se lembrar de uma coisa. Eu dirijo esse show, não você. Ninguém mais.

Kurt assentiu.

— OK. Entendi. Alto e claro.

— Infelizmente, vamos cancelar o show hoje à noite — disse Matt. —

Eu preciso estar com Abby. Eu não posso continuar.

Abby não podia acreditar em seus ouvidos.

— Matt, o que você está fazendo?

Ele olhou para ela.

— Definindo minhas prioridades, pela primeira vez em muito tempo.

— Você não pode cancelar esse programa — disse Abby. — Kurt está certo sobre isso.

— Eu não vou fazer um show sabendo que você pode estar com problemas, você ainda pode se machucar. Eu não seria capaz de viver comigo mesmo se deixasse algo mais acontecer com você.

— Estou bem — disse ela. Era parcialmente uma mentira, mas era verdade o suficiente. — Eu juro que ficarei bem enquanto você se apresentar.

Kurt ficou de pé e os observou, sua expressão inescrutável.

— Eu posso dizer que algo está errado — disse Matt, observando-a de perto. Diga-me o que é. Você está machucado e simplesmente não está admitindo?

Ela tentou rir.

— Estou abalada, é claro. Mas fisicamente, estou mais do que bem. Eu juro.

Ele a encarou por um longo tempo.

— Mas se você se sentir estranho. Se algo der errado, ou você começar a ter uma dor de cabeça ruim, qualquer coisa - precisará informar o médico.

— Eu vou — ela prometeu.

Kurt começou a sair da sala e, ao passar por Abby, lançou-lhe um olhar de soslaio que fervilhava de ódio.

Se olhares pudessem matar, eu estaria morta agora , ela pensou.

Kurt saiu da sala, fechando a porta silenciosamente, e então Matt e Abby estavam sozinhos juntos.

— Matt, desculpe-me por atrapalhar seu show — disse ela.

— Foda-se o show — respondeu ele, e então ele estava diminuindo a distância entre eles, e seus lábios estavam nos dela, e ele a segurava pela cintura. Seus braços a envolveram protetoramente, seu calor corporal a envolveu como um casulo.

Os lábios macios mas firmes de Matt pressionaram contra os lábios dela e então ele estava chupando um pouco o lábio superior, antes que sua língua finalmente deslizasse em sua boca. Ela podia sentir sua fome quando seu corpo endureceu em resposta ao corpo dela.

Ela derreteu em seus braços, relaxando, nadando em seu desejo, absorvendo sua energia forte e masculina. Ela podia cheirá-lo, prová-lo, e naquele lugar ela estava verdadeiramente segura, não importa o que mais estivesse acontecendo.

Mas você não está realmente segura, disse uma vozinha, perturbando a segurança do que Matt havia criado.

Você está mentindo para Matt novamente. E vocês dois estão em perigo .

Abby interrompeu o beijo. —

Sinto muito — ela sussurrou. — Eu apenas - é tudo o que há para entender agora.

Matt passou a mão pelo cabelo dela, dando-lhe calafrios.

— Quero que você assista o show nos bastidores — disse ele. — Você será capaz de ficar ao lado do palco e me ver tocar, e mais importante, eu também ficarei de olho em você.

— Você tem certeza que eu não vou ser uma distração?

— Não, você será uma distração — disse ele. — Uma distração bem-vinda.— E então ele sorriu para ela, e seus olhos lhe disseram que o que Zeke implicava era muito verdadeiro.

Matt não tinha parado de se importar com ela. Nem um pouco.

***

Já era tarde quando eles voltaram para a suíte de Matt.

Abby estava completamente destruída, apesar da emoção de estar junto com ele novamente. Os eventos dos últimos dois dias cobraram seu preço, e ela era praticamente um zumbi ambulante.

— Eu preciso de um banho — disse ela, — e então acho que posso cair no sono. Tudo bem?

Matt riu enquanto pegava uma garrafa de vinho e se servia de um copo. Ele ainda estava cheio de energia, pois o show tinha sido um enorme sucesso e os fãs foram à loucura, dando-lhe aplausos em pé após aplausos.

— Claro que está tudo bem — disse ele. — Vá em frente.— Ele apontou para o quarto. — Você pode pegar uma camiseta e um par de shorts, se quiser, para trocar de roupa depois.

— Obrigada — Abby disse a ele. Ela foi para o quarto e encontrou um par de shorts e uma camiseta branca lisa. Quando ela fechou a porta do banheiro atrás dela, não pôde deixar de levar a camisa ao rosto e sentir o

cheiro dele. Mesmo que estivesse limpo, ela ainda podia sentir o cheiro dele.

Era um alívio estar com ele naquele momento, mesmo sabendo que ninguém poderia protegê-la verdadeiramente do CLUBE VIP.

Você tem certeza sobre isso? Talvez Matt possa protegê-la, se você confiar nele .

Ela queria, mas outra parte dela não tinha tanta certeza. Matt era um soldado, e seu primeiro instinto foi atacar, como havia feito no outro dia no restaurante, ou quando deu um soco na mandíbula de Kurt por chamá-la de um nome desagradável.

O problema era que, às vezes, atacar não era a solução. O CLUB VIP era uma organização enorme e poderosa e eles não iam recuar porque Matt espancou alguém. E o que ele faria quando ela contasse sobre as ameaças de Zeke, Will a jogando fora de um carro?

Ele pode matar alguém.

Ele realmente pode matar alguém.

Abby não sabia o que fazer. Ela certamente não iria alimentar informações sobre o serviço militar de Matt ou o que ele havia feito no Afeganistão. Ela não iria espioná-los. Mas talvez ela pudesse fingir, mentir para eles, afastá-los por um tempo até que outra solução se apresentasse.

Você sabe que isso nunca vai funcionar. Eles não vão acreditar, eles saberão se você mentir para eles.

Abby decidiu parar de pensar e ficar obcecada com o que fazer. Naquele momento, o que ela mais precisava era relaxar, tomar um banho quente e adormecer.

Talvez pela manhã as coisas sejam mais claras.

Ela entrou no banho quente e úmido e se deleitou na água que escorria sobre ela, massageando sua pele, enquanto seus ombros caíam e seu corpo inteiro se afrouxava.

Ela começou a lavar o cabelo quando houve um barulho. Alguém estava abrindo a porta. Seu coração entrou em sua garganta.

E se algum assassino do CLUB VIP tivesse matado Matt e agora estivesse vindo para matá-la?

— Olá?— Ela disse, sua voz tremendo levemente.

— Hey — a voz de Matt flutuou dentro dela, ecoando.

— O que houve?— Ela gritou. — Está tudo bem?

— Eu meio que preciso tomar banho também — disse ele.

O coração de Abby acelerou novamente, mas por um motivo diferente

desta vez.

— Eu vou terminar em alguns minutos.

— Bom — respondeu ele, e então ele caminhou até a porta de vidro e a abriu, já nu, seu corpo musculoso uma revelação para ela, enquanto entrava no chuveiro com ela.

— Isso foi rápido — disse ela.

— Eu não queria perder tempo.

— Ou água — ela sorriu.

Matt olhou para ela e seus olhos castanhos eram intensos enquanto olhava seu corpo para cima e para baixo. O vapor já deixara sua pele escorregadia e brilhante, e Abby descobriu que ela também estava escorregadia, entre as pernas.

Só de olhar para ele a fez querer gemer, a fez querer gozar. Esse foi o efeito que Matt Hunter teve nela.

Ele se aproximou dela, seu ombro nu tocando o dela enquanto brincava lutando por uma posição sob o chuveiro. Ele deixou a água correr sobre ele, como uma cachoeira que caiu sobre seu corpo incrível, e Abby só podia olhar.

Seus olhos estavam fechados e ele parecia algo saído de uma revista.

— Nunca esquecerei o que você fez por mim, Matt — disse Abby.

Matt abriu os olhos e então sua mão estava estendendo a mão, envolvendo a parte de trás da cabeça dela e puxando-a para ele.

Sua boca estava na dela novamente, só que agora não havia nada para separar seus corpos. Sem roupas, nada entre eles. Seu eixo duro pressionou contra sua barriga quando ele a beijou. Ela passou as mãos pelo peito ensinado e depois pelo estômago.

Finalmente, ela se atreveu a tocar seu pênis com uma mão trêmula.

Ele continuou a beijá-la, mais profundamente agora, permitindo-lhe gentilmente acariciá-lo, e ela sentiu sua dureza aumentar.

Quando ela acariciou seu pênis, ficou mais e mais molhada.

Eu quero que ele me foda. Vou levá-lo para dentro de mim aqui e agora. Eu daria qualquer coisa para tê-lo neste momento.

Em vez disso, ela o acariciou mais rápido, deslizando a mão pelo eixo até as bolas dele, trabalhando a raiz dele.

— Porra, Abby — ele assobiou. — Porra, eu quero você.

— Eu preciso de você dentro de mim — disse ela.

— Ainda não, é muito cedo — disse ele.

— Na minha boca então — ela implorou. — Deixe-me levá-lo na minha boca, Matt.

Ele não respondeu, e ela acariciou com mais insistência, sabendo que a resistência dele estava desmoronando. Ela não entendeu muito bem por que ele estava tão relutante em ir mais longe com ela - do que tinha medo.

Tinha algo a ver com Peyton. Ela tinha certeza disso, mas o motivo não importava mais.

Abby lentamente caiu de joelhos, beijando seu peito e estômago enquanto ela continuava, acariciando seu pau duro. Finalmente, a boca dela estava nivelada com o eixo dele, e era enorme, monstruosa em sua visão.

— Abby — ele disse suavemente. — Você não precisa fazer isso.

— Sim, eu sei — respondeu ela, e então sua boca estava na cabeça dele, absorvendo, esticando os lábios sobre a perfeição dele. Ele tinha um gosto bom, um pouco salgado, e a emoção de tê-lo em sua boca fez sua boceta começar a se contrair e apertar.

Ela se sentia completamente viva, seu corpo estava molhado e pulsando com um conhecimento que parecia ter vivido dentro dela para sempre, mas finalmente estava sendo desbloqueado pela primeira vez.

Abby soltou todos os seus medos, todas as suas inseguranças e apenas se deliciava com o prazer desse momento em que estava deixando ir.

Ela começou a chupar o pau de Matt Hunter, lentamente no começo, mas depois ganhou confiança quando seus gemidos e grunhidos lhe disseram que ela estava fazendo o certo.

— Caramba — disse ele, a certa altura, quando ela conseguiu enviar o pênis ereto dele até a boca, fazendo cócegas nas costas das vias aéreas. Ela ficou surpresa por não haver reflexo de vômito.

Acontece que eu tenho um talento , ela pensou, rindo por dentro.

Abby começou a mover a cabeça cada vez mais rápido, levando-o para dentro e para fora de sua boca, seus lábios aspirando contra o impossivelmente duro Charlie.

Seus quadris começaram a empurrar a tempo, sempre que ela deslizava os lábios até o fundo do membro dele, forçando-se muito mais a entrar em sua boca.

E então ele agarrou a parte de trás da cabeça dela, quando sua excitação finalmente pareceu tirar dele. Abby sentiu que seu próprio controle diminuiu e o animal dentro dele havia assumido o controle.

Ele começou a estocar na boca dela várias vezes, segurando a parte de

trás da cabeça dela, e ela o deixou fazê-lo. Não havia medo, mesmo que ele tivesse assumido o controle da situação por completo.

Ela gostava de saber que estava tirando ele.

De fato, a tirou ainda mais, e sua vagina tremeu. Ela começou a usar os próprios dedos, brincando com o clitóris, esfregando-o, enquanto Matt fodia sua boca.

— Eu vou gozar — ele disse a ela.

Ela gemeu profundamente na garganta e propositalmente deslizou os lábios o mais fundo que pôde, criando o máximo de sucção possível. Abby não sabia como seria, e ela se preocupou um pouco por não conseguir lidar com o orgasmo dele.

Mas era muito emocionante recuar agora.

Matt soltou em sua boca, e havia muito disso. Por um breve momento, Abby sentiu pânico, como se suas vias aéreas estivessem sendo bloqueadas pelo líquido e seu enorme pênis, mas depois ela engoliu e engoliu novamente, e foi melhor.

Parte dele saiu da boca dela, porque ela não podia aguentar tudo.

O corpo de Matt estava rígido, estremecendo quando ele gozou.

— Oh inferno, porra — ele gritou, estremecendo ainda mais violentamente. Suas pernas se transformaram em pedra quando ele deu alguns últimos empurrões em sua boca e depois se retirou, respirando pesadamente, como se tivesse acabado de correr.

— Nunca senti nada assim — disse ele. — Oh meu Deus, Abby.—

— Eu também — disse ela.

Isso era verdade por várias razões.

***

Eles não se incomodaram em se vestir novamente depois do banho.

Em vez disso, Abby e Matt subiram na cama juntos, aconchegando seus corpos nus perto, e Matt a abraçou com força, dando-lhe uma colher perfeitamente.

Isso parece certo. Não há como negar. Isto é onde eu pertenço.

— Como está Melissa?— Matt perguntou, enquanto os dois começavam a adormecer.

— Ela está indo bem, eu acho — disse Abby. Ela fez uma breve recapitulação do dia, inclusive contando sobre a emboscada do jornalista na cafeteria.

— Isso é ridículo — disse ele, com a voz tensa de frustração.

— Alguma coisa que ela disse é verdade?

— Você quer dizer que eu estou com Courtney Taylor? Você está falando sério?

— Ela é linda, sexy, talentosa e obviamente gosta de você — disse Abby.

Matt riu.

— Não é o meu tipo.

Abby teve que sorrir.

— Isso foi o que eu pensei.

— E você entende o que quero dizer — disse Matt. — Eu não quero dizer isso como ...— sua voz sumiu.

— Entendi — disse Abby. — Você quer dizer da maneira normal.

— Sim. Exatamente.

Matt beijou a parte de trás da cabeça dela e seus braços a envolveram ainda mais.

— Veja bem, é exatamente por isso que não posso deixar você fora da minha vista. As coisas acontecem, as pessoas tentam plantar histórias de besteira e mexem conosco. Todos eles querem nos separar por algum motivo.

Abby pensou em como isso realmente era verdade e como Matt não sabia a metade disso.

E isso a fez pensar em Zeke, e todas as coisas terríveis que ele disse a ela. Havia alguma maneira de lutar contra todas as forças diferentes que pareciam estar contra elas?

Ela não sabia.

Ela não sabia mais nada.

Exceto que ela estava cansada.

Tão cansada.

Parecia que apenas alguns segundos se passaram, quando ela foi acordada pelo som de um telefone tocando. Abby se levantou, surpresa ao descobrir que Matt estava dormindo.

Ela saiu e encontrou o telefone. Já passavam das seis da manhã. Ela recebeu uma série de mensagens de um número desconhecido.

Agora que você e seu homem estão todos juntos, pensamos em dar-lhe um belo presente de boas-vindas.

O próximo texto dizia

Porque vocês dois realmente aquecem nossos corações

E o final dizia:

Lembre-se do que queremos. Da próxima vez, eles não terão tanta sorte .

Abby não tinha ideia do que eram esses textos. Eles eram como enigmas, mas tiveram o impacto de uma faca deslizando em suas costelas. Ela mal conseguia respirar.

Algo terrível estava acontecendo. Mas o que? O que isso poderia significar?

Ela segurou o telefone e tentou quebrar o cérebro em busca de respostas. Alguém estava com problemas. Era Melissa? Matt?

E então o telefone dela estava tocando novamente, só que desta vez era o número do celular de seu irmão Danny. Abby atendeu instantaneamente.

— Danny?— Ela disse, sua voz já temendo o pior.

Por favor, não deixe que nada tenha acontecido com o pai. Por favor Deus.

— Abby, houve um incêndio — disse Danny.

— Ah não! Por favor! Não! — ela chorou.

— Todo mundo está bem — Danny disse a ela. — Fomos todos capazes de sair a tempo, mas a casa acabou. Tudo se foi. Tudo. Sua voz tremia.

— O que causou isso?— Ela perguntou, mas ela já sabia a verdade.

Foi um presente de inauguração de casa.

— Nós não sabemos — disse Danny. — Eu só queria que você soubesse se ouviu no noticiário ou alguém lhe contou. Estamos todos bem. Estavam a salvo.

— Estou voltando imediatamente — disse ela.

— Abby...

— Danny, fique seguro e eu estarei lá o mais rápido possível.— Ela desligou o telefone e virou-se para encontrar Matt parado na porta.

— Diga-me o que está acontecendo — disse ele.

Ela olhou para ele.

— Houve um incêndio — disse ela, — e eu tenho que ir para casa.

— Eu vou com você — respondeu Matt. — Estamos nisso juntos, Abby.

Ela queria acreditar nele, ela realmente acreditava. Mas, pela primeira vez, Abby começou a questionar se isso seria suficiente.

Pela primeira vez, Abby estava começando a pensar que o CLUB VIP encontraria uma maneira de conseguir exatamente o que eles queriam, afinal.

Fim do livro cinco

A dívida

Livro 07

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Clique aqui e inscreva em meu site e para receber contos gratuitos, participar de sorteios e ficar por dentro das novidades

Parte 06

ELA AINDA ESTAVA EM CHOQUE.

A notícia de que a casa dos pais de Abby havia queimado a deixou tonta. Parecia impossível, como um pesadelo, e Abby ainda estava tentando acordar.

Matt se vestiu e depois saiu do quarto para encontrá-la ainda de pé, com o telefone na mão, os olhos arregalados e olhando para longe. Ela olhou para ele e sua voz soou estranha em seus próprios ouvidos.

— Eu não entendo o que aconteceu.

O que não era realmente verdade. Ela entendia muito bem o que havia acontecido – e, ao mesmo tempo – não entendia. Sua mente se recusava aceitar que era realidade.

Tão forte quanto Matt Hunter sempre parecia, pela primeira vez, Abby lutou para se consolar com sua força. Seus olhos castanhos se fixaram nela, sua expressão muito séria, mas ainda calma, como se ele pudesse sentir os problemas surgindo sob a superfície e estivesse agindo com cautela.

— Às vezes essas coisas acontecem... — Matt balançou a cabeça enquanto olhava nos olhos dela. — Devemos apenas agradecer que todos estejam seguros.

Abby assentiu, mas seu coração não estava ali. Ninguém estava seguro. Ninguém estaria seguro até que o CLUB VIP estivesse fora de sua vida para sempre. Mas como ela poderia fazer isso acontecer? Estava completamente fora de seu controle.

— Eu preciso colocar minha cabeça no lugar — disse Abby,

piscando, enquanto entrava no quarto do hotel. Ela passou por Matt, sentindo seu corpo esquentar e sentindo sua força e querendo nada mais do que desabar em seus braços - conte-lhe tudo.

Não. Você não pode arriscar. Matt ficará louco e você não poderá detê-lo ou controlar o que ele fará a seguir.

Matt a seguiu.

— Eles sabem como o fogo começou? — ele perguntou, sua voz sondando.

Abby ficou lá no quarto de Matt, percebendo que ela nem tinha uma roupa decente para vestir e se sentindo cada vez mais desamparada e com raiva.

— Não, eles não sabem o que aconteceu.

— Espero que não seja por causa da minha conexão com você — disse ele.

O estômago de Abby apertou e uma emoção fria de medo correu através dela. Ela virou a cabeça e olhou para ele.

— Por que você diria uma coisa dessas? Você está brincando?

Matt cruzou os braços.

— É uma possibilidade. Um fã louco - eles podem fazer coisas realmente estúpidas. Sofri ameaças de morte, perseguidores... essas coisas.

Abby engoliu em seco e sentiu um aperto na garganta.

Você precisa dizer alguma coisa. Não pode deixá-los se safar disso. Você realmente vai espionar Matt Hunter e contar ao CLUB VIP sobre sua missão militar secreta? Se não, então o que você vai fazer?

— Eu não posso lidar com isso agora — Abby disse a ele, uma ponta rastejando em sua voz. — Mal consigo pensar direito e você não está ajudando.

— Você sabe que vai ficar tudo bem — disse Matt, estendendo a mão e acariciando seus cabelos.

Ele estava muito perto, e ela se sentiu muito rasgada, confusa e culpada.

— Por favor, não - não me toque.

— Por que não?

— Porque você está me distraindo.

Os lábios de Matt se curvaram.

— Estou te distraindo.

Ela olhou para ele.

— Sim, você está me distraindo. o que você está fazendo aqui? O que é isso? — Ela perguntou, acenando com as mãos como se para indicar que eles estarem juntos no quarto nem faziam sentido.

Matt apenas olhou para ela, seus quentes olhos castanhos preocupados, mas também procurando, como se ele pudesse dizer que havia mais coisas acontecendo do que ela estava dizendo.

— Este não parece ser o momento ideal para ter uma grande conversa sobre o estado do nosso relacionamento.

— Exatamente. — Abby sentiu um soluço quase escapar de sua garganta, enquanto colocava a camisa, calça e sapatos da noite anterior. Havia uma leve mancha de sangue no joelho da calça e o cotovelo da blusa estava um pouco rasgado.

Isso trouxe de volta memórias de Zeke, suas unhas cortadas, lábios gordurosos e ameaças, e então Will a jogando fora do carro.

Ela voltou ao presente e olhou em volta.

O cobertor e os lençóis ainda exibiam os sinais reveladores de seu encontro sexual. Tudo estava bagunçado, enrugado e desorganizado.

— Exatamente o quê? — Matt perguntou, seu tom ainda notavelmente calmo.

Ela piscou, confusa, sem se lembrar do que eles estavam discutindo há um momento atrás. Mas então ela percebeu que não tinha nada para se sentir culpada, nada disso era culpa dela. Foi Matt quem se recusou a deixá-la entrar, se recusou a estar em um relacionamento realmente comprometido com ela. Desde que ele tivesse essa atitude, ela não poderia contar a ele sobre o CLUB VIP e o que eles estavam tentando fazer.

— Você não quer falar sobre o estado do nosso relacionamento, porque isso forçaria você a admitir a verdade. — Abby alisou os cabelos e endireitou a blusa.

— Que verdade é essa?

Ela se virou e olhou para ele.

— Você se recusa a ter um relacionamento real comigo. Não posso contar com você para nada.

Os olhos de Matt endureceram.

— Então, o que você está fazendo aqui, então?— Ele disse. — Isso não conta para alguma coisa?

— Foi divertido — disse ela, sem piscar.

— Você está com medo e chateada — Matt disse a ela. — Não desconte em mim.

— Não me diga como me sinto.

Matt sorriu, mas não foi amigável.

— Não estou lhe dizendo como você se sente. Estou lhe dizendo

como você está se comportando.

— Sim, estou chateada. A casa dos meus pais incendiou. Enquanto isso, você entra e sai da minha vida sempre que quiser, agindo como se importasse, fingindo que posso confiar em você quando ambos sabemos que não posso.

— Você pode confiar em mim — disse Matt com firmeza. — Eu nunca fiz nada para machucá-la intencionalmente ou trair sua confiança.

Abby olhou para o chão, seu peito subindo e descendo rapidamente. Ela estava em guerra com sua própria mente e coração. Ela queria tanto contar tudo, mas não deveria confiar em Matt. Ele era um enigma, capaz de qualquer coisa a qualquer momento.

— O problema é que sei que você acredita nisso — disse Abby suavemente, finalmente olhando para ele novamente. — Mas você está errado, Matt. Tudo em você é uma mentira.

Ele engoliu em seco e seus olhos ficaram com um olhar oco e distante, ao ver a acusação dela.

— Você tem certeza de que ainda estamos falando de mim?— Ele perguntou. Seus olhos se concentraram nela agora, e Abby sentiu como se ele pudesse ver através de todas as mentiras e meias-verdades.

Ela se sentiu completamente nua e exposta, e seu coração estava batendo forte. Mas ela não podia permitir-se admitir que estava errada.

— Sim, tenho certeza de que estamos falando de você — ela mentiu.

Ele sorriu amargamente.

— Faça do seu jeito, então, Abby. Quando terminar aqui, encontre-me no saguão. Vou deixar um carro esperando por você. — Ele se virou e saiu do quarto e um momento depois, ela ouviu a porta se fechar.

Abby levou apenas um momento para se refrescar o melhor que podia no banheiro. Enquanto olhava os olhos cansados e cansados no espelho,

ouviu a porta do quarto se abrir novamente e depois passos entrando na suíte.

— Quem está aí? — Ela chamou.

— Sou eu — disse Matt. Sua voz estava diferente de alguma forma.

Seu coração não diminuiu, mas na verdade bateu mais rápido.

Ela engoliu com alguma dificuldade, saindo do banheiro para encará-lo.

— E agora? — Ela disse, desafiando-o, parecendo mais cruel do que precisava. Era como se ela o estivesse provocando por algum motivo.

Talvez você esteja com medo de se abrir e deixá-lo entrar, afinal.
Ele estava olhando para ela com um olhar muito estranho nos olhos.

— Eu não vou deixar você fazer isso— disse ele, e seu queixo forte estava fixo, e ele tinha um olhar determinado no rosto que a deixava mais assustada do que nunca.

— Não vai me deixar fazer o que?

— Deixar você ir embora. É exatamente isso que você quer, Abby, você está tentando me afastar. — Ele se aproximou dela e ela recuou um passo.

— Isso não é verdade.

— Sim. É. — Ele avançou novamente. — E eu não vou continuar me apaixonando.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não tenho tempo para isso, Matt.

— Ouça-me — ele disse, suave mas firmemente. — Eu me importo com você, Abby. Eu me preocupo com você mais do que jamais pensei que poderia me importar com outra pessoa.

Suas palavras a surpreenderam, mas ela também estava completamente perdida pelo que fazer agora. Ele finalmente disse a ela exatamente o que ela estava esperando para ouvir, mas somente depois que tudo ficou azedo.

— É tarde demais, Matt — ela sussurrou.

— Por quê?

— Simplesmente é. — Ela passou por ele novamente, mas desta vez ele não a deixou passar. Ele a agarrou pelo braço.

— Você não vai embora sem mim.

Ela girou e olhou para ele com lágrimas nos olhos.

— Pare com isso, ok? Apenas pare de brincar com minhas emoções.

— Eu não estou brincando com nada. Estou lhe dizendo a verdade e não vou parar de lhe dizer. Eu me importo com você. — E então ele se inclinou e a beijou, e de seus lábios - ela sabia.

Ela sabia que ele estava lhe dizendo a verdade absoluta.

Ele tirou o fôlego com os lábios, e ela ficou feliz com isso. Seu coração parecia que iria explodir em seu peito, e tudo o mais derreteu, todos os problemas eram como poeira ao vento quando ele a tocava assim.

Matt Hunter. Matt Hunter me escolheu, apesar de tudo. Apesar de toda a bagagem, a bagunça e o drama.

Mas ele ainda escolherá você quando souber de tudo?

Abby se afastou abruptamente, e Matt também se afastou, com a testa franzida.

— Abby— ele começou. — Apenas me diga o que diabos está acontecendo.

— Oh, Deus— ela murmurou, colocando a mão na testa e depois

sentiu tudo começar a girar. Manchas apareceram diante de seus olhos.

Matt a agarrou nos braços e a segurou quando suas pernas cederam.

— O que houve? O que há de errado? — Ele perguntou novamente.

Ela se recompôs, depois olhou nos olhos castanhos dele, e o amor e a força que ela viu ali lhe deram coragem. Abby se firmou, encontrou as pernas novamente.

— Eu estou bem— ela disse a ele. — Estou bem.

— Você tem certeza?— Ele perguntou, soltando-a, mas hesitante, como se achasse que uma brisa poderia derrubá-la.

— Eu preciso te dizer uma coisa— ela admitiu. — Há mais na história do que eu admiti para você.

— Quanto mais?

Ela respirou fundo e soltou o ar imediatamente.

— Não fui assaltada ontem à noite.

Os olhos de Matt se estreitaram.

— Não?

— Não foi um assaltante aleatório que me atacou. Era o CLUB VIP — ela disse, observando a expressão dele por uma reação.

Os olhos dele endureceram.

— Diga-me quem era e exatamente o que fizeram. Quero todos os detalhes, Abby. — Seus dentes estavam cerrados e seus ombros endureceram.

— Mas Matt, você não pode simplesmente vencê-los. Não dessa vez.

Ele sorriu friamente.

— Eu vou fazer muito pior que isso, não se preocupe.

— Eu preciso que você fique calmo.

— Foi o CLUB VIP que incendiou a casa dos seus pais?— ele perguntou, apertando os punhos.

— Sim.

— Eu vou matá-los, porra. — Os olhos de Matt estavam em chamas com o tipo de raiva que Abby pensou que poderia permitir que uma pessoa matasse outra.

Matt parecia o guerreiro que ele estava no coração, e ela podia facilmente imaginá-lo com essa expressão em seu rosto, levando os homens à batalha no deserto a um mundo de distância.

— Este não é o momento — disse Abby, tentando acalmá-lo. Ela colocou a mão no antebraço dele. — Nem tudo pode ser tratado com violência, Matt.

Seu olhar distante se concentrou e voltou para ela.

— Eu sei disso, Abby. Eu sei que a violência não é a solução para todos os problemas. Por acaso é a solução para esse problema em particular.

Ela revirou os olhos.

— Essa reação é exatamente o motivo pelo qual tive medo de contar o que aconteceu comigo.

Matt sorriu um pouco.

— Talvez você me conheça muito bem.

— Prometa que não vou me arrepender de contar. Isso é perigoso para mim. Eles vão me castigar se descobrirem que eu te contei.

— Eu não vou deixá-los perto de você, Abby. Ontem foi a última vez que alguém do CLUB VIP chegará perto de você novamente. E eles vão desejar nunca ter ouvido seu nome quando eu terminar com eles.

— Por favor, acalme-se.

— Estou perfeitamente calmo — disse Matt, encolhendo os ombros musculosos. — Vamos. Devemos pegar a estrada antes que seja tarde demais.

— Você vem comigo ver minha família? — Ela perguntou.

— Claro. Eu não vou deixar você fora da minha vista a partir de agora. Não até que este problema seja resolvido. Ele agarrou a mão dela com força e saiu da sala. — Você pode me contar o resto da história no caminho.

***

No caminho para sua cidade natal, Matt e Abby estavam no banco de trás de um sedan com o motorista habitual, mas desta vez eles tinham um carro de segurança dirigindo na frente deles e um atrás.

Pela primeira vez, Matt achou conveniente garantir que tivessem uma equipe de segurança cuidando deles. Abby teve que admitir que isso a fez respirar um pouco mais fácil, sabendo que havia tantas pessoas cuidando deles.

Era como ela imaginou que a primeira-dama deveria sentir quando tinha o serviço secreto, certificando-se de que ninguém pudesse chegar até ela ou ao presidente.

Depois que eles se instalaram no carro por alguns minutos, Matt virou-se para Abby com uma expressão séria no rosto.

— Tudo bem — disse ele. — Agora você precisa me contar tudo o que aconteceu ontem. Quero dizer todos os detalhes. Nada é sem importância.

Abby engoliu em seco.

— Você está com raiva de mim por não lhe dizer a verdade ontem à

noite?

Matt balançou a cabeça.

— Eu não estou bravo com você.— Ele suspirou e olhou pela janela para a estrada que passava rapidamente. — Mas não podemos mais ter segredos entre nós. Está ficando muito perigoso.

Ela assentiu.

— Eu sei. E me desculpe, por não contar a verdade. Tem sido difícil confiar ... difícil confiar em alguém depois das coisas pelas quais passei.

— Entendo — disse Matt, e ela sabia que ele não estava apenas dizendo palavras vazias.

— Tudo bem — disse Abby, respirando fundo. — Aqui vai.

Ela começou a contar a Matt o que tinha acontecido quando ela saiu do hospital e Will a agarrou e a forçou a entrar no carro onde o homem que se chamava Zeke estava esperando.

Quando ela mencionou o nome de Zeke, ela esperava ver algum lampejo de reconhecimento nos olhos de Matt. Matt sabia quem era Scott do CLUB VIP quando ela contou a ele sobre esse pequeno encontro, mas não houve reação a essa nova pessoa que havia entrado no mundo deles.

Abby contou tudo a ele, e quando ela chegou à parte sobre a operação de espionagem do CLUB VIP, ela viu as mãos de Matt fecharem os punhos novamente e apertarem até os dedos dele ficarem brancos. Mas seu rosto estava frio e impassível. Ele não demonstrou emoção, nem mesmo enquanto ela continuava contando como eles queriam que ela descobrisse informações sobre as missões de Matt no Oriente Médio durante seu serviço militar.

Era realmente estranho o quão pouco ele estava reagindo à história, dado seu temperamento.

De alguma forma, sua falta de raiva era quase mais irritante. Sinalizou a Abby que essa situação era muito mais séria do que qualquer outra coisa

que eles já discutiram.

Finalmente, ela contou como eles a jogaram para fora do carro e disse-lhe para mentir sobre ser assaltada.

Nesse momento, Matt se assustou um pouco, como se tivesse acabado de ser sacudido por um golpe de gado.

— Eles disseram para você dizer isso?

Ela olhou para baixo, culpada.

— Sim.

— E você o fez. — Sua voz era incrédula.

— Eu estava assustada. Não sabia mais o que fazer.

— Mas você percebe que tudo o que está me dizendo agora também pode ser uma mentira, outra mentira em uma série de mentiras. Como posso confiar em qualquer coisa que você me diz depois de tanta desonestidade?

Ela olhou para ele novamente e seu queixo tremia.

— Não achei que tivesse escolha. Eles são poderosos e são mais fortes que eu. Você e eu nem estávamos conversando na época, então como eu poderia me sentir segura dizendo a verdade?

Matt cruzou os braços.

— Mas você apenas seguiu o plano deles. Você ia tentar descobrir meus segredos militares também? Isso estava pensando seriamente em você como uma maneira realista de lidar com as ameaças?

— Não, claro que não.

— Mas você fez o que te mandaram.

— Eu disse que não sabia mais o que fazer, Matt. Fui jogada para fora

de um carro, ameaçada e fiquei aterrorizada.

Matt balançou a cabeça.

— Você deveria ter me dito a verdade, Abby. Imediatamente.

— Eu sei disso. Mas eu fui tola e menti. Pedi desculpas e agora você pode optar por acreditar em mim ou não.

Matt olhou para cima, como se estivesse pedindo ajuda de cima. Ele fechou os olhos e não falou por um tempo. Quando ele abriu os olhos novamente, ele estava olhando para ela com o tipo de intensidade que parecia tão dramática que fez parte de uma cena de um de seus filmes.

Só ela sabia que ele estava falando sério. Este não era apenas um papel em um filme. Esta era a vida de Matt, e ele não estava brincando.

— Abby, eu vou escolher confiar em você agora. Preciso, porque me importo com você e quero acreditar que você é digna da minha confiança. Mas você não é a único que foi magoada no passado.

— Eu sei.

— E se você mentir para mim novamente - se você esconder algo de mim - então terei que fazer algo muito difícil.— Ele desviou o olhar como se fosse muito difícil sequer pensar em tal possibilidade. Mas então ele olhou para ela novamente, finalmente. — Se você me enganar intencionalmente novamente, eu vou te deixar para sempre. Não será minha escolha, será porque você não me deixou outra escolha.

Ouvi-lo dizer que as palavras trouxeram lágrimas aos olhos dela, e elas escorreram por suas bochechas. Por mais difícil que fosse ouvi-lo dizer essas coisas, ela entendeu a necessidade dele de dizer isso e sabia que o ouvira.

— Eu não culpo você— ela disse a ele.

— Então nos entendemos— disse ele, seus olhos castanhos duros e implacáveis.

— Sim.

Ele balançou a cabeça, parecendo que ele queria dizer mais, mas finalmente ele apenas olhou para a frente do sedan.

— Então, o CLUB VIP espera que você passe informações... — disse ele, meditando em voz alta. — Talvez possamos ajudá-los.

— Eu não entendo.

— Ainda não tenho certeza — disse Matt, — mas acho que talvez possamos dar a eles algo. Se desacelerarmos um pouco, me dará tempo para planejar uma resposta real.

— Não precisamos envolver a polícia?— Abby perguntou. — Não foi longe o suficiente?

— Já foi longe demais para a polícia— disse Matt, e seu tom era ameaçador.

— Eu não entendo como isso é possível.

— Bem, é.— Matt pegou o telefone e colocou no ouvido.

— Para quem você está ligando?

— Kurt— ele disse. — Preciso dizer a ele o que está acontecendo.

Abby sentiu o estômago revirar com a menção de seu gerente.

— Por favor, não ligue para Kurt.

Matt ergueu os olhos do telefone.

— Por que não?

— Porque — disse ela — não confio nele.

A expressão de Matt ficou cética quando ele desligou e tirou o telefone do ouvido.

— Você não confia nele?— Ele disse. — Bem, eu confio. Eu lutei lado a lado com ele, e ele esteve comigo em tudo. E eu quero dizer tudo.

Abby teve uma sensação de mal estar na boca do estômago. Ela estava enfrentando a pior situação agora - a que ela temia desde o início do relacionamento. Ela nunca quis contar a Matt sobre as manobras secretas de Kurt e a maneira como ele tentara sabotar o relacionamento dela e de Matt. Ela sabia que Matt confiava em Kurt mais do que qualquer outra pessoa, e não teve chance quando se opôs a um homem que Matt sentiu que podia confiar em cento e cinquenta por cento.

— Você disse que não queria que eu escondesse nada — respondeu Abby, sua voz tremendo enquanto dizia as palavras temidas. — Bem, há algo sobre Kurt que eu não contei por que tinha medo da sua reação.

Matt passou a mão pelos cabelos.

— Você não pode estar falando sério. Quantas coisas existem? Quantas histórias podem haver?

Abby apertou os punhos.

— Sinto muito que há muito a lhe dizer. Você acha que eu queria que fosse assim?

— Não sei mais. Parece que em todos os lugares que eu viro com você, algo novo aparece. Algo novo e nunca é nada bom.

— Não posso mudar o fato de que essas coisas estão acontecendo. Não é minha culpa.

Matt esfregou a testa acima dos olhos, a cabeça ligeiramente inclinada.

— Apenas me conte a maldita história. Diga-me o que Kurt fez com você.

— Não fale comigo nesse tom de voz.—

Ele olhou-a.

— Se você vai enfiar a faca, pelo menos seja rápida.

— Tudo bem— respondeu Abby, segurando o queixo mais alto. — No primeiro dia em que decidimos fingir que eu era sua namorada, Kurt me ligou e me ameaçou.

As sobrancelhas de Matt se levantaram.

— Talvez você o tenha entendido mal. Kurt é um cara muito intenso.

— Não, eu não entendi mal nada. Ele me ofereceu dinheiro para desaparecer da sua vida.

Os olhos de Matt se estreitaram.

— Ele lhe ofereceu dinheiro?

Cem mil dólares. Acho que foi por causa de quanto dinheiro você perdeu, cancelando seus shows.

Matt recostou-se como se tivesse levado um soco no estômago.

— Não faz nenhum sentido — disse ele, enquanto seus olhos procuravam respostas à distância. — Por que ele agiria pelas minhas costas assim?

— Não foi apenas essa conversa— disse Abby. — Sempre que ficávamos sozinhos por um segundo, ele fazia comentários depreciativos. E não tenho certeza, mas suspeito que ele possa ter algo a ver com vazar essas histórias antigas sobre mim para a imprensa. Mas isso é apenas especulação da minha parte.

Matt apoiou os cotovelos nos joelhos, baixou a cabeça e colocou as mãos no rosto. Quando ele olhou para ela novamente, seus olhos estavam

vermelhos e vidrados.

— Se o que você está me dizendo é verdade, também não posso confiar em Kurt. Meu melhor amigo, o homem que salvou minha vida em batalha, o irmão que ficou ao meu lado durante a morte da minha noiva e por aí vai.

— Ele pensou que estava protegendo você, eu acho — Abby ofereceu, mas sua voz soou tão fraca quanto o próprio sentimento.

— Como sei que essa sua elaborada história não é toda feita para conseguir algo de mim? Como sei que você não é quem está mentindo e me preparando?

Abby se encolheu como se ele a tivesse dado um tapa.

— Não sei como provar nada. Mas sei que não poderia ter incendiado a casa dos meus pais porque você e eu estávamos juntos quando aconteceu.

— Talvez você tenha um amigo fazendo isso.

A boca de Abby franziu.

— Se pensar isso faz você se sentir melhor, tudo bem.

— Nada disso me faz sentir melhor— ele rosnou. — Só estou tentando entender tudo isso. Você está me dando muito para pensar de uma vez.

— E você está fazendo sentido imaginando que sou apenas uma mentirosa compulsiva— disse Abby, sorrindo amargamente. — Que lisonjeiro.

Os olhos de Matt estavam doloridos.

— Você entende que o que você me disse hoje está despedaçando tudo o que eu construí. Minha vida inteira - a pessoa mais próxima de mim a quem confiei meus negócios - os segredos militares que jurei proteger - tudo está em perigo agora.

— Sinto muito, Matt.— Abby queria tocá-lo, queria suavizar as coisas entre eles, mas ele era tão duro e se retirou dela.

Matt assentiu, colocando a mão no queixo, os olhos ainda procurando respostas. De repente, ele se inclinou para frente, seus olhos focados nela mais uma vez.

— Eu preciso que você faça algo por mim— disse ele.

— Farei o que puder— disse ela.

— Eu preciso que você ligue para Kurt e finja que quer aceitar a oferta dele.

Abby sentiu um calafrio passar por ela.

— Ele saberá que é uma armadilha, Matt. Nós nos odiamos e eu recusei sua oferta há muito tempo.

— Só preciso ouvi-lo reconhecer que ele fez a oferta no passado. Eu preciso saber que você está me dizendo a verdade.

Abby assentiu, suspirando. Ela entendeu por que Matt precisava que ela fizesse isso, mesmo que a deixasse vagamente doente ao pensar em falar com Kurt novamente. E se ele de alguma forma percebesse que era uma armadilha e fingisse que não tinha ideia do que ela estava falando? Ela pareceria uma boba e Matt nunca mais falaria com ela.

Mas ela pareceria ainda mais culpada se ela se recusasse a ligar para ele.

— Ok, eu vou ligar para ele agora.

Matt se moveu para que ele estivesse sentado ao lado dela no carro, o lado esquerdo do corpo pressionado contra o dela com força.

— Pegue o seu telefone — disse ele.

Abby tirou o telefone do bolso e Matt disse a ela o número para discar. Seus dedos tremiam enquanto ela pressionava os números.

Quando o telefone começou a tocar e ela o colocou no ouvido, Matt inclinou a cabeça perto da dela para que ele pudesse ouvir a conversa.

O queixo e os lábios dele estavam a poucos centímetros dos dela.

Ela podia sentir seu calor e ouvir sua respiração. De alguma forma, isso a acalmou um pouco e seu pulso diminuiu uma fração.

— Alô — respondeu Kurt, já parecendo irritado.

— É a Abby — disse ela.

— Eu sei quem é. — Ele parecia irritado e desinteressado em conversar, mas ela avançou.

— Nós precisamos conversar, Kurt.

Ele riu.

— O que você e eu poderíamos ter para dizer um ao outro?

Oh Deus, ela pensou. Ele é como um cachorro - já farejou isso. Ele sente que está em uma armadilha e está agindo como se não soubesse de nada. Ela sentiu o corpo de Matt endurecer ao lado dela.

— Porque — disse Abby —, estou com problemas. Eu preciso sair daqui.

— Não é problema meu, querida.

— Lembra o que você me ofereceu? Bem, estou interessada agora.

Houve um longo silêncio. Ela prendeu a respiração, sabendo que ele iria negar. Mas então ele apenas riu novamente.

— Você perdeu sua chance.

— Você sabe que Matt e eu passamos a noite juntos— disse ela. — Estou de volta à vida dele.

— Uma noite? Isso não significa nada.

— E você sabe que ele me colocou em um apartamento. Ele se importa comigo e você sabe disso.

Matt olhou para ela, estreitando os olhos.

— Ele quer ter certeza de que você fique fora do caminho dele - é por isso que ele conseguiu esse apartamento ridículo em Boston — respondeu Kurt.

— Não foi isso que ele me disse ontem à noite — disse Abby.

— Sério.— A voz de Kurt estava fingindo descrença, mas Abby podia dizer que ela o estava fazendo questionar suas suposições.

— Sim, sério — disse Abby. — Matt quer que fiquemos juntos novamente, mas eu não posso mais fazer isso. Eu tenho que me afastar de tudo isso.

Kurt ficou em silêncio por um longo momento.

— Onde está o Matt agora?

— Ele está tomando banho e eu saí do quarto, supostamente para ir tomar café.

— Encontro você do lado de fora do hotel em dez minutos - disse Kurt. — Depois que eu lhe der o dinheiro, você nunca mais o verá ou falará com ele. E estou falando para sempre, nem por um segundo para explicar alguma coisa ou ser legal. Quero que ele te odeie, Abby, é isso que quero receber pelo meu dinheiro.

— E o valor...

— Cem mil, como combinamos. Mas não posso lhe dar tudo agora. Só consigo arranjar um terço disso em tão pouco tempo.

Matt pegou o telefone das mãos dela e colocou-o no próprio ouvido.

— Você só pode estar brincando comigo— disse ele. — Quem diabos você pensa que é, tentando controlar minha vida?

Abby podia ouvir desculpas de Kurt, mas sua voz estava abafada e Matt não deu muito tempo para falar.

— Cale a boca e me escute, Kurt. Escute-me atentamente. Você sabe do que eu sou capaz se você colocar minhas costas contra a parede. Não é?

Claramente, Abby podia ouvir Kurt falar.

— Sim, eu sei, Matt. Mas você deveria me deixar me explicar. Há uma boa razão para isso.

— Oh, bem, estou feliz que você tenha uma razão— disse Matt sarcasticamente. — Então você entende que tenho um bom motivo para dizer isso. Se descobrir que você tenta interferir nos meus negócios ou na vida pessoal novamente, vou fazer você sofrer. Você está demitido, Kurt. Vou alertar a equipe de segurança imediatamente que você está fora. Não há mais acesso a nenhuma das contas comerciais, não há mais acesso a mim. Nossa amizade acabou, desprezível.

— Matt, eu estava tentando ajudar — Abby ouviu Kurt implorar.

— Foda-se você e sua ajuda— disse Matt e desligou. Então ele devolveu o telefone a Abby.

Ela olhou para ele. Ele estava caído ao lado dela no banco, parecendo um homem espancado.

— Sinto muito— ela sussurrou.

— Não é sua culpa que minha vida esteja cheia de mentirosos. — Matt balançou a cabeça. Ele pegou seu próprio telefone celular e começou a

mandar mensagens. — Agora preciso ter certeza de que Kurt não me roubou. Ele estava no comando de tudo – de todas as finanças do meu negócio, tudo passava por ele.

Abby estremeceu ao pensar no que poderia significar se Kurt tivesse gerenciado mal todos os milhões e milhões de dólares que vinham dos negócios de Matt.

— Tenho certeza de que está tudo bem— disse ela, sabendo muito bem que talvez não estivesse tudo bem. Ainda assim, ela queria tranquilizá-lo de alguma forma.

— Eu errei sobre tudo na minha vida— disse Matt. — Todas as pessoas que eu acreditava poder confiar me decepcionaram. E no processo de fazer o que aqueles mentirosos queriam que eu fizesse, me tornei alguém que não sou, o que me torna tão ruim quanto eles.

— Não — disse Abby, colocando a mão na perna dele e virando todo o corpo em direção a ele. — Você não é como eles— disse ela. — Você esteve aqui para mim quando precisei de você. Você se sacrificou por mim e até pela minha melhor amiga, minha família. Não deixe que pessoas como Kurt o arrastem para baixo e façam você pensar o pior da vida.

Matt colocou a mão na dela e a agarrou com força.

— Eu cometi muitos erros, Abby. Mas um erro que não vou cometer é deixar que algo aconteça com você novamente. — Ele sorriu um pouco e balançou a cabeça. — Você é a única pessoa que foi fodida por mais pessoas do que eu— ele riu. — Então pelo menos você entende o que estou passando.

Abby teve que rir.

— Isso é verdade — ela disse a ele. E então ela sorriu, seu corpo inteiro ficando quente. — Eu vou te proteger também. Não é uma rua de mão única. Estamos nisso juntos.

Ele passou o braço em volta dela, envolvendo os ombros e pressionando os lábios no ouvido dela.

— Eu nunca deveria ter duvidado de você— ele sussurrou.

***

Quando chegaram à casa incendiada da casa de sua família, Abby estava arrasada emocionalmente.

Ela tinha visto Matt fazer ligações para toda a equipe, informando que Kurt não fazia mais parte da empresa. Ela viu a dor gravada em seu rosto quando ele explicou que Kurt havia violado sua confiança, e ouviu o som derrotado da voz de Matt ao entrar em contato com o advogado da empresa e lhe dizer que todos os livros precisavam ser auditados. em caso de fraude.

Ao mesmo tempo, estava cheia de pavor, antecipando como seria a cena em sua antiga casa.

E era tão ruim quanto ela temia.

A casa era uma casca queimada e enegrecida. Tinha sido destruída total e completamente e ainda havia policiais e caminhões de bombeiros por toda a rua quando ela e Matt chegaram com sua pequena frota de segurança.

Quando saíram do carro, encontraram a mãe, o irmão e o pai amontoados, parecendo desesperadamente cansados. O rosto de seu pai estava pálido quando ele se sentava na cadeira de rodas, olhando os restos de sua antiga vida.

Anos e anos de história se passaram num piscar de olhos, e Abby sabia que ela era parcialmente culpada por isso.

Quando seus pais a viram, seus rostos imediatamente se desfizeram em máscaras de tristeza e alívio, e sua mãe caiu em seus braços, soluçando.

— Tudo se foi, tudo se foi — sua mãe chorou, seu rosto abafado contra o peito de Abby.

Abby a acalmou, sussurrando no ouvido da mãe que tudo ficaria bem. Distante, ela podia ouvir Matt conversando com Danny e seu pai, a voz de Matt recuperando seu poder e confiança.

Enquanto abraçava a mãe, Abby podia ouvir Matt deixando de lado sua tristeza e dor para ser forte para ela e sua família.

Seu coração disparou quando ela percebeu a magnitude do altruísmo de Matt. Ela não o culparia por jogá-la de lado e todos os problemas que vinham com ela.

O CLUB VIP, Kurt, e todas as ameaças aos meios de subsistência de Matt eram realmente decorrentes principalmente de seu relacionamento com ela.

E, no entanto, ele a apoiava, mesmo agora, quando seus negócios e sua vida estavam à beira de um precipício.

— Nós vamos cuidar disso — disse Matt a Danny, quando Abby finalmente se separou de sua mãe.

Danny parecia cético.

— Não vejo o que você pode fazer sobre isso. Nossa casa se foi.

— Comecei a fazer arranjos— disse Matt. — Uma equipe de segurança vai acompanhar vocês três por um tempo.

— Segurança? — A mãe de Abby disse, parecendo assustada.

Matt virou-se para ela.

— Este incêndio não foi acidental.

Abby viu o rosto do pai perder ainda mais cor.

— Você está dizendo que alguém intencionalmente incendiou esse fogo?— Ele disse.

— Sim— Matt disse a ele. — É exatamente o que estou dizendo.

— E por que alguém faria isso? - Danny perguntou, olhando para

Abby, como se tudo fosse culpa dela e ele sabia disso sem nem fazer a pergunta.

— É complicado — disse Matt.

— Acho que merecemos uma resposta— respondeu Danny.

Matt era direto e simples, seus olhos inabaláveis diante da agressão de seu irmão.

— Você merece uma resposta, mas agora não posso lhe dar uma. O que posso fazer é garantir que você esteja protegido da melhor maneira possível daqui para frente. É por isso que minha equipe de segurança estará vigiando as coisas por enquanto. E eu tenho alguém procurando um lugar adequado para vocês três viverem a curto prazo.

— Matt— Abby ofegou. — Isso é demais. Você não pode...

— Eu posso e quero — Matt disse calmamente. — Sua família terá um lugar mais que adequado para morar e será completamente seguro— disse ele.

— E vocês dois? — O pai de Abby perguntou, sua voz fraca e suas bochechas manchadas enquanto ele falava. — Imagino que vocês dois enfrentem o maior risco de todos nós.

— Vou lidar com isso também— respondeu Matt.

— Ela é nossa filha— disse o pai, sentando-se em sua cadeira de rodas. — Nós precisamos saber...

— Confie em mim— Matt disse a ele, sua voz firme.

O pai dela o encarou por um longo tempo e depois assentiu, e seus olhos se voltaram para Abby. Ele deu um leve sorriso, como se tivesse visto algo dentro de Matt e aprovado.

— Cuide-se — foi tudo o que ele disse a ela.

Ela foi até ele, inclinando-se e abraçando-o. Ele cheirava levemente a loção pós-barba Old Spice, que ele sempre usava, mas por baixo disso havia o cheiro da idade e da doença. Sua saúde estava falhando e esse novo desenvolvimento não estava ajudando nada.

— Pai, você precisa se cuidar também— disse ela.

— Eu sempre me cuido — ele riu, e então começou a tossir pesadamente.

Abby se afastou do pai. Danny a estava observando agora.

— Então, para onde vocês vão? - perguntou Danny, quase uma acusação.

— Eu não sei.

Danny sorriu e olhou para o céu, que era pesado e cinza.

— Tanto faz, Abby. Você não me deve nenhuma explicação, eu acho.

— Entraremos em contato, Danny. Por enquanto, deixe o pessoal de Matt cuidar das coisas por um tempo.

Danny deu de ombros.

— Por que não? Eu não tenho escolha. Perdemos tudo naquele incêndio. Tudo se foi.

— Vai levar tempo— disse Matt — mas essas coisas podem ser consertadas. Não é irreparável.

— Você viu a nossa casa?— Danny disse, virando-se e apontando.

— Já vi coisa muito pior— disse Matt, seu tom ficando mais aguçado. — E vi famílias sobreviverem e prosperarem na esteira da tragédia. Vamos garantir que vocês sejam uma dessas famílias.

Os dois encararam os olhos como se estivessem envolvidos em algum

impasse invisível.

Finalmente, Danny baixou o olhar.

— Se é o que você diz, Matt — ele murmurou.

— Infelizmente, não podemos ficar mais tempo— Matt disse a todos. Ele pegou a mão de Abby e apertou-a com força. — Estamos saindo e indo a algum lugar para nos escondermos por um tempo, mas prometo a todos que essa situação será tratada em pouco tempo.

Danny observou Matt falar com olhos confusos e desconcertados.

— Aguardamos seu retorno, então.

A equipe de segurança já os cercara.

— Senhor - disse um homem menor com bigode grisalho a Danny. — Gostaríamos que você, sua mãe e seu pai viessem conosco.

— Por que sinto que fui eu quem cometeu um crime?— Danny disse, ficando atrás da cadeira de rodas do pai e começando a empurrar.

— Vou pedir que um dos meus homens o empurre — disse o líder da equipe de segurança.

— Não, eu vou ficar com meu pai — Danny rosnou. Ele olhou furioso para Abby e então o grupo inteiro começou a se afastar, na direção da frota de carros que os esperava.

— Para onde eles estão indo?— Abby perguntou a Matt.

— A um lugar seguro— Matt disse a ela.

— E nós? Não devemos ir com eles?

— Não — ele disse. — Vamos lá.— Ele a puxou gentilmente de volta para o carro, onde o motorista deles esperava.

Eles voltaram para dentro e fecharam a porta.

— Matt, você não deveria pelo menos me dizer qual é o plano? Eu não tenho ideia do que está acontecendo.

— Confie em mim — disse ele, olhando nos olhos dela. — Você confia em mim, Abby?

— Claro— ela sussurrou.

Tudo nela sentia medo, tristeza e terror, mas também se deleitava com a maneira como Matt Hunter assumiu o comando e finalmente mostrou seus verdadeiros sentimentos.

Talvez valha a pena, pensou ela, envergonhada por ser tão feliz quanto estava no meio desse caos e tragédia.

Mas talvez tudo dê certo. Talvez no final todos estejamos mais próximos.

***

Eles estavam dirigindo por um longo tempo, pelos bosques do norte de Nova York. Matt se recusou a dizer exatamente para onde eles estavam indo. Algumas horas depois da viagem, eles pararam em uma pequena lanchonete e fizeram uma refeição aconchegante, apenas os dois.

Abby tomou café e olhou pela janela as caminhonetes que estacionavam no estacionamento e os corpulentos motoristas saindo, alguns deles se reunindo e conversando ao lado da entrada.

— O que ela disse.

Ele apenas deu de ombros.

— Nada.

— Sua expressão não parece nada.

Ele começou a sorrir maliciosamente.

— Suponho que estou surpreendentemente feliz.

— E por que isto?

Ele olhou para ela.

— Minha vida inteira está desmoronando ao meu redor e nunca me senti mais eu mesmo, mais livre, mais aliviado. E acho que é por sua causa.

— Tenho certeza que isso não é verdade.

Ele assentiu, sua expressão ficando séria.

— Não, é verdade, Abby.— Ele levou o copo à boca. — Desde que eu tenha você na minha vida, eu realmente poderia dar a mínima para o que acontece com todo o resto.

— E a sua turnê, Matt? Você não pode simplesmente cancelá-lo novamente.

— Não posso?— Ele perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Eu não sei. Parece ser um grande risco.

— Perder você é um risco que não estou disposto a correr— respondeu ele. — Perder minha carreira, por outro lado ... bem, talvez isso não me preocupe tanto agora.

Abby não podia acreditar no que estava ouvindo. Suas bochechas coraram.

— Você ainda não vai me dizer para onde estamos indo?

Ele apontou para a janela e ela olhou novamente.

No estacionamento, havia outro sedan ao lado do carro agora. Alguém que ela não reconheceu estava desempacotando malas e caixas do carro novo e o motorista de Matt estava pegando as malas e as caixas e colocando-as no porta-malas do carro.

— O que está acontecendo?— Ela perguntou.

— São nossas roupas e suprimentos— disse Matt. — Tudo foi arranjado, Abby.

— Por quem?

Ele riu.

— Por mim, é claro.

— Vamos nos esconder — disse ela, finalmente se virando da janela para olhar o rosto dele, observando sua reação.

Ele olhou para ela e seu sorriso malicioso havia retornado.

— Pense nisso como umas férias bem merecidas.

Abby balançou a cabeça, mas suas bochechas ainda estavam vermelhas.

— Haverá mais alguém conosco?

— Você quer que vá? — Matt perguntou, seus olhos brilhando maliciosamente. — Posso fazer algumas ligações, fazer com que o Cirque Du Soleil passe por aqui ou pedir que alguns turistas fiquem na propriedade. Você escolhe.

— É claro que quero que sejamos apenas nós— disse Abby. Ela estremeceu um pouco, mas foi um arrepio agradável, ao olhar em volta para o ambiente pitoresco. Uma garçonete estava pegando alguns pratos vazios no balcão e dois homens velhos discutiam política com o chef, que estava por perto com um avental manchado, seu rosto grisalho como prova de uma vida inteira de trabalho duro.

Do lado de fora, a pequena congregação de caminhoneiros começara a entrar no restaurante.

Eles entraram e se sentaram em duas cabines, não muito longe de onde Abby e Matt estavam sentados.

Matt ficou em silêncio, parecendo satisfeito em apenas sentar e saborear seu café.

Abby sentiu o mesmo. De alguma forma, apesar de tudo, ela nunca esteve tão segura e feliz do que estava naquele momento.

E era por causa de Matt.

Poucos minutos depois, ele pagou a conta em dinheiro e eles saíram e voltaram para o carro. Matt deu ao motorista um sanduíche de ovo e um café em uma xícara de isopor, e o motorista pareceu grato por isso.

Em pouco tempo, eles estavam dirigindo novamente.

Eles foram mais fundo no país, e as cidades ficaram menores e as casas se separaram.

Em pouco tempo, eles estavam viajando em estradas não pavimentadas e o carro saltou como se estivesse dirigindo em trilhos de trem ou algo assim. Eventualmente, eles estavam entrando na floresta em uma estrada tão estreita que o carro mal podia passar.

As árvores eram grossas e densas e a estrada ficou mais estreita ainda.

Finalmente, a estrada - como era - chegou ao fim. O motorista estacionou e desligou o carro. Não havia nada à vista. Eles estavam em um beco sem saída.

— Matt, estou começando a ficar com medo— disse ela.

Ele se virou para ela e sorriu, colocando a mão na coxa dela.

— Não se preocupe, Abby. Estamos perto.

— Não há nada aqui.

— É uma pequena caminhada, nada mais.

— Uma caminhada? — Ela disse, seu estômago revirando ansiosamente. — Estamos no meio do nada.

— Esse é o ponto. Vamos. Ele abriu a porta e saiu, e chamou Abby para segui-lo. Ela saiu do carro e seus pés pisaram em um monte de folhas molhadas.

O motorista já estava começando a descarregar a bagagem do porta-malas do carro e colocando-a ao lado do caminho vazio.

Matt o ajudou com a última das caixas e bolsas e depois eles apertaram as mãos.

— Realmente aprecio toda a sua ajuda, Russell — disse ele ao motorista.

— O prazer é meu, Matt. Você tem meu número se precisar de mais alguma coisa. O motorista entrou no carro e ligou. Ele precisava fazer uma curva muito difícil, e Abby pensou com certeza que iria ficar preso, mas ele executou perfeitamente e conseguiu dar a volta no carro.

Ela observou com pavor crescente o carro desaparecer pelo caminho esburacado. Então ela olhou para a pilha de malas e caixas.

— O que fazemos com tudo isso?

Matt se inclinou e pegou duas malas, uma mala em cada mão.

— Eu cuidarei disso.

— Matt, eu não vou deixar você carregar essas coisas sozinho.

Ele lançou-lhe um olhar severo.

— É o mínimo que posso fazer por você. Apenas se concentre em caminhar.

Ela seguiu Matt enquanto ele a conduzia pela floresta, caminhando cerca de quatro ou cinco minutos antes de entrarem em uma pequena clareira e chegarem a uma bela cabana. Era obviamente bem feito e, embora não fosse muito grande, Abby estava feliz por não ser uma tenda.

Ela estava começando a pensar que eles iriam dormir sob as estrelas naquela noite.

Matt abriu a porta da cabine.

— Precisamos fazer com que o calor aconteça neste lugar— disse ele. No interior, havia principalmente um grande espaço aberto com alguns móveis básicos. Algumas cadeiras, um sofá, um fogão a lenha.

Na cozinha, havia uma geladeira e outro fogão.

— Temos água corrente e eletricidade?— Ela perguntou.

— Temos um gerador que é bom para alimentar algumas coisas como o fogão e temos acesso à água do poço. — Ele olhou em volta, tossindo. — Está mofado aqui. Eu não uso este lugar há muito tempo. Precisa arejar um pouco.

Abby não tinha certeza do que pensava, mas depois lembrou a si mesma que estava aqui com Matt. Sozinho. Isso era alguma coisa, não era?

— E ninguém mais sabe que estamos aqui, exceto o seu motorista— disse ela lentamente.

Matt assentiu, as mãos nos quadris.

— É isso aí. E Russell é um cara legal. Ele é meu motorista há anos. Acho que não temos nada com que nos preocupar. — Matt atravessou a sala e puxou um grande baú de madeira para o centro. — Além disso— continuou Matt, enquanto abriu a tampa e olhou para o peito, — eu tenho maneiras de lidar com qualquer intruso indesejado.

Abby assistiu em choque enquanto Matt puxava um arsenal de armas do baú de madeira e as colocava no chão da cabana.

Havia pistolas, metralhadoras, espingardas e mais munição do que ela poderia acreditar que uma pessoa fosse precisar.

Ver as armas a encheu de frio arrepiante, sabendo que Matt as havia armazenado neste lugar por uma razão muito óbvia. Em algum momento no passado, ele pensou que chegaria uma hora como essa.

Ele sabia que algum dia no futuro ele precisaria dessas armas e dessa localização remota para se agachar e combater quem quer que estivesse vindo atrás dele.

— Matt— disse ela, sua voz suave com ansiedade.

Ele estava ocupado ajoelhado e examinando suas armas e munição.

— Tudo parece estar em ótima forma— anunciou Matt.

— Estou com medo— ela sussurrou.

Ele olhou para ela.

— Não tenha medo. Vou garantir que nada aconteça com você.

— Mas por que você tinha todas essas coisas aqui? Você sabia que isso poderia acontecer?

Ele suspirou e levantou-se do chão, caminhando em sua direção. Mais do que nunca, ela pensou, Matt Hunter parecia um super-herói de cinema, um homem que podia lidar com tudo e qualquer coisa que a vida lhe mostrasse.

Ele era musculoso, gracioso, bonito e completamente seguro de si.

Talvez fosse realmente quando ele estava em seu elemento, ainda mais do que quando ele estava se apresentando no palco. Talvez estar em guerra fosse realmente onde ele se sentisse mais como seu verdadeiro eu.

E então as mãos de Matt estavam em seus braços, segurando-a enquanto ele olhava nos olhos dela.

— É claro que eu sabia que esse dia poderia chegar.

— Como você pôde saber disso?

Ele lambeu os lábios.

— Porque— ele disse, — as coisas que fiz a serviço do meu país me colocaram em risco. Não apenas na época em que os fiz, mas pelo resto da minha vida. Ferimos algumas pessoas muito, muito poderosas - alguns grupos poderosos que eu sabia que não se sentariam e assistiriam à margem. Imaginei que eles poderiam tentar se vingar em algum momento.

— E essas pessoas poderosas que você machucou - disse Abby, com a pele arrepiada —, eles de alguma forma sabiam que era você quem fazia essas coisas pessoalmente? O que você fez com eles? Como eles puderam saber que era você?

Matt sorriu e colocou a mão na bochecha dela.

— Não se preocupe com os detalhes— ele disse a ela. — Eu entendo que é assustador. O CLUB VIP assustou você com a conversa difícil e o que eles fizeram na casa de seus pais. Mas eles não são nada além de agressores com mais dinheiro do que bom senso. Eles não são nada.

— Se não são nada, por que estamos nos escondendo?

Matt se afastou dela, lentamente, e voltou para suas armas, olhando-as como um monte de presentes de Natal que precisavam ser embrulhados.

— Estamos nos escondendo porque eles ainda não sabem com que facilidade eu posso destruí-los. — Ele olhou para Abby e piscou. — Tudo fará sentido em breve.

Abby se abraçou, tremendo no frio da cabana, e com o conhecimento de que essa situação ficaria violenta e assustadora muito em breve.

— Tem que haver uma maneira de evitar machucar alguém, Matt.

Ele riu.

— Eu duvido disso.

— E se você for morto?

— Se eles não puderam me matar no Afeganistão, duvido muito que Scott, do CLUB VIP, termine o trabalho.

— Estou falando sério, Matt. — Abby caminhou em sua direção. — Olhe para mim.

Ele olhou para ela novamente com seus olhos castanhos, e ela viu que ele estava cheio de uma necessidade intensa e que não havia mais nada para detê-lo.

— Estou olhando para você— disse ele suavemente, e sua voz era profunda e gutural.

Seu corpo começou a formigar, especialmente entre as pernas.

— Eu preciso saber que você vai ficar seguro, porque não posso suportar o pensamento de algo acontecer com você.

— E eu não posso suportar o pensamento de não segurar você nua em meus braços agora— respondeu Matt, um sorriso sexy se espalhando por seu rosto.

— Este não é o momento para isso— disse Abby.

Mas Matt já havia se virado e agarrado seu antebraço com a mão forte.

— Vou pegar o resto da bagagem e suprimentos. Mas, quando terminar, aposto que vou ter apetite.

Seus mamilos endureceram. Ela o queria muito, ela percebeu, apesar da natureza de suas circunstâncias. Ela também estava animada, e foi incrível para Abby como ela ainda podia se sentir tão excitada no meio dessa estranha

e caótica mudança de eventos.

Mas esse era apenas o efeito que Matt Hunter parecia ter nela.

Ele soltou o antebraço dela lentamente, as pontas dos dedos passando pelo pulso e pela palma da mão enquanto a soltava. E então ele imediatamente saiu da cabana e voltou pela floresta.

Durante a hora seguinte, Matt trabalhou obstinadamente para arrastar os suprimentos e as malas de volta para a cabana.

Abby tentou ajudá-lo, mas ele recusou qualquer ajuda. Ele parecia gostar de caminhar pela floresta como um cavalo de trabalho, carregando carga após carga. Quando terminou, seu corpo estava encharcado de suor. Sua camisa estava grudada no peito e nas costas e quase transparente.

Observando-o trabalhar e suar, com o peito e o pescoço brilhando, Abby se viu antecipando o que ele prometeu fazer com ela cada vez mais.

Era quase demais, porque passou pela sua mente mais de uma vez que era Matt Hunter, a celebridade que toda mulher queria aqui sozinha com ela - protegendo-a - sua mente e corpo dela para explorar neste local remoto que era de todas as garotas. fantasia.

Mas eu sou o suficiente? Eu sou realmente o suficiente para ele? Como eu poderia ser?

Finalmente, Matt parou de trabalhar. Ele entrou na cabana e largou a última caixa pesadamente no chão e depois tirou a camisa molhada, jogando-a aos pés e olhando diretamente nos olhos de Abby.

Ela sentiu a boca secar.

Matt estava sem camisa, seu peito liso ainda subindo e descendo enquanto se recuperava de seus esforços. Seus abdominais eram tensos e macios e pareciam estar acenando para ela tocar seu estômago liso, passar os dedos sobre a pele macia.

— Eu preciso de água— disse ele, seus olhos ainda focados apenas

nela.

Ela mal podia respirar e seus joelhos estavam literalmente fracos.

— Eu - eu vou pegar um pouco— disse ela, sua voz soando rouca enquanto tentava falar claramente, apesar de sua excitação.

— Há canecas na cozinha— disse ele, — e a torneira na pia deve funcionar.

Abby entrou na cozinha e abriu os velhos armários de madeira até encontrar onde as canecas estavam. Havia apenas um punhado deles. Ela pegou a caneca maior e depois foi até a pia e abriu a torneira.

No começo, nada saiu e havia simplesmente sons estranhos e silenciosos vindos da torneira. Mas então, os sons ficaram mais altos e uma rajada de água marrom, escura e enferrujada começou a jorrar em rajadas curtas e erráticas.

Abby fez uma careta quando olhou para a água marrom.

Não parecia muito potável.

Lentamente, porém, a água começou a fluir mais regularmente e a cor mudou para o normal. Parecia que a torneira não era usada há muito tempo. Ela enfiou a caneca e encheu quase até a borda.

Foi até Matt. Ele estava esperando por ela, ainda nu da cintura para cima, e o olhar em seus olhos era o mesmo. Ele a observou aproximar-se dele como um leão observando uma gazela.

Ele pegou a caneca dela e começou a beber. Um pouco da água escorreu por seu queixo e pescoço enquanto ele engolia em seco. Em segundos, ele terminou. Ele engoliu em seco, deixando a caneca cair da mão ao seu lado.

— Eu precisava disso— ele disse simplesmente.

— Bom. Fico feliz por poder ao menos fazer alguma coisa. Ela sorriu

nervosamente. A tensão no ar era tão espessa que ela praticamente podia sentir o gosto.

Matt se aproximou dela.

— Você tem medo de ficar completamente sozinha comigo? Sem distrações? Nada para nos separar?

— Eu deveria lhe fazer essa pergunta— disse ela, mas seu coração estava batendo rápido o suficiente para revelar a mentira.

Matt sorriu.

— Eu não estou com medo.

— Nem eu— ela mentiu novamente.

— Você não teria medo se eu arrancasse suas roupas aqui e agora, colocasse você no chão e beijasse cada centímetro do seu corpo nu?— Ele perguntou.

— Essa é uma pergunta carregada.

— Sim, é.— Matt deixou cair a caneca no chão.

— Ei, não temos muitos desses — disse ela, curvando-se para pegá-lo.

Enquanto ela o fazia, Matt a agarrou por trás pelos quadris. Ela ficou ereta e os braços dele envolveram sua cintura, e uma mão agarrou seus seios enquanto os lábios dele roçavam seu pescoço e depois sua orelha.

— Eu não aguento mais — ele sussurrou. — Eu te quero tanto.

— Matt — ela suspirou. — Temos muito o que fazer. Nós precisamos de um plano.

— Meu plano é fazer você gozar tantas vezes até que você não consiga pensar direito.

Ela riu e tentou com entusiasmo fugir, mas os bíceps dele se expandiram contra ela quando ele a controlou facilmente. Agora seus lábios eram muito mais insistentes, e sua vontade de lutar estava enfraquecendo.

Por que estou lutando com ele ? Ela imaginou. De alguma forma, parecia a coisa certa a fazer. Que tipo de garota simplesmente se despia e cedia?

— Eu nem sei o que estamos fazendo ou quanto tempo vamos ficar aqui— disse ela. — Você precisa me entender.

— Aqui está sua primeira pista — disse Matt, e sua língua lambeu o lóbulo da orelha dela, e então ele a chupou. — É disso que seus dias e noites consistirão.

Ela gemeu e jogou a cabeça para trás. Pareceu incrível. Seus mamilos endureceram quando a mão dele trabalhou sob sua blusa e avidamente agarrou seus seios, brincando com seus mamilos enquanto ele chupava seu lóbulo da orelha.

— Matt, por favor.

— Por favor, o que? — Ele perguntou, sua voz pesada de desejo.

— Eu preciso saber o que está acontecendo.

— Isso é o que está acontecendo, Abby.

Ela percebeu que Matt realmente precisava lhe contar algo substancial, e que esse poderia ser o jeito dele de evitar a realidade da situação deles. Ela se contorceu com mais força, finalmente se livrando de suas mãos.

— Qual é o seu plano? O que vamos fazer agora que estamos presos no meio do nada?

Matt estava respirando pesadamente e seu cabelo estava despenteado. Suas narinas alargaram quando seus ombros subiram e caíram

com a respiração.

— Você deveria me deixar preocupar com o que vem a seguir. Eu já te disse isso.

— Isso não é bom o suficiente para mim.

— Oh, não é bom o suficiente para você? — Ele disse, seu tom dando lugar à frustração.

— Não, não é. Preciso ser incluída nesse processo.

— Não é um processo — disse ele. — Isso é sobrevivência. Eu sei como fazê-lo melhor do que você.

— Mas eu quero ser incluída.

Matt balançou a cabeça.

— Então acho que não basta desistir da minha carreira, meu melhor amigo, me arriscar de todas as maneiras possíveis para mantê-la segura. Agora você também precisa estar no comitê de planejamento.

— Matt, não me faça parecer a pessoa má por querer algumas respostas.

— Você não pode fazer as regras, Abby. Desde que começamos esse relacionamento, você está lentamente tentando me quebrar e me fazer fazer as coisas da maneira que você quer.

— Eu não entendo por que você está tão bravo comigo por ter perguntas.

— Não é da sua conta! — Ele disse, erguendo a voz e inclinando-se para ela enquanto falava.

Ela ficou lá, perplexa e desanimada com a rapidez com que as coisas entre eles haviam mudado. Ela queria chorar, mas se forçou a não fazê-lo.

— Não é da minha conta — ela repetiu, assentindo. — Não é da minha conta.— Ela sorriu amargamente. — Eu deveria saber que nada realmente mudou entre nós.

— Abby— disse Matt, sua voz mais baixa agora. — Você simplesmente não entende por que tem que ser assim. Eu estou protegendo você.

— Não, você está se protegendo— respondeu ela. Ela olhou nos olhos dele e, apenas pelo sutil sobressalto, sabia que era verdade. — Você tem medo de me deixar como um parceiro igual, porque talvez você se machuque novamente.

Seus olhos estavam agora vazios quando as palavras dela chegaram em casa.

— Talvez eu não seja tão forte quanto você— disse ele, — mas estou fazendo o melhor que posso.

— Eu preciso de mais do que isso— disse ela. — Eu preciso ser incluída. Preciso que você me deixe entrar completamente.

Os ombros dele caíram.

— Eu não posso fazer isso— ele disse a ela.

— Por que não?— Ela implorou. — Por que você quer sabotar o que temos?

Ele desviou o olhar dela.

— Você simplesmente não pode aceitar minhas limitações, Abby.

— Porque não acredito que sejam reais. Você se machucou, Matt. Todo mundo se machucou.

Matt se afastou dela por um momento e ela viu como suas costas largas se expandiram e depois se contraíram enquanto ele estava lá, respirando e pensando. Finalmente, ele se virou e a encarou.

— Eu preciso dar uma volta — disse ele. — Eu não posso fazer isso agora.

— Por favor, não vá...

— Deixe-me em paz por um maldito minuto — disse ele, e então saiu rapidamente, dando-lhe um amplo espaço ao sair da cabana.

Ela ficou na porta e observou-o caminhar para a floresta. Seu estômago revirou quando ela pegou o celular e viu que não tinha serviço. Como ela contataria alguém se algo acontecesse?

E se ela quisesse ir embora? Eles não tinham carro, nenhuma forma de transporte ou comunicação com o mundo exterior. Eles estavam a quilômetros de distância de qualquer ajuda. Matt poderia cair e quebrar a perna andando na floresta e ela nunca saberia onde ele estava ou teria a capacidade de chamar uma ambulância.

Sem mencionar, com a chance de um de seus inimigos descobrir de alguma maneira onde estavam escondidos. Eles estavam sentados, sozinhos no deserto, sem capacidade de fugir ou pedir ajuda.

Então as lágrimas vieram. De alguma forma, Matt conseguiu que ela confiasse nele completamente, se colocasse em suas mãos sem sequer ter a menor ideia do que ele pretendia fazer para tirá-los dessa bagunça.

Até agora, pelas aparências, parecia que ele queria se esconder do mundo nesta cabana remota e polir sua coleção de armas o dia inteiro.

Não era maneira de viver e não ia resolver nada.

Matt fez uma turnê para promover seu novo álbum, que ele precisava terminar, e sua reputação estava em jogo. Sem mencionar o custo financeiro de cancelar uma turnê tão grande depois de tudo o que deu errado recentemente.

Além disso, Abby tinha suas próprias responsabilidades. Ela não tinha estado em contato com Melissa, e sua amiga precisava de seu apoio. Melissa

estava doente e assustada e agora Abby tinha acabado de desaparecer nela sem dizer uma palavra sobre aonde tinha ido.

Enquanto Abby esperava Matt voltar, o Mel escureceu e começou a chover. A chuva estava forte e sem piedade, e ela ouviu respingar ritmicamente no telhado e nas janelas.

Se Matt estivesse lá com ela, teria sido romântico. Eles poderiam ter se aconchegado juntos, mantido um ao outro quente.

Em vez disso, ela estava tremendo, sozinha e assustada.

Os minutos passaram enquanto a chuva continuava a cair de um céu furioso. Horas depois, ele ainda não tinha voltado.

***

Quando Matt voltou para a cabana, Abby já havia perdido a esperança. Seu coração se encheu de alívio quando ele entrou pela porta, encharcado da cabeça aos pés. Ele saiu sem camisa e sua parte superior do corpo pingava a chuva. Suas calças estavam completamente encharcadas, e Matt tirou os sapatos e depois as calças imediatamente depois de entrar.

Abby correu para ele.

— Você está bem? — Ela disse, querendo abraçá-lo e gritar com ele de uma só vez.

Matt nem olhou para ela.

— Eu preciso de uma bebida— disse ele, tirando a calça. Ele estava de cueca, que também estava completamente molhada e agarrada às pernas e quadris.

— Matt, você não pode simplesmente me deixar assim. Eu estava assustada. Meu celular não funciona.

— Eu disse, preciso de uma bebida.— Ele entrou na cozinha e remexeu por um momento antes de pegar uma garrafa de vodca.

— Você realmente acha que é uma boa ideia? — Disse Abby.

Matt olhou para ela e seus olhos estavam mais escuros do que o céu lá fora.

— Eu acho que é a porra de uma ideia fantástica, na verdade.— Ele girou a tampa da garrafa e ela caiu no chão e rolou sob a pia. Então Matt levou a garrafa aos lábios e tomou um gole longo, fechando os olhos ao fazê-lo.

Abby não podia acreditar no que estava vendo.

— Então agora você vai ficar bêbado? É por isso que viemos para o meio do nada?

— Talvez— ele respondeu, limpando a boca com as costas da mão. Ele apoiou os quadris na bancada e esperou, a garrafa apoiada casualmente na perna. — Talvez seja o que o médico pediu. Vou me nocautear e acordar amanhã e o mundo parecerá diferente.

Ela olhou para ele.

— E talvez eu pareça diferente também. Não foi isso que você esqueceu de dizer?

Os lábios de Matt se curvaram.

— Nem tudo é sempre sobre você, Abby.

— Isso é porque é sempre sobre você, Matt

Ele sorriu.

— Agora você está entendendo.

— Eu só queria não ter conseguido agora, quando estou preso no meio do nada com você.

O sorriso dele desapareceu.

— É horrível, não é? Ficar presa com um cara tão horrível como eu. Eu me sinto mal por você. Não sei como você aguenta.

— Por que você está agindo assim, Matt?— Ela disse. — Um segundo você promete me proteger e no outro você age como se eu fosse um monstro tentando te destruir.

Ele balançou a cabeça e tomou outro gole de vodca.

— Não tente me entender. Não há nada a resolver. De repente não vou me abrir e entender o mundo para você. Então, pare de tentar já.

Abby olhou para ele pelo que pareceu uma eternidade. Ela ficou cada vez mais consciente do fato de que Matt simplesmente nunca a respeitaria. Ele disse a ela repetidamente que não podia atender às necessidades dela, mas ela mantinha a esperança viva. Ela o deixou guiá-la, acreditando nos pequenos comentários que ele fez sobre cuidar dela e protegê-la.

Mas, aparentemente, o que Matt pensava como protegê-la não tinha nada a ver com respeitá-la como pessoa. Ela era apenas uma propriedade, outro brinquedo, outra coisa que ele possuía e se recusava a desistir.

Esse tipo de proteção, ela não queria ou precisava.

— Você sabe o que?— Ela disse.

— O quê?— Matt perguntou, sua voz soando entediada. Ele preparou a garrafa de vodca para outro gole.

— Estou cansada disso.— Ela olhou para fora e viu que a chuva estava subindo. Ótimo. Ela teria ido de qualquer maneira, mas era melhor não ter que andar em um aguaceiro.

Abby saiu da cozinha e Matt não se mexeu para detê-la.

Ela chegou à porta da frente e perguntou a si mesma se iria sair em

um acesso de raiva.

Você pode se perder na floresta e morrer por aí.

Eu não vou ficar aqui com ele. De jeito nenhum. Eu não vou me colocar mais nisso.

Mas para onde você vai?

Ela não sabia. Seu único pensamento era voltar ao caminho que eles haviam percorrido e segui-lo até a estrada, e uma vez que conseguisse sinal de volta ao telefone, ligaria para alguém para buscá-la.

Abby empurrou a porta da frente e sentiu o chuvisco. Seus ossos já estavam gelados e doloridos e ela gemeu um pouco, como uma criança entrando em um porão escuro sem ninguém para fazer sua companhia.

Não brinque agora, Abby. Ele só rirá de você se você se virar e voltar para dentro porque ficou úmida por causa de uma garoa.

O pensamento de Matt rir dela era muito irritante. Ela continuou andando, parte de si já lamentando essa decisão apressada, enquanto outra parte dela apressou os pés para a frente.

Mostre a ele que você é mais forte do que ele pensava. Deixe-o. Deixe a ele e sua besteira condescendente para trás.

Abby levantou o queixo e colocou os ombros para trás enquanto entrava na floresta. Ela sabia a direção geral a seguir e, felizmente, podia ver as pegadas que os sapatos de Matt haviam deixado no chão lamacento enquanto ele arrastava os suprimentos de onde o carro os largara.

Fracamente, ao se afastar da cabine, Abby pensou ter ouvido uma voz.

Ele ecoou, se transformou para que ela não pudesse ter certeza de quem era.

A voz estava chamando seu nome. Definitivamente era Matt, e ele estava gritando por ela, mas ela continuou tropeçando para a frente através da terra, folhas, lama e vegetação rasteira da floresta. Abby percebeu que estava chorando nos últimos minutos, mas começou a se misturar com a chuva, que mais uma vez começou a cair.

Não importava, no entanto. Ela caminhava para aquele caminho estúpido e o seguia por muitos quilômetros até a estrada principal mais próxima e ligaria para Danny. Danny viria buscá-la e lhe diria como ela deveria ouvi-lo e ficar longe de Matt.

Tudo deu errado para ela depois que ela conheceu Matt Hunter.

Abby continuou andando, e depois percebeu tardiamente que Matt havia parado de chamar seu nome. Ela pensou que ele havia desistido tão rapidamente.

Ele não podia nem se dar ao trabalho de chamá-la mais do que algumas vezes, era assim que ela realmente significava para ele.

Apenas alguns minutos depois, ela ouviu algo atrás dela. Parecia um animal se movendo no mato, e quando ela se virou, Matt estava lá, vestindo jeans e camiseta e ele estava encharcado até os ossos novamente, e a chuva começou a cair ainda mais forte e o trovão caiu sobre eles.

— Deixe-me em paz! — ela gritou para ele, chorando enquanto dizia isso, porque estava com raiva de si mesma por estar tão feliz em vê-lo.

— Abby— disse ele, estendendo a mão. — Vamos.

— Não! Foda-se! - ela gritou, depois se virou e começou a correr.

Matt correu atrás dela e ela tentou correr mais rápido, mas o chão era macio e seus pés estavam escorregando e então ele a agarrou pela cintura e a estava içando, puxando-a contra seu corpo.

— Pare de correr— disse ele. — Simplesmente pare.

Abby tentou fugir, mas ele a abraçou com força.

— Por que você me trata como uma merda? Por quê? O que eu fiz para torná-lo tão mau para mim?

Matt continuou a abraçá-la com força.

— Volte para a cabana comigo. Por favor.

— Não. Eu te odeio, Matt. Eu te odeio tanto.

Os olhos dele se estreitaram e ela viu que suas palavras o machucaram genuinamente.

— Eu não culpo você por me odiar. Mas volte comigo, pelo menos por hoje à noite. Se você ainda quiser sair amanhã de manhã, eu também a escolto.

— Eu não preciso de uma escolta, imbecil!— Ela gritou. — Eu não preciso de você!

Ele a soltou.

— Eu tentei— disse ele, suspirando e virando as costas para ela.

Ela riu e levantou as mãos.

— Você chama isso de tentativa? Você está falando sério? Que piada. Você não passa de um desistente!

Ele se virou novamente e seus olhos estavam brilhando agora.

— Não me teste, Abby— disse ele, caminhando em sua direção. A chuva diminuiu momentaneamente, mas ele estava pingando água em seu rosto e corpo.

— Eu não estou testando você— disse ela. — Você é quem está tornando isso impossível e você sabe disso. Não é minha culpa.

Eles se entreolharam por um momento, e então Matt deu um passo à frente e passou as mãos pela nuca dela, puxou o rosto na direção dele e a beijou longa e duramente. Seus lábios estavam desesperados e gananciosos e Abby sentiu sua vontade de resistir, dando lugar a seu intenso desejo por ele.

Ela gemeu na garganta quando permitiu que sua língua se movesse,

entrando na boca dele e encontrando a língua dele, e suas mãos deslizaram pelas costas dela e depois agarraram suas nádegas.

Ele pressionou seu corpo contra o dela.

A chuva começou de novo e tornou-se um aguaceiro e ela não se importou. Matt agarrou sua blusa e a arrancou, expondo sua pele nua ao mundo. Abby pegou a camisa de Matt, puxou-a por cima dos ombros e a jogou para o lado.

Ela deslizou as mãos para cima e para baixo no peito dele, com fome de senti-lo todo. Ela se inclinou e lambeu o peito e os mamilos e depois beijou seu estômago liso, com gosto de sal, água e suor. Ela alcançou a linha do cinto, desabotoou os jeans e os abriu, ainda o beijando.

Matt pressionou as mãos contra a cabeça dela, agarrando seu cabelo e segurando-o com força enquanto ela deslizava seu pênis duro para fora de sua cueca e imediatamente começou a chupá-lo, levando-o profundamente em sua boca.

Ela nunca quis tanto algo em sua vida como queria Matt Hunter naquele momento.

Abby o chupou, lambeu seu pau, e ela percebeu pela rigidez dele que ele estava tão excitado e louco quanto ela.

Matt se afastou dela e ela olhou para ele, sem saber se algo havia mudado, se ele iria pedir para ela parar.

Mas então ele ficou de pé e a estava empurrando para trás, para que ela estivesse deitada de costas, enquanto ele a despia, tirando até a calcinha. A chuva estava ensopando seu corpo nu e ela podia sentir a sujeira e as folhas nas costas, mesmo nos cabelos - e ela não se importava.

A boca molhada de Matt estava entre as pernas dela, e ela gritou em abandono, as coxas tremendo quando ele deslizou a língua em suas boceta e tocou seu lugar mais profundo.

Ele chupou sua boceta, suas mãos controlando seus quadris, trazendo seu corpo para ele, seus ombros fortes trabalhando visivelmente enquanto ele enterrava o rosto entre as pernas dela.

Ela gritou de novo e de novo, porque era tão bom e foi tudo um alívio. Matt sacudiu seu clitóris inchado com a língua, e então o chupou, e Abby gozou com tanta força que seus quadris arquearam-se e Matt levantou as mãos e deslizou-as para os seios.

— Me come — ela gritou. — Por favor por favor. Por favor, preciso de você dentro de mim, Matt.

Ele hesitou.

— Você tem certeza?

— Eu preciso de você.

E então, era como se algo dentro dele quebrasse, e ela o visse quebrar - o olhar nos olhos dele lhe dizia que qualquer resistência que ele tivesse a essa proximidade entre eles finalmente cederia. O dique realmente quebrou, e sua paixão de repente se tornou muito mais intensa.

Ele tirou a calça e a cueca para ficar tão nu quanto ela.

A chuva não tinha parado, mas nenhum deles parecia se importar. Seus corpos escorregadios precisavam um do outro, e a boca de Matt estava em seus mamilos, chupando e lambendo e beijando, e então sua boca estava na dela.

Sua paixão era desenfreada, e ele inseriu sua dureza nela, empurrando lenta e insistentemente seu espaço sagrado que nunca havia sido preenchido antes.

Abby o agarrou a ela, pois tudo dentro dela estava tão cheio de calor e calor que ela não aguentou.

Um momento de dor aguda e penetrante a deixou tensa.

— Você está bem? — Ele perguntou, parando momentaneamente, sua expressão preocupada.

Ela assentiu.

— Sim, eu estou bem.

A dor aguda diminuiu para uma dor lenta e doce.

Isso a dominou, quão bom, bonito e certo Matt se sentia dentro dela.

Matt olhou diretamente nos olhos dela quando ele a penetrou completamente.

Ela olhou para ele e sua respiração ficou profunda dentro de seu peito, quase como se ela não pudesse mais controlar seu próprio corpo.

— Oh, Matt— ela sussurrou.

— Abby— ele sussurrou de volta para ela. — Você é incrível.

Ele fechou os olhos e baixou a cabeça, como se também estivesse sendo dominado pela sensação que seus corpos criaram nele.

Abby sentiu sua masculinidade deslizando quase todo o caminho e depois pressionando insistentemente para baixo, penetrando sua carne mais uma vez. Quando ele a cavou, ela gritou de prazer.

Era tudo tão novo para ela, e ainda assim tudo parecia completamente certo, como algo que ela experimentou em outra vida e agora estava revivendo isso no presente.

As pálpebras dela tremeram e os olhos reviraram, como se ela tivesse acabado de ser injetada com a droga mais forte do mundo.

E talvez ela tivesse.

Matt se retirou lentamente e empurrou novamente, seus quadris balançando lentamente para frente e para trás quando ele começou a fazer

amor com ela com mais e mais entusiasmo.

Abby colocou as pernas em volta das nádegas nuas, os pés enganchando nos tornozelos enquanto o puxava contra ela. Ela agarrou a caixa torácica dele com as mãos enquanto Matt a beijava, enquanto ele continuava entrando e saindo, entrando e saindo.

Ele abriu os olhos novamente e quando seus olhos se fixaram nos dela, Abby sentiu outro choque de reconhecimento.

É assim que se sente quando duas almas se unem.

A emoção ameaçava dominá-la, quando os sentimentos começaram a se formar dentro de seu corpo nu e trêmulo.

A chuva ainda estava caindo, mas parecia que os dois estavam em um casulo protetor e invisível. Ou, mais provavelmente, o calor e a paixão que eles criaram estavam queimando a chuva tão rapidamente quanto atingia seus corpos.

As mãos de Matt foram pressionadas no chão enquanto ele se mantinha acima dela, dividindo seu aperto com seu pau grande e duro. Tudo entre eles estava molhado, quente e suculento. A carne dele acariciava a carne dela, acendendo sensações que Abby nem pensara ser possível.

— Eu vou gozar— ela o avisou.

— Eu quero que você goze — ele disse a ela, e então seus lábios estavam nos dela novamente, e ela sentiu o tremor dentro de sua construção se transformar em um frenesi completo.

Foi quase assustador.

O que estava acontecendo com seu corpo? Era como se ela tivesse sido dominada completamente pela catarse de tudo, dominada pelo êxtase.

Ela agarrou as costas de Matt e gritou em sua boca. E então seus quadris estavam se movendo com os dele, instando-o a ir mais rápido, a dor e o prazer se combinavam quando ela o absorvia várias vezes, aquecendo seu

espaço mais sagrado com um fogo que a queimava por dentro e por fora.

Quando ela chegou, não havia mais nada para dar, mas ela sentiu Matt se entregando, e ele estremeceu incontrolavelmente quando tudo nele esvaziou dentro dela e ela a apertou com força, querendo tudo.

Ela queria tudo o que ele tinha para dar e, pela primeira vez, ele estava disposto a confiar nela com tudo.

***

Eles arrastaram suas roupas molhadas e sujas de volta para a cabana e os dois lavaram seus corpos no chuveiro externo alimentado temporariamente pelo gerador, tremendo e rindo juntos enquanto o jato frio de água os cobria.

Quando terminaram de tomar banho, Matt levou Abby para dentro da cama e cobriu os dois com os cobertores pesados que cheiravam a naftalina. Porém, não importava o cheiro dos cobertores, pensou Abby enquanto tremia sob eles com o corpo quente de Matt envolvendo o dela.

Ela a segurou com força, os lábios dele roçando a nuca dela.

— Estou feliz que você não fugiu— disse ele, enquanto o tremor dela diminuía.

— Estou feliz também— ela murmurou.

Houve um silêncio confortável, no qual Abby não pôde fazer nada além de sorrir.

O tempo parecia girar e eles ficaram juntos, completamente à vontade. Abby se viu à deriva, quase cochilando, até que ele falou.

— O Afeganistão foi um inferno — disse Matt, quebrando o silêncio com esse anúncio estranho.

Abby ficou assustada, mas depois pegou sua mão e a beijou.

— Eu realmente não posso imaginar isso— disse ela, feliz por ele

estar falando sobre isso, confiando nela finalmente.

— Ainda não consigo entender direito — disse Matt. — Você pensaria que eu seria capaz. Afinal, todos me dizem como eu prosperei lá, na luta, na areia, no deserto e na loucura. Eles me colocaram no comando dos homens porque eu não tinha medo - de alguma forma eu era capaz de pensar sob imensa pressão quando outros caras se irritavam. No centro da batalha, eu era o olho da tempestade. Foi o que meus comandantes me disseram, de qualquer maneira.

— Não era verdade? — Ela perguntou, com medo de perturbá-lo, mas querendo saber mais. Ela não podia acreditar que ele finalmente estava dizendo isso a ela.

— Eu não sei o que era verdade sobre esse tempo na minha vida— Matt suspirou. — Talvez os caras que se irritavam foram os corajosos.

Ela não entendeu por que ele diria isso.

— Não há nada errado em ser corajoso— ela disse a ele. — Você não deve se sentir mal com isso, Matt.

— Talvez eu simplesmente não sinta como as pessoas normais— disse ele.

— Eu não acredito nisso— ela respondeu.

— Eu sei que desde que cheguei em casa do Afeganistão, sou uma pessoa diferente. Se eu era normal, a guerra resolveu isso - ele disse, rindo com um pouco de amargura. — Vi meus melhores amigos mortos. As pessoas com quem eu ri, chorei, liam as cartas de seus pais e namoradas e, segundos depois, morriam

Ela engoliu em seco e apertou a mão dele com mais força.

— É normal ficar triste com isso— disse ela.

— E passei a maior parte do meu tempo acabando com os outros caras, que dizíamos serem maus.

— Eles não eram bandidos?

— Claro, alguns deles. Não era meu trabalho decidir quem vivia e morria. Eu seguia ordens como todo mundo.

Abby se virou e olhou para ele. Seus olhos estavam escuros e doloridos.

— Ninguém pode ser o mesmo depois de algo assim— disse ela, acariciando seu peito.

— A única coisa que me manteve um pouco ligada ao resto do mundo foi Peyton— disse ele. — Pensei nela como uma vela na escuridão e, nos piores momentos, pensei no sorriso dela, nos olhos dela. Eu pensei que ela estaria lá para me amar quando eu voltasse, e isso me fez passar por todas aquelas noites negras.

O estômago de Abby se contorceu como se ele tivesse enterrado uma faca entre as costelas, mas ela escondeu seus sentimentos. Pensar nas fortes emoções de Matt em relação a outra mulher, mesmo uma morta, foi muito doloroso. Mas Abby estava querendo que Matt lhe dissesse sobre si mesmo por tanto tempo que ela manteve sua própria dor bem disfarçada.

Era isso que você queria, Abby. Não reclame que dói agora que ele finalmente está fazendo o que você está pedindo.

— Como foi entre você e Peyton quando chegou em casa?— Abby perguntou, pegando sua mão e beijando os nós dos dedos.

— Foi diferente do que eu esperava— disse Matt suavemente.

Abby odiava sentir uma emoção de vitória em sua declaração. Era uma mulher morta, e Abby ainda era competitiva com ela. Era nojento de certa forma.

— Diferente como?— Abby perguntou.

— Eu posso estar me lembrando dessa maneira por causa do que eu descobri sobre ela mais tarde.— Matt respirou fundo e soltou lentamente. —

Eu estava muito ferrado com a guerra que ela provavelmente estava assustada. Eu tinha todos os sintomas clássicos: insônia, rajadas de raiva do nada, paranoica, reagindo a sons altos como se estivesse sob o fogo do inimigo, e é claro que não queria contar a ela sobre nada disso.

— Ela tentou falar com você sobre o que estava errado?

— Um pouco, mas não muito. É claro que não fui muito encorajador com seus esforços, mas também não posso dizer que ela se esforçou tanto.

Abby não pôde evitar, mas novamente se sentiu feliz em algum nível. Ela não queria que Peyton tentasse, e não queria que Matt tivesse realmente amado essa outra mulher. A verdade era que Abby queria ele e suas emoções só para ela.

— Vocês dois discutiam muito?

— Na maioria das vezes, estávamos distantes, como duas pessoas vivendo em dois planetas diferentes. Especialmente nos primeiros meses em que voltei. Ao mesmo tempo, tínhamos um casamento para planejar, e as coisas estavam avançando nessa frente. Quando o pior dos meus sintomas desapareceu e eu estava pronto para tentar resolver as coisas com Peyton, pronto para tentar consertar o que havia de errado conosco, descobri que ela estava doente.

Abby olhou para ele novamente. Ele fez contato visual com ela e deu-lhe o fantasma de um sorriso.

Ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha levemente.

— Você passou por muita coisa em muito pouco tempo.

— Ainda me lembro do dia em que ela voltou dos médicos e me disse que tinha câncer. Ela sabia que estava obtendo um resultado de biópsia e nem sequer mencionou isso para mim.

— Isso não faz sentido. Por que ela não contou?

Seu corpo ficou tenso.

— Eu não sei. Talvez ela estivesse ocupada contando para o cara com quem estava transando.

Abby nem conseguia falar. Todo o seu corpo se encheu de nojo de si mesma por pensar tão egoisticamente sobre o relacionamento dele com Peyton. Ele passou por horror após horror, decepção e traição, e aqui ela só estava preocupada com a forma como isso a afetava.

— Matt, eu não sabia. Eu sinto muito.

— Eu pulei na frente da história— ele riu. — Eu não descobri essa parte até o final, quando Peyton estava nos últimos dias de sua vida.

— Você cuidou dela até ela morrer, não foi?

Ele assentiu.

— Sim. Mesmo depois que descobri que ela estava tendo um caso, eu cuidei dela. A essa altura, pude ver que estava quase no fim e ela estava muito doente e lutando por cada respiração. Eu não tinha coração nem estômago para contar o que sabia. Mas eu a odiava por isso, da mesma forma.

— Como você descobriu o caso?

Matt sorriu, mas mais uma vez o sorriso foi amargo e dolorido.

— Meu bom amigo e o seu, Kurt.

— Matt, você tem certeza de que ele não te enganou? Kurt é um mentiroso.

Matt balançou a cabeça.

— Ele não mentiu sobre isso. Eu verifiquei a história, obtive os registros telefônicos, li os textos e e-mails dela com o outro cara.

— Como Kurt sabia disso?

Matt se sentou na cama e se afastou dela.

— Ele me disse que a ouviu ao telefone, tendo uma conversa suspeita um dia, quando veio me visitar. Quem sabe se essa parte era verdadeira? Kurt provavelmente estava bisbilhotando e olhando através do celular ou algo assim.

— Provavelmente — Abby concordou. Ela queria se aproximar de Matt novamente, mas ele parecia não querer mais tocá-la.

— Não importa como descobri, de qualquer maneira. Eu descobri e o resto é história. Ela estava tendo um caso com um cara que conheceu na academia, um cara que ensinava sua aula de spin. Eles começaram a conversar mais e mais enquanto eu estava fora lutando e as coisas simplesmente... progrediram - Matt riu alto. — É patético, realmente, quão completamente clichê era tudo.

— Não é um clichê — disse Abby. — É horrível e doloroso e foi errado ela fazer isso com você.

Matt estava de costas para ela agora, enquanto ele falava.

— A raiva dentro de mim foi tão intensa nos últimos dias antes de ela morrer. Observando Peyton lutar por sua vida, sabendo que ela não poderia sobreviver, sabendo que eu a estava perdendo e perdendo qualquer chance, eu tinha que entender o que havia acontecido entre nós. Eu queria gritar com ela, queria expulsá-la de minha casa, dizer a seus pais e amigos para que todos se fodessem.

Abby estava tremendo um pouco quando ela se levantou na cama e observou as costas de Matt se expandindo e contraindo enquanto ele respirava, com a cabeça inclinada.

— Você era mais forte que ela — disse Abby.

— No final, isso me quebrou completamente — ele sussurrou. — Ela deu um último suspiro e disse que me amava, e eu apenas a encarei. Eu apenas não fiz nada, deixei ela morrer sozinha. Eu não pude dizer de volta, e

juro - havia uma expressão de horror nos olhos dela naqueles últimos momentos. Acho que ela viu na minha cara que eu sabia sobre o caso. Ela viu e fez de seus últimos segundos na terra uma terrível compreensão da verdade. Eu a roubei dessa paz final, Abby. Talvez eu tenha feito isso intencionalmente. Eu não sei.

Abby se aproximou e colocou as mãos nos ombros dele, mas ele se encolheu, seus músculos estremecendo como se ela o tivesse queimado. Abby se afastou, desejando saber o que fazer, o que ele precisava dela.

— Você pode estar errado — disse Abby. — Você pode ter imaginado aquele olhar nos olhos dela, e poderia ter sido outra coisa. Ela estava morrendo, Matt.

— Eu já vi muitas pessoas morrerem de perto, Abby.— Ele virou a cabeça e olhou para ela. — Eu sei o que vi naquele dia.

— Ok— ela concordou. — Talvez você faça. Mas você carrega isso consigo há anos, esse fardo. Você não fez nada de errado. Você tentou o seu melhor, cuidou dela depois que ela a machucou profundamente. Isso é força, Matt.

— Talvez não. Talvez seja mais do mesmo. — Ele se levantou, ainda nu, virou-se e a encarou. - Você precisa me ver por quem eu realmente sou, Abby. Eu não sou aquele cara que todo mundo pensa que eu sou. Eu não sou um super-herói incrível. Por dentro estou morto. Não há nada além de escuridão, ódio, raiva e amargura.

— Isso não é verdade.

Os olhos dele brilharam.

— Você não sabe o que está dentro de mim. Você?

— Eu vejo bondade em seus olhos.

Seus olhos se arregalaram e ele desviou o olhar.

— Não diga isso.

Ela saiu da cama e foi até ele, agarrando as mãos dele.

— Por que você tem que se odiar, Matt?

Quando ele olhou para ela novamente, seus olhos estavam molhados.

— Porque eu fiz tantas coisas que gostaria de poder pegar de volta. E não posso recuperar nada disso.

— Você não é seu passado, Matt — disse ela, falando sério, enquanto olhava diretamente nos olhos castanhos dele.

— Não me dê essa porcaria de psicologia — ele respondeu, mas sua voz tremia de emoção.

— Não é psicologia — disse ela, sentindo-se mais calma. — É a verdade e você sabe disso.

— Eu não sei de nada.

— Você pode ter feito coisas horríveis, e pode ter experimentado coisas horríveis, mas agora você tem a chance de ser diferente. Todo momento é uma chance de ser novo.

A umidade nos olhos de Matt formou gotas de lágrimas que subitamente caíram por suas bochechas.

— Você é tão bonita— ele sussurrou, — você sabia disso?

— Dê a si mesmo uma chance— disse ela.

— Eu não sei se posso fazer isso.

— Dê-me uma chance, então.

Ele assentiu, enquanto as lágrimas corriam mais rapidamente por suas

bochechas.

— Tudo bem— disse ele.

— Dê-nos uma chance— continuou ela.

— Ok— ele concordou novamente. E então ele a abraçou, e seus braços fortes a seguravam com força e ela o segurava também.

— Eu gostaria que pudéssemos ficar assim para sempre— disse ela, quase ela mesma.

Ele se afastou e olhou nos olhos dela e agora estava sorrindo, e um pouco da dor desapareceu de seu rosto.

— Eu amo você — disse ele. — Eu te amei desde o primeiro momento em que a vi, mas estava com muito medo de admitir. Mas não vou perder minha chance — ele disse. — Eu não vou mais viver com medo.

— Eu também te amo — disse ela, e seu coração parecia que poderia explodir com a felicidade que sentia.

***

Mais tarde naquela noite, eles comeram um jantar que Matt preparou para eles. Ele preparou uma tigela de atum com latas e depois cozinhou para cada um uma lata de canja de galinha, seguida por uma barra de chocolate que eles se separaram ao meio e comeram, rindo e sorrindo como duas crianças em volta de uma fogueira.

Era tão estranho, pensou Abby, que, na pior das circunstâncias, eles de alguma forma encontraram o melhor um no outro.

Eles estavam longe de casa e nenhum deles sabia o que estava reservado. Ambos tinham inimigos perigosos e foram isolados do mundo, isolados de tudo. A turnê multimilionária de Matt estava em perigo, seus negócios e carreira estavam em risco, e a família de Abby havia sido atacada.

Mas de alguma forma, apesar de tudo, ela se sentia segura com Matt.

Seguro e cuidado, e finalmente ... completo.

Quando ela terminou seu último pedaço de chocolate e eles estavam em frente ao fogão a lenha, Matt esfregando os ombros suavemente, ela sorriu. — Esta é a mais feliz que eu já estive— ela disse a ele.

Ele não respondeu a princípio, e Abby se virou e olhou por cima do ombro para ele.

— Ei— ele sorriu, mas seu sorriso era um pouco triste.

— O que foi? O que há de errado?

Ele sorriu e limpou o canto da boca com o polegar.

— Você tem chocolate nos lábios— disse ele.

— Você parece triste— disse ela.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Seu coração começou a bater mais rápido.

— Por favor, apenas diga. Você está me assustando.

— Amanhã de manhã, vou caminhar até onde posso conseguir serviço telefônico e fazer algumas ligações— disse ele.

— Tudo bem— ela respondeu, franzindo a testa e confusa. — E?

— E as coisas vão mudar— disse ele. — Nós não podemos simplesmente ficar aqui, nos escondendo, esperando o machado cair. CLUB VIP e para quem eles estão trabalhando - eles não se sentam apenas nas mãos. Eles vão continuar tentando nos machucar. Eu preciso pará-los.

— Então o que você está dizendo?

— Estou dizendo que muito em breve será assustador novamente— disse ele. — Estou reunindo alguns dos meus antigos companheiros militares

para lidar com a situação. Nos encontraremos aqui e formaremos um plano, e depois o realizaremos.

— Isso é seguro? Isso é legal?

Matt sorriu um pouco.

— Estamos lidando com algo além de legal e ilegal. Essas pessoas são uma ameaça à segurança nacional e são uma ameaça à pessoa que eu amo — disse ele, acariciando seus cabelos agora. — Eu vou cuidar disso.

— Eu não quero que você se machuque — disse ela. — Receio que você vá embora e nunca mais volte.

— Eu voltarei — disse ele, sua mandíbula projetando-se com determinação.

— Prometa-me — disse ela, tremendo. O fogo estourou alto e ela se assustou.

Matt a puxou para perto dele e a beijou nos lábios, e então seu beijo se tornou apaixonado.

— Eu prometo a você— disse ele.

Ele a beijava repetidamente, puxando a blusa dela, e então seus lábios queimavam sua pele, seu pescoço, seus seios, seu estômago.

Ele a beijou ainda mais baixo e ela gemeu, deixando de lado o medo do jeito que uma criança solta um cobertor favorito, com dificuldade. Mas seus beijos a forçaram a se soltar e ela ficou agradecida por isso.

Ela abriu as pernas quando Matt puxou a calcinha, tirou-a, e o fogo lançou sua luz e calor e ela se permitiu apenas se deliciar em finalmente ter Matt Hunter - ele todo - completamente para si mesma.

Ele demorou um pouco, provocando-a, sabendo o quanto ela queria sentir a boca dele entre as pernas dela, e assim ele não deu a ela o que ela queria imediatamente.

Em vez disso, ele lambeu o lugar onde a coxa dela encontrava os quadris, a parte interna da coxa, no vale, lambendo e beijando, sua língua como mágica. Ele trabalhou tão perto da sua boceta molhada, e ela gemeu e tremeu, mas então ele parou e foi para a outra perna.

— Matt — Abby ofegou. As mãos dela agarraram o cobertor que haviam trazido para perto do fogão a lenha, agarrando-o firmemente em cada punho.

Matt beijou sua parte interna da coxa novamente, só que agora suas mãos também varreram suas pernas e depois as içaram sobre seus ombros.

Ele deslizou a boca para perto de seu lugar central. Lentamente, ele começou a beijar suas delicadas dobras, provocando sensações que a fizeram pular um pouco com um prazer quase intenso o suficiente para provocar desconforto.

Isso a fez querer chorar, sendo tocada tão profundamente de alguma forma. Era como se ele a construísse, a juntasse com suas próprias mãos e, assim, conhecesse todas as suas fendas. Ele entendeu intuitivamente quais botões pressionar, e quando, e ela estava desamparada com a atenção dele.

Quando Matt finalmente começou a deslizar a língua dentro dela, Abby ofegou por um suspiro e depois gritou, um lamento quase choroso. Era inacreditável como ele evocava esses sentimentos dentro dela, e ela agarrou o cobertor com muito mais força.

— Eu vou gozar, Matt.

Ele deslizou a língua para dentro muito mais longe, como resposta. E então ele deslizou para fora e para seu clitóris inchado, e ela ficou tão forte que os barulhos que escapavam de sua garganta eram como algo nem humano.

Seus olhos reviraram nas órbitas enquanto ondas e ondas de prazer rolavam por todo o corpo, e Matt acariciou seu clitóris com a língua.

Seus quadris se contraíram e desviou e estremeceram, e Matt agarrou suas coxas com as mãos fortes enquanto ele persistia, sua língua fodendo sua vagina, fodendo sua vagina tão bem que ela gozou mais uma vez.

Ela estava exausta, ofegando, suando.

Matt finalmente se recostou, o brilho do fogo gravando-o contra a escuridão da cabine enquanto a observava.

Abby balançou a cabeça, ainda deitada, aproveitando a sensação que ele lhe dera.

— Às vezes eu não sei o que fazer com você— ela disse a ele. — Como posso esperar entender isso?

— Por que entender isso?— Matt perguntou.

— Porque você está em todo lugar e eu preciso saber o porquê. No momento, tudo é incrível e você cuidou muito bem de mim. Mas, de alguma forma, ainda sinto que tudo poderia ser retirado a qualquer momento.

— Isso não vai acontecer— Matt disse a ela, sua mão continuando acariciando sua perna em círculos cada vez maiores.

— Como você pode ter tanta certeza?

— As coisas mudaram — disse ele simplesmente.

— O que mudou?

— Tudo.

Ela olhou para ele e, apesar da escuridão, seus olhos haviam se ajustado e ela podia ver que ele estava dizendo a verdade. Algo entre eles havia mudado e agora eles estavam conectados, profundamente conectados, e Abby acreditava nele sobre essa parte.

— Ainda assim— disse ela, mudando para que ela estivesse em seu cotovelo.

— Você ainda está preocupado— ele riu.

— Sim.— Ela não estava rindo. — Eu tenho medo do amanhã.

— Amanhã eu preciso colocar as coisas em movimento. Não é uma escolha. O CLUB VIP fez a escolha e agora vou terminar as coisas com eles para sempre.

— Você vai matar pessoas?

— Se necessário.— Seus olhos não vacilaram enquanto ela o observava.

— Matt, você não pode simplesmente matar pessoas.

— Na verdade eu posso.

Ela sentou-se agora.

— Tem que haver outra maneira. Talvez possamos fazer um acordo, fazer uma trégua, algo assim.

Matt sorriu.

— Você é fofa quando está nervoso.— Seu sorriso desapareceu. — Mas não, não haverá trégua. Quando dei um tapa em Scott no restaurante naquele dia, foi o melhor aviso que eu poderia dar a eles. Eu disse claramente a eles para não fazerem mais nada, e eles não deram a mínima. Eles levaram para o próximo nível e agora vão se arrepender.

Abby balançou a cabeça.

— Tem que haver uma maneira melhor.

— Deixe-me me preocupar com isso.

Ele desceu ao lado dela e ela ficou feliz ao sentir seu corpo retomando seu lugar ao lado dela. Mais do que nunca, ela sentiu a necessidade física

dele. Talvez, Abby pensou, tivesse a ver com ser vulnerável na floresta, vivendo uma vida mais primitiva. Ela sentiu praticamente o quanto precisava da presença de Matt para mantê-la a salvo de danos.

Abby se agarrou ao corpo dele quando ele puxou as cobertas mais uma vez e a segurou com força em seus braços musculosos. Ele sussurrou suavemente em seu ouvido, acariciando seus cabelos. Os sussurros dele eram calmantes, e ela se sentiu relaxando apesar de tudo, soltando-se mais uma vez e fechou os olhos.

Ela se afastou, sorrindo enquanto os sussurros dele a seguiam na escuridão do sono.

***

Abby acordou *assustada.*

Ainda estava escuro e o fogo havia apagado. Ela sentou-se, abraçando-a com força e olhando em volta, sabendo que ele se fora.

Ela não podia acreditar. Ele saiu sem dizer uma palavra.

Seu coração estava batendo forte e ela sentiu que tudo ao seu redor era ameaçador, perigoso. A floresta lá fora estava viva e ela estava sozinha, sem nada e ninguém para protegê-la.

E então ela ouviu passos e pulou, gritando de terror.

— Ei, relaxe, sou eu — disse Matt, e ela pôde ver a sombra dele enquanto ele se aproximava. Ele estava vestindo roupas, botas e, quando seus olhos se ajustaram à falta de luz, ela percebeu que ele estava pronto para sair.

De repente, ele ergueu uma arma e verificou-a metodicamente antes de colocá-la na parte inferior das costas, enfiada na cintura. Ele colocou a camisa por cima e encolheu os ombros.

— Você ia me acordar antes de sair? — Ela disse, tremendo de consternação e frio.

— Claro — disse Matt, ajoelhando-se ao lado dela. — Eu não queria te acordar até precisar, no entanto. Você estava tão tranquila.

— Eu não quero que você vá.

— Só vai demorar um pouco— disse Matt. — Acho que posso receber uma recepção a menos de três ou cinco quilômetros daqui e, depois que fizer minhas ligações, voltarei para a cabana. No total, não deve levar mais de duas a três horas no máximo.

— E se você não puder obter assistência?

— Eu atendo.

— E se você tiver que ir mais longe - e se forem cinco ou seis milhas em vez de duas de três?

— Então é isso que eu farei. E então eu vou correr para casa.

— E se estiver a 16 quilômetros de distância?

— Chega— disse Matt, e seu tom era final. Ele estendeu a mão e tocou seus cabelos e ela se afastou dele.

— Eu não gosto disso.

— Logo estará claro— disse ele, tentando acalmá-la.

— Eu não ligo. Não tenho medo do escuro - ela acrescentou.

— Você é sexy quando faz beicinho.

— Não é engraçado, Matt. Não quero que você vá e não concordo que planeje atacar e matar pessoas.

Ele beijou sua bochecha antes que ela pudesse se afastar dele, e então ele se levantou.

— Não podemos discutir isso de novo, Abby. Vou fazer o que preciso para proteger você, proteger sua família. Nos proteger.

— Eu sei— disse ela, principalmente para si mesma.

— Você pode vir comigo— disse ele. — Eu vou esperar você se vestir.

— Eu só vou atrasar você— disse Abby. Uma grande parte dela queria ir com ele, mas ela sabia que era bobagem. — Eu posso lidar com algumas horas sozinha— disse ela, suspirando.

— Eu te amo, Abby— ele disse suavemente, mas com clara convicção.

— Eu também te amo.

— Voltarei a tempo para o café da manhã— disse ele, caminhando para a porta.

— Não temos nada de bom para comer.

— Oh, talvez eu não tenha me deixado claro. Você vai ser o prato principal - ele disse, rindo.

— Isso é nojento.

— Você está sorrindo?

Abby percebeu que era e se forçou a parar.

— Por favor, seja cuidadoso.

— Sempre — disse Matt, e então ele saiu pela porta e ela estava sozinha na escuridão mais uma vez.

Ela não conseguiu adormecer depois que Matt se foi. Em vez disso, levantou-se, abriu o fogão e começou a atiçar as brasas do fogo. Restavam apenas algumas brasas vermelhas, mas quando ela as empurrou, começaram a brilhar. Ela adicionou alguns pedaços de papel e depois madeira. Logo, o fogo estava queimando novamente e Abby sentiu orgulho de si mesma por mostrar um pouco de autoconfiança.

O fogo lançou a sala à luz, mas também pareceu melhorar a qualidade das sombras e trevas ao seu redor.

Ela se imaginava como uma criaturinha minúscula, encolhida ao lado do menor círculo de luz, preso por quilômetros e quilômetros e quilômetros de pura escuridão.

Era um pensamento assustador e ela tentou afastá-lo de sua mente.

Em vez disso, ela pensou em Matt, andando sozinho do lado de fora pelo deserto, com nada além das roupas nas costas e uma arma para protegê-lo do que estivesse à sua espera.

Claro, Abby sabia que nada estava à espera.

Seu maior risco era tropeçar e cair, machucando o tornozelo ou a perna. O outro problema seria se ele, de alguma forma, tivesse um corte ruim, a quilômetros da cabine. Não era como se machucar na cidade ou mesmo em uma cidade pequena, onde você poderia discar 911 no seu celular ou algum transeunte legal faria isso por você.

Não, aqui fora não havia erros por erros.

Uma queda ruim pode ser fatal.

— Pare de pensar assim— ela se repreendeu em voz alta. Isso foi ainda pior, de certa forma. Sua voz soou pequena, solitária e com medo de seus próprios ouvidos.

Abby tentou afastar as sensações de medo que agora permeiam a sala e pareciam infiltrar-se em seus próprios ossos. Ela se levantou e foi até o esconderijo de armas e munição e pegou uma pistola, depois pensou melhor e colocou de volta.

Era mais provável que ela se machucasse andando por aí com uma arma que não tinha idéia de como usar.

Abby se vestiu, até calçou os sapatos. Ela não gostava de se sentir tão

nua e vulnerável. Ao mesmo tempo, ela estava arrependida de não ir com Matt quando ele ofereceu. Se ela fosse apenas ter medo e acordar de qualquer maneira, ela poderia muito bem ter ido com ele.

Mas era verdade que ela o atrasaria consideravelmente.

Sentando-se mais uma vez ao lado do fogo, Abby observou as chamas dançarem e estalarem, concentrada em manter o fogo aceso e lembrar que cada minuto que passava estava um minuto mais perto do retorno de Matt.

Em pouco tempo, a escuridão recuou quando as sombras se afastaram do sol nascente do lado de fora. Abby sorriu enquanto olhava pela janela e observava a luz do dia começar a rastejar pelo mundo, a esfera amarela brilhante limpando as árvores altas agora.

Ela ficou animada com a presença de raios de sol caindo sobre as tábuas do chão, e o fogo no fogão a lenha não parecia mais tão necessário.

Os olhos dela começaram a cair um pouco. Ela estava bastante cansada, e agora que a cabana estava menos assustadora, seu batimento cardíaco diminuiu e seus músculos cansados relaxaram novamente.

Eventualmente, ela até se escondeu debaixo dos cobertores, sentindo o cheiro de Matt e sorrindo para si mesma.

Se não fosse pelas terríveis circunstâncias que os levaram a esta cabana, Abby quase poderia ter se convencido de que gostava daquele lugar. Havia uma serenidade na quietude, e o silêncio era menos ameaçador pela manhã.

Matt, ela pensou, imaginando-o vividamente em sua mente enquanto o sono começava a dominá-la mais uma vez.

Matt estaria andando pela floresta, seus olhos determinados, seu corpo seguro, movendo-se facilmente, como um gato da selva em seu habitat natural.

Logo ele voltaria e tudo ficaria melhor.

Matt ia cuidar de tudo.

***

— Levante-se.

A voz era profunda, masculina e completamente desconhecida. Os olhos de Abby se abriram e ela viu um homem parado em cima dela, sua expressão de desapego e desdém, como se estivesse assistindo uma barata em fuga.

Ele deu-lhe uma cutucada com o pé e ela se sentou, gritando por Matt.

— Cale a boca— disse outra voz, e então ela sentiu um forte golpe nas costas, fazendo com que ela se espalhasse para a frente no estômago.

Abby se virou e viu outro homem, mais baixo e mais robusto que o primeiro. Seu rosto era estranhamente jovem, tufos de barba e bigode aparecendo irregularmente no queixo, nas bochechas e no lábio superior, como se ainda não fosse capaz de fazer barba cheia.

Ela estava assustada, mais assustada do que nunca. Ela teve que conter o desejo de fazer xixi em si mesma, e isso a deixou ainda mais assustada.

— Não me machuque — ela implorou, odiando o som de sua própria voz.

— Cale a boca e levante— disse o primeiro homem, os olhos encapuzados ainda a olhando com um olhar impiedoso e sem piscar.

Ao ficar trêmula, percebeu o fato de que só parecia haver duas pessoas dentro da cabine. Ela também observou, com um horror cada vez maior, que as duas pessoas estavam vestidas com camuflagem e botas pretas pesadas, e os dois homens tinham armas.

Um segurava uma pistola e o jovem tinha um rifle içado casualmente no ombro.

— Quem é você?— Ela disse.

— Você não quer saber— disse o mais jovem, com a barba terrivelmente irregular, — mas pode me chamar de Joe e este é meu amigo Dave.

Abby viu que o mais novo, que se chamava 'Joe', estava mentindo, e seus olhos eram cruéis. Ele estava brincando com ela para que ele pudesse parecer duro na frente de seu amigo mais velho. Seus olhos eram odiosos, enquanto o que ele chamou de 'Dave' parecia frio, como uma barracuda ambulante.

— Joe, por favor, não me machuque — disse Abby. — Eu não vou ligar para a polícia. Pegue o que quiser, mas por favor, me deixe ir.

— Podemos pegar o que quisermos? - Joe perguntou, sorrindo através do bigode fino, olhando para Dave, que simplesmente a encarou sem expressão.

As bochechas de Dave estavam cheias de velhas cicatrizes de acne, e seus olhos mortos a absorviam sem demonstrar emoção.

— Sim, qualquer coisa— ela jorrou freneticamente. — Pegue as roupas, comida, qualquer coisa. Há até armas. Pegue tudo e eu vou embora.

— Mas você disse que podemos pegar qualquer coisa - respondeu Joe, e agarrou o braço dela com um aperto forte que a fez gritar de dor. — E nós queremos levá-la. Então você começa a andar, e não faz barulho, ou eu vou pegar meu rifle e quebrar a porra do seu nariz. Entendi?

— P-p-por favor, não— ela sussurrou.

— Chefe, ela não está se mexendo— disse Joe.

Dave se virou e olhou pela janela e depois para Abby. Lentamente, sem emoção, ele levantou o braço e apontou a pistola para o rosto dela.

— Comece a andar ou eu vou espalhar seu cérebro nas paredes, senhora.

As pernas de Abby estavam dormentes e ela tinha certeza de que desmaiaria a qualquer segundo, mas de alguma forma controlou seu corpo o suficiente para forçá-lo a se mover. Suas pernas não queriam seguir ordens, e tudo nela estava protestando em volume total.

Ela sabia que estava indo para a morte, mas não parecia ter nada a dizer sobre o assunto.

Quando eles saíram da cabine, Dave segurou um dos braços dela e, em seguida, Joe saiu da frente e empoleirou o rifle no ombro e começou a verificar a vizinhança, girando para frente e para trás, seu corpo tenso e pronto para disparar.

Abby queria gritar um aviso, caso Matt estivesse em algum lugar próximo. Mas Dave deve ter percebido isso, porque pouco antes de ela gritar, a mão fria dele envolveu sua boca e apertou como um vício, tornando impossível fazer qualquer coisa, exceto grunhir e gemer dentro de sua garganta.

Depois do que pareceu uma eternidade, Joe tirou o rifle do ombro e relaxou. Ele deu uma piscadela para Abby e sorriu.

— Tudo claro, chefe— disse ele a Dave.

Dave tirou a mão da boca de Abby.

Ela estava chorando baixinho, seu corpo inteiro aparentemente se desmoronando.

— Temos que seguir em frente— Dave disse rigidamente. — Vamos lá, rápido.

Abby olhou por cima do ombro e viu que o rosto comprido e arrastado de Dave era incrivelmente sério.

— Eu só quero ser deixada em paz.

— Um pouco tarde para isso— Joe zombou.

Ela não se mexeu e Joe suspirou.

— Chefe, devo quebrar o nariz e mostrar a ela que estamos falando de negócios ou o quê?

Houve hesitação quando Dave considerou a pergunta.

— Muito sangue— Dave respondeu, finalmente, e foi isso que fez seus pés se moverem novamente.

A maneira como ele respondeu não foi com nojo com a idéia de dar um soco no nariz dela - sua única objeção foi que seria muito sangrento. E isso fez Abby perceber que esses dois homens não estavam brincando. Eles estavam esperando que ela lhes desse um motivo para machucá-la, e ela não queria fornecê-lo.

Então ela decidiu esperar. Em algum momento, eles estragariam e cometeriam um erro e ela encontraria uma maneira de escapar.

Até então, ela pretendia ser uma prisioneira modelo.

****

Eles mantiveram Abby andando por muito, muito tempo. Os minutos se transformaram lentamente em horas, e o dia ficou quente e ela lutou para acompanhar o ritmo.

Eles não estavam em contato aparente com ninguém ao telefone, walkie-talkie, nada. Eles pareciam confiantes, no entanto. De vez em quando, Dave parava de tomar um drinque na cantina e lhe oferecer um pouco, que ela recusou até ficar com muita sede para continuar dizendo não.

Ele também checava uma bússola e um mapa de vez em quando, espiando o sol no céu, apertando os olhos como um velho capitão de mar tentando adivinhar a direção do vento.

Principalmente, porém, eles apenas andaram, os três.

Abby queria perguntar se o CLUB VIP os havia enviado, mas ela imaginou que eles mentiriam para ela. Eles tinham um plano, e não envolvia

matá-la imediatamente, o que era bom. Mas ela não sabia quanto tempo eles pretendiam mantê-la viva, o que era ruim.

Inicialmente, esperava que Matt os ouvisse ou os visse se movendo pela floresta em seu retorno de volta à cabana, mas à medida que as horas passavam e o sol se elevava acima deles, iniciava sua descida íngreme sobre as copas das árvores, a esperança de Abby. diminuiu e virou desesperança.

Se ela iria sair disso, ela precisaria fazer isso sozinha.

Ninguém vem te salvar.

Era um pensamento assustador e combinava com a queda de temperatura, quando a noite começou a cair mais uma vez e a luz do dia desapareceu assustadoramente.

— Quanto tempo, chefe? — Joe perguntou, enquanto Dave interrompeu a ação, tomou um gole de seu cantil e a entregou a Abby, que bebeu, odiando o gosto metálico da água morna e sabendo que a saliva de Dave estava misturando com a dela.

Mas ela estava tão cansada e com sede e precisava muito de um longo descanso. Suas pernas estavam fracas e os músculos começaram a arder. Dentro de seus sapatos, seus pés estavam crus e ela podia sentir bolhas nos dedos dos pés.

— Acho que deveríamos encerrar a noite — disse Dave, depois de verificar seu mapa e o Mel mais uma vez.

— Posso começar uma fogueira?— Joe perguntou a ele.

Dave pensou por um longo momento e depois assentiu uma vez.

— Vou mijar — disse ele. — Cuidado com a garota.— Ele deu alguns passos e abriu o zíper da calça, de costas para Abby.

Ela olhou desconfortável para longe da visão dele e viu Joe olhando para ela, enquanto ele embalava o rifle em seus braços.

— Olá, baby. Como você gosta daqui de dois homens da

montanha? Você está se divertindo?

— Não — ela disse.

Joe riu, uma grande risada.

— Awww, isso é muito ruim. Porque eu realmente gostei de ver sua bunda balançar quando você anda, e seus peitos saltarem também.

Ela olhou para longe dele, sentindo o estômago revirar e os olhos tremerem. Ela queria vomitar, mas o segurou.

Não lhe dê satisfação. Ele vai rir se você vomitar agora.

Abby conseguiu não vomitar, uma pequena vitória, e então Dave voltou, pegando o cantil e girando a tampa de volta.

— Tudo bem— disse ele, — vamos nos instalar.

***

Joe definitivamente não estava no comando. Ele passou quase uma hora acendendo o fogo, pegando algumas latas de feijão e colocando-as em uma panela pequena, que ele usava para cozinhar o feijão na modesta fogueira.

Joe serviu o feijão para eles nas latas vazias de onde vieram e, quando ele entregou a Abby um pequeno garfo para usar, ela considerou esfaqueá-lo no globo ocular com ele.

— Nem mesmo um obrigado por cozinhar este delicioso prato? — Ele riu, sorrindo enquanto o molho de feijão escorria por sua barba irregular, inclinando-se para ela, quase implorando que ela o esfaqueasse.

— Obrigada — ela murmurou, e então empurrou o garfo para baixo e pegou os feijões mornos e começou a comer como um órfão faminto.

Joe sentou-se do outro lado do fogo, enquanto Dave sentou-se um pouco atrás de Abby e comeu, presumivelmente para ficar de olho nela.

Quando ela terminou de comer, ela teve que fazer xixi e disse a Dave.

— Vamos lá — disse ele, levantando-se rigidamente. — Eu tenho que ficar de olho em você.

— Eu vou fazer isso — Joe gritou.

Dave lançou-lhe um olhar irritado e Joe calou a boca. Abby não se sentia tão nervosa com Dave por perto, como ele parecia o mais profissional dos dois, mesmo que fosse um peixe frio. Ela se afastou o suficiente para ficar fora da vista de Joe, atrás de alguns arbustos, e Dave carregou uma lanterna.

— Basta, você pode ir até lá— disse ele.

Abby largou a calça e se agachou, urinando de alívio.

— Você tem que fazer isso comigo?— Ela perguntou, enquanto puxava as calças para cima novamente. — Não há mais alguma coisa? Posso pagar você ou algo assim?

Dave segurou a lanterna para que o raio caísse em seus olhos e a fizesse estremecer.

— Cale a boca— ele respondeu laconicamente.

Eles voltaram para o acampamento e Joe pegou um frasco e estava bebendo. Ele estendeu o frasco para Abby e ela balançou a cabeça. Ela podia sentir o cheiro do álcool do outro lado do fogo.

— Não?— Joe riu.

— Eu disse para você não começar com essa merda— Dave disse a ele.

— Vamos lá, estamos tão cansados há dias agora— Joe disse a ele. — Tome uma bebida comigo.

— A missão ainda não terminou— disse Dave.

— Vamos lá, apenas um gole.

Dave lançou um olhar desanimador para Abby, depois caminhou ao redor do fogo, pegou o frasco e bebeu por um longo tempo.

Quando ele terminou, passou o braço pela boca. Ele olhou para Joe e depois para Abby. Ele parecia zangado e seus olhos ficaram menos desapegados e mais predadores.

Ele se sentou ao lado de Joe e em frente a Abby, observando-a enquanto passava pelo frasco de um lado para o outro entre ele e seu companheiro mercenário.

Joe ficou mais jovial e riu mais enquanto bebiam do frasco, enquanto Dave parecia ficar mais quieto e de alguma forma mais mesquinho, sem dizer muito.

Abby esperava que eles ficassem bêbados o suficiente para desmaiarem. Isso tornaria sua tarefa muito mais fácil.

E para onde você irá quando fugir? Você não tem ideia de onde está ou como voltar para a cabana. Você vai acabar morrendo sozinha na floresta.

Bem, essa é a chance que vou ter, pensou Abby, enquanto observava seus dois captores beberem sem ser óbvio que estava olhando de perto para eles.

A certa altura, Joe gritou e caiu da mochila e depois se deitou de lado rindo como um maníaco.

Dave, sentado em outra mochila, deu-lhe um chute forte nas costelas com a bota, e Joe se levantou e olhou para ele.

— Por que você fez isso?— Ele disse, o riso desapareceu.

— Porque sim — disse Dave, observando-o sem emoção.

— Por que?

— Porque eu tive vontade de chutar você— respondeu Dave.

O clima ficou azedo, e Abby teve que admitir, ela estava bastante feliz. Se eles começassem realmente a brigar, ela teria sua chance.

— Eu deveria colocar uma bala entre seus olhos— Joe murmurou.

— O quê? — Dave perguntou, sentando-se para a frente.

— Você me ouviu.

— Diga de novo — exigiu Dave. — Diga de novo e veja o que eu faço com você.

Joe parecia se encolher, mesmo estando de pé e Dave sentado. A humilhação afundou e os lábios do homem mais novo se curvaram. Naquele momento, por algum motivo, ele voltou sua atenção para Abby.

— Estou farto dessa vadia arrogante me dando esse olhar — disse Joe. Ele apontou para ela. — Está vendo aquele olhar?— Ele perguntou.

Abby esperava que Dave chutasse Joe novamente, pois ele não parecia admirar as palhaçadas do jovem. Mas de repente, Dave olhou para ela e assentiu.

— Entendo— ele concordou.

O estômago de Abby se contraiu e ela ficou congelada em choque.

— Acho que precisamos mostrar a ela onde ela está e como isso funciona— disse Joe. — Você não acha que devemos, chefe?

Dave olhou para Abby por um longo, longo tempo. Finalmente, ele assentiu devagar.

— OK.

Joe pegou seu rifle e caminhou em sua direção.

— Fique de joelhos, agora. Não brinca, vadia.

— Por favor, eu só quero dormir. Estou cansada.

— Não é trabalho duro para uma garota como você. Você tem boca para isso. De joelhos.

Abby olhou para ele, sua garganta apertando. Era isso. Ela ia morrer agora, porque não havia como ela fazer o que ele pedia. Ele teria que espancá-la até a morte para fazê-lo.

E ela percebeu pelo olhar dele que ele estava bastante disposto e feliz em obedecer.

— Não— ela disse, sua mandíbula sobressaindo. Ela olhou para ele.

Ele não parecia capaz de acreditar em seus ouvidos.

— O que você acabou de dizer?

— Você me ouviu— disse ela, sorrindo para ele. — Você não me assusta nem um pouco.

De alguma forma, era verdade. Ali estava ela no meio do nada, na calada da noite, sozinha com dois psicopatas, e Abby não estava mais com medo.

Fracamente, lembrou-se das palavras de Matt sobre seu tempo em combate.

No centro da batalha, eu era o olho da tempestade.

Um sentimento de poder percorreu sua espinha quando ela pensou na bravura de Matt. Ela queria deixá-lo orgulhoso, mesmo que ele nunca soubesse o que havia acontecido com ela.

Os olhos de Joe se enrugaram de surpresa. Ele não sabia o que fazer por um momento e depois virou a cabeça para o parceiro.

— Chefe, ela está se fazendo de esperta comigo. Preciso da tua ajuda.

Dave se levantou e tirou o pó da calça e depois foi até ela com a pistola na mão.

— Podemos fazê-la fazer isso, mesmo que ela diga não. Se ela não abrir a boca, há outras maneiras.

O medo voltou agora, quando ela percebeu o que ele queria dizer. Joe começou a rir quando os dois ficaram na frente dela.

Ok, agora, é hora de lutar. Lute e lute, não importa o quê.

Mas assim que ela se preparou para atacar Joe com tudo ao seu alcance - morder, chutar e arranhar - Abby parou.

Havia uma leve onda de sombra nas árvores alguns metros atrás dos dois homens, bem na linha dos olhos dela. Eles estavam de costas para isso.

A princípio, ela pensou que era sua imaginação. Certamente, ela estava assustada o suficiente e tinha adrenalina suficiente fluindo para ser alucinante.

Mas então, seus olhos pareciam se ajustar e a ondulação se transformou em uma forma, e ela pôde ver Matt, parado entre as árvores onde ele estava abrigado, esperando imóvel como uma estátua com a arma estendida, mirada diretamente nos dois sequestradores.

De alguma forma, de alguma maneira, ele a encontrou e agora estava esperando por sua oportunidade. Joe estava segurando seu rifle apontado para ela, e Dave também apontava sua arma para ela. Obviamente, Matt não queria atirar em nenhum homem quando eles poderiam atirar reflexivamente nela em resposta.

E então Abby percebeu o que precisava fazer.

Todo o seu comportamento mudou, e ela fingiu ceder, enquanto olhava momentaneamente para baixo.

— Ok, ok, por favor. Não. Não me machuque. Eu farei o que você

quiser.

— O que você vai fazer?— Joe exigiu, empurrando a ponta do rifle sob o queixo dela.

— Ficar de joelhos — disse ela, seus olhos parecendo olhar nos dele, mas na verdade ela olhou além dele.

Matt estava treinando sua arma com mais precisão agora, e ele pareceu acenar para ela, quase como se aprovasse sua decisão.

— Eu acho que ela está louca por isso — disse Dave, mas seus olhos estavam com fome, ele queria acreditar.

Abby rapidamente ficou de joelhos, rezando para que Matt fosse rápido e preciso e fizesse o que fosse necessário para acabar com isso.

Uma parte de sua mente estava tão feliz, alegre e imaginando como a havia encontrado, e a outra parte estava tão assustada, porque agora ela estava quase livre.

E se não funcionasse? E se eles matassem Matt antes que ele pudesse detê-los?

— Eu primeiro - disse Joe, pousando o rifle no chão e abrindo o zíper.

— Não, eu primeiro— respondeu Dave, entregando a pistola a Joe, desabotoando rapidamente as calças e largando-as nos tornozelos, enquanto Joe era forçado a colocar o rifle no chão.

— O que diabos eu devo fazer com isso?— Joe disse, enquanto a troca era feita.

Nesse momento, um tiro penetrante soou, estalando no ar com imenso poder e vibrando os tímpanos de Abby.

Joe gritou quando seu ombro explodiu em uma nuvem de sangue e ele caiu no chão gritando como um animal ferido, chutando e se contorcendo.

Abby caiu para trás enquanto Dave procurava o rifle.

— Dê um passo para trás ou mato você— Matt ordenou, sua voz ecoando na escuridão enquanto atravessava os poucos metros entre as árvores que estava escondendo perto e a fogueira. — Afaste-se da arma agora.

Dave olhou para Matt e depois olhou para o rifle, como se tentasse julgar suas chances de agarrá-lo e disparar um tiro a tempo, e o tempo em que Matt estava perto o suficiente para derrubá-lo com certeza.

— Um último aviso e depois faço o que quero fazer. Meu dedo está coçando - disse Matt.

As calças de Dave estavam ao redor de seus tornozelos e ele sabia que não tinha tempo, e ele cedeu, erguendo as mãos sombriamente enquanto seu parceiro no crime gritava e se contorcia no chão próximo.

Matt estava se aproximando com cautela, sua arma levantada e pontiaguda, ainda pronta para disparar. Ele manteve os olhos no alvo, mas falou com Abby.

— Você está bem?— Ele perguntou.

— Estou. Eles não tiveram a chance de fazer nada— disse ela, com o coração prestes a quebrar com felicidade e gratidão.

Matt se aproximou de Dave. Ele olhou para as calças de Dave, que ainda estavam em torno de seus tornozelos.

— O que você está esperando?— Matt perguntou a ele. — Puxe suas malditas calças para cima, soldado.

Dave se abaixou lentamente e agarrou as calças. Quando ele estava curvado, Matt chutou-o com força no rosto, fazendo com que a cabeça do homem recuasse com tanta força que ele ficou inconsciente. Ele ficou frio por alguns segundos, as calças ainda abaixadas, o corpo contorcido em uma posição estranha. Um momento depois, Dave acordou engasgando, tossindo e segurando o nariz enquanto tentava se sentar. Sangue derramou entre seus

dedos.

— Acho que você quebrou o nariz— disse Abby, aproximando-se de Matt, o homem bonito que a salvou contra todas as probabilidades.

Matt olhou para ela e sorriu.

— Bom— ele disse, e então se aproximou e vasculhou uma das mochilas, encontrou um par de algemas e foi até Dave, que estava gemendo e rolando de um lado para o outro enquanto o sangue continuava escorrendo do nariz.

Joe ainda estava uivando pelo fogo, e Abby olhou para ele. Ele estava de costas, as pernas abertas, segurando o ombro e chorando como um animal torturado. Ela quase - quase - se sentiu mal por ele.

Matt colocou as mãos de Dave nas costas, algemava-o e o deixava lá com as calças abaixadas. Então ele foi até Joe, ajoelhou-se e examinou o ombro enquanto Joe o amaldiçoava e uivava.

— Sente-se imbecil— disse Matt, ajudando Joe a se sentar. Matt examinou a ferida de perto. — Foi um tiro certeiro, entrou e saiu.

— Foda-se — Joe gemeu. — Estou morrendo.

— Se você tiver sorte. — Matt foi até as malas e voltou com o curativo para Joe, como se ele também fosse médico.

Abby simplesmente ficou admirada. Talvez ela estivesse em choque também.

— Ele vai sobreviver? — Ela perguntou.

— Eu não sei. Provavelmente a noite, pelo menos. Ele perdeu muito sangue e eu tirei o manguito rotador, então seu braço esta inútil e provavelmente sempre estará.

— Filho da puta ...— Joe gemeu.

— Ele tem sorte de eu não o matar como o cachorro que ele é— disse Matt, mais para o benefício do homem do que para o dela.

— Eu não quero que ninguém morra — disse Abby.

Matt olhou para ela e seus olhos ficaram frios e apaixonados.

— Eles quase tiraram você de mim— disse ele, e sua garganta funcionou e ela viu que ele estava emocionado, afinal.

— Eu estou bem— disse ela, e depois foi até ele e ele a abraçou com força.

— Eu deveria ter levado você comigo— ele sussurrou em seu ouvido enquanto a segurava em seus braços fortes que eram infinitamente protetores.

— Você me encontrou, é isso que importa.

— Eu sempre vou te encontrar — disse ele.

Finalmente, eles pararam de se abraçar e Abby olhou em volta para o massacre.

— E agora?— Ela disse.

Matt olhou profundamente em seus olhos.

— Agora é a nossa vez— disse ele.

Abby se viu começando a sorrir.

— Acho que estou pronta para isso— disse ela.

Ele começou a sorrir de volta para ela.

— Bom— ele disse. — Porque temos muito trabalho a fazer.

— Diga-me o que você precisa de mim.

— Eu não preciso de nada de você— disse ele. — Tudo que eu preciso é de você.

Quando eles se encararam, Abby percebeu que ele havia falado a verdade e tudo o mais desapareceu.

Aqueles homens que vieram a machucá-la nunca tiveram chance, porque o homem que a amava nunca teria parado até que a encontrasse novamente.

As palavras de Matt ecoaram e ecoaram em seus ouvidos e os últimos vestígios de sua dúvida desapareceram.

As palavras desapareceram, mas a memória delas permaneceria com ela para sempre.

Tudo que eu preciso é de você.
Tudo o que eles precisavam era um ao outro.

E agora ela estava pronta para provar isso ao mundo.

Fim do livro seis

A dívida

Livro 07

Missy Jones

Copyright © 2018 por Missy Jones

Material adulto: só deve ser lido por maiores de dezoito anos.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, exceto para o uso de breves citações em resenhas do livro. Fontes usadas com a permissão da Microsoft.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Clique aqui e inscreva em meu site e para receber contos gratuitos, participar de sorteios e ficar por dentro das novidades

Parte 07

TRÊS AMIGOS MILITARES de Matt haviam chegado à cabana.

Abby e Matt haviam chegado pouco antes de seus amigos chegarem.

Eles estavam com todo o equipamento, com mochilas e armas prontas. Abby estava sentada ao lado do fogão, um cobertor em volta dela, tomando a sopa que Matt havia feito para ela minutos antes.

Agora ela assistia enquanto Matt conversava com seus homens. Eles agiam como se ele ainda fosse seu comandante e este fosse apenas mais um dia no Afeganistão. O comportamento deles era focado, com um pouco do humor irônico que homens como eles pareciam possuir naturalmente, brincando sobre os homens que Matt havia ferido na floresta.

Usando um equipamento que parecia um computador de mão gigante que um dos homens havia trazido, Matt mostrou a seus três amigos onde ele havia deixado os sequestradores. Matt estava segurando uma caneta e identificando sua localização.

— Bem ali, talvez um clique ou dois ao norte.

O maior de seus três companheiros assentiu com apreciação.

— Nós vamos lidar com isso — disse ele, pegando o computador portátil e estudando-o momentaneamente.

Matt cruzou os braços.

— Faça o que for necessário para verificar quem exatamente lhes deu ordens – descubra por todos os meios necessários. E depois os mande para casa, com uma mensagem clara de que estamos falando sério.

— Matamos, se necessário? — perguntou o mais baixo do grupo.

Matt balançou a cabeça negativamente.

— Não há mais nenhum fator de ameaça representado por esses dois. Obtenha as informações necessárias e mandem o recado. Não é preciso matar.

Os três homens assentiram com compreensão.

— A mensagem será enviada — disse aquele com o mapa eletrônico, enfiando-o na linha do cinto. — Hora de sair, meninos.

— Bud — disse Matt, chamando a atenção do grandalhão.

Bud parou e olhou para ele.

— Sim?

— Obrigado.

— Você nunca precisa me agradecer, senhor. Não depois do que fez por nós no grande palco. — Ele fez uma saudação rápida e depois levou os outros para fora da cabana.

Depois que a porta se fechou atrás deles, Abby ficou de pé e ficou olhando pela janela enquanto eles seguiam para a floresta. Era muito cedo, o amanhecer tinha acabado de chegar. Isso significava que aqueles dois homens que tentaram sequestrá-la estavam na floresta, sozinhos, por horas. Matt deixou os dois imóveis, algemados, com os pés amarrados, para que nenhum deles pudesse engatinhar ou se afastar do lugar.

A unidade Matt desapareceu e Abby sentou-se ao lado do fogo novamente.

Ela colocou mais uma colher de sopa maravilhosamente quente na boca, saboreando. Nada nunca tinha sido tão bom, tão quente e reconfortante.

A caneca que ela estava segurando estava quente e o cobertor em volta dela era como um abraço de Matt, pois ele foi quem o colocou sobre seus ombros.

Agora ele se aproximou dela novamente, seu sorriso voltando.

— Você parece feliz.

Ela sorriu de volta.

— É estranho que talvez eu esteja feliz agora, mesmo depois de tudo o que passamos recentemente?

— Definitivamente — disse ele, sentando-se ao lado dela, a mão apoiada na perna dela, enviando um choque de excitação por sua coxa.

Ela abaixou a caneca e olhou para ele.

— O que eles vão fazer com esses dois homens? Torturá-los?

Matt a observou.

— Você realmente quer saber? Porque eu vou te dizer, mas acho que você não queira detalhes.

Ela pensou por um momento.

— Não, acho que não. Eu só... espero que eles não os machuquem muito. Por mais cruéis e terríveis que tenham sido comigo, não posso dizer que gosto da ideia de fazer as mesmas coisas com as quais me ameaçaram.

— Meus homens não são animais — assegurou Matt. — Eles farão tudo da maneira certa, e a força que usarem será apropriada para o que esses palhaços merecem, com base em seu próprio comportamento. Se eles cooperarem, serão tratados razoavelmente. Mas se eles não cooperarem... -

ele parou, dando um leve encolher de ombros, como se dissesse *eles merecem o que recebem nesse caso*.

Abby percebeu que estava bem com a situação. E ela confiava em Matt implicitamente. O importante agora era que ambos estavam seguros e juntos.

— E agora?— Ela perguntou.

Ele continuou sorrindo para ela.

— Você é forte — ele riu.

— Por que você diz isso?

— Porque — ele riu — a maioria das pessoas - até soldados - que passaram pelo que você passou estaria arrasado agora. Mas você está bem. Você já está passando para a próxima coisa.

Ela sentiu sua coluna se endireitar quando recebeu o elogio, lembrando como tinha sido seu instinto de lutar quando ela pensou que os sequestradores abusariam dela. Ela estava calma, pronta para morrer — e Abby nunca soube que possuía esse tipo de força e destemor.

Mas Matt viu dentro dela. E respeitou isso.

Abby sentiu as bochechas corarem.

— Eu quero te deixar orgulhoso.

Ele olhou para ela e estendeu a mão, acariciando sua bochecha tão suavemente.

— Você não precisa me *deixar* orgulhoso — ele sussurrou. — Você é a coisa mais incrível que eu já vi. Não quero dizer apenas que você é a pessoa mais incrível que já conheci — continuou ele. — Você é realmente a mais bonita, mais estranho e maravilhosa que *qualquer um* que já vi em toda a minha vida. Como eu não poderia ter orgulho só de conhecer você?

Ela sentiu lágrimas brotando nos olhos com as palavras dele, e então ele estava se inclinando em sua direção e seus lábios estavam se encontrando em um beijo maravilhoso e apaixonado.

Naquele beijo, Abby sentiu a emoção de uma vida, sentiu o amor que tão rapidamente se formou e floresceu entre eles, e tudo nela relaxou e se alegrou por causa disso.

Finalmente, Matt parou de beijá-la.

— Você perguntou o que vem a seguir — disse ele, ainda a observando de perto.

— Sim — ela respondeu, esperando.

— Devemos voltar — disse ele. — Este lugar serviu ao seu propósito.

— De volta para onde? Você vai sair em turnê de novo?

A essa pergunta, ele desviou o olhar pela primeira vez, seu olhar voando incerto para a janela, como se estivesse contemplando.

— Eu não sei.

— Bem... você não precisa? Quero dizer, financeiramente?

Ele suspirou.

— Talvez. Isso é parte da razão pela qual precisamos voltar. Eu tenho que verificar o estado dos meus negócios e tomar algumas grandes decisões.

Abby assentiu incerta.

— Você sabe que eu apoiarei qualquer decisão que você tomar.

Ele sorriu brevemente.

— Não é com você que eu estou preocupado.

— Essa é a primeira vez.

Matt olhou para ela, seu sorriso reaparecendo.

— Não seja espertinha — disse ele, agarrando sua cintura e puxando-a para perto.

— Cuidado! Minha sopa vai derramar.

— Acho que já derramou — disse ele, tocando levemente a blusa dela. — Precisamos tirar isso de você, está sujo.

— Matt — ela riu.

Mas ele já estava puxando o cobertor dela, quando ela colocou a caneca no chão, fora de alcance. E então Matt estava tirando a camiseta, deslizando-a sobre os ombros, deixando-a completamente nua da cintura para cima.

Ele a empurrou gentilmente para trás, então a cabeça dela estava no chão, quando ela olhou para ele. Seus olhos eram intensos, cheios de uma necessidade tão grande que quase a assustou.

Mais do que isso, no entanto, sua necessidade parecia atrair e despertar sua própria necessidade. Talvez essa fosse a parte assustadora.

Abby estendeu a mão e tocou o peito duro de Matt, passando as mãos para cima e para baixo, e depois deslizando para o estômago dele, que se apertou em resposta ao seu toque ganancioso.

Ela abriu as pernas, puxando as calças dele, que ele a ajudou a soltar e puxar para baixo.

Eles ficaram subitamente frenéticos, os dois se abraçando. Matt estava tentando tirar a calcinha o mais rápido possível.

Abby também deslizou a cueca de Matt.

Ela queria senti-lo agora — ela não podia esperar. Sua boceta estava pingando por ele.

Era como se toda a emoção que havia sido reprimida, todos os seus medos, preocupações e terrores do último dia estivessem derramando, e a única cura fosse ele dentro dela. A sensação do corpo de Matt pressionando nela, seu pau empurrando em seu espaço íntimo, trazendo-o para ela de todas as maneiras possíveis.

— Eu preciso de você — ela ofegou, enquanto Matt colocava as mãos em ambos os lados do corpo dela, elevando sua estrutura muscular sobre ela, protegendo-a de seu peso.

Ela colocou a mão no membro grande e pulsante e acariciou-a, sentindo a intensidade, o calor e a dureza, puxando-o em direção às pernas abertas.

Olhando para baixo, ela podia ver Matt empurrando a cabeça de seu pênis cada vez mais perto de sua boceta nua, até que finalmente fez contato com suas dobras trêmulas.

Ela ofegou em êxtase.

— Você está bem? — Ele perguntou, fazendo uma pausa.

— Sim, sim... — ela insistiu, estendendo os quadris para cima para encontrá-lo.

Foi emocionante. Ela queria ver isso acontecer, queria vê-lo entrando nela.

Lentamente, ele a penetrou, e ela viu as pernas se abrirem mais, como se instintivamente soubesse o que fazer para encaixá-lo nela. Seu corpo poderia acomodá-lo, e ela deixou, deixou-se fazer o que precisava desesperadamente.

Logo, todo o pau de Matt estava dentro, enterrado nela, ocupando todo o último espaço, e os dois suspiraram em uníssono.

— Você é incrível — disse Matt, olhando nos olhos dela. Ele não estava se mexendo agora, ele estava apenas esperando.

— Você também — respondeu Abby, com a respiração presa no peito.

Ele se inclinou e começou a beijar a boca dela, e então começou a estocar seus quadris lentamente contra os dela. Matt não estava tão saindo e entrando novamente. Em vez disso, ele se manteve enterrado, girando lentamente os quadris, apertando a pélvis contra a dela.

A sensação foi incrível, e uma explosão de sensações a atravessou, subindo pelo torso, iluminando o corpo com uma enxurrada de prazer.

Abby gemeu, gritando, suas mãos passando pelas costas de Matt enquanto ele continuava a trabalhar sua magia dentro dela.

— Você é tão apertadinha — ele sussurrou.

— Você vai me fazer gozar — ela choramingou em troca. Os olhos dela

se fecharam, revirando a cabeça enquanto Matt deslizava os quadris contra os dela ritmicamente, cada impulso minúsculo acendendo uma tempestade de fogo em seus centros de prazer.

— Abby — ele disse — nunca senti isso antes. Nunca. Eu ... espero que você saiba...

— Oh...

— Espero que você saiba que isso é real.

— Matt — ela gemeu, segurando-o, agarrando sua bunda nua em suas mãos e apertando enquanto ele empurrava novamente, fazendo-a gozar com tanta força que ela perdeu o fôlego.

Todo o seu corpo estremeceu e ela não podia nem gritar, era tão intenso.

— Puta merda— Matt disse — Sua boceta é incrível.— Ele deslizou para fora e novamente, finalmente fazendo movimentos maiores com os quadris.

Agora ele estava saindo completamente antes de entrar completamente dentro dela.

Abby arregalou os olhos. Tudo o que ele fazia com ela era algo novo, algo que ela nunca suspeitou, nunca poderia ter imaginado em seus sonhos mais loucos.

— Você está tão molhada, Abby — ele murmurou. Sua respiração estava quente no rosto dela e então ele estava beijando seu pescoço, chupando sua pele, enquanto a fodia mais e mais rápido.

Era verdade, ela estava molhada. Ela não tinha quase nada para comparar, mas Abby não conseguia imaginar que poderia ficar mais molhada.

O som de sua pele batendo contra a dela era emocionante, sensual, e os sentimentos gerados quando a pélvis dele colidiu com a dela foram absolutamente surpreendentes. Ela jogou a cabeça para trás quando seu corpo foi destruído por outro orgasmo milagroso.

Desta vez, ela tinha ar suficiente nos pulmões para gritar alto.

— Estou gozando — Matt disse a ela, e então ele levantou os quadris e os golpeou contra ela em uma série de movimentos agressivos enquanto ele explodia dentro dela, explodindo, pulsando, deixando escapar sua essência.

O corpo de Abby ainda tremia de admiração, cada fibra, cada célula viva e dançando, um sorriso dominando seu rosto quando ela percebeu a extensão do que ele havia feito com ela.

— Oh — ela sussurrou, enquanto Matt desabou em cima dela e

respirava como se ele tivesse acabado de correr por um campo de futebol.

Ela passou as mãos pelas costas dele, depois enfiou um punhado dos cabelos dele na palma da mão, acariciando sua cabeça com amor.

Finalmente, ele saiu dela, para o lado, mas permaneceu próximo, ainda respirando rapidamente. Ela se virou e olhou para ele.

Seus olhos procuravam o teto, como se ele pudesse ver o futuro. Uma mistura de emoções passou por seu rosto, e Abby apenas assistiu, admirada com a beleza dele.

— Você me salvou — ela disse a ele.

Ele se virou e olhou para ela.

— Nós nos salvamos, não foi?

E então os dois sorriram, sabendo que era a verdade.

***

Abby estava exausta.

Caminharam da cabine para a estrada, onde o motorista de Matt estava esperando com seu carro para levá-los de volta à civilização.

Ela dormiu por um breve período no carro, mas depois acordou e viu todas as mensagens no telefone e sabia que precisava entrar em contato com pessoas que estavam preocupadas com ela.

Então Abby entrou em contato com a família e avisou que estava bem. Eles estavam aparentemente sãos e salvos e capazes de conduzir suas vidas a partir da nova residência que Matt e sua equipe haviam arranjado para eles. Até o irmão dela tinha pouco a reclamar.

Abby não passou muito tempo contando a eles onde esteve ou o que ocorreu em seu curto período de tempo. Ela apenas se certificou de que eles estavam seguros e relativamente felizes.

Danny tentou enchê-la de perguntas sobre o futuro e ela disse que não tinha ideia do que aconteceria a seguir.

— Matt vai descobrir e nós entraremos em contato.

— Então, todos nós apenas esperamos que Matt decida nosso destino? — Danny zombou.

— Seja paciente — ela disse a ele. — Logo as coisas voltarão ao normal

Ela desligou o telefone com Danny, sentindo-se um pouco culpada, sabendo que era um pouco responsável pela vida dele e pela vida de seus pais ter virado de cabeça para baixo.

Em seguida, ela ligou para Melissa.

— Eu pensei que algo terrível tivesse acontecido com você!— Melissa disse.

Abby pediu desculpas por não ter feito contato.

— Estamos de volta agora.

— Não se preocupe comigo — disse Mel. — Eu estou bem.

Mas Abby não acreditou nela. Ela achou que sua amiga parecia cansada, abalada e talvez um pouco assustada sob o exterior corajoso. Melissa não queria que Abby se preocupasse ou se sentisse responsável, então estava colocando uma frente corajosa.

— Vou entrar em contato com você assim que pousar em algum lugar por mais de cinco minutos — disse Abby. — Mas você sempre pode me ligar, dia ou noite. Prometa que vai ligar se precisar de alguma coisa, Mel.

Melissa concordou, mas mais uma vez, Abby desligou o telefone se sentindo mais confusa e perturbada.

Matt disse a ela que tudo iria dar certo, para relaxar e dormir o resto da viagem de volta a Boston, mas Abby não tinha certeza.

Finalmente, eles voltaram ao hotel em Boston e, surpreendentemente, não havia paparazzi esperando por eles. Pelo menos eles deram um tempo, ela pensou cansada.

Dentro da suíte da cobertura, ela caiu na cama e adormeceu por muito, muito tempo.

Quando acordou novamente, ouviu vozes na suíte externa e sentou-se, confusa. Havia uma nota ao lado dela, colada ao edredom.

Em uma reunião. Saia quando estiver pronta. Tem roupas para você no armário, artigos de toalete no banheiro.

Amor, Matt

Saindo da cama, Abby foi ao armário e encontrou algumas roupas que foram entregues especificamente para ela. Ela vestiu um par de jeans que de alguma forma se encaixavam perfeitamente sem que ela os tivesse experimentado antes e uma camisa de mangas compridas que também caía exatamente como ela gostava.

Ela entrou no banheiro e se refrescou rapidamente, levando um momento para passar uma toalha úmida nos olhos inchados. Piscou para si mesma no espelho.

Eu pareço diferente, pensou. *Gostaria de saber se é porque Matt e eu dormimos juntos.*

Tudo era possível.

Abby saiu do banheiro e depois se aproximou da porta fechada do quarto. As vozes estavam mais altas agora. Matt estava conversando com um homem cuja voz ela não reconheceu.

Mas suas palavras exatas foram abafadas, e Abby não conseguiu descobrir exatamente o que estavam discutindo. Tudo o que sabia era que não havia risadas, nem brincadeiras. Mesmo sem ouvir o conteúdo da conversa, ela sabia com quase total certeza que era muito sério.

Finalmente, ela abriu a porta e entrou na suíte principal, onde Matt estava andando de um lado para o outro, os braços cruzados firmemente sobre o peito.

Enquanto isso, um careca de cabeça brilhante em um terno preto perfeitamente adaptado com um lenço roxo e gravata combinando estava sentado no sofá com uma maleta aberta ao lado dele. Ele estava segurando uma pilha de papéis e seus olhos castanhos examinavam as páginas com intenso foco.

— Oi — disse Abby, anunciando sua presença sem jeito.

Matt olhou para ela, mas apenas por um momento antes de retomar o passo.

— Ei — ele disse.

O careca olhou para ela também, com bastante atenção.

— Olá. Você deve ser Abby. Eu ouvi muito sobre você.

— Oh. — Ela sorriu.

Ele olhou para os papéis, a testa franzida, não estava mais interessado nela.

Matt parou de andar de novo.

— Abby, este é meu advogado, Bernie Hoffman.

Ele tem cara de Bernie, pensou Abby.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Hoffman.

— Você pode me chamar de Bernie, ou mesmo Berna — disse o advogado, ainda pesquisando seus documentos. A pasta dele estava transbordando com eles.

Abby foi até onde Matt estava parado. Ele usava calça cinza e um suéter verde claro e parecia precisar tomar banho e se barbear. Mas ele estava obviamente muito tenso, quando ela tentou colocar a mão em seu braço, ele se encolheu.

— Tudo bem?— Ela disse suavemente.

— Nem remotamente — respondeu ele, mas ainda não olhou para

ela. — Se você quiser café, o serviço de quarto trouxe comida — disse ele, gesticulando para duas bandejas estacionadas no canto da sala.

— Oh, tudo bem — ela disse, sentindo uma dor no estômago. Ela estava preocupada novamente. Matt estava chateado, e ele parecia não a querer por perto. Ele queria que ela saísse da sala ou algo assim?

Ela não sabia.

Abby foi até a mesa e se serviu de uma xícara de café.

— Quer alguma coisa, Matt? Ou senhor ... Bernie?

Eles não responderam.

— Esses contratos são de ferro — Bernie disse a Matt, retomando a conversa agora.

— Então preciso terminar minha turnê — disse Matt.

— Como está, você está de vermelho. Kurt administrou mal seus fundos e ninguém viu. Muito dinheiro foi transferindo, indo de uma holding para outra, de uma conta para outra, grandes depósitos e saques por todo o lugar.

— Cristo — disse Matt, balançando a cabeça.

— Vai levar semanas, se não meses, e muita mão de obra para descobrir tudo o que ele estava fazendo. Muito desse material de turnê está funcionando como um negócio à vista, e tantas pessoas estavam sendo pagas. — Bernie observou mais alguns papéis e os colocou de lado. — Mas o resultado final é que sua empresa está à beira da falência. O que significa que você, pessoalmente, está à beira da falência.

— Eu ganhei milhões e milhões...

O advogado levantou a mão para parar Matt.

— Se você cancelar a turnê, haverá enormes consequências. Sua gravadora provavelmente será processada pelos locais e, por sua vez, processará você para recuperar as perdas.

Abby não podia acreditar no que estava ouvindo. Ela trouxe sua xícara de café enquanto caminhava de volta para onde Matt estava parado.

— Matt — disse ela, esperando não irritá-lo ainda mais.

Ele olhou para ela, impaciência gravada em seu rosto.

— O que?

— Por que você está falando sobre o cancelamento de sua turnê?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Eu simplesmente não posso suportar a ideia de voltar lá novamente. Fazer essa besteira. É tudo falso, Abby. Eu nunca quis ser esse cara, e agora estou prestes a voltar à estrada, fingindo ser a mesma pessoa

que não sou e que não tem nada a ver com o que eu queria me tornar.

Ela mordiscou o lábio inferior ansiosamente.

— Se você fizer os shows contratados, só até terminar...

— É uma turnê enorme que durará meses. — Matt se virou e olhou para ela. — E quanto a tudo o que passamos? — Ele continuou. — Quando estou em turnê, tudo em que vou me concentrar nos meus shows e viajar, e garantir que o show continue e seja um sucesso. Não haverá espaço para nós ou para você estar na minha vida.

O advogado estava assistindo a troca deles.

— Com licença — ele disse, — mas acho que você não entende completamente a extensão de sua exposição, Matt. Se você não cumprir seus contratos, poderá acabar endividado na ordem de cinco ou dez milhões de dólares. Os números simplesmente não somam.

— Eu entendo — disse Matt. Ele continuou olhando para Abby e agora falava diretamente com ela. — Estar sozinho com você, passando pelo que passamos nos últimos dias ... me fez reconsiderar tudo.

— Eu não quero que você desista de nada por mim — ela disse, seu estômago revirando. — Eu não poderia suportar essa responsabilidade.

— Não é sua responsabilidade — disse ele. — Mas eu sei que se eu voltar em turnê, voltarei a uma vida em que não acredito mais. Minha vida será falsa e me perderei novamente, quando mal comecei a me descobrir novamente.

Ela engoliu em seco, seus olhos brilhando.

— Você sabe que eu apoiarei qualquer decisão que você tomar.

— Eu não quero voltar em turnê. Eu quero ser apenas nós — ele disse. Seus olhos estavam firmes, completamente envolvidos com ela, ignorando tudo o que estava ao seu redor.

Seu estômago deu alguns giros quando a enormidade disso atingiu sua força total.

— O que faríamos?

— Eu não tenho ideia — respondeu ele. — Nós descobriríamos juntos.

— Escute — disse Bernie, levantando-se, deixando seu maço de papéis no sofá. — Você não está pensando direito, Matt. Isso vai arruinar sua vida.

Matt se virou e olhou para ele.

— Eu entendo sua posição. Tudo o que posso pedir para você fazer é tentar me proteger da melhor maneira possível, de acordo com meus desejos.

— Eu não posso protegê-lo se você morder a mão que o alimenta —

zombou o advogado, as bochechas ficando vermelhas de frustração. — Você quer que eu te proteja? Eu gostaria que você se comprometesse com um manicômio - é o que eu faria para protegê-lo.

— Se você quiser ir embora, pode ir — disse Matt. — Vou encontrar outro advogado para cuidar dos meus negócios.

O rosto de Bernie estava pálido.

— Ninguém nunca mais trabalhará com você. Não na indústria da música, não na indústria cinematográfica. Você terá sorte em conseguir um emprego cantando na estação de metrô daqui a um ano.

Matt deu de ombros.

— Fiz coisas piores do que cantar no metrô.

Abby teve que sorrir com esse comentário e percebeu que nunca havia amado Matt Hunter tanto quanto naquele momento. Ele estava se posicionando e, mesmo que fosse um erro, era um erro dele.

O advogado olhou de Matt para Abby e voltou, seus olhos arregalados e confusos.

— Vocês dois são loucos — ele anunciou, e depois correu para o sofá e começou a empilhar rapidamente os papéis de volta na pasta.

— Está tudo bem — disse Matt. — Você tentou o seu melhor, Berna.

— Maluco — Bernie disse, ignorando-o e levando sua maleta com ele, quando ele rapidamente saiu do quarto de hotel, sem olhar para trás.

A porta se fechou e Abby olhou para Matt, insegura.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia? Quero dizer, esse era seu advogado, você paga a ele para lhe dizer o que fazer nesse tipo de situação.

Matt deu um suspiro. Ele caminhou até a janela e olhou para a cidade.

— Tudo o que sei é que sinto um peso gigante em meus ombros. Sinto que deixei a fama e o dinheiro me transformarem em algo que não sou. Eu esqueci quem eu era por muito tempo, e agora de repente estou acordando, voltando à vida pela primeira vez em eras. — Ele se virou e olhou para ela e seus olhos estavam brilhantes e úmidos. — Graças a você, linda.

Ela colocou sua caneca de café quase intocada sobre a mesa. O copo quase vazio de Bernie ainda estava lá, e ao lado dele uma caneta que ele acidentalmente deixara para trás com o nome de sua empresa.

— Estou com medo — ela disse honestamente. — E se você me culpar por isso? E se mais tarde você decidir que tudo isso foi um erro terrível?

Matt riu.

— Eu não posso te culpar pela minha decisão.

Ela mordeu o lábio, pensando.

— Tudo o que eu quero é que você seja feliz.

Ele sorriu, voltando para ela, pegando as mãos dela.

— Estou feliz, Abby. Pela primeira vez, talvez em toda a minha vida, sou verdadeiramente livre.

Ela sorriu também, e então ele a beijou, e as borboletas dançaram em seu estômago novamente, mas desta vez foi por uma boa razão.

Os lábios de Matt eram como fogo e suas mãos subiam e desciam seu corpo, tocando-a, fazendo sua pele estremecer de prazer, e ela sabia que, apesar de todas as incógnitas da situação - ela não gostaria que fosse. outro jeito.

***

Mais tarde naquele dia, Abby estava saindo do banho quando ouviu Matt atender a porta do quarto de hotel.

Ela podia dizer, pelos sons, que ele havia pedido mais serviço de quarto.

Sorrindo, Abby vestiu a calcinha fio dental, fechou o sutiã e depois colocou um vestido leve, sexy e confortável. Todas as suas roupas novas haviam sido enviadas por vários estilistas, como sempre, mas ela tinha que admitir que as amava.

Era como se alguém tivesse entrado em sua mente e descoberto exatamente o que ela escolheria para si mesma se tivesse dinheiro ilimitado e conhecimento dos estilos mais recentes.

Saindo do banheiro, ela prendeu o cabelo úmido para trás com um laço e saiu do quarto para encontrar Matt puxando as tampas prateadas dos carrinhos. Ele revelou duas saladas grandes, tigelas de sopa cremosa e sanduíches de bife com acompanhamentos de salada de batata.

— Vamos sair do quarto? — Ela brincou.

Matt olhou para ela, seus olhos sérios.

— Quero manter você aqui só para mim — disse ele. — Eu não quero compartilhar você com mais ninguém.

Abby balançou a cabeça, rindo. Ela não tinha certeza se Matt estava enlouquecendo ou se encontrando, mas de qualquer forma, ela estava gostando da mudança dele.

Eles se sentaram juntos e começaram a comer. Tudo tinha um sabor maravilhoso e os dois comentaram a qualidade da comida.

Matt estava relaxado, se divertindo.

— Não me lembro da última vez que realmente não tive nada para fazer — disse ele, mordendo seu sanduíche e depois limpando as mãos para tirar as migalhas.

Abby tomou um gole de sua lata de Diet Coke. Matt havia encomendado, já começando a conhecer seus gostos e aversões.

— Você está nervoso com o CLUB VIP? — Ela disse, esperando não estar abafando a atmosfera divertida.

Matt não foi interrompido por sua pergunta. Ele engoliu um pedaço de bife e limpou a boca com um guardanapo.

— Eles receberam minha mensagem — ele respondeu, pegando o sanduíche novamente. — Eu acho que eles vão nos deixar em paz agora.

— Como você sabe? Aconteceu algo que você não me contou?

Matt suspirou.

— Meus homens cuidaram das coisas — ele disse a ela. — Você não quer saber os detalhes, lembra?

— Mas se o CLUB VIP respondeu a você, quero saber o que eles disseram.

— Eles não responderam exatamente a mim.— Matt deu outra mordida no sanduíche e mastigou.

Abby revirou os olhos.

— Eu ainda não entendi.

Ele respirou fundo e soltou o ar.

— Vamos colocar dessa maneira. O pequeno tapa que dei em Scott no banheiro daquele restaurante não foi nada comparado ao que meus homens fizeram com os dois idiotas que sequestraram você. Eventualmente, esses idiotas foram devolvidos ao remetente e, quando foram, entregaram uma mensagem muito clara aos caras que querem nos machucar.

— Mas como você sabe que o CLUB VIP não vai apenas retaliar?

— Meus homens tiveram interação com o CLUB VIP. Você não quer saber exatamente que tipo de interação, mas basta dizer que algumas pessoas no topo da organização lamentaram e reconsideraram suas ações em relação a você e sua família.

Abby não tinha certeza, tudo parecia vago e confuso para seus ouvidos.

— Então eles não vão tentar nos machucar mais?

— Nada é uma garantia na vida — disse Matt. — Mas, geralmente, quando você dá o seu melhor soco e o cara o pega, e depois o acerta duas vezes mais forte ... normalmente, qualquer pessoa com meio cérebro se afasta

e não desafia a sorte.

— Espero que você esteja certo — disse ela. Ela se perguntou como teria sido quando os homens de Matt haviam atingido o pessoal do CLUB VIP duas vezes mais. Ela imaginou que não tinha sido bonito.

— Se eu estiver errado e eles decidirem continuar, descobrirão exatamente do que eu sou capaz.— Matt parecia ter algum prazer com a perspectiva, sua boca abrindo um leve sorriso. enquanto ele dava mais uma mordida no sanduíche e mastigava alegremente.

Depois que os dois terminaram de comer, Matt empurrou os carrinhos para o lado de fora e os deixou no corredor para a equipe levar.

Ele voltou para dentro, onde Abby estava no sofá, esperando.

— E agora?— Ela disse.

— Você é exigente — Matt riu. — Acabamos de comer e você quer saber o que vem a seguir?

Ela sorriu para ele.

— Quero dizer, eu não ligo se você tem coisas para fazer. Eu posso me divertir.

— Sim?— Matt riu, colocando as mãos nos quadris e olhando para ela. — O que você vai fazer para se divertir?

— Eu não sei, talvez assista TV.

Matt lambeu os lábios.

— Ou talvez você possa tentar me divertir.

Abby sentiu seu pulso instantaneamente começar a acelerar, só de ver o olhar em seu rosto. De repente, ela percebeu o quanto o seu vestido havia subido nas pernas e o tanto de decote estava mostrando.

— Eu - eu farei o que você quiser — ela respondeu o mais casualmente possível.

Matt sorriu, seus olhos brilhando de repente. Ele pegou o controle remoto e ligou a televisão, mudando o canal para uma estação de música. De repente, uma linha de baixo pesada e teclados deslizantes cortaram o ar, e uma voz sensual cantou letras que Abby não estava familiarizada.

— Vamos mudar de lugar — disse ele. — Vou sentar onde você está sentada e você se levanta.

Abby não tinha certeza do que Matt tinha em mente, mas mesmo assim, seus mamilos ficaram tão rígidos que estavam cutucando insistentemente o material fino de seu vestido. Ela se levantou e eles passaram um pelo outro, enquanto Matt se sentava no sofá.

A música era alta, a batida forte em seus ouvidos.

Ela sorriu incerta.

— E agora?

— Essa é sua pergunta favorita ultimamente — disse Matt, cruzando as pernas e relaxando de volta no sofá. — Mas, para sua sorte, eu tenho a resposta.

Ela mexeu os pés, esperando que ele continuasse.

— Eu quero que você dance para mim — disse ele, seus olhos escurecendo.

Ela congelou no lugar.

— Dançar?

— Quero que você me dê uma dança de colo.

Ela não podia ter certeza se ele estava falando sério. Inicialmente, ela pensou em dizer não. Era constrangedor. Dançar para Matt Hunter? Ele era um dançarino incrível, e ela se sentia boba tentando dançar para ele.

A música já estava no ar e Matt estava esperando, observando-a com expectativa. Ela não queria decepcioná-lo, não queria que ele pensasse que estava com medo de correr um risco.

E, no entanto, estava tão inibida que, ao tentar balançar ao som da música, sentiu as bochechas ficarem vermelhas, todo o rosto corando de vergonha. De repente, seu corpo ficou rígido e de madeira, e seu senso de ritmo se perdeu.

Matt a observou, balançando a cabeça levemente.

— Quero que você levante um pouco o vestido — disse ele.

Abby estava agradecida pela direção. Ela precisava de algo para se agarrar, alguma vaga ideia de como isso deveria funcionar e o que Matt queria dela. Ela pegou o material do vestido e lentamente começou a puxá-lo para subir pelas coxas.

E então, quando ela viu a luxúria em seus olhos, caminhou em direção a ele, então agora ela estava em pé diretamente na frente dele, com as pernas abertas e os pés dele saindo, então ela estava quase montando nele, mas não completamente.

Abby começou a afundar, e Matt agarrou seus quadris enquanto ela balançava e ondulava ao som da música. A batida fazia sentido agora, pois ela se permitia se mover no tempo, sem se preocupar em ser perfeita, sem se preocupar com nada, mas mostrando a Matt do que ela era capaz.

Enquanto as mãos dele viajavam dos quadris dela para a pele nua de

suas pernas, Abby se afastou, provocando-o.

— Volte aqui — disse ele. — Eu quero que você se sente no meu colo.

— Por que eu deveria? — Ela perguntou, arqueando uma sobrancelha, depois se virando e agindo como se fosse se afastar dele.

Ele agarrou o pulso dela e puxou-a para o colo, e agora ela realmente estava montada nele, dando-lhe a dança de colo que ele havia solicitado.

A música estava aumentando e ela esfregou a bunda no colo de Matt, sentindo-o enrijecer e cutucar nela. Ela se moveu em cima dele, jogando a cabeça para trás quando sentiu a estimulação de seu pênis contra sua vagina.

As mãos de Matt deslizaram para a frente do vestido e soltaram os seios, e quando saíram, ela ofegou audivelmente, mas continuou a montá-lo.

Ele deslizou os dedos sobre os mamilos dela, apertando-os, puxando o sutiã para baixo.

Quando a música começou a desacelerar novamente, Abby de repente percebeu que não era a bateria que fazia todo o barulho. Alguém estava batendo na porta.

— Merda — ela gritou, virando-se para Matt. — Quem é?

— Eu não sei — disse ele.

Ela se afastou dele e começou a arrumar o vestido. Ela se sentia como uma adolescente cujos pais acabaram de chegar em casa e a pegaram no flagra com um garoto no quarto dela.

E se fosse o gerente do hotel, respondendo a uma reclamação?

E se fosse alguém do CLUB VIP?

As batidas ficaram mais altas, e agora era como uma batida incessante. Matt estava de pé e caminhava em direção à porta. Ele espiou pelo buraco da fechadura e seus ombros relaxaram, depois se curvou um pouco, como se tivesse visto algo que não gostava.

Matt virou-se para ela.

— Apenas seja legal — disse ele.

Ela conseguiu se recompor, mas estava suada e amassada.

— Seja legal com o que?

— Temos visitantes.— E então ele abriu a porta e duas pessoas entraram na sala. Por um momento, a primeira pessoa a entrar pela porta foi tão inesperada que Abby não a reconheceu a princípio.

Mas então seu cérebro se adaptou ao fato de que a estrela pop Courtney Taylor havia aparecido aleatoriamente no quarto de hotel de Matt. Logo atrás dela, havia um homem esbelto, de casaco de couro escuro e calça escura,

cabelos ralos que ainda eram caros e penteados.

— Matt, prazer em vê-lo — disse o homem, oferecendo a mão, e Matt relutantemente a apertou.

— Ninguém me disse que você estava vindo me ver — disse Matt, com tom cauteloso, enquanto fechava a porta e observava Courtney girando pela sala.

Ela usava um vestido azul esvoaçante, botas e um cachecol comprido enrolado no pescoço.

— Eu senti sua falta — Courtney disse a ele, parando seu movimento brevemente para dar a ele um olhar bonito, mas reprovador.

Ela está flertando com ele , Abby pensou, seu estômago azedando.

— Oi, prazer em conhecê-la — disse o homem, agora oferecendo a mão para Abby. Ele sorriu e ela notou que seus dentes estavam um pouco tortos e um de seus olhos estava um pouco fora do centro. — Você deve ser Abby — ele anunciou.

— Sim — disse ela, apertando a mão dele. Sua pele era macia e suave e quase escorregadia.

Abby sentiu como se soubesse o que eles estavam fazendo, assim como ele estava do lado de fora do quarto batendo no hotel, enquanto lhe dava um sorriso ainda mais amplo.

— Meu nome é Sander Edwards.

— Ele é o presidente da gravadora, para ser mais preciso — disse Matt, observando Sander com uma expressão cautelosa.

— Pensei que devíamos aparecer — disse Sander, colocando as mãos nos bolsos da calça e balançando levemente nos calcanhares. — Afinal, você meio que desapareceu e nos deixou um pouco à vontade.— Ele disse isso com um sorriso largo, como se fosse algo agradável e até digno de elogios.

— Sim, bem ... as coisas ficaram muito complicadas recentemente — disse Matt.

Courtney voltou a deslizar pela sala.

— O que vocês estão fazendo aqui o dia todo, escondidos sozinhos? — ela perguntou, franzindo o nariz um pouco. — Você não fica entediado?

— Não estamos aqui há tanto tempo — Abby disse a ela.

Matt lançou um olhar de alerta para Abby, quando os olhos de Courtney se estreitaram.

— Então, onde você esteve? Porque ninguém parece ter uma pista.

Matt coçou a mandíbula.

— Eu tive muito com que lidar recentemente. Não é nada sobre o que eu possa falar, é pessoal.

— Oh, pessoal — disse Courtney, assentindo como se isso explicasse tudo. Ela espiou pela porta do quarto parcialmente aberta enquanto passava por ela.

— Eu ouvi do seu advogado algumas horas atrás — disse Sander, aproximando-se de Matt. — Ele mencionou algo sobre você querer adiar a turnê indefinidamente.

Courtney interrompeu a conversa.

— E eu conversei com Sander e garanti a ele que Matt Hunter nunca faria isso conosco, não iria nos ferrar e a todos os seus fãs e promotores - o Matt Hunter que *eu conheço* não falharia com seus compromissos— Courtney disse, parando para olhar para Abby enquanto dizia isso.

Você mal o conhece, pensou Abby.

Abby sentiu como se a acusação fosse que, de alguma forma, isso era tudo o que ela estava fazendo. Ela olhou para Matt e depois de volta para Courtney.

— Matt faz suas próprias escolhas — disse ela, com a garganta apertada, a raiva começando a ferver em seu peito.

— Espero que sim — disse Courtney, piscando inocentemente.

Matt olhou para o chão enquanto falava.

— O problema é que, por mais doloroso que seja, eu decidi não continuar minha turnê. — Ele finalmente olhou para Sander, que ainda estava sorrindo, como se estivesse congelado em seu rosto.

— Doloroso?— Sander perguntou. — Doloroso para quem?

— Para todos — disse Matt, ainda olhando para ele.

De repente, Courtney começou a rir histericamente. Ela estava balançando a cabeça e rindo tanto que ficou estranho ouvi-la.

— Alguma coisa engraçada? — Abby perguntou, sentindo que realmente queria dar um tapa no rosto desagradável da garota.

— Isso tem que ser uma piada. Matt, por favor, diga-me que você está brincando.

— Não é uma piada — ele respondeu.

— Olha, seja lá o que está acontecendo com você — Sander disse a ele — tudo o que precisa fazer é pedir minha ajuda. Nós podemos cuidar disso, Matt. Sempre fomos bons com você, não é?

— Tudo bem, Sander.

O sorriso de Sander desapareceu pela primeira vez.

— Espero não precisar explicar que temos um contrato de ferro, Matt. Você é um homem inteligente.

— Eu não vou continuar a turnê. Não posso mais fazer isso.

Courtney estava olhando para ele agora, e a pretensão de boa índole havia desaparecido de sua expressão. Ela parecia mais um tipo de cachorro selvagem, as narinas dilatadas, os olhos arregalados com uma expressão desesperada de necessidade, medo e desconfiança.

— Eu quero lhe mostrar uma coisa — disse ela em voz baixa, pegando o celular e batendo rapidamente na tela de toque. Ela andou perto de onde Matt estava, e entregou o telefone para ele.

Matt pegou, uma expressão confusa cruzando suas feições.

— Esse é o nosso vídeo - aquele de nós cantando juntos. Você vê quantas visualizações ele tem? — Ela perguntou.

Ele assentiu, encolhendo os ombros.

— E?

— Então — ela disse, — tem quase duzentos milhões de visualizações. — Ela se inclinou para perto dele e começou a tocar o celular enquanto ele o segurava.

Abby odiava como ela estava esfregando o braço nu contra o braço de Matt, seu cabelo bonito roçando no ombro de Matt. Ele estava olhando de soslaio para ela, e Abby se perguntou se talvez estivesse se lembrando de como Courtney Taylor era incrivelmente bonita e sedutora.

Ele estava pensando em como ela poderia parecer com aquelas roupas, deitadas em sua cama? Abby tentou se livrar de seu medo e insegurança.

Matt me ama.

— Agora, o que eu deveria estar vendo?— Matt perguntou, um pouco de impaciência rastejando em sua voz.

— Esse é o seu videoclipe mais recente do seu álbum solo — ela respondeu. — Veja quantas visualizações ele tem, Matt.

Ele franziu a testa.

— Oitenta e três milhões.

— Nem metade do que conseguimos, com um pequeno vídeo bobo que foi filmado por uma amadora.

Abby sentiu uma careta, já que Courtney estava se referindo a ela. Foi ela quem gravou o vídeo. Era ela que Courtney chamava de “amadora” com desprezo. Mas Abby manteve a boca fechada por um momento.

Matt devolveu Courtney ao telefone.

— Não tenho certeza se entendi — disse ele.

— O ponto deve ser óbvio — disse Sander.

— O ponto é que você e eu somos uma grande equipe — disse Courtney. — Você não vê o potencial dessa turnê? Para nós dois?

Matt balançou a cabeça.

— Não é sobre isso.

— Então o que é isso? — Ela disse. - Você acha que é grande demais para cair, Matt? Você é realmente tão arrogante quanto todo mundo está dizendo que você é?

— Se você pensou que viria aqui e me faria mudar de ideia me mostrando alguns vídeos do YouTube, estava enganada.

— Estou tentando ajudá-lo a evitar o maior erro da sua vida — disse ela. — Você e eu podemos voltar em turnê amanhã e vender todos os locais do país, do mundo. Podemos tornar isso divertido de novo, Matt. Meu novo single está explodindo por toda a Europa e Japão...

— Você vai ter uma carreira maravilhosa — Matt disse suavemente. — Mas eu não quero mais esse tipo de carreira.

Ela levantou as mãos.

— Não faz sentido falar com ele! Ele não percebe que precisa de mim muito mais do que eu preciso dele.

Abby não conseguia mais ficar calada.

— Quantas visualizações seu último vídeo tem por si só, Courtney?

Courtney girou e olhou para ela.

— Você deve saber que não deve se envolver nos negócios de pessoas de sucesso que realmente criam arte, que realmente fazem coisas.

— É uma pergunta simples — disse Abby.

— E você simplesmente não vale o meu tempo — disse Courtney. — Estou colocando você no modo ignorar.— Ela voltou-se para Matt.

Abby pegou seu próprio telefone celular e olhou o vídeo sozinha.

— Você tem dois milhões de visualizações no seu último vídeo, Courtney. Corrija-me se eu estiver errada, mas dois milhões é muito menos do que oitenta e três milhões. Tipo, Matt provavelmente poderia se filmar comendo um hambúrguer e ter mais visualizações do que seu último single teve.

— Vá se foder — disse Courtney, virando-se para encará-la novamente. — Sua idiota, você não tem ideia do que está fazendo aqui. Você

acha que está ajudando-o? Você realmente acredita que tudo vai dar certo e você e Matt vão viver felizes para sempre?

Abby sorriu docemente, embora por dentro estivesse furiosa e com um pouco de medo.

— É exatamente o que eu acho, Court.

Encurtar o nome dela parecia enfurecer Courtney ainda mais. Ela apontou um dedo para Abby.

— Você deve ser mais estúpida do que lhe dei crédito. Matt não vai querer nada nem ninguém para lembrá-lo da bagunça que ele fez de sua vida. E depois que ele atingir o fundo do poço e perder sua fortuna e carreira, e tudo o que ele trabalhou tão duro para construir - a última coisa que ele vai querer fazer é ver seu rosto todos os dias. O rosto da mulher que fez sua vida inteira desmoronar.

Abby sentiu-se dar um passo para trás, pois o efeito das palavras de Courtney tinha sido tão físico quanto emocional.

Ou talvez fosse que ela nunca sentisse uma explosão de ódio no forno ao mesmo tempo.

Sander pegou o braço de Courtney gentilmente e sussurrou algo em seu ouvido.

Courtney se afastou dele.

— Não vou me acalmar. Às vezes as pessoas precisam ouvir a verdade.

— Courtney — disse Matt, sua voz calma, profunda e poderosa. Pareceu cortar a tensão na sala e parar todo mundo.

Era como se um rei tivesse ouvido pedidos e argumentos e agora estivesse prestes a pronunciar seu julgamento.

Courtney e Sander viraram a cabeça e olharam para Matt, ambos mansos e quietos, esperando que ele continuasse.

Os olhos de Matt estavam frios e distantes, mas havia uma emoção poderosa sob seu exterior frio.

— Compreendo que você veio aqui para fazer um último esforço para salvar a turnê. E porque fui eu quem desistiu, posso aceitar sua raiva e até seu nojo.

Ele fez uma pausa por um longo momento e olhou para Courtney com olhos que faziam sua birra parecer nada mais do que uma criança jogando brinquedos fora de si. berço. Os olhos de Matt tinham aquele olhar de mil jardas que mostrava que ele havia passado por mais de sua vida do que ela poderia imaginar.

— O que eu não posso aceitar — continuou Matt em voz baixa e lenta, — é o desrespeito que você mostrou à mulher que amo.

— Escute, Matt — começou Sander, tentando aliviar o clima.

— Sander — disse Matt, olhando para ele momentaneamente. — Não me faça machucá-lo.

O homem pareceu encolher dez centímetros quando fechou a boca.

Courtney cruzou os braços protetoramente sobre o peito.

— Estou tentando ajudá-lo, Matt.

— Você continua agora e tem uma ótima carreira, Courtney — disse Matt, quase um sussurro. — Mas vou lhe dar um pequeno conselho, já que você teve a gentileza de me dar o benefício de seus anos de sabedoria. Acho que talvez você deva se lembrar de que todas aquelas pessoas em quem pisou enquanto subia até o topo, vão te encontrar quando descer de novo, e isso não será bonito.

— Talvez você deva seguir seu próprio conselho — ela respondeu, mas o fogo se extinguiu em sua voz e sua confiança foi abalada.

— Saia do meu quarto — disse ele. — A turnê não vai acontecer.

Eles se viraram e começaram a sair juntos. Sander Edwards olhou por cima do ombro quando ele abriu a porta do quarto de hotel.

— Você vai estar com muitos problemas, Matt. Você honrará esse contrato de uma maneira ou de outra.

— Faça o que tiver que fazer — Matt disse a ele.

E então eles se foram.

Quando a porta se fechou, a sala ficou assustadoramente silenciosa. Abby se abraçou momentaneamente,.

Matt olhou para ela.

— Você está bem?

Ela assentiu sombriamente.

— Acho que sim.

Ele deu um sorriso reconfortante, caminhando em sua direção.

— Não deixe a conversa fiada de Courtney chegar até você. Ela é uma pirralha que não conseguiu o que queria.

— Mas talvez ela esteja certa — disse Abby. — Se tudo der completamente errado, e se esse for um erro horrível, você pode acabar acreditando que é minha culpa.

— Por que seria sua culpa?

— Eu não sei.

Ele pegou a mão dela na dele.

— Abby, fui eu quem disse que não queria continuar em turnê. Você não tem nenhuma responsabilidade pela minha escolha no assunto.

Abby olhou para ele, o amor em seus olhos quase a esmagando. Ele a defendia e ela não podia duvidar dele. Mas então, alguma dúvida persistente persistiu.

— Você tem certeza de que eu não tive nada a ver com isso? Você disse que não haveria espaço para nós ou para mim em turnê. Pareceu levar em consideração sua decisão.

Matt soltou a mão dela e suspirou profundamente, revirando os olhos para o céu.

— Ok, então talvez isso tenha sido levado em consideração. Mas a culpa não é sua e nunca será.

Ela olhou para o chão, procurando incerta.

— Algum dia você pode começar a se ressentir de mim — ela sussurrou. — Você pode pensar que eu sou amaldiçoada...

Matt riu.

— Eu não sou supersticioso.

— Eu só não quero te perder por isso — ela admitiu, finalmente.

— Você não pode me perder — disse ele. — Porque eu te encontrei, e eu vou te segurar pelo resto da minha vida.

***

Naquela noite, eles tomaram Iced Tea com álcool que Matt preparou no bar do quarto de hotel e depois jogaram strip poker. No final do jogo, Abby estava de sutiã e calcinha e Matt estava de cueca, e Matt não conseguia tirar as mãos dela.

Ele fez amor lento e apaixonado no chão, e ela podia sentir as cartas em suas costas enquanto o peso de Matt afundava nela.

Ele deslizou seu pênis dentro e fora da sua umidade, beijando sua boca enquanto passava as mãos pelos cabelos dela, e então ele a virou de bruços e a comeu por trás. Suas mãos agarraram o tapete quando o eixo enorme de Matt quase a dividiu no meio, e ela gritou de prazer, bêbada no chá gelado e no sexo de Matt e tudo o que sua vida havia se tornado.

Depois disso, eles se deitaram na cama, suados e nus e meio adormecidos. Entrelaçada na cama grande, Abby beijou o peito de Matt, o

estômago e depois levou seu pênis macio em sua boca, chupando até que ele estava duro novamente.

Na escuridão, ela o lambeu e chupou até ele explodir em sua boca, e ela engoliu cada gota, e Matt jogou a cabeça para trás no travesseiro, suspirando com facilidade enquanto seu corpo inteiro relaxava.

Eles dormiram juntos, e ela podia ouvir o barulho constante do batimento cardíaco dele durante a noite, batendo contra as costelas enquanto ela deitava a cabeça no peito dele.

Aconchegando-se o mais perto que pôde, Abby não queria que esse tempo chegasse ao fim.

Eu o amo muito, ela pensou.

Eu nunca amei ou fui amada dessa maneira.

Nem seus pais a amaram tão completamente, nem ela poderia dizer que os amava tão completamente quanto o que sentia por esse homem que ela conhecia há pouco tempo.

E, no entanto, aqui estava ela - depois de tudo o que passara em sua vida - todo o desgosto, sofrimento e pensamentos de acabar com tudo.

Encontrei meu lugar, pensou ela, enquanto os braços fortes de Matt passavam protetoramente em volta dos ombros dela e ele se mexia nela, sem saber o que estava fazendo. Ele estava dormindo, e mesmo assim seu instinto parecia abraçá-la.

Abby acariciou sua pele, aninhou-se nele e finalmente dormiu.

***

Na manhã seguinte, eles acordaram e Matt pediu que o serviço de quarto trouxesse o café da manhã. Ambos estavam relativamente quietos enquanto comiam, mas era um silêncio confortável entre eles. Não havia necessidade de forçar nada.

Ocasionalmente, Matt olhava para ela e sorria, depois tomava café e voltava a assistir o Sports Center na ESPN.

Abby olhou pela janela grande enquanto comia, sonhadora, imaginando como poderia estar onde estava, com ele, e ser tão feliz. Nada explicava como ela terminara lá, e ela não queria pensar muito sobre isso, porque de alguma forma isso poderia mudar.

Abby não queria que nada mudasse.

Depois do café da manhã, ela tomou um bom banho longo, raspou as

pernas, se lavou e depois saiu, se vestiu, se maquiou e saiu do banheiro.

Quando ela saiu, Matt estava assistindo a um vídeo em seu computador, sentado à frente, um olhar preocupado no rosto.

Na tela, havia um repórter em uma redação falando.

— Não foi um mês muito bom para o astro Matt Hunter — disse o repórter na tela, balançando a cabeça com um olhar triste no rosto. — De shows cancelados a comentários ofensivos sobre pessoas que sofrem de depressão, a estrela sitiada parece ter apenas começado quando se trata de causar polêmica. E agora - continuou o repórter, arregalando os olhos com descrença -, algumas das pessoas mais próximas de Matt estão finalmente começando a falar. Hoje, Courtney Taylor falou.

O clipe mudou para uma foto de Courtney sendo entrevistada por um repórter na rua. Um microfone estava em seu rosto.

— Courtney, há alguma verdade nos relatos de que a turnê com Matt Hunter foi cancelada?

Courtney lambeu os lábios vermelhos.

— Tem havido tantos rumores por aí, e realmente tem sido doloroso para todos nós, que somos próximos de Matt, saber a verdade e não poder falar sobre isso.

— E qual é exatamente a verdade?

A bela cantora sorriu tristemente.

— A verdade é que Matt Hunter se tornou um passivo no mundo da música. Aqueles de nós que o conhecem e se preocupam com ele tentaram incentivá-lo a fazer melhores escolhas, a obter ajuda e a se afastar das pessoas que atualmente estão permitindo seus maus hábitos. Mas acho que ele ainda não está pronto para mudar. Em vez disso, ele cancelou a turnê e deixou milhares de pessoas na mão.

— Quando foi a última vez que você falou com ele?

Ela balançou a cabeça.

— Eu preciso respeitar a privacidade de Matt. Eu realmente me importo muito com ele, e espero que ele receba a ajuda de que precisa em breve, antes que as coisas piorem. — De repente, Courtney colocou a mão sobre a boca, aparentemente dominada pela emoção, e balançou a cabeça. — Eu ... me desculpe. Eu realmente não posso mais falar sobre isso. — E então ela se afastou da câmera.

— Cristo Todo-Poderoso — Matt rosnou. — Gostaria de saber se ela planeja fazer campanha para um Oscar com essa performance.

Abby mordeu o lábio inferior, revirando o estômago.

— Eu não posso acreditar naquele monstrinho. Ela é uma mentirosa.

O clipe voltou para a âncora de notícias em sua mesa.

— E isso não é tudo — disse ele, franzindo a testa levemente. — Uma declaração da gravadora de Matt Hunter foi divulgada hoje, em parte: *devido à conduta não profissional e comportamento errático do Sr. Hunter, fomos forçados a romper os laços e não mais promoveremos seu último álbum ou patrocinamos seu turnê mundial. Pedimos desculpas a todos os fãs que foram afetados por esta situação infeliz.*

A câmera girou para uma âncora que estava sentada em silêncio até aquele momento.

— Esta é uma história realmente estranha e confusa — disse ela.

— É Jessica — disse sua co-âncora tristemente.

— Nós vamos ter mais sobre isso nos próximos dias. Ainda não tem notícias de Matt Hunter?

O âncora meneou a cabeça com uma expressão confusa.

— Ele ficou surpreendentemente silencioso com todos os rumores, como a recente saída de seu gerente de longa data.

Jessica piscou em confusão.

— Suponho que a pergunta é: o que está acontecendo que todas essas pessoas do seu círculo interno estão se afastando de uma vez?

— Bem, você sabe o que dizem sobre ratos abandonando um navio naufragado, Jessica.

— Essa é uma analogia infeliz, Mark.

Matt fechou o computador com um estrondo.

— Idiotas — disse ele, levantando-se.

Abby ficou subitamente com medo. Era isso? Ele a culparia agora, com todas essas histórias saindo sobre ele?

— Matt, eu sinto muito — disse ela, sem saber o que mais fazer.

Seus olhos eram pedregosos.

— Eu sei o que está acontecendo aqui — ele murmurou.

Por um momento, ela teve certeza de que ele estava dizendo a ela, como se ela fosse a razão de tudo estar acontecendo.

— O que está acontecendo?— Ela perguntou, sua voz tremendo.

— Este é um ataque calculado à minha reputação. Minha gravadora está na ofensiva, iniciando uma guerra de relações públicas para me cortar de joelhos.

— Nós podemos revidar — disse Abby, sua coluna endurecendo. — Vamos fazer uma entrevista, algo longo - como uma hora especial - onde você pode dar o seu lado das coisas.

Mas Matt apenas balançou a cabeça negativamente.

— Acho que não — disse ele.

— Mas porque não? Você não pode simplesmente deixar Courtney e a gravadora jogá-lo na mídia. Eles estão mentindo. Ela fez parecer que você ficou louco.

— Talvez eu tenha ficado — disse ele, com um brilho nos olhos.

— Matt, isso é sério.

— Eu sei que é sério — disse ele, afastando-se dela e olhando pela janela. — Mas eu acabei com essa vida, Abby. Quando eu disse que tinha terminado, não quis dizer apenas que havia terminado a turnê. Eu terminei com todas as besteiras que o cercam - as entrevistas, os shows de fantasia, os jantares, sugando executivos, certificando-me de que minha imagem pública esteja completamente limpa. Não vou mais fazer isso.

— O que você está fazendo?— Ela perguntou.

Ele olhou pela janela por tanto tempo que ela pensou que talvez ele estivesse ignorando a pergunta dela, ou talvez zangado com ela por perguntar. Mas finalmente, ele se virou e a encarou.

— Acho que você quis perguntar: o que *estamos* fazendo?

Ela sentiu as bochechas corarem.

— Claro, eu quis dizer nós. Eu quis dizer nós. — Ela sorriu para sua própria autoconsciência. — Você sabe o que eu estava tentando dizer.

Matt avançou e a agarrou pela cintura.

— Vamos sair daqui, Abby.

— E ir para onde?

Ele sorriu e foi como se toda a raiva e tensão deixassem seu rosto.

— Flórida.

— Flórida?

— Eu tenho uma casa lá. É lindo, tem uma praia particular - a água é cristalina e você pode ver golfinhos nadando.

— Parece incrível.

Matt esfregou as costas levemente enquanto continuava.

— Seremos apenas nós dois, sem paparazzi de merda, sem datas de turnê, sem cantores loucos batendo em nossa porta.— Sua voz se tornou hipnótica enquanto ele continuava. — Vamos acordar todas as manhãs,

correr, tomar um café da manhã saudável, relaxar na piscina, fazer amor, ler um livro, dar um passeio, fazer amor de novo…

Abby riu quando suas mãos a agarraram mais baixo, apertando suas nádegas.

— Matt, fala sério.

— Estou falando sério — ele disse, dando um tapa na bunda dela de brincadeira.

— Você tem certeza de que é isso que você quer fazer?— Ela perguntou, olhando nos olhos dele. — Porque se você estiver com dúvidas...

— Eu não estou com dúvidas. Você está?

— Claro que não.

— Então faça as malas — disse ele, afastando-se dela e respirando fundo enquanto olhava pela janela novamente. — Porque estamos indo para a ensolarada Flórida hoje.

***

Algo estranho aconteceu no aeroporto particular onde o jato de Matt os esperava.

Quando se aproximavam do avião a pé, um homem de terno interceptou o caminho deles.

— Sr. Hunter? — O homem disse. Ele tinha um bigode espesso e parecia bastante sério.

— Algum problema?— Matt perguntou.

— Meu nome é Ronald Mattingly e sou responsável por contas. Infelizmente, parece que houve um problema com a sua.

Matt estava puxando a mala pela pista e agora tirava a mão da bagagem, cruzando os braços, a mandíbula tensa.

— Eu não entendo, Sr. Mattingly.

Ronald parecia encolher um pouco sob o olhar feroz de Matt.

— Senhor, eu não tenho certeza de como lhe dizer isso — ele olhou nervoso para Abby e depois de volta para Matt mais uma vez. — Mas sua conta foi congelada devido à falta de fundos. Aparentemente, os pagamentos deixaram de ser feitos e, por isso, fomos obrigados a proibir o uso do seu jato até que o problema seja resolvido.

Matt suspirou, enfiou a mão no bolso da calça e tirou uma carteira.

— Escute, Ronald — disse ele, contando cem notas de dólar enquanto falava. — Sou um cliente muito fiel há mais de três anos e gastei muito

dinheiro em seus jatos.

— Isso é verdade, Sr. Hunter, e nós apreciamos sua lealdade...

Matt continuou contando.

— Como isso foi um inconveniente para você, não me importo de pagar uma penalidade. Aqui estão dois mil dólares pelo seu problema.

Ronald balançou a cabeça, seu bigode tremendo.

— Sr. Hunter, eu realmente não posso. Esta não é minha decisão, é política corporativa e minhas mãos estão atadas.

— Eu preciso ir para a Flórida hoje, você entende? Eu estou indo para a Flórida hoje, Ron - com ou sem a sua ajuda. Se você não me ajudar, então vou me lembrar disso e também me certificarei de que você se lembre.

Matt olhou para ele, com a mão estendida, a grossa coleção de notas dobradas entre os dedos, esperando para ser levado.

— Eu posso fazer uma exceção para este único voo. Mas apenas este - disse Ronald. O suor havia caído na testa e ele o enxugou com o polegar, pegando as contas de Matt.

— Vejo você na próxima vez — Matt disse a ele, dando um sorriso rápido, então pegando sua mala e partindo para o avião. Abby caminhou rapidamente para acompanhá-lo.

— Sr. Hunter! - Ronald chamou, quando começaram a embarcar no jato particular.

Matt se virou e olhou para o homem.

— Sim?

— Não haverá uma próxima vez. Este é o seu último voo conosco, senhor.

Matt assentiu, acenando, e então eles entraram e sentaram-se, quando a aeromoça fechou a porta e deu um sorriso tenso.

Ficou claro que todos a bordo sabiam o que estava acontecendo, e a recepção estava fria para dizer o mínimo.

O interior do jato era incrível - como um quarto de hotel voador, com enormes assentos macios, um bar molhado, uma televisão de tela plana e até uma cama. Abby e Matt sentaram-se um ao lado do outro e Matt pegou a mão dela quando o jato começou a taxiar pela pista.

— Normalmente, o capitão aparece e diz olá — Matt sussurrou. — Acho que não desta vez.

— Eu me sinto como uma criminosa — Abby murmurou de volta, enquanto a aeromoça se sentava em um assento do lado de fora da cabine,

dando-lhe um olhar avaliador e crítico.

Matt riu.

— Sim, somos Bonnie e Clyde.

Ela olhou para ele.

— Você está preocupado?

— Estou preocupado em perder meus privilégios de voo?

— Aquele homem disse que você estava com os pagamentos atrasados. Seu advogado lhe disse que isso poderia levá-lo à falência completamente.

Matt apertou a mão dela quando o avião começou a decolar do chão, fazendo o estômago de Abby cair quando o nariz se inclinou quase direto no ar. Ela olhou pela janela e viu o chão recuando e, de certa forma, os problemas deles.

Matt finalmente falou novamente.

— Na verdade, não estou pensando no meu jato, no meu dinheiro ou na turnê - nada disso. Só estou pensando em você deitada na areia branca, vestindo nada além de um biquíni.

Abby sentiu seus mamilos enrijecerem quando ele disse isso. Ela estava imaginando Matt em nada além de um maiô, a água escorrendo pelo torso muscular e pelo abdômen duro, os cabelos presos para trás.

Ela lambeu os lábios, tentando não mostrar como estava excitada.

— Isso parece bom.

— Eu também acho.

O avião inclinou-se para o lado direito, rolando de modo que quase parecia que a janela estava apontando diretamente para o chão. E então, depois de alguns segundos, endireitou-se e, com exceção de alguns solavancos de breve turbulência, eles estavam aparentemente flutuando no ar.

A aeromoça se levantou e se aproximou.

— Gostariam de tomar uma bebida ou algo para comer?

— Acho que duas taças de champanhe seria ótimo — disse Matt.

A aeromoça lançou um sorriso largo para Matt e depois outro rápido olhar gelado na direção de Abby, antes de se afastar em direção ao outro lado do avião.

— Ela não gosta muito de mim — disse Abby.

— Quem, a aeromoça?— Matt acenou como bobo. — Você precisa parar de se preocupar tanto com o que as outras pessoas pensam de você — disse ele. — Especialmente estranhos.

Abby assentiu.

— Eu sei. Eu odeio como as pessoas fazem suposições e sempre parecem dispostas a acreditar no pior.

— É assim que muitas pessoas são, mas nem todas. E esse é problema deles. Não faça disso seu.

Abby lançou lhe um olhar de soslaio.

— Você é muito inteligente para um músico.

— Bem, eu li alguns livros de filosofia, então talvez eu não seja tão burra quanto você imaginou que eu era. Vejo? Agora era você quem fazia suposições.

Ele sorriu para ela.

Ela não podia acreditar no quão bonito Matt Hunter era - mas mais do que isso, ele era bonito por dentro. Ela estava olhando nos olhos dele e era como se ela pudesse ver sua alma. Abby percebeu que ela estava olhando por muito tempo quando Matt desviou o olhar, parecendo desconfortável com a atenção dela, afastando a mão dele.

A aeromoça estava de volta com duas taças cheias de champanhe.

— Por favor, deixe-me saber se você precisar de mais alguma coisa — disse ela a Matt e apenas a Matt, enquanto entregava as taças.

Abby agradeceu e foi ignorada.

Matt se virou e bateu os copos com ela, sorrindo calorosamente.

— À Flórida — ele disse.

— À Flórida — ela concordou, depois levou o copo à boca e tomou um gole.

— Para areias quentes, corpos quentes, e você deitada nua nos meus braços a noite toda — Matt sussurrou.

Abby sentiu seus braços arrepiarem-se quando ele falou.

— Você está tirando sarro — disse ela.

Matt balançou a cabeça negativamente.

— Não estou, Abby. Você não tem ideia do que vou fazer com você. Vai ser apenas nós dois, em minha casa, e não temos para onde ir. Espero que você possa lidar com isso.

— Eu tenho certeza de que posso — ela respondeu confiante, levando a taça aos lábios e bebendo um grande gole de champanhe.

— Bom — Matt disse a ela. — Porque este é o começo do resto de nossas vidas.

O resto do passeio transcorreu sem intercorrências, e ela até dormiu um

pouco antes de aterrissarem.

A viagem do aeroporto para a casa de Matt, na ilha de Siesta Key, na Flórida, foi incrivelmente bela. Tudo estava tão claro como cristal e as cores tão brilhantes, como se o mostrador estivesse ligado ao mundo desde o pouso.

Eles estavam dirigindo um jipe alugado, o vento nos cabelos, a bagagem enfiada na mala, enquanto Matt dirigia, usando óculos de sol que o faziam parecer ainda mais com a estrela de cinema que ele era.

Abby havia comprado um par de óculos de sol na loja de presentes e os estava ostentando enquanto olhava para a direita no oceano, enquanto atravessavam uma grande ponte.

Os pássaros voavam por eles e pousavam o bico primeiro na água, tentando caçar peixes.

Os barcos flutuavam em direção ao horizonte.

Ao redor deles, as palmeiras flutuavam de um lado para o outro, desfocando enquanto passavam a caminho da casa de Matt.

— Esta é a ilha — Matt disse a ela, quando eles saíram da estrada principal e depois entraram em uma estrada ainda menor que os levou a uma área um pouco mais remota. Havia muitos turistas andando, andando de bicicleta e dirigindo, e o ar cheirava a água salgada e mágica.

O corpo inteiro de Abby relaxou enquanto observava o mundo passando como se estivesse em um sonho.

Depois de mais alguns minutos, Matt parou o jipe em frente a uma parede alta com um portão de ferro forjado. Ele se aproximou do portão e o destrancou, abriu as portas e voltou ao jipe.

— Este é o lugar — ele disse, sorrindo, enquanto ligava o motor e disparava pela abertura na parede, dirigindo por uma entrada modesta e longa e estacionando em frente a uma bela mansão que pertencia totalmente à ilha, com isso. Estilo mediterrâneo espanhol que muitas das casas da região exibiram.

Tinha palmeiras ao redor e flores coloridas floresciam na passarela da porta. O lugar era enorme e amplo, privado, mas quase parecia mais um resort do que um lar para uma pessoa.

Um momento depois, o carro estava desligado e eles estavam saindo.

Matt pegou suas malas e as levou até a porta da frente, depois a destrancou, entrando.

Abby ofegou quando entrou atrás dele.

Lá dentro, o lugar era cavernoso, com enormes pilares brancos e belos azulejos de travertino no chão, levando-a para frente enquanto olhava com admiração para a escada que levava ao próximo andar, enquanto seus olhos eram capturados pelas enormes janelas que entravam. luz solar brilhante e céu azul.

Em toda a parte de trás da casa havia portas largas que Matt abriu, deixando entrar ar fresco e expondo uma piscina olímpica fechada por uma varanda com proteção.

As áreas da cozinha, da sala de estar e da sala de jantar eram todas abertas e espaçosas, permitindo que você visse cada área uma da outra, fazendo a casa parecer ainda maior do que era.

Os móveis eram brancos, confortáveis e elegantes.

A cozinha era enorme, com um fogão no estilo restaurante, uma geladeira e um freezer enormes, uma iluminação deslumbrante e uma ilha imaculada que um chef cinco estrelas ficaria feliz em ter à sua disposição.

— Nunca vi nada tão maravilhoso em toda a minha vida — disse Abby.

— Suba, tem mais — disse Matt orgulhosamente. Ele a levou de volta para a escada e no andar de cima, onde sua respiração foi retirada pela vista sobre a parede dos fundos e para a praia particular.

— Sinto que quero chorar — disse Abby, olhando para uma das janelas panorâmicas do paraíso, a mão cobrindo a boca reflexivamente.

A praia estava quase literalmente no quintal de Matt, e a areia branca parecia açúcar em pó, a água como belas joias azuis brilhando à luz do sol.

Abby não podia acreditar que estava de pé na mansão de Matt Hunter, na Flórida, com o homem dos seus sonhos ao seu lado, encantando-a, querendo agradá-la com toda essa opulência.

Isso não pode ser real , ela pensou.

— Vamos lá — disse Matt, levando-a pela mão ao quarto principal.

O quarto era grande, com janelas do chão ao teto que mostravam a vista da ilha ainda mais brilhantemente. O carpete era macio e branco, quase como areia da praia. A cama era grande e havia uma TV e até uma lareira na parede em frente a ela.

— Por que você precisaria de uma lareira aqui?— Ela perguntou.

— Não lança muito calor, mas fica agradável à noite — disse ele. — Eu vou te mostrar mais tarde.

— Isso é uma promessa?

— Sim, é uma garantia — ele disse, puxando-a de repente contra ele,

enquanto passava um braço em volta da cintura dela e apertava sua bunda. Ele apertou os lábios contra ela e então eles estavam se beijando, suas línguas circulando, suas bocas procurando, precisando de mais.

Ela empurrou os seios contra ele, querendo que ele os agarrasse, para liberar toda a tensão e excitação sexual que estava sentindo.

— Matt — ela gemeu, empurrando os quadris contra ele.

— Eu vou jogá-la na cama — ele rosnou.

— Não, o chão. Me come no chão - ela sussurrou.

Sua língua estava mais insistente agora, quando ele a beijou mais profundamente, suas mãos finalmente deslizando pela frente de sua blusa e agarrando seus seios, massageando seus mamilos até que estivessem tão rígidos que pareciam quase dolorosos.

Mal podia esperar para ele estar dentro dela, subir em cima dela e levá-la completamente.

Mas quando o inevitável parecia estar prestes a acontecer, o celular de Matt começou a tocar sem parar. Ele tentou ignorá-lo, mas continuou tocando.

— Merda — ele murmurou, afastando-se dela e atendendo seu celular.

Abby ficou sem fôlego e atordoada, parada no quarto e esperando para ver o que estava acontecendo.

— Sim? — Matt disse ao telefone, de costas para ela, uma mão descansando impaciente no quadril. — Certo, estou na Flórida ... não ... não ... não pretendo voltar tão cedo.

Houve uma longa pausa e a cabeça de Matt estava inclinada como se estivesse concentrada, ouvindo atentamente.

— Eu ouvi você — disse ele, sem emoção. — Sim. Sim, eu entendo o quão sério isso é.

O coração de Abby estava batendo mais rápido agora, e não tinha nada a ver com as mãos de Matt tocando seu corpo, ou o que ele poderia fazer com ela na cama ou no chão. Agora seu coração estava batendo rápido por medo e ansiedade.

— Agradeço por me avisar — disse ele. — Mas não vou voltar para Nova York agora para lidar com isso. Isto pode esperar. Terá que esperar, só isso.

Matt desligou o telefone e ficou parado, não se virando para ela novamente. A cabeça dele ainda estava curvada.

— Está tudo bem?— Abby perguntou, sabendo que não estava.

— Sim, está tudo bem.

— Você...

Matt a cortou.

— Eu não quero entrar nisso — disse ele, sua voz fria e áspera.

— Oh, tudo bem — disse ela suavemente, tentando não se sentir magoada com o tom de sua voz.

Ele guardou o telefone e olhou pela janela, respirando fundo.

— Lindo dia — disse ele, mas ela podia dizer que ele não queria mais.

— Sim é.

— Vamos lá — Matt disse a ela, saindo do quarto como se a proximidade de alguns momentos atrás nunca tivesse acontecido. — Liguei para alguns dos meus funcionários e eles conseguiram tudo o que precisávamos para nossas férias — disse ele enquanto caminhavam.

Eles desceram as escadas e Matt a levou para a cozinha, abrindo a geladeira, que era abastecida com muita comida e bebida, e pegou dois sanduíches gourmet pré-fabricados e algumas cervejas.

Abby estava com fome, então ela não se importava de sentar-se na ilha na cozinha e comer com Matt, bebendo sua cerveja e apreciando o ar quente da Flórida enquanto soprava pelas portas dos fundos.

Mas, ainda assim, ela não conseguia se livrar da sensação de que quem ligara para Matt havia mudado irrevogavelmente seu humor e talvez até toda essa viagem - e não para melhor.

Matt sorriu e conversou um pouco sobre a cidade, a praia, alguns dos vizinhos esquisitos com os quais eles poderiam se deparar, mas nada disso parecia real ou mesmo sincero.

O sorriso não alcançou seus olhos.

***

Abby acordou com um humor incrivelmente feliz. Matt ainda estava dormindo, mas quando ela olhou pela janela e viu a praia a uma curta distância, e o céu azul, palmeiras ... como ela não podia se sentir extasiada?

Olhando para Matt novamente enquanto ele dormia, ela notou que a testa dele estava levemente franzida, como se, mesmo dormindo, ele não estivesse em paz.

Isso a fez relembrar o estranho telefonema que Matt tentara fingir que não acontecia, recusando-se a discuti-lo, mesmo quando todo o seu humor mudou. O resto do dia e a noite, ele ficou um pouco retraído, ligando a

televisão e assistindo esportes enquanto bebia uma cerveja, enquanto Abby se sentava ao lado dele e tentava se manter otimista.

Também não houve sexo ou toque.

Eles adormeceram com uma enorme brecha entre eles na cama, e Abby ficara envergonhada demais para tentar se aproximar dele. Ela não queria ser rejeitada, teria sido muito doloroso.

Agora, seu humor ameaçava afundar, mas ela recusou. Saindo da cama, ela se espreguiçou, sorrindo.

Estou em uma mansão na Flórida, e é incrível, estou com o homem que amo. Eu me recuso a ficar triste agora.

Abby vestiu seu biquíni vermelho (esperando que a visão pudesse tirar Matt de seu humor sombrio) e desceu as escadas, pulando na piscina e nadando, desfrutando da agradável frescura da água.

Mesmo no início da manhã, o ar da Flórida estava quente, nos anos 70, e a piscina parecia estar aquecida a uma temperatura perfeita - nem muito quente nem muito fria.

Ela nadou um pouco, depois saiu e se deitou em uma das espreguiçadeiras. Ela estava em uma área protegida na varanda, que na verdade era grande o suficiente para incluir uma cozinha ao ar livre com uma churrasqueira enorme, o que seria ótimo para entretenimento.

Abby deixou o sol secar sua pele, respirando profundamente.

Depois de um tempo, ela pensou em Melissa e percebeu - com uma enorme pontada de culpa - que ela absolutamente precisava verificar com ela.

Abby ligou e Mel atendeu quase imediatamente.

— Ei!— Ela disse, parecendo alegre.

— Ei — respondeu Abby, passando para a posição sentada. — Me desculpe, não te ligo há dias.

— Não seja boba — disse Melissa. — Não faz tanto tempo, Abby.

— Eu apenas - me sinto mal. Eu quero te apoiar.

— Você está me apoiando. Eu estaria ferrada se você e Matt não tivessem me ajudado com meus custos de saúde.

A boca de Abby secou, pensando nos problemas financeiros de Matt. O que aconteceria se ele não pudesse mais ajudar Melissa e ela ainda precisasse de tratamento?

— Bem, isso é tudo, Matt - não teve nada a ver comigo — respondeu Abby, tentando manter a voz leve.

— Falando em Matt — Melissa disse, — eu preciso de detalhes. O que

diabos está acontecendo com vocês? Eu tenho lido e ouvido todo tipo de coisa no noticiário, mas tenho certeza de que é tudo boato.

Abby suspirou, levantando-se da cadeira e começando a andar pelo perímetro da piscina.

— Na verdade, muitos dos rumores são verdadeiros - dependendo de quais você ouviu.

— Então, Matt está cancelando sua turnê, demitindo todo mundo - tudo isso é verdade?

Abby assentiu.

— Sim. Ele diz que não quer mais viver esse estilo de vida, não quer fingir ser aquele personagem da boy band.

— E como você se sente sobre ele sair da turnê?

— A decisão não é minha — disse Abby lentamente.

— Sim, mas isso afeta você.

— Eu não sei — Abby suspirou. — Ele está agindo um pouco estranho, Mel. Isso está me deixando com medo de que ele me culpe de alguma forma por tudo dar errado em sua carreira e sua vida. E talvez eu também, se fosse ele.

— Isso é besteira — Melissa disse a ela.

Abby riu.

— Bem, é besteira. Matt é um homem adulto, ele não pode culpá-la por seus problemas. Ele precisa se resolver, e você não pode se responsabilizar por nada disso.

Abby sorriu.

— Você é muito sábia, sabia disso?

— Só queria ficar mais bonita.

O sorriso de Abby desapareceu um pouco.

— Como você está se sentindo, Mel?

— Estou indo bem — Melissa disse, mas seu tom mudou um pouco. — O dia em que eu faço quimioterapia não é tão ruim, mas parece que nos dias seguintes eu me sinto cada vez pior. Eu tenho estado bastante enjoada e cansada.

— Eu preciso voltar.

— Não, não. Minha mãe e meu pai estão cuidando das coisas, e honestamente eu estou dormindo o tempo todo.

Abby respirou fundo, balançando a cabeça.

— Você me diria se precisasse de mim, certo? Porque voarei de volta

hoje - nesta mesma hora - se precisar de mim.

Melissa apenas riu.

— Não seja tola. Eu sei que você está me apoiando e isso significa muito. Mas você precisa viver sua vida, e você e Matt obviamente têm algumas coisas para resolver. Então vá e pare de se preocupar comigo.

— Está bem, está bem. Entendi.

— Boa. Não tire nenhuma porcaria dele.

— Eu não vou.

— Te amo, Abby.

— Te amo, Mel.

Abby desligou o telefone e recostou-se na poltrona, imaginando como teria tido tanta sorte de ter uma amiga tão incrível.

E ela realmente esperava que Melissa estivesse dizendo a verdade, que ela realmente estava bem e que seus pais a estavam ajudando. Porque se descobrisse que Melissa estava tentando protegê-la e apenas contando suas coisas para fazer Abby se sentir melhor, seria um golpe terrível.

E a culpa não tinha desaparecido completamente, apesar das garantias dela.

Ainda assim, Abby disse a si mesma que aliás, se ela iria ficar longe de sua melhor amiga, ela iria muito bem aproveitar ao máximo seu tempo na Flórida com Matt.

Ela não ia ficar sentada com pena de si mesma quando estava com saúde, estava com o homem que amava e estava no paraíso.

Ao voltar para a piscina, Abby nadou meia dúzia de voltas duras, aproveitando a sensação revigorante de usar seus músculos para se impulsionar através da água, o frescor de sua pele enquanto o sol a aquecia do alto.

Quando saiu, espremeu a água dos cabelos e observou-a espalhar o chão.

— Bom dia — a voz de Matt grunhiu de dentro da casa.

Abby deu um pequeno suspiro e se virou.

— Ei, eu não ouvi você se levantar!

Matt estava de cueca, sem camisa, com os cabelos despenteados, bocejando.

— Como está a água?

— É incrível!— Ela disse, ciente do fato de que os dois já estavam quase completamente nus. Ela estava usando o biquíni que ele falou sobre querer vê-la, e ela ainda estava brilhando na piscina.

Matt piscou para ela, com os olhos vermelhos.

— Legal.

— Você deveria entrar — ela disse a ele.

Ele balançou sua cabeça.

— Não — disse ele, e começou a entrar na cozinha.

Abby observou-o ir para a geladeira, quando ela pegou uma toalha e começou a secar. Quando ela estava seca o suficiente para entrar sem pingar em todos os lugares, ela o seguiu.

Matt se serviu de uma tigela de cereal e depois passou por ela até a sala de estar, onde ligou o Sports Center e começou a comer seu cereal enquanto olhava para a TV.

— É incrível — disse ela. — Você quer correr ou caminhar um pouco?

Matt não tirou os olhos da TV. Em vez disso, ele jogou outra colher de cereal na boca.

— Talvez — disse ele, parecendo duvidoso.

— Quero dizer, poderíamos caminhar um pouco na praia.

— O legal de estar na Flórida assim é que nem precisamos fazer um plano — disse Matt, ainda assistindo televisão enquanto falava.

— Não estou dizendo que precisamos fazer um itinerário — respondeu Abby, — mas pensei que talvez fosse divertido caminhar juntos na praia.

— Veremos. Eu só quero ver algumas coisas.

Ela olhou para ele. *Ver algumas coisas?* Ela percebeu que ele estava falando sobre acompanhar os destaques dos jogos que ele havia perdido no dia anterior. Era bizarro, e ela queria dizer isso a ele.

Mas então ela percebeu que isso poderia ser uma reação a repentinamente ter uma folga pela primeira vez em anos. Sua vida tinha sido incrivelmente estressante, e ele estava constantemente em movimento.

Deixe que ele relaxe, Abby. Não o pressione, ou ele realmente começará a se ressentir de você.

Foi decepcionante, mas Abby decidiu não se entristecer. Em vez disso, ela subiu as escadas e vestiu shorts, camiseta e chinelos, em seguida, colocou protetor solar nas pernas, pescoço, braços e rosto, e depois desceu as escadas para encontrar Matt sentado exatamente no mesmo lugar, apenas o tigela de cereal estava em cima da mesa.

— Vou dar uma volta pelo bairro — disse ela.

Matt olhou para ela.

— Bom. Divirta-se!

Ela quase disse a ele onde ele poderia se divertir, mas, em vez disso, deu-lhe um sorriso alegre.

— Vou me divertir — disse ela, determinada a permanecer otimista.

Ela girou nos calcanhares e saiu de casa, sorrindo ainda mais quando a luz do sol atingiu seu rosto virado para cima.

Não há nada para se chatear. Matt está um pouco aborrecido, mas não é problema meu.

Abby começou a andar, sentindo o cheiro de flores e árvores, ar fresco e mar, enquanto descia a rua isolada. Seus passos ecoaram na calçada enquanto seus chinelos batiam no chão.

Logo, começou a suar um pouco e estava se sentindo bem, observando os carros passarem, acenando como ciclista e depois um corredor passar.

Havia um casal mais velho passeando com um cachorro ainda mais velho, e depois um garoto e seu amigo em skates - as pessoas passeavam e curtiam a vida.

Mas, enquanto continuava, ela não pôde deixar de pensar ocasionalmente no comportamento de Matt e na súbita mudança que sua personalidade parecia ter sofrido desde a noite anterior.

Abby estava frustrada, porque eles estavam lá juntos e ele nem parecia querer tocá-la, embora ela o desejasse muito.

O que aconteceu com o ato de fazer amor o dia todo, os passeios na praia, todas as coisas que ele tinha prometido?

Abby não teve nenhuma resposta.

***

Os dias seguintes caíram em um padrão previsível. Abby acordou cedo, primeiro para nadar na piscina, depois ficou deitada por cerca de meia hora, mandando uma mensagem a Melissa ou seu irmão por alguns minutos.

Depois disso, preparava o café da manhã, algo relativamente leve e saudável - e depois subia as escadas e vestia shorts e camiseta, calçava os tênis de corrida.

Matt ainda estaria dormindo profundamente, e ela tentaria não olhar para ele por muito tempo ou pensar demais na maneira como ele estava agindo.

Em seguida, Abby faria uma boa corrida na praia. Era incrível, porque a praia era privada, então ela a tinha principalmente para si mesma, embora fosse compartilhada com alguns dos outros vizinhos que também possuíam um pedaço dela. Enquanto corria, ela podia olhar para a água e também para

as mansões que pontilhavam a paisagem próxima.

Ela costumava correr por apenas uma hora e depois voltava para dentro, geralmente para encontrar Matt comendo cereal e assistindo televisão.

Eles fariam uma breve conversa, e Matt normalmente se distrairia, quase irritado por ela estar atrapalhando a exibição de sua TV na TV para conversar com ele.

Depois disso, Abby tomava um longo banho, se mimava com maquiagem e cremes e depois secava o cabelo. Quando ela estava pronta e pronta, ela descia as escadas para encontrar Matt ainda na frente da TV.

Abby se preparava para almoçar, e Matt se juntava a ela, mas ele costumava comer e depois passear de volta à sala para assistir televisão enquanto comiam, quase como se tivesse medo do que poderia sentir falta - mesmo que estivesse assistindo porcarias

No final da tarde, ele começava a beber.

Não era como se ele estivesse ficando extremamente bêbado, mas ele tomava cerveja durante a tarde e continuaria até a noite.

Seu humor ficaria ainda mais contido, se isso era possível, e Abby tinha parado de se preocupar em tentar se juntar a ele. No começo, ela pensou que talvez eles pudessem beber um pouco juntos, ficar animados, talvez rasgar a roupa um do outro.

Mas isso não aconteceu.

Na quarta noite, Matt desmaiou cedo no sofá, O Poderoso Chefão Parte II tocando no volume máximo enquanto ele roncava, um punhado de garrafas de cerveja na mesa ao lado dele e uma caixa de pizza meio vazia aberta ao lado.

Ele pediu a pizza por volta das oito e estava dormindo no sofá às nove, deixando Abby se perguntando o que estava fazendo lá.

Ela estava ficando brava e entediada, e também um pouco assustada agora.

Matt estava tendo um colapso nervoso ou algo assim? Ela não sabia, mas estava começando a sentir que as coisas estavam chegando a um ponto crítico. Abby não tinha certeza de quanto mais ela poderia aguentar, sem fim à vista.

Ela começou a vagar pela casa, e foi então que decidiu, sem nenhuma razão específica, dar uma olhada na garagem, que ela nunca se incomodou em ver até aquele momento.

Matt nunca estacionou o jipe na garagem, nunca o abriu e nunca o

mencionara antes.

Então, quando ela abriu a porta, Abby ficou absolutamente chocada com o que encontrou.

A garagem para quatro carros havia sido totalmente convertida em um estúdio de gravação de última geração.

Ela entrou na sala, acendendo todas as luzes para dar uma boa olhada nela. O local era claramente à prova de som e havia uma espécie de sala de controle com uma grande mesa de mixagem, computadores com monitores enormes e muito espaço - o suficiente para que houvesse um grande sofá de couro e algumas cadeiras confortáveis para as pessoas se encontrarem. .

Abby saiu da cabine de controle por uma porta estreita e se viu em uma ampla sala aberta, com alguns suportes de microfone diferentes, muitos amplificadores, guitarras, piano de cauda, teclado e, em seguida, uma sala separada e selada com uma bateria completa.

Microfones estavam por toda parte, conectados para gravar os músicos que teoricamente poderiam tocar dentro desse espaço.

Ela olhou em volta, imaginando quando Matt havia construído aquele lugar e com que finalidade. Ele realmente gravou algum de seus álbuns anteriores aqui?

Parecia e cheirava como se não tivesse sido usado há algum tempo - havia mofo, e grande parte do equipamento estava coberto por uma leve camada de poeira.

Depois de passear pelo estúdio, Abby finalmente decidiu que já tinha visto o suficiente. Além disso, ela temia que Matt pudesse entrar e acusá-la de bisbilhotar.

Dando uma última olhada no quarto, ela apagou todas as luzes e fechou a porta atrás de si.

Abby voltou para a sala de TV, desligou o aparelho de televisão. Matt se mexeu no sofá, gemendo.

— O que está acontecendo? — Ele perguntou, olhando para ela com ar turvo.

— Você adormeceu — ela disse a ele.

— E aí?

— Então, a TV estava nas alturas e você não estava assistindo.

— Eu estava escutando.

— Matt — disse ela, balançando a cabeça.

— Abby — ele imitou seu tom irritado.

— Você bebeu demais — respondeu ela. — Por que não vai para a cama?

Matt se sentou no sofá.

— Não, acho que não — disse ele, pegando o controle remoto da mesa e ligando O Poderoso Chefão II novamente. Ele até aumentou o volume.

— Realmente maduro — ela suspirou, seu sangue começando a ferver lentamente.

— Sim, eu sou realmente maduro - obrigado por perceber. — Ele sentou-se, pegando uma fatia de pizza da caixa e dando uma enorme mordida.

Abby iria repreendê-lo. Ela queria tanto lhe dar um inferno pela maneira como ele a estava tratando, mas ela podia ver pelo olhar em seus olhos que Matt estava estragando uma briga. Ela não iria lhe dar satisfação.

— Bem, acho que vou para a cama agora — ela murmurou, virando-se e afastando-se dele.

— Você vai perder toda a diversão!— Ele chamou por ela.

— Tudo bem! — Ela retrucou, revirando os olhos. Subiu as escadas e foi para o quarto, tirando as roupas e engatinhando na cama. Lágrimas estavam em seus olhos, e ela se esforçou para não soluçar.

Não seja um bebê, Abby. Ele está sendo idiota. Não deixe ele te atingir.

Mas ele estava a atingindo, e ela estava cansada disso. Ela estava cansada dele empurrando-a, agindo de uma maneira e depois mudando cinco minutos depois.

Talvez ele estivesse cansado dela - talvez se arrependesse de trazê-la para a Flórida com ele. Ela não sabia o que era, mas sabia que o ponto de ruptura estava muito próximo.

***

Na manhã seguinte, Abby acordou cedo. Ela se lembrou vagamente de acordar quando Matt tropeçou na cama, cheirando a pizza e cerveja e resmungando consigo mesmo que *Fredo não merecia isso*.

Ela não tinha ideia do que ele estava falando, e não se importava. Ela voltou a dormir um momento depois.

Agora, ela voltou à sua rotina normal de nadar de manhã cedo, tomou um iogurte, saiu para correr na praia, voltou e tomou um banho, se preparou para o resto do dia.

Só que desta vez, enquanto fazia a maquiagem e secava os cabelos,

Abby começou a ficar cada vez mais irritada ao imaginar Matt comendo sua pizza gordurosa e aumentando o volume na televisão.

A mão dela agarrou a escova e, de repente, ela a jogou no banheiro, deixando uma leve marca cinza no azulejo.

Ela estava respirando rápido, e suas mãos estavam dormentes, e Abby percebeu que era hora de agir.

Saindo do banheiro, ela viu que Matt ainda estava dormindo - é claro.

Ela desceu as escadas, caminhando com um propósito agora. Então ela abriu a porta do estúdio, entrou e conseguiu o que precisava, virando-se e imediatamente subindo as escadas com ela.

Quando ela entrou no quarto, Abby estava olhando para Matt com uma intensidade que ela raramente sentia.

Ele provavelmente vai te expulsar da casa dele - e da vida dele - depois que você fizer esse truque.

Mas Abby já não se importava. Algo precisava mudar, e ia mudar.

Ela estava segurando um dos violões caros de Matt e colocou a alça sobre os ombros para que ela caísse sobre o peito. E então, sem saber tocar nada, ela simplesmente tocou as cordas o mais alto que pôde, causando uma cacofonia de sons tão altos que até a surpreendeu.

Matt se sentou na cama, de olhos arregalados.

— Que diabos? — Ele gritou.

Ela parou de tocar e olhou de volta para ele.

— Você não gosta do meu jeito de tocar? — Ela perguntou.

— Onde você conseguiu isso, Abby?— Ele disse, seus olhos endurecendo. — Por que você está segurando minha guitarra agora?

— Tudo bem, eu vou parar de segurá-la — disse ela, arrancando a alça dos ombros e jogando o violão diretamente em Matt.

Ele o pegou habilmente, mas o chocou, pelo olhar em seu rosto.

— Abby, você perdeu a cabeça.

— Não, Matt,— ela respondeu, apontando um dedo acusador para ele — você é que perdeu a cabeça. E estou farta.

Ele piscou para ela.

— Então é assim que você comunica sua frustração? Bisbilhotando minhas coisas e roubando meus instrumentos?

Abby teve que rir.

— Eu não roubei nada. Pare de choramingar por um segundo e olhe para si mesmo.

Matt colocou o violão suavemente ao lado da cama e se levantou.

— Escute, eu não sei quem você pensa que é, mas esta é minha casa e minha vida. Se você não aprovar, eu realmente não dou a mínima.

— Sim, você dá — disse ela, cruzando os braços.

— Desculpe?

— Eu disse sim. Você. Dá.

Matt balançou a cabeça.

— Deixe-me explicar algumas coisas para você ...

— Não, já ouvi você. Nos últimos cinco dias, esperei que você superasse esse clima em que estava, esperei a incrível viagem que me prometeu, finalmente começar a acontecer. Mas então eu percebi, isso não vai acontecer. Você só vai se sentar de cueca, comer pizza, beber cerveja e assistir a filmes de merda.

— O Poderoso Chefão não é um filme velho de merda - é um clássico do cinema moderno, e se você tivesse dado meia chance...

— Matt, apenas pare — disse ela, cansada.

Ele pareceu finalmente se segurar, passando a mão pelos cabelos despenteados e olhando para baixo, notando as manchas de pizza em sua camiseta.

— Merda — disse ele, parecendo subitamente cansado e perdido.

— O que está acontecendo com você, Matt?— Ela perguntou, sua voz suavizando. — Sobre o que foi aquele telefonema, o que você atendeu na noite em que chegamos aqui? Desde então, você tem sido diferente.

Matt não pôde encontrar seu olhar.

— Minha gravadora - eles me abandonaram, mas também estão me processando por quebra de contrato. É um processo de quinze milhões de dólares e eles vão ganhar.

— Talvez haja algo que você possa fazer...

— Não tem nada para fazer. Eu cometi suicídio na carreira, Abby. Eu terminei. — Ele finalmente fez contato visual com ela, e ela podia ver a dor lá em toda a sua crueza.

— Você disse que era isso que queria.

— Eu sei o que eu disse — ele respondeu.

— Então você mudou de ideia? Você gostaria de ter saído em turnê?

— Não, não sei — respondeu ele, olhando ao redor da sala. — Mas essa vida era a única maneira que eu sabia viver, ao que parece. Acho que talvez não me lembre mais de como ser de outra maneira. Estou quebrado. — Ele

encontrou os olhos dela novamente, desafiando-a a dizer de forma diferente.

— Você não está quebrado — ela disse a ele. — Você só precisa começar a procurar o novo caminho, o novo caminho.

— Eu nem sei por onde começar.

Ela acenou com a cabeça em direção ao violão na cama.

— Talvez você devesse começar por aí.

— O que - tocar meu velho violão perto da lareira? Não acho que isso resolva nada para mim.

Ela foi até a cama e pegou o violão novamente.

— Você me disse que perseguia a música porque era o seu sonho - e então deixou a gravadora convencê-lo a se tornar um tipo de artista que não era fiel a si mesmo.

— Está certo.

— Bem, desde que você cometeu suicídio na carreira, você não tem nada a perder agora. Você pode fazer o tipo de música que quiser, Matt. Ninguém vai parar você.

Ela entregou o violão a Matt e, desta vez, quando ele o pegou, ele pareceu considerá-lo pensativo.

— Eu acho que você tem razão — ele suspirou. — Mas não sei se posso voltar ao que era.

— Não se trata de voltar ao que você era — ela disse a ele. — É sobre descobrir quem você vai se tornar.

***

Abby não podia acreditar no quanto havia mudado desde o grande golpe da manhã de ontem.

Matt levou a sugestão muito a sério e passou o resto do dia e da noite escavando cópias de algumas das músicas antigas em que estava trabalhando no início de sua carreira.

E então ele praticou essas músicas, hora após hora.

Abby ficou paralisada, como Matt cantou e tocou um tipo de música que ela nunca havia percebido que ele era capaz ou interessado em tocar.

Logo depois da meia-noite, ele perguntou o que ela achava do novo material dele.

— Amei — ela disse a ele, e era verdade.

Matt imediatamente entrou em contato com alguns músicos e um produtor que ele conhecia na área, e eles vieram à casa para ajudá-lo a gravar

algumas demos.

Agora, Abby estava sentado no sofá de couro preto, vendo Matt e seus colegas músicos se prepararem para tocar seu novo material pela primeira vez. Na cabine de controle, o produtor e seu assistente estavam prontos para começar a gravar.

Ela se sentiu nervosa por Matt, porque ele lhe confidenciou que tocar essas coisas novas era muito mais estressante para ele do que seu material popular. Era muito mais pessoal - suas letras eram obviamente mais autobiográficas e cruas, e as próprias músicas eram vulneráveis e emocionais.

Você pode fazer isso , ela pensou, querendo que Matt ouvisse sua oração mental por ele. *Você tem coração e alma para fazer essa transformação, Matt. Eu sei que você consegue.*

Matt estava parado ao microfone, o violão pendurado no ombro, tocando alguns acordes enquanto o baixista afinava e o tecladista passava os dedos pelas teclas.

Enquanto isso, o baterista, em sua sala separada, enrolava as baquetas de forma agressiva na caixa e tocava o bumbo algumas vezes.

— Estamos prontos? — Perguntou o produtor no interfone. Ele era jovem, impetuoso, com uma cabeleira grossa e encaracolada e uma barba grande que de alguma forma o fazia parecer mais jovem, em vez de mais velho. Seu nome era Hector Power e, aparentemente, ele era um produtor importante entre alguns dos novos artistas da moda.

— Pronto — disse Matt, assentindo.

— Ok, então, vamos fazer um pouco de mágica.

Matt respirou fundo, enquanto Abby se inclinava para a frente, as mãos entrelaçadas, quase como se estivesse rezando, o queixo apoiado nas articulações dos dedos, enquanto ela desejava que ele sentisse a confiança que ele merecia ter em suas próprias músicas.

Ele começou a tocar e a banda chutou agressivamente atrás dele. Enquanto cantava, ele parecia desconfortável, quase à vontade em sua pele - o que ela nunca tinha visto antes.

Seu violão foi dominado pelos outros instrumentos e sua voz também parecia pequena.

Hector, a quem todos chamavam de — Hec — estava balançando a cabeça, e ele os interrompeu no meio da música.

— Matt, vamos começar do topo, irmão. Precisamos de mais intensidade, cara. Vamos tentar aumentar a energia um pouco.

Matt assentiu, mas Abby percebeu que estava perdendo a confiança rapidamente. Seus olhos eram tristes, sua linguagem corporal caía. Eles começaram a música novamente, e então Hec os interrompeu novamente, pedindo mais energia.

Eles tocaram a música mais cinco ou seis vezes, com Hec persuadindo, pedindo sons diferentes, sentimentos diferentes. Finalmente, Hec virou-se para o assistente, frustrado.

— Isso não está funcionando — ele suspirou.

Seu assistente, um cara magro que parecia ainda mais jovem, chamava-se Rory. Ele encolheu os ombros.

— Não sei — disse ele. — Eu acho que há algo aqui...

— Não — disse Hec, impaciente. — Precisamos seguir em frente.— Ele se inclinou para frente e tocou no interfone novamente, falando no microfone. — Matt. Vamos tentar a próxima música, ver o que temos. Ok?

Matt assentiu mais uma vez.

Mas quando começaram a percorrer o outro material de Matt, Hec ficou cada vez mais impaciente, balançando a cabeça e murmurando para si mesmo.

Abby estava ficando chateada também. Ela sabia que as músicas não estavam soando muito bem, mas também sabia que quando ele as tocou para ela na noite anterior, ficou impressionada e emocionada com o quão incrível ele parecia.

Finalmente, eles decidiram fazer uma pausa.

Hector começou a enrolar um baseado, quando Matt e o resto dos músicos entraram na sala de controle. Matt sentou-se em uma das cadeiras em frente a Abby, enquanto os outros se sentaram no sofá ou ficaram ao redor. Eles estavam bebendo cerveja, brincando levemente, mas Matt estava tenso e não abriu um sorriso.

— O que você acha, Hec?— Matt perguntou.

Ele lambeu o papel, cheirou e ergueu as sobrancelhas.

— Honestamente?

— Sim, honestamente.

— Eu acho que as coisas novas não são boas, cara.— Ele continuou. — Quero dizer, não é que seja ruim... — ele encolheu os ombros. — Não é comercial.

Abby apertou a mandíbula. Ela queria dizer alguma coisa, mas sabia que não seria bom pisar em ninguém.

Matt assentiu, suspirando, como se estivesse esperando esse resultado.

— Acho que valeu a pena tentar.

— Olha, mano, você precisa de uma música mais pesada, mais dançante. As novas músicas são suaves demais.

Abby olhou para o assistente de Hec, Rory, e viu que ele também parecia irritado com o que Hec estava dizendo.

— O que você acha, Rory? — Ela perguntou.

Hec lhe lançou um olhar irritado.

— Rory não é pago para pensar.

Os outros riram, exceto o tecladista, o que Abby notou.

— Eu ainda ficaria curiosa para ouvir a opinião dele — disse ela.

Rory se remexeu nervosamente antes de responder.

— Bem ... quero dizer ... gostei muito do que ouvi. Só precisava ser mais despojado, acho.

— Viu o que eu quis dizer?— Hec riu, enquanto acendia seu baseado. — Isso está errado. Completamente errado.

— Como assim?— Abby empurrou.

— Por que — disse Hec, enquanto respirava fundo, segurando a fumaça de maconha em seus pulmões antes de finalmente soprar uma nuvem de fumaça de seus lábios. — Atualmente, a tendência é de mais produção, batidas mais duras, mais instrumentação - e não menos. O som despojado não está acontecendo. A música eletrônica é a maior música do momento - a merda mais quente - e esse material é o oposto de despojado.

Matt cruzou os braços.

— Então, você acha que eu deveria descartar as novas músicas?

— Olha, cara, a decisão é sua — Hec disse a ele, passando o baseado para o baixista. — Tudo o que posso dizer é que não acho que essas coisas novas o resgatem do buraco que você cavou para si mesmo.

O olhar de Matt endureceu e Hec pareceu perceber o erro que ele acabara de fazer.

— Você acha que estou tentando me salvar? — Matt perguntou a ele.

— Isso saiu estranho. Estou apenas dizendo...

— O que você está dizendo? — Abby perguntou a ele.

Hec virou-se para ela.

— Olha, eu nem sei quem você é.

— Meu nome é Abby.

— Sim? E o que você sabe sobre fazer música? Você toca um

instrumento?

— Não.

Ele revirou os olhos.

— Mas deixe-me adivinhar. Você é modelo, então isso significa que você é Albert, Einstein, Mozart e Jimmy Iovine, todos juntos em um.

— Eu não sou modelo, mas fico lisonjeada que você pense que eu poderia ser — ela sorriu.

Matt se levantou, os ombros flexionando.

— Hec, é melhor você sair daqui antes que eu veja se posso colocar sua cabeça através desta janela de vidro. Minha aposta é que eu posso, mas sempre podemos descobrir com certeza.

Hec levantou-se, os olhos arregalados, fazendo-o parecer um garoto de dezesseis anos quando saiu da sala.

— Vamos lá pessoal. Ele é tão louco quanto dizem que ele é!

O resto do grupo começou a sair atrás dele.

— Espere — disse Abby, tocando o tecladista no braço. — Você poderia esperar por um segundo?

Ele assentiu, parecendo tranquilo, como se visse esse tipo de coisa todos os dias, e sentou-se novamente.

Rory também estava saindo, mas Abby o impediu também.

— Você terá problemas se ficar aqui conosco?

O jovem considerou.

— Eu não dou a mínima — disse ele, sorrindo. — Hec é um idiota total.

— Bom — Abby riu.

Depois que Matt viu os outros fora de casa, ele voltou para a sala de controle.

Abby se levantou.

— Eu acho que aquele Hector era um idiota — disse ela. — Eu acho que ele está errado sobre suas músicas. Ele não entende o que você está tentando fazer.

Matt suspirou.

— Ouça, é incrível que você acredite em mim. Mas acho que não posso fazer isso agora. Minha cabeça não está no lugar certo.

— Rory — disse Abby. — Nos dê sua opinião honesta. Você acha que Matt tem um bom material aqui ou não?

— É bom — Rory disse a eles. — Poderia ser ótimo. Não sei, mas acho que devemos tentar descobrir.

O tecladista sorriu.

Abby olhou para Matt novamente.

— As músicas que você tocou para mim ontem à noite – apenas você e seu violão – não pareciam nada com o que estava acontecendo com toda a banda aqui hoje. Não precisa ter todos esses sinos e assobios, Matt. Só precisa de você.

Ele engoliu, seus olhos parecendo ficar úmidos. Mas então Matt pigarreou.

— Tudo bem — disse ele. — É assim que vai ser. Rory vai produzir e projetar essas faixas, e Phil vai me acompanhar em alguns instrumentos adicionais. Phil, você pode tocar a maioria desses instrumentos, certo?

Phil riu.

— Eu posso fazer tudo, cara.

— Bom. Abby, sente-se ao lado de Rory. Eu quero que você escute, porque eu vou deixar você ter a palavra final sobre como essas coisas soam e o que precisamos fazer. Eu vou depender de você para ser meus ouvidos, ok?

O coração de Abby deu um salto, mas ela apenas assentiu calmamente.

— Claro.

— Vamos trabalhar, então — disse Rory, batendo palmas.

E eles fizeram.

***

Era noite, mas finalmente eles terminaram o dia e Rory e Phil, o tecladista, foram embora.

Abby estava cansada, mas feliz, porque sentiu que a sessão tinha sumido depois que Hec e os outros idiotas foram dispensados. Claro, ocorreu-lhe que ela nunca tinha realmente visto uma sessão de estúdio antes, então como sabia o que era bom e o que era ruim?

Talvez fosse como Hec disse, e ela fosse apenas uma aspirante a produtora que estragou Matt mais uma vez.

Matt subiu para tomar um banho rápido e desceu vestindo apenas sua sunga. Ele parecia gostoso - não havia outra maneira de dizer isso, e mais uma vez Abby perdeu o fôlego por um momento.

Não acredito que Matt Hunter está parado aqui, na minha frente, seminu.

— Você quer dar um mergulho noturno?— Matt perguntou.

Abby olhou para a piscina.

— Agora?

— Não aqui – na praia. Podemos andar um pouco, talvez dar um mergulho...

Ela sentiu algo se mexendo animadamente em sua barriga.

— Sim claro. Isso parece legal.

— Boa. Vá vestir seu biquíni, vou esperar aqui, impaciente.

Ela riu, balançando a cabeça, e quando ela passou por ele espancou sua bunda, e ela gritou, mas continuou subindo as escadas. Ela estava feliz, alegre, na verdade, enquanto trocava rapidamente de biquíni, maravilhada com a quantidade de pele visível nessa roupa.

Eu poderia estar usando fio dental.

Mas gostou disso também. Queria estar vestindo quase nada, assim como ele. Tudo lá dentro estava pronto para explodir, já que ela não estava perto de Matt há quase uma semana.

Abby correu de volta para baixo e encontrou Matt esperando na entrada dos fundos com uma garrafa de vinho na mão. Ele parecia absolutamente deslumbrante, como se a sessão do dia tivesse lhe dado uma nova vida.

Eles saíram pela entrada dos fundos e seguiram até a praia particular, que estava totalmente escura a essa hora da noite. A lua e as estrelas brilhavam no céu, lançando luz sobre a água, fazendo-a brilhar na escuridão.

— É tão perfeito aqui fora — disse Abby, tremendo não de frio, mas da proximidade de Matt enquanto caminhavam pela beira da água. Ela podia sentir a areia fresca e úmida entre os dedos dos pés e depois a água quente lambendo seus pés.

Matt respirou fundo e depois expirou.

— Isso é incrível, porra! — Ele gritou, gritando e girando em círculo com os braços estendidos. — Porra, eu sinto como se tivesse renascido.

Abby riu, enquanto Matt lhe entregava a garrafa de vinho.

— Você já bebeu essa coisa toda?

— Não, mal tomei um gole. Estou bêbado com a vida e bêbado com você — ele disse a ela.

Abby tomou um longo gole da garrafa.

— Estou feliz que você esteja feliz.

— Feliz não é a palavra para o que estou agora — disse ele.

Eles continuaram andando, olhando as luzes brilhantes nos arredores da praia, onde ficava a faixa, e todos os turistas. Distante, ela podia ouvir música fraca tocando a quilômetros de distância.

— Matt, acho que você está fazendo algo bonito com suas músicas — disse ela. — É corajoso da sua parte, e eu admiro muito.

Matt parou e a agarrou pela cintura com as duas mãos. Seu toque a eletrificou instantaneamente.

— A coisa bonita aqui é você — ele disse suavemente.

— Eu te amo muito — ela disse a ele.

— Não apenas eu te amo — ele disse —, mas preciso de você. Preciso de você porque quando a vejo, quero ser algo mais do que sou. Eu quero ser melhor. Eu quero fazer você feliz, Abby.

— Você me faz feliz.

— Vamos lá, o último que... você sabe como é — disse Matt, subitamente entrando na água. A luz da lua brilhou em sua pele nua quando ele mergulhou sob as ondas e ressurgiu novamente, mais longe agora.

Abby pousou a garrafa de vinho, rindo e foi atrás dele.

A água estava fantástica, um pouco fria no começo, mas logo parecia quase que ela estava no banho. Ela lambeu o sal dos lábios quando Matt nadou até ela, agarrando-a pela cintura e levantando-a para que ela envolvesse as pernas em torno do tronco inferior dele, colocando os pés logo acima dos tornozelos.

Ela estava praticamente flutuando, enquanto a metade superior do corpo estava quase fora da água, pressionada contra o peito de Matt, enquanto as mãos dele a seguravam para apoio.

Ele se inclinou e a beijou, gentilmente a princípio e depois mais profundamente.

Ondas menores caíam sobre seus corpos quando a luz da lua brilhava no topo da água, iluminando tudo, especialmente Matt.

Ela abriu os olhos e sentiu que de alguma forma havia despertado em outro sonho, outra visão do paraíso, de perfeição.

Foi atemporal. Foi puro amor.

Depois de pouco tempo, Matt a colocou no chão e puxou-a pela mão, caminhando de volta para a praia e depois deitou Abby na praia.

A areia estava fria, quase fria, contra suas costas. Ela estremeceu, mas então Matt estava subindo em cima dela, seu corpo quente como um forno, aquecendo-a novamente.

As mãos dele descascaram lentamente a parte de cima do biquíni dela, e então sua língua estava sacudindo seus mamilos, sua boca sugando-os até que ela gritasse, mas sua voz foi abafada pelas ondas que batiam nas

proximidades.

Estava tão escuro e privado que ela sabia que ninguém podia vê-los naquele lugar, com a lua agora escondida atrás de algumas nuvens.

Ela mal podia ver Matt, que estava tão escuro lá fora.

Mas ela podia senti-lo, sentir o que ele estava fazendo com ela, e ela queria mais.

Ele chupou os mamilos dela, passando de um seio para o outro, as mãos envolvendo-os, esfregando, massageando e depois apertando. Os dedos dele brincaram com os mamilos dela.

E então ele estava se abaixando, puxando o biquíni dela com um movimento rápido de seu pulso. Ela estava completamente nua agora, aqui nesta praia, as ondas quebrando, a escuridão completa, a noite envolvendo-os como um cobertor.

Sua boca estava na dela novamente, quente e gananciosa, sua língua empurrando, assim como seu pênis pressionou sua fenda, empurrando, abrindo-a de uma só vez.

Ela gemeu, gemeu mais alto, sem saber ou se importar com o quão alto ela estava, porque o oceano estava muito mais alto.

Matt começou a transar com ela, seus quadris colidindo com os quadris dela, enquanto as mãos dele empurravam as mãos dela para cima e para os lados, pressionando os braços na areia enquanto a molhava.

— Faça-me gozar, Matt — ela gemeu.

Ele acelerou, e seus quadris estavam mais selvagens, seu pênis tão molhado de seus sucos, tão escorregadio, e logo suas pernas estavam bem abertas e ela estava resistindo a seus quadris em um orgasmo feroz.

Ele gozou junto com ela, e então ele se deitou em cima de seu corpo, respirando em sua boca, sussurrando *eu te amo* em seu ouvido, exatamente como ela sabia que ele diria.

***

Naquela noite, Matt a abraçou, seu corpo se fundindo com o dela com tanta força que ela podia sentir o batimento cardíaco dele se misturando com o batimento cardíaco dela no silêncio.

Fracamente, ela ainda podia ouvir as ondas lavando na praia.

Abby entrou e saiu do sono, tão pacífica que se forçou a ficar acordada e saborear o maior tempo possível.

Eu não quero que isso acabe.

Seus braços eram tão fortes, não apenas porque eram musculosos, mas porque Matt era forte por dentro também.

Ele a amava e ela finalmente conseguiu aceitá-lo.

Ela finalmente adormeceu e não acordou novamente até a manhã seguinte. Matt acordou primeiro, saindo da cama, cantarolando para si mesmo. Abby o observou enquanto ele pegava suas roupas e entrava no banheiro.

Ela sorriu, pensando em quanto a atitude dele havia mudado desde que ele voltara ao estúdio.

É onde ele deveria estar , ela pensou. *É isso que ele precisa fazer* .

Abby se levantou logo depois, e depois tomaram café da manhã com café, bacon e ovos - que Matt fez de maneira eficiente e rápida - comendo rápido, porque Rory e Phil chegaria, a qualquer momento.

Foi durante o café da manhã que Abby viu a história sobre ela e Matt em seu telefone celular enquanto ela navegava na web.

— Merda — disse ela, sabendo que não deveria estar pesquisando seu próprio nome no Google. Ela fazia isso por hábito, e então descobriu algo horrível.

Matt ergueu os olhos do prato de ovos.

— O que há de errado?— Ele perguntou, com a testa franzida.

Abby balançou a cabeça em descrença.

— Quando eu pensei que não poderia ficar pior...

Ela releu a manchete várias vezes.

A NOVA GAROTA DE MATT, UMA ESPÉCIE DE YOKO ONO, SE METE A SER SUA PRODUTORA.

Mas a manchete não a chamava apenas de Yoko Ono, a notória esposa de John Lennon, que muitos culpavam por acabar com os Beatles no auge da fama.

O artigo era na verdade uma série de citações de Hec, o produtor que eles expulsaram do estúdio. Aparentemente, ele não havia perdido tempo em falar para a imprensa.

Abby entregou o telefone para Matt.

— Não é nada bom...

Matt pegou o telefone e estreitou os olhos ao ver a manchete.

— Baby, sinto muito — ele disse a ela.

Ele fez uma careta enquanto lia mais.

— Abby tem Matt sob seu feitiço — Matt leu em voz alta. — Ela deixou

o pobre rapaz convencido de que ele é o próximo Ed Sheeran, quando, na realidade, suas novas músicas são mais como algo do The Wiggles.

Abby colocou a mão na testa.

— Isto não é bom. E foi publicado por todos os principais meios de comunicação, as pessoas estão divulgando. Já se tornou basicamente viral.

Matt ainda estava focado no telefone dela. Ele continuou lendo o artigo em voz alta, citando os comentários de Hec.

— Hunter está claramente tendo um colapso nervoso — disse Matt, sorrindo amargamente. Ele respirou e continuou. — Matt teve uma coisa boa, mas agora ele despediu todas as pessoas que o levaram para onde ele está, e está apenas ouvindo essa garota que o envolve em seu dedo mindinho. Marque minhas palavras, Matt Hunter nunca terá outra música de sucesso pelo resto da vida. — Matt parou de ler, desligou o telefone e deslizou-o sobre a mesa para Abby.

Ela suspirou.

— Você acha que ele está certo? — Ela perguntou.

Matt sentou-se.

— Se acho que ele está certo? Você está falando sério?

— Bem, você despediu todos e agora somos apenas nós. Não sei nada sobre música ou indústria...

— Abby, não deixe seu veneno entrar em sua cabeça — Matt disse a ela.

— Eu sei, é que é difícil — disse ela, brincando com o celular.

— Dane-se esse cara — disse Matt.

— Sim — ela concordou, mas por dentro não tinha tanta certeza. Hec era um grande produtor, tinha trabalhado com muitas pessoas talentosas e teve um tremendo sucesso. Quem era ela para pensar que sabia mais do que ele?

Segundos depois, a campainha tocou e Matt jogou o guardanapo no prato e se levantou.

— São os garotos — ele disse a ela. — Hora de fazer música.

No final do dia, Rory fez um mix das músicas que eles haviam gravado até agora. Os quatro ficaram sentados na sala de controle e ouviram a música sair dos alto-falantes.

Todo mundo estava quieto, ouvindo o que havia sido feito, e Abby não tinha certeza do que todos pensavam do resultado final.

Ela só sabia o que estava sentindo quando se sentou no sofá e ouviu Matt cantando e tocando de seu coração, de sua própria alma.

A música final que Rory tocou para eles foi uma balada suave que Matt havia escrito chamada *My soul*. Era assombrosa, melódica, e a voz de Matt estava tão dolorida e, no entanto, bonita e pura, que ela estava tendo problemas para manter suas emoções reprimidas.

Ela lutou muito para manter as lágrimas por dentro, fingindo estar simplesmente ouvindo de forma objetiva.

E então, a coisa mais estranha aconteceu.

Ela olhou para Phil, o tecladista, normalmente tão feliz e suave - quase ao ponto do absurdo - e ele estava olhando para frente, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Abby não podia acreditar em seus próprios olhos. Phil estava chorando por causa da beleza da música de Matt.

Então ela olhou para Rory, e mesmo que ele estivesse focado na mesa de mixagem, ajustando ligeiramente os níveis, ela viu as mãos dele tremerem e o pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele engolia sua própria emoção.

Finalmente, a música terminou com uma última nota assustadora da voz de Matt, cantada com perfeição, requintada em sua tristeza.

A sala ficou em silêncio.

— Puta merda — disse Phil, passando a mão na frente do rosto. — Puta merda.— Ele se inclinou para frente e acariciou o queixo. — Esse é o melhor trabalho que já participei — ele sussurrou.

Abby olhou para Matt, que sorriu timidamente.

— Não está muito ruim — disse Matt, sua voz traindo o otimismo cauteloso.

Rory olhou para ele.

— Não está muito ruim? Você está louco? — Ele se recostou. — O que acabamos de fazer nos últimos dias vai entrar para a história da música.

Abby deu um suspiro de alívio, feliz por agora ter confirmação de seus próprios sentimentos sobre o que acabara de ouvir.

— Eu acho incrível, especialmente *My soul* — disse ela. — Estou tão orgulhosa de estar envolvida. Mesmo que só para ouvir.

— E agora?— Rory perguntou. — Quero dizer, eu posso fazer um mix final. Você tem seis músicas aqui - não é um álbum, mas um bom começo em

um.

Matt cruzou os braços.

— Não sei o que quero fazer. Preciso pensar sobre isso.

— Bem, se você quiser trabalhar comigo novamente, conte comigo. Fazer música com alguém que tem seu tipo de talento é uma oportunidade única na vida — disse Rory.

Phil assentiu.

— Definitivamente. Faço isso há vinte anos e nunca tive uma sessão como essa, cara.

Todos se levantaram, incluindo Abby, trocaram abraços e parabéns, e então Phil e Rory foram embora.

Quando eles se foram, Matt virou-se para Abby.

— Foi bom — ele disse suavemente.

— Você está de brincadeira? Isso foi incrível — ela disse, ainda muito longe de tudo o que havia acontecido, e a percepção de quão boas eram as novas músicas de Matt.

Matt olhou para ela, sua expressão desprovida de emoção.

— Você não entende — ele disse. — Pode ter sido divertido, e essas músicas podem ser boas...

— São mais do que boas — disse ela.

— Não importa — Matt disse a ela.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, minha carreira musical acabou, Abby. Eu sou uma piada. Estou sendo processado pela gravadora e sou basicamente radioativo no que diz respeito às outras grandes gravadoras. Ninguém nunca vai trabalhar comigo. Ninguém.

Ela não sabia o que dizer sobre isso.

— Por que nos incomodamos em fazer a demo se você sabia que ela não iria a lugar algum?

— Porque — ele disse, — eu precisava expressar essas coisas. Eu tinha dentro de mim, e sabia que você estava certa quando disse que eu tinha que fazer alguma coisa. Mas agora, acabou.

Ela abriu a boca e depois fechou, percebendo que Matt conhecia a realidade de sua situação melhor do que ela.

— Eu te amo — era tudo o que ela podia dizer.

— Eu também te amo — ele disse a ela, e então se afastou, e ela o deixou ir sozinho, entendendo que não havia nada que ela pudesse fazer para

ajudar a melhorar.

***

Eles estavam separados por algumas horas.

Matt fez uma longa caminhada sozinho na praia, e Abby ficou em casa, assistindo as gravações em vídeo de partes da sessão de gravação que ela havia feito no telefone enquanto estavam trabalhando.

Havia um monte de clipes, e todos eram incríveis, na opinião dela.

Mas, ao reproduzir um dos últimos vídeos, ela percebeu que realmente havia capturado a gravação completa de *My Soul*, a balada de Matt.

Surpreendentemente, a qualidade do vídeo e do áudio era realmente bastante decente, considerando que ela havia feito com o telefone e não estava tentando fazer um trabalho particularmente bom. Ela simplesmente queria capturar lembranças para o futuro.

Só que agora, um novo pensamento lhe ocorreu.

Era uma ideia perigosa e que ela sabia que Matt não aprovaria.

Abby reproduziu o vídeo de Matt no violão, cantando melancolicamente sua balada, e ela continuamente ficou impressionada - impressionada - pelo poder dela, pela simples beleza assombrosa da apresentação.

Matt ainda estava fora em sua caminhada, e Abby sabia que ela daria o próximo passo, e que ele poderia ficar muito zangado com ela por isso.

Mas se eu perguntar, ele dirá não. E preciso fazer isso porque é a decisão certa, a única chance de mudar as coisas.

Antes que ela pudesse se convencer disso, Abby enviou o vídeo para o YouTube. Ela então abriu seu e-mail e encaminhou o vídeo para todos os principais blogueiros e personalidades das mídias sociais das quais ela havia conhecido desde que começou a passar um tempo com Matt.

Quando ela enviou o último e-mail, Matt voltou para casa.

Ele olhou para ela.

— O que foi?— Ele perguntou, quase desconfiado.

Ela guardou o telefone, como se fosse começar a falar por conta própria e contar o que ela havia feito.

— Nada — disse ela, tentando parecer casual. — Só estava relaxando.

— Você está com uma expressão estranha no rosto — disse Matt, caminhando até a geladeira e pegando uma pequena garrafa de suco de frutas, abrindo-a e dando um gole.

— Eu provavelmente estou cansada — disse Abby, sua voz trêmula, quando a enormidade do que ela acabara de fazer atingiu sua força total.

Se isso sair pela culatra, pode terminar o relacionamento deles.

Ah, Deus, Abby. O que há de errado com você?

Matt continuou bebendo seu suco, suspirando contente e limpando o queixo com as costas da mão quando ele terminou.

— Também estou destruído — ele disse a ela. — Eu me sinto exausto, mas de um jeito bom. Como se eu finalmente pudesse fechar esse capítulo da minha vida e seguir em frente.

Ela assentiu, sem responder por medo de dar algo. Se ele realmente quisesse deixar de ser músico, ela certamente acabaria com isso quando colocou a nova música no YouTube.

Quer todos gostassem ou odiassem, sua nova música seria ouvida por milhões de pessoas.

Começou a perceber que o que ela havia feito poderia ser imperdoável. Ela divulgou sua música, sua música mais pessoal, sem pedir. Apenas alguns minutos atrás, parecia uma boa ideia, uma maneira de renovar sua carreira sem passar pelos canais tradicionais.

Mas agora ela via sua intromissão impulsiva pelo que era. Uma traição.

Matt estava caminhando em sua direção, sorrindo.

— Você é incrível — ele disse, seus olhos tão brilhantes, felizes e alegres que ela não teve coragem de dizer a verdade.

Não sou incrível , ela pensou. *E logo, você vai me odiar pelo que fiz.*

Fim do livro sete

Missy Jones

Durante o dia, Missy Jones tem um emprego chato em um escritório de advocacia — exceto pelos homens de terno gostosos com quem trabalha — e à noite, ela dá voz as fantasias mais sensuais, eróticas e secretas, escrevendo histórias para seu prazer (e de seus leitores também). Aos 25 anos, Missy adora ir à praia na deliciosa praia de Santa Monica, onde mora, dançar e ler, é claro.

Clique aqui e inscreva em meu site e para receber contos gratuitos, participar de sorteios e ficar por dentro das novidades

Tenho mais de sessenta títulos (romance e erótico) disponíveis na Amazon. Conheça alguns:

Série A Dívida
Parte 01
Parte 02
Parte 03
Parte 04
Parte 05
Parte 06

Série Garotinhas do Papai:
A garotinha do papai
A líder de torcida
A chantagem do papai
Na cama com o papai
Jogando com o papai

Série Pecadores:
Skye
Chloé
Natasha

Série A Obsessão do CEO:
01 – O primeiro dia
02 – Até o limite
03 – O retorno da luxúria
04 – A obsessão final

Série Desejos:
O que o bilionário quer
O que o bilionário anseia
O que o bilionário exige
O que o bilionário precisa
O que o bilionário deseja
O que o bilionário protege
O que o bilionário esconde
O que o bilionário revela
O que o bilionário resiste
O que o bilionário luta

Série De férias
Férias Inesquecíveis 01
Férias Inesquecíveis 02

Série Motoqueiros
Nos braços dos motoqueiros 01
Nos braços dos motoqueiros 02
Nos braços dos motoqueiros 03
Box com os três livros

Livros Únicos
A paixão do CEO
O hotel do prazer
Protegida por ele
A esposa safadinha do fazendeiro

Chantagem
Luke – o homem do futuro
Refém do prazer
Na sala de aula
Loja dos prazeres
A acompanhante
A noiva do Duque
Prazer proibido
Garotas Leiteiras
Hardcore
Encantada pelo bilionário
O vizinho bilionário
As curvas do amor
Sugar Baby
Seduzido por ela
Apaixonada pelo bilionário
Intenso
Meu segredo
Cobiçada pelos bilionários
Escolhida pelo amor
Insaciável
Aulas de prazer
Sempre fui sua
Fantasia sensual
A esposa do bilionário
Minha submissa
A esposinha safada do fazendeiro
Minha
Entre amigas
Uma surpresa inesperada
O presente de Mary
Por trás da janela
Verdade ou Desafio?
Conheça outros títulos aqui.